This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

A 490401

1817
ARTES VERITAS SCIENTIA
LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF MICHIGAN
TUEBOR

AS
80
.I6

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO

TERCEIRA SERIE.

TOMO XVIII.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

Hoc facit ut longos durent bené gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

TOMO XVIII

(TOMO V DA TERCEIRA SERIE.)

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT
Rua dos Invalidos, 61 B.

1855

Librarian Congl. etc
Inlioff
6020.B2
26394

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

3.ª SERIE. — N.º 17. — 1.º TRIMESTRE DE 1855.

AMAZONAS.

A nossa historia não resolveu ainda, nem mesmo tem tratado com seriedade de saber si em algum tempo existiram amazonas no Brazil. Este ponto pode ser ventilado pela critica; para o tentar, foi-me preciso comparar os historiadores, confrontar as relações dos viajantes antigos e modernos, quer citando-os, quer extractando-os. D'elles, portanto, é o presente trabalho, que a minha tarefa so foi de combina-los.

Não pretendo, pois, senão apresentar um esboço, imperfeito, sem duvida, do que a tal respeito se tem escripto; e si a este resumo houver de accrescentar algumas observações, ou de aventar alguma opinião, que me seja propria, tanto folgarei de que aquellas possam parecer judiciosas, como que esta não seja inteiramente inverosimil.

AMAZONAS

14 de Dezembro de 1853.

« Si existiram amazonas no Brazil?— Si existiram, quaes os testemunhos de sua existencia; quaes seus costumes, usanças e crenças?—Si se assemelhavam ou indicavam originarem-se das amazonas da Scythia e Lybia,—e quaes os motivos do seu rapido desapparecimento? Si não existiram, que motivos tiveram Orellana e Christovão da Cunha, seu fiador, para nos asseverarem a sua existencia? »

A simples leitura do programma, que deixo transcripto, em cujo desenvolvimento me cabe agora a honra de occupar a attenção d'este instituto; indica, no meu entender, que se dá como certo, ou pelo menos como presumivel, a existencia de amazonas na Scythia e na Lybia; e ainda mais, parece que se admitte não so a probabilidade da sua existencia, como a possibilidade de virem de paizes tão remotos implantar na America seus usos, costumes e forma de governo, estabelecendo, em vez de colonias, gynecêos politicos.

Ora, admittido que em algum paiz ou tempo se tivesse dado a existencia de uma republica, exclusivamente composta de mulheres, que tivessem achado meios de se conservar e progredir sem que as fatigasse o exercicio das armas, nem o estado violento em que se achariam collocadas, ja meio resolvido estaria o programma; porque, supposto haja um grande intervallo a percorrer-se entre a possibilidade e a effectividade ou realidade de um facto, neste caso comtudo ficariam previamente regeitados muitos e os mais fortes dos argumentos em que a opinião contraria se baseia.

Esta consideração me induz a dar uma nova collocação ás proposições do programma sobre que me cabe dissértar. Tratarei pois em primeiro lugar das amazonas do velho mundo, e do que a seu respeito pensaram ou acreditaram os antigos; e occupar-me-hei depois com as que alguns descobridores suppozeram ter encontrado na America. Nem deixarei em silencio as razões e autoridades com que uns e outros argumentam; porque, supposto não cheguem a estabelecer irrecusavelmente o facto, servirá isso comtudo para justificar o programma.

Assim que, não occulto o meu pensamento. Creio que alguns haverá intima e por assim dizer instinctivamente convencidos de que o desenvolvimento do presente programma não poderá trazer em resultado mais do que uma dissertação, que seria, ainda tratada por outros, quando muito, curiosa. Para estes pois não entendo que seja desnecessaria a citação de autores, que são reputados fidedignos, de viajantes que passam por veridicos, e a apresentação de provas, que, si não são concludentes, bastam, em todo o caso, para demonstrar a necessidade de um exame sobre este ponto, mais serio do que á primeira vista se poderia pensar.

O resumo d'estas provas apresenta-se como um todo, que não é indigno de attenção.

Colombo teve noticia nas Antilhas da existencia das amazonas, Ralegh a espalhou na Inglaterra, Orellana na Hespanha: diz-se qual era a nação com quem ellas tratavam, e de que tribu descendiam. Hernando Ribera ouviu-o no Paraguay, La Condamine no Amazonas, emquanto Ribeiro que impugnava a veracidade do facto verificou a existencia da tradição com o testemunho dos proprios indigenas. Humboldt mesmo, á vista de tantas provas, não se recusa a admittir a sua existencia, ainda que só temporariamente e de certo modo.

Estas provas adunam-se e precipitam-se, como que se queira com a agglomeração de todas ellas disfarçar a fraqueza de cada uma de per si; mas ainda assim uma consideração de algum modo as corrobora. De dous unicos autores sei que especialmente se occuparam d'este assumpto: é um d'elles Pedro Petit na sua obra *Dissertatio de*

Amazonibus, e o segundo o abbade Guyon na sua *Histoire des Amazones anciennes et modernes*,—e ambos concluem que existiram amazonas. Todavia, seria esta consideração de mais peso, si não soubessemos a inclinação que mostram os eruditos para sustentarem paradoxos, aproveitando-se para isso das obscuridades e discrepancias que de necessidade se notam nas obras de homens, que escreveram em tempos e lugares diversos, sob a influencia de idéas oppostas, e sobre assumptos differentes. Si bem lhes parecer, virão gravemente apresentar-nos testemunhos e provas do maior momento, sustentando, no seu desenvolvimento, que Napoleão é um mitho da antiguidade e a republica das Amazonas um facto dos tempos modernos.

Porém ainda mesmo depois da autoridade d'estes eruditos, será curioso de notar-se que assim como bastou entre os romanos para transmittir o nome das amozonas até ao tempo de Augusto a segure de um só fio, opposta á bipenne, que tinha dous, e que se chamava *Amazonica* (*Amazonia securi*, diz Horacio) (1); tenha a mesma tradição, quando não existisse o rio de igual nome, de ser perpetuada entre os modernos pela pedra de acha *Beilstein*, que por algum tempo se confundiu com a que é conhecida pela denominação, mais significativa para o caso, de *Amazonenstein* ou de pedra das amazonas.

Originou-se está opinião da poesia, introduziu-se no vulgo pelo amor do maravilhoso,— os historiadores, si a não improvisaram, aceitaram-na sem criterio; e foi, como muitas outras, recebida nos tempos modernos como um deposito venerando pela sua antiguidade, e talvez só digno de fé pelos idiomas em que nos foi transmittida.

Quasi tres seculos antes da nossa éra, Apollonio cantava a expedição dos argonautas. Este feito, que os gregos reputaram heroico e de um esforço quasi divino, era apezar d'isso mal escolhido assumpto para a acção de um poema epico por ser para ella, como todas as navegações, de uma extrema e extreme simplicidade. Das costas da Thessalia ao Ponto Euxino não era muito dilatada a viagem: seriam

(1) Horat. Liv. 4. Od. 4.

raros os incidentes, e não tão grandes e tantos os perigos, que com elles se pudesse, ou encher o quadro do poema, ou justificar a gloria e veneração de que entre os antigos fruiam os argonautas. Apollonio teve de recorrer ao maravilhoso e de sobrecarregar o seu poema de episodios: para isso povoou a terra de gigantes ferozes, e de perigosas feiticeiras,— encheu o mar de escolhos temerosissimos, e valeu-se da tradição das amazonas, que na ilha de Lemnos apparecem tão fóra do caracter que se lhes attribue, e tão tractaveis aos navegantes do Argos como as habitantes das ilhas dos Amores aos companheiros do Gama.

Eis o que se lê no primeiro dos quatro cantos da expedição dos argonautas ou a conquista do Tosão de Ouro de Apollonio: (1)

« Sobre a manhãa descobrimos o monte Athos. Bem que affastado da ilha de Lemnos o caminho que póde fazer um navio ligeiro desde o romper do sol até ao meio dia, todavia a sombra do seu pincaro cobre uma parte da ilha, e se projecta até a cidade de Meryna. O vento que tinha soprado todo o dia e a noite seguinte, escasseou ao romper do sol. Chegaram á força de remos á ilha de Lemnos, habitação dos antigos Sintios.

« Ali tinham perecido miseravelmente todos os homens no anno precedente, victimas do furor das mulheres. Muito tempo havia que ellas não apresentavam offerenda alguma a Venus. A deosa irritada as tornou aborrecidas a seus maridos, que, abandonando-as, procuraram novos prazeres nos braços das escravas que captivavam, dissolando a Thracia. Mas a que attentados nos não conduz o ciume? As mulheres de Lemnos assassinaram na mesma noite a seus maridos e rivaes, e exterminaram até o ultimo dos varões para que nenhum sobrevivesse que algum dia lhes podesse impôr o castigo merecido pelo seu delicto. Hypsipyla só, a filha do rei Thoas, poupou o sangue de seu pai, ja maduro em annos. Fechou-o em um cofre, e abandonou-o assim á mercê das ondas, na esperança de que algum feliz acaso lhe salvasse a vida. E assim aconteceu de feito. Viram-no

(1) Apollonio. C. 1. Trad. de Caussin.

alguns pescadores e o recolheram na ilha *Œnoë*, chamada depois *Sicinus*, do nome de um filho que Thoas teve da nympha Œnoë, uma das nayades.

« As mulheres de Lemnos, quando se viram as unicas habitantes da ilha, abandonaram as obras de Minerva, de que até então se tinham exclusivamente occupado, e sem difficuldade se acostumaram a manejar as armas, a guardar rebanhos, e a lavrar a terra. Comtudo voltavam sempre para o mar os olhos inquietos, temendo de continuo que os thracios as acommettessem. »

Seguiram-se a Apollonio outros poetas que, aproveitando-se da mesma tradição, tiveram comtudo de a reduzir ás proporções da verosimilhança. Ninguem ha versado nas litteraturas latina e italiana, que não conheça os nomes de Camilla e de Clorinda; mas, nem mesmo no cantar dos poetas, Camilla ou Clorinda eram verdadeiras amazonas. Tornadas taes por circumstancias extraordinarias, que as deverão ter affastado das occupações pacificas e dos habitos sedentarios e naturalmente compassivos do seu sexo, e apezar de terem no caracter alguma cousa de fero e sanguinario que o encanto da poesia de tão grandes mestres não disforça inteiramente, nem uma, nem outra, comtudo poderiam sympathisar com a selvagem ferocidade das mulheres amazonas da Thracia, que começando pela propria mutilação, rematavam pelo homicidio constante e systhematico da metade da especie humana. Camilla, rainha dos volscos, commandava uma ala do exercito latino, cercada de mulheres, que eram seu braço na acção, e sua alma nos conselhos. *Virginis ala Camilæ*, diz-nos Virgilio. E Clorinda, unica e solitaria no exercito dos serracenos demonstrava que não era naquelle lugar senão uma figura excepcional pela singularidade, como era entre as do seu sexo pelo theor da vida. Os creadores de tão poeticas imagens tiveram de nos explicar longamente o motivo por que taes seres se achavam como collocados fóra das leis da natureza, e dos habitos dos povos com os quaes conviviam. Camilla educada na dura escola da adversidade e da imperiosa necessidade,— Clorinda amamentada por feras, longe do commercio humano.

Assim que as proporções da fabula se iam reduzindo ao passo que minguava a credulidade humana. No poeta grego as amazonas compunham uma cidade, no latino uma ala do exercito, no italiano não passavam da unidade.

É todavia notavel que ao passo em que os poetas por amor da lei da verosimilhança se viam constrangidos a cercear a tela dos seus quadros, os seguissem bem de perto os historiadores, que, sem respeito á critica, sem amor á verdade os ampliassem e exagerassem, admittindo nas lições severas da historia as ficções caprichosas da imaginação. Temos Theopompo para Apollonio, Justino para Virgilio, Silvio Æneas para Tasso.

A seu tempo nos occuparemos d'estes autores; por agora cabe-nos expôr o que ácerca das amazonas pensaram os antigos.

Começo por dar a devida preferencia ás letras sagradas. A historia antiga nos offerece um exemplo notavel da extincção do ramo masculino em todo um povo. Lemos no Exodo (1), que Pharaó irritado com a retirada de Moysés e dos israelitas, tomára comsigo todo o seu povo para os perseguir, e que na passagem do Mar Vermelho, as aguas, divididas pela vara de Moysés, tornaram-se a ajuntar sobre o exercito de Pharaó, e, diz o historiador sagrado — *sem que d'elles escapasse nem se quer um.*

Alguns escriptores menos reflectidos, ou querendo conciliar a total destruição do exercito de Pharaó com a persistencia da raça egypcia, tomaram d'este facto occasião para improvisarem um reinado de mulheres que, si não eram verdadeiras amazonas, nem por isso seriam menos dignas da attenção dos historiadores; porque, si é pouco verosimil que um grande numero de mulheres se tenham completamente segregado da convivencia com os homens, é ainda menos verosimil, ou antes, mais pasmoso que a energia viril se tenha podido sugeitar ao imperio das mulheres. « Quando estas reinam, diz um escriptor moderno, os homens governam. » Seria pois bem notavel que todos os homens se curvassem, sem reluctancia, como

(1) Cap. 14, v. 6 a 32.

sem resistencia, a servi-las, quando ellas se lembrassem de usurpar o mando.

Diz-nos pois o padre Athanasio Kircher no seu *Tratado dos Reis do Egypto*, ter extrahido de um escriptor arabe (Ben Lebiaja) que depois da submersão de Pharaó e de todo o seu exercito no Mar Vermelho, onde pereceram tudo quanto no Egypto havia de homens illustres, principes e grãos senhores, não restando senão escravos e libertos, reuniram-se as viuvas dos magnatas e escolheram para sua rainha a uma filha de Zabu, de nome Daliska, afamada por sua prudencia e habilidade nos negocios, illustre por seu nascimento e familia, macrobria respeitavel que já contava 160 annos de idade!

Algumas circumstancias, quanto a mim, escaparam a este autor: em primeiro lugar que os escravos dos Egypcios eram os Israelitas, e estes havião acompanhado a Moysés; depois que um exercito se não pode compôr nem das crianças nem dos velhos, nem dos infermos, de forma que, ainda extinctos todos os guerreiros, sobrariam anciãos para o governo, e haveria jovens para esperança do futuro.

Mais explicitos e noticiosos são os antigos escriptores gregos e latinos. Começamos por Justino, não porque lhe seja devida a preferencia em razão de antiguidade, nem porque o repute autoridade mais segura; mas porque sendo certo, como se tem escripto, e elle proprio o confessa, que a sua obra não é senão um resumo da de Troguo Pompeo, parece tambem fóra de duvida pelas pacientes investigações da critica que Troguo Pompeo, no trecho que vou citar de Justino, baseou se na autoridade de Theopompo: completando os dados d'este historiador com os que lhe forneciam Herodoto, Ctesias e os mitographos, veremos como Justino, ou quem quer que seja a quem elle reproduz, dá largas á imaginação com a facilidade de quem se não sente tolhido pelas peias da versificação, nem da rythma, deixando muito atrás de si aos poetas no campo do improviso.

« Dous principes Scythas Ylinos e Scolopito (*), expulsos da patria pela facção dos nobres, arrastaram comsigo grande

(1) Just. Hist. L. 2 E. 4.

numero de mancebos (An. Mun. 1808) e se estabeleceram nos confins da Cappadocia perto do rio Thermodonte, sujeitando e occupando os campos Themiscyrios. Ali viveram por muitos annos no costume de depredarem os seus vizinhos, até que por fim morreram nas emboscadas que lhes armaram os povos conspirados contra elles Suas mulheres, viuvas além de exiladas, tomam as armas, defendendo ao principio as suas fronteiras, e logo depois atacando as dos contrarios; renunciam ao casamento que chamam antes servidão que matrimonio; — e ousando um feito sem exemplo em seculo algum, consolidão sem homens a sua republica, e delles se defendem ao passo que os desprezam. E para que umas não parecessem mais felizes do que outras, matam os poucos homens que restavam entre ellas, e logram vingar a morte dos conjuges com a dos seus confinantes. Depois, quando com as armas já tinham conseguido paz, facilitam aos vizinhos os seus leitos.

« Matavam aos filhos varões (accrescenta Justino) e as filhas educavam a seu modo, não no ocio e em occupações mulheris; mas no trafego das armas, da equitação e da caça, — queimando-lhes na infancia o peito direito para que tivessem mais facilidade no tiro da seta, d'onde lhes veio o nome de Amazonas.

« Houve entre ellas duas rainhas Marpezia e Lampedo, as quaes, dividindo entre si a nação, que já tinha crescido em forças, faziam alternadamente a guerra; e bastava cada uma de per si para conter os adversarios. Diziam-se descendentes de Marte para realçar o merito de suas victorias com a autoridade da religião.

« Depois de subjugada a maior parte da Europa, apoderaram-se tambem de algumas cidades d'Asia. Ali edificam Epheso, e muitas outras cidades e licenciam uma parte do seu exercito, que volta para a patria carregado de despojos. A outra parte, que tinha ficado na Asia para defesa de suas conquistas, foi anniquilada com a morte da rainha Marpezia por uma erupção de barbaros.

« A Marpezia succedeu no reino sua filha Orithya, que com singulares conhecimentos da guerra foi a admiração do seu tempo por uma constante virgindade. Com o seu valor tanto se augmentou a

gloria e a fama das Amazonas, que o rei a quem Hercules devia doze tributos, lhe ordenou por julga-lo impossivel, que lhe trouxesse as armas da rainha das Amazonas (A. M. 2750). Partiu Hercules com a flor da mocidade grega em nove navios, e deu inesperadamente sobre as Amazonas. As duas irmãs Antiope e Orithya as governavam então; mas Orithya achava-se ausente em uma expedição, e Antiope á chegada de Hercules tinha poucas tropas, nem previa acommettimento algum. O inesperado do ataque, a excitação do tumulto com que correm ás armas, proporcionam ao inimigo uma victoria mal disputada. Morreram muitas, outras ficaram prisioneiras, e entre estas contaram-se duas irmãs de Antiope: Menalippe de Hercules, e Hippolyta de Theseo. Theseo tomou por mulher a sua captiva, e d'ella teve a Hippolyto; Hercules porém entregou á irmãa a que lhe tocára, recebendo-lhe as armas por preço do resgate, e voltou cumprida a sua missão.

« Apenas Orithya sabe da guerra feita a suas irmãs por um principe Atheniense, exhorta as suas companheiras, lembrando-lhes que debalde teriam subjugado o Ponto e Asia, si o seu proprio paiz ainda se via exposto aos ataques e depredações dos Gregos. Depois pede auxilio a Sagillo, rei da Scythia. » Eram as Amazonas descendentes dos Scythas (dizia ella) que a morte dos conjuges e a propria defesa haviam forçado a recorrer ás armas com o valor acostumado das mulheres da Scythia. O rei movido pela gloria nacional mandou-lhe em auxilio Panaxagoras á frente de numerosa cavallaria; mas antes da batalha, introduzindo-se a discordia nos dous exercitos, as Amazonas soffrem uma derrota pelo abandono dos seus alliados; acham porém guarida em seus quarteis, e sob a sua protecção voltam a Scythia, sem receber damno das outras nações.

« A Orithya succedeu Pentesilea (an. M. 2800) que partindo entre valentes soldados em auxilio de Troia contra os gregos, deu ali clarissimos testemunhos do seu valor. Morta emfim Pentesilea e destroçado o seu exercito, as poucas amazonas que tinham ficado na Scythia, chegaram até ao tempo de Alexandre Magno, defendendo-se com difficuldade dos vizinhos. Minithya ou Tallestris, sua rainha,

obteve compartilhar por treze noites o leito d'este heróe afim de ter d'elle um filho; mas voltando ao seu reino, morreu pouco tempo depois, e com ella se acabou o nome das amazonas. »

Citamos por extenso esta passagem de Justino; porque é nella que se funda e é essa que extracta um autor moderno, procurando comprovar a existencia d'estas celebradas heroinas. Canseco, autor hespanhol, no seu *Diccionario das mulheres illustres* publicado em Madrid, ainda não ha dez annos (em 1844) cita e como que apoia o autor do diccionario historico, publicado em Barcelona em 1830, que dá como muito provavel hoje em dia a existencia das amazonas. No entretanto, do modo por que se exprime aquelle autor, quando se occupa de tal assumpto, seria antes de suppor, e para esta opinião me inclino, não que elle escreva seriamente; mas que por gracejo e simulando uma seriedade de que está bem longe, dá como provado aquillo em que nem elle crê, nem com facilidade se póde acreditar, procurando por esta forma tornar verosimil a sua these, com a negação de circumstancias caracteristicas, e invocando, como que lhe fossem favoraveis, authores que antes o desabonariam.

Tratarei de o demonstrar, confrontando a opinião de Canseco com a de Justino.

Independente de considerações geraes com que a seu tempo procurarei mostrar a inverosimilhança d'esta fabula, que muitos não julgam digna de uma discussão seria, o autor latino reveste o facto de taes circumstancias, que o tornam por demais suspeito.

Em primeiro logar começa elle por dizer-nos pouco antes do trecho que citamos, que por espaço de 1500 annos a Asia pagára aos scythas um tributo, que cessou no tempo de Nino, isto é, segundo o seu computo, no anno 1800 da creação do mundo. Ora, como tambem nos diz este autor, foi por meado (*medio tempore*) do periodo em que a Asia se achava tributaria dos scythas, que se deu a scisão d'este povo e o subsequente apparecimento das amazonas.

O imperio d'estas mulheres deveria portanto ter começado no anno 1100, pouco mais ou menos, para concluir-se, supponhamos em Pentesilea, que foi alliada de Priamo na guerra de Troia, isto é no

anno do mundo 2,800. Assim deveram ter subsistido por espaço de 1700 annos, duração pouco provavel em uma época de guerras, rapinas e conquistas; e menos provavel ainda em um imperio de mulheres, que, a ter existido, não podia deixar de ser tão precario quanto era excepcional.

A segunda circumstancia pouco provavel, ou antes tão inverosimil como a primeira, é a vastidão das suas conquistas. Justino trata somente das amazonas asiaticas, e essas no seu dizer conquistaram toda a Europa, e alguns estados da Asia. Os que tratam das Amazonas da Lybia, não querendo que as suas heroinas parecessem menos esforçadas, quando comparadas ás primeiras, fazem-nas vencedoras dos atlantes, numidas e ethiopes, e senhoras das costas septentrionaes da Africa. Sendo ellas porém contemporaneas umas das outras segue-se que subjugaram quasi todo mundo então conhecido, todas as zonas que reputavam habitaveis e habitadas, e por assim dizer todos os povos.

Vem aqui a pello uma reflexão de Strabão:

« Quem acreditará, diz elle (1) que tenha jamais existido exercito, cidade ou nação, composta so de mulheres, que de mais a mais invadiam paizes estranhos, conseguindo não so bater os seus vizinhos, como tambem passar a Jonia, chegando a enviar exercitos alem do Ponto Euxino até no paiz da Atica? E' a mesma cousa que si alguem dissesse que os homens eram mulheres, e as mulheres homens! »

Alem d'estes, ha em Justino outros factos de menos alcance, mas igualmente dignos de reparo: são aquellas duas rainhas que subdividem e repartem entre si a nação, e a governam independentes, si bem que ao mesmo tempo, conjunctamente e na melhor harmonia, cousa que não aconteceu nunca, nem mesmo aos dous irmãos fundadores de Roma: são os contos de Hercules e Theseo que se prendem a este novo conto: é Pentesilea que soccorre Troia, e Thalestris que supplica ao vencedor da India a honra de ser por treze noites consecutivas admittida a compartilhar o seu leito.

(1) Strb. Geogr. L. 11.

Si confrontamos Justino com Apollonio, o historiador com o poeta, vemos que nenhum fundamento teve Canseco para avançar que os poetas, e especialmente os da antiguidade, ao passo que se immortalisaram com as suas bellas inspirações, causaram grande damno ás sciencias historicas por entretecerem ficções com verdades.

Pelo contrario, é justamente aos historiadores gregos e latinos, a que podem ser applicaveis as suas palavras, de que nem só elle, como todas as pessoas de mediano criterio, não podem, logo á primeira vista, deixar de reputar exagerado a maior parte do que ácerca das amazonas se conta, — como seja — matarem os filhos varões, queimarem um peito etc., o que comtudo são costumes caracteristicos d'estas mulheres, e se acha consignado em Justino, e ainda em outros que regeitam o facto. Canseco reputa impossivel a primeira circumstancia por se oppôr ás leis da natureza, e assevera que houve equivoco na segunda; pois que as amazonas não queimavam, mas atrophiavam por meio da pressão o peito direito, reduzindo o seu tamanho natural para com mais facilidade atirarem o arco.

Comtudo tem por verdadeira a sua existencia; mas reduzida a questão a seus justos limites, e separando da sua historia o que nella introduziram de fabuloso, como em quasi todas as outras, os poetas da antiguidade. Dá como certo ter ido Pentesilea em auxilio dos Troianos, pois não julga que se possa crer na destruição de Troia, e não nas Amazonas que auxiliaram a Priamo, quando não suppõe mais razão para uma do que para outra cousa. No'emtanto Homero que goza dos foros de historiador, e tão minucioso em numerar as tropas e ainda mesmo em descrever as armas de cada combatente, não falla em taes amazonas, devendo o seu silencio ser tomado como um argumento em contrario de muita consideração.

Nada importa a asserção de Pausanias de ter visto no templo de Jupiter Olympico uma pintura representando Pentesilia aos pés de Achilles. *Pictoribus atque poetis quælibet audenda semper fuit æqua potestas.* Nem era preciso que Horacio o tivesse escripto para sabermos que procurando os pintores assumpto para as suas composi-

ções, onde o encontram, que não somente nas chronicas timbradas pela critica, o effeito do bello os dispensa da prova da verdade.

Canseco reputa tambem fidedigno o que se conta de Thalestris, negando porem que fosse verdadeira amazonas,—não obstante a autoridade de Justino, que a chama não só Amazonas como a rainha d'ellas. « Porque se ha de acreditar (diz elle) em tudo quanto nos refere a historia antiga acerca de Alexandre Magno, e negar que a descendente das amazonas, Tallestris, se apresentou na Asia ao heroé macedonio, quando o relata o severo Quinto Cursio, e outros? » Não sei a que outros allude o autor hespanhol; mas é pouco de presumir que seriamente se attribua a Quinto Cursio o caracter de historiador severo. « Não admiro, nem creio por ser escripto em latim neste conto insipido (leio nas investigações philosophicas sobre os americanos) (1) que nos narra Quinto Cursio de ter vindo Thalestris dos confins da Hyrcania impetrar de Alexandre o grande a honra de dormir tres noites (treze diz Justino) em seu leito. » (2).

Para não ter de voltar alguma vez mais a occupar-me com este autor, notarei algumas inexactidões que são para notar-se neste seu artigo. Em primeiro logar, entre as armas que lhes deu a antiguidade não se contava a bipenne que tinha dous gumes, mas uma segure chamada do seu nome, que tinha um só fio. *Unâ tantùm parte secans*, commentam os annotadores de Horacio. Nota-se tambem que nem em Platão se pode achar argumento em favor da existencia das antigas amazonas, nem a respeito das modernas se exprime Humboldt da maneira cathegorica e terminante que o autor hespanhol parece indicar. No dizer de Canseco, Platão assevera que pouco antes da sua epoca (sendo elle quasi contemporaneo de Ale-

(1) Recherches Philosophiques sur les Américains. Berlim 1770. 52. pag. 106.

(2) Os proprios autores que nos asseveram a existencia das Amazonas, regeitam esta fabula de procurar palestris o heróe macedonio; argumentando que ellas já não existiam no tempo de Alexandre, porque Xenofonte, mais antigo do que elle, não trata d'ellas, ainda que descreva os paizes que se diz terem ellas habitado. Acham que ha razão para duvidar da fidelidade de Arriano, que é quem nos refere este facto; porque Ptolomeo e Aristobulo que todavia acompanharam Alexandre o não relatam.

xandre, floresciam as amazonas, e Humboldt apoia nesta parte a relação do padre d'Evreux.

Platão não trata propriamente de amazonas, mas de Sauromatides, que quer dizer olhos côr de pelle de lagarto, — ou como leem outros — Sauropatides-come-lagartos, ou ainda Sauromatas como escreve Hippocrates. Com estas expressões eram então designadas as pessoas de um e outro sexo que habitavam a Scythia Sauromatyà. Platão recommenda ás mulheres da sua nação os exercicios gymnasticos, de que cobrariam tanta honra como os homens; porque (diz elle) (1) assim o aprendi das velhas fabulas. Estas velhas historias ou fabulas, segundo entendo, contariam casos de mulheres que se houvessem tornado celebres em taes exercicios ganhando corôas nos jogos publicos da Grecia; e tanto mais que as mulheres com que nesta parte do seu dialogo se occupa Platão não podem ser propriamente consideradas como Amazonas. « Eu não ignoro (diz elle) que ainda no meu tempo havia nas circumvizinhanças do ponto Euxino um numero innumeravel de mulheres chamadas Sauromatides, as quaes incumbia, assim como aos homens aprender não só a montar a cavallo, mas a atirar o arco, e a se servir de outras armas. »

Vê-se, pois, que se não póde invocar a autoridade de Platão, como que venha muito a pello para o caso ou que seja decisiva. Vejamos porém si ha outros, em cujo testemunho se podesse Canseco basear.

Jeronymo Mercuriali (2), assevera que Hippocrates provou claramente que a nação das amazonas que alguns tem reputado fabulosa, existiu realmente, posto que não com o costume de deslocar as juntas aos rapazes, afim de por este modo os tornar côxos e mais fracos. Não sei a que obra de Hippocrates se refere este autor: o que é certo é que so em outra parte (3) lemos o costume de deslocarem as amazonas as juntas aos filhos; — circumstancia que parece inventada

(1) 7 dial. das leis.

(2) Jerôme Mercuriali l. 3, cap. 7. Diverses Leçons.

(3) In Argonautica — apud Diodorum.

para resolver a eterna difficuldade de combinar a piedade materna com a descaroavel crueldade das amazonas.

No entanto, si Jerome Mercuriali se refere á obra que se intitula — dos ares, aguas e lugares (1)— na qual o medico grego nos descreve os costumes dos sauromatas, a sua asserção vem a carecer absolutamente de fundamento. Da maneira por que a respeito das sauromatas se exprime Hippocrates na obra citada, vê-se que elle comprehende nesse termo todas as pessoas de um e de outro sexo. Diz que os sauromatas se casavam, mas accrescenta ácerca de suas mulheres, que estas andavam a cavallo, atiravam settas, arremeçavam dardos, e se batiam com os inimigos emquanto virgens; e que depois de se terem dado ás armas, era-lhes então permittido casarem-se, ficando desde logo dispensadas de montarem a cavallo, ou de irem á guerra, emquanto uma expedição commum as não obrigasse a isso. E logo em seguida ajunta que careciam do peito direito, porque sobre elles as mãis applicavam ás filhas desde a sua primeira infancia, um instrumento de cobre feito de proposito para esse uso, de modo que, remata elle, davam por esta forma mais vigor ao braço com o accrescimo da substancia que deveria alimentar aquelle orgão no seu estado normal.

Si das palavras de Hippocrates, que deixei extractadas, se não póde concluir a existencia das amazonas, ha todavia uma phrase de um dos sanctos padres, em que se poderia e talvez mesmo se tenha querido basear essa opinião. Tertuliano (2) diz das mulheres scytas que ellas queriam antes usar das armas do que casarem-se. No emtanto para se lhe dar esta intelligencia, é preciso tomar em outro sentido do que deve ter naquelle lugar o vocabulo latino — *prius... quam*, ou *priusquam*, que tanto póde indicar preferencia como prioridade. Tertuliano descreve-nos a extrema barbarie dos scythas, mostrando-nos como as suas mulheres tomavam parte em seus banquetes, mais hediondos do que os dos nossos antropophagos! As mulheres mesmo

(1) Cap. 17. Hippocrates.

(2) L. 1.° contra Marcion.

(escreve elle) não se amenisam nem com o sexo, nem com o pudor... trabalham com *achas*... e accrescentando no mesmo periodo a phrase que deixamos apontada, não póde ella offerecer outro sentido senão que essas mulheres usavam das armas antes de se casarem. D'esta forma se harmonisa a opinião de Tertuliano com o que outros autores nos referem das mulheres da Sauromathia, que não podiam casar nem deixar de ser virgens antes de ter captivado a tres inimigos.

Um autor que comparado a estes poderiamos chamar moderno, pretende explicar a seu modo a origem d'esta fabula. Palephatus na sua obra *Histoires incroyables* (1), aventa a opinião de que as amazonas não eram senão homens barbaros, chamados mulheres por seus inimigos por usarem vestidos compridos como as mulheres da Thracia, trazerem o cabello em coifas e raparem a barba. Ainda que esta opinião seja susceptivel de melhor desenvolvimento, e que nem todos os factos com que Palephatus a sustenta sejam absolutamente exactos, não me parece comtudo improvavel, nem que careça de fundamento.

Em primeiro lugar não é muito exacto que todos os scythas, em todas as circumstancias usassem de vestidos talares ou compridos; pelo contrario, Hippocrates na obra citada, falla de uma especie de calções ou seroulas proprias dos povos da Scythia, que sempre andavam a cavallo, e a que os gregos davam o nome de *anaxyrides*. Ora si as mulheres iam á guerra e andavam a cavallo era de suppôr que tivessem o mesmo vestuario dos homens. É tambem isto o que se collige de Herodoto quando nos diz que foi depois de um combate que os scythas reconheceram as amazonas por mulheres, o que não deixaria de ter acontecido antes, si ellas tivessem um traje particular e distincto.

Os scythas usavam na guerra vestidos curtos e estreitos, mas Hippocrates (2) accrescenta, como com pouca differença se diz de

(1) Cap. 38.

(2) Hippocrates não falla propriamente de eunuchos na obra que já citamos — Dos ares, aguas e lugares. Cap. 22. O que elle nos diz é que achavam-se entre os scythas muitos homens impotentes que se condemnavam a occupações mulheris, fallando e vivendo como ellas, e que estes taes eram

alguns dos americanos, que grande numero d'elles se faziam eunuchos, davam-se a occupações mulheris, tomando vestidos compridos, fallando como as mulheres, adoptando as suas maneiras, e o seu modo de vida. D'onde se vê que na paz as mulheres e *grande numero* de scythas usavam os vestidos compridos.

Agora, si considerarmos a estranheza que naquelles tempos e entre povos orientaes e barbaros, entre os quaes o cabello solto e livre era reputado, como foi em outros tempos e por outros povos, ornato viril e decente compostura, a estranheza, digo, que devia causar esses cabellos mettidos em coifas, e as caras rapadas, — e ainda mais a confusão que resultaria de se verem mulheres scythas na guerra, vestidas e obrando como homens, e homens na paz obrando e vestindo como si fossem mulheres; si a isto se addiciona a imaginação dos povos na sua infancia, e a credulidade que os propende para o maravilhoso e extraordinario, facil será de conceber como se originou e propagou a tradição de mulheres guerreiras, e de guerreiros mulheres, dando em resultado o conto das amazonas.

Passo agora a completar a narração de Justino com os dados de outros escriptores ácerca das antigas amazonas; porque, bem que duvide da sua existencia, não me julgo por isso dispensado de expôr, ainda que summariamente, o que a seu respeito se tem escripto.

Dizem os antigos escriptores que as houve na Asia e na Africa, e posto que mais particularmente se estendam ácerca das primeiras, alguma cousa comtudo chegou á nossa noticia a respeito das segundas (1). « Das lybicas escreve Aunio no liv. 5.° de Beroso, que de uma filha de Japeto Atlante, chamada Pallas, tiveram principio as amazonas. A dita Pallas, pela inclinação que teve ás armas, escolheu

adorados pelos indigenas scythas, que temiam que lhes sobreviesse tal afflicção, e a attribuiam á colera da divindade offendida. Hippocrates attribue esta circumstancia ao clima, ao costume de andarem os homens constantemente a cavallo, e de, no começo da enfermidade, sangrarem-se atraz de ambas as soelhas, onde, segundo a sua opinião, ha veias que cortadas, privam aos que soffreram tal operação da faculdade reproductiva.

(1) Bluteau — voc. palavra *Amazonas*.

varias mulheres moças e valorosas, com que fez um exercito, e começou a senhorear-se de algumas pequenas terras junto da lagôa Tritonida, e crescendo assim em numero como em reputação de guerreiras, se apoderaram de grande parte d'Africa com tanta ordem e bom governo que foram mui temidas de todos os reis d'aquelle tempo. Vendo pois que sem ajuntamento de varões se extinguiria a sua memoria, ordenaram, segundo quer Dionizio (1), autor grego, que andassem solteiras as moças, e guardassem virgindade até um certo tempo, exercitando-se nas armas e seguindo a bandeira de sua rainha, e o tal tempo acabado, tomassem marido, e o tivessem em casa so a effeito de haver filhos e de as servir como creado; e havendo filho macho o aleijavam, e o faziam inhabil para a guerra, guardando as filhas como successoras da sua gloria; as quaes faziam crear aos maridos com leite de cabras, ou de outros animaes. D'estas amazonas da Lybia foi rainha Miryna, que com um exercito de trinta mil infantes e dous mil cavallos acommetteu e venceu a Hiarbas, rei da Lybia que primeiro lhe havia negado a vassalagem. Outras notaveis emprezas fez a dita Miryna com as suas amazonas no Egypto. »

Das asiaticas, porém, nos diz Herodoto (2), que os scythas as denominavam *oeorpartas*, que vale o mesmo que *androntonoi* ou *homicidas*, designação que Petit, autor que ja citamos, quer que venha, não do facto de terem assassinado os maridos, mas do costume de sacrificarem os filhos. Conjectura o historiador grego, que estas mulheres habitavam a Cappadocia perto do Termodonte. Diz-nos que junto a este rio foram derrotadas por Hercules;—que, prisioneiras e captivas, foram conduzidas em tres navios quantas se apanharam vivas;—que, levantando-se depois no meio da viagem mataram a seus roubadores, e que vendo-se depois sós e sem entenderem de navegação, sem saberem ao menos dirigir o leme, abandonaram-se á mercê dos ventos e das vagas, sendo impellidas para as bordas escarpadas da *Palus-Meotides;* que os povos livres da

(1) In Argonautica apud Diodurum.
(2) Liv. 4.°

Scythia que então senhoreavam estes lugares, sahiram-lhes ao encontro, e reconhecendo-as no combate por mulheres, resultou d'ahi casarem-se, juntarem as tropas, e passarem por fim além do Tanais, indo-se todos estabelecer na Sarmathya.

Outros autores quizeram ver na Europa uma semelhança de republica de amazonas, em tempos remotos, bem que não sejam de tão alta antiguidade. O Papa Pio II que sob o pseudonymo de *Æneas Silvius* escreveu a historia da Bohemia (1), conta-nos que outr'ora se vira neste paiz uma forma de republica tal qual era a das amazonas, sob a direcção da moça Valasca, e uma das damas de Libyssa, filha de Crocus, rei de Bohemia.

Esta Libyssa (é ainda o mesmo autor que o refere) depois da morte do rei, seu pai, governou o reino por muitos annos, apoiada no favor e na affeição do seu povo. Tiveram as mulheres muito poder durante o seu reinado, de sorte que este costume prevaleceu de que suas filhas se applicassem aos mesmos exercicios que os homens; e como tivessem o corpo affeito á lida e trabalho, havia sempre entre ellas um bom numero de mulheres robustas e corajosas. Morta Libyssa, Valasca, rapariga de grande alma e coragem, aproveitou-se da occasião para reunir as suas companheiras, exhortando-as a se apoderarem do reino. Estas seguiram o seu conselho, tomaram as armas, e foram tão favorecidas da fortuna, que Valasca tornando-se senhora absoluta do paiz, governou, segundo dizem, por 7 annos o reino da Bohemia, conjunctamente com as suas mulheres, quasi com as mesmas leis que as amazonas tinham outr'ora estabelecido.

« Depois d'isto (ajunta Æneas Silvius) diz-se que já senhoras de todo o paiz, estas escolheram maridos, e tiveram de seus casamentos descendencia para sustentar a sua republica: deram tambem uma lei pela qual foi ordenado que se guardassem cuidadosamente as filhas, e aos filhos se arrancasse o olho direito, cortando-se-lhes ao mesmo tempo o polegar para que, quando homens, nem podessem

(1) Cap. 7.

entezar o arco, nem servirem-se de outras armas. Isto foi praticado por algum tempo. A Bohemia (remata Æneas Silvius) foi durante 7 annos assolada por esta peste, e viu-se quasi toda tributaria d'estas virgens. »

Bem que Alberto Krantz na sua *Chronica dos reis do norte* (1) cite uma acção corajosa de Valasca, e por mais fidedigno que o reputemos não se poderá concluir d'ahi, senão que é verdadeira a existencia d'essa heroina; mas ainda assim não será preciso grande esforço de intelligencia para se ver que taes bohemias não eram, nem foram verdadeiras amazonas, só porque nos assevera Æneas Silvius que a sua republica era tal qual a d'aquellas.

Si quanto sabemos das antigas amazonas não basta para pôr fóra de duvida a sua existencia, as provas que nos apresentam os antigos e modernos viajantes ácerca de uma republica similhante que se diz ter existido no rio do seu nome talvez não sejam mais concludentes.

Assim como as antigas receberam as differentes denominações de amazonas, sauromatides, e saurapatides, tambem as modernas foram chamadas na lingua tamanaque *aikeambenano* (2), e na dos tupís *cunhátesecuyma* (3), e *loniápuyara* (4) — mulheres que vivem sós, mulheres sem maridos, e grandes senhoras.

Como porém esteja intimamente ligada com a historia d'estas celebres heroinas, a de uma pedra a que os mineralogistas deram o seu nome, pedra de maravilhosas virtudes, e cuja origem se procura achar no rio do seu nome, não me parece fóra de proposito entrar nesta questão preliminar, da qual se tem deduzido argumentos em favor da existencia das modernas amazonas,— argumentos que parecem de tanto maior peso, quanto invocam em seu apoio nomes illustres ou conhecidos, e como que se baseam na autoridade respeitavel da sciencia.

(1) Liv. 1, cap. 8.
(2) Padre Gili.
(3) La Cond.
(4) Fr. Gaspar de Carvajal — citado por Herrera. Doc. 6, liv. 9, cap. 2.° H. General de las Indias. Anvers 1728.

Uma pedra é actualmente conhecida nos gabinetes de historia natural, com a denominação de pedra das amazonas (*Amazonen stein*). Buffon dá-lhe o nome de *jade*, pedra nephritica, — Omalius (1) a classifica na familia das silicides, como a especie de um subgenero, a que conserva o nome de feldspath. Humboldt (2), porém, diz que o que nos gabinetes se chama amazonen-stein, não é jade, nem feldspath compacto, que é o de que trata Omalius, mas sómente feldspath commum. Comtudo, este mesmo naturalista diz ter visto uma d'essas pedras, que era uma saussurite, verdadeiro jade, que oryctognosticamente se approxima do feldspath compacto e que fórma uma das partes constituintes do *verde di Corsica* ou do Gabbro.

Ora, discordando tanto os autores na classificação d'esta pedra, que, sendo em extremo rara e dura, é apezar d'isso confundida com a pedra de acha (*Beilstein de Werner*) muito menos tenaz,— não é muito que a descreva cada um a seu modo, e lhe attribuam natureza e caracteres differentes.

E assim é. Emquanto Omalius a classifica como uma silicide, Buffon a considera como uma materia mixta servindo de transição entre as pedras quartzosas, e as micaceas ou talquosas. Baseando-se nas experiencias do chimico d'Arcet, de que o jade se enrijece ainda mais ao fogo, persuade-se Buffon (3) que a pedra das amazonas não é produzida immediatamente pela natureza; mas que depois de trabalhada devera ter sido empregado o fogo para lhe dar a extrema dureza que a caracterisa: pois que estas pedras resistem ás melhores limas, e so cedem ao diamante.

Funda-se tambem este autor na autoridade de Seyfried (4), segundo o qual existe junto ao rio Amazonas uma terra esverdeada que debaixo d'agua é inteiramente molle; mas que adquire a consistencia e rigidez do diamante exposta á acção do ar. Buffon argumenta que, si isto assim era, e si por outro lado se considerava que os indigenas

(1) Omalius. Introduction à la Géologie. Bruxelles 1838. T. 1.°

(2) Voyage aux Régions Equinoxiales, par A. Humboldt. Paris 1816. T. 8.°

(3) Buffon. Histoire naturelle. Minéraux. *Du Jade.*

(4) Mem. da Acad. de Berlim 1747.

da America, que nem ao menos tinham instrumentos de ferro, todavia as trabalhavam, seria para concluir-se, e elle o conclue, que ellas deveram ter sido uma materia molle, que os americanos á mão lhe deram a forma de achas, ou de cylindros brocados ou de laminas com inscripções, e que depois de diseccadas pelo ar, se tornaram pela acção do fogo pedras tão duras como as conhecemos.

É isto uma presumpção como elle pretende; mas insiste que tem em seu apoio, além de muitas razões e entre outros factos — ter elle visto uma acha de jade azeitonado, trazida das terras vizinhas do Amazonas, a qual se podia cortar com uma faca, — estado em que de certo não podia servir para o uso a que a sua forma demonstrava que era destinada, sendo para suppôr que so lhe faltava ser aquecida pelo fogo.

É notavel que esta opinião do grande naturalista do seculo de Luiz XIV, se encontre com a dos rudes selvagens do novo mundo (1). Estes tambem, não concebendo o meio nem a possibilidade de se cortar e talhar pedras duras—taes como a esmeralda, o jaspe, o feldspath compacto, o crystal de rocha e outras, imaginaram que a pedra verde como elles lhe chamam, é molle ao sahir da terra e se enrijece depois de trabalhada á mão.

Humboldt (2) negando que similhantes pedras sejam naturaes do Amazonas, descreve-as como recebendo um brilhante polido, tomando a côr verde esmeralda, translucidas nas bordas, extremamente tenazes e sonoras, e tanto que talhadas em tempos antigos pelos indigenas em laminas muito delgadas, perfuradas no centro e suspensas a um fio, dão um som metallico quando percutidas por outro corpo duro, — motivo por que foram por Brogniart comparadas ás pedras sonoras que os chinezes empregam nos seus instrumentos de musica, a que chamam *King*.

« Dá-se-lhes (diz Humboldt), dá-se-lhes as mais das vezes a forma de

(1) C'est une opinion denuée de tout fondement, quoique très-repandue à l'*Angostura* que cette pierre (Saussurite) est tirée, dans un état de ramollissement pâteux, du petit lac *Amucu*, *Humboldt Ob. cit. T.* 8, *pag.* 207.

(2) Ob. e log. citado.

cylindros persepolitanos, perfurados longitudinalmente e sobrecarregados de inscripções e de figuras. Mas não são os indios de hoje, esses indigenas do Amazonas e Orenoco, que vemos no ultimo gráo do embrutecimento, os que brocaram substancias tão duras, dando-lhes as formas de animaes e de fructos. » — D'aqui quer o autor allemão concluir a existencia de uma civilisação anterior.

Estas pedras, que por muito tempo se encontraram nas mãos dos indigenas do Amazonas, ainda com mais facilidade se achavam no rio Tapajoz, não obstante serem rarissimas em toda a parte. Ora foi justamente junto ao rio Tapajoz que Ralegh collocou as suas amazonas — ricas (diz elle) de baixella de ouro, que adquiriram em troca das famosas *pedras verdes* ou piedras hijadas (del Ligado); e foi ainda no mesmo rio que 148 annos depois, La Condamine as achou em mais abundancia (1). Os indigenas, seguindo uma antiga tradição, pretendem que estas pedras vinham do paiz das mulheres sem marido, ou das mulheres que viviam sós, dando como *gisement* leito primitivo d'este mineral as cabeceiras do Oyapock, Orenoco, ou Rio Branco. Humboldt dizendo que viu algumas d'ellas nas mãos dos indios do rio Negro (2), e confirmando a noticia de que os indios do Tapajoz possuiam outr'ora grande quantidade d'ellas, não sabe si elles as receberam do sul ou do paiz que se estende das montanhas de Cayenna para as nascenças do Essequibo, Carony, Orenoco, e rio das Trombetas.

Estas pedras que ja são raras tornam-se mais raras de dia em dia, ja porque os indios que as estimam em muito as guardam como preciosidades, ja pela exportação que d'ellas se fez e se faz para a Europa (3). Eram de mais d'isso muito procuradas e estimadas pelos colonos tanto portuguezes, como hespanhoes pela virtude que se lhes

(1) Os tapajoz mostram certas pedras verdes, que dizem ter herdado de seus pais, e que estes as obtiveram das *Cong-nantain-secouima*, que quer dizer na sua lingua mulheres sem marido, em cujo paiz abundam aquellas pedras. *La Cond.*, pag. 104, edic. de 1745.

(2) Voy. aux Reg. Eq., T. 8.°, pag. 10.

(3) Hist. Gen. des Voy., T. 14, pag. 42 e 43.

attribuia de curarem pedra, colica nephretica, a epilepsia, as molestias do figado, e outras.

Mas estas mesmas pretendidas virtudes talvez não sejam senão uma recordação da crença popular da antiguidade ácerca de outras que taes pedras verdes. Os antigos, gregos e romanos, compraziam-se com o verde brilhante da esmeralda, mais bella no dizer de Plinio (1) do que o verde da primavera, — pedra sempre brilhante (escreve elle), sempre acariciadora dos olhos, quer vista ao sol, quer á sombra, quer de noite ao reflexo das luzes. A ellas tambem, além da belleza attribuiam-lhes innumeras virtudes.

Si porém os antigos, Plinio e Theophrasto (2), davam o nome generico de esmeralda a todas as pedras verdes,— a mais estimada, a mais bella de todas, a verdadeira esmeralda era a pedra do paiz das amazonas — a esmeralda da Scythia. Quero crer, portanto, não so que a intima correlação da historia das pedras verdes com a das amazonas é uma recordação da antiguidade, como que é d'esse facto que se originou a fé nos seus pretendidos milagres.

Sei que em cada amuleto ou patuá se encontrará sempre um fragmento de mineral. Sei que si se escrevesse a historia dos feitiços entre todos os povos, grande parte d'ella seria occupada com a crença no pretendido poder de certas pedras. Assim, com o que levo dito, longe estou de negar a importancia que na sua infancia os povos tem dado ás pedras, que se affastam do commum, como a todos os objectos que por alguma singularidade se destacam d'entre as producções da natureza. Mesmo na America do Norte parece que a pedra verde foi venerada debaixo de uma significação religiosa.

« Posto que (diz Humboldt) (3) quinhentas leguas de distancia separem as margens do Amazonas e Orenoco do platô mexicano; posto que a historia não faça menção de nenhum facto que ligue os povos selvagens da Guyana aos povos civilisados de Anahuac, o

(1) Plin. lib. XXXVII, n.° 16.
(2) Lapid. et Gemm. n.° 44.
(3) Voy. aux Rég. Eq., T. 8.°

monge Bernardo de Sahagun achou em Cholula, no começo da conquista, conservadas como reliquias *pedras verdes* que tinham pertencido a *Quetzalcohualt*, o budha dos mexicanos, que no tempo dos tolteques fundára as primeiras congregações religiosas.

Convém todavia ponderar que si o estado em que encontramos os indigenas não basta para explicar como é que taes pedras foram lapidadas, attribui-las ás amazonas seria tornar menos aceitavel a explicação, excepto si quizessemos suppôr que nessa republica, de sua natureza ephemera, si por um momento admittimos a sua existencia, se pôde apezar d'isso ter chegado a um gráo de civilisação a que os homens não teriam ainda attingido.

E ainda quando concedessemos este novo ponto, faltaria investigar d'onde teriam vindo similhantes pedras; porque não parece, segundo a opinião de Humboldt, que ellas sejam originarias do Amazonas.

Vejamos porém o que a respeito das amazonas da America nos referem os historiadores.

« Si não existiram (inquire o nosso programma) que motivos tiveram Orellana e Christovão da Cunha, seu fiador, para nos asseverarem a sua existencia. »

Deixando para ao depois tratar dos motivos que tiveram ou poderiam ter estes viajantes, e outros antes d'elles para reproduzirem nas suas narrações a fabula que nos legaram os escriptores da antiguidade, cabe-nos ver o que a tal respeito escreveram os modernos. Acredito que d'esta exposição facilmente se poderá concluir si estas mulheres se assemelhavam ou indicavam originarem-se das da Scythia ou Lybia.

Antes de tudo, poderia parecer que o nosso programma se occupa, não de Orellana, companheiro de G. Pizarro; mas de Pizarro y Orellana, autor da obra *Varones ilustres del Nuevo Mundo* (1), o qual na vida de Gonçalo Pizarro trata de amazonas, — « não as que descendiam de Orythia ou Pentesilea, diz elle, mas de outras que por serem mulheres que pelejavam foram chamadas assim. » Porém o

(1) Madrid 1639, pag. 352.

programma, indicando ser a noticia d'esse Orellana confirmada por Christovão da Cunha, faz ver que se refere ao proprio descobridor.

Geralmente se acredita, e é esta a opinião de Paw, que o aventureiro hespanhol foi o inventor d'este conto, bem que ja antes d'elle Colombo julgasse ter encontrado amazonas nas Antilhas. Segundo Hakluyts disseram ao navegante florentino (1) que a pequena ilha de Madanino (2) (Monserrate) era habitada por mulheres guerreiras, que viviam a maior parte do anno affastadas do commercio dos homens. P. Martyr diz tambem ter-se affirmado a Colombo que mulheres sem homens habitavam a ilha de Matityma, defendendo-se com armas, e não recebendo commando senão de si mesmas, accrescentando que foi por esta occasião, que Colombo as chamára amazonas.

Orellana adornou esta historia com outras particularidades, não tanto para a fazer mais digna de credito, como para a tornar mais singular. Gonzalves Oviedo na sua relação ao cardeal Bembo, que é datada de 20 de Janeiro de 1543, narrando a viagem de Orellana, escreve que ouvira a Gonçalo Pizarro ter aquelle combatido com mulheres armadas, commandadas por uma rainha; que estas mulheres viviam sós,—que não matavam os filhos; mas os entregavam aos pais,— que eram emfim chamadas as amazonas, posto que tivessem ambos os peitos.

Quando Oviedo escrevia a sua carta ao cardeal Bembo, não tinha por certo noticia da relação que Hernando Ribera (3) jurava na Assumpção aos 3 de Março de 1545, de que nos occuparemos ainda.

Quasi um seculo depois publicava o padre Christovão d'Acuña (4) que se sabia por informações que a real audiencia de Quito mandara tomar serem as margens do Amazonas habitadas por mulheres guerreiras; mas a principal razão por que este autor nos assella o facto da sua existencia, é porque ha um rio com esse nome. É tão incon-

(1) Coll. Lond. 1812, pag. 384.

(2) Grindus, pag. 69.

(3) Impressa na Coll. de Ternaux. T. 6, pag. 490.

(4) Nuevo descubrimiento del Grã Rio de las Am. Madrid 1641. Coll. de Barbosa.

sistente este argumento que o mesmo é expô-lo que destrui-lo. Fôra cousa admiravel, amplifica elle no estylo do tempo, que o rio sem mui graves fundamentos houvesse usurpado o nome das amazonas, — podendo qualquer lançar lhe em rosto, que com elle se pretendia tornar famoso, sem mais razão do que a de vestir-se com o alheio.

Além d'este argumento, Christovão da Cunha desce tambem á consideração de factos. « O que ouvi com os meus ouvidos (diz elle) e com grande cuidado averiguei desde que puzemos os pés neste rio, é que não ha geralmente cousa mais commum (ao menos ninguem o ignora) que é dizer-se que habitam nelle estas mulheres, dando signaes tão particulares, que convindo todos n'elles, não é crivel que podesse haver uma mentira introduzida em tantas linguas, e em tantas nações com tantas côres de verdade.

O padre Cunha se esquece somente, que a fé nos feitiços e agouros abusam do apparecimento de phantasmas, da existencia de gigantes e pygmeos, são factos que em todo o mundo se tem repetido, sem que da universalidade da opinião se possa deduzir cousa alguma em favor da credibilidade de taes factos.

Refere-nos o mesmo autor como em certa quadra do anno, vinham ter uns indios com as amazonas. Ellas ao vê-los se alvoroçavam, sahiam fóra de suas trincheiras, armadas em guerra, e depois de uma breve simulação de combate, corriam todas as canôas dos hospedes bem-vindos, e cada qual desprendia uma das redes que estes indios traziam armadas nas canôas, e voltavam triunfantes para arma-las em suas habitações, onde vinham os donos procura-las. Em festas e contentamento se passavam os dias (1) até que no tempo marcado se retiravam os hospedes. Quanto á sorte dos filhos, diz-nos o mesmo autor que o que parece mais certo é que as mãis os matavam em os reconhecendo como taes. E' tambem isto o que nos affirma Nuno de Guzman na sua relação a Carlos V (2). Feijó pelo contrario no seu theatro critico (3), dissertando sobre as amazonas, e escrevendo com

(1) Cunha. Cap. 72.

(2) La Cond. Mem. da Ac. R. das Sc. de Paris 1745.

(3) T. 1. Diss. 16, n.os 45 e 46.

tal precipitação que allega, não que se noticiava a existencia, mas que as proprias amazonas haviam sido descobertas, não nega que a esta, que elle considera verdadeira historia, se tenha ajuntado muitas inverosimilhanças; e neste numero conta a absoluta separação dos sexos, bem como o dizer-se que as mães matavam os filhos. Não obstante a autoridade do padre Cunha, Oviedo que o escreve por tê-lo ouvido ao proprio Pizarro, de accordo com Feijó, diz que os filhos, longe de serem mortos, eram entregues aos pais.

Cunha leva a sua minuciosidade a ponto de nos designar qual era a tribu, que estava no privilegio de fornecer ás amazonas estes maridos zangãos. Chama-a Guacará ou Guacari. Anville fez notar a La Condamine que os das antigas amazonas eram chamados Gargari, no dizer de Strabão (1); similhança que pareceu bastante curiosa a Carli (2), o autor das Cartas Americanas.

Um ponto de similhança, que não podemos passar em silencio, entre as amazonas da Scythia e as da America, é este:

As scythas que, diz-nos Justino, se haviam com tanta facilidade divorciado dos homens, e consideravam a virgindade como virtude de tão grande preço, que Orythia era por este motivo geralmente admirada entre ellas; ainda assim mataram os vizinhos para se vingarem da morte de seus maridos: e acabaram depois com os que ainda existiam entre ellas *ne feliciores aliæ aliis viderentur*, para que umas não fossem reputadas mais felizes do que outras. Foram tambem estas mesmas mulheres que não podendo supportar por oito annos a ausencia dos homens da sua nação, se casaram com os proprios escravos, que tinham ficado para guarda dos rebanhos. Isto posto, não ha razão para dizer-se que taes mulheres tivessem aversão aos homens.

O mesmo e mais deveria acontecer na America, porque si se considera que ellas habitavam debaixo do equador, talvez se ache razão no desembargador Sampaio, que não descobre, nem póde

(1) Liv. 9.°

(2) Lettres Americaines. Boston 1788. — Lett. 25. T. 1, pag. 430.

imaginar que razões bastante poderosas tiveram as amazonas para vencer a quasi irresistivel força do clima. O certo é (observa Montesquieu) (1), que o alvoroço com que ellas recebiam os hospedes, e que Cunha nos relata, mostra que lhes não era indifferente aquella união.

Voltamos porém ao nosso assumpto.

Para aquelles que consideram a tradição das amazonas da America como uma reproducção da crença de outros tempos e de outros povos, nenhuma maravilha será que se assemelhem os costumes que a umas e outras se attribuem. Humboldt observa judiciosamente que da leitura das obras de Colombo, de Geraldini, de Oviedo, de Pedro Martyr de Anghierri se conhece a tendencia dos escriptores do seculo XVI para achar entre os povos descobertos no novo continente tudo quanto os gregos nos contam dos costumes da primeira idade do mundo, e dos costumes barbaros dos scythas e dos africanos. D'aqui conclue elle que tanto o amor do maravilhoso, como o desejo de ornar as descripções do novo continente com alguns traços da antiguidade classica contribuiriam para a grande importancia que se deu ás primeiras narrações de Orellana.

E' certo que estes estudos deveram ter concorrido para que com mais facilidade se desse credito a uma noticia de que havia exemplos nas antigas historias; no emtanto, convém observar que tratando, quer estes, quer os modernos escriptores, de povos mergulhados no estado de barbarie e selvatiqueza, não é muito para admirar que sem se copiar se encontrem. O autor das —Investigações philosophicas sobre os americanos — (2), explica-nos como aquelles que tem estudado os seus costumes, e sobretudo os costumes dos americanos septentrionaes, admirando-se de que elles, por assim dizer, fossem os mesmos que os dos antigos scythas, foram levados a deduzir d'esta apparente similitude linhas de filiação e de extracção de um para outro d'estes povos, sem ponderarem que, não offerecendo os costu-

(1) Esprit des Lois. L. 14, C. 2.

(2) Recherches Philosophiques sur les Américains. Berlim 1770. T. 1. pag. 113.

mes scythas senão os caracteres distinctivos da vida selvagem, era natural que tal similhança se percebesse entre todos os selvagens do universo.

Vejamos pois que motivos puderam ter esses viajantes ou escriptores para improvisarem similhante republica, ou para exagerarem a tal ponto o facto de mulheres combaterem; facto, que entre povos barbaros frequentemente se repete.

Distinguem-se entre os que até aqui temos citado Orellana, Ralegh, e Oviedo. Cito a Oviedo com preferencia ao padre Cunha, porque a sua opinião foi divulgada um seculo antes da publicação do — Nuevo Descubrimiento.

Orellana ardendo em desejos de se tornar celebre por uma descoberta propria, formou o atrevido projecto de navegar o Amazonas, seguindo-o em todo o seu curso até encontrar-se com o oceano; — e ainda que interiormente sentisse quanto havia de obscurecer o seu nome a consideração das circumstancias em que elle tomava sobre si tal empreza, confiava na sua boa fortuna, e esperava que o resultado attenuaria as justas censuras de que se tornava merecedor.

« Esta viagem (escreve W. Irving na vida de Christovão Colombo (*) foi acompanhada de muitos perigos e fadigas. Orellana obrigado a desembarcar nas margens do rio, foi muitas vezes atacado por inimigos numerosos e aguerridos, contra os quaes tinha de empregar força para obter provisões. Em alguns lugares as proprias mulheres carregaram contra os hespanhóes: e esta circumstancia deu logar ás fabulosas narrações, que se fizeram, ácerca da pretendida ilha das amazonas. »

Todavia onde achamos a gloria de Orellana, não é nem nos perigos, nem nas fadigas que passou; sinão em ter feito uma navegação extensa, em um barco mal preparado, por entre nações desconhecidas e hostis, sendo o primeiro a revelar o immenso tracto de terreno que medeia entre os Andes para o lado da nascente até chegar ao Atlantico.

(*) Trad. de Defauconpret. T. 3, pag. 171.

Essa gloria porém ao proprio Orellana no fim da sua viagem ja não pareceu uma justificação bastante, uma garantia segura de impunidade ou motivo efficaz de recompensa, quando a comparava com as graves accusações que sobre a sua cabeça pesavam — de haver faltado ao seu dever desobedecendo ao seu commandante, — de ter abandonado os seus companheiros de armas em um deserto, — de os ter privado da unica probabilidade de salvação que tinham no navio que lhes levava, — de haver-se sublevado emfim, fazendo-se eleger capitão de sua magestade sem dependencia de Pizarro (1).

A respeito de Orellana escreve Robertson na sua historia da America (2): « A vaidade natural aos viajantes que percorrem terras desconhecidas ao resto dos homens, e o artificio de um aventureiro, com sagacidade de engrandecer o seu proprio merecimento, concorreram para dispô-lo a enxertar, em extraordinarias proporções, o maravilhoso á narrativa da sua viagem. Elle pretendeu ter descoberto nações tão ricas que o pavimento de seus templos era alastrado de placas de ouro; e descreveu uma republica de mulheres tão guerreiras e bellicosas que tinham avassallado consideravel tracto das ferteis planicies por elle visitadas. Por mais extravagantes que fossem estes contos, bastarão para dar origem á opinião de que uma terra, abundante de ouro, famosa pelo nome de El Dorado, e uma republica de Amazonas podiam ser vistas nesta parte do novo mundo; e tal é a propensão do genero humano para dar credito ao maravilhoso que só lentamente e com muita difficuldade é que a razão e a observação tem feito desprezar similhante fabula. Esta viagem comtudo, mesmo desbastada de embellezamentos romanticos, merece ser lembrada, não sómente como uma das mais memoraveis occurrencias d'aquella época aventureira, mas tambem como o primeiro successo que fez conceber algumas noções menos imperfeitas das terras extensas, que se prolongam para o Oriente desde os Andes até ao mar (3).»

(1) Garcilaso de la Vega. Hist. Gener. del Perú. Madrid 1722. L. 3. Part. 2.ª Cap. 4, pag. 143 — a.
(2) Rob. Works. Lond. 1840. pag. 115.
(3) Rob. cita Zarate L. 4. C. 4. Gom. Hist. Cap. 86. Voy. L. 3. Cap. 4. Herr. Dec. 6. L. 11. Cap. 25. Rodrigues. El Maray. y Am. L. 1. C. 3.ª

E tão perfeitamente conhecia elle o genio da sua época e dos seus concidadãos, tanto contava com o effeito que sobre elles produziria a narração de suas aventuras assim exageradas, que, como nos conta o padre Manoel Rodrigues (1) foi a terra das amazonas o que elle pediu ao imperador Carlos V; e foi isso o que lhe mereceu o despacho que requeria, porque obteve «carta patente de governador generalissimo do rio das amazonas para o recompensar de as ter subjugado em nome de sua magestade catholica (2).

Apezar de ter sido Orellana geralmente acreditado, Gomara, seu contemporaneo, exprime-se por tal fórma na historia geral das Indias, (3). que parece resentido, tanto do grosseiro embuste de Orellanas como da geral credulidade. Os outros escriptores que a este se seguiram, Vega, Herrera e o mesmo Zarate, escriptores de mais vulto, e os de mais conceito no que respeita ás Indias e descobrimentos dos hespanhóes, não prestaram fé alguma á tal sonhada republica ainda que relatem a tradição. Pelo contrario o que d'elles se poderá concluir, e o que parece certo é que oppondo-se ao desembarque de Orellana, algumas mulheres, ou medrosas ou valentes, porque defendiam a casa e os filhos, tomou esta occasião para exagerar as suas aventuras. E' isto o que se lê em Gomara, Vega, Herrera e Manoel Rodrigues. Não obsta que Orellana dissesse cousa differente; porque a larga relação da sua viagem por elle apresentada ao conselho das Indias, que então funccionava em Valladolid, poucos, e bem poucos annos depois, no tempo em que Gomará (4) escrevia a sua historia ja passava por pouco digna de conceito.

Si confrontamos os historiadores na parte em que referem esta viagem, e observamos o modo por que elles moralisam os factos que escrevem, veremos que ainda quando fosse fóra de toda a duvida

(1) Marañon y Amazonas. Madrid 1684. P. 9. L. 1. C. 3. Garcilaso—obra citada. V. nota.

(2) Recherch. Philos. T. 2, pag. 114.

(3) Anvers. 1554. C. 86, pag. 112.

(4) Hist. Gener. de las Indias. Cit. Cap. 86, pag. 111 v.— Entre los disparates que dijo (lê-se a pag. 112) fue afirmar que avia en este rio Amazonas con quien el y sus compañeros pelearon.

existirem amazonas no Maranhão, nem por isso se poderá concluir que Orellana as tenha encontrado e combatido.

No anno de 1540 sahiu Gonzalo Pizarro do Perú ao descobrimento e conquista que então se chamou — de canella (1). Aborrecido de não encontrar o que procurava, e cansado de o perguntar aos indios que elle se persuadia lh'o occultavam por malicia, não poucas vezes tentou arrancar-lhes por meio de tractos um segredo que os pobres selvagens ignoravam. Assim morreram alguns atormentados, e meio vivos consumidos pelas chammas, emquanto outros eram dilacerados e devorados pelos cães, que tinham sido industriados nesta caçada humana (2). Foi então que destacou de si a Orellana para uma expedição, recommendando-lhe, que bem ou mal succedido voltasse com o borgantim, que levava e do qual careciam para a volta, e o esperasse na confluencia do Napo com o Amazonas.

As vistas de Orellana eram outras: deixou-se vir pelo rio abaixo, e quando a volta se tornara quasi impossivel, pela demora que teriam vencendo a corrente, continuou a seguir o curso do rio, tendo-se feito eleger capitão em nome do rei catholico. Tinha apenas passado o rio Negro, quando começou a encontrar noticia das amazonas. Era a ellas, segundo suppôz ter ouvido a um indio, que aquellas terras pertenciam. Fr. Gaspar de Carvajal (3) affirma ter sabido da existencia d'estas mulheres pelos indigenas, e que esta noticia lhe fôra confirmada por um chefe indio, o qual perguntando-lhe si iam ver as amazonas, que em sua lingua dizem — Cunhápuyara, que é o mesmo que grandes senhoras, accrescentára que vissem bem que eram poucos e ellas muitas. — Chegaram effectivamente a um lugar onde os indios se oppozeram aos hespanhoes com muita resolução, e corajosamente se defenderam. Então affirmou fr. Gaspar que si estes indios se defenderam com tanto encarniçamento era por serem tributarios das amazonas, e tanto que elle proprio e seus companheiros viram dez ou doze d'ellas, que andavam pelejando adiante dos indios,

(1) Gom. cit. Herr. Dec. 6. L. 7. Cap. 6, pag. 365.
(2) Herr. liv. cit.
(3) Her. D. 6. L. 9. C. 4, pag. 377 cit.

como capitães, e tão animosamente que os indios não ousavam voltar as costas, porque si algum fugia ante os castelhanos, ellas o matavam a cacete. Estas mulheres pareceram-lhes muito altas, corpulentas e brancas, com o cabello basto, trançado e enrolado na cabeça, em pêllo, mas com um ligeiro sendal;— com arcos e frechas nas mãos. Sete ou oito d'ellas foram mortas pelos castelhanos, e por este motivo, accrescenta o referido viajante, fugiram os indios que as acompanhavam.

Ora como estas mulheres combatiam conjunctamente com os homens, não é a ellas por certo que se referem os autores quando nos affirmam que existiram amazonas. Os proprios hespanhóes d'esta expedição, ao menos muitos d'elles, como nos diz Herrera (1) julgaram que o capitão Orellana não devia dar similhante nome a mulheres que pelejavam, nem com tão fracos fundamentos affirmar que havia amazonas; porque não é cousa nova nas Indias pelejarem as mulheres, e atirarem frechas, como se viu em algumas ilhas de Barlavento, Cartagena e Comarca, onde se mostraram tão animosas como os proprios homens.

Isto, accrescenta Herrera, eu o refiro como o acho nas memorias d'esta jornada, reservando o credito ao alvedrio de cada um; pois não acho para serem estas mulheres amazonas, mais do que o nome que estes castelhanos lhe quizeram dar.

Orellana, que parece ter previsto esta objecção, valeu-se mais uma vez do testemunho tão fallivel dos indios, dizendo, segundo Zarate (2), ter ouvido a um d'elles que ali havia um paiz unicamente habitado por mulheres, que sabiam combater e fazer guerra, e se defendiam muito bem dos seus vizinhos.

E' porém para notar-se que Zarate não nos dá integralmente a noticia que nos foi transferida por Orellana, e que este descobridor embellezou com quantas maravilhas lhe suggeriu a phantasia. Segundo Orellana, viviam essas mulheres da mesma maneira que as

(1) D. 6. L. 9. Cap. 4, pag. 378.

(2) Hist. de la decouverte et de la conquete du Perú. Paris 1742. L. 4. C. 4. T. 1, pag. 248.

antigas amazonas; eram riquissimas, possuiam muito ouro e prata, tinham cinco casas do sol com pavimentos de ouro, com habitações de pedra e cidades muradas, e tantas outras particularidades remata Herrara (1), que não me atrevo a crê-las, nem a affirma-las pela difficuldade em que me põe o saber que nestas cousas as relações dos indios são sempre incertas; e havendo o capitão Orellana confessado pouco antes que não entendia a estes indios, não parece que em tão poucos dias podia ser o seu vocabulario tão copioso e certo, que tantas particularidades se podessem entender a estes indios. Assim creia cada um o que lhe parecer. Vê-se pois bem claramente que nem so Herrera duvida da veracidade dos indios, como da boa fé dos aventureiros hespanhoes.

Resulta de quanto temos dito que um so facto se apresenta— o de ter Orellana combatido com mulheres que, diz elle, batiam com páos nos que fugiam. A asserção pode ser verdadeira, ainda que o facto podesse ter sido mal observado Conta-nos Lery (2), e aquelle que nos primeiros tempos da descoberta viajaram pelo Brasil, que as mulheres indigenas acompanhavam os maridos á guerra, e lhes apanhavam e ministravam durante a acção as settas disparadas pelos contrarios. Ora durante a acção os indios a que faltavam as settas vinham toma-las das mãos das mulheres para voltar ao combate, e no acto de lhes ministrarem armas, acompanhado das pantomimas que empregavam para ameaçar os inimigos, viriam os hespanhóes a acção de os espancarem, de os matar mesmo, si com a vivacidade da carreira faltasse o pé a algum dos indios apanhando as settas cahidas.

Algumas vezes mesmo combatiam as mulheres por necessidade, e principalmente nas tribus menos nobres, nas quaes, como em outra memoria fizemos observar, ja não era tão forte o sentimento da dignidade propria do guerreiro, que elle se pejasse de combater ao lado das mulheres. Entre os caraibas houve exemplos d'isso. Os marujos de Colombo deram caça a uma canôa tripolada por oito guerreiros e

(1) D. 6. L. 9. C. 2.
(2) Mock. Hist. de l'Am. Bruxelles 1847, pag. 59.

outras tantas mulheres: os selvagens caraibas se defenderam até á ultima extremidade; as mulheres armadas de arcos mostraram a mesma coragem, e depois de virada a canôa, salvaram-se a nado para um dos rochedos vizinhos, d'onde não cessaram de combater. Mas tambem d'este facto nada se póde concluir em favor da existencia das amazonas, sob pena de ser tal conclusão classificada como um disparate, como a classificou Gomara a respeito das amazonas de Orellana. « Que as mulheres andem ali com armas e pelejem não é muito, pois que em Paria (golfo na ilha da Trindade, onde aportou Colombo) que não é muito longe, e em muitas outras partes das Indias, o tem por costume; nem julgo que nenhuma córte ou queime o peito direito para poder atirar settas, pois que com elle as atiram mui bem; nem creio que matem ou engeitem os proprios filhos, nem que vivam sem maridos, pois são luxuriosissimas. Outros, independente de Orellana, tem levantado similhante balela de amazonas, depois que foram descobertas as Indias, e nunca tal se viu, nem se ha de ver tão pouco neste rio (1). » Para confirmar esta asserção do historiador hespanhol, que por muito arriscado no tempo em que elle a publicava (em 1554) so lhe podia ser arrancada por força da convicção,— mais de um seculo depois (isto é, em 1684) dizia o padre Manoel Rodrigues (2) que taes mulheres não existiam n'aquelle rio.

Si pois, como julgo ter demonstrado, a relação de Orellana é de pura imaginação, ainda quando se não podesse atinar com o motivo da sua invenção, nem por isso ficaria provada a sua veracidade. Mas esses motivos ja os deixei referidos — era a vaidade do navegante que pretendia inculcar o merecimento da sua viagem, e da sua pessoa, que tinha visto cousas tão extraordinarias, e corrido riscos tão imprevistos,— o ardil do criminoso que procura dar vulto e maiores proporções ás razões com que se justificava,—a manha emfim do pretendente, que requeria uma graça do seu monarcha.

Aquelles porém que assoalharam as suas phantasias, deveram ter,

(1) Gomara ob. cit.

(2) L. 1. C. 5, ob. cit. « Y no las hay por el Marañon arriba. »

e tiveram por certo motivos differentes. Oviedo, por exemplo, narrando a primeira navegação do Amazonas, e dirigindo as suas cartas ao cardeal Bembo, julgou dever lisongear o gosto de um homem tão familiar com o estudo da antiguidade classica, como nos revela a pureza da sua latinidade.

W. Ralegh não quiz senão despertar a curiosidade e estimular a cobiça dos seus contemporaneos. Referia elle que um irmão de Atabalipa, se evadira depois da destruição do imperio dos Incas,— tomando comsigo tão consideravel exercito de indios *Oryones* que havia conseguido conquistar todo o interior da Guyana. Mas nota-se que, devendo ter passado a historia que elle nos legou, no tempo de Diego de Ordas, vinha ella a tornar-se impossivel, ainda só chronologicamente fallando; porque Pizarro conquistava o Perú, no mesmo anno em que Ordas subia o Orenoco.

Ralegh queria tambem chamar a attenção da rainha Isabel para o grande imperio da Guyana, cuja acquisição propunha ao seu governo, e não se esqueceu do duplicado fim a que visava. Para o vulgo o maravilhoso, — para o governo o interesse — e para a rainha a lisonja.

Descreveu pois creaturas extraordinarias, seres monstruosamente phantasticos, taes como os ewaipanomas, nação de acephalos que tinham os olhos nas espaduas e a bocca nos peitos;— e relatou como em um dos templos do sol no Perú se havia achado a tradição de que o imperio dos Incas, destruido pelos hespanhóes seria restabelecido pelos inglezes. Para contentamento da cobiça descreveu o levantar-se do rei El Dorado, ao qual os seus camaristas armados de comprida sarabatanas sopravam todas as manhãs ouro em pó no corpo humedecido por oleos e essencias aromaticas ;— e para satisfação da lisonja affirmava o cortezão valido que as amazonas ouviriam o nome da rainha virgem. E' certo, como observa Humboldt, que nada deveria ferir tanto a imaginação de Isabel, como a bellicosa republica das mulheres sem marido, como era ella, e que de mais a mais se encontravam com ella na resistencia que oppunham com feliz successo aos heróes castelhanos. O fim que Ralegh teve em vista manifesta-se

palpavelmente do modo por que elle conclue: « Fiar em Deos (escreve elle) (1) que é o rei dos reis e o senhor dos senhores, que elle porá no animo d'aquella que é senhora das senhoras a conquista do El Dorado.

Tão poucos autores temos que se occupem extensamente de W. Ralegh que não resistirei á tentação de dar aqui um ligeiro esboço do seu famoso descobrimento.

« Quando Diego de Ordas emprehendia a conquista do Orenoco, e tendo já subido rio acima cerca de tres mil milhas até ao logar chamado «Mariquito», achou consumida toda a sua provisão de polvora. Irritado por tal negligencia, condemnou á morte o seu quartel-mestre, ou como então o chamavam os Hespanhóes, o seu mestre dos fornecimentos, cujo nome era João Martinez. Supplicaram-lhe os seus companheiros que poupasse a vida ao quartel-mestre, e o mais que puderam conseguir da misericordia de Ordas, foi ser abandonado Martinez em uma canôa sem alimento algum. A corrente o arrastou pelo rio abaixo até que sobre a tarde deu com uma tropa de Goyanos, que não tendo visto nunca homem branco, como apanhassem a este, puzeram-lhe uma venda, e o conduziram terras a dentro, fazendo uma jornada de quatorze ou quinze dias, para ser mostrado de cidade em cidade, até que chegaram a Manôa, a grande capital do Inca. Tiraram-lhe a venda á entrada da cidade, onde elles chegaram já de noite. Caminharam ao travéz das ruas toda essa noite e o dia seguinte até o sol posto, primeiro que chegassem ao palacio. N'esta cidade foi Martinez detido sete mezes; mas sem que lhe fosse licito sahir fóra das muralhas. No fim d'esse tempo lhe foi concedido voltar; e um troço de Goyanos carregados com quanto ouro podião com que fôra presenteado, teve ordem de o reconduzir ao Orenoco. Chegados que foram a este rio, os selvagens o accommettem, despojam-no de todos os seus thesouros, excepto de duas cabaças cheias de contas de ouro, que lhe deixaram por suppôrem-nas cheias de alimento. Chegou Martinez á Trindade, e d'ali se dirigiu a S. João de

(1) Hakluyts — ob. cit. 3, 6 e 86.

Porto Rico, onde morreu, e por occasião da sua morte cedeu taes contas á igreja para os suffragios da sua alma, e deixou esta narrativa do seu descobrimento. O vestuario da côrte, como elle dizia, era de ouro em pó grudado no corpo, segundo a sabida fabula do El Dorado» (1).

O seculo em que Ralegh escrevia taes portentos do rei que se vestia de ouro em pó como os Jáos se pintavam de amarello, de mulheres sem homens, e de homens sem cabeça, era singularmente propenso a prestar uma fé implicita a tudo quanto era extraordinario, e isto explica a voga que tiveram no seu tempo, empregando-se dentro em pouco em toda a Europa os nomes de Potosi e El Dorado (nome do rei que depois erradamente se applicou ao paiz) para significar na linguagem do vulgo e na dos sabios a accummulação de grandes thesouros, e assim tambem a de riquezas fabulosas.

Esta razão porém não basta para explicar a propagação da noticia das Amazonas entre os individuos da America; porque não são só os habitantes d'este rio, mas indios de muitas linguas e de logares bem remotos os que attestam a sua existencia.

Hernando Ribera (2) declarou debaixo de juramento (anno de 1545), que nas suas explorações do interior do Paraguay, estes indios unanimemente e sem discrepar nas suas respostas, lhe affirmaram que a dez dias do logar em que estavam e na direcção do nordéste existiam mulheres, que possuiam grandes cidades, e tinham consideravel copia de metal amarello e branco; mas que os seus utensilios eram todos do metal amarello. Accrescentava que era o seu chefe uma mulher da mesma nação, que eram todas guerreiras e temidas dos naturaes, que antes de chegar ao seu paiz existia uma nação de indios muito pequenos, aos quaes ellas faziam guerra, — e do outro lado nações considerabilissimas de negros; — que emfim os seus antepassados as tinham visto, e elles o ouviram a nações vizinhas d'ellas.

(1) Sout. Hist. of Bra. Notas. T. 1; pag. 652.
(2) Ternaux. Voyages, Relations. etc. T. 6, pag. 490.

Não são estes unicamente os testemunhos, embora imperfeitos, da existencia d'estas mulheres; porque, como disse, similhante tradição se espalhou mais ao largo do que o poderamos suppôr.

Ulrich Schmidt (1) trata tambem das Amazonas, as quaes, segundo nos diz ter ouvido, habitavam n'uma ilha, — tinham um só peito, recebiam homens tres ou quatro vezes por anno; e si davam filhos á luz, os entregavam aos pais; e si filhas, guardavam-nas, e queimavam-lhes o seio direito para que pudessem encurvar o arco com mais facilidade.

Como em todas as relações de viagens d'aquelle tempo na de Schmidt abundam as inverosimilhanças. Não é crivel, por exemplo, o que elle nos conta dos Xarruas ou Sherues, segundo a sua ortographia, cujo rei se banqueteava ao som de instrumentos, — que os fôra receber em um caminho limpo, aplanado e coberto de flôres, fazendo ao mesmo tempo bater o matto, de fórma que se achou a caça presa no caminho entre os europeos que chegavam e os indios que vinham a recebel-os, — e assim se mataram (diz-nos elle) trinta veados, vinte emas e não sei quantos outros animaes (2). Este rei magnifico deu-lhes de presente uma corôa de ouro, que tinha adquirido em uma guerra contra as Amazonas.

Ha ainda uma outra autoridade respeitavel pelo caracter sacerdotal e apostolico de que se revestira. O padre Cypriano Baraze, como se lê na sua biographia que o bispo da paz mandou imprimir (3), dizia que os Tapacures (ramo da tribu dos Moxos), dando-lhe noticia do paiz das Amazonas, affirmavam sem discordancia, nem excepção, haver para o lado do Oriente uma nação de mulheres bellicosas, que em certo tempo do anno recebiam homens em suas moradas, e que estas mulheres, matando os filhos, tinham grande cuidado com a educação das filhas, que desde crianças se exercitavam nos trabalhos da guerra.

(1) Cap. 37 (Ternaux). Tom. 5.°

(2) C. 36.

(3) Lettr. edif. Paris, 1732. T. 10 pag. 241.

A tradição porém deverá ter sido propagada por dous canaes differentes — pelos conquistadores e pelos mesmos indios.

Os conquistadores, crendo firmemente na possibilidade, e ainda mesmo na existencia de tal republica, viram, como Orellana, Amazonas nas mulheres que tinham por costume seguir os maridos á guerra, — ou nas que defendiam seus filhos e cabanas na ausencia dos maridos (1), — ou já como Colombo, não quizeram dar a essa palavra outra significação, que não fosse simplesmente a de mulheres que sabiam combater, o que era excepcional nos costumes da Europa, — ou por fim, o que era sobretudo indesculpavel, davam esse nome a congregações religiosas, a conventos de virgens mexicanas que viviam na maior austeridade e reclusão, longe de receberem homens em qualquer quadra que fosse do anno.

Quanto aos indios, estes tambem, pelo que imagino, não contribuiram pouco para assoalhar tal opinião. Credulos, e ao mesmo tempo mentirosos, amigos de contos e de maravilhas, é preciso não lhes mostrar muita curiosidade, nem muito interesse no que se lhes pergunta. Como crianças respondem muitas vezes no sentido em que suppoem que desejamos a resposta, e prestam facilmente o seu testemunho a cousas que nunca viram. Era mais geral entre elles a crença nos gigantes, nos pygmeus, nos homens de pés virados; e nem por isso se pretende argumentar que taes entes existiram, só porque era geral entre os indigenas a tradição da sua existencia.

Nota em primeiro logar que, apezar de tudo, nenhum indio assevera ter visto as Amazonas, sendo que o testemunho isolado de um só bem pouco faria para o caso.

Noto mais — que essa tradição predomina nos logares por onde andaram Hespanhóes, — e quer me parecer que elles desejando verificar a narração de Orellana, eram os que aos indios davam idéa de similhante facto, ao passo em que ingenuamente se persuadiam deverem-se dar por convencidos com o apoio que nelles encontravam.

Entre os escriptores portuguezes ha a este respeito menos credu-

(1) Fray. Pedro Simon. N. 6, cap. 26.

lidade. Brito Freire (1), tratando das consideraveis nações que habitavam o Amazonas, tem por fabulosas as dos Matujús, que nascem e andam com os pés ás avessas, —dos pygmeos Goajazis, — dos gigantes Curinquians,— e das Amazonas que lhe deram o nome; e o ouvidor Sampaio, não obstante ouvil-o aos indios, não pôde nunca acabar comsigo em crer no que elles lhe diziam, talvez por conhecel-os de bem perto.

Noto por fim que não havendo entre as tribus indigenas nenhum commercio ou communicação, conhecendo-se apenas aquellas com que confinavam, e com as quaes se achavam em estado de hostilidade permanente, é força — ou que consideremos a fabula das Amazonas como um d'aquelles erros e prejuizos communs á infancia de todos os povos,— ou que essa tradição lhes terá sido transmittida por uma raça que esteve em contacto com todos elles — com os Europeos. Ha tambem uma outra explicação; mas essa é apenas verosimil, e eu a reservo para outro logar.

La Condamine, autor cuja opinião nos reservamos a expôr ainda mais por extenso, como que argumenta que se deve crer na existencia das Amazonas porque os indios o relatam, sem que, de certo, tenham nenhum conhecimento de Justino ou Diodoro. Todavia pouco antes desta preposição nos diz o mesmo escriptor que alguns dos costumes que a estas mulheres se attribue tal como o de amputarem o peito direito ás filhas, são circumstancias accessorias, adulteradas ou accrescentadas pelos europeos, e que o amor do maravilhoso as teria feito adoptar pelos indios.

Não pondera este autor que o mesmo canal por onde se puderam vulgarisar entre os indigenas os ornatos com que Justino e Diodoro julgaram ter aformozeado esta fabula, basta para explicar o conhecimento que da propria fabula tinham os indigenas; pois que aquella circumstancia da deficiencia do peito é tão geralmente noticiada, que se constituiu como caracter essencial das Amazonas, como distinctivo dos seus costumes, — ou pelo menos como parte integrante da tra-

(1) Nova Lusitania. Lisboa, 1675.—pag. 21, nota.

dição. Não pondera sobretudo que si o amor ao maravilhoso é o que fez aos indios adoptar similhante circumstancia, era, nas suas idéas mais admiravel a formação de uma republica de mulheres, do que seria — para elles, acostumados a supportar soffrimentos para se endurecerem nas fadigas da guerra, — a cauterisação ou amputação do seio, operação cujos perigos mal poderiam elles suspeitar, e que o proprio Cunha refere de um modo tão singelo e simples como se tratasse de aparar as unhas ou de cortar o cabello. Pouco versado tambem nos costumes dos indigenas, o europeo não enxergava que essa circumstancia que torna incrivel o facto para os habitantes da Europa, era exactamente o que o torna verosimil para o selvagem da America meridional, que não poderia conceber, sem uma dolorosa iniciação guerreira, uma republica forte e armada, como seria de necessidade a das amazonas, a terem algum tempo existido.

Si além d'isto se considera que o Amazonas foi explorado logo nos primeiros tempos da descoberta do Brazil, — que foi navegado em todo o seu curso — em primeiro logar por Orellana, depois e em sentido contrario por Pedro Teixeira, em cuja companhia foi Christovão da Cunha, — que os demarcadores portuguezes e hespanhóes por ali andaram differentes vezes, em épocas diversas, por logares distantes, e em exames que ás vezes levaram annos; — que essas tribus, como em outro escripto procuramos demonstrar, haviam sido recalcadas do littoral para as margens e valle do Amazonas; si, por fim, a isto se accrescenta a curiosidade que teriam os europeos de verificarem as relações de Orellana, Oviedo, Ralegh e Cunha, — com facilidade se poderá suppôr que d'esta multiplicidade de informações pedidas deverá resultar a vulgaridade da noticia encontrada, — noticia que apezar de tudo não era lá muito vulgar.

Depois d'estas considerações tem logar o seguinte trecho de La Condamine (1).

« Poder-se-ha acreditar (diz elle), que selvagens de paizes tão remotos se tenham combinado para imaginar, sem fundamento, o

(1) La C. Relation d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique meridionale par Mr. de la C. Paris 1745.

mesmo facto?— e que esta pretendida fabula tenha sido adoptada com tanta uniformidade e tão universalmente em Minas, Pará, Cayenna e Venezuela,— entre tantas nações que se não comprehendem, e que nenhuma communicação tem entre si? »

Creio que estas objecções ja ficam respondidas,— e principalmente si attendermos que todos aquelles logares eram frequentados por caraybas, ou ramos bem proximos da mesma tribu,— e que todos elles se deviam mais ou menos ter resentido do retrocesso da população indigena, que se amalgamava e confundia na sua reemigração do sul para o norte.

Si queremos saber em que parte do Amazonas se estabelecera esta republica feminil, até n'isto encontraremos não pequena diversidade de opiniões.

Ralegh as faz habitantes do sul do Amazonas, junto ao rio Tapajoz: foi n'esse mesmo rio que La Condamine, seculo e meio depois (*), encontrou as afamadas pedras verdes, de que Ralegh asseverava que eram ricas. N'essa margem lhe foi communicada a tradição dos indigenas ácerca d'essas guerreiras que elle suppõe ter atravessado o Amazonas entre o Tefé e o Purús. Foi ainda n'esse mesmo rio que o portuguez Ribeiro, percorrendo os seus affluentes do norte, achou a mesma tradição, que fôra revelada a La Condamine.

Ha portanto duas opiniões a respeito do logar onde se suppõe que se estabeleceram as Amazonas, collocando-as uns ao norte, outros ao sul d'este rio. Ralegh e Condamine as collocam ao sul, e assim tambem Orellana, que chegando ao Amazonas, segundo se crê pelo Coca e o Napo parece ter combatido-as, que não eram, mas que elle denominou amazonas entre a foz do rio Negro e a do Xingu.

Outros porém as collocam ao norte, e, conforme as informações transmittidas pelos indios de Cayenna e do Pará — em differentes logares — umas vezes a oeste das grandes quedas do Oyapock, além dos indios amicuanes — tambem chamados *Orellados*, orelhas compridas, e que são os mesmos Oryones, de que falla Ralegh ;— outras

(*) 148 annos.

vezes a oeste do rio Arijó ou Irijó, que desagua no Amazonas um pouco ao sul do Araguary;— outras por fim—junto as cabeceiras do Cuchivaro.

Quanto a este ultimo rio deverei observar que o padre Gili, missionario que acredita na existencia das amazonas, patenteia a opinião de que não será inteiramente accidental a grande similhança que nota entre os nomes de Cuchivaro, affluente do Amazonas, junto ao qual deverão ellas ter passado este rio, e Cuchivero, affluente do Orenoco. Pretende o missionario que os aikeaubenano, descendentes das amazonas do Maranhão, deram á sua nova, o nome da anterior ou primitiva habitação. O sabio Humboldt duvida com razão, de similhante facto e de similhante genealogia.

No emtanto, como modernamente se tem querido argumentar com a opinião a este respeito apresentada por La Condamine, geralmente se crê, ou pelo menos se diz que as amazonas originarias do lago , d'ali se passarem ás montanhas do interior da Guyana, onde por certo não terão, nem julga o autor francez que tenham de ser descobertas nunca.

Sendo porém tempo de passarmos a expôr a opinião de La Condamine, a cuja viagem se deve nestes ultimos tempos o reapparecimento na scena litteraria das ja quasi deslembradas amazonas, eis o que para o caso nos parece digno de ser extractado da relação da sua viagem ao interior da America Meridional (*).

« No decurso da nossa viagem (escreve elle) questionamos por toda a parte aos indios das diversas nações, e d'elles nos informámos com grande cuidado si tinham algum conhecimento d'aquellas mulheres bellicosas, que Orellana pretendia ter encontrado e combatido; e si era verdade que ellas vivessem fóra do commercio dos homens, não os recebendo entre si senão uma so vez por anno. . . .

« Todos nos disseram tê-lo assim ouvido a seus pais, ajuntando mil particularidades, muitas longas de se repetirem, todas tendentes a confirmar que houve neste continente uma republica de mulheres

(*) Ob. cit., pag. 101.

que viviam sos, sem homens, e que se retiraram para o interior das terras do lado do norte, pelo rio Negro ou por um dos que pelo mesmo lado correm para o rio Maranhão.

« Um indio de *S. Joaquim de Omaguas* nos disse que por ventura encontrariamos ainda em Coari, um velho, cujo pai vira as amazonas. Sabemos em *Coari* que o indio, que nos tinha sido indicado havia fallecido; mas fallamos a seu filho, homem de 70 annos, e commandante de outros da mesma tribu. Este nos assegurou que seu pai as tinha visto passar na entrada do Cuchiuara, vindas do Cayamé, que desagua no Amazonas do lado do sul entre Tefé e Coari :— que tinha fallado a quatro d'entre ellas, que uma trazia um filho ao peito. . . .— que, deixando o Cuchiuara, atravessaram o *Grande Rio*, e tomaram o caminho do rio Negro. Omitto certos detalhes (diz La Condamine) pouco verosimeis; mas que nada importam ao essencial do assumpto.

« Abaixo do Coari nos disseram os indios a mesma cousa, variando so em algumas circumstancias; porém quanto ao ponto principal estavam todos de accordo.

« Um indio de Mortigura, missão vizinha do Pará (continúa o mesmo autor) offereceu-se para mostrar-me um rio, pelo qual, segundo entendia, se podia subir até a pequena distancia do paiz em que n'aquella actualidade se encontrariam amazonas. Era este rio o Irijó; e dizia o mesmo indio, que quando tal rio deixava de ser navegavel por causa das cachoeiras, era preciso, para se penetrar no paiz das amazonas, caminhar muitos dias pelos mattos para a banda de oeste, e atravessar um paiz montanhoso.

« Um veterano da guarnição de Cayena, assegurou que, sendo enviado em um destacamento para reconhecer o paiz em 1726, havia penetrado entre os *amicuanes*, nação de orelhas compridas, que habita além das cabeceiras do Oyapock, e junto as de um outro rio, que desagua no Amazonas,— e que ali vira ao pescoço das mulheres as taes pedras verdes:— e que, perguntando aos indios d'onde as tiravam, responderam estes que lhes vinham do paiz das mulheres que *não tinham marido*, paiz que ficava a sete ou oito leguas de distancia para o lado do occidente. »

La Condamine observa que a nação dos amicuanes habita longe do mar, em um paiz elevado, onde os rios não são ainda navegaveis; e que assim, não era verosimil que elles tivessem recebido esta tradição dos indios do Amazonas, com os quaes não tinham relação de commercio.

« O que merece attenção (é ainda o mesmo autor quem falla) (*) é que emquanto as diversas relações designam o logar da residencia das Amazonas — umas para o oriente, — outras para o norte, e outras emfim para o occidente,—todas estas direcções differentes concorrem em collocar o centro commum nas montanhas do interior da Guyana, e em um recanto onde ainda não penetraram nem os Portuguezes do Pará, nem os Francezes de Cayena.

« Apezar de tudo, confesso que me seria bem difficil acreditar que as nossas Amazonas ali estejam actualmente estabelecidas, sem noticias mais positivas... »

Para desvanecer a duvida que poderá suscitar esta ingenua confissão da parte do seu mais acalorado defensor, La Condamine pondera que a nação ambulante das Amazonas poderá muito bem ter mudado de habitação.

« E o que mais que tudo, me parece verosimil (diz elle) é que ellas tinham com o tempo perdido os seus antigos costumes, quer fossem subjugadas por outra nação, quer, aborrecidas da sua soledade, as filhas esquecessem a aversão das mães para os homens. —Assim (conclue elle), quando hoje não deparassemos com vestigios d'essa Republica feminil, não seria isso bastante para affirmar que ellas não tinham existido nunca. »

O que d'este extracto se conclue é que La Condamine, em principios d'este seculo, achou no Amazonas a tradição d'essas mulheres que ninguem vira, e sómente lhe asseverava um indio de 70 annos que isso acontecêra a seu pai. Note-se agora, que, segundo a propria relação de La Condamine, quem devêra ter visto as Amazonas era o avô d'este indio, como seu pai affirmava; mas morto este ultimo, já o neto dizia que não era o avô, mas o proprio pai, que as víra.

(*) Pag. 107.

O escriptor portuguez Ribeiro, chegou na sua viagem ao Amazonas á povoação já então destruida de Cuchuiuára (que ficava na bocca do Purus), onde perguntando pelo indio, que transmittíra taes informações a La Condamine, verificou ter sido o sargento-mór da ordenança José da Costa Punilha, já então fallecido. « Porém (accrescenta elle) outro indio do dito logar, chamado José Manoel, alferes de ordenança, homem já de 70 annos para cima, e de bom proposito, natural da dita antiga povoação de Cuchuiuára, me assegurou ter ouvido dizer muitas vezes ao nomeado sargento-mór, o que este disse ao Sr. de La Condamine, segurando-me além d'isso que era n'este rio constante entre os indios a tradição da existencia das mulheres Amazonas, do qual se retiraram, entranhando-se nas terras do norte d'elle, da bocca do rio Negro para baixo. »

E' certo que esta tradição correu entre os indigenas do Amazonas, e correrá talvez ainda hoje; mas quanto a mim não fica explicado— si foram os Europeus os que a receberam dos indios,—ou si pelo contrario, como creio, foram elles os que lh'a transmittiram. Confirmo-me n'esta opinião quando as particularidades que La Condamine acha pouco verosimeis não eram senão o accessorio da fabula do velho mundo. A mesma conclusão podia Ribeiro tirar do dito do indio para a existencia das Amazonas, e comtudo decidiu-se pela negativa talvez porque melhor conhecedor do caracter dos indigenas, sabia quão pouco verdadeiros costumam ser, sendo homens credulos no que ouvem, e exagerados no que narram.

D'esta parte da sua viagem fez La Condamine uma memoria, que foi lida na Academia Real das Sciencias de Paris; mas entre os seus contemporaneos (como é bem de suppôr, e Humboldt no-lo assevera), não se julgou que elle tivesse tomado a defesa das Amazonas senão para captivar a attenção do seu auditorio com um facto, que era pelo menos admiravel.

Não nega comtudo o viajante francez que se possa allegar contra a verosimilhança de tal Republica (são palavras suas) a *impossibi-*

lidade de se estabelecer e subsistir; mas pretende que si em alguma parte poderão ter existido Amazonas, não foi senão na America; — e que a vida errante das mulheres, seguindo os maridos nas suas expedições, e por outro lado a sua infelicidade domestica lhes despertariam a idéa, assim como lhes proporcionariam occasião de se esquivarem de um jugo tão incomportavel.

La Condamine não previa por certo quantas objecções soffre similhante hypothese. Como todas ou o maior numero das mulheres de uma tribu se poderão colligar e fugir, quando quasi diariamente acompanhavam seus maridos? Como em tribus resumidas se reuniram em numero bastante para formar uma Republica ou um corpo que fosse respeitado das nações por cujo territorio passasse, e em cuja vizinhança se estabelecessem? Como abandonar os filhos? Como subsistir por fim? De mais d'isso não era tão desesperada a condição das mulheres entre as tribus indigenas da America Meridional, que alguns autores modernos, que attentamente estudaram os seus costumes, não a reputem preferivel á das mulheres da classe inferior nos paizes mais civilisados e nas capitaes mais populosas da Europa. Este dito de d'Orbigny é confirmado e generalisado por um naturalista, a quem se não nega perspicacia, e cujas observações são de ordinario agudas, e não destituidas de profundeza. «No extremo de barbaridade (diz Virey) (*) não é o sexo feminino tão opprimido, como se poderá suppôr; porque se torna necessario como o centro da familia e esperança da nação, — emquanto os homens se occupam por fóra da caça e da pesca.»

Ainda no tempo em que o mundo scientifico e litterario se occupava com a dissertação de La Condamine, perguntou-se a Humboldt si elle seguia a mesma opinião do viajante francez. Humboldt que por si nada tinha podido verificar, porque não comprehendia a linguagem dos indigenas, julgou que se não devia rejeitar uma tradição tão geral, bem que perfeitamente aventasse quaes os motivos que puderam

(*) Hist. nat. du Gen Humaine. Pariz. 1854. T. 3, pag. 350.

ter levado á exageração os escriptores que deram mais voga ás Amazonas.

Apresenta comtudo um testemunho que elle reputa de algum peso, e dá uma explicação que suppõe satisfactoria. O testemunho é do padre Gili, e a explicação é com pouca e bem pouca differença a mesma de La Condamine.

«Perguntando (escreve o padre Gili) (*) a um indio *quaquá*, que nações habitavam o rio Cuchivero, elle nomeou-me... e os *aikeambenano*. Sabendo bem a lingua tamanaque, comprehendi sem difficuldade o sentido d'esta palavra que é composta, e significa — *mulheres vivendo sós*. O indio confirmou a minha observação, e contou-me que os Aikeambenano era uma reunião de mulheres, que fabricam longas sarabatanas e outros instrumentos de guerra... e que matam de pequena idade os filhos varões.

Quer Humboldt que esta historia se resinta das tradições dos indios do Maranhão e dos Caraybas; mas o mesmo autor accrescenta que o indio de que falla o padre Gili ignorava o castelhano, não tinha estado em contacto com os brancos, e não sabia de certo que ao sul do Orenoco existia um rio que se chama dos Aikeambenano, ou das mulheres que vivem sós.

Humboldt conclue então: as mulheres fatigadas do estado de escravidão, em que eram tidas pelos homens, se reuniram, como negros fugidos, em algum *palenque*, onde o desejo de conservar a sua independencia as tornaria mais guerreiras, — e receberiam depois visitas de algumas tribus vizinhas e amigas, talvez menos methodicamente do que o refere a tradição. Basta que esta sociedade tenha algum vulto em qualquer parte da Guayana para que acontecimentos muito simplices, que se poderão ter repetido em differentes logares tenham sido pintados de uma maneira uniforme e exagerada.

La Condamine trouxera tambem para exemplo da possibilidade de uma Republica de mulheres os mocambos dos pretos; não julgando, ao que parece, que fosse um d'estes factos mais admiravel do que o

(*) Humboldt, ob. cit.

outro. Fogem os pretos é certo, e cousa bem commum; mas as pretas já não fogem na mesma proporção, nem em parte alguma formam quilombos só compostos de mulheres, pois isso lhes obsta a fraqueza, a irresolução da maior parte, o amor materno, e a natural dependencia do sexo.

Si além d'isto se attende a que La Condamine parece suppôr que as suas heroinas subsistem desde Orellana até o seu tempo, isto é,— por espaço de dous seculos e meio, ver-se-ha que nenhuma paridade se póde realmente descobrir entre uma republica de mulheres guerreiras, e um mucambo de pretos fugidos.

Inclinar-me-hei tambem para a opinião de Humboldt de que não devemos rejeitar inteiramente uma tradição tão vulgarisada: é mesmo possivel que ella tenha algum fundamento na historia da anniquilação dos nossos indigenas, mas por outro lado ser-me-ha permittido estabelecer ao mesmo tempo com o autor das Investigações Philosophicas (*) não ser possivel que em tempo algum tenha havido nem no novo mundo, nem em qualquer outra parte, uma verdadeira Republica de mulheres confederadas e unidas por um pacto social, por leis e constituições particulares, que tenham propagado a sua descendencia e o seu imperio durante muitas idades, não admittindo homens em sua companhia senão uma só vez por anno.

E pois que so com as da America nos occupamos, vejamos si poderão ter existido verdadeiras amazonas.

As verdadeiras amazonas deveram ter vivido em uma completa separação do outro sexo. Comtudo Orellana affirma tel-as visto em companhia de homens, a quem ellas dirigiam no combate, impondo-lhes mesmo no campo da batalha a pena dos cobardes. Segundo em antigos historiadores se lê, exemplos ha de povos entre os quaes predominava o sexo feminino. A este proposito Virey (**) appella para o testemunho de Diodoro o Siculo, e da obra que se intitula «Embaixada ao Thibet.» Ainda em tempos posteriores, como nos affirma

(*) Rech. Philosoph. pag. 110.
(**) Ob. cit.

um viajante moderno (Rienzi) (*), as mulheres das Marianas exerciam em tudo e por tudo o commando, excepto na guerra e na manobra de uma canôa. Mas sendo verosimil, como pretende Carli (**), que Diodoro Siculo se tenha deixado illudir, quando refere que as amazonas tinham imperio sobre os homens do seu paiz, parece tambem certo que entre os Mariannezes deu-se o mesmo facto que nos tempos feudaes e cavalleirosos da Europa, em que os homens mostravam extrema deferencia para com as mulheres, sem que d'ahi se possa deduzir que ellas tenham exercido imperio em tempo algum.

Por outro lado não é possivel crer, que os homens de uma nação, se deixassem avassallar e subjugar completamente pelas mulheres, porque seria preciso para isso que fossem todos elles muito poltrões; e todas ellas muito resolutas, e que de um momento para outro se achassem todas com a consciencia de uma superioridade que bem se lhes póde contestar, — emquanto os homens se sentissem aniquilados pela revelação fulminante da sua inferioridade—cousa que os proprios barbaros seriam os primeiros a não admittir.

Nada importa (como diz Virey) (***) que entre povos bellicosos e nas extremidades da guerra as mulheres tomem armas. Ha factos d'estes na historia de todos os povos, e na nossa mesmo que é ainda bem recente mais do que um exemplo glorioso se aponta.

Mas que as mulheres façam no manejo das armas a norma da vida, pretende Pass que é esse um acto contra a natureza, e um facto inadmissivel. Sustenta este autor (e a sua proposição nos parece um axioma) que podem os homens submetter-se ao imperio de uma mulher; mas não á aristocracia olygarchia do sexo feminino. De facto, si conveniencias de alta politica reclamam ás vezes a derogação da lei Salica da humanidade, nunca as mulheres ou por força ou por astucia poderiam chegar a identicos resultados.

Pois, para que essas mulheres se não deixassem subjugar pelos

(*) Oc.—T. 1, p. 395. b. L'Univers.
(**) Litt. Am. T. 2. litt. 25.
(***) Ob. e log. cit.

homens, deveriam viver sos. Mas, admittida a hypothese, comose constituiu essa republica? — Si vieram da Scythia como o indicam os costumes que se lhes attribue, como poderam concluir similhante viagem? Si se organisaram no seio das tribus indigenas, como se combinaram, se evadiram e se encontraram todas nas mesmas disposições descaroaveis de abandonarem, ou, o que ainda menos admissivel seria, de sacrificarem seus filhos e maridos? — Depois de estabelecidas, como se puderam sustentar no meio de tribus bellicosas e aguerridas, e acostumadas a procurar nas tribus vizinhas escravas e mulheres, para se dispensarem do presente que deviam á familia da noiva que tomavam?

Dada a existencia de similhante republica, seria preciso admittir-se a reunião, conveniencia e boa harmonia de alguns milhares ou centenares de mulheres ao mesmo tempo insensatas, homicidas, infanticidas e guerreiras; e o caracter do sexo, como pondera o autor das Investigações Philosophicas (*), não poderia desmentir-se a ponto de commetter regularmente, de commum accôrdo e animo tranquillo, crimes que so raramente se perpetram, e por individuos agitados pela raiva, pelo temor ou desespero.

Admittamos porém que essas mulheres se tinham podido combinar para a fuga, estabelecerem-se, e subsistirem na vizinhança e em combates repetidos com as tribus aguerridas dos vizinhos.

Quaes eram os seus costumes? — Dizem-nos que cortavam um peito para poderem despedir as settas; mas esta asserção é dolorosissima, e mais perigosa ainda do que dolorosa, e sobretudo seria inutil; por isto, os autores regeitam esta circumstancia como inverosimil, e Gomara escreve das mulheres indigenas que ellas atiravam settas perfeitamente bem com ambos os peitos. — Então vieram outros que disseram: não, não cortavam o peito, — cauterisavam-no so, queimavam-no na infancia. — Mas nem a infancia talvez podesse resistir a essa dôr, nem as mães teriam a coragem de impol-a ás filhas por

(*) Tom. 2.° pag. 206.

amor de um systema, e so por fim, não fica por essa fórma explicada a necessidade da operação.

Outros depois emendaram que não cortavam, nem cauterisavam, mas sómente atrophiavam aquelle orgão por meio da pressão. E com que fim? — Para atirarem os seus projectis? mas si as podiam atirar com elle? Hyppocrates melhor pensador apresentava outra razão: as Amazonas o teriam feito para darem mais força e vigor ao braço. Mas observa Virey, ainda que uma educação mais viril, e acompanhada de mais e de maiores exercicios possam ás mulheres augmentar-lhes as forças, é no emtanto incontestavel que neste particular não poderáõ nunca ser equiparados aos homens.

Admittamos tambem que as Amazonas encontrassem homens, que se prestassem a fecunda-las, sendo inimigas encarniçadas, e com a certeza de que seriam dentro em pouco enxotados como os zangãos pelas abelhas. Quantas vezes receberiam homens? — Uma, dizem alguns; mas outros, attendendo á influencia do clima, á sua propria natureza, ao açodamento e festa com que recebiam os almejados hospedes, asseveram que eram quatro as vezes. As mulheres indigenas a quem se confiava a guarda dos prisioneiros, fugiam frequentemente com elles; e eram inimigos aquelles com quem assim fugiam, — o seu sacrificio era occasião de uma festa nacional, — e a sua fuga considerada como uma ignominia para sua familia e para a propria tribu. Ora, si, apezar de todas estas circumstancias, essas mulheres fugiam, como não fugiriam tambem as Amazonas com aquelles que hospedavam em vez de amigos, — ou como pelo menos no fim de tempos e de relações continuadas se não amalgamavam as tribus?

Isto porém será mais concludente. O que faziam estas mulheres dos filhos? — Uns e a maior parte dizem que os matavam. Mas onde ahi fica o coração materno? O infanticidio é um acto que repugna á natureza, e a que poucas mães são levadas por força da necessidade, do medo ou do mais intenso desespero. Não basta dizer-se que as Amazonas não seriam tão mães como as outras. — Não é assim; porque nem só o sentimento do amor materno é de todas as mães, como as Americanas os amavam tão extremosamente como em todos os paizes,

onde reina a polygamia, nos quaes a affeição materna, unica e exclusivamente se concentra em uma so vida. As amazonas eram tambem americanas.

Mas respondem outros: Não os matavam, entregavam-nos aos paes. Seja; mas quando os entregavam? No anno proximo, diz o padre Cunha; mas no anno proximo o filho teria tres mezes apenas. Seria o pae mais amoravel que o viesse buscar; porque era possivel ter entre ellas um filho ignorado? E si o fosse, convém ponderar tambem que o periodo da alimentação entre os selvagens era de tres. Já se vê que nada podia fazer de uma criança de tres mezes, de um anno, de dous ou de mais, um selvagem que vive dos recursos da caça, e sem ter onde fosse buscar amas.

Si a mãe os alimentava e educava durante a infancia, mais inverosimil se torna que não sentisse em favor d'elles o estremecimento de amor e de piedade, que sente a mercenaria a quem se confia um d'estes entes desgraçados orphãos de mãe e de amor.

Mas deixando ainda de parte estas circumstancias, ha outras de maior ponderação.

Entre os indigenas eram escassos os meios de subsistencia; por este motivo não havia grandes focos de população, — e apenas pequenas aldêas de algumas mil almas,—e todavia não se distrahiam homens para a lavoura, que era occupação quasi privativa das mulheres. A republica das amazonas devia ser igualmente muito limitada, e mais escassos os seus meios de subsistencia, por não haver classe alguma incumbida especialmente da agricultura. Ora, da mais populosa aldêa Tupinambá, deduzidas as velhas e as muito jovens, apenas se poderiam extrahir mil mulheres com animo e disposição bastantes para tentarem similhante aventura. Suppondo que estas logo depois de estabelecidas encontrassem Gargaris com os quaes se alliassem, haveria comtudo causas para que fosse espantoso o decrescimo da sua população.

Em primeiro logar, nem todas seriam fecundas, nem todas conceberiam logo: por outro lado demonstra a estatistica que nascem mais homens do que mulheres; — além d'isso, a experiencia confirma a

observação do vulgo de que nos primeiros annos do matrimonio nascem quasi exclusivamente homens: as amazonas variando annualmente de maridos, teriam mais filhos, do que filhas, que unicamente aproveitavam. Depois, concebendo todas ao mesmo tempo, estavam pouco aptas para resistirem á aggressão dos inimigos, que não deixariam de se aproveitar de tão favoravel ensejo. Devendo pois n'estes tempos criticos velar nas armas com mais assiduidade, e occuparem-se da propria subsistencia, esses exercicios violentos deveriam occasionar maior quantidade de abortos.

Si emfim consideramos que a raça americana era e é a menos prolifica de todas,— que as mãis gastavam tres annos com um filho, antes de se poderem occupar com o segundo, concluiremos por ventura que é impossivel que em taes circumstancias subsista uma republica de mulheres.

Ainda mais claramente: de 1,000 mulheres ficariam gravidas 800; e a proporção lhes é excessivamente favoravel: d'estas 800, abortaria a quarta parte, e seria maravilha que não abortassem todas; temos porém 600;— os filhos da maior parte d'estas serão homens, porque nascem mais homens do que mulheres,—temos 350 homens; nascem porém nos primeiros tempos do matrimonio quasi exclusivamente varões,— temos em resultado de mil mulheres quando muito 150 filhas. Occupando-se a mãi com uma so filha por tres annos, porque sendo gemeas, uma d'ellas, como dos filhos, tenha de ser sacrificada,— vemos que a reproducção não podia deixar de ser triennal. Deduzidas as que morressem até a idade de 15 annos, as amazonas que succumbissem de enfermidades, por accidentes ou nos combates,— temos que antes que as primeiras filhas chegassem á idade de poder encurvar um arco, ja deixaria de ter existido similhante republica.

Nem nos podem dizer que sejam por este calculo desfavorecidas as amazonas, si exceptuarmos o postulado de que cada uma d'ellas gastaria tres annos com a alimentação de um filho, e este não nos póde ser negado, porque é a imperiosa necessidade da vida selvagem. Digo que não é o calculo exagerado contra as amazonas, porque é preciso que as circumstancias sejam antes mais do que menos favo-

raveis para que uma população se possa duplicar no espaço de trinta annos, attendidas as naturaes quantidades do sexo e da idade. Ora seria isto o que acontecera quando em qualquer povo de 1,000 mulheres nubeis nascessem 150 filhas que passassem dos 15 annos. Tornemos mais claro o exemplo. Em uma população regularmente constituida, de 5.000,000 de almas,— mais de metade, isto é, mais de 2.500,000 são mulheres; porque supposto nasçam mais filhos do que filhas, como estes na primeira idade morrem em maior numero do que aquellas, chegam á idade pubere mais mulheres do que homens. D'estas 2.500,000 mulheres (calculamos pelo minimo) tirando-se as demasiadamente jovens e as que teriam passado a idade da concepção, podemos calcular que ficariam 1.000,000 de mulheres de idade de 12 a 40 annos. Ora, si 1,000 mulheres produzem 150 filhos, 1.000,000 produzirá 150,000 ou 4.500,000 (perto de 5.000,000 no espaço de 30 annos).

Dever-se-ia ainda duplicar este numero, pois si attendermos a que as amazonas teriam engeitado os filhos varões, dobrariam por esta fórma a sua população em 15 annos.

Si attendermos por fim a que consideramos que quasi toda a população das amazonas era prolifica, sem velhos, nem crianças, nem mulheres que não estivessem em idade de ter filhos, concluiriamos que se póde dar o caso de se dobrar uma população em cerca de tres annos: o que por certo seria mais estupendo que a propria existencia das amazonas. Foi isto o que dissemos: que 1,000 amazonas poderiam ter 500 filhos por anno, ou 1,500 em 3 annos!

Ainda assim dissemos: não poderiam subsistir por muito tempo; porque as guerras, as molestias, as fadigas demasiadamente asperas para o sexo, os abortos provenientes de taes excessos,— o incentivo que teriam os vizinhos para tomarem d'entre ellas escravas e mulheres, todas essas causas concorreriam para diminuir rapidamente similhanté população,— e enfraquecendo-a aggravariam mais a sua condição com tornar mais precaria a sua sorte. Com a total anniquilação de taes insensatas, se vingaria a lei eterna da Providencia que creou os homens para viverem em familia.

Si nos repugna admittir a existencia de verdadeiras amazonas em

qualquer parte do mundo, si depõe em alto gráo contra a sua existencia o facto incontestavel de não terem sido vistas nunca, nem por europeos, nem por indigena algum; porque de nenhum d'elles leio que fosse testemunha ocular, embora pouco digna de fé, ainda que no-lo jurassem; si tudo isto assim é: poderemos mais por deferencia para com a autoridade de Humboldt, do que por consciencia admittir a sufficiencia da razão que este autor allega, de que não devemos regeitar inteiramente uma tradição tão vulgarisada.

E' possivel tambem, ainda que não seja muito provavel, como ja disse, que similhante hypothese tenha algum fundamento na historia da America. Algumas inducções historicas poderiam prestar-se á hypothese de muitas mulheres, que se vissem quasi simultaneamente privadas dos maridos, e ainda em grande parte dos filhos. D'esta fórma se guardaria a tradição explicando-a, e se respeitaria a autoridade de escriptores que, como o padre Gili, parecem possuidos de boa fé.

Disse um indio a este missionario que o rio Cuchivero era habitado pelos indios da nação Aikeambeuano, palavra que na lingua dos tamanaques, quer dizer — mulheres que vivem sós. Estas mulheres eram conhecidas como possuidoras das famosas pedras verdes, que ellas por certo não poderiam ter lavrado. Ora o padre Ives de Evreux (*) que Ferdinand Diniz cita como tendo recebido communicações muito positivas sobre estas mulheres, as reputa descendentes dos tupinambás, e é certo que estes indigenas possuiam grande numero d'estas pedras, e as tinham apezar disso em grande estimação.

Assim como os Botocudos usavam trazer no beiço inferior placas cylindricas de barrigudo, Maximiliano Newied (**) diz-nos que os Tupinambás traziam esse ornato, não de madeira, mas de pedras nephriticas verdes. De accôrdo com esta asserção, Ferdinand Diniz (***), accrescenta que alguns tupinambás, como referem os

(*) L'Univers. Brésil, pag. 390.
(**) T. 2 pag. 108.
(***) Pag. 13. ob. cit.

primeiros exploradores e viajantes que visitaram o Brazil, traziam até quatorze de similhantes pedras em differentes partes do rosto, e Azara o escreve tambem dos habitantes do Paraguay, que eram um ramo da lingua geral.

Lemos na noticia da viagem do capitão Pedro Alvares (*) que alguns dos tupinambás usavam trazer no beiço uma pedra azul ou verde; e em Lery (**) — que os guerreiros, emquanto mancebos usavam um osso branco, e quando homens uma pedra verde; e que outros d'entre elles não se contentando de-os trazer nos labios, furavam as faces e ali as punham igualmente. Lery as qualifica de falsas esmeraldas.

Estas pedras eram tão estimadas que um francez, querendo negociar uma d'ellas com um selvagem, este recusou-se a isso, affirmando que a não daria nem pelo seu navio com todo o carregamento.

As achas eram de um mineral tam similhante que Buffon e outros mineralogistas as confundiram.

Vê-se pois que os tupinambás ou eram os possuidores originarios de similhantes pedras, ou pelo menos eram entre elles de um uso quasi geral.

Sabemos que os tupinambás, ou melhor a raça tupi se espalhava e occupava todo o littoral do Brazil, — e que com a chegada dos europeos, e depois de vencidos por elles, procuraram recolher-se nas margens do amazonas e nas terras do norte, e foi n'esse mesmo periodo que os caraibas das ilhas começaram a devastar o continente.

Não são ignorados os costumes dos caraibas: implacaveis com os prisioneiros, abstinham-se de dar morte ás mulheres as quaes eram reservadas para escravas. Era isso o que já haviam praticado quando invadiram as Antilhas. Contavam os selvagens de S. Domingos que aquellas ilhas eram habitadas por uma nação de aruages, que os caraibas destruiram completamente, com a excepção das mulheres.

Cahiram os tupinambás victimas d'elles, e em seu poder as pedras verdes. Não usando os caraibas d'este ornato, e não o reputando

(*) C. 2.º—(Not. para a Hist. e Geogr. das N. ultr.—T. 3.º)

(**) Pag. 98.

dotados das propriedades maravilhosas, que depois lhes attribuiram os europeos, tomaram-nas como moeda para servirem de meio circulante nas suas transacções reciprocas ou com os colonos. Datará desde então, e não desde muitos seculos como pretende Humboldt, serem ellas objecto de commercio entre os indios ao norte e ao sul do Orenoco. Diz-nos o mesmo autor que foram os caraibas os que fizeram taes pedras conhecidas nas costas da Guyana,—e assevera-nos que corriam como dinheiro, e se vendiam por altos preços, mesmo entre os colonos hespanhóes.

Vencidos e anniquilados os tupinambás, o que seria das suas mulheres? Conduzidas pelo resto dos guerreiros da tribu, a maior parte dos quaes seriam provavelmente velhos e crianças retrocederiam na sua emigração; e como os velhos e crianças succumbirfam mais facilmente aos incommodos e fadigas da jornada, chegariam de volta ao Amazonas, quasi sem homens, d'onde, na linguagem figurada dos indios, lhe poderá ter vindo a designação — de Aikeambenano, ou de mulheres que viviam sem homens.

Os caraibas porém eram inimigos terriveis, que pela maior parte das vezes não deixariam escapar as mulheres dos vencidos. N'este caso, o que fariam ellas? Si algumas de sua propria nação preferiram fugir a tão deshumanos senhores para se reunirem aos quilombolas da ilha de S. Vicente; não será fóra de probabilidade suppormos que outras, resentidas da morte dos maridos, filhos e parentes, se conloiassem em maior numero, procurando as tribus alliadas e amigas ao travéz das quaes teriam passado na sua emigração para o norte.

Achar-se-hiam possuidoras de taes pedras por tirarem-nas do rosto aos que morressem no combate, a que era costume seu assistirem, —ou dos velhos que se esmeravam em trazel-as em grande numero, e que succumbissem durante a jornada. Nem é muito de crer que se descuidassem d'isso, sendo taes objectos de tanta estimação.

Por outro lado, ou roubando na sua fuga armas com que se defendessem, ou herdando-as — armas que lhes seriam de pouco prestimo

(*) T. 8 p. 19.

apenas se alliassem a outras tribus,— póde d'aqui originar-se a tradição—das mulheres fabricantes de excellentes armas, e de possuidoras das famosas pedras verdes.

Repito que não passa isto de uma hypothese que eu já me contento que seja a explicação plausivel de uma tradição existente. Mas si se trata de verdadeiras amazonas, concluo que nem na Europa, nem na America existiram; e que ainda dada como provavel ou sómente como possivel a sua existencia, não encontro nem nos antigos escriptores, nem nos modernos viajantes razoavel fundamento para me decidir pela affirmativa.

NOTAS.

Lê-se na obra «El Marañon y Amazonas»—do padre Manoel Rodriguez.—1648. Madrid. L. 1 cap. 3.°— «.... hallando ya algunos moradores en las riberas del rio con quines tuvo algunas refriegas, y se mostraron muy feroces; y en algunas partes salian las mesmas mugeres a pelear con ellos. Por lo qual y por engrandecer Orellana su jornada, dixeo que aquella era tierra de Amazonas, y en la conquista que pedio a S. M. la llama assi:»

Garcilazo diz quasi pelas mesmas palavras: «F. Orellana tuvo por el rio abajo algunas refriegas, con los indios, moradores de aquella ribera, que se mostraron mui fieros, donde en algunas partes salieron las mugeres á pelear, juntamente con sus maridos. Por lo qual, por engradecer Orellana su jornada, dijo que era tierra de Amaçonas: y assi pedio a S. M. la conquista de ellas.» *Historia General del Peru.* Madrid, 1722. Liv. 3.° Part. 2.ª cap 4.°

ENSAIO SOBRE OS JESUITAS.

> Il Gesuitismo, istituzione umana, nata col tempo, e destinata a perir col tempo assai più presto di altri dello stesso genere, perchè fiorita breve spazio, a poco andare declinò, scadde, precipitò, si spense, risorse, ma senza migliorare, anzi con notabile peggioramento, e con segni de più attempata vecchiezza.
>
> (*Il Gesuita Moderno* per V. Gioberti, cap. 1.°)

Desde a idade de vinte annos, em que começamos nossas lides jornalisticas, o objecto que mais nos interessou foi a solução do grande problema—si os jesuitas tinham sido uteis, ou prejudiciaes ao mundo em geral e em particular ao Brazil—. Nos archivos das nossas gloriosas tradições encontravamos constantemente o nome d'esses regulares, seus trabalhos apostolicos, sua lucta com os primeiros colonos ácerca da liberdade dos indigenas, viamos seu zelo pela diffusão das luzes multiplicando seus collegios, despertando o gosto pela litteratura sagrada e profana; e cheio d'enthusiasmo por esses benemeritos varões inscrevemos nosso obscuro nome no catalogo dos apologistas da companhia de Jesus. Quizemos depois profundar nossas investigações, quizemos estudar sua marcha através dos paramos da historia, compulsamos seus annaes, e vimos com admiração que os discipulos de Loyola tinham por toda a parte deixado um sulco luminoso: e cada vez nos apaixonavamos mais por essa celebre instituição, que no dizer do visconde de Bonald, é a mais perfeita que tenha sahido de mãos humanas. Tomamos então sua defesa, arrostamos a impopularidade que d'ahi nos provinha, folgavamos até certo ponto que nos averbassem de — *Jesuita* —, porque para nós essa palavra era o compendio do padre virtuoso e dedicado á causa da Igreja. Protestamos pela imprensa contra tudo o que nos parecia ser-lhes contrario;

reputavamos uma clamorosa injustiça, um delicto d'ingratidão tudo o que em seu desfavor se podesse dizer. Nossos epinicios foram acolhidos com frieza pelo publico, e até pelos homens sensatos e d'uma ortho loxia superior a menor suspeita: alguns aconselhavam-nos que estudassemos tambem os livros dos adversarios, que contemplassemos a medalha pelo seu reverso, e que pondo de parte o espirito de systema, interrogassemos com imparcialidade o passado. Causaram-nos taes palavras a devida impressão, a nós, que, posto que joven, não cerramos os ouvidos ás lições da experiencia, e que per habito e educação, respeitamos os conselhos dos anciões. Haviamos encetado o penoso trabalho da decomposição das nossas ideias, quando um feliz ensejo se nos apresentou de melhor conhecermos o terreno, sobre o qual deveramos assentar a base das nossas operações: realisavam-se nossos mais deirados sonhos; partiamos para a Europa. Pequena foi nossa demora na capital do orbe catholico, porém marca ella a mais bella épocha da nossa vida, colhemos da boca dos sabios oraculos que estes jamais confiam aos livros, avaliamos por nós mesmo o quanto dista a practica da theoria: tudo desejamos ver, tudo perguntavamos, e talvez que d'essa nossa disposição d'espirito resultassem algumas vantagens para o esclarecimento da importante questão, qu'ora nos occupa. Não se collija porém d'estas nossas palavras, que renegamos inteiramente nossos antigos principios, que passamos para o campo inimigo com armas e bagagens: apenas modificamos as nossas ideias, e desde já pedimos venia para expor com rude franqueza os motivos, que a isso nos levaram, implorando indulgencia pela audacia com que entramos em tão ardua tarefa, e correcção pelos infinitos erros, de que deve abundar este nosso trabalho. Para mór facilidade dividi-lo-hemos em duas partes; na primeira trataremos dos jesuitas em geral, e na segunda dos do Brazil, rogando ainda uma vez que seja esta nossa tosca producção considerada como um ligeiro ensaio, como estreia escripta unicamente com o fito de supplicar uma cadeira no recinto dos nossos sabios para de mais perto ouvir suas doutas prelecções.

I.

A idade media acaba de mergulhar-se n'occaso da historia: começam os tempos modernos marcados por gigantescos e providenciaes acontecimentos. Guttemberg inventa os caracteres moveis da imprensa; Vasco da Gama dobra o Cabo da Boa Esperança abrindo novo caminho para as Indias, Magalhães faz o gyro do mundo, e Christovam Colombo descobre immensas regiões, ás quaes outro devera dar seu nome. O Baixo Imperio succumbe sob o alfange de Mahomet II e os sabios gregos escapando ás ruinas do seu bello paiz vem buscar na Italia, irman da Grecia pelo clima, costumes, e até pelas suas revoluções, um asylo, em que possam respirar a aura sagrada da liberdade. Abrem-lhes os Medicis as portas de Florença, offerecendo-lhes magnifica hospitalidade; e emquanto nos reinos do norte da Europa os Huniades detem os progressos do Mahometismo, os cavalleiros de Rhodes, commandados pelo seu gran mestre d'Aubusson, se dedicam pela christandade. O mundo entra em nova phase: a hegira da civilisação.

De tempos em tempos alguns innovadores escapando-se das solidões do claustro, ou das sombras do sanctuario soltavam o brado da rebellião contra a authoridade da Igreja, sahira a Sancta Sé sempre victoriosa d'estes combates: o campo da batalha porém mudara com o decimo sexto seculo: o choque das ideias e das intelligencias lançava novo desusado esplendor por toda a Europa. A Igreja anathematisando a Wicleff e a João Huss, fazia-os perecer pela mão do algoz, mas o germen das heresias fora confiadado a um terreno fecundo pelos grandes abusos que então se praticavam em nome da Religião, e contra os quaes clamavam os mais illustres sanctos. « A reforma do « 16.° seculo, diz o senhor *Carlos de Remusat* no seu excellente « artigo sobre a *Reforma e o Protestantismo* inserto na *Revista* « dos *Dous Mundos* de 15 de Junho do corrente anno, é um acon- « tecimento europeu; manifestou-se como que ao mesmo tempo nos « principaes paizes da Europa. Em menos de dez annos tinha inva-

« dido a Allemanha, a Suissa, a França e a Inglaterra. Sua appari-
« ção quasi que simultanea e seu prompto desenvolvimento sobre
« pontos tão diversos provam que provinha d'uma causa geral, e por
« toda a parte mostrou-se com caracteres communs, que attestam a
« existencia de certa unidade. »

A espada cedera o lugar á penna: não necessitava de guerreiros o Catholicismo e sim de doutores. Tinham desapparecido as ordens militares, á similhança do obreiro que se retira quando termina o seu trabalho. As ordens monasticas e mendicantes, vivendo pela natureza dos seus institutos entre o altar e o claustro, ignoravam os negocios do mundo, do qual se haviam segregado por solemne profissão, não estavam portanto em estado d'entrar n'arena para combater com athletas, que recusavam suas armas espirituaes, e chamavam os campeões da Igreja para o campo das sciencias e da litteratura profana. Appareceram esses novos lidadores no momento preciso; a erudição mostrou-se em defeza do dogma, e o mundo teve ainda uma prova de que á Esposa de Jesus Christo nunca faltará o celeste auxilio. A obra humana, o mais solidamente edificada, que imaginar se possa, teria sido derribada pelo violento vendaval, que açoitou o baixel de Pedro no 16.° seculo: mas a obra divina sahiu pulchra e radiante d'esta nova provação. Eram necessarios homens dedicados aos interesses catholicos, cuja unica occupação fosse o estudar os erros do seculo, e profliga-los com a sua mesma linguagem; n'um tempo d'independencia e de livre exame havia-se mister d'homens que fizessem abnegação da vontade, consagrando e praticando o difficil principio da obediencia absoluta: e a companhia de Jesus foi fundada por S. Ignacio de Loyola.

Quem diria . que estava reservada ao valente cavalleiro, que depois de ter obrado prodigios de valor, era gravemente ferido no cerco de Pamplona, a gloria d'inscrever seu nome ao lado dos Domingos e dos Franciscos? Quando D. Ignacio de Loyola transportado ao castello paterno pedia para distrahir-se um livro, esperava certamente que lhe trouxessem os *Amadis das Gallias*, ou qualquer outra historia romanesca d'essa épocha tão bem caracterisada pelo immor-

tal Cervantes; mas por uma disposição particular da providencia não foi possivel encontrar similhantes livros em todo um castello feudal, trazendo-se-lhe em seu lugar a *Vida de Jesus Christo*, e o *Flos Sanctorum*. Tal leitura produzio profunda impressão no animo bellicoso do nobre byscainho, que em vez de querer combater mouros, dedicou-se exclusivamente á grande obra da conversão dos infieis.

Todos sabem como o illustre cavalleiro de Jesus e de Maria fez a vigilia das armas no mosteiro de Monserrate, e como no dia seguinte suspendendo a sua espada n'um dos pilares do templo partiu para a gruta de Manresa, onde devera ser visitado por extasis e visões divinas, e onde devera escrever esses *exercicios espirituaes*, que tem sido tão diversamente interpretados.

Abrasado pelo desejo de mudar a face do mundo conheceu Ignacio que havia mister da sciencia profana, e ei-lo na idade de trinta e tres annos sentado n'um banco escolar entre meninos aprendendo os primeiros rudimentos da lingua latina. Admiravel exemplo d'humildade dado por um *hidalgo* educado nos principios e preconceitos da idade media! As universidades de Salamanca e a de Paris o viram successivamente no numero dos seus alumnos; mas era nesta ultima onde devera estabelecer a sua propaganda, chamando para seus cooperadores alguns dos seus mais distinctos condiscipulos.

No dia 15 d'Agosto do anno da graça 1534, n'uma capella subterranea da famosa igreja de Montmartre, e no mesmo sitio, onde uma pia tradição assevera que fora decapitado S. Dionysio, seis mancebos capitaneados por Ignacio prestavam nas mãos de Lefevre, o unico sacerdote d'entre elles, o juramento de viverem sempre unidos, proferiram os votos solemnes de pobreza, castidade e obediencia, e lançavam d'est'arte a primeira pedra d'esse edificio, que devera em breve causar a admiração do mundo.

Não acompanharemos a Loyola e aos seus companheiros em sua vida peregrina; pregando de dia nas igrejas e passando as noites nos hospitaes junto á cabeceira dos enfermos, omittiremos a sua estada em Veneza, onde a sua presença tão grande alarme causou aos protestan-

tes, para ve-los chegar a Roma; lançarem-se aos pés de Paulo III implorando do Summo Pontifice, a approvação da sua regra.

O livro das *Constituições* e *Declarações* da companhia de Jesus escripto todo por S. Ignacio em lingua hespanhola é um codigo perfeito, concebido com grande engenho e executado com pasmosa sabedoria, e que conquistaram para o seu auctor o titulo de *Lycurgo-christão.* Seja-nos porém licito dizer que apezar de ser obra d'um sancto não é isenta d'imperfeições; devidas umas ao caracter do legislador, que transportava o espirito guerreiro dos seus verdes annos ainda para os misteres mais pacificos, de que temos a prova até na denominação da sua Ordem, e outras originadas pelo ardente anhelo de tocar a perfectibilidade, tão opposta á fraqueza da essencia humana.

Revela o livro das *Constituições* profundo conhecimento do coração humano, e notavel arte de governar; mas considerado em seu todo é uma especie de republica de Platão, systema impossivel de praticar-se. Seria preciso mudar inteiramente a natureza do homem, despoja-lo das suas paixões para que então pudesse attingir ao seu tão suspirado fim, qual o de generalisar por toda uma numerosa congregação virtudes heroicas, que Deos concede a algumas almas escolhidas.

Assignalaremos apenas dous pontos sobre os quaes versa toda a economia da sociedade, a autoridade do geral, e as provas, a que são submettidos os candidatos.

O poder absoluto conferido ao geral presuppõe nelle grande virtude, e não vulgar sabedoria. E' a cabeça que pensa em toda a companhia, cujos membros são machinas postas á sua disposição. O unico correctivo a tão desmarcada autoridade é a instituição de quatro *assistentes*, que em casos rarissimos, como no de publicos e escandalosos peccados, no da dissipação dos bens da ordem, tem o direito de suspendê-lo convocando immediatamente a congregação geral, que deve tomar conhecimento d'accusação e punir o culpado. « Si a companhia, diz *Gioberti*, fosse sempre capitaneada « por um homem dotado d'altissimo engenho, a autoridade de geral « optimo instrumento para operarem-se maravilhosas cousas, pois

« que a sua mente poderia conceber grandes emprezas, seu animo « executa-las, fornecendo-lhe o seu infinito poder os recursos ne- « cessarios para leva-las a effeito. » Si se juntasse a esse engenho eminente não menos singular virtude (como em Ignacio) nenhum inconveniente havia em depositar nas mãos d'um homem os futuros destinos da corporação. Mas si por ventura o chefe da ordem abrigasse em seu peito alguns d'esses vicios tão frequentes nas regiões do poder, como a ambição, a vaidade, o funesto orgulho de querer sempre fazer triumphar o seu alvedrio, ou quando virtuosissimo possuisse um espirito apoucado, incapaz de conceber e executar grandes cousas, que uso poderá fazer da autoridade discricionaria que lhe conferem as *constituições?* Si o geral for dotado de habilidade e vigor como um Laynez, um Aquaviva, um Gruber supprirá pela intelligencia o que lhe faltar em santidade, e a aristocracia da ordem debalde se opporá á sua vontade, postoque intimamente convencida, que ella se oppõe ao espirito do seu instituto, e ás piedosas vistas do seu fundador; mas si for debil como um Vitelleschi, ou um Ricci, seu poder se reduzirá a zero, e em vez de ser a ordem uma monarchia se converterá oligarchia.

Cremos que tambem não foi bem consultada a natureza humana na instituição do noviciado jesuitico: abrange elle tres annos, posto que rigorosamente fallando não seja menos de dezoito annos o tempo de prova para ser definitivamente addicto á companhia, segundo o testemunho dos historiadores da ordem como Bartoli. Citemos suas mesmas palavras: « Primeramente ella (la compagnia) ha tre anni « de strettessimo noviziato, due al principio quando s'entra, ed « uno finiti gli stredj. 2.° Oltre a ciò, ha intorno a dicioto anni di « prova, nei quali si vive sotto continue osservazioni e censure de « varj superiori, e fannosi di molti esami sopra il vivere d'og- « nuno: e intanto dove altri non viriesca di tanto spirito e virtú, « quanto è di dovere che abbia de'essere unito con la religione, si « per rimetterlo altri mèzzi non vagliano, ella se ne libera e « lo rimanda al secolo. Perciò a tanto si differesce l'incorporare « nell'Ordine con la professione, o il repone in altro grado piú

« basso, secondo talenti e 'l merito de ciascuno. 3.° E questa an-
« cora è una delle osservanze proprie nostre: lo stare in via, in
« prova, ove alcun demerito il rechieggia, e intanto disposto a
« ricever dipoi quel grado alto o basso, dove secondo le costitu-
« zioni, pare al proposito generale di riporne, perchè immutabil-
« mente vi stia tutto il rimanente della vita.» (*Vita de Sant'Ignazio tom. 3. cap.* 13.)

Durante esse tão longo periodo o homem transforma-se inteiramente: perde a indole que de Deos recebêra para metamorphosear-se em jesuita. Cumpre examinar si ganha ou perde o noviço com uma tão completa mudança da natureza. As puras e santas intenções do illustre fundador eram certamente corrigir os defeitos inherentes á natureza humana, levando seus discipulos á perfeição da vida espiritual; mas os meios, que para tal fim empregou não são, no nosso humilde entender, os mais proprios, ou por outra, não são isemptos de graves inconvenientes, que talvez neutralisam, senão nullificam os bens que d'elles poderiam provir. Vejamos si podemos demonstrar a nossa proposição.

As duas bases sobre as quaes se assenta o noviciado jesuitico são, a obediencia passiva aos superiores, e o mysticismo absoluto, que exclue todo o estado e occupação litteraria, concentrando as faculdades d'alma nas continuas meditações e praticas devotas. Ora, por pouco exageradas que sejam estas duas tendencias violentam ellas a natureza humana: porque a obediencia illimitada destroe necessariamente a razão e o livre arbitrio, e transforma as pessoas em cousas; e o desmarcado mysticismo extinguindo nos jovens corações as mais nobres e doces affeições, que o céo lhes infunde, como sejam o amor dos pais, dos amigos e da patria, anniquila as faculdades activas, e põe a vida terrestre em contradicção violenta e necessaria com a que se dedica. Essa violação da natureza é ainda contraria ao Evangelho, que tende a aperfeiçoar e santificar as legitimas e puras affeições, levantando o edificio da companhia sobre um terreno esterilisado pela absoluta ausencia de tão nobres sentimentos. Assim, o noviciado

dos Jesuitas, apoia-se na cega abnegação da propria vontade reunida a um ideial mysticismo, annullando a personalidade humana, torna o homem mais apto ao predominio da phantasia, e segregando-o do mundo sensivel dispõe seu animo a uma inteira e asiatica servidão.

Resumindo o que acabamos de dizer das *Constituições* de Loyola poderemos assignar como causa immediata da decadencia e degeneração do instituto a duas razões principaes : o excessivo poder confiado ao geral, e a absoluta obediencia e mysticismo dos neophytos, ambas originadas pelo erro d'um homem extraordinario, e d'um grande sancto; mas que não sabe calcular até que ponto poderiam chegar as da humanidade.

Consagrando seu tempo precioso á difficil tarefa d'organisar uma ordem, que devera exceder a todas as outras, Ignacio, que sabia, que a vida do homem é uma serie não interrompida de combates, descia do seu Sinai, para occupar-se com as cousas as mais pequenas n'apparencia, resolvendo as difficuldades, pondo freio a todas as paixões. Comprehendeu esse grande genio que era necessario enviar seus padres para o campo da batalha, que então se pelejava em quasi todos os reinos da Europa. O espirito da época, as idéas novas chamavam a igreja a terreiro, e esta não devera responder unicamente com excommunhões ao cartel que lhe lançava a heresia. Roma fazia um appello a todos os theologos catholicos confiando-lhes a defeza do dogma: e os Jesuitas se apresentaram nessa honrosa arena, que acabava de abrir-se.

Poucos, oh! bem poucos eram elles: mas d'esses poucos deveram sahir os mais valentes campeões da igreja romana. « A « Italia, como muito bem se exprime o senhor Critineau Joly, « palpitava então debaixo do cutello do algoz: contava seus mar- « tyres por milhares; a ruina sentava-se á porta das suas cabanas: « aqui se proscrevia, ali confiscava-se, por toda a parte degol- « lava-se. » Eram precisos missionarios dedicados, homens d'abnegação e de fé, que fossem consolar os filhos da verde Erim, que lhes fizessem ver que a igreja, sua extremosa mãi não os

abandonava nas criticas e difficeis conjuncturas, em que se achavam, e Paulo III envia-lhes Pasquier e Salmeron, discipulos de Ignacio, na qualidade legados-apostolicos.

Este cargo outr'ora tão cobiçado era então evitado: fugia-se d'elle, como do quasi inevitavel martyrio: em toda a parte lavrava o fogo da guerra religiosa: ouvia-se em todos os lugares dominados pelo protestantismo o grito funesto *de morte aos Padres.* Tinham de passar pelas fronteiras da França, onde só resoava o tinido das armas; deveram visitar a Escossia, onde Jacques V reinava, debaixo das inspirações de seu tio Henrique VIII o implacavel inimigo do nome catholico, do qual já fôra defensor; mas protegidos por Aquelle, a quem votavam a sua existencia, chegaram felizmente á Irlanda, onde contribuiram poderosamente para arraigar no coração d'esse povo essa fé ardente, que ainda hoje faz a admiração do universo.

Os padres da companhia se dispersavam por todas as cidades, como sentinellas avançadas do catholicismo; uns como Lefevre e Laynez partem para Veneza, este vasto emporio do commercio do Levante, onde todas as seitas entretinham emissarios e procuravam fazer proselytos: outros como Rodrigues e Xavier tomam o caminho de Portugal para onde os chama o zelo piedoso do grande rei D. João III, emquanto Bobadilla, Lejay e Cannisius combatem o erro nas dietas de Worms, Spira e Ratisbonna, e dètem Mayença, e Colonia prestes a despenharem-se no abysmo da heresia.

Os acontecimentos se precipitavam e ia ter lugar o maior facto da historia ecclesiastica moderna; o concilio geral tão desejado para a reforma dos abusos, que se tinham introduzido na disciplina da igreja, e para o qual haviam appellado os discipulos de Luthero das decisões do soberano pontifice, abriu-se solemnemente no dia 13 de Dezembro de 1545 na cathedral de Trento. Era esta a grande liça, em que os mais extremados paladinos deveram brandir suas lanças, uns em favor da verdade revelada e do ensino doutrinario da igreja, e outros em pról dos foros da razão, aceitando a biblia e o evangelho sem commentarios. Grandioso era o espectaculo;

nunca houvera uma assembléa tão respeitavel, nem mesmo a de Nicéa, congregada depois da paz geral dada por Constantino pelo seu celebre edicto de Milão. Os protestantes deputavam seus grandes homens, aquelles que accusando o catholicismo de ter adulterado a doutrina do Divino Mestre deveram demonstrar a sua proposição dando d'est'arte a causal do seu schisma. Corria aos catholicos o dever de defender a sua crença, e provar que a igreja depositaria da fé não tinha se afastado jámais do espirito do evangelho. Os embaixadores dos principes e povos christãos assistiam a esse torneio theologico. A' companhia de Jesus ainda envolta nas faxas infantis coube uma grande gloria, feliz agouro da sua proxima futura grandeza. Laynez e Salmeron foram os theologos da S. Sé nesse famoso concilio ecumenico.

« Quiconque, diz *l'Abbé De Pradt*, dans une haute carrière, « parvient à inscrire son nom sur le monde, à le rendre inséparable du sien et de la mémoire des hommes, est grand, car il « participe à la grandeur même du monde, avec lequel il reste « identifié. Qui pourrait, sous ces rapports, denier à Saint Ignace, et à son institution le titre de grand? Quelle comparaison y « a-t-il entre lui et les autres fondateurs des institutions monastiques? Ceux-ci ne furent que des hommes de réligion, et leurs « institutions n'ont eu que ce caractère. Ignace fut un grand « conquérant, il eut le genie des conquêtes, il y fit servir tout ce « que constitue le pouvoir, il en fit l'esprit permanent et indélebile de « son institution, elle n'a pas devié de cette ligne, tant celle-ci « était habilement et fortement tracée: les autres fondateurs furent « des moines, et leurs institutions des machines purement monacales. Ignace fut un grand politique, faisant servir la réligion « à la politique, et son institution fut, si l'on peut parler ainsi, « un homme d'état religieux. » (*Du Jesuitisme ancien et moderne*, cap. XIV.)

Cremos que o illustre escriptor, cujas palavras acabamos de textualmente citar, rendendo a devida homenagem á alta capacidade, diremos mesmo ao genio transcendente de Ignacio de Loyola, não

foi bastante justo para com a sua memoria quando o qualifica de homem politico, legando aos seus successores a chave do enigma, d'onde dapenderia a influencia secreta do instituto. O primeiro geral dos jesuitas não nutria em seu peito essas vistas ambiciosas, essa sede de mando d'illegal preponderancia, que deslustraram a companhia em épocas posteriores. A sua politica (si a tinha) era a mesma que professaram os apostolos, politica civilisadora, que a nada menos tendia do que purificar a terra polluta por tantos vicios e crimes. Enviando seus discipulos, como vimos, ao theatro dos maiores acontecimentos, ao centro em que se debatiam catholicos e protestantes, queria impedir que mãos ousadas e temerarias não lacerassem a toga inconsutil de Christo, e de nenhum modo influir nos gabinetes dos principes.

Os jesuitas estavam nessa época á frente da grande reacção catholica: eram os mais valentes soldados da igreja. Vemo-los luctando braço a braço com o protestantismo: mas ainda não se achava completa a sua ambição de gloria e de martyrio; necessitavam de mais vasta arena. Grande parte da Europa se destacára da communhão romana: a Allemanha, a religiosa Allemanha, se declarára em completa rebellião seguindo as doutrinas d'um monge apostata; a Inglaterra, a ilha dos Santos, arvorava o pendão d'um novo culto, de que era fundador um rei notavel pelos seus satanicos caprichos; todo o norte seguia o exemplo da reforma e a propria França, a filha primogenita da igreja, estava ameaçada d'essa terrivel guerra civil, entre os catholicos e huguenotes, que devera terminar pela exaltação ao solio de S. Luiz do illustre *bearnez, ex calvinista.* Nesse seculo, em que tão grandes perdas experimentava o nosso culto, permittiu Deos que immensas regiões fossem abertas á propagação do catholicismo exactamente pelas duas nações as mais orthodoxas do mundo. Vasco da Gama e Colombo offereciam nas Indias e na America um campo digno d'ensaiarem as suas forças os novos apostolos do catholicismo.

D. João III, rei de Portugal, pedia á Roma missionarios dedicados para evangelisar esses reinos, que a fortuna tinha submettido

ás suas armas, e o papa ordenava a Ignacio, que satisfizesse ao piedoso desejo do monarcha lusitano enviando-lhe alguns dos seus discipulos. A companhia achava-se então no berço, apenas existiam seis professos; mas d'estes partem dous (Azevedo e Xavier) para Lisboa, onde devera ficar o primeiro, estando reservado ao segundo o glorioso titulo de *Apostolo das Indias*.

Esses bellos paizes banhados pelo Ganges e pelo Indo, cuja historia nos parece eternamente occulta por um denso vêo d'allegorias, objecto constante da cobiça de todos os conquistadores do mundo desde Baccho e Sesostris até Napoleão, subjugados pelo grande Affonso d'Albuquerque, viam então tremular sobre os muros das suas cidades o pavilhão das lusas quinas.

Alexandre das missões, Francisco Xavier conquista pelo unico ascendente de sua palavra ardente mais corações para a nossa fé do que reinos e provincias submettiam ao rei fidelissimo os herdeiros do Gama. As bombardas podiam abater as muralhas inexpugnaveis, onde se asylavam os filhos Brahma, mas o odio contra os invasores, contra aquelles, que de longes climas vomitára o mar sobre as margens do rio sagrado, esse ficára gravado em todos os peitos espreitando a occasião opportuna para fazer a sua terrivel explosão. A humanidade obedece aos seus verdugos mas só ama aos seus bemfeitores. Em Moçambique, que pela insalubridade do seu clima, fôra chamado o tumulo dos portuguezes, improvisou-se Xavier em medico do corpo assim como era das almas, o aos seus desvelos se deveram a conservação de preciosas vidas. Cathechisa em Gôa, capital do estado da India, antes aos catholicos portuguezes, que andavam transviados pelo excessivo amor do ouro e dos prazeres, do que aos idolatras, cuja docilidade em ouvir as sanctas praticas enchia de jubilo ao piedoso varão. O cabo Camorim e a costa da Pescaria soffrem successivamente o influxo da sua palavra; ganha almas para o céo, e estende as fronteiras da civilisação. Evangelisa a ilha d'Amboise, as Molucas, Meliapor e vai a Malaca, onde com o favor d'um clima delicioso, debaixo d'um céo de saphiras, a voluptuosidade se infiltra pelos póros dos seus habi-

tantes, que entregues ao sensualismo parecem pouco dispostos a ouvir as lições da severa moral, que lhes vem pregar o jesuita. Sua voz harmoniosa, seu espirito jucundo, ajudam-no poderosamente a converter esse povo, que tinha deificado o prazer. Poude alfim chama-los ao cumprimento dos deveres de christãos mostrando-lhes a estatua da virtude engrinaldada de flôres mysticas cujo odor era certamente mais agradavel do que o dos lyrios e madres-sylvas, que cresciam em seus poeticos jardins.

O Japão, esse mundo d'ilhas e montanhas, nos confins d'Asia e defronte da China, desafia o desejo do excelso missionario, que aspira á honra de chamar os seus habitantes á verdadeira crença arrancando-os da idolatria ou do atheismo. Não ha perigos, nem privações, a que de bom grado não se exponha para realisar o seu santo proposito. Os *bonzos* debalde revoltam-se contra a sua doutrina, que mais prejudicava os seus mais vitaes interesses, Xavier triumpha da sua tenaz e systematica opposição operando numerosas conversões na propria cidade de Meaco, residencia habitual do *Dayri*. Suas vistas se voltaram então para China, vastissimo imperio de que se contavam tantas maravilhas, e que se gloriava d'uma civilisação de muitos seculos anterior á nossa. Queria ouvir os *mandarins letrados* defenderem o dogma e a moral de Confuccio, e convencer a esses presumidos doutores que a unica doutrina verdadeira é a de Christo; mas o céo tinha pressa de possuir no numero dos seus habitadores o grande *bonzo da Europa*, como lhe chamavam os Japonezes. Semelhante a Moysés, a quem não foi permittido entrar na *terra da promissão*, e que findou a sua gloriosa carreira avistando as aguas do Jordão, que como uma serpente de prata sulca a Palestina, assim tambem o grande apostolo entregou a sua alma a Deos em Sancian, agreste e inculta terra na extremidade da peninsula de Macáo, e em face do celeste imperio. A voz da gratidão dos povos attestou suas virtudes, seus heroicos serviços, e alguns protestantes como Baldeus (1) e Ricardo

(1) Hist. des Indes.

Haklvit (1) pondo de parte os preconceitos, que nutrem contra o nosso culto, inscreveram seus valiosos testemunhos em pról da verdade e da justiça, e renderam homenagem á memoria de Francisco Xavier, a quem a igreja conta no numero dos seus santos.

O espirito do grande apostolo dirigia ainda seus emulos e discipulos: e o que não lhe fôra dado conseguia Melchior Nunes penetrando nessa China quasi fabulosa. A Africa rivalisava com a Asia: a Ethiopia, a Abyssinia, o Egypto, Angola e Congo eram successivamente christianisados pelos heroicos filhos de Loyola: seu sangue regava a frondosa arvore da fé, e sua palavra como a lava do Vesuvio, calcinava os erros da idolatria. A terra parecendo faltar para as conquistas pacificas dos jesuitas; o mundo de Colombo offereceu ampla seara aos operarios do evangelho; e até o nosso Brazil, que o acaso ou antes a Providencia revelára a Cabral recebia os companheiros de Nobrega nove annos apenas depois da solemne fundação da companhia.

Maravilhado d'uma tão pasmosa conversão do mundo, que recordava os trabalhos dos primeiros propagadores do nosso culto, vendo a obra d'esses padres, que animados de sacro enthusiasmo, e como que cegamente obedecendo a uma impulsão divina, o sabio arcebispo de Cambraia, o grande Fénélon, no seu celebre sermão da Epiphania, pronunciado na igreja das Missões estrangeiras, rendia aos Jesuitas esta tão importante quão imparcial homenagem.

« Alexandre, esse rapido conquistador, que pinta Daniel como « não tocando a terra com os seus pés, elle, que tão cioso mostrou- « se de subjugar o mundo, parou muito áquem de vós, porque a « caridade vai mais longe do que o orgulho. Nem as areias abrasa- « doras, nem os desertos, nem as montanhas, nem a distancia dos « lugares, nem as syrtes do oceano, nem a intemperie das estações, « nem as frotas inimigas, nem as costas barbaras poderam deter os « enviados de Deus. Quem são os que voam como as nuvens? Povos, « levai-os sobre as vossas azas. O Oriente, o Meio dia, as ignotas

(1) Récueil de Voyages.

« ilhas vejam em silencio os que de longe vem. Quanto são bellos « os pés d'esses homens, que vem do alto das montanhas trazer a « paz, annunciar os bens eternos, prégar a salvação e dizer: Oh! « Sion! teu Deus reinava sobre ti! Ei-los, estes novos conquistado- « res, que vem sem armas excepto a cruz do Salvador. Vem, não « para despojar os vencidos derramando ondas de sangue, mas para « offerecer o seu proprio, e communicar os celestes thesouros. » (1)

A organisação da companhia era de tão notavel machinismo, que tudo dependia do chefe: do centro partiam todos os raios para a peripheria. Quando o geral da ordem era animado de santas e louvaveis intenções, quando não aspirava senão augmentar o numero dos soldados da cruz, empregando para isso os meios suasorios e não violentos; n'uma palavra, quando os geraes se chamavam Ignacios, Laynéz, Franciscos de Borgia, marchava o instituto maravilhosamente bem; era guiado por pios varões, a quem politica era inteiramente estranha: e o echo das suas palavras, reboava nos confins do globo, e o perfume das suas virtudes embalsamava a atmosphera do claustro.

A idade d'oiro dos Jesuitas foi limitadissima; não excedeu a quarenta e um annos incompletos desde o dia 27 de Setembro de 1540, data da bulla *Regimini militantis Ecclesia,* que approvou a obra do solitario de Manresa, até o de 19 de Fevereiro de 1581, em que Claudio Aquaviva foi eleito Geral.

Alguns escriptores, como de Prat e Gioberti, fazem-se remontar a degeneração do instituto do Generalato de Laynez, nós porém pedimos venia para apartarmo-nos da sua opinião pelas razões que passamos a expôr.

Jacóme Laynez, companheiro e collaborador de Loyola tinha tomado muita parte na obra d'este para querer destrui-la quando á frente dos negocios. Havia uma certa solidariedade entre elles: Laynez possuia qualidades, que faltavam a Loyola, eram dous entes, que mutuamente se completavam. Ignacio tinha todo aquelle ardor caracteristico dos fundadores; impacientava-se com os obices e delongas,

(1) Fénélon. Œuv. tom. VII.

que lhe oppunham os homens para quem a Companhia era um mysterio; ardia por ve-la definitivamente estabelecida, porque considerava-a como o unico meio de combater a heresia triumphante: via no seu instituto o Christianismo em acção. Laynez, o *Fabio Cunctator*, paciente sabia esperar, aconselhava a seu amigo d'empregar o tempo como seu principal alliado. Após o enthusiasmo vinha a reflexão e Loyola terminava sempre por concordar com Laynez. Ignacio applicando em toda a sua latitude a maxima evangelica que ordena julgar o proximo como desejaramos ser julgados cria que todos os homens possuiam as suas rarissimas virtudes, povoava o mundo de sanctos e em sua seraphica imaginação reduzia todos os crimes a veniaes peccados, que o borrifar do hyssope fazia desapparecer. Laynez era mais positivo, conhecia mais do que seu compatriota os vicios da terra e não poucas vezes mostrou o fojo cavado pela traição debaixo dos pés do byscainho, que com os olhos fitos no céo desdenhava olhar para o chão. As poucas medidas praticas, e ideias administrativas, que se lêm nas primitivas constituições da companhia são mui seguramente inspiradas por Laynez. Ainda occorre-nos uma consideração, que prova que o segundo geral não alterou em nada a obra do primeiro: Ignacio não quiz dar as constituições por terminadas e immutaveis por essa modestia tão commum aos santos; mas Laynez conhecendo que ellas tendiam a formar uma classe d'homens, que destacando-se dos laços sociaes, que d'ordinario prendem os homens em suas affeições terrenas, para se consagrarem ao serviço da religião, e serem na expressão d'um rei philosopho os *Janisaros da Sancta Sé*, julgou que semilhantes homens sempre existiriam, e que d'elles em todos os tempos haveria mister a igreja, e movido por essas razões deu o caracter d'immutabilidade ás regras do fundador, excepto na sua parte meramente disciplinar, que é por sua mesma natureza mutavel. Estaremos em erro; mas julgamos que quem assim procede não póde ter taxado d'innovador; nem tão pouco de ser o primeiro élo d'essa cadeia de geraes politicos e artificiosos, que adulteraram o instituto para cuja fundação elle Laynez tanto contribuira.

O duque de Gandia, o amigo de Carlos V e de Philippe II, renun-

riando os foros da sua alta posição, vestiu a roupeta da companhia tomando o modesto nome de Padre Francisco de Borgia; a este homem humilde, e este nobre sem vaidade, o protestante Macaulay (1) diz ser o sancto do calendario romano que maiores dignidades tenha abdicado privando-se de mais domesticas venturas, e cuja vida é mais eloquente do que todas as homelias de S. João Chrysostomo, a tão conspicuo e pio varão pareceu Laynez expirando designar para seu successor. Caracter concentrado, espirito, que necessitava de receber alheia impressão, mas que uma vez recebida não recuava perante difficuldade alguma, era o homem mais proprio para desenvolver os planos d'Ignacio de Loyola e de Laynez. « Não tinha, diz o senhor « Cretineau Joly, nem a immensidade das concepções do fundador, « nem a ardente iniciativa, e o raro conjuncto de talentos que acaba « de desenvolver o segundo geral da ordem; entretanto ao contacto « d'esses dous homens, que tão grande influencia exerceram sobre « elle, Borgia aqueceu com o fogo do seu vigor a natural fraqueza. « D'um temperamento melancolico teria á existencia agitada do mis- « sionario preferido as doçuras da vida contemplativa. Arrancou-o « Ignacio ao repouso da solidão, que ambicionava, e Laynez lançou-o « nos trabalhos do apostolado preparando-o por difficeis provas para « legar-lhe a sua herança. »

Sob o regimen do terceiro geral o instituto continuou a prosperar sem afastar-se ainda das sabias vistas de Loyola: Borgia tinha vivido na sua intimidade; ouvira-lhe muitas vezes a exposição do seu piedoso plano, e demais não era difficultoso a um sancto interpretar as intenções d'outro sancto. Durante o seu generalato teve de luctar com um virtuosissimo pontifice S. Pio V, que sem duvida levado pelas ideias da perfeição espiritual, quiz impor aos jesuitas o onus do officio coral, de que tinham sido dispensados pela bulla da sua instituição. A's ponderosas razões do geral cedeu affim o soberano Pontifice, louvando a moderação com que este procedêra; e não tardou a conhecer practicamente quanto o antigo duque de Gandia era addicto á Sancta Sé, e quanto a sua influencia de familia lhe era salutar.

(1) Rev. of Edimburgh.

Os Turcos, imperando Sélim II, filho e successor de Solimão, abrasados pela sêde de vingança pela inutilidade da sua tentativa contra Malta, ameaçavam invadir os estados da Igreja e o territorio veneziano. O Papa lembrou-se de pregar contra elles uma nova cruzada; mas os principes christãos estavam nimiamente occupados com as suas dissenções para prestarem á voz de S. Pio V a attenção outr'ora prestada á d'Urbano II. A Hespanha era porém nessa épocha a primeira potencia catholica, e o Summo Pontifice enviando a Philippe II seu sobrinho o cardeal Alexandrini na qualidade de legado *a latere* fazia-o acompanhar por Francisco de Borgia; a seus esforços deveu-se talvez não em pequena escala esse magnifico triumpho de D. João d'Austria em Lepanto, d'onde se póde datar a decadencia do poder othomano.

Si penetrasseis então nos collegios da douta Germania, da espirituosa França, da orthodoxa Hespanha, da piedosa Italia, e do fidelissimo Portugal, ve-los-hieis povoados por uma multidão de sabios de roupeta, que instruiam a mocidade, pregavam, confessavam, administravam os Sacramentos com edificante solicitude. Si d'ahi vossas vistas s'estendessem ás missões longinquas, si perlustrasseis as reducções d'America, da Cochinchina, e da Ethiopia, si das margens d'Uruguay vos remontasseis ás do Nilo, verieis os infatigaveis successores de Xavier chamando ao gremio da Igreja e da civilisação esses filhos prodigos do Evangelho, e ao contemplar tanta abnegação, tanta heroicidade, facilmente vos convencerieis de que a companhia estava nos seus aureos dias, e que um Sancto presidia aos seus destinos.

A' era dos sanctos ia seguir-se a dos politicos; a cuja frente devemos collocar o famoso Claudio Aquaviva. Principe romano entrara para a companhia com vistas ambiciosas: aspirava o primeiro lugar nessa corporação, que acabavam d'illustrar tres grandes personagens, e que devia á virtude dos seus chefes, á dedicação dos seus membros o ter levado o vexillo do Golgotha mais longe do que as aguias da rainha do Tibre. Aquaviva substituia á rude franqueza dos Hespanhóes a finura italiana: á simplicidade da pomba a astucia da serpente. Commentando pelo seu *Directorio* as *constituições* falseava

inteiramente a obra de Loyola: dava-lhe um caracter todo diverso; e fornecia aos inimigos do instituto armas para estigmatisar toda a instituição não attendendo ás épochas, nem aos homens, que dirigiam o timão da ordem.

A theoria das reticencias e das restricções mentaes iniciada pelo geral foi estudada e levada á ultima perfeição pelos theologos da companhia, aos quaes em tempo algum se poude negar grande talento, e que agora applicavam as subtilezas e argucias os lazeres outr'ora empregados em defeza do dogma. Os tempos estavam mudados: o scenario era o mesmo, mas outros os actores. As *constituições*, que como dissemos davam ampla margem ao arbitrio, suppunham no geral sempre um homem como Borgia, que fugia as pompas e as vaidades do mundo, e não como Aquaviva, que as procurava. O erro capital de S. Ignacio foi de crer que seus filhos escolheriam sempre para succeder-lhe os homens mais notaveis d'entre elles, e sobretudo os que menos ambicionassem as honras da governança, e estava muito longe d'esperar que o espirito de cabala podesse cega-los a ponto de collocarem á sua frente um joven fogoso, e unicamente notavel pela sua nobre linhagem, e pelas occultas e tenebrosas machinações do claustro.

Tão profundos golpes, quaes os descarregados por Aquaviva na primitiva regra da companhia, que alteravam profundamente o fim da sua instituição, não podiam ser vistas com indifferença pelo Papa, cujo nome constantemente invocavam os pseudo-reformadores da ordem. Presidia então a Igreja Universal o grande Sixto V, a quem Roma e a christandade tanto devem. Este homem, cuja vontade fazia lei porque ella era quasi sempre a mais exacta expressão da justiça e da verdade, concebêra vastos projectos para a grandeza da cidade eterna e do catholicismo. Com sua pasmosa actividade tudo via, tudo examinava: e chegando-lhe aos ouvidos as queixas que alguns Jesuitas do antigo regimen faziam contra a adulteração da magestosa obra do seu mestre, chamou as *Constituições* a exame, e annotou com a sua propria letra as passagens, que mais precisavam ser alteradas como abrindo a porta aos maiores abusos nas mãos d'homens, que não seguissem as tradições deixadas pelos primeiros Geraes.

Contrastando com o proceder delicado e verdadeiramente christão de S. Francisco de Borgia, que levou aos pés de S. Pio V as suas humildes representações em pról da immutabilidade do Instituto, o Geral Aquaviva animou-se, confiado no immenso poderio a que já então chegava a Ordem, a resistir á vontade do Papa; e apesar d'esse Papa ser Sixto V, para quem as difficuldades eram um poderoso incentivo d'acção, não poude triumphar dos embaraços de todo o genero, que lhe oppoz o Geral já da parte dos principes christãos como o imperador Rodolpho, o rei Sigismundo, e o duque da Baviera, já da dos membros do Sacro Collegio, a ponto d'exclamar o magnanimo Antistite: « Todos os Cardeaes, ainda os que nós creamos, nos são contrarios e favoraveis aos jesuitas! » Para cumulo de dissimulação, e como exemplo vivo da regra, que dera aos provinciaes no seu *Directorio* Claudio Aquaviva assigna e remette ao Quirinal o requerimento pedindo as reformas, que meditava o Soberano pontifice, e contra as quaes tantas intrigas movera, quando foi informado por seus agentes que Sixto V estava perigosamente enfermo, e já fóra do estado de deliberar. Era uma farça, que representava, e destinada para mostrar ás almas simples e credulas que a companhia de Jesus era essencialmente obediente á S. Só. Illaqueando a boa fé do novo Papa Gregorio XIV obteve logo a revogação d'aquillo mesmo que acabava de pedir.

Tinha Loyola expressamente prohibido aos que seguissem a sua Ordem o aceitar honras e empregos fóra d'ella: querendo d'est'arte que o jesuita lhe consagrasse toda a sua existencia, e podesse com mais liberdade fallar aos principes e aos povos a linguagem, que convinha, que estes ouvissem. Com o favor de tão util medida ninguem receou tomar um padre da companhia, em que se não podiam suppor vistas interesseiras, nem ambição pessoal, por director da sua consciencia. Assim foram elles admittidos nas cortes dos imperantes, e os primeiros, que ahi appareceram não desmentiram a ideia, que d'elles se formava. Degenerando o instituto como ácima mencionamos resentiu-se d'isso todo o pessoal da ordem. Não queremos dizer quando avançamos tal proposição que todos os jesuitas se tinham cor-

rompido; mas sim que sendo esta instituição um systema completo, a que dirigia o principio d'unidade, não podiam alguns homens bons e bem intencionados impedir o mal, que partia do *Gesù*, e s'infiltrava por todos os poros. Como confessores dos reis tiveram assento nos conselhos da còroa, e esquecendo-se das lições dos seus mestres, ingeriram-se na politica; quizeram tambem emittir a sua opinião nos negocios d'estado, e faziam o mais repugnante e monstruoso consorcio da Religião com a sciencia de Macchiavelli. Desinteressados, individualmente fallando, tinham uma desordenada ambição collectiva: tudo sacrificando ao que chamavam bem-estar da companhia mostravam-se pouco escrupulosos sobre os meios pelos quaes obteriam o tão suspirado predominio. Pela sua habilidade, pelo talento com que levavam as negociações, pelo tacto fino, que mostravam no commercio da vida, amoldando-se a todos os usos e costumes, tomando na China as vestes de *Mandarim*, sujeitando-se á vida aspera e nomada do selvagem Iroquez ou do Esquimáo, e voltando depois de longas e perigosas peregrinações pelos inhospitos desertos d'Arabia, ou da Lybia, leccionar em seus collegios com doce e seductora linguagem, foram chamados os *diplomatas da Igreja*. Cumpre porém notar que para gozarem de semilhante denominação, que por mais d'um titulo cabe-lhes maravilhosamente, na segunda phase da sua existencia, deveram primeiro renunciar o de missionarios, e apostolos do catholicismo; porque este despreza os meios obliquos e vai desassombradamente aos seus fins.

Na Inglaterra se decidem em favor de Maria Stuart contra Isabel; envenenam com as suas predicas, com os seus escriptos, e com suas meias confidencias os animos já tão irritados dos catholicos e protestantes, alternativamente vencedores e vencidos em breve espaço de tempo. Provocam a bulla de Pio V. contra Isabel, e o consequente edicto d'esta princeza que responde com medidas violentas e exterminadoras ás duras e severas palavras, de que contra ella se servira Roma. A intolerancia d'esses regulares, que recebiam do seu geral as mais estreitas ordens para excitar uma reacção catholica contra a filha de Henrique VIII cobre a Grãa-

Bretanha de cadafalsos, faz correr ondas de sangue innocente, e affasta-a, sabe Deos por quanto tempo, do gremio da verdadeira igreja.

O novo programma da companhia ganhava cada dia novo desenvolvimento e as maximas d'Aquaviva eram seguidas por seus vassallos com a maior pontualidade. A França do 16.° seculo, dividida, como a Inglaterra, entre as duas communhões dissidentes, conhecidas n'aquelle reino pela denominação de *Catholicos* e *Huguenotes* offerecia aos jesuitas avidos de se mostrarem no seu novo elemento, um vasto theatro para as suas operações. Promoveram por intermedio do padre Emond Auger, seu mais eloquente e habil correligionario, a formação da *Liga*, que tinha por fim ostensivo a defesa da religião catholica; e dominando o espirito do fraco monarcha Henrique III expunham-no á animavadversão do seu povo em proveito da causa dos Guises. O assassinato do rei por Jacques Clement no dia 1.° de Agosto de 1589, falsamente attribuido aos jesuitas, advertiu ao geral da necessidade de occultar a sua influencia nos negocios politicos de França: e d'ahi toda essa scena de dissimulação de que Aquaviva foi o protogonista, e que para ser bem apreciada deve ler-se a sua celebre carta de 22 de Fevereiro de 1586 escripta ao padre Matheus, em que prohibindo-lhe e aos seus confrades de França toda a intervenção nos negocios da *Liga*, serviu-lhe todavia de *letras credenciaes* para ir pôr-se na Lorraine á frente do partido levantado contra o rei de Navarra. Tão amphibologica e enigmatica era ella!

Durante o governo dos quatros primeiros geraes a companhia de Jesus estava inteiramente identificada com os seus chefes: o caracter de cada um d'elles ficou impresso nos seus annaes, e revelou-se na indole do instituto, porque eram todos poderosas individualidades: homens notaveis por este ou aquelle titulo; e o proprio Aquaviva, de quem acabamos de fallar, manifestou á testa dos negocios em nentes qualidades politicas, que se não esperavam, e que apezar de contrarias á natureza e fins da instituição provavam ao menos não ser elle um homem vulgar. A partir porém de

Mucio Vitelleschi elevado ao generalato a 11 de Dezembro de 1563, os chefes da ordem de Jesus, como que desapparecem, eclipsados por uma dominadora oligarchia, composta dos assistentes, provinciaes e mais professos. Parecem os geraes governar com o mesmo prestigio de autoridade que tinham os seus predecessores; mas encontram por toda a parte *obediencias activas*, intelligencias incapazes de submetterem-se sem murmurar. A fraqueza dos chefes era a causa principal d'esse predominio de alguns membros, que lhes impunham um jugo muitas vezes insupportavel, reduzindo-os ao mesquinho papel d'um manequim. Com mui pequeno intervallo sentaram-se na cadeira presidencial do *Gesù*, cinco geraes, e tão pouco importantes eram elles, que pouco se importava o mundo em saber si se chamavam Vitelleschis, Casaffas, Piccolominis, Gottifredis ou Goswins. Serviam de doceis e passivos instrumentos nas mãos de alguns poucos homens, que possuiam o segredo, depositarios da *monita secreta*, e que affectando exteriormente a maior sujeição ás ordens do geral serviam-se d'autoridade illimitada, que lhes conferiam as constituições, para satisfazer aos seus caprichos, e saciarem quiçá as suas vinganças.

A funesta influencia da politica jesuitica fazia-se sentir em toda a Europa: por toda a parte agitavam os animos; provocavam rancorosas discussões. Protegidos em França por Richelieu, auxiliam as vistas ambiciosas d'esse ministro omnipotente, que não duvidava prestar-lhes todo o seu apoio contra a universidade, para a qual os filhos de Loyola com suas pretenções de monopolisarem a instrucção publica, eram perigosos rivaes. Dominam na Hespanha nos conselhos do rei Filippe III, que os consulta até ácerca da conveniencia de lançar sobre o seu povo novos impostos, e depois da sua morte apressavam-se em apoderar-se do animo de seu filho e successor Filippe IV, a quem prodigalisavam as maiores provas de adhesão, ao passo que auxiliavam em Portugal a heroica revolução de 1640, que devera collocar no throno affonsino o senhor D. João IV, então ainda duque de Bragança. Explicando a sua conducta ambigua com a famosa theoria das restricções mentaes tinham a

arte de obterem os principaes lugares na nova côrte, sem comtudo se indisporem com o gabinete do Escurial. Com razão ou sem ella, tinham sido accusados pela voz publica de terem por meio das suas suggestões impellido o senhor rei D. Sebastião a essa tristissima guerra d'Africa que terminou de modo tão funesto para a nação, a quem arremessou no jugo estrangeiro, agora pois reparavam o seu erro, ou melhor serviam a sua ambição. Os *Hosannas* são não poucas vezes interrompidos pelo *crucifige*, á serie de triumphos da companhia vinham de quando em quando juntarem-se alguns revezes. Por motivos que ainda hoje jazem sepultados na noite do mysterio, fóram elles n'essa época expulsos da ilha de Malta no orgão-mestrado de Paulo Lascari, seu grande amigo, e dedicado protector da sua politica. O povo e os cavalleiros grandemente irritados contra elles obrigaram-nos a embarcarem-se em uma fragil barca que o vento arrojou ás costas da Sicilia. Os espiritos turbulentos conhecendo que mãos vigorosas não sustinham mais as redeas do governo da ordem davam largas ao seu genio, e atirando a mascara, que por tanto tempo tinham sido constrangidos a usar, caminhavam agora a passos largos para o dominio universal.

A substituição das puras e sanctas maximas das *Constituições* baseadas sobre o evangelho pela casuistica interpretação do *Directorio*, seguida dos corollarios dos continuadores da politica d'Aquaviva, não podia deixar de prejudicar a sorte das missões: assim os missionarios d'essa épocha se parecem tanto com Xavier como o seu geral com Loyola. Ainda haviam nesse tempo apostolicos varões, e martyres da fé; mas o que podiam as virtudes e o sangue d'esses homens contra a torrente devastadora, que se despenhava das cataractas do *Gesù?* Uma ethica singular, consequencia do probabilismo dos seus doutores, arruinou as missões, contribuindo assaz para o descredito do catholicismo, que era representado como uma lei fallaz, mentirosa; permittindo os enganos, os perjuros, as revoltas, n'uma palavra todos os vicios e crimes: assemelhando a fé romana á punica. Quando homens honestos, e bastante vigorosos para realisarem as suas ideias, estavam n'administração da Ordem, viam-se nas missões

seus fieis transumptos, não aspirando senão o proveito espiritual dos povos a quem iam tirar das garras do erro, ou da impiedade; mas quando a politica formou o programma dos chefes da companhia, quando estes quizeram dominar por todos os meios, embora licitos não fossem os fins, então os novos apostolos não se contentam com um saco por bagagem, e um pedaço de pão negro por provisão de viagem, e desejam as commodidades da vida, porque não já como missionarios saem dos seus collegios, mas sim como diplomatas d'um soberano, que impera sobre muitos milhões de vassallos.

Na tão famosa questão dos ritos chinezes deram provas manifestas da sua degeneração, e dos progressos, que tinham feito n'arte de sophismar as ordens, que contrariassem as suas vistas embora emanadas da suprema cadeira da verdade. O seu espirito de fraternidade e mansidão ostenta-se a descoberto nas continuas dissensões contra as outras ordens religiosas, principalmente contra as que com elles emulavam nos trabalhos da cathechese. Não queriam admittir companheiros n'abundante messe da conversão dos gentios: pretendiam nesta materia, bem como em muitas outras, o privilegio exclusivo para o seu instituto. Não havia embaraços, que não suscitassem; não recuando até ante a ideia de se declararem em completa opposição aos bispos, allegando os privilegios recebidos da Santa Sé, e fingindo para com esta uma reverencia sem limites. Ora, Roma não lhes podia ceder taes isempções sem se pôr em contradicção com os seus principios; que consistem em rodear de todo o prestigio os pastores da Igreja, porque são estes, que com o supremo chefe, formam o corpo doutrinante, unico depositario da Religião de Christo.

A historia das missões na segunda metade do seculo XVII e no seguinte offerece uma constante luta, ora manifesta, ora latente, entre os jesuitas, e os delegados de Roma, aos quaes queriam impedir todo accesso nesses paizes, e todo o inquerito sobre as suas acções. Alexandre VII e a propaganda querendo pôr um dique á audacia d'esses regulares, ordenaram que os missionarios da China e da Indo-China fossem submettidos á auctoridade dos vigarios apostolicos e á de seus cooperadores; e como menosprezassem esses decretos partiu

para ahi na qualidade de legado *a latere* o bispo d'Eliopoli Francisco de Palu, homem a quem tornavam illustre trinta annos de fadigas apostolicas. Seu poder, virtudes e longa pratica dos negocios não poderam superar a tenaz resistencia dos degenerados filhos de Loyola, que chegaram a dizer *que o Papa não tinha auctoridade para enviar ao Oriente bispos, vigarios, ou quaesquer outros delegados, em quanto não fossem expressamente revogados os privilegios da companhia e os do padroado, que os reis de Portugal exerciam sobre essas Igrejas.* A desobediencia formal aos decretos e decisões da Santa Sé nos paizes longinquos eram palliados em Roma com os mais fervorosos protestos de respeito e submissão, que os geraes Oliva e Novelle faziam, dando a todos esses actos um artificioso colorido; de modo que os rebeldes, d'est'arte justificados, ainda pareciam fieis servidores da boa e sancta causa da propagação da fé.

Offereceram os jesuitas por algum tempo no Paraguay o tocante espectaculo d'uma sociedade de selvagens regida por padres, e levada á cultura e ao progresso pela religião. A obra porém d'esses piedosos missionarios corrompeu-se bem de pressa nas mãos dos seus successores, que sequiosos de mando e riquezas quizeram ser os senhores absolutos d'aquelles, que haviam cathechisado. Assim as missões do Paraguay, que a principio eram um objecto d'edificação, transformaram-se em fonte d'escandalo para toda a Europa: e fizeram sem duvida com que o bom Muratori se arrependesse de ter escripto a sua celebre obra do *Christianesimo Felice.* Chateaubriand, acompanhando ao illustrado escriptor italiano nos encomios, que prodigalisa ás missões jesuiticas d'America, era levado por esse espirito d'enthusiasmo religioso, de reacção catholica, que tanto caracterisa as brilhantes paginas do *Genio do Christianismo;* e refere-se mui seguramente á primeira phase da existencia das referidas missões; porque si tivesse proseguido em suas investigações recuaria espavorido pelos excessos commettidos pelos membros da sociedade de Jesus, que não duvidaram de recorrer ás armas contra seus legitimos soberanos logo que pareceu-lhes que a politica d'estes contrariava a sua. O leitor, que pretender avaliar por si mesmo o que acabamos de dizer, leia a

relação publicada em defesa do bispo do Paraguay, Bernardino de Cardenas, a quem esses regulares moveram crua guerra, e a quem teceram uma das mais completas e perfeitas intrigas, dando assim provas do grande progresso, que nessa sciencia, então para elles nova, faziam quotidianamente. De tal modo haviam segregado as suas colonias transatlanticas do resto do mundo, que ellas eram ignoradas por todos, excepto pelos seus superiores em Roma, aos quaes eram obrigados a enviar todos os annos uma conta minuciosa sobre o seu estado, especificando o ramo, em que mais prosperavam. Obstinavam-se em recusar o accesso em suas missões a quem quer que fosse, ou enviado pelo poder civil, ou pelo ecclesiastico, sendo o principal motivo das suas dissenções com Cardenas o pretender este prelado visitar os territorios do Paraguay e do Uruguay, não só por fazerem parte integrante da sua diocese, como até porque tal lhe fora ordenado pelo governo de Madrid.

Não ha quem não tenha ouvido fallar n'essa famosa questão suscitada em França, por occasião da bancarota do padre Lavallete, superior geral dos jesuitas na ilha da Martinica, e que foi a causa occasional da sua suppressão nos estados de S. M. Christianissima. Dissemos que os jesuitas desmentindo o seu glorioso passado tinham-se deixado de tal sorte dominar pela sêde das riquezas, que consideravam as missões como feitorias, e para ellas mandavam homens mais azados para operações mercantis do que para os trabalhos do apostolado. N'este caso estava o padre Lavalette, descendente do heroico grão-mestre de Malta, era ambicioso, emprehendedor e de grande actividade: o qual vendo que o estado financeiro da companhia nas Antilhas não era igual ao de algumas outras suas possessões resolveu eleva-lo a um ponto capaz de fazer inveja aos seus confrades das margens do Paraná. Entregou-se com ardor ao commercio, e em pouco tempo accumulou grossos cabedaes que empregou n'acquisição de terras e de escravos para rotea-las: elevando o seu numero ao prodigioso algarismo de dous mil. Tão grande emprego de capitaes, simultaneamente occupados no commercio e na agricultura, devera trazer após si um *deficit*, que foi obrigado

a supprir por meio do credito, tomando um milhão de libras tornezas em Marselha, e em outras praças, com quaes estava em relações, e que não duvidaram fazer esse emprestimo a tão bons fornecedores como eram os padres da companhia, que abasteciam os mercados europeos com os productos dos paizes ultramarinos. Seus empenhos seriam em breve tempo satisfeitos, como já tinha acontecido com outros identicos, si não fossem aprisionados os navios que transportavam os generos das suas feitorias pelos corsarios inglezes, que desde o anno de 1755 infestavam os mares. Protestadas as letras, e levados os jesuitas perante os tribunaes foram condemnados a pagar *in-solidum* a divida contrahida por Lavalette. Causou esse processo grande escandalo; e a companhia surprehendida em flagrante violação dos canones da igreja desapprovou publicamente o procedimento do seu agente, que assignou a declaração de 25 de abril de 1762, pela qual assumia a responsabilidade d'esse acto, isentando os chefes da ordem de toda a solidariedade n'elle. De sorte que si as transacções fossem corôadas de bom successo todo o proveito redundaria em pról da ordem, como porém foram desgraçados era ella inteiramente estranha ao que em seu nome, e mui seguramente com o seu beneplacito, fazia o seu delegado n'America! Semilhante mystificação não enganou a ninguem; e o odio contra a corporação, cresceu prodigiosamente. Os mais decididos apologistas do instituto, como o senhor Cretineau-Joly, condemnam o proceder do seu superior geral nas Antilhas, e confessam que este negociara em grande escala; mas a sua parcialidade os priva de reconhecer que esta tendencia para as cousas profanas não era um facto isolado e sim a consequencia legitima e necessaria de principios adoptados em Roma, e faziam-se sentir por toda a parte, onde tremulava o pavilhão da companhia de Jesus.

A heresia de Jansenio foi, na phrase de Gioberti, uma mina d'oiro para os jesuitas: sua prolongada polemica com a escola do Porto-Real absorvia a attenção do mundo religioso e litterato desviando-o do estudo da marcha tortuosa, que levava a obra do santo prisioneiro de Pamplona. Si por ventura alguem alçava a voz

para denunciar os delictos da ordem tinha esta um facil meio de reduzi-lo ao silencio averbando-o de herege jansenista; e invertendo habilmente os papeis d'accusada transmutava-se em accusadôra; largava o banco dos réos para sentar-se nas cadeiras dos juizes. Com esta politica artificiosa, que consistia em identificarem a sua causa com a da religião, de que então, com honrosas excepções, eram indignos ministros, haviam-se tornado quasi invulneraveis, e cobertos com o escudo d'Achilles desafiavam a cólera dos modernos Heitores.

« A destruição do Porto-Real, diz o senhor Dutilleul (*), annuncia e prepara a destruição dos jesuitas: são duas perseguições parallelas. Luiz XIV temia os jansenistas, corporação austera, armada de talentos estimados e admirados, professando perigosas doutrinas, pois que importavam a crença no fatalismo, e compondo no seio de seu governo um grupo compacto e quasi esparciata. Occultava-se no gremio do jansenismo um elemento de critica, secreto fervor d'opposição, de resistencia, e como que um meio calvinismo dogmatico, tanto mais temivel por isso que as fórmas respeitosas para com o soberano pontifice eram conservadas, e não rompiam o laço da união catholica. Com a sua poderosa autoridade esmagou Luiz XIV essa corporação d'almas energicas, cuja secreta cadeia todavia conservou-se. »

« Foram estas que mais tarde precipitaram os golpes do duque de Choiseul e dos philosophos, e que cruelmente vingaram o Porto-Real em ruinas. Tinham por alliadas todas as congregações inimigas dos jesuitas; Dominicanos, Agostinianos, Benedictinos, as mesmas ordens mendicantes e sobretudo a universidade e o parlamento. »

« Representantes do passado e da idade média, diz o citado autor no cap. 5.° da sua importante obra, por mais d'um titulo recommendavel, os jesuitas se tinham despojado d'austeridade christã para combater o mundo, que renascia, e da mesma ma-

(*) Hist. des Corporat. Relig. en France, livr. 3, chap. 6.

neira que os cavalleiros do Templo se tinham despedido do caracter pacifico do evangelho para combater debaixo da coiraça os inimigos da cruz. Uma vez terminada a obra tornavam-se inuteis aquelles a quem não podiam mais defender, odiosos aos que tinham vencido: foram tratados inexoravelmente. »

D'estas mui judiciosas observações do illustre advogado *de la cour royale de Paris*, seja-nos licito discrepar no ponto em que diz serem os jesuitas *anachronicos* por sua instituição, quando nós pensamos que só o eram pelo abuso, que d'ella faziam, pelo constante e progressivo desvio das *constituições* primitivas. Nunca é fóra de tempo defender a religião, e propaga-la pelos meios indicados no evangelho.

Chegamos á parte mais difficil do nosso trabalho, queremos fallar da suppressão dos jesuitas. São tão contradictorias as versões, que se tem feito d'este facto aliás da maior simplicidade, que causam graves embaraços, a quem deseja estuda-lo. Temos á vista quatro escriptores, que se tem occupado com este importantissimo assumpto: cada qual parece ter a justiça do seu lado, e o leitor terminando a sua leitura está quasi disposto a militar debaixo das suas bandeiras. Ao conde Alexis de S. Priest, que primeiro escreveu a *Historia da quéda dos jesuitas no* 18 *seculo*, vieram juntar-se n'estes ultimos tempos os nomes respeitaveis dos Srs. Cretineau-Joly, Theiner e Ravignan. O Sr. Cretineau-Joly no tomo V da sua *Historia religiosa, politica e litteraria da companhia de Jesus*, tratando d'esse celebre litigio absolve completamente os filhos de Loyola das accusações que n'essa época pesaram sobre elles, e parece attribuir a bulla *Dominus ac Redemptor noster* á fraqueza, e quiçá á nimia condescendencia do pontifice então reinante na igreja de Deos. Posteriormente publicou um livro, a que deu o titulo de *Clemente XIV e os Jesuitas*, em que firmando-se em documentos authenticos e inedictos, pinta-nos ao vivo as varias scenas a que este grande acontecimento deu lugar em quasi toda a Europa. Através do seu respeito para com a Santa Sé póde-se ver n'esse livro alguma acrimonia para com o immortal Ganganelli, que é

alli representado como instrumento passivo dos poderosos e implacaveis inimigos da companhia. Para arredar do grande pontifice a nota de precipitado, e justificar aquelles de seus actos, que mais desfigurados foram pelo apologista dos jesuitas, publicou em 1852 o reverendo Agostinho Theiner, padre d'oratorio, e perfeito-coadjutor dos archivos secretos do vaticano a sua excellente obra denominada *Historia do pontificado de Clemente XIV* enriquecida de preciosas peças justificativas extrahidas das mais puras fontes. Veio tal publicação lançar um raio de luz no meio das trevas com que expressamente se tem querido envolver essa questão: o seu juizo é sempre calmo e reflectido: orienta o leitor curioso no meio d'esse cahos de desencontradas opiniões e hypotheses arriscadas, que por toda a parte se formam, e levanta a ponta do véo, que encobre a verdade, vingando a memoria de Clemente XIV. Essa bellissima producção devida á penna do douto oratoriano affligiu profundamente aos jesuitas, e o seu ultimo geral o padre Roothan, queixou-se ao reverendo padre Ravignan do terrivel effeito que ia ella produzir no mundo (*). O illustrado jesuita francez comprehendeu as intenções do seu chefe, e apressou-se em satisfazê-las dando á luz em Maio do corrente anno a sua obra, em cujo frontespicio lê-se *Clemente XIII e Clemente XIV*, a qual acabamos de receber no momento, em que estas linhas escrevemos. Apenas tivemos tempo para fazer uma rapida leitura dos seus principaes capitulos, e d'ella deprehendemos que seu autor tomou a peito o defender a ordem a que pertence, o que seja dito com verdade, fê-lo com muito talento e dignidade. Todavia, como era de esperar, o reverendo padre Ravignan deixou-se dominar pelo excessivo amor, que consagra ao seu instituto; e portanto não se descobre no seu trabalho aquella imparcialidade, e elevação de pensamentos, que tanto distinguem o livro do reverendo padre Theiner. É o parecer d'este ultimo escriptor de grande valia, até por não pertencer á escola philosophica como S. Priest, nem á da

(*) Vide *Clement XIII et Clement XIV par Ravignan—Preface.*

Giovine Italia como o illustrado autor dos *Prolegomeni al Primato Morale e Civile degl'Italiani*.

Interrogando essas diversas testemunhas do grande processo jesuitico, e acareando os seus oppostos depoimentos dizemos com rude fránqueza o que a tal respeito pensamos: e oxalá que o mesquinho fructo dos nossos estudos tenham a insigne ventura d'encontrar as sympathias d'aquelles para quem escrevemos.

Entre as causas, que originaram a suppressão d'esta celebre ordem um douto historiador moderno, o senhor Cantú, aponta as seguintes:

« Os jesuitas tinham contra si os dominicanos, pela sua oppo-
« sição á doutrina de S. Thomaz: os franciscanos pela sua grande
« autoridade nas missões; os membros da universidade pela con-
« currencia, que faziam ás suas escolas, ainda que sem privile-
« gios; os negociantes, que n'elles temiam activos concurrentes,
« os quaes por não terem impostos a pagar podiam vender mais
« barato; os mestres, ou os que aspiravam sê-lo, vendo a juven-
« tude correr em multidão ás escolas d'esses rivaes, cujo ensino
« era gratuito e desvellado; os bispos, que, a exemplo do governo,
« tendiam a alargar a autoridade local, emquanto que os jesuitas
« eram ardentes fautores da universalidade pontificia. Tinham sobre-
« tudo contra si os jansenistas, que lhes exprobravam de usar d'at-
« tenções para com o seculo, constituindo-se defensores da liberdade
« a poder da vontade humana, e autorisando devoções que pare-
« ciam pouco convenientes. Chegavam mesmo ao ponto d'exhumar
« nos livros dos seus casuistas, obras escriptas em latim e para a
« instrucção dos directores das consciencias, passagens indecentes,
« assim como poder-se-hia fazer o mesmo nos tratados de medi-
« cina (*). »

Densas nuvens se accumulavam no horisonte, e os mais inexpertos nautas presagiavam horrivel procella: a náo da companhia amainaiva as vélas e punha-se á capa. Ninguem porém poderia suppôr

(*) *Hist. Univ. de C. Cantu*, tom. 9, liv. XVII, chap. X.

que o primeiro grito de guerra partisse de Portugal, d'esse reino tão notavel pela sua affeição aos filhos de Loyola, e onde desde o tempo de Rodrigues e Xavier tinham gozado de tão grande preponderancia. A educação publica era monopolio seu, e d'este modo dominavam sobre as gerações vindouras, emquanto que jungiam a contemporanea ao seu carro triumphal por mais d'um laço. « Elles « eram na côrte, diz o ex-jesuita Georgel, não sómente os di- « rectores da consciencia e da conducta de todos os principes e prin- « cezas da familia real; mas ainda o rei e os ministros consultavam- « nos ácerca dos mais importantes negocios. Nenhum lugar n'ad- « ministração da igreja ou do estado era dado sem a sua influencia « e beneplacito: e por isso o alto e baixo clero, os grandes e o povo « ambicionavam a sua protecção e favor. Como pois foi de Por- « tugal que partiu a primeira pedra, que devera abalar e mais tarde « derribar completamente esse soberbo edificio (*) ?

Esse mesmo illimitado poder, de que gozavam os jesuitas em Portugal, como confessa seu proprio co-religionario Georgel, foi o motivo primordial da sua quéda. O caracter de Sebastião José de Carvalho e Mello, conde d'Oeyras, e depois marquez de Pombal, é assaz conhecido para que nos occupemos em descrevo-lo. Ministro imperioso d'um bondadoso monarcha, que o honrava com a sua confiança, em attenção a algumas eminentes qualidades que o distinguiam, não podia tolerar que junto ao throno houvessem homens, que partilhassem com elle da intimidade e das boas graças do soberano. D'ahi o odio, que votava á nobreza, a qual tambem desprezava-o por considera-lo *un parvenu*, em razão de não pertencer á primeira fidalguia do reino: e a guerra systematica, movida contra a companhia de Jesus, a cuja protecção devera o sentar-se nos conselhos da corôa. Durante a sua estada n'Allemanha e na Hollanda filiara-se á grande escola philosophica, que dominava nesses paizes, e nas suas contesta-

(*) *Mem. pour servir à l'hist. des événements de la fin du XVIII siècle*, tom. I.

ções com a S. Sé mostrou ter por demais sympathisado com a igreja schismatica d'Utrecht.

Infelizmente os jesuitas forneciam mais d'um pretexto para a opposição, que-lhes fazia o primeiro ministro. O commercio em larga escala entre a metropole e as suas *reducções* no Brazil, era feito publicamente por elles, e d'esse commercio provinham-se sommas incalculaveis. Os generos coloniaes recolhiam-se em espaçosos armazens, que tinham mandado construir em Lisboa, cujos administradores vestiam a roupeta da Ordem. Seu fausto era tal, que não havia quem não desejasse ve-lo reprimido, e restituida a sociedade de Jesus á sua primitiva pureza. Pairavam sobre elles graves suspeitas de terem promovido a rebellião dos indigenas contra as ordens do gabinete de S. Ildefonso, que prescrevia-lhes de entregarem ao commissario portuguez Gomes Freire d'Andrade os sete povos das missões d'Uruguay em troca da colonia do Sacramento cedida á Hespanha pelo tratado de Madrid de 1750. O sabio Pontifice Benedicto XIV, que então reinava, a cujo conhecimento levou Pombal suas queixas, expediu ao cardeal Saldanha um breve datado de 1.° d'Abril de 1758 nomeando-o *Visitador e Reformador das casas da Companhia de Jesus situadas nos dominios de S. M. F.*, recommendando-lhe ao mesmo tempo, que se houvesse com toda a prudencia no desempenho d'esta commissão.

Os tiros disparados contra el-rei D. José na noite de 3 para 4 de Setembro d'este mesmo anno vieram aggravar cada vez mais a já tão critica situação dos jesuitas n'aquelle reino. Quaesquer que fossem as causas d'esse lamentavel acontecimento, que nos parecem ainda envoltas nas trévas do mysterio, julgamos não errar affirmando que os membros do instituto de Loyola tiveram n'elle tanta parte quanta se lhes attribuiu na desastrosa expedição d'Africa, que sepultou nas areias *d'Alcacer-kibir* um rei cavalleiro amortalhado nas esperanças da patria. É maxima antiga lançar por conta dos adversarios todos os actos odiosos que por ventura são praticados, embora absurda pareça similhante imputação: assim Nero accusou os christãos do incendio de Roma para perde-los inteiramente no espirito publico, assim o

marquez de Pombal fez os jesuitas fautores da conspiração regicida. *O tribunal da inconfidencia*, presidido pelo poderoso ministro declarou-os réos d'alta traição, expulsando-os dos seus collegios, condemnou os mais notaveis d'entre elles aos rigores do carcere com excepção dos P. P. Malagrida, Mattos, e João Alexandre destinados a adornar o supplicio da familia Tavora.

Expulsos de Portugal e suas possessões foram os jesuitas lançados sobre as costas d'Italia, e o primeiro comboi d'esses desgraçados padres, que assim eram privados do que de mais caro existe na terra, chegou a *Civita-Vecchia* a 24 d'Outubro de 1759 em numero de cento e trinta e tres no estado o mais lastimavel. É sempre iniquo o procedimento d'aquelle, que abusando do seu poder condemna sem deixar ao accusado os meios de defender-se, e que involve nos rigores d'uma mesma sentença innocentes e culpados. Semilhante excesso de poder foi recebido com indignação por toda a Europa, e os mais acerrimos inimigos da companhia desapprovaram-no. O soberano pontifice Clemente XIII, que substituira ao doutissimo Lambertini na cadeira de S. Pedro, encarregou ao seu representante em Lisboa, *monsignore* Acciajoli arcebispo de Naupacta, de fazer chegar aos ouvidos do *rei fidelissimo* as vozes magoadas dos exilados, a que o pai commum dos christãos não podia ser indifferente. Pombal porém havia de tal modo predisposto o animo d'el-rei D. José, que este principe naturalmente propenso á piedade, foi surdo ás admoestações do papa, chegando seu ministro a commetter o excesso d'expellir ignominiosamente do reino o nuncio de S. Santidade, e retirando de Roma o embaixador Mendonça, precipitar o orthodoxo Portugal no abysmo d'um prolongado schisma de que só sahiu pela prudencia e doçura do grande Ganganelli.

Nesta celebre questão dos jesuitas tinha-se invertido a ordem das cousas; e assim Portugal, que desde o seculo XVII perdera a sua influencia, e deixara a outros povos tomarem a dianteira na civilisação abria agora nova estrada, depois trilhada pela França, que no reinado anterior dictara leis á Europa. Dissemos que o processo de Lavalette havia causado grande sensação, e foi ella de natureza tal

que trouxe a total expulsão dos jesuitas d'aquelle reino, hoje imperio. Os parlamentos quizeram tomar conhecimento das *Constituições* da companhia para examinar, diziam elles, s'estavam estas conforme ás leis que então regiam toda a monarchia: e foi d'este exame feito por homens, cuja má vontade era conhecida, que resultou todo o damno para o instituto. « É para temer que estes magistrados (dizia o principe Pamphili Colonna, arcebispo de Colosses, e nuncio apostolico em Paris, em seu despacho de 11 de Maio de 1761 dirigido ao cardeal Torregiani, secretario d'estado) cuja totalidade é por natureza e por principios hostil aos jesuitas, não se deixem fascinar a ponto de tomar medidas violentas, quanto á constituição e direi mesmo á existencia da sociedade; o que aliás não me causaria nenhuma surpresa, e em cujo caso não se deve contar com o minimo apoio da côrte. » Datava de longe a guerra entre os parlamentos e os jesuitas, e é por isso que o nuncio do papa temia toda a sorte de violencias da parte d'aquelles. Haviam elles resistido ao rei, e á nobreza, protectores decididos da companhia, e note-se que esse rei cujas iras arrostavam era o imperioso Luiz XIV, a cujo aceno todos se curvavam. O seu odio contra o instituto de Loyola era portanto profundamente enraizado; formava nelles como uma nova natureza, assim causa-nos pasmo de ver que os jesuitas dando-se por victimas de Madame Pompadour, fizessem d'esses corpos respeitaveis doceis instrumentos dos caprichos d'uma mulher. « Os jesuitas, diz Theiner, tiveram realmente pouca perspicacia, nesta especie de vaidade ridicula em quererem passar por martyres d'essa real concubina, e com a qual, para melhor excitar a compaixão em seu favor, attribuiram-lhe a sua queda, bem como ao seu supposto alliado, o duque de Choiseul. Não negamos que Madame de Pompadour se unisse aos inimigos da companhia, e que juntasse seus esforços aos d'elle, mas o que contestamos é que podesse ella mudar a tal respeito a opinião publica: não estava isto no poder de pessoa alguma, nem tão pouco o de conjurar a tempestade, que por toda a Europa, ameaçava extermina-los. (*) »

(*) Vide Theiner Hist. du Pontificat de Clément XIV, chap. I.

Luiz XV estimava os jesuitas, mas não tinha a coragem de tomar abertamente a sua defesa; contentava-se com meios palliativos, que d'ordinario não satisfazem a ninguem. Esperando neutralisar a acção da commissão nomeada pelo parlamento de Paris para rever as *constituições* do instituto, composto d'ardentes jansenistas, addicionou-lhe seis membros, que depois de muitas conferencias e prolongados debates terminaram seus trabalhos concordando com o parecer da minoria da commissão, e colhendo-se ainda d'esse ensaio a triste convicção de que a companhia não podia continuar a permanecer na terra de França.

Restava-lhe o apoio do episcopado e para grangear o seu favor não duvidaram os jesuitas subscrever a famosa declaração do clero, de 1682, que constituiam as *liberdades da Igreja Gallicana*, que sempre haviam combatido com energia, e cujo ensino sempre repelliram dos seus collegios. Este acto de fraqueza da parte dos zelosos defensores dos direitos e prerogativas da S. Sé foi ainda esteril para o bem da sua causa; e comquanto não se compromettessem para com Roma, graças á sua celeberrima theoria da *restricção mental*, não encontravam todavia na grande maioria dos bispos francezes defensores decididos e calorosos apologistas como Christovam Beaumont, arcebispo de Paris, que queria levar seus collegas a uma manifestação publica e solemne das sympathias, que nutria para com os filhos de Loyola.

O plano adoptado pelo parlamento era um dos mais habeis e digno certamente de ser empregado contra uma sociedade de padres, que haviam posto a sagacidade diplomatica em lugar da candura evangelica. Consistia elle em chamar todos os collegios da companhia á sua barra, examinar os titulos da sua existencia, e supprimi-los depois isoladamente, a titulo de não terem auctorisação legal: d'est'arte feriam-na nos seus mais caros interesses, e ao passo que declaravam respeitar os direitos de cada padre, tomado individualmente, tornavam impossivel o subsistirem em França como corporação.

Por amor da verdade cumpre confessar que de todos os paizes, que nessa epocha se declararam contra a sociedade de Jesus, foi a

França o que procedeu com mais moderação; e cujas decisões parecem ter mais o cunho da sabedoria. Por sua ordenança de 17 de Junho de 1763 sequestrava-lhes Luiz XV as suas propriedades em beneficio do estado, deixando comtudo aos membros da ordem dissolvida o livre exercicio do seu ministerio sacerdotal, guardando, quanto lhes fosse possivel, as regras do seu instituto, e si mais tarde, em Novembro de 1764, supprimia totalmente em seus estados a *Companhia de Jesus*, não manchava esse acto com as scenas de barbara violencia, que o assignalou em Hespanha e Napoles, como em breve veremos.

D. Carlos III reinava então em Hespanha, e mostrava no throno d'esse paiz a mesma bondade, que tanto o fizera amar dos Napolitanos. Espirito elevado, desejava ardentemente melhorar a sorte da sua patria, extirpar velhos abusos, que degradavam-na aos olhos da culta Europa: e uma vez trilhando a vereda do progresso e das reformas força era que lançasse mão dos homens, que representavam o espirito da epocha, a cuja frente devemos collocar o conde d'Aranda, illustre discipulo da escola encyclopedista. É sempre difficil a tarefa de reformador, principalmente n'um paiz tão aferrado ás tradições como certamente é a patria do Cid. Murmurava o povo contra algumas medidas tomadas contra os seus habitos pelos *homens da situação:* todas as innovações lhe pareciam offensivas á dignidade nacional. Tal nos parece a causa da sedição madrilena do dia 26 de Março de 1766, que tomou por pretexto a conservação do traje castelhano *las capas e los sombreros* contra a invasão das modas francezas. Viu-se el-rei constrangido a retirar-se para Aranjuez, e por poucas horas os sediciosos contaram com o triumpho das suas pretenções. No meio do tumulto, os jesuitas, que nelle appareceram para aplaca-lo, foram victoriados, e a seu pedido retiraram-se os insurgentes aos seus lares com a promessa de que seus desejos seriam satisfeitos, e que o manto da real clemencia seria estendido sobre o passado. Ou porque não estivessem autorisados para fazer taes concessões; ou pelas provas que das visitas domiciliarias pareceram colher-se contra elles, quando em suas cartas familiares censuravam os actos governativos, que não

eram conformes aos seus sentimentos, o certo é que D. Carlos III concebeu ácerca d'elles suspeitas de conspiradores; suspeitas, que julgamos hoje infundadas, mas que então não deixavam d'impressionar vivamente os espiritos, mórmente depois da opposição que o tratado de limites de 1750 encontrara n'America da parte d'esses indigenas, cuja direcção espiritual e temporal estàva exclusivamente entregue aos membros da sociedade de Jesus.

No estudo imparcial, que fazemos das causas da suppressão dos jesuitas acreditamos serem os motivos acima allegados muito mais provaveis do que a anecdota referida pelos senhores Cretineau-Joly, e Ravignan relativa á supposta carta do geral Ricci, em que punha-se em duvida a legitimidade do nascimento de D. Carlos III. O ultimo d'esses escriptores, apezar da sua sisudez e gravidade, preferiu dar ao conto uma forma dramatica: po-la na bocca d'um grande d'Hespanha viajando pela Italia, e tendo por ouvinte o padre Cassèda, ex-reitor da primeira casa dos jesuitas em Madrid (*). Si S. M. Catholica, em sua ordenança de 2 d'Abril de 1767, publicada em forma de *pragmatica-sancção*, disse que bania os jesuitas dos dominios da sua corôa *por motivos que ficavam occultos no seu real coração*, não foi, como pensa o senhor Cretineau-Joly, por querer esconder ás vistas profanas a verdadeira razão do seu resentimento contra a companhia; mas sim por um resto de compaixão pelas desgraçadas victimas, que outr'ora tanto amara e venerara, por não querer envenenar as feridas do seu doloroso exilio repetindo n'um documento official, destinado a fazer o gyro da Europa, o que então contra elles se allegava.

Com todo o sangue frio hespanhol ordenou el rei a execução do seu edicto, e inabalavel mostrou-se em sua resolução. Estava de tal modo prevenido contra os jesuitas, que incorria em seu desagrado todo o que tomasse a sua defesa.

O zelo excessivo dos subalternos não poucas vezes desnaturalisa as intenções dos superiores: o rei catholico achava-se, como dissemos,

(*) Vide Ravignan Clément XIII et Clément XIV, chap. V pag. 194.

summamente irritado, mas não tinha de modo algum autorisado os excessos, que em seu nome se commetteram. A expulsão dos jesuitas da Hespanha foi cruel; e levou as lampas á ordenada pelo marquez de Pombal. Ouçamos a tal respeito o testemunho d'um auctor por forma alguma suspeito, pois que todos o reconhecem como alumno da philosophia dominante na Europa no seculo passado. O conde Alexis de S. Priest assim se exprime:

« A dous d'Abril de 1767 no mesmo dia, á mesma hora, ao norte « e ao meio-dia d'Africa, n'Asia e n'America, em todas as illhas da « monarchia, os governadores geraes das provincias, os alcaides das « cidades abriram os *pregos* munidos de triplice sello. Uniforme era « o seu theor: sob as mais severas penas, inclusive a da morte, lhes « era ordenado de dirigirem-se com mão armada ás casas dos jesuitas, « investi-las, expulsa-los dos seus conventos e transporta-los como « prisioneiros em vinte e quatro horas a um porto d'ante-mão desi- « gnado. Os captivos deveram embarcar-se immediatamente, dei- « xando seus papeis sellados e não levando comsigo senão o bre- « viario e o seu fato..... Devemos convir que a prisão dos jesuitas « e o seu embarque se fez com uma precipitação talvez necessaria, « porém barbara. Perto de seis mil padres de todas as idades, ho- « mens de nascimento illustre, doutas personagens, velhos opprimi- « dos d'enfermidades, privados dos mais indispensaveis objectos, « atirados no fundo do porão, e entregues ás ondas sem destino fixo, « nem direcção precisa. (*) »

Clemente XIII amava os jesuitas e fez para salva-los tudo quanto estava ao seu alcance; já publicando a bulla *Apostolicum pascendi* de 7 de Janeiro de 1765, em que proclamava á face da christandade a sua sanctidade e innocencia, bulla que seu successor disse ter sido antes extorquida do que pedida, *extorta potius quam impetrata*; já escrevendo ao rei d'Hespanha em favor dos jesuitas do seu reino a sentidissima epistola onde se lem estas tocantes palavras: *tu quoque, fili mihi.* Não podia porém permittir o soberano pontifice que fossem seus direi-

(*) Hist. de la chute des Jesuites au XVIII siècle, pag. 64.

tos de tal modo menosprezados, que sem consulta-lo, e manifestamente contra seus desejos, arrojassem ás costas dos estados da igreja os desterrados das outras nações, embora pertencessem estes desterrados á classe ecclesiastica. Vedou-lhes portanto o accesso no seu territorio, ordenou aos governadores de Civita-Vecchia, Porto d'Anzio, Ancona e outros lugares banhados pelo Mediterraneo, ou pelo Adriatico, que prohibissem formalmente o desembarque dos jesuitas hespanhoes, e o cardeal Torregiani, secretario d'estado communicando esta resolução ao nuncio da Santa Sé em Madrid usava d'estas formaes palavras: « O papa é em seus estados um soberano tão independente com qualquer outro monarcha, e não é seguramente permittido a nenhum principe o deportar os exilados do seu paiz para outro, sem o previo assenso do respectivo governo. » Repellidos assim os jesuitas por erro dos governantes da sua nação, erraram por muito tempo á mercê das vagas, expostos a todo o genero de privações, soffrendo todas as miserias imaginaveis, até que a republica de Genova offereceu-lhes uma hospitalidade provisoria na illha de Corsega, d'onde sahiram em tempos mais calmos para partilharem no patrimonio de S. Pedro do asylo, que lhes tinham preparado seus irmãos de infortunio.

Sem querer justificar os jesuitas de todas as accusações, que sobre elles pesavam, sem entrar mesmo na analyse minuciosa dos motivos allegados para a sua suppressão na Hespanha, e sem pretender negar aos governos a faculdade de supprimir pelos meios reconhecidos em direito as congregações religiosas, cuja permanencia possa ser damnosa ao paiz, não podemos todavia deixar d'estigmatisar a maneira violenta, diremos quasi brutal, com que foi executado o edito d'el-rei catholico por esses mesmos homens que pouco antes rojavam aos pés dos padres da companhia, que mendigavam seu patrocinio, e a quem em grande parte lhes deviam a posição eminente, que ora occupavam e da qual se serviam para pagar a sua divida com a mais negra ingratidão. Innocentes ou culpados os jesuitas deveram ser tratados d'um modo diverso porque o foram: o conde d'Aranda comprehendia mal as intrucções de Choiseul.

A exemplo da Hespanha, Napoles, Malta, Parma rejeitaram do seu

seio todos os religiosos da companhia de Jesus. Malta dependia do rei de Napoles, este devia submissão e respeito a seu pai dom Carlos III, e o duque, pertencente á nobre familia dos Bourbons, devera seguir a politica adoptada nos gabinetes de França e da Hespanha.

Passaremos em silencio as arbitrariedades commettidas no reino das Duas Sicilias pelo marquez de Tanucci, em nome do seu joven soberano, chegando a ponto de lançar os jesuitas vindos de differentes collegios sobre as raias d'Ascoli, Rieti e Terracina, acompanhados pelas tropas reaes, e com defesa de pôrem os pés no territorio napolitano, sob pena de morte: as medidas repressivas tomadas contra a companhia pela republica de Veneza, e por outros estados da Italia para occuparmo-nos das *garantias materiaes* que contra a S. Sé lançaram mão os governos de França, Hespanha e Napoles.

O papa Rezzonico (Clemente XIII) mostrara-se desde o começo do debate decidido protector da companhia, e a cada nova aggressão, que esta recebia fazia corresponder palavras de justa e sancta indignação. Em tempos ordinarios as palavras do pai commum dos fieis seriam ouvidas com o devido acatamento, nessa épocha porém inteiramente anormal, quando o philosophismo jurara immolar aos filhos de Loyola ante as azas fumegantes do Porto-Real, não serviam ellas senão para irritar cada vez mais os espiritos: e a historia imparcial não deixará de culpar a esses regulares por não terem por uma prompta submissão desarmado os seus contrarios deixando de expôr ás tribulações, e ás angustias os amargurados dias d'um Augusto Velho.

Sabem os nossos leitores que o ducado de Parma e Placencia era um antigo feudo da S. Sé destacado d'esta por occasião da elevação do principe Alexandre Farnese ao solio pontificio com o nome de Paulo III, impondo a seus successores a obrigação de pagarem um tributo annuo de 9000 escudos para as despezas da camara apostolica. Sabem ainda que pela extincção da familia reinante na pessoa de Francisco Farnese, o imperador d'Allemanha e o rei d'Hespanha disputaram a sua posse, até que veio esta a caber ao infante dom Carlos, filho de dom Fillippe V, rei de Hespanha. O

duque dom Fernando, successor d'este principe, tinha promulgado em seu estado alguns decretos offensivos ás immunidades ecclesiasticas, e o S. Padre attendendo ás reclamações dos bispos, julgou dever intervir nesses negocios revogando pelo seu breve de 30 de Janeiro de 1768 tudo o que lhe parecia contrario ás suas prerogativas, e ameaçando no caso de resistencia ás suas ordens com as censuras ecclesiasticas. Aproveitando-se do ensejo reivindicava (talvez com pouca opportunidade) seus direitos de *suzerania* ao ducado de Parma e Placencia, como antiga possessão da S. Sé, e cujos direitos esta jámais renunciára. Tanto bastou para que as côrtes cujos principes pertenciam á familia de Bourbon, se julgassem profundamente offendidas, e que em virtude do *pacto de familia*, sem contradicção uma das mais felizes creações diplomaticas do seculo passado, ordenassem uma leva de broqueis contra Roma. Castro e Ronciglione, foram occupados pelo duque de Parma, a pretexto de serem antigas dependencias dos seus estados; o rei de Napoles invadiu os principados de Ponte Corvo e Benevento encravados nos dominios da sua corôa; e o mesmo praticou a França a respeito do Avinhão e do condado Venaissin. O monitorio de Parma era apenas um pretexto: o fim real de todas estas represalias, semilhante a que acaba de practicar a Russia nos principados do Danubio com a reprovação de toda a Europa, era o de constranger o papa a supprimir a ordem de Jesus, como se encarregaram de evidenciar os acontecimentos posteriores.

Depois de ter inutilmente protestado contra tal violação do direito internacional, não tendo podido fazer chegar a linguagem da razão e da justiça aos ouvidos dos monarchas catholicos, que julgavam servir a religião contrariando as intenções do seu chefe, Clemente XIII expirou no dia 2 para 3 de Fevereiro de 1769, pondo assim termo a um laborioso pontificado de dez annos, seis mezes e vinte e seis dias.

« Collocado sem cessar pela oração em presença de seu Deos, e « do seu cargo supremo, diz o R. P. Ravignan, quando todos os « interesses terrestres, todas as instancias as mais vivas pareciam

« dictar-lhe o silencio e as fracas condescendencias, ouvia no fundo
« do seu peito resoar a grande voz da Igreja, que jámais póde aban-
« donar direitos, que do céo recebêra, e nem as ameaças, os ul-
« trajes, as usurpações e os sacrilegos attentados conseguiram
« abrandar a sua energica resistencia: nunca deixou escapar um só
« acto de fraqueza (*). »

Acompanhando ao douto jesuita no juizo que forma ácerca de Clemente XIII seja-nos todavia licito pensar como o R. P. Theiner, que tanto o papa como o seu secretario d'estado, o cardeal Torregiani tinham vistas estreitas e estavam em completa ignorancia das necessidades do seu tempo. O certo é que em seu governo se deu o facto inaudito de serem as letras apostolicas do vigario de Christo laceradas publicamente nas praças publicas, e queimadas pela mão do algoz.

Não faremos a historia do conclave de 1769 d'onde sahiu eleito papa Lourenço Ganganelli com o nome de Clemente XIV: é este um drama, que apresenta muitas peripecias, e que tem sido diversamente narrado. Para uns como o sr. Cretineau Joly, foi o theatro das intrigas as mais baixas e abjectas dos embaixadores dos principes catholicos e o da mais vergonhosa corrupção d'alguns homens condecorados com a purpura romana. (**) Para outros como o R. Theiner na sua excellente *Historia do pontificado de Clemente XIV*, foi esta uma assembléa veneranda convocada n'um dos mais solemnes momentos por que tem passado a igreja, e que apezar da pressão, que d'encontro ás paredes do Quirinal exerciam os delegados dos diversos gabinetes catholicos para lhe extorquirem um voto, que fosse favoravel aos seus intentos, procedeu com a maior liberdade, e o escrutinio que deu a igreja um chefe na pessoa de Ganganelli não póde ser suspeito da menor violencia, ou corrupção. No entender d'este grave autor a historieta da obrigação assignada pelo futuro pontifice d'extinguir a companhia de Jesus não passa d'uma fabula inventada pela fertil imaginação dos seus contrarios. Outros finalmente, como

(*) Clément XIII et Clément XIV par Ravignan chap. VI pag. 326.
(**) Vide Clément XIV et les Jesuites par Cretineau-Joly, chap. III pag. 268.

o R. Ravignan se veem nos mais serios embaraços tendo de fazer a narrativa d'esta celebre eleição, devendo por um lado o maior respeito para com a memoria d'um homem, que sentou-se na cadeira de S. Pedro, e julgando-se por outro lado na necessidade d'attenuar a impressão causada pela suppressão, que esse pontifice fulminou contra o seu instituto. Procura livrar-se da sua critica situação lançando todo o odioso sobre os *cardeaes das corôas*, assim chamados os que advogavam seus interesses, ou em razão do nascimento, ou pela residencia que tinham fixado nos seus dominios: e chegando á pessoa do papa saúda-o com respeito, mas não se demora em fazer o seu panegyrico, como praticava com seu successor (*). Si fosse permittido á nossa inopia emittir um juizo n'uma questão tão debatida, e a que tão habeis pennas se tem consagrado, diriamos que a eleição d'um pontifice como Clemente XIV, notavel pela prudencia, pela brandura do seu caracter, n'uma épocha tão calamitosa, é uma prova de mais do cuidado com que Deos véla pela sua igreja. Nenhum outro nome no sacro collegio poderia reunir tantas sympathias; ninguem mais do que elle era dotado d'um espirito conciliador; a mãos mais habeis não poderia ser confiada a barca de Pedro.

O grande acto de Clemente XIV, e que só por si resume todo o seu glorioso pontificado é o da extincção da sociedade de Jesus. Como era de esperar foi elle diversamente interpretado: para os jesuitas e os seus encomiastas foi um acto execrando: o papa estava louco quando assignou o breve, que feriu-os de morte: para os homens imparciaes, para aquelles que lêm a historia sem amor, nem odio, foi um acto de grande sabedoria, reclamado pelas circumstancias; pois que de modo algum devêra a igreja identificar-se de tal sorte com a obra de S. Ignacio, que confundisse a sua existencia eterna, baseada nas divinas promessas com a vida transitoria d'uma instituição, creada para o seu serviço, e que podia ceder o posto a outras, logo que d'ella se não precisasse; e maxime quando se tornava prejudicial pelos abusos que no primitivo instituto se tinham introduzido.

(*) Vide Ravignan—Clément XIII et Clément XIV chap. VII.

Remettemos o leitor curioso para as obras especiaes, que a tal respeito se tem escripto nestes ultimos tempos, e talvez que com mais vagar nos occupemos d'este importante episodio da historia moderna. Por ora e para formular o juizo que sobre a companhia devemos pronunciar neste tosco e imperfeito *Ensaio* só diremos que o grande pontifice vivamente instado pelos governos catholicos, que tanto applaudiram a sua eleição, pediu-lhes que lhe concedessem o tempo necessario para o conhecimento pratico dos objectos, sobre os quaes chamavam a sua attenção e zelo pastoral. Graves por sem duvida eram as accusações, que pesavam sobre a sociedade de Jesus: cumpria consagrar algum tempo ao seu estudo, ao exame dos documentos, que de toda a christandade se lhe enviaram. Quatro annos foram n'isso empregados, durante os quaes ouviram-se as mais doutas personagens nacionaes e estrangeiras, e só depois de madura reflexão, quando se convenceu que era geral a animadversão contra os membros do instituto de Loyola, e que com pequenas excepções todas as almas piedosas, todos os verdadeiros e sinceros amigos da igreja, formavam votos pela sua suppressão, é que decidiu-se *ex informata conscientia* a promulgar o breve de 21 de Julho de 1773 em que se lhe retiravam todos os privilegios concedidos pelas bullas de Paulo III e dos seus successores, declarando extincta a companhia de Jesus, e seus membros desligados dos votos, que nella tinham solemnemente proferido.

N'esse celebre rescripto, que começa por estas palavras: « *Dominus ac Redemptor noster* » o soberano pontifice, depois de ter commemorado os exemplos das outras ordens religiosas, que pelos seus antecessores haviam sido supprimidas, como a dos templarios por Clemente V, a dos humilhados por S. Pio V etc., chegando as causas, que o moviam a extinguir a dos jesuitas diz que a isso o levava o amor da paz, e em beneficio da sociedade christãa, que esses regulares tinham agitado pela sua doutrina e zelo ardente com que defendiam-na com notavel detrimento dos interesses da igreja. Pedimos que nos seja concedido o citar textualmente o trecho do

breve, em que se dá a causal d'essa decisão pontificia, até para que se veja com que moderação procedia a S. Sé.

« Tot itaque, ac tam necessaria adhibitis mediis, Divini Spiritus, « ut confidimus, adjuti præsentia et afflatu, nec non muneris nostri « compulsi necessitate, quo ad Christianæ Reipublicæ quietem et « tranquillitatem conciliandam, fovendam, roborandam, et ad illa « omnia penitus de medio tollenda, quæ eidem detrimento vel mi- « nimo esse possunt, quantum vires sinunt, arctissime adigimur; « cumque præterea animadverteremus prædictam societatem Jesu « uberrimos illos, amplissimosque fructus, et utilitates afferre « amplius non posse, ad quos instituta fuit, a tot prædecessoribus « nostris approbata, ac plurimis ornata privilegiis, imo fieri, aut vix, « aut nullo modo posse, ut ea incolumi manente vera pax ac diuturna « ecclesiæ restituatur; his propterea gravissimis adducti causis « aliisque pressi rationibus, quas a prudentiæ leges et optimum « universalis ecclesiæ regimen nobis suppeditant, altaque mente « repositas servamus, vestigiis inhærentes eorundem prædecessorum « nostrorum, et præsertim memorati Gregorii Prædeces, nostri in « generali concilio lugdunensi, cum et nunc de societate agatur, tum « instituti sui, tum privilegiorum etiam suorum ratione, mendi- « cantium ordinum numero ascripta, maturo consilio, ex certa « scientia, et plenitudine potestatis apostolicæ sæpedictam societatem « extinguimus et supprimimus; tollimus et abrogamus omnia et « singula ejus officia, ministeria et administrationes, domus, scholas, « collegia, hospitia, gymnasia et loca quæcumque quavis in pro- « vincia, regno et ditione existencia et modo quolibet ad eam per- « tinentia; ejus statuta, mores, consuetudines, decreta, constitu- « tiones, etiam juramento, confirmatione apostolica, aut alias « roboratas; omnia item et singula privilegia, et indulta generalia, « vel specialia, quorum tenores præsentibus, ac si de verbo ad « verbum essent inserta, ac etiamsi quibusvis formulis, clausulis « irritantibus, et quibuscumque vinculis et decretis sint concepta, « pro plena et sufficiente expressis haberi volumus »

Todo o homem a quem não cegar o espirito de partido verá nas palavras cuja fiel transcripção acabamos de citar, bem como nas de todo o breve em questão a calma que presidiu a um acto de tanta magnitude qual aquelle de que se tratava. Ninguem por certo acreditará no romance contado pelo sr. Cretineau Joly, e repetido pelo sr. Ravignan ainda que revestido de circumstancias mais attenuantes, no qual o sancto padre assigna o breve de que tractamos *com o lapis durante a noite, e n'uma das janellas do Quirial* cahindo depois em deliquio de que só sahiu no dia seguinte!.... São por demais ridiculas narrações de semilhante natureza para que percamos nosso tempo em refuta-las, e enviamos os que desejarem ve-las pulverisadas para a já citada obra do R. P. Theiner. Aos argumentos do sabio oratoriano respondeu o sr. Cretineau-Joly com duas cartas em que abundam as illusões pessoaes, e que mais se parecem com um *pamphlet* do que com o escripto d'um homem aliás de muito merito, e de quem se devera esperar alguma cousa de mais serio.

Para se vingarem da mão, que os punia, os ex-jesuitas não recuaram perante nenhum dos meios, a que homens honestos e sobretudo ecclesiasticos jámais devem recorrer: já promovendo as falsas prophecias, que encerravam uma ameaça contra o papa, como as de Theresa Poli, já publicando uma multidão de libellos famosos, cheios de negras calumnias contra a S. Sé, a cujas impuras fontes vão hoje buscar os seus apologistas esse immenso material de documentos, que se dizem devidos a testemunhas fidedignas e contemporaneas; já finalmente declarando-se em completa rebellião contra as ordens do chefe da igreja, como na Silesia, Polonia e Russia Branca, com o favor de soberanos hereges, ou schismaticos. Para conjurar a sua proxima quedа tinham implorado a protecção de Frederico II, que respondeu-lhes que assim como não tinha intercedido em pról do regimento de Fitz-James, supprimido por Luiz XV, tambem não queria se ingerir nas reformas que aprovesse ao papa fazer; agora lisongeavam na Polonia o amor proprio de Catharina, para encontrarem um asylo, onde se abrigassem contra o odio dos povos e dos reis, e d'onde podessem a seu salvo desobedecer ao papa.

Desde o dia 17 de Agosto de 1773 em que fôra publicado o breve « *Dominus ac Redemptor noster* » até o de 7 de Agosto de 1814, em que foi solemnemente restabelecida a sociedade de Jesus pelo papa Pio VII em virtude da bulla *sollicitudo omnium Ecclesiarum* tinham-se passado trinta e um annos, em cujo lapso grandes e maravilhosos acontecimentos tiveram lugar. Como um grande rio a revolução franceza dividia as duas margens oppostas, e só ella podia fornecer plausivel explicação ao que parece á primeira vista inconciliavel. O cataclysma popular havia derribado todas as crenças; o principio d'autoridade estava profundamente abalado, necessitava-se de quem sustivesse a sociedade moderna nas bordas do abysmo, em que ia despenhar-se. Este paradeiro só podia ser a religião catholica, mas os jesuitas foram bastante habeis para fazer crer aos povos que a sua ruina procedêra do seu grande zelo religioso, da defesa que haviam emprehendido do dogma contra os ataques da impiedade. Aguardando melhores dias empregavam-se na Prussia, na Austria e na Russia na educação da juventude, e os governos d'esses paizes, que só viam nelles mestres dedicados e esclarecidos continuaram a prestar-lhes o mesmo, senão maior favor, que outr'ora lhes concediam. Foi na Russia, que a pedido de Paulo I, foi permittida a conservação da antiga regra vivendo sob o seu regimen os padres que n'aquelle imperio haviam outr'ora pertencido á sociedade dissolvida, com a condição de s'empregarem unicamente nos trabalhos do magisterio e catechese. Oito annos mais tarde em 1809 foi a mesma graça concedida ao rei de Napoles, que por ella instava; até que o restabelecimento geral da companhia foi pronunciado por Pio VII voltando do exilio, e julgando pelos symptomas da reacção que de todas as partes se manifestava, que a sancta alliança conseguira com seu famoso congresso de Vienna pôr um cravo no eixo do carro revolucionario, e que o mundo ia retrogradar, desenganado pelo triste resultado das modernas utopias.

Os factos da historia contemporanea se encarregam melhor do que poderiamos faze-lo de demonstrar que os jesuitas *nada aprenderam*, *nem esqueceram* em sua adversidade, e que depois d'esta

longa e dura provação voltaram nutrindo as mesmas ideias de dominio e de illegitima influencia, que acarretaram a sua extincção. Longe de empregarem o tempo do seu exilio em se corrigirem dos seus passados erros, procurando imitar as sublimes lições do seu sancto instituidor dir-se-hia que consagraram-no particularmente ao estudo do *directorio* d'Aquaviva. Todos sabem que foram elles, que deram origem á formação *d'esse partido padre*, que tanto contribue para tornar em França impopular a restauração. N'este mesmo paiz travaram uma grande luta com a universidade relativa á liberdade do ensino, de que agora se faziam campeões, depois de terem-no outr'ora monopolisado. Na Hespanha chamados por Fernando VII afim d'auxilia-lo em suas medidas reaccionarias, foram d'ella novamente expulsos em 1820 com o momentaneo triumpho do partido liberal; e no reino vizinho deveram tambem a dom Miguel o serem reinstallados no seu antigo collegio de Coimbra; tendo de abandonar o reino quando o seu protector cessou de reinar. Provocaram na Suissa a guerra civil, e a elles se poderá com verdade attribuir todas as ruinas, todo o sangue innocente derramado n'esse paiz. Prégam a intolerancia na Belgica, e na Allemanha: e mesmo em Roma attrahem tanto contra si o resentimento popular que o primeiro grito do povo libertado dos seus grilhões pelo magnanimo Pio IX é pedindo a sua expulsão. N'esses dias vertiginosos, em que dominou na cidade dos Cesares e dos Papas a republica de Mazzini o convento de *Gesú* escapou de ser devorado pelas chammas ao passo que todos os outros foram respeitados. Ha talvez em tudo isto uma terrivel fatalidade: póde ser que seja a sociedade de Jesus innocente de todas as recriminações que contra ella se dirigem, e que amestrada por uma dolorosa experiencia tenha inteiramente renunciado o campo da politica; mas no nosso fraco entender é ella um anachronismo tão grande em nossos dias como se-lo-hia o restabelecimento dos templarios. Ponhamos aqui termo á primeira parte d'este rapido esboço, e vejamos quaes foram as phases da sua existencia no Brazil.

II

Nove annos apenas haviam decorrido depois da formal approvação do instituto de Loyola quando aportaram ao Brazil os primeiros jesuitas, acompanhando o primeiro governador geral. Todos sabem que o nosso bello paiz que o acaso, ou antes a providencia mostrára a Cabral, foi nos verdes annos da sua existencia entregue a especuladores, que d'elle queriam tirar lucros fabulosos, e que se viram pela maior parte illudidos em seus ambiciosos designios. Os primitivos donatarios depois d'inuteis esforços renunciaram, ou venderam á corôa os seus direitos, quando uma politica mais esclarecida do que a que presidira aos destinos da joven colonia, pensou em substituir por um governo geral, dependente da metropole, esses governos independentes uns dos outros,e que com o andar dos tempos poderia conduzir-nos ao feudalismo, si porventura esse gothico legado dos seculos barbaros podesse se aclimatar no livre só'o de Colombo. Não era possivel que a sociedade de Jesus, que havia tomado por divisa a conversão do mundo ao verdadeiro culto, deixasse por mais tempo permanecer nas trevas da idolatria esta tão importante porção do novo continente; assim pois a instancias do senhor rei dom João III apressou-se o P. Simão Rodrigues, superior dos jesuitas em Portugal, a enviar tres padres, e dous irmãos coadjuctores, sob a direcção do padre Manoel da Nobrega.

A exemplo de Xavier, cujas maravilhosas acções já enchiam de pasmo o mundo, e arrancavam a admiração dos proprios contemporaneos, tiveram os primeiros membros da companhia de regar com o suor dos seus trabalhos e tribulações o esteril terreno da cathechese, chamando ao gremio da Igreja a esses filhos das palmeiras, que esquecidos da tradição primitiva tinham quasi que de todo perdido as mais simples noções da religião revelada, apenas conservando, como uma lampada suspensa n'ababoda da sua alma, a ideia d'um Deus remu-

nerador da virtude, e a cujas penetrantes vistas não se póde subtrahir o vicio.

A primeira igreja levantada na Bahia (a de N. S. d'Ajuda) e por consequencia em todo o Brazil foi devida a esses intrepidos missionarios, que não satisfeitos de se consagrarem á penosa tarefa do apostolado levantavam com as suas proprias mãos os templos onde deveram se celebrar as pompas augustas do christianismo. Carregavam as pedras; iam á fonte buscar agua, largavam o breviario para tomar a trolha e a esquadria, e desciam dos andaimes para subir ao altar onde celebravam o tremendo mysterio eucharistico. Jubilosos concorriam os indigenas para taes trabalhos e cada um, na proporção das suas forças, queria tambem ter o seu quinhão na gloriosa empreza da civilisação do paiz por via do Evangelho. Concluida a edificação d'essa Igreja, cederam-na ao bispo dom Pedro Fernandes Sardinha e emprehenderam a erecção d'uma casa, que lhes servisse de collegio, e o de S. Thiago foi fundado com o auxilio dos moradores e principalmente dos indigenas. O P. Ruy Pereira escrevendo aos seus confrades de Portugal assim exprimia o concurso que os naturaes da terra prestavam ás obras por elles emprehendidas:

« Quando os primeiros padres foram fundar a casa (a de S. Thiago « na Bahia) além d'alegria, que mostraram com a sua vinda trouxe- « ram-lhes gallinhas e outros mantimentos para comerem, e foi « tanta a diligencia, que puzeram em fazer a igreja, que em quatro « dias acabaram, desoccupando-se de todo o mais, até as mulheres « limpavam os terreiros, e no meio d'estes arvoravam uma cruz, a « maior que em minha vida vi: isto acabado ajuntavam os meninos « e meninas em casa dos padres para os assentarem em rol, sem lhes « ser feita força alguma, mas de suas proprias vontades, e mandando « os seus principaes, ajuntaram-se logo para a escola cento e cin- « quenta moços christãos, e innocentes cento e quarenta pouco mais, « ou menos. »

Grandes por sem duvida deveram ser os obstaculos que de todas as partes surgiam e capazes de desacoroçoar a outros que não fossem os nossos hercicos missionarios. Entre esses obstaculos de todo o genero

talvez que não fosse o menor a completa ignorancia da lingua do paiz, mas foi elle em breve superado pelo zelo infatigavel do padre João d'Aspilcueta Navarro, que habilitou-se logo para compor nella as orações e dialogos necessarios para doutrina-los na nossa fé. Parece que até Deus lhes concedia o dom das linguas!

A musica, esse poderoso meio d'acção, era empregado pelos jesuitas com maravilhoso resultado. Sabiam que os povos selvagens são insensiveis a tudo o que não impressiona vivamente a sua imaginação, que é por meio do organismo que póde-se fazer chegar ao seu espirito as grandes verdades, precisando de certo modo materialisa-las para po-las ao alcance do seu rude entendimento. Antes d'ensinar a ler e a escrever aos meninos davam-lhes lições de canto; e eram elles poderosos auxiliares, que encontravam os padres no seu louvavel intento; e assim lemos na Chronica da Companhia pelo P. Vasconcellos, « *que os mais provectos sahiam em procissão pelas ruas entoando em canto de solfa as orações e mysterios da fé* (*). » Celebravam as festas, que eram em grande numero, com todo o esplendor compativel com a falta de recursos que experimentavam; afim de que os indigenas respeitassem pela magestade externa as ceremonias cuja razão escapava á sua intelligencia. Não duvidavam recorrer ao drama, pondo em acção os mysterios do catholicismo; já no adro das igrejas em um theatro improvisado, em que representavam indigenas e portuguezes em ambos os idiomas e com todos os caracteres da prisca comedia, como s'exprime o senhor Magalhães; já no interior dos templos, como por occasião da semana sancta, em que a scena sanguinolenta do Calvario era apresentada com côres tão vivas e naturaes que o espectador dir-se-hia transportado á Palestina, e retrogradando quasi dous mil annos assistir ao grande, inqualificavel attentado do povo deicida.

O zelo dos missionarios era superior a todo o elogio: infatigaveis na propagação da fé não recuavam ante a ideia do martyrio, e os proprios protestantes, como Southey na sua estimadissima Historia do

(*) Vide Chronica da Companhia de Jesus liv. 7 n.° 93, pag. 85.

Brazil, fazem-lhes a devida justiça. Ouçamos suas palavras: « These missionaries were every way qualified for their office. They were zealous for the salvation of souls, they had desingaged themselves from all the ties which attach us to life, and were therefore not merely fearless of martyrdom but ambitious of it. » Comprehende-se de quão grande valia seja este testemunho devido á penna d'um adversario tão conspicuo. Por uma degradação da natureza humana, difficil d'explicar-se, a anthropophagia era uma paixão dominante em muitas tribus dos nossos selvagens, e para extirpa-la não houveram perigos a que se não expuzessem os jesuitas, ora cahindo de surpresa em uma *taba*, (*) e arrancavam das mãos das velhas o cadaver ainda palpitante da desgraçada victima, que destinavam para os seus satanicos festins; ora fazendo com os *principaes* uma concordata pela qual lhes era permittido baptisarem-nas antes do sacrificio, o que era quasi equivalente a salvarem-lhes as vidas, porque uma crença espalhou-se entre os indigenas de que as aguas regeneradoras prejudicavam ao sabor da carne dos prisioneiros. Não era porém impunemente que assim combatiam um uso arraigado pelos seculos, e um dia escapou o primeiro collegio dos padres de ser destruido pelos ferozes Tupinambás a não ser a energia do governador geral Thomé de Souza.

Homens habituados aos commodos da vida civilisada achavam-se no meio das nossas virgens florestas obrigados a viverem como si nellas tivessem visto a luz do dia. Assim era preciso; cumpria que se amoldassem aos habitos do paiz para que mais proveitosa fosse a sua missão, não receiando os naturaes da sua presença. Sahindo de manhãa do seu collegio entranhavam-se pelos sertões em busca das tribus nomadas a quem annunciassem a *Boa Nova* (**), levando unicamente comsigo o crucifixo e o breviario, porque até do sustento se descuidavam, sustento que aliás lhes offereciam as arvores carregadas de saborosos e succulentos fructos, e quando a noite colhia-os

(*) Aldeias de selvagens.

(**) O Evangelho.

de improviso depois de terem galgado ingremes montanhas, atravessado a váo e muitas vezes a nado as torrentes dos nossos caudalosos rios, com a cutis tostada pelo ardente sol dos tropicos, ou o rosto zurzido pelos espinhos, batiam com confiança á fragil porta d'agreste cabana, pertencentes a alguma *taba* escondida em profundo valle, e deitados nas *inis* (*) dormiam tranquillos. Outras vezes mudava-se a scena e apresentava-lhes novo e descommunal espectaculo. Chegavam no meio dos festins; e assistiam ás suas dansas, ou antes aos seus tripudios, e aquelles ouvidos afeitos ao som do orgão reboando pelás abobadas dos seus templos, eram feridos pelo desagradavel chocalho dos *maracás* (**). Trocavam o pão pela *tapioca*: andavam descalços e vestiam-se d'algodão: impossivel seria resistir as palavras d'esses homens, que tão bem sabiam alliar a theoria com a pratica: prégavam a pobresa e eram pobres, o desprezo do mundo e abnegavam-se.

Tinham porém os jesuitas mais obstaculos a encontrar da parte dos colonos do que da dos naturaes do paiz. A povoação do Brazil fora entregue ao acaso; e n'essa épocha, e ainda por muito tempo depois, considerado como um presidio de degradados, asylo d'homens perdidos, a quem a metropole não podia supportar por seus vicios. Ora, si taes homens eram temiveis no reino, onde a policia podia vigiar os seus passos, e reprimirem de prompto as autoridades os seus crimes, como não seriam em uma terra nova, onde viviam com a mais solta independencia, e onde a acção das leis era quasi que perfeitamente nulla. Pessimo era o systema de colonisar adoptado por Portugal, consistindo em mandar para as suas possessões d'além mar os criminosos, os réos de policia, para servirem de nucleo á nova povoação. Uma natureza virgem exigia tambem costumes simples e puros, almas virtuosas, e não era certamente proprio o enviar-lhe a escoria, as fezes da população do reino, mas o reino não tinha outros homens para *exportar*, porque os cavalleiros, os mancebos

(*) Redes d'algodão.
(**) Instrumento de musica.

pertencentes ás boas familias partiam para o Oriente a colher louros, ou morrer heroicamente; outros iam negociar, e sem duvida que mais lucravam embarcando-se para a India e trazendo d'ali os ricos productos do seu sólo, as perolas, os brocados, o marfim já convertido em preciosos artefactos, do que virem permutar com selvagens os generos da Europa, que não apreciavam, pelas suas palhetas d'oiro, e por outros objectos tambem incultos, e aos quaes então não se dava grande valor. Os lavradores, os artesões não tinham igualmente que fazer na nossa terra, não queriam aquelles expor-se aos rigores do nosso clima, e receavam estes não achar occupação, e morrerem á mingoa com suas familias. Restavam portanto colonos, que nos não convinham; mas que se reputavam por felizes trocando o seu desterro pelos carceres da patria, ou talvez que pela corda do algoz. Exerceu felizmente o clima poderosa influencia sobre o caracter d'esses primeiros povoadores do Brazil; modificaram, graças á sua acção, a sua indole, e muitos se metamorphosearam em homens honestos e excellentes cidadãos.

Todavia para que taes phenomenos tivessem lugar era necessario que alguns annos decorressem; e ainda assim não podiam elles converter-se em regra geral. Haviam muitos corações endurecidos, temperas d'aço, que eram insensiveis aos primores da natureza americana, e que ainda aqui reproduziam os máos habitos a que estavam avezados. D'esses homens é que se queixavam os jesuitas em suas cartas, lamentando que christãos, que portuguezes fossem mais difficeis de se converterem do que os selvagens, que viviam entregues ás paixões, sem a minima noção da lei de Deos. E o que era ainda peor, alguns clerigos, inteiramente esquecidos do seu sancto ministerio, prégavam com o seu exemplo e com as suas palavras uma doutrina opposta á moral de Christo, da qual os jesuitas eram promulgadores. « Os clerigos d'esta terra (dizia o padre Nobrega em uma carta mandada da capitania de Pernambuco em 1551) tem mais o officio de demonios que de clerigos; porque além do seu máo exemplo e costumes querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado

com suas negras, pois que são suas escravas, e que pódem ter os salteados, pois que são cães; e outras cousas similhantes, por escusar seus peccados e abominações. De maneira que nenhum demonio temos agora que nos persiga, senão estes. Querem-nos mal porque lhes somos contrarios aos seus máos costumes, e não podem soffrer que digamos as missas de graça em detrimento dos seus interesses.» Era necessario toda a energia, todo o zelo d'um jesuita da primeira época, para superar taes obices.

A grandeza e a futura importancia do Brazil não escapou ao espirito esclarecido do primeiro geral dos jesuitas, elevando-o em 1553 á cathegoria de provincia independente da de Portugal e nomeando para provincial o padre Nobrega, tendo por seu coadjuctor o padre Luiz da Gram, que fora reitor do collegio de Coimbra. Este distincto jesuita embarcou-se na frota, em que veio o novo governador geral D. Duarte da Costa, trazendo comsigo seis companheiros e entre elles o padre José d'Anchieta, então ainda coadjuctor temporal, mas que em breve devera grangear tão grande nomeadá pelas suas acções e heroicas virtudes.

O primeiro uso que fez o novo provincial da sua autoridade foi o ordenar a erecção de mais um collegio nos campos de Piratininga, que foi o terceiro que contou a ordem no Brazil, sendo o primeiro o da Bahia e o segundo o de S. Vicente, fundado pelo padre Leonardo Nunes e pelo irmão Diogo Jacome no mesmo anno da sua chegada, isto é em 1549. Foi o collegio de Piratininga depois chamado de S. Paulo, em razão de ter-se n'elle celebrado a primeira missa no anniversario da conversão do *Doutor das Gentes*, o grande theatro em que começou a ostentar-se o zelo verdadeiramente apostolico do padre Anchieta. Encarregado do ensino dos neophytos desempenhou de modo admiravel a sua sublime missão, na falta de livros escrevia as lições em cadernos que distribuia por cada alumno, trabalho insano, que não poderia ser emprehendido senão por quem, como elle, sacrificava-se pelo proximo, e cujo unico interesse era o de ganhar almas para o céo. Apprendiam ali os jovens cathechumenos, e os filhos dos colonos os rudimentos das linguas portugueza, hes-

panhola, latina e brasilica, chamada a lingua geral, indispensavel para o trato com os indigenas, idioma cheio de doçura e de bellezas e que é pena sé deixasse em completo abandono depois da suppressão dos jesuitas.

O já citado R. Southey fallando dos trabalhos do padre Anchieta no collegio de Piratininga serve-se d'estas palavras: « Anchieta taught « Latin and learnt from them the Tupinamban, of which he composed « a grammar and vocabulary, the first which were made. Day and « night did this indefatigable man, whose life, without the machenery « of miracles, is sufficienthy honourable to himself and to his order, « labour in discharging the duties of his office. » (*) Parece incrivel que depois de tão arduas funcções quaes ás que s'entregava incessantemente restasse-lhe ainda tempo para compor na lingua do paiz romances, ou antes balladas proprias a inspirar-lhes horror ao vicio e estima para com a virtude, tendo todos por base a sublime moral christãa, e pondo em musica as eternas verdades do nosso culto, fizesse-nas depois cantar pelos meninos indios d'ambos os sexos, a quem d'est'arte inspirava amor pela religião, desenvolvendo n'elles o natural pendor para a musica. Conhecendo por experiencia o quanto influia sobre o homem este importante ramo das bellas artes, é que dizia o grande e virtuoso padre Manoel da Nobrega: « com a musica e harmonia atrevo-me a attrahir a mim todos os Indios d'America. »

O Apostolo do Novo Mundo escrevendo ao geral da companhia assim descreve a distribuição do tempo, e a vida activa que passavam os jesuitas: « Quasi nenhuma arte das necessarias para o commercio « da vida deixam de fazer os irmãos: fazemos vestidos, sapatos, « principalmente alpercatas d'um fio, como canhamo, que nós outros « tiramos d'uns cardos lançados n'agua, e curtidos, cujas alpercatas « pela aspereza das selvas e das grandes enchentes d'agua, é necessario « passar muitas vezes por grande espaço até a cinta, e algumas vezes « até o peito, barbear, curar feridos, sangrar, fazer casas e coisas de

(*) Vide R. Southey History of Brazil, chap. IX.

« barro, e outras similhantes coisas não se buscam fóra, de sorte que « a ociosidade, não tem lugar nesta casa. (*) »

Por mais d'uma vez esteve em perigo o collegio de Piratininga, theatro de tão bellas acções, já pelos *mamelucos*, já pelos indigenas inimigos dos Portuguezes, devendo sempre a sua salvação ao zelo e intrepidez do seu reitor, auxiliado pelos cathechumenos e pelo valente *Tibereçá*, cujo nome nos deve ser tão caro.

Não menos admiraveis são os heroicos missionarios aplacando os odios entre os naturaes e os Portuguezes, e é com verdadeira veneração que pronunciamos seus nomes lembrando-nos dos relevantes serviços, que prestaram á recente colonia. Quando em 1562 os ferozes Pitagoares assolaram a capitania do Espirito Santo, depois de terem devastado as dos Ilheos e Porto Seguro, quando uma guerra de exterminio, cujos resultados não se podiam prever, se tinha travado entre os colonos e os selvagens, foram dous jesuitas (Nobrega e Anchieta) que poderam conseguir que a paz se celebrasse ficando elles como refens nas mãos dos barbaros, esperando a cada instante que soasse a hora do supplicio; attenta a fé punica dos primeiros habitadores d'esta terra.

Graças a uma solicitude superior a tudo a que em seu abono se poderia dizer, tinha-se propagado o christianismo com electrica velocidade: a Bahia, S. Vicente, Espirito Santo, Porto Seguro e Pernambuco possuiam já collegios, e *reducções* servidos pelos padres da companhia de Jesus.

Exerciam sobre o animo dos indigenas quasi que illimitado ascendente, porque consideravam os jesuitas como amigos de Deos e seus naturaes protectores. Vimos a maneira por que desarmaram aos crueis Pitagoares fazendo d'elles alliados dos Portuguezes, e sempre que no meio dos combates, ou ainda no fervor das suas rixas apparecia um filho de S. Ignacio serenava este a atmosphera impregnada da colera e do desejo de vingança, tal como o iris depois de procellosa tempestade é nuncio de bonança. A palavra d'um jesuita era o mais solido

(*) Vide S. de Vasconcell. Vida d'Anchieta.

penhor que se podia dar; e assim tambem era o unico que aceitassem os filhos das brenhas, amestrados por uma triste experiencia a desconfiarem dos protestos d'esses homens fementidos, que os iam buscar em seus longinquos asylos para traze-los ao povoado offerecendo-lhes em troca da sua credulidade o captiveiro, ou a morte.

Ninguem, que tenha se occupado com as coisas da nossa terra, ignora que foram os jesuitas que poderosamente contribuiram, já por seus conselhos, já pela sua amizade com os indigenas, para o triumpho da expedição de Estacio de Sá: tendo anteriormente coadjuvado ao governador geral, seu tio, no nobre empenho de resistir com as poucas forças, que tinha á sua disposição, ao ataque que os Francezes, commandados por Nicoláo Durand de Villegaignon, e contando com a alliança dos Tamoyos dirigiram contra o Rio de Janeiro. A fundação d'esta cidade, destinada a ser a capital d'um grande imperio, a rainha d'America meridional, foi a consequencia immediata da expulsão dos invasores. Sem os jesuitas, sem os seus patrioticos esforços, talvez que os Francezes tivessem permanecido na nossa cidade. O tempo urgia; D. João III tinha cessado de existir; e o reinado seguinte devêra ser o ultimo que contasse Portugal antes do fatal eclipse da dominação hespanhola, e é facil ajuizar si durante ella poderia o Brazil libertar-se da dupla invasão dos Hollandezes ao norte e dos Francezes ao sul.

As palmas do martyrio vieram tambem juntar-se aos serviços de todo o genero que os padres da companhia prestavam á religião: era talvez preciso que como no Japão sellassem com o seu sangue a pureza da sua fé. Esta honra estava reservada ao padre Ignacio d'Azevedo, visitador nomeado para a provincia do Brazil, e que para elle vinha com sessenta e nove companheiros. Jacques Soria, corsario calvinista, condemnando á morte com satanica frieza a esses soldados de Christo julgava ter rarefeito as fileiras do exercito da cruz quando pelo contrario só augmentava o seu numero; porque o sangue dos martyres, como disse Tertulliano, é semente de christãos.

Durante a primeira época da existencia dos jesuitas no Brazil, que corresponde ao seu seculo aureo, praticavam elles tantas virtudes,

houveram-se com tanta abnegação, que longe iriamos, si quizessemos fazer o inventario de todas essas celestes riquezas: além de que não é o nosso proposito escrever a historia do seu estabelecimento, e progressos na nossa terra, o que talvez ainda um dia o façamos si tempo e disposição tivermos para isso. Como porém parece ser destino da humanidade o encontrar sempre ao lado da verdade o erro, e da virtude o crime, uma pagina negra e borrifada de sangue vem fechar a primeira parte dos brilhantes annaes do instituto na terra de Santa Cruz. A perspicacia do leitor ter-nos-ha certamente prevenido adivinhando que queremos fallar do supplicio do calvinista João Bolés, que fugindo ás perseguições do *Caim d'America* viera com muitos coreligionarios seus, buscar asylo nas povoações portuguezas. A intolerancia e o fanatismo religioso tinha accendido em Portugal as fogueiras da inquisição: queimavam-se então ali nas praças publicas os *christãos novos*, accusados de ser occultamente fieis á religião de seus pais, da qual pela força, ou pelo temor do exilio, haviam sido constrangidos a apostatar. Os jesuitas eram bastante esclarecidos, gozavam da mais bem merecida influencia, para impedirem que na nossa patria, onde nem sequer podiam se dar as razões com que se procuravam attenuar taes excessos no velho mundo, se reproduzissem elles com horror da natureza. Era porém grande o poder dos preconceitos; fatal o dominio das falsas idéas, que obrigava a homens illustres como o padre Luiz da Gram, a denunciarem como herege obstinado, perigoso ao bem-estar da colonia, digno n'uma palavra do derradeiro supplicio, a um homem cujo unico erro foi, no nosso entender, o não saber respeitar a crença, a que não tinha fortuna de pertencer, provocando perigosas discussões sobre o dogma. Causa-nos ainda mais estranhesa que o venerando Anchieta, o symbolo, a personificação da virtude, acompanhasse o réo ás escadas da forca, e temendo que se não arrependesse este da sua conversão apressasse o algoz ensinando-lhe até a desempenhar o seu officio!!.....

« O' caridade admiravel e engenhosa (exclama o padre S. de « Vasconcellos). Bem sabia Joseph que segundo as leis ecclesiasticas, « incorria na suspensão das ordens todo o sacerdote, que accelera a

« execução da morte em qualquer occasião, ainda que movido de « causa pia; porém mais podia com elle a caridade e o amor, que « devia ao proximo, que outro qualquer respeito e consideração. »

O Jornal de Timon, escripto por uma das nossas melhores pennas contemporaneas, citando o trecho, que tambem acabamos de transcrever, assim responde á logica sophistica do biographo jesuita: « E « nós dizemos: abominavel fanatismo, que assim perverte e trans- « forma um missionario sublime em miseravel ajuda do algoz! triste « e eterna contradicção do espirito humano! Estes padres, que « vertiam o proprio sangue pela conversão de selvagens canibaes, « agora o derramam d'um irmão innocente e quando muito trans- « viado, violando na sua pessoa as leis sagradas da hospitalidade, e « atanazando-o na sua hora derradeira com torturas moraes, mais « crueis e insupportaveis por ventura que as da corda e do cutello. »

Sejamos porém generosos, nós que vivemos n'um seculo em que a razão impera, em que a tocha da philosophia esclarece os ministros da igreja occupados na meditação do Evangelho, e lançando o véo do nosso reconhecimento sobre os erros dos primeiros civilisadores da nossa patria, curvemo-nos respeitosos ante seus tumulos, nelles depositando corôas de perpetuas e saudades.

Com a morte de Nobrega e d'Anchieta terminaram os tempos heroicos dos jesuitas no Brazil, findou a primeira e brilhante phase da sua historia: a era poetica devera seguir-se á prosaica. Reconhecemos que durante o segundo periodo houveram entre nós homens notaveis pela sua piedade, e verdadeiramente apostolicos: mas o espirito que dirigia as acções dos padres espalhados pelo nosso vastissimo territorio não era o mesmo, e devera necessariamente resentir-se do impulso, que lhe era communicado de longe. O provincial do Brazil devera seguir a linha de conducta, que lhe era traçada pelo geral, e si o leitor tiver a bondade de voltar algumas paginas d'este nosso grosseiro *Ensaio* verá que a indole das constituições se achava já n'essa época profundamente modificada, pelos additamentos que lhe foram feitos. Verdade é que não lhes apresentava a terra de Cabral digno theatro para a sua ambição: não haviam aqui reis, de quem

se fizessem confessores, não tinhamos politica de que fossem os oraculos; mas no pequeno e humilde scenario escolheram o papel de protogonistas, e na defesa da liberdade dos indigenas a alavanca da sua proxima opulencia.

Cremos piamente que os primeiros jesuitas que prégaram contra o deshumano trafico dos indios, estavam animados das mais puras e santas intenções, e até porque recebiam as instrucções dos tres primeiros chefes da ordem, de quem formamos o mais subido conceito, e tinham por executores homens zelosos da propagação do christianismo, para cujo beneficio tudo sacrificavam, como deixamos esboçado. E como poderiam ser indifferentes ao escandalo commettido pelos colonos de reduzirem á escravidão os selvagens, a pretexto de necessitarem dos seus serviços para fazerem florescer a lavoura, a que não se queriam, ou não podiam se entregar? Não eram as *bandeiras, os resgates e as entradas ao sertão* um poderoso obstaculo á cathechese? Poderiam os indigenas acreditar na fé d'homens que tão perfidamente os atraiçoavam? Não, mil vezes não; era necessario pôr um dique a taes excessos, refrear a desordenada cobiça dos colonos; e é o que emprehenderam os jesuitas; si porém o seu zelo era inteiramente desinteressado é o que passamos a examinar, tendo debaixo dos olhos os mais contradictorios juizos, para que d'elles possamos extrahir o nosso, que oxalá possa ser exacto. Julgamo-nos imparciaes n'esta tão celebre e debatida questão; porque ainda uma vez declaramos, que o amor, nem o odio nos liga ao Instituto de Loyola: elogiamos as boas acções dos seus ministros com a mesma independencia com que censuramos aquellas, que nos parecem pouco condignas com a sua santa instituição.

Não penetraremos no intricado labyrintho da legislação portugueza relativa á liberdade dos indigenas do Brazil, ainda que para tal fim possuissemos o fio d'Ariadne. Os S. S. P. P. Paulo III, Urbano VIII e Benedicto XIV puzeram o cunho da sua poderosa autoridade na série de leis, alvarás e cartas regias emanadas na côrte de Lisboa; mas esse mesmo luxo legislativo provava a sua pouca, ou nenhuma efficacia. As leis, como dizem todos os publicistas, devem ser poucas

e claras, mas vigorosamente executadas. A collecção de todas as ordenanças sobre esta tão importante quão simples materia, forma sem duvida um volume igual, senão maior do que o do codigo chamado de Napoleão.

« As leis, diz o supracitado *Jornal de Timon*, que inculcando « uma larga protecção aos indigenas, admittiam comtudo o principio « funesto da escravidão, estabeleciam em certos e determinados casos « diversas formulas e garantias para evitar as injustiças, isto é, os « captiveiros chamados illicitos. Entretanto a cobiça achava mil meios « de illudir essas precauções, em verdade quasi sempre vãas, porque « admittido um principio vicioso e falso como base fundamental da « legislação as consequencias haviam necessariamente de participar « da sua origem. (*) »

Apezar da tibia execução das ordens da metropole vexavam ellas todavia aos colonos de certo modo ferindo seus interesses, que tinham feito consistir na posse dos escravos. A distincção de guerra injusta da justa, em que era permittido reduzir ao captiveiro os que fossem achados com as armas nas mãos, era casuistica, e abria largo campo aos abusos por falta de quem fosse bastante desinteressado para fazer essa apreciação. Os padres da companhia, que haviam solicitado taes providencias da parte do governo portuguez, eram ainda incumbidos em grande parte da sua execução, e comquanto digam os seus historiadores, que as leis eram por elles escrupulosamente cumpridas, parece que nem todos serão d'este parecer lendo a sua propria narração das *entradas e resgates*, não poucas vezes ordenadas por arbitrio dos capitães móres, em que se commettiam pasmosos attentados: contra os quaes não reclamavam elles se grande numero *de indios forros e de administrados* entrava para as suas parochias.

Havia porém, dir-nos-ha alguem, grande vantagem para os indigenas o serem mandados para as missões da companhia porque ao menos ali conservavam a sua liberdade, ao passo que eram reduzidos á triste sorte de escravos quando cabiam em partilha aos particulares.

(*) Vide *Jornal de Timon*, livr. 8.° secc. 4.ª pag. 462.

Cremos que pouco, ou nada mudava-se a sua condição si a *junta da redempção dos captivos*, concedia-lhes a liberdade reconhecendo terem sido apresados em guerra injusta, e remettia-os para as aldêas dos jesuitas, afim de se empregarem no serviço dos mesmos com o onus de ensinar-lhes a doutrina, e cuidar da salvação das suas almas. Poderemos por inducção avaliar do que então se passava presenciando a conducta d'uma grande e poderosa nação moderna, que tem assumido a si o privilegio exclusivo da philantropia na não menos celebre questão do trafico dos Africanos. As *commissões mixtas* ao principio, e depois do *bill Aberdeem* os tribunaes especiaes, mandam para as colonias inglezas os negros aprisionados nos navios julgados *boas presas*, e os *libertos* vão terminar sua existencia longe da patria, soffrendo todo o genero de privações, mas tendo tambem a honra de trabalharem para o engrandecimento da *generosa Albion*. Os homens sempre foram e hão de ser os mesmos: o que n'essa era praticavam os jesuitas com os indios forros fazem hoje os Inglezes com os Africanos libertos.

Ninguem hoje se illude com palavras, moeda falsa da civilisação, todos querem entrar no amago das coisas, e si é possivel perscrutar o segredo das consciencias. E' um principio juridico que o autor do crime é quasi sempre o que mais utilidade d'elle tira, e si o applicarmos ao caso vertente poderemos concluir que si os jesuitas enriqueciam na razão directa da pobreza e da quasi miseria dos moradores, que confiados nos braços da escravatura abandonavam-se ao desespero quando estes lhes faltavam não era unicamente por amor da humanidade, e sim movidos por outros motivos, quiçá menos nobres, que provocavam os edictos regios, instavam com os governadores para que os pozessem em execução, augmentando d'est'arte o numero dos *administrados*, com não pequena vantagem das suas *residencias*. Ouçamos a este respeito uma testemunha imparcial, que se achava muito em estado de apreciar do methodo seguido pelos padres da companhia pelo profundo estudo que fizera d'este assumpto corroborado pela longa residencia n'uma provincia, que talvez mais que nenhuma outra conserva ainda os vestigios do dominio d'esses

regulares. O tenente general Arouche na sua *Memoria sobre os Indios da provincia de S. Paulo no anno de* 1798, assim se exprime: « Os indios das fazendas jesuiticas tinham uma liberdade « imaginaria, porque elles eram tratados com a mesma sujeição, o « mesmo aperto, e a mesma obediencia que o resto dos escravos. « Accrescia além d'isto o systema de os ter sempre separados do « commum dos homens para nunca poderem ser desabusados, de « os casarem com pretos e pretas escravas, baptisando os filhos como « servos. » (*) Interroguemos ainda outra testemunha qualificada, e prestemos summa attenção ao seu depoimento. Fallando ácerca das *administrações* que qualifica *d'uma modificação no nome caracteristico de captiveiro* um illustre brazileiro, assaz conhecido por seus escriptos, serve-se d'estas palavras: « Accumulavam elles (os padres « de todos as ordens, e principalmente os jesuitas) os dous poderes, « e então a sorte dos indios era mais deploravel, sua sujeição mais « restricta, seus trabalhos mais vexatorios e duplicados; por isso « que o mando não era partilhado, e de taes animosidades não « haviam testemunhas que ousassem revela-las. (**) »

Ainda mesmo admittindo que haja exageração no juizo emittido por tão conspicuas authoridades suppomos que os jesuitas não poderão ser inteiramente absolvidos de terem por sua ambição excitado os moradores aos lamentaveis excessos, a que se entregaram contra elles nas capitanias de S. Vicente, Rio de Janeiro, Pará e Maranhão. Profundo devera ser o odio de que eram objecto os padres para que fizesse esta tão grande explosão em pontos tão distantes entre si, e sem que para isso houvesse a menor combinação.

Diz-nos o sargento mór Pedro Taques de Paes Leme na sua *Noticia Historica da expulsão dos jesuitas do collegio de S. Paulo*, que os moradores d'essa capitania depois de terem-nos lançado fóra das suas casas na manhãa do dia 13 de Julho de 1640 dirigiram a el-rei D. João IV uma representação contra os jesuitas em

(*) Vide Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Br. tom. 4.°

(**) Vide Not. Racion. sobre as Ald. d'Ind. da Prov. de S. Paulo pelo Brig. Machado d'Olivr. inserta no tom. 8.° da Rev. do Inst. Hist. e Geogr. Br.

que *se queixavam que estes regulares monopolisavam o serviço dos indios com grave damno dos moradores, que se viam privados d'elles para o serviço da sua lavoura e mineração, no que tambem prejudicavam a fazenda real com a perda dos quintos.* Poderam neutralisar pela sua immensa influencia em Lisboa o effeito que ali necessariamente produziria tão grave accusação e pelo alvará de 3 de Outubro de 1643 ordenava el-rei que lhes fossem restituidos os seus collegios, continuando as aldeias a serem por elles administradas; *pois que mais ganhava o Estado* (dizia o referido alvará) *que as aldeias fossem administradas por esses padres, que o faziam de graça do que por sacerdotes seculares, que vindos de fóra, por força haviam de tirar o seu sustento do trabalho dos indios.* As ordens regias encontravam porém grande opposição da parte dos moradores, e só com a promessa de ampla amnistia a todos os comprehendidos na sedição de 1640, que lhes assegurava o alvará de 7 de Outubro de 1647, é que entraram os jesuitas na posse mansa e pacifica das sua casas e aldeias d'onde estiveram ausentes por espaço de treze annos (*).

No Rio de Janeiro, paiz classico da paz, que lhe assegura a indole pacifica dos seus naturaes, rebentou tambem um motim popular n'esse mesmo anno de 1640 em que tivera lugar o de S. Paulo por occasião de querer o padre Francisco Dias Tanho, procurador dos indios do Paraguay, publicar a bulla de 6 de Março de 1638, em que se fulminava a pena de excommunhão contra os promotores e fautores da escravidão dos indigenas. Sem a intervenção do governador Salvador Correia de Sá e Benavides, ajudado por seu primo D. João de Avalos e Benavides, capitão da infantaria da praça, o povo irritado teria arrombado as portas do collegio dos padres da companhia, e talvez attentado contra as suas pessoas. Atemorisados assignaram a escriptura de 22 de Junho de 1640 pela qual desistiam da promulgação da bulla, e obrigavam-se a respeitar o *statu quo*, sem duvida protestando em segredo contra similhante acto, que lhes

(*) Vide Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Br. tom. 12.º

era arrancado pela violencia, e aguardando dias mais serenos para exigirem imperiosamente a sua revogação (*).

Em parte alguma tomou esta luta proporções mais colossaes do que no Maranhão e Pará, onde um grande homem se pôz á testa d'ella. Incontestavelmente o padre Antonio Vieira era a alma dos jesuitas do seu tempo tanto no Brazil, como ainda em Portugal; o centro para o qual convergiam todos os raios; a cabeça encarregada de pensar por todos. Como todos os homens conscios da sua superioridade era elle ambicioso, queria sempre representar o primeiro papel, ou em Lisboa sentado nos conselhos da corôa, ou na Hollanda como fino e dextro diplomata, ou no Maranhão como fautor da liberdade dos indigenas. Com a mesma facilidade com que prégava diante do chefe visivel da igreja fazia ouvir a sua eloquente voz nas margens do autocrata dos rios, convertendo os selvagens Nheingahibas. Possuia uma d'essas maravilhosas organisações, que nunca podem estar ociosas: para elle o movimento era a vida; amava a discussão e chegava a desejar as contrariedades. Era n'uma palavra um varão extraordinario, talvez mesmo que demasiado grande para o mesquinho palco, que lhe offereciam estas longinquas e quasi que esquecidas terras do Brazil.

Por motivos, que não examinaremos n'este lugar, deixou o padre Antonio Vieira o posto elevado, que occupava na côrte para vir exercer o de superior da sua ordem do estado do Maranhão. Seu zelo levou-o á cidade de Belém, cujo collegio acabava de ser fundado sob a invocação de S. Alexandre, e ahi clamando com a sua costumada franqueza contra os vicios dos moradores, principalmente contra a sua desmarcada cobiça, accumulando immensas riquezas á custa das lagrimas dos miseros indios, mostrou-se disposto a tornar effectivas as ordens regias relativas á liberdade d'esses desgraçados, o que lhe fôra mui particularmente recommendado por el-rei D. João IV, especialmente na sua carta de 21 de Outubro de 1652. Por esse celebre documento conferia o piedoso monarcha lusitano ao primeiro

(*) Vide Annaes do Rio de Janeiro por Balth. da Silva Lisboa, tom. 6.°

jesuita do seu reino poderes quasi que discricionarios, esperando que este empregasse com fructo na nunca assaz louvavel obra da propagação da fé. N'elle se lêm estas notaveis palavras.... « vos « encommendo a continuação da propagação do Evangelho, que vos « leva áquellas partes e que para isso levanteis as igrejas, que vos « parecer nos lugares, que para isso escolherdes, e façais as missões « do sertão, que tiverdes por mais convenientes, ou por mar, ou por « terra, ou levando indios comvosco, descendo-os do sertão, ou « deixando os em suas aldeias, como julgardes por mais necessario « á sua conservação, que de tudo terei grande contentamento pelo « muito que desejo que aquellas terras se cultivem com a nossa « santa religião, e para melhor o conseguirdes ordeno aos gover- « nadores, capitães móres, ministros de justiça e guerra, capitães de « fortalezas, camaras e povos vos dêm toda a ajuda e favor, que « pedirdes, assim de indios, canôas, pessoas praticas na terra e « linguas, como do mais que vos fôr necessario para o que lhes mos- « trareis esta, ou copia d'ella, que guardarão inviolavelmente como « n'ella se contém; e fazendo o contrario me dareis logo conta para « mandar proceder contra os que assim o não fizerem como me « parecer de justiça. »

Longe de obedecer ao que lhe era tão formalmente ordenado pelo soberano requereu á camara de Belém pelo orgão do seu procurador para que se lançassem fóra os religiosos da companhia, pretextando a sua opposição ao commercio dos indigenas, e muito maior foi a indignação d'aquelles povos quando havendo obtido da metropole a provisão regia de 17 de Outubro de 1653, que *permittia poderem-se fazer escravos os indigenas, que houvessem se alliado com os inimigos, que exercitassem latrocinios por mar, ou por terra, que recusassem pagar os tributos, não obedecessem ao chamado para o serviço ou para pelejar com os inimigos: outrosim os que comessem carne humana, sendo de vassallos reaes,* viram os seus esforços baldados pela vigorosa resistencia que oppuzeram os jesuitas á promulgação de semilhante ordenança, que, diziam elles, ia abrir largas portas para toda a classe de abusos; e

tendo por esse motivo emprehendido o padre Antonio Vieira uma viagem a Lisboa alcançou a completa revogação d'ella.

Havia da parte dos jesuitas *trop de zèle, qui est toujours nuisible* na phrase do famoso Talleyrand; e da dos colonos excessivo amor do ganho e das riquezas, pouco se importando com os meios que para esse fim empregavam. Ambas as parcialidades talvez que quizessem a mesma cousa, isto é, maior numero de indios, ou a titulo *de administrados*, ou do de escravos, para fazer medrar as suas lavouras não concordando porém no modo pratico de realisarem suas pretenções. D'esta divergencia originou-se a luta, que ora assignalamos, terminada no Pará pela expulsão do padre Vieira e dos seus companheiros do collegio de Belém, sem que lhes podesse valer o governador D. Pedro de Mello, remettendo-os presos para o Maranhão, onde não menos cruelmente foram tratados, sendo mandados para Portugal em um patacho que d'ali seguia para esse reino.

Semilhante procedimento foi altamente censurado em Lisboa e a carta regia de 18 de Outubro de 1663 ordenava que lhes fossem restituidos os collegios e mais casas, que possuiam nas referidas capitanias; mas ali, bem como em S. Paulo, só um completo perdão e esquecimento, igual ao que lhes assegurava a provisão de 12 de Setembro do mesmo anno, podia serenar os animos, ainda excessivamente irritados, e permitir que podessem voltar ao lugar d'onde haviam sido expulsos (*).

Não estavam porém de tal modo reconciliados com os moradores que não tivessem de temer o seu resentimento, e o movimento popular capitaneado por Manoel Beckmann, mostrou-lhes o que deviam esperar da parte de homens a quem constantemente feriam nas suas mais caras affeições, que todas se cifravam nos seus interesses e bem-estar pecuniario. Foi ainda preciso que viesse em seu soccorro o braço secular, e que o governador do estado do Maranhão Gomes Freire de Andrade, punindo severamente os cabeças da sedição, pozesse termo a tão lastimaveis discordias (**).

(*) Vide Berredo Ann. do Maranhão livros XV e XVI.
(**) Vide Berredo Ann. do Maranhão livro XVIII.

O padre Antonio Vieira tinha comprehendido maravilhosamente o principio jesuitico do sacrificio d'um em favor de muitos; assim pois desejava o augmento da ordem, a sua preponderancia, que não podia resultar-lhe no Brazil senão dos grandes cabedaes, que tivesse ajuntado; porque nos paizes novos, e principalmente nas colonias a *plutocracia* exerce a maior influencia na falta de toda outra distincção. Era ainda preciso que as frotas annuaes levassem aos grandes armazens, que a companhia possuia em Lisboa, os generos do nosso paiz, para que o seu voto não deixasse de fazer pender para seu lado a balança politica do estado. Permittidos aos moradores os *descimentos e entradas no sertão* estariam estes habilitados a fazer concurrencia aos jesuitas na exportação dos productos coloniaes, que produziam as suas *missões e parochias*, servidas por indios forros submettidos a uma admiravel disciplina.

Julgamos poder assim explicar a conducta, a primeira vista contradictoria, do padre Antonio Vieira. Individualmente tomado era elle do maior desinteresse, diremos mesmo da mais completa abnegação: o seu historiador André de Barros pinta-nos este homem illustre encerrado na cella estreita e nûa do seu collegio, despojando-se da roupa e moveis os mais indispensaveis para acudir á pobreza e por vezes reduzido a dormir n'uma esteira de tabúa em vez de cama, vestindo uma roupeta esfarrapada de panno grosseiro tinto na lama, e calçando sapatos de pelle de porco montez. A mesma parcimonia usava na comida e bebida e não raramente privava-se da cêa para manda-la de presente a alguma familia necessitada (*). A sua ambição era unicamente em pról do seu instituto; para si só queria a gloria: anhelava que se fallasse no seu nome, e a miudo encarregava-se elle mesmo, a exemplo de Cicero, de fazer a longa enumeração dos serviços.

Longo e porfiado fora o litigio, e ambos os contendores extremamente cansados suspiravam pelo repouso; mas este impossivel era para o jesuita antes do triumpho. Conseguiram-no completo, ao

(*) Vide André de Barros tom. 1.° cap. XXV.

menos por algum tempo; e os colonos perdendo a esperança de terem escravos indios voltaram as suas vistas para a costa d'Africa, como já lhes tinha lembrado o virtuoso dominicano Las Casas e fizera-o depois o padre Antonio Vieira, offerecendo ao governo um plano para mandar vir escravos por conta do estado distribuindo-os depois pelos moradores gratuitamente, como o unico meio de remediar a falta de braços, que já então se fazia sentir. Deploravel cegueira d'um espirito aliás tão illustrado, que não duvidava aconselhar que se fizesse n'Africa um trafico, a que com tanto afinco se oppunha n'America!

Ficou-lhes portanto livre a administração dos indios forros; e para assegurar a sua posse privativa obtiveram da côrte prohibição expressa de penetrar quem quer que fosse, sem venia sua, nas aldeias, que lhe eram confiadas, a titulo de não irem os colonos corromper a moral simples dos indigenas afastando-os dos seus costumes patriarchaes Quem se tiver dado ao trabalho de compulsar os nossos annaes recordar-se-ha das contestações suscitadas por estes regulares com os religiosos das outras ordens, mercenarios, capuchos e carmelitas, que como elles se occupavam do trabalho da cathechese. As aldeias, que estes ultimos haviam fundado nas margens do Rio Negro por ordem do governador Luiz de Vasconcellos Lobo, foram de curta duração e tiveram seus administradores de retirar-se por não poderem mais resistir á guerra, que lhes faziam os seus rivaes, os jesuitas.

O methodo por elles adoptado no regimen das missões do Paraguay era, com algumas modificações, seguido entre nós. Tinham, como ali, a suprema inspecção das aldeias, que eram governadas por *maioraes*, e a cada chefe de familia assignava-se o terreno que devera cultivar, para com o producto do seu trabalho sustentar-se a si, e aos seus. Não lhes era porém permittido alienar uma parte dos seus reditos, que eram applicados ás despezas communs arrecadadas pelos padres, que tambem inspeccionavam a permuta dos generos da terra com as mercadorias estrangeiras, que ahi iam fazer os mascates, depois de competentemente authorisados. O registo dos indios forros era remettido todos os dous annos ao governador, firmado com o juramento

dos missionarios, e d'est'arte podiam elles saber do numero de homens com que deviam contar para o serviço regio, a que todos eram obrigados por espaço de seis mezes, ficando o resto do tempo disponivel para se empregarem na lavoura, ou n'outros quaesquer serviços, que resultassem em proveito seu, ou ainda maior do dos seus tutores (*).

Ao escambio dos generos coloniaes pelos vindos da metropole chamavam os jesuitas *permuta;* porque sendo o commercio defeso pelos canones aos ecclesiasticos, proscreviam a palavra, que poderia escandalisar aos ouvidos pios, e conservavam a cousa em toda a sua pureza, e sem mudança alguma na essencia. A esta origem podemos attribuir as colossaes riquezas da companhia entre nós, maxime si reflectirmos que não tinha ella concurrentes para o commercio, que em larga escala fazia; sem que seja necessario dar credito ás lendas populares, que nos pintam os padres sentados á cabeceira dos ricos moribundos, aterrando a sua timorata consciencia, e apontando-lhes como o unico meio de se reconciliarem com Deus o de legarem todos os seus bens em beneficio dos collegios e mais casas do instituto. Si semilhantes abusos foram praticados uma, outra vez, por este, ou aquelle jesuita, não podia ser uma regra adoptada por toda uma classe de homens illustrados, que deviam assaz respeitar a sua dignidade para lançar mão de meios tão vergonhosos, e que quando conhecidos redundariam em prejuizo seu. *C'était pis qu'un crime, c'était une faute*, como dizia o já citado Talleyrand.

E' ordem da natureza, que a borrasca preceda a calma; assim gozaram os jesuitas alguns annos da mais profunda paz antes que contra elles se forjassem as armas, que deveram derriba-los do pedestal em que se criam seguros. Esses dias serenos, que o céo lhes concedia foram empregados na edificação e embellezamento das suas igrejas e collegios; onde não empregaram artistas estranhos, não mandaram vir, o que lhes seria tão facil, pintores, estatuarios, architectos, etc.; mas desenvolvendo o gosto e o natural talento dos indigenas faziam-nos aprender com os seus consocios, que se avan-

(*) Vide Southey History of Brazil tom III, chap. XXXIII.

tajavam nas artes liberaes, aquellas que mais necessarias julgavam dever ser transplantadas para a America. E' d'est'arte que se ergueram os magnificos templos das missões do Uruguay hoje em ruinas, graças á nossa indolencia, ao desprezo a que votamos as nossas cousas para ir com insensato enthusiasmo dar ductos a peregrinas e quiçá mesquinhas obras. Sobre o culto, que rendiam os jesuitas ás bellas artes, sobre o modo por que n'ellas iniciavam os naturaes do paiz, ouçamos o juizo d'um varão tão notavel pelas suas luzes, como pela sua alta posição. « Si pois os jesuitas exerciam, cultivavam e « professavam as artes liberaes ou mechanicas, mui natural é que « encontrando n'America um tão grande numero de sujeitos aptis- « simos, e direi sem receio, dotados mui particularmente pelo autor « da natureza, com talento especial para as artes, procurassem « instrui-los n'essas mesmas artes, tanto mais quanto era esse um « meio efficacissimo de domesticar e civilisar, de fazer christãos os « barbaros indigenas do continente americano. (*) »

Entregavam-se tambem com zelo admiravel á educação da mocidade; e foram elles os mestres dos benemeritos brazileiros cujos escriptos formam a nossa litteratura nos seculos XVII e XVIII. Seriamos ingratos si não reconhecessemos os importantes serviços que estes regulares prestaram á nossa terra, no numero dos quaes occupa distincto logar o ensino disvellado, que davam á nossa juventude. As aulas dos jesuitas eram as unicas, que então existiam no abandono completo em que deixava-nos vegetar a metropole; e os moços talentosos encontravam n'elles mestres eruditos, que sem pedantismo abriam-lhes as portas do templo das sciencias. Aqui no Rio de Janeiro ensinavam gratuitamente grammatica latina, philosophia, theologia dogmatica e moral além das mathematicas elementares, de que eram summamente apaixonados, e conferiam aos seus alumnos, quando terminado o curso, o diploma de *mestre em artes*, que era então mais estimado do que é hoje de doutor em qualquer faculdade. Na Bahia possuiam as mesmas aulas, com additamento da de rhetorica,

(*) Vide Rev. Trim. do Inst. H. e G. B. tom. 4.º Prog. desenv. pelo senr. Desemb. Silva Pontes.

e nas outras partes do Brazil, onde existiam collegios, ou ainda simples hospicios, era o ensino das primeiras letras e o da grammatica latina franqueado sem o menor onus para os pais de familia. Accusa-se aos jesuitas (sem duvida para diminuir o tributo da gratidão que por tal titulo lhes devemos pagar) de attrahirem ao gremio da sua sociedade aquelles dos seus alumnos que mais talentosos e applicados se mostravam; mas essa propaganda, si por ventura existiu, a julgamos nós innocente; todos desejam fazer entrar para a sua corporação homens capazes de ennobrece-la; e os jesuitas no Brazil deveram recrutar nas fileiras dos seus discipulos os que tinham de succeder-lhes: e é facil de comprehender que não convidariam os mais rudes, porém os mais habeis: pensamos todavia que não empregavam elles meios reprovados para alliciarem inexpertos e incautos mancebos.

Havia o seculo XVIII chegado á metade da sua carreira quando sobreveio um acontecimento na apparencia insignificante, mas que veio profundamente exacerbar o odio, que contra os jesuitas nunca fora de todo extincto no Brazil, odio, a que, como dissemos, tinha dado causa ás suas longas contestações ácerca da liberdade dos indios, e que era sempre alimentado pelo ciume do monopolio, que exerciam sobre os generos coloniaes nos mercados de Lisboa e Porto; assim como pela inveja que inspiravam as suas extraordinarias riquezas. Referimo-nos ao tratado de limites celebrado entre os gabinetes de Lisboa e o de Madrid aos treze de Janeiro de 1750, negociado com o fito de pôr termo ás usurpações de territorio, que as colonias transatlanticas mutuamente se faziam, chegando-se a um accordo sobre a linha divisoria entre as possessões das duas corôas. Desistindo ambas as altas partes contractantes das suas pretenções fundadas na celebre bulla de Alexandre VI declaravam *que as cessões, que n'elle se faziam não eram por via de equivalentes, mas com o fim de perpetuar a união e harmonia entre as duas nações.* Pelo artigo 13 do mesmo tratado cedia S. M. F., a colonia do Sacramento, e todo o territorio adjacente a ella na margem septentrional do Rio da Prata; e pelo 16.° fazia expressa cessão S. M. C. dos povos, ou aldeias situadas na

margem oriental do Uruguay, permittindo porém que os missionarios sahissem com os seus bens moveis e semoventes levando comsigo os indios para aldea-los em outras terras de Hespanha (*).

Esta ultima clausula feria vivamente os interesses dos jesuitas, que se tinham estabelecido naquellas regiões; e por isso resolveram oppôr-se a ella depois de terem debalde tentado embaraçar a sua execução, o que certamente conseguiriam a não ser a energia do negociador portuguez, o visconde da Villa Nova da Cerveira. Vejamos porque defendiam esses regulares com tanto afinco, e até resistindo formalmente ás ordens do seu governo, umas aldeias plantadas nas ribas do Uruguay e habitadas por semi-barbaros *Guaranys*.

Corria o anno de 1610, quando dous jesuitas Marcello de Lorenzana e Francisco de S. Martin, conseguiram que os ferozes *Charruas* que vagueavam por esses ermos se curvassem ás suas doces palavras, fundando algumas *tabas*, que serviram de nucleo ás futuras *reducções*. Graças aos esforços dos primeiros missionarios e dos seus immediatos successores, rapido foi o incremento: de modo que já vinte e um annos depois (em 1631) contavam-se vinte povoações, regidas pelo governo theocratico, o melhor, como s'exprime Raynal, si fosse possivel conserva-lo na sua pureza. Leamos o quadro, que da sua vida nos traça um escriptor, de quem não fazemos o elogio, porque d'isso no-lo vedam os estreitos laços de parentesco, que a elle nos ligam.

« Fallavam todos a mesma lingua, o *guarany* (diz o visconde de « S. Leopoldo); sem leis civis; pois que entre elles era quasi imper- « ceptivel o direito da propriedade, nem mesmo das producções da « sorte de terras, que se adjudicava a cada pai de familia, era licito « dispôr a seu arbitrio sem a direcção do cura; os artifices e lavra- « dores levavam á risca aos depositos publicos o fructo do seu suor, « e das suas fadigas, vivendo em commum; os religiosos directores « com os magistrados do povo (do modo, que ao diante diremos) « proviam, e velavam sobre as precisões de cada um; sem leis

(*) Vide Annaes da Prov. de S. Pedro pelo visconde de S. Leopoldo, cap. 3.°

[illegible], nos que todos eram preceitos de religião, as transgressões se punham com [illegible], [illegible], carceres, e algumas vezes flagel- [illegible] e [illegible]; o culpado se accusava elle mesmo aos pés do magistrado, e recebia o castigo com acções de graças: no fundo dos sertões d'America parecia emfim realisada essa repu- blica sonhada por Platão e por Thomaz Morus (*). »

Estes vassallos fieis da companhia de Jesus, que ao tempo da suppressão orçavam-se em trinta mil unicamente nos sete povos que couberam em partilha á corôa portugueza, fertilisavam um solo já uberrimo, com o seu trabalho, e davam aos *bemditos padres* lucros incalculaveis. Cultivavam o algodão, o tabaco, a canna d'assucar, e toda a qualidade de grãos, mas o producto que maior interesse lhes dava era da erva matte, tambem chamada chá do Paraguay, que remettiam em grande quantidade para os mercados de S. Fé e Corrientes.

Além da lavoura empregavam-se tambem os indios na criação do gado vaccum e cavallar nas vastissimas estancias, que possuiam os paraguayos nos lugares os mais asados para tal fim. Segundo os calculos mais moderados a renda annual d'essas missões elevava-se á somma de cem mil pesos fortes, dos quaes deduzida uma pequena parcella para os soccorros, que deviam ser fornecidos aos necessitados, e o adorno e reparação dos templos, e mais despezas com o culto, era o restante remettido para Roma, centro da unidade jesuitica, afim de fazer face aos gastos communs e urgencias da companhia.

Aqui, como em todas as partes, tinham vedado a entrada das missões a todos os individuos, embora da mesma nação, que não tivessem a honra de pertencer ao instituto de Loyola, sempre debaixo do especioso motivo de receiarem a corrupção dos costumes dos seus administrados; levando esse seu desmarcado zelo a ponto de terem, como já deixamos dito, obstado á visita pastoral do bispo do Paraguay D. Bernardino de Cardinas.

(*) Vide Annaes da Provincia de S. Pedro, cap. XIII, pag. 236.

Para que nada faltasse ao completo dominio dos jesuitas n'essas longinquas paragens até tiveram um exercito ás suas ordens devidamente disciplinado; havendo para isso obtido o assenso do governo da metropole. Pela real cedula de 20 de setembro de 1649 foi concedida a licença, que tinham impetrado, d'adestrarem os indios christãos velhos no manejo das armas de fogo; e que para instrui-los lhes fosse permittido levar das provincias do Chili alguns irmãos coadjuctores, que houvessem sido soldados; pretextando para isso a necessidade, em que se viam dolorosamente collocados, de repellir os aggressores dos Portuguezes (*).

Comprehende-se facilmente o quanto desgostaria aos jesuitas a noticia da proxima chegada ás suas missões dos commissarios portuguez e hespanhol, que iam em nome dos seus respectivos soberanos tornar effectivas as clausulas estipuladas no novo tratado de limites. Não havia tempo a perder; era preciso lançar mão da diplomacia, e em ultimo caso recorrer ás armas, para o que, como vimos, estavam preparados. Allegando que precisavam d'algum tempo para effeituarem a sua mudança, colherem os frutos pendentes, e mudarem o gado das estancias, obtiveram que por muito tempo se sustentassem as operações da demarcação, a que iam proceder o marquez do Val de Lirios e o general Gomes Freire d'Andrade. Esperavam que os governos d'ambos os paizes interessados na realisação d'esse pacto, que tanto os contrariava, mudassem de resolução desenganados pelas difficuldades, quasi insuperaveis com que tinham de lutar; quando porém viram que nada seria capaz de demovê-los do proposito, que haviam formado, fizeram appello á *ultima ratio regum*.

O padre Lourenço Balda, cura do povo de S. Miguel, foi a alma da rebellião, foi elle que concitou os pobres e pacificos indios a se sublevarem contra as decisões dos soberanos, de quem não tinham

(*) Naturalmente dos paulistas, que algumas vezes penetravam em suas aldeias para fazer escravos os indios, que viviam sujeitos á administração espiritual e temporal dos padres da companhia: do que amargamente se queixava o conde de Castellar, vice-rei do Perú em uma nota datada do 1.º de janeiro de 1679.

a menor noticia, tanta era a ignorancia, que a tal respeito, bem como a muitos outros, deixavam-nos permanecer os seus *sanctos padres!*... Por documentos authenticos, que tivemos occasião de compulsar, está hoje mais que provada a complicidade dos jesuitas n'essa fatal trama cujos resultados não podiam deixar de ser funestissimos para os indigenas, de quem se declaravam protectores.

Os commissionarios regios communicando ás suas respectivas cortes a resistencia que as suas ordens tinham encontrado da parte dos naturaes não dissimularam ser ella devida ás instigações dos filhos de Loyola, e o gabinete de S. Ildefonso estranhando altamente o proceder d'elles, escrevia a seu delegado o marquez de Val de Lirios, estas notaveis palavras:

« En la carta de officio, que escribo a V. Exc. vera que Su « Magestad ha descubierto, y assegurando-se de que los jesuitas « de esta provincia son la causa total de la rebeldia de los indios. « Y mas de las providencias, que digo en ella haber tomado, dis- « pidiendo a su confessor; y mandando que se embien mil hombres, « me ha escripto una carta (propria de un soberano) para que yo « exhorte al provincial hechando-le en cara el delicto de infedeli- « dade, y diciendo-le, que si luego luego no entrega los pueblos « pacificamente sin que se derrame una gota de sangre, tendra Su « Magestad esta prueba mas relevante; procederá contra el y los « de mas padres por todas las leys de los derechos canonico y civil, « los tratará como reos de lesa magestad, y los hará responsa- « bles a Dios de todas las vidas innocentes, que se sacrificas- « sem, etc. (*). »

Pela côrte de Lisboa foram transmittidas a Gomes Freire d'Andrada as mais terminantes recommendações d'auxiliar ao general hespanhol, pondo termo o mais cedo possivel a tão *escandalosa rebeldia.*

(*) Vide *Relação Abrev. da Rep., que os Relig. Jesuitas estabeleceram nos dominios ultr. de Port. e Hesp. e da guerra, que n'elles moveram contra os exercitos d'ambas as potencias*, inserta na Rev. Trim. do Inst. Hist. e Geog. Bras. tom. 4.°

Duas vezes mediram-se os indios com o exercito combinado; uma a 10 de fevereiro de 1756, capitaneados pelo valente Sepé, perdendo nesse conflicto mil e duzentos homens, differentes peças d'artilheria e outros despojos bellicos; e outra a 10 de maio do mesmo anno, em que foi completamente desbaratado o seu exercito composto de mais de tres mil combatentes. Além d'estas duas batalhas campaes houveram muitas refregas entre as partidas volantes, portuguezas e hespanholas, que batiam a campanha, e troços de indigenas, que surgiam como que do centro da terra, para tolher-lhes o passo. Concluindo a participação official da segunda grande acção, que teve lugar n'esse anno nas campinas do sul, assim se exprimia o general Gomes Freire d'Andrada referindo-se ás fortificações levantadas para obstar a passagem do rio Churieby: « A planta bem dá « a vêr a defensa como estava propria. E si ella é feita pelos indios « devemos persuadir-nos que em lugar de doutrina se lhes tem « ensinado architectura militar. »

Perdidas as ultimas esperanças de defenderem o paiz, a cujo dominio se haviam arrogado, empregaram o ultimo recurso, que em semilhantes casos aconselha a coragem da desesperação. O fogo devêra reduzir a cinzas aquillo que lhes fôra impossivel defender, e as labaredas, que já prendiam o magnifico templo do povo de S. Miguel, quando n'elle entraram os alliados no dia 16 de maio, advertiam lhes que se apressassem si acaso queriam encontrar ainda illesos os magnificos monumentos, que attestassem á posteridade a esplendida habitação dos padres. Um dos nossos melhores poetas J. Basilio da Gama descreveu com as delicadas tintas do seu primoroso pincel a scena lastimavel de que acabamos de fallar, e para ali remettemos o leitor curioso.

Assim terminou a guerra civil, suscitada pelos jesuitas na extremidade meridional do Brazil, emquanto que ao norte oppunham tenaz, posto que menos ruidosa opposição. No Pará e Maranhão, foi incumbido o respectivo governador e capitão general Francisco Xavier Furtado de Mendonça, por despachos de 30 d'Abril de 1753 de presidir por parte de S. M. F. ás conferencias, que com o com-

missario castelhano se deveram abrir afim de regular-se os limites das possessões de que os dous reinos da peninsula iberica eram senhores n'estas partes d'America. Ainda que a perda dos jesuitas nas margens do Rio Negro não fosse equivalente á que experimentavam nos do Uruguay e Paraná, todavia preparavam-se para a demarcação dos limites.

Os meios de que se serviram no Pará um pouco differiam do methodo por elles empregado ao sul do estado. Sublevaram como operação previa os indios das visinhanças d'aquelle lugar que fora destinado para as conferencias; depois amotinaram os da capital do Pará afim de que não encontrasse o governador gente disponivel para tripular as canôas, e mais objectos de serviço, e finalmente até fomentaram deserções entre os soldados, por não poderem faze-lo entre os officiaes. Por mais graves que pareçam taes accusações nós as mencionamos firmados no juizo de autores, que temos por fidedignos, entre outros citaremos o nome do sargento-mór Antonio Ladisláo Monteiro Baena, no seu « *Compendio das Eras da Provincia do Pará,* » a quem julgamos bem informado, e muito em estado de discernir a verdade. Citemos suas proprias palavras:

« Em junho (de 1757) assoma no Pará a noticia de terem « desertado d'aldêia de Mariuá para as missões da capitania de « Omaguas dos dominios d'el-rei catholico cento e vinte soldados « de menos obrigações e de reprovado procedimento, em virtude « dos manejos clandestinos dos jesuitas, os quaes não podendo obrar « na honra e fidelidade dos officiaes obravam comtudo n'aquelle « numero de combatentes, que ainda ampliaram o crime roubando « os armazens reaes de munições de guerra e d'outros muitos gene- « ros, que n'elles havia, e tiraram da povoação contribuições ras- « pando-a de modo, que para comer foi preciso aos moradores « mandar vir os viveres de longe (*). »

Frustraneos foram seus planos de revolta e passaram pelo desgosto de verem-nos por toda a parte repellidos com grande descredito dos

(*) Baena — Compendio das Eras da Prov. do Pará, pag. 248.

seus autores, e o mais é que de toda a sociedade de Jesus, que até certo ponto se tornava solidaria com elles. Si as mais severas ordens tivessem partido de Roma, ou ainda dos seus superiores locaes, cremos que as cousas não chegariam a taes excessos, nem a animadversão contra o instituto seria tão geral. Houve porém imprudencia e grandissima irreflexão no seu proceder, e custa-nos a crer como homens cuja finura e tacto dos negocios temos por mais d'uma vez assignalado, não tivessem notado que d'est'arte apressavam a sua queda fornecendo uma poderosa arma aos seus contrarios. Eram mui illustrados para conhecerem que o espirito dos seculos lhes era contrario, e que unicamente restava-lhes appellar para melhores dias e esperarem pela reacção, que cedo, ou tarde, se manifestaria contra as idéas dominantes. Toda a abstenção da politica, a nenhuma ingerencia nos negocios publicos eram reclamadas pelas circumstancias: e a exemplo dos peritos nadadores deveram curvar a cabeça para deixarem passar a onda, sem procurar lutar contra ella. Deploravel obstinação no emprego de meios reprovados, para não explicarmos pela força do destino, precipitava o baixel da companhia contra os parcéis: e os seus palinuros cerravam os ouvidos para não ouvir a linguagem da verdade, que escoava-se dos labios de doutos e prudentes varões, condemnados á sorte de Cassandra.

O marquez de Pombal, cuja causa da indisposição e antipathia que consagrava aos jesuitas já assignalamos na primeira parte d'este nosso tosco trabalho, espreitava com fina malicia os erros por elles commettidos; e, qual lobo faminto, aguçava as garras aguardando a sua victima. A impolitica, para não qualificarmos de insensata resistencia, que fizeram ao tratado de limites de 1750, serviu melhor as intenções do primeiro ministro d'el-rei D. José do que toda essa propaganda philosophica, que naturalisava em Portugal, e em cujas brochuras e libellos era horrivelmente guerreada, e não poucas vezes calumniada a grande obra do santo byscainho. Accusava-se a companhia de sequestrar em proveito seu o suor dos miseros indigenas, de conserva-los em uma tutela forçada; e ei-la que se encarrega por si mesma de demonstrar a veracidade de taes arguições, levando-os

ao campo da batalha em defesa dos seus interesses gravemente lesados.

Antes de descarregar o derradeiro golpe quiz Pombal ver se intimidava aos jesuitas, fazendo-os recuar; e para tal fim impetrou de S. P. Benedicto XIV o breve de 1.° de Abril de 1758 pelo qual era o cardeal Saldanha investido das funcções de *visitador apostolico e reformador dos clerigos regulares da companhia de Jesus*. Seu primeiro acto foi o da publicação d'um mandamento ordenando a suspensão do escandaloso commercio, que os sobreditos regulares estavam publicamente fazendo em Portugal e seus dominios. Esta medida era summamente justa e reclamada por todos os que nutriam sinceros desejos de podar a arvore em vez de derriba-la; mas o patriarcha de Lisboa, cardeal Manoel, não se contentou com admoestações e meios brandos e affixou um edital datado de 7 de Junho do referido anno, em que suspendia os mesmos regulares dos exercicios de confessarem e prégarem no seu patriarchado (*). Depois d'um acto tão violento quão desnecessario; mas que foi infelizmente imitado por todos os prelados do reino era impossivel a conciliação, e a guerra estava declarada, a perseguição systematisada em contradicção ás ordens do soberano pontifico.

Não julgando-se ainda sufficientes os capitulos de accusação formulados contra os jesuitas, muitos dos quaes, como por vezes temos dito, eram d'uma triste realidade, veio o attentado contra os dias d'el-rei D. José fornecer mais uma verba para ser lançada na conta corrente da companhia. Era preciso esgotar a taça da odiosidade para justificar o decreto de 3 de Setembro de 1759, em que eram os filhos de Loyola *proscriptos, desnaturalisados, e lançados fóra do reino e seus dominios*. Repetimos aqui o que já em outro logar dissemos: não negamos ao governo portuguez, nem a nenhum outro, o direito de tirar a existencia civil nos seus estados a esta, ou áquella corporação religiosa, quando assim o exijam seus interesses politicos,

(*) Vide Deducção Chronol. e Analy. dos crimes dos Jesuitas pelo Desembg. José de Seabra da Silva.

o que unicamente estranhamos são os abusos de poder, tanto da parte do regio edicto, como ainda mais da dos seus executores.

Os bispos do Brazil tinham sido nomeados visitadores e reformadores dos jesuitas em suas respectivas dioceses por delegação do cardeal Saldanha; e n'este emprego houveram-se uns com excessivo rigor, como D. Miguel de Bulhões no Pará, e outros com louvavel moderação, como D. frei Antonio de S. José no Maranhão, e D. José Botelho de Mattos na Bahia.

A mesma differença no proceder notou-se quando foram incumbidos de tornar effectivas as disposições do decreto de 3 de Setembro de 1759 contentando-se alguns com serem meros executores adoçando ainda quanto estava ao seu alcance a aspereza do legislador, e querendo outros mostrar *trop de zèle*. Fallando a respeito d'estes serve-se o illustre historiador inglez R. Southey d'estas energicas palavras: « There are always wicked instruments enough to carry « into full effect the worst intentions of injust and tyrannical « power. »

Não contente D. Miguel de Bulhões de ter suspendido do uso de ordens aos padres da companhia de Jesus no seu bispado, como lhe era expressamente ordenado de Lisboa, e te-los remettidos em numero de cento e cincoenta accumulados no porão d'um pessimo navio para a cidade de S. Luiz do Maranhão; foi ainda ali exercer as suas pouco caridosas funcções, por ter o bispo d'essa diocese, recusado-se a ser instrumento de medidas, que inteiramente desapprovava partindo para a visita episcopal de longinquas parochias; recebendo Bulhões em recompensa do seu zelo o ser trasladado para a sé de Leiria. Os jesuitas da Parahyba e Ceará foram mandados para o Recife, onde o governador Luiz Diogo Lobo da Silva, e o bispo D. Francisco Xavier Aranha, os receberam com summa begnidade: sendo d'ali transportados para Lisboa em um navio, que outr'ora pertencia á sua sociedade, e no qual fazia o provincial a visita ás diversas casas da ordem, espalhadas pelas capitanias do Brazil (*).

(*) Vide R. Southey, History of Brazil chap. XL.

Na metropole do Brazil religioso, onde já então governava o arcebispo D. Joaquim Borges Figueirôa, por ter resignado o pallio o mencionado D. José Botelho de Mattos, foram os jesuitas privados do exercicio das suas funcções sacerdotaes, assim como precedentemente haviam sido da administração das missões e aldeias de indios, confiadas a parochos seculares, e no dia 18 de Abril de 1760 conduzidos debaixo de grande escolta, e com todo o apparato de força, para bordo das náos N. S. do Carmo e N S. d'Ajuda, que levaram-nos a Lisboa; onde acharam ingrata hospedagem na torre de S. Julião até serem desterrados para Italia os que não quizeram sujeitar-se ás condições estipuladas pela lei de 28 de Agosto da 1767 (*).

D. frei Antonio do Desterro, bispo do Rio de Janeiro, não foi menos severo para com os proscriptos do que seu collega do Pará; talvez porque, como diz Southey, « *being a Friar he appears on this* « *occasion to have indulged the envy and hatred with which that* « *description of Religioners commonly regarded the Jesuits.* » (**) Esta aversão que consagrava á companhia revelou-a elle mais do que nenhum outro prelado em seus actos officiaes. Depois de ter privado aos jesuitas por carta pastoral de 8 de Novembro de 1759, do ministerio do pulpito e confissionario; assim como o de celebrarem, e ainda officiarem em quaesquer igrejas, capellas e oratorios, recommendando aos fieis que fugissem do contagio das suas *pestiferas opiniões;* pelos editaes de 17 e 29 do referido mez e anno accusava a esses regulares de terem sonegado *reliquias, vasos sagrados e paramentos* das igrejas, ordenando a todos que soubessem onde elles os tinham occulto que fossem revela-lo ao ordinario, sob pena de excommunhão.

Pedia a decencia que se não lançassem tão feias nodoas sobre a roupeta da companhia; porque ella pouco differia da batina do padre, e do burel do monge.

Vinham embarcar-se n'esta capital os padres cujos collegios

(*) Vide Accioli, Mem. Hist. e Polit. da Prov. da Bahia, tom. 1.° pag. 222.
(**) History of Brazil chap. XL.

estavam situados ao sul do Brazil; em cujo numero comprehendiam-se os de S. Paulo, que apezar das antigas queixas, que os moradores nutriam contra elles foram todavia tratados na hora da adversidade com heroica generosidade; e seu bispo D. frei Antonio da Madre de Deus, seguindo, apezar de ser tambem frade, uma politica opposta á do nosso diocesano, encheu-os de obsequios não receando de arrostar por semilhante conducta as iras do imperioso ministro, e a dos seus satellites, mil vezes mais temivel. Embarcados em um só navio todos os jesuitas das capitanias meridionaes, e em numero de cento e quarenta e cinco, foram entregues ao capricho das ondas, sem os meios necessarios para fazer tão longa quão penosa travessia, recusando-lhes até um cirurgião!.....

Assim deixaram os jesuitas as nossas plagas depois de terem vivido entre nós por espaço de duzentos e vinte e um annos; depois de terem regado com o seu sangue a arvore da cruz; depois de terem roteado nossas virgens florestas, depois de terem erguido, para servir-mo-nos das palavras do sabio Dr. Martius, os unicos monumentos grandiosos ainda existentes, e deixado instituições, que até o presente não desappareceram de todo, nem perderam a sua influencia.

No nosso humilde entender pensamos que si esses regulares mereceram pelos abusos que praticaram do seu primitivo e santissimo instituto no velho mundo, e ainda mesmo n'America, o breve de suppressão, que contra elles fulminou o beatissimo padre Clemente XIV, tinham adquirido jus pelos relevantes serviços prestados em outras eras em pról da religião e das letras a serem tratados com mais doçura: pois que tal exigiam-no a gratidão dos povos e a honra dos governos.

Pelo que nos diz respeito cremos que grande foi a nossa perda com a sua completa extincção: deveramos ter imitado o procedimento da Russia, onde se conservaram encarregados do ensino da mocidade, para o que sempre se mostraram summamente aptos; pois que já em seu tempo dizia Bacon: *tratando-se de educacão o melhor é consultar as escolas dos jesuitas.* Si depois da sua secularisação continuassem entre nós incumbidos da educação da juventude e igualmente da

cathechese dos indigenas, uma vez que não lhes fosse esta exclusivamente entregue, concorrendo com as demais ordens religiosas, e partilhando a administração das aldeias com os magistrados regios para tal fim nomeados, é de esperar que muito tivesse lucrado a nossa terra com semilhante methodo, e que el-rei de Portugal podesse talvez melhor exprimir a seu respeito o que ácerca d'elles dizia em 1783 Catharina II em sua carta ao papa: « Os motivos que me fizeram « conceder a minha protecção aos jesuitas são fundados tanto na razão « e na justiça como na esperança de serem uteis aos meus estados. « Essa pacifica e innocente reunião de homens ficará no meu « imperio; porque de todas as sociedades catholicas são os mais « capazes de instruir os meus vassallos, de inspirar-lhes sentimentos « de humanidade com os verdeiros principios da religião christãa. « Estou resolvida a sustentar esses padres contra todos os padres, e « faço nisto o meu dever, porque os contemplo como vassallos uteis « e innocentes. »

S. M. F. não podia seguir o exemplo da Czarina sustentando *totis viribus* no seu imperio uma associação dissolvida por quem poder tinha para isso; e si citamos o trecho acima foi para mostrar que possuiam os jesuitas qualidades, reconhecidas até pelos principes hereges e schismaticos, que nos seriam grandemente proficuas tomando-se a precaução de priva-los dos meios dos quaes uma dolorosa experiencia mostrava terem tanto abusado. Em um paiz novo em que não superabundavam as intelligencias, para que privar-nos do auxilio de homens, a cuja illustração seus proprios contrarios rendiam preito e homenagem? Não seria mais conveniente conservar esses padres despidos do seu antigo caracter e sujeitos em tudo á jurisdicção episcopal?

Foi um erro, dir-nos-ha alguem, o total exterminio de homens que estavam afeitos ao nosso modo de viver, que comprehendiam as nossas necessidades; mas procuremos remediar tal erro, e agora que se acha restabelecida a companhia de Jesus convidemo-la para que venha de novo estabelecer-se entre nós. « Havendo entre nós pelo menos « cento e cincoenta mil indios bravos (diz J. Silvestre Rebello) e

« sendo o primeiro dos deveres do governo o tratar da salvação « e civilisação d'aquelles pobres infelizes, é claro que d'isso sò deve « seriamente occupar. Os jesuitas, segundo as suas instituições, « foram em outro tempo os mais proprios para isso; ora, como as « instituições são ainda as mesmas, é evidente, que d'elles se deve o « governo servir com preferencia. »

« Deve o governo pois propôr ao corpo legislativo a abolição da « lei que os exterminou do Brazil, e convidar os mesmos a vir de « novo fundar missões no nosso imperio. O interior da provincia « de S. Paulo; os matos virgens, que separam as provincias da « Capitania, de Minas e Bahia; as provincias de Goyazes e Matto « Grosso; e mais do que todas as outras a do Pará, fornecem locali- « dades abundantes para a fundação das missões que se quizerem (*). »

Cremos que a maior difficuldade não consiste na revogação da ordenança de 3 de Setembro de 1759, apezar de ter o gabinete do Rio de Janeiro protestado em 1.° de Abril de 1815 contra os primeiros assomos da resurreição dos jesuitas; mas sim no espirito publico, que continúa a ser-lhes contrario: e ainda ultimamente tivemos uma prova da veracidade d'esta nossa proposição.

Alguns padres da companhia de Jesus, obrigados a deixar a provincia de Buenos-Ayres, para onde os chamára o dictador Rosas; por contrariarem-no talvez em sua politica, procuraram um asylo nas provincias brazileiras do Rio Grande do Sul, e de Santa Catharina, e com o favor da tolerancia religiosa, que felizmente existe entre nós, não só exerceram as suas ordens com venia do nosso virtuoso prelado, como que ligaram-se em associação e seguiram quanto lhes permittiam as circumstancias anormaes, em que se achavam, as regras do seu instituto. Occuparam-se na primeira das referidas provincias com a cathechese dos indigenas e na segunda com a educação da mocidade em uma casa, que para esse fim estabeleceram. O ministro da justiça, qne então era o Sr. Manoel Antonio Galvão, dando conta á

(*) Vide Mem. desenvolvendo o programma: « Qual era a fórma por que os jesuitas administravam as povoações dos indios, que estavam a seu cargo? » Manuscripto do Inst. H. e Geogr. Brazileiro.

assemblea geral no começo da sessão de 1845 d'este acontecimento depois de ter mencionado os louvaveis esforços dos missionarios em favor da propagação da fé, e em beneficio publico termina esta parte do seu relatorio com estas palavras, que demonstram o quanto era melindroso o exigir-se uma medida legislativa que authorisasse a existencia legal dos jesuitas no Brazil.

« Cumpre porém declarar-vos, que taes missionarios pertencem « á extincta companhia de Jesus. Esta observação justificará a cir- « cumspecção com que o governo pretende resolver este assumpto, « que á sua deliberação sujeitou no citado officio o presidente da « provincia de S. Catharina. »

Em seu relatorio apresentado á assembléa provincial em 1851 o presidente da já mencionada provincia (o Sr. Dr. João José Coitinho) lamentando o atraso da instrucção primaria comprazia-se em commemorar o *consideravel progresso* da secundaria, devida ao zolo dos padres jesuitas, para cuja casa pedia aos cofres provinciaes o tenue subsidio de seiscentos mil réis. Apezar das reconhecidas vantagens, que resultavam á juventude do seu ensino a prestação, que lhes dava a provincia foi-lhes depois retirada, e contra elles moveu-se a mais implacavel guerra tanto ahi, como no Rio Grande do Sul, com cujo jornalismo tivemos ocasião de travar polemica a seu respeito. Si somos bem informado, esses regulares já abandonaram S. Catharina; e mui curta será a sua persistencia na extremidade meridional do imperio, a menos que não se mudem as ideias, que contra elles dominam.

Pelo que temos dito já sabe o leitor qual é o nosso modo de pensar acerca dos jesuitas, e as razões pelas quaes modificamos o nosso juizo sobre elles. Formulemos agora este juizo com a maior franqueza e liberdade, destacado de qualquer outra consideração, e terminando o grosseiro quadro que submettemos á correcção dos doutos.

O instituto de Loyola no Brazil, bem como em toda a parte, passou por differentes phases: corrompeu-se depois com o andar dos tempos; mas em sua degeneração foi menos fatal á nossa terra do

que ao velho continente, porque o nosso theatro era mesquinho e por isso menos destros os actores, que n'elle representaram. Como brazileiro não deixaremos jámais de tributar o testemunho da nossa gratidão pelos serviços que ao paiz prestaram: nós tudo lhe devemos; formam a antiguidade da nossa historia, e foram os architectos da presente prosperidade, e da nossa futura grandeza. Hoje porém não desejamos a sua volta: ser-nos-hia ella damnosa, uma vez que se não despissem pisando as nossas fronteiras do manto de politicos, o que seria talvez exigir d'elles o impossivel. Conscios da sua superioridade intellectual querem dominar por ella; esquecem muitas vezes o lugar de modestos operarios do Evangelho para se emaranharem no intrincado labyrintho da politica, e então tornam-se prejudiciaes, deixam de ser uma congregação religiosa para se converterem em seita politica, em *carbonarios* da Igreja. Tal é a nossa opinião.

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1854.

O Conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro.

Rio de Janeiro, Typographia Universal de LAEMMERT, rua dos Invalidos, 61 B

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

3.ª SERIE. — N.º 18. — 2.º TRIMESTRE DE 1855.

FORAL

DA

CAPITANIA DA BAHIA

E

CIDADE DE S. SALVADOR.

Evora, 26 de Agosto de 1534.

(Ms. offerecido ao Instituto por S. M. o Imperador.)

---

1. Dom João por graça de Deos rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar, em Africa senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio de Ethiopia, Arabia, Persia e da India etc.

A quantos esta minha carta virem faço saber, que eu fiz ora doação e mercê a Francisco Pereira Coutinho, fidalgo de minha casa, pára elle e todos seus filhos, netos, herdeiros e successores de juro e herdade para sempre da capitania e governança de cincoenta leguas de terra maninha, costa do Brazil, as quaes começaráõ na ponta do rio de S. Francisco, e correm para o Sul até á ponta da Bahia de todos os Santos, segundo mais inteiramente é contheúdo e declarado na carta de doação, que da dita terra lhe tenho passado, e por ser muito

necessario haver ahi foral dos direitos, foros, tributos e cousas, que se na dita terra hão de pagar, assi do que a mim e á corôa de meus reinos pertence, como do que pertence ao dito capitão e bem da dita doação; Eu havendo respeito á qualidade da dita terra, e a se ora novamente ir povoar, morar e aproveitar, e para que isto melhor e mais cedo faça, sentindo-o assi por serviço de Deos e meu, e bem do dito capitão, e moradores da dita terra, e por folgar de lhes fazer mercê, houve por bem de mandar fazer, e ordenar o dito foral na forma e maneira seguinte:

Primeiramente o capitão da dita capitania e seus successores darão e repartirão todas as terras d'ellas de sesmaria a quaesquer pessoas de qualquer qualidade e condição que sejam, comtanto que sejam christãos, livremente, sem fôro nem direito algum, sómente o dizimo, que serão obrigados a pagar á ordem do mestrado de nosso Senhor Jesus Christo, de todo que nas ditas terras houver, as quaes sesmarias darão da fórma e maneira, que se contém em minhas ordenações, e não poderão tomar terra alguma para si de sesmarias nem para sua mulher, nem para filhos herdeiros da dita capitania, e porém podê-la-hão dar aos outros filhos si os tiverem, que não fôrem herdeiros da dita capitania, e assi aos seus parentes como se contém em sua doação, e si algum dos filhos que não fôrem herdeiros da dita capitania, ou qualquer outra pessoa tiver alguma sesmaria por qualquer maneira que a tenha, e vier a herdar a dita capitania, será obrigado do dia que nella succeder a um anno de largar e trespassar a tal sesmaria em outra pessoa, e não a trespassando no dito tempo, perderá para mim a dita sesmaria com mais outro tanto preço quanto ella valer, e por esta mando ao meu feitor ou almoxarife que por mim na dita capitania estiver, que em tal caso lance logo mão pela dita terra para mim, a faça assentar no livro dos meus proprios, e faça execução pela valia d'ella, e não o fazendo assi hei por bem que perca seu officio e me pague de sua fazenda outro tanto quanto montar na valia da dita terra.

2. Havendo nas terras da dita capitania costas, mares, rios e bahias d'ella qualquer sorte de pedreira, perolas, aljofar, ouro,

prata, coral, cobre, estanho e chumbo, ou qualquer outra sorte de metal, pagar-se-ha a mim o quinto, do qual quinto haverá o capitão sua dizima como se contém em sua doação, e ser-lhe-ha entregue a parte que na dita dizima montar ao tempo que se o dito quinto por meus officiaes arrecadar para mim.

3. O páo do Brazil da dita capitania e assi qualquer especiaria, ou drogaria de qualquer qualidade que seja que nella houver pertencerá a mim, e será sempre tudo meu e de meus successores sem o dito capitão nem outra alguma pessoa poder tratar das ditas cousas nem em algumas d'ellas lá na terra, nem as poderão vender, nem tirar para meus reinos e senhorios nem para fóra d'elles, sob pena de quem o contrario fizer perder por isso toda a sua fazenda para a corôa do reino e ser degradado para a Ilha de S. Thomé para sempre, e por emquanto ao Brazil hei por bem que o dito capitão e assi os moradores da dita capitania se possam aproveitar d'elle no que lhes ahi na terra fôr necessario não sendo em o queimar porque queimando-o incorreram nas ditas penas.

4. De todo o pescado que se na dita capitania pescar não sendo á cana se pagará a dizima que é de dez peixes um á ordem, e além da dita dizima hei por bem que se pague mais meia dizima, que é de vinte peixes um, a qual meia dizima o capitão da dita capitania haverá a arrecadação para si porquanto lhe tenho d'ella feito mercê como se contém em sua doação.

5. Querendo o dito capitão, moradores e povoadores da dita capitania trazer ou mandar trazer por si, ou por outrem a meus reinos e senhorios quaesquer sortes de mercadorias que na dita terra e partes d'ella houver, tirado escravos, e as outras cousas que acima são defezas, pode-lo-hão fazer, e serão recolhidos e agazalhados em quaesquer portos e cidades, villas ou lugares dos ditos meus reinos e senhorios, em que vierem aportar, e não serão obrigados a descarregar suas mercadorias, nem as vender em alguns dos ditos portos, cidades ou villas contra suas vontades, si para outras partes quizerem antes ir fazer seu proveito, e querendo-as vender nos ditos lugares de meus reinos e senhorios não pagarão d'ellas direitos alguns, sómente

a siza do que venderem, posto que pelos foraes, regimentos ou costumes dos taes lugares fôrem obrigados a pagar outros direitos ou tributos; e poderão os sobreditos vender suas mercadorias a quem quizerem, e leva-las para fóra do reino se lhes bem vier sem embargo dos ditos foraes, regimentos e costumes, que se o contrario haja.

6. Todos os navios de meus reinos e senhorios que á dita terra fôrem com mercadorias, de que já cá tenham pago direitos em minhas alfandegas, e mostrarem d'isso certidão dos meus officiaes d'ellas, não pagarão na dita terra do Brazil direito algum, e si lá carregarem mercadorias da terra para fóra do reino pagarão da sahida dizima a mim, da qual dizima o capitão haverá sua dizima como se contém em sua doação; e porém trazendo as taes mercadorias para meus reinos ou senhorios não pagarão da sahida cousa alguma, e estes que trouxerem as ditas mercadorias para meus reinos ou senhorios serão obrigados de dentro de um anno levar ou enviar á dita capitania certidão dos officiaes de minhas alfandegas do lugar d'onde descarregarem, de como assi descarregaram em meus reinos e a qualidade das mercadorias que descarregaram, e quantas eram; e não mostrando a dita certidão dentro no dito tempo, pagarão a dizima das ditas mercadorias, ou d'aquella parte, que nos ditos meus reinos e senhorios não descarregarem, assi e da maneira que hão de pagar a dita dizima na dita capitania se carregarem para fóra do reino, e si fôr pessoa que não haja de tornar á dita capitania dará lá fiança ao que montar na dita dizima para dentro do dito tempo de um anno mandar certidão de como veio descarregar em meus reinos ou senhorios, e não mostrando a dita certidão no dito tempo se arrecadará e haverá a dita dizima pela dita fiança.

7. Quaesquer pessoas estrangeiras que não fôrem naturaes de meus reinos e senhorios, que á dita terra levarem, ou mandar levar quaesquer mercadorias, posto que as leve de meus reinos ou senhorios e que cá tinham pago dizima, pagarão lá da entrada dizima a mim das mercadorias que assi levarem, e carregando na dita capitania algumas mercadorias da terra para fóra, pagar-me-hão assim mesmo dizíma da sahida das taes mercadorias, das quaes dizimas o capitão

haverá sua redizima segundo se contém em sua doação, e ser-lhe-ha a dita redizima entregue por meus officiaes ao tempo que se as ditas dizimas para mim arrecadarem.

8. De mantimentos, armas e artilharia, polvora, salitre, enxofre, chumbo e quaesquer outras cousas de munição de guerra, que á dita capitania levarem ou mandarem levar, o capitão e moradores d'ella, ou quaesquer outras pessoas assi naturaes como estrangeiras, hei por bem que se não paguem direitos alguns, e que os sobreditos possam livremente vender todas as ditas cousas, e cada uma d'ellas na dita capitania ao capitão, moradores e provedores d'ella que fôrem christãos e meus subditos.

9. Todas as pessoas assi de meus reinos e senhorios como de fóra d'elles, que á dita capitania fôrem não poderão tratar nem comprar, nem vender cousa alguma com os gentios da terra, e tratarão sómente com o capitão e provedores d'ella, tratando, vendendo e resgatando com elles tudo o que puderem haver, e quem o contrario fizer hei por bem que perca em dobro toda a mercadoria e cousas que com os ditos gentios contractarem, de que será a terça parte para a minha camara, e a outra terça parte para quem o accusar, e a outra terça parte para o hospital que na dita terra houver, e não o havendo ahi será para a fabrica da igreja d'ella.

10. Quaesquer pessoas que na dita capitania carregarem seus navios serão obrigados antes que comecem a carregar, e antes que saião fóra da dita capitania de o fazer a saber ao capitão d'ella para prover e ver que se não tirem mercadorias defezas, nem partirão isso mesmo da dita capitania sem licença do dito capitão, e não o fazendo assi, ou partindo sem a dita licença, perder-se-hão em dobro para mim todas as mercadorias que carregarem posto que não sejam defezas, e isto porém se entenderá emquanto na dita capitania não houver official meu deputado para isso, porque havendo-o ahi a elle se fará a saber o que dito é, e a elle pertencerá fazer a dita diligencia, e dar as ditas licenças.

11. O capitão da dita capitania, e os moradores e povoadores d'ellas poderão livre tratar, comprar e vender suas mercadorias com

os capitães das outras capitanias, que tenho provido na dita costa do Brazil e com os moradores e povoadores d'ella a saber de umas Capitanias para outras, das quaes mercadorias, e compras e vendas d'ellas não pagaram uns nem outros direitos alguns.

12. Todo o vizinho e morador que viver na dita capitania, e fôr feitor ou tiver companhia com alguma pessoa que viver fóra dos meus reinos ou senhorios, não poderá tratar com os Brazis da terra posto que sejam christãos, e tratando com elles hei por bem que perca toda a fazenda com que tratar, da qual será um terço para quem o accusar, e os dous terços para as obras dos muros da dita capitania.

13. Os alcaides mores da dita capitania e das villas e povoações haverão e arrecadarão para si todos os fóros e tributos que em meus reinos e senhorios por bem de minhas ordenações pertencem e são concedidos aos alcaides móres.

14. Nos rios das ditas capitanias em que houver necessidade pôr barcas para passagem d'elles o capitão as porá e levará d'ellas direito ou tributo que lá em camara fôr taxado que leve, sendo confirmado por mim.

15. Os moradores, povoadores e povo da dita capitania serão obrigados em tempo de guerra de servir n'ella com o capitão se lhe necessario fôr.

16. E cada um dos tabelliães do publico e judicial que nas ditas povoações da dita capitania houver serão obrigados a pagar ao dito capitão quinhentos réis de pensão em cada um anno.

17. Notifico-o assim ao capitão da dita capitania que ora é, e ao diante fôr, e ao meu feitor, almoxarife, e officiaes d'ella, e aos juizes, justiças das ditas capitanias, e a todas as outras justiças, e officiaes de meus reinos e senhorios assi de justiça como de fazenda mando a todos em geral e a cada um em especial que cumpram e guardem, e façam inteiramente cumprir e guardar esta minha carta de foral, assi e da maneira que se n'ella contém; sem lhe n'isso ser posto duvida, embargo nem contradicção alguma, porque assi é minha vontade digo mercê, e por firmeza d'elle lhe mandei dar esta carta por mim assignada e sellada de meu sello pendente,

a qual mando que se registe no livro dos registos de minha alfandega de Lisboa, e assi nos livros de minha feitoria da dita capitania, e pela mesma maneira se registará nos livros das camaras das villas e povoações da dita capitania para que a todos seja notorio o conteúdo n'este foral, e se cumprir inteiramente.

Manoel da Costa a fez em Evora a vinte e seis dias do mez de Agosto, anno do nascimento de nosso senhor Jesus Christo de mil quinhentos e trinta e quatro.

(Bibliotheca publica d'Evora. Codice $\frac{CXV}{2-3}$ f. 229 v.)

REGIMENTO

DADO A ANTONIO CARDOSO DE BARROS,

Cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei

Como provedor-mór da fazenda que primeiro foi ao Brazil.

Almeirim, 17 de Dezembro de 1548.

(Ms. offerecido ao Instituto por Sua Magestade o Imperador.)

1.° Eu el-rei faço saber a vós Antonio Cardoso de Barros, cavalleiro fidalgo de minha casa, que vendo eu quanto serviço de Deos e meu é serem as terras do Brazil povoadas de christãos pelo muito fructo que d'isso segue, mando ora fazer uma fortaleza na Bahia de Todos os Santos, e por vêr as outras capitanias para d'aqui em diante possam ser melhor povoadas, e a isto ordenei que fosse Thomé de Souza, fidalgo de minha casa, que envio por capitão da dita Bahia e governador de todas as terras do Brazil. E porque as minhas rendas e direitos das ditas terras até aqui não foram arrecadadas como cumpriam por não haver que comprovesse n'ellas, e d'aqui em diante espero que com ajuda de nosso senhor irão em muito crescimento, e para que a arrecadação d'ellas se ponha na ordem que a meu serviço cumpre, ordenei mandar ora ás ditas terras uma pessoa de confiança que sirva de provedor-mór de minha fazenda n'ellas, e por confiar de vós que n'isso me sabereis bem servir, e com aquelle cuidado e diligencia que de vós espero, hei por bem de vos encarregar o dito cargo no qual tereis a maneira seguinte:

2.° Ireis d'aqui em companhia do dito Thomé de Souza direitamente á dita Bahia de Todos os Santos, e porque elle leva por meu

regimento a maneira que ha de ter em assentar a terra, e fazer a fortaleza e povoação da dita Bahia, e prover em outras cousas que cumprem a meu serviço, vos mando que em tudo o que elle comvosco praticar acerca das ditas cousas lhe deis vosso parecer e o ajudeis em tudo o que puderdes e lhe de vós fôr necessario.

3.° Tanto que chegardes á dita Bahia vos informareis que officiaes de minha fazenda ha em cada capitania para proverem e arrecadarem minhas rendas, e aos que achardes por informação que ha nas ditas capitanias escrevereis em como eu vos encommendo por provedor de minha fazenda nas ditas terras, e que portanto vos escreverão logo que rendas e direitos ha na capitania d'onde fôrem officiaes que me pertençam, e de que cousas se pagam, e da maneira que se tem na arrecadação d'elles, e sobre que pessoas está carregado, e o que até agora rendêram, e si ha ahi casa ordenada para a dita arrecadação, e que assim vos escrevam que artilharia, armas, e munições minhas ha na tal capitania, e si está tudo carregado em receita sobre meus officiaes, e sendo-vos informado que em algumas capitanias não ha officiaes de minha fazenda, escrevereis o sobredito aos capitães ou pessoas que estejam em seu lugar.

4.° Tanto que na dita Bahia a terra estiver assentada dareis ordem que se façam umas casas para alfandega perto do mar, em lugar conveniente para bom despacho das partes, e arrecadação de meus direitos, e vereis que officiaes ao presente são necessarios para a dita alfandega, e dareis conta d'isso ao dito Thomé de Souza para elle comvosco parecer provêr dos officiaes que logo se não poderem escusar aquellas pessoas que vir que n'isso me poderão bem servir, até eu provêr d'elles a pessoa que houver por meu serviço, e porém estando lá que é provido de officio de provedor de minha fazenda da capitania da dita Bahia, elle servirá de juiz da dita alfandega segundo a fórma do regimento dos provedores, e as pessoas que fôrem encarregadas dos ditos officios haverão juramento que servirão bem e verdadeiramente.

5.° Ordenareis que na dita alfandega haja livros, a saber: um de receita e despeza dos rendimentos d'ella, e outro em que se registe o

foral e regimento dos officiaes e quaesquer outras provisões que ao diante se passarem sobre a arrecadação dos direitos da dita alfandega, os quaes livros serão contados e assignados em cada folha pelo dito provedor. Ordenareis casa em que se faça o negocio de minha fazenda e contos, e para o dito negocio se farão livros, a saber: um em que se assentaráõ todas as rendas e direitos que eu tenho nas ditas capitanias, a saber: as rendas de cada uma por titulo per si, declarando de que cousas e por que maneiras se pagam os ditos direitos, e ordenados, e mantimentos que ora e ao diante tiverem os officiaes de minha fazenda e quaesquer outras pessoas, e assim tenças que se lá mandarem pagar, e haverá outro livro em que se assentem os contractos e arrendamentos que se fizerem, e outro em que se assentem os foraes e regimentos e quaesquer outras provisões que se passarem sobre cousas que toquem a minha fazenda, e assim se fará para matricula em que se assente a gente de soldo que ora vai nesta armada, e ao diante fôr, e cada pessoa terá titulo apartado em que se declare o nome da pessoa e alcunha si a tiver, e cujo filho é, e lugar onde é morador, e o soldo que ha de haver e o tempo que servir, e os pagamentos que lhe fôrem feitos, e assim se fará outro livro em que se assentem todos os officiaes que tiverem cargo de receber nas ditas terras do Brazil minhas rendas e direitos, declarando o tempo em que começaram a servir para tanto que fôr tempo de darem suas contas serem para isso chamados, e assim se farão quaesquer outros livros e ementas que para os negocios da dita fazenda fôrem necessarios, e encarregareis uma pessoa apta que sirva de porteiro das ditas casas da fazenda, contos e alfandega, e tenha cuidado de guardar os livros das ditas casas, os quaes livros lhe serão carregados em receita em um livro que para isso haverá que terá as folhas assignadas e numeradas por vós, e estarão em poder do escrivão da fazenda.

6.° Tanto que assim ordenardes a dita casa para o negocio de minha fazenda, vós com o escrivão de vosso cargo ireis a ella todos os dias que vos parecer que é necessario para despacho das causas e negocios que haveis de provêr de quaesquer outros que succedam.

7.° Conhecereis de todas as appellações e aggravos, que sahirem

d'ante os provedores e officiaes de minha fazenda, assim d'essa capitania como de todas as outras do Brazil, de feitos que se tratarem perante elles sobre quantia que passar de dez mil réis, ou sobre cousa que os valha.

8.° E porém no lugar onde vós estiverdes, conhecereis das appellações e aggravos que sahirem d'ante os officiaes do tal lugar, ainda que sejam de menos quantia dos ditos dez mil réis, sendo porém de dous mil réis para cima.

9.° Conhecereis por acção nova no lugar d'onde estiverdes e a cinco leguas ao redor de quaesquer casos que tocarem á minha fazenda, entre quaesquer pessoas, posto que o meu procurador n'isso não seja parte, e assim podereis avocar a vós quaesquer feitos, e cousas que tocarem á minha fazenda que se tratarem perante o provedor ou almoxarife do lugar onde vós estiverdes, e nos ditos feitos de que conhecerdes por acção, e avocardes a vós, procedereis até final sentença, inclusive sendo a causa da quantia de dez mil réis e d'ahi para baixo, ou sobre cousa que os valha, e sendo de mór quantia levareis o feito á Bahia para lá o despachardes pela maneira que haveis de despachar os outros, e não havendo vós de ir tão cedo o remettereis já para o dito Thomé de Souza dar a elles juizes em vossa ausencia que os despachem como fôr justiça, e indo vós do tal lugar de terdes dado sentença final nos ditos feitos os deixareis ao provedor da capitania de que fôr o tal lugar, o qual os acabará de processar e determinar, dando appellação e aggravo nos em que couber.

10. E emquanto estiverdes na povoação da dita Bahia despachareis os ditos feitos que vos hão de vir por appellação ou aggravo com dous letrados, os quaes pedireis ao dito Thomé de Souza, e elle vo-los dará quando cumprir, e não os havendo será com duas pessoas, quaes lhe elle bem parecer, e com as ditas pessoas determinareis os ditos feitos de quaesquer quantias que forem sem appellação nem aggravo, pela mesma maneira determinareis os ditos feitos que levardes das outras capitanias, e assim aquelles que na dita capitania da Bahia se tratarem perante vós por acção nova, ou avocardes do provedor e almoxarife d'ella,

11. Hei por bem que outrosim conheçais por acção nova, assim na capitania da Bahia, como em qualquer outra, d'onde fordes e estiverdes de todas as duvidas e feitos que se moverem sobre as sesmarias e datas de terras e aguas entre o capitão em cuja capitania estiverem as ditas terras e aguas, e outras pessoas ou entre quaesquer outras partes, e assim podereis avocar a vós quaesquer feitos e causas que sobre as ditas dadas de terras e aguas se tratarem entre os provedores, e assim das appellações e aggravos que d'ante elles sahirem, e de tudo conhecereis na maneira e com a mesma alçada que haveis de ter nos outros feitos acima conteudos.

12. Pelo regimento que leva Thomé de Souza lhe mando que depois que chegar á Bahia tanto que o tempo lhe der lugar e os negocios d'aquella capitania estiverem para os elle poder deixar, vá visitar as outras capitanias, quando assim fôr vós ireis com elle para o ajudardes nas cousas de meu serviço que nas ditas capitanias ha de fazer, e para tambem vos proverdes em cada uma d'ellas nas cousas que tocarem a vosso cargo, o que vós por este regimento mando que façais.

13. Em cada uma das ditas capitanias tanto que n'ella fordes fareis vir perante vós o provedor, e almoxarife e officiaes de minha fazenda que n'ella houver, e sendo presente o escrivão de vosso cargo, vos informareis dos ditos officiaes que rendas e direitos tenho e me pertencem na tal capitania, como se arrecadaram até então, e si foram arrendadas, ou se arrecadaram para mim, e si foi tudo carregado na receita, e por que pessoas, e sobre que officiaes, e em que se despendeu o dito rendimento; e para isso tomareis conta ás ditas pessoas; o que achardes que despenderam lhe levareis em conta, e o que ficarem devendo fareis arrecadar d'elles, aos tempos e pela maneira que mais meu serviço vos parecer, e o treslado das arrecadações das contas que se tomarem enviareis aos meus contos do reino.

14. Não havendo na tal capitania officiaes de minha fazenda providos por mim, ou faltando alguns dos que forem necessarios, dareis conta d'isso a Thomé de Souza, para elle comvosco parecer prover dos officios que forem necessarios em pessoas que para isso forem

aptas, e escrever-me-heis os officios que assim proverem, e a que pessoas para eu mandar acerca d'isso o que houver por meu serviço.

15. Em cada uma das ditas capitanias ordenareis que haja casas para alfandegas e contos, e livros para o negocio das ditas casas da maneira que o haveis de ordenar na Bahia, e como se tem feito no regimento dos provedores.

16. E assim ordenareis de fazerem ramos apartados, a rendas e direitos que eu tiver e me pertencer em cada uma das capitanias, annexando a cada ramo aquella parte das ditas rendas e direitos que vos parecer melhor, digo que vos parecer que melhor se poderão n'elles arrecadar, de que se fará assento no livro dos regimentos da provedoria da dita capitania das ditas rendas mandareis metter em pregão por ramos ou juntamente como vos mais meu serviço vos parecer, e as arrematareis a quem por ellas mais der, guardando n'isso a fórma do regimento de minha fazenda, e as quantias dos arrendamentos fareis carregar em receita sobre o dito almoxarife para ter cuidado de tomar as fianças, e arrecadar a dita quantia segundo se contém no regimento de minha fazenda com a qual vos conformareis em tudo o que não fôr contrario a este.

17. Em cada um anno escrevereis a cada um dos provedores de minha fazenda que vos mandem por certidão o que renderam minhas rendas e direitos de sua provedoria o anno atraz, e que d'ellas despendeu-se, e em que cousas, e que todo o mais enviem a entregar ao meu thesoureiro que ha de estar na dita Bahia para receber todas as ditas rendas, e eu lhes mando em seu regimento que assim o façam.

18. Tereis cuidado que tanto que cada almoxarife tiver recebido cada cinco annos lhe mandar notificar que vá dar sua conta a Bahia na casa dos contos que ahi ha de estar, e que leve para isso todos os seus livros, e papeis; e ao provedor da tal provedoria escrevereis que resumisse ao dito almoxarife sua conta primeiro que vá á dita Bahia, e arrecadar d'elle o que achar que fica devendo e o envie logo ao meu thesoureiro, e que assim vos escreva que pessoas ha na dita provedoria que sejam aptas para receber as rendas, emquanto o al-

moxarife der sua conta, e vós encarregareis do dito recebimento uma das ditas pessoas, a quem o provedor vos nomear.

19. Tanto que o dito almoxarife for na Bahia para dar sua conta, lhe fareis tomar, e como for acabada será vista por vós, e ficando o almoxarife devendo alguma cousa lh'a fareis pagar, e depois de ter dado conta com entrega lhe passem provisão para tornar a servir seu cargo, declarando n'ella como tem dado a dita conta com entregar ao provedor que estiver servindo o dito cargo; acabará de servir aquelle anno que tiver começado, posto que o dito almoxarife dentro do dito anno leve a dita provisão para poder tornar a receber, e pela dita maneira venham os recebedores dar sua conta a cabo o tempo de seus recebimentos.

20. As duvidas que houver nas ditas contas determinareis com um letrado que pedireis ao dito Thomé de Souza ou com qualquer outra pessoa que elle para isso ordenar, e não sendo ambos conformes em algumas das ditas duvidas o dito Thomé de Souza dará outra pessoa para terceiro, e o que por dous for determinado se cumprirá.

21. Quando pelo tempo em diante depois d'esta primeira vez fordes a cada uma das ditas capitanias vos informareis como os ditos provedores, e almoxarifes e recebedores e outros officiaes de minha fazenda servem seus cargos, e achando pela dita informação que fazem n'elles o que não devem tirareis sobre isso inquirições e devassa e procedereis contra os culpados como for justiça determinando seus feitos na Bahia como haveis de fazer nos outros feitos, e si suspenderdes alguns dos ditos officiaes de seus cargos o fareis saber a Thomé de Souza para elle provêr pessoas que sirvam, e não sendo o dito Thomé de Souza presente na capitania em que os assim suspenderdes, vós os provereis dando-lhe juramento.

22. Hei por bem que d'aqui em diante pessoa alguma não faça nas ditas terras do Brazil navio nem caravella alguma sem licença do dito Thomé de Souza, a qual lhe dará nos lugares onde for presente, e n'aquelles em que o não for dareis vós a dita licença si ahi estiverdes, e não estando a dará em vossa ausencia o provedor da capitania, onde o tal navio se houver de fazer, as quaes licenças

darão as pessoas abastadas e seguras e que deem fiança por que se obriguem, que quando houverem de ir tratar com o tal navio o façam a saber ao provedor da capitania d'onde partir, e que cumpram inteiramente o que sobre e dito é contheudo nos regimentos dos ditos provedores.

23. Trabalhareis com as pessoas que vos pedirem licença para fazerem os ditos navios, que os façam de remo em sendo de quinze bancos ou d'ahi para cima, e que tenha de banco a banco tres palmos de guoa, hei por bem que não paguem direitos nas minhas alfandegas do reino de todas as munições e apparelhos, que para os taes navios forem necessarios, e fazendo-os de dezoito bancos e d'ahi para cima haverão mais além dos ditos direitos quarenta cruzados de mercê á custa de minha fazenda, das rendas que se arrecadarem nas ditas terras do Brazil, e isso para ajuda de os fazerem como todo é contheudo no regimento dos ditos provedores, os quaes quarenta cruzados lhe vós mandareis pagar nas ditas rendas com certidão do provedor da capitania onde se houverem de fazerem, de como lhe tem dado fiança ao fazer dentro de um anno, e tereis cuidado do saber si aquelles que se obrigam a fazer os ditos navios os fizeram e cumpriram suas obrigações, porque achando que as não cumpriram se arrecade d'elles e de seus fiadores os ditos quarenta cruzados, segundo é contheudo no regimento dos ditos provedores.

24. Si ao dito Thomé de Souza parecer meu serviço fazer em alguma das ditas capitanias algum navio á custa de minha fazenda para defensão da costa vós dareis ordem e maneira como se faça conforme ao que elle n'isso ordenar, e o tal navio será carregado em receita sobre o almoxarife d'aquella capitania em que se fizer, e assi a artilharia e munições que ao dito Thomé de Souza parecer necessarias para se armar quando cumprir.

25. E por que será meu serviço e proveito de meus reinos pela abastança das madeiras que ha nas ditas terras do Brazil, fazerem-se lá náus, hei por bem que as pessoas que na dita terra do Brazil as fizerem de cento e trinta toneis, ou d'ahi para cima hajam uma mercê e gozem de liberdade, de que gozam por bem do regimento de mi-

nha fazenda, os que fazem náus da dita grandura nestes reinos, a qual mercê haverão nas minhas rendas das ditas terras do Brazil.

26. Informar-vos-heis do que se fez da artilharia, armas e munições minhas que estavam na fortaleza velha de Pernambuco, e fa-la-heis arrecadar e carregar em receita sobre o almoxarife, e pela mesma maneira vos informareis em cada capitania onde fordes si nella ha alguma artilharia, armas e munições que me pertençam, e achando-a a fareis arrecadar pela dita maneira, e carregar em receita ao almoxarife.

27. Tendo alguns capitães ou pessoas outras das ditas capitanias necessidade de alguma artilharia para seu uso na terra e defensão d'ella, a pedirão a Thomé de Souza, e elle lh'a mandará dar nos meus armazens si lhe bem parecer, e será pelo preço que achardes que me custa posta lá, e por isso levareis d'aqui por certidão do provedor de meus armazens o que cada uma das ditas cousas custa posta lá, e o preço por que se assim der as ditas pessoas se carregará em receita sobre o almoxarife que as der.

28. Eu tenho ordenado que os capitães das capitanias da dita terra e senhorios dos engenhos e moradores d'ella sejam obrigados a ter as armas, e artilharia seguinte, a saber: cada capitão em sua capitania ao menos dous falcões, e seus berços, e seis meios berços, e vinte arcabuzes ou espingardas e sua polvora necessaria, e vinte bestas, e vinte lanças e chuços, quarenta espadas, quarenta corpos d'armas de algodão dos que na terra do Brazil costumam, e os senhorios dos engenhos e fazendas que hão de ter terras ou casas fortes, tenham ao menos quatro berços, dez espingardas, e dez bestas, e vinte espadas e dez lanças ou chuços, e vinte corpos d'armas de algodão, e todo o morador das ditas terras que n'ellas tiver casas, ou aguas, ou navio tenha ao menos besta ou espingarda, espada, lança ou chuço e que os que não tiverem as ditas armas se provejam d'ellas da notificação a um anno achando-se que as não tem paguem em dobro a valia das armas, que lhe fallecerem, das que são obrigados a ter, a metade para quem os accusar, e a outra ametade para captivos, e portanto vós tereis cuidado quando correrdes as ditas capitanias de saber si as

ditas pessoas tem as ditas armas, e de executar as penas sobreditas nas que n'ellas incorrerem, e porque no regimento dos provedores tenho mandado que quando vós não fordes ás ditas capitanias cada um d'elles em sua provedoria faça a dita diligencia e autos do que n'isso achar, e vo-los envie: quando vo-los assim enviarem procedereis por elles segundo fórma d'este capitulo, e tambem sabereis que as pessoas que por este capitulo hão de ter artilharia tem a que são obrigados, e a dita diligencia fareis vós ou os ditos provedores na artilharia e armas que os capitães são obrigados a ter, porque com os ditos capitães sómente fareis vós ou os ditos provedores a dita diligencia, e não e nem outras pessoas.

29. E quando algumas pessoas das ditas se queiram provêr das ditas cousas ou de algumas d'ellas, hei por bem que vós lh'as façais dar dos meus armazens havendo-as n'elle pelos officios que se achar que me custam lá postas.

30. Para que o assucar que nas ditas terras do Brazil se houver de fazer seja da bondade e perfeição que deve ser, ordenareis que em cada capitania haja alealdador elegido por vós quando fordes presente, e sendo ausente pelo provedor da tal capitania como capitão d'ella, e officiaes da camara, e a pessoa que assi for elegida servirá o dito cargo emquanto o bem fizer, e lhe será dado o juramento em camara para que sirva o dito cargo bem e verdadeiramente, e de todo o assucar que lealdar e se carregar para fóra haverá de seu premio um real por arroba á custa das pessoas cujo o dito assucar for, e as pessoas que fizerem o dito assucar o não tirarão da casa de purgar sem primeiro ser visto e lealdado sob pena de o perder, e o alealdador será avisado que não alealde assucar algum senão sendo da bondade e perfeição que deve na sorte de que cada um for.

31. De todas as cousas que por este regimento vos mando que façais dareis sempre conta ao dito Thomé de Souza sendo vivo no lugar onde estiver, e si em algumas cousas fordes differente de seu parecer se cumprirá o que se ordenar e mandar.

32. Encommendo-vos e mando-vos que este regimento cumprais e guardeis inteiramente como de vós confio que o fareis.

Domingos de Figueiredo o fez em Almeirim a dezesete de dezembro de mil e quinhentos e quarenta e oito. E eu Manoel de Moura o fiz escrever, o qual regimento vinha assignado por sua alteza e com vista posto n'elle pelo conde da Castanheira.

(Bibliotheca publica de Evora. Codice $\frac{\text{CXV}}{2-3}$ f. 182.)

DESCRIPÇÃO

Da viagem feita desde a cidade da Barra do Rio Negro pelo rio do mesmo nome.

POR

HILARIO MAXIMIANO ANTUNES GURJÃO,

Major de artilharia, bacharel em mathematicas.

(Manuscripto offerecido ao instituto pelo ex.^{mo} sr. ministro do imperio, Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.)

Descripção da viagem, que fiz desde a cidade da Barra do Rio Negro, pelo rio do mesmo nome, até a serra do Cucui, indo em commissão, como engenheiro, por ordem do ex.^{mo} sr. conselheiro Herculano Ferreira Penna, presidente da provincia, no anno de 1854.

Havendo sido nomeado pelo ex.^{mo} sr. conselheiro Herculano Ferreira Penna, presidente d'esta provincia, no dia 1.° de Outubro do anno proximo passado para como engenheiro dirigir as diversas obras militares, que por ordem do governo imperial tem de ser feitas na provincia; e sendo necessario construir um quartel nas fronteiras de Marabitanas perto da serra do Cucui, tive de ir escolher o lugar, levantar a planta, e principiar o dito quartel: dignando-se tambem o mesmo ex.^{mo} senhor encarregar-me de examinar o estado das matrizes das freguezias do Rio Negro; parti para os fins indicados no dia 21 do dito mez ás 4 horas da tarde em uma igarité da administração das obras publicas com 2 soldados, e 8 indios; navegando regularmente até Santa Isabel 16 horas por dia, com excepção de

alguns em que fortes temporaes, que se formaram ao anoitecer me obrigaram a parar mais cedo; e sómente 10 horas de Santa Isabel para cima por causa das muitas pedras que se encontram em todo o leito do rio, aportei ás povoações de Tana-pessassú no dia 24, de Ayrão a 26, da freguezia de Moura a 28, de Carroeiro a 29 tudo de Outubro; á villa de Barcellos no dia 2 de Novembro, á freguezia de Moreira a 4, á de Thomaz a 6, á de Santa Isabel a 9, á povoação de Santo Antonio do Castanheiro a 11, á de Maçaraby a 12, a de S. José a 13, á de S. Pedro a 14, á freguezia de S. Gabriel a 17, á povoação de Sant'Anna, e á de S. Felippe a 20, á da Guia a 21, á de S. Marcellino a 22, e finalmente á freguezia de S. José de Marabitanas ás 6 horas da manhãa do dia 24, do mez ja indicado.

Poderia aqui fazer a descripção da estructura do terreno, da qualidade dos vegetaes, etc., que observei durante minha viagem; mas só direi que, desde o porto da capital vêm-se as margens d'este rio, tributario do gigante dos rios, ornadas de arvores colossaes sempre verdejantes e floridas, o que prova que a destruidora das obras da natureza — a mão do homem — pouco tem feito a bem d'aquillo, que se chama civilisação. A' sombra d'estas bellas arvores, pela maior parte madeiras de lei, descançam immensos vegetaes, muitos dos quaes ainda não figuram na escala botanica. A grande quantidade de argilla branca e colorida pelo oxido de ferro em diversos estados, apresentando-se o mais das vezes em camadas distinctas, o barro de oleiro, a piçarra, e os seixos rolados que se encontram até Santa Isabel, seguindo-se depois as pedras dispersas por todo o leito do rio, e em muitas partes como formando muros nas margens, e quasi unicamente a argilla pura, provam as diversas épocas em que estes terrenos foram formados.

Poderia tambem enumerar a infinidade de aves e insectos de variegadas côres, que encantam a vista do viajante, porém não é este o meu fim, e deixo a descripção dos vegetaes ao botanico, a dos terrenos ao geólogo, e a das aves e insectos ao curioso naturalista, reservando-me unicamente a mostrar o estado em que encontrei as povoações d'este rio, para que chegando ao conhecimento do governo da

provincia, possa elle curar dos meios de fazer prosperar esta parte d'ella, que com os immensos productos, que encerra, ainda um dia muito concorrerá para abastecer seus cofres.

Vou agora tratar das povoações que acima mencionei, e nomear os rios e riachos que ficam entre ellas.

A povoação de Tana-pessasú é situada na margem austral em um lugar elevado e aprazivel; porém não encontrei ahi pessoa alguma; composta de uma igreja, cujo orago é Santo Angelo; com 86 palmos de comprimento sobre 37 de largura, com duas sachristias; e de 18 casas cobertas de palha bem conservada. O corpo da igreja está coberto de telha, e acha-se em bom estado; as sachristias são cobertas de palha, e suas paredes que são de madeira e barro precisam de emboço e reboque para que o tempo não continue a estraga-las. Entre esta povoação e a cidade da Barra encontram-se algumas casas, em ambas as margens do rio, a que chamam sitios; porém mal construídas, e pela maior parte sem plantação alguma, á excepção de pequenas roças de manivas; além d'estes sitios, outros existem pela mesma fórma nas margens dos rios e riachos que fazem barra n'esse espaço pela maneira seguinte: na margem austral o riacho Xiburena, e na do norte o Ayurim, e o rio Anarelhana.

Povoação de Ayrão situada na margem austral 10 leguas acima de Tana-pessasú, formada de uma igreja dedicada a Santo Elias, coberta de palha com 61 palmos de comprimento, e 39 de largo, faltando-lhe as portas e janellas, emboçar, rebocar e caiar as paredes, que são de madeiras embarreadas, e de 16 casas cobertas de palha, não tendo algumas d'ellas paredes lateraes.

Nas margens que ficam entre estas duas povoações avistam-se alguns sitios em nada differentes dos que deixo descriptos; e fazem barra na do norte os riachos Canumaú, Mapauaú, e Ucuriuaá, que fica quasi fronteiro á povoação.

Navegando-se mais 12 leguas chega-se á freguezia de Moura, que está situada na margem austral em uma enseada com muitas pedras, pelo que vulgarmente lhe chamam — Pedreira — e composta de 21 casas cobertas de palha (sendo uma de sobrado) e de uma igreja de

Santa Rita de Cassia coberta de telha com 80 palmos de comprimento e 32 de largura precisando rebocar e caiar as paredes e ladrilhar a sua área.

Tem esta freguezia uma escola de ensino primario com 13 discipulos.

Raros são os sitios que se encontram neste intervallo, porém alguns existem nas margens dos rios e riachos que desaguam no Negro, que são: pela margem do sul o Jaú pouco acima de Ayrão, e que na carta geral da provincia vem apontado abaixo; do Unini que se communica com o Cadajáz pelo lago Atiniem: e pela margem do norte o rio Jaguaperi, que é de agua branca.

Oito leguas distante de Moura, e na mesma margem está fundada a freguezia de Carvoeiro em uma lingua de terra firme, que mal admitte as casas que existem, de fórma que, si para o futuro tiverem de se construir mais, será necessario muito trabalho em aterrar o terreno que fórma o fundo da povoação, que é inundado nas enchentes do rio.

Compõe-se a freguezia de 20 casas cobertas de palha e com paredes de madeira e barro, sem serem emboçadas nem rebocadas: e de uma capella em construcção com 34 palmos de comprimento e 30 de largura, e um alpendre rodeado de parapeito com 47 palmos. A cobertura é de palha, suas paredes de madeira e barro, faltando-lhes ainda emboçar, rebocar, caiar, e ladrilhar a sua área, toda ella é mal construida; porém antes esta do que nenhuma, como acontecia até ahi chegar o reverendo vigario frei Manoel de Sant'Anna Salgado, que convidou os habitantes para edificar a que hoje existe, que é dedicada a Santo Alberto, ao que elles sempre religiosos se prestaram de boa vontade.

O decrescimento que se nota em quasi todas as povoações d'este rio é devido não tanto á falta de habitantes como á ausencia, que infelizmente soffrem as freguezias de vigarios, que com suas presenças obrigariam o povo a comparecer aos domingos, e dias santificados nas povoações, não deixando assim suas casas abandonadas muitas vezes por mais de um anno, de fórma que, sendo ellas mal construi-

das, é este o tempo sufficiente para demolirem-se, não havendo quem d'ellas trate: além d'isto, sendo os habitantes d'este rio quasi todos indigenas, será mister que os mesmos vigarios lhes mostrem a conveniencia que ha em terem suas terras plantadas, fazendo-lhes ver as vantagens que d'ahi lhes vem, promovendo por essa fórma o amor ao trabalho, e a ambição de que tanto carecem, resultando d'aqui que, adoptados uma vez estes principios, já não abandonarão os lugares, em que residem, com a mesma facilidade, com que hoje fazem, por nada terem.

E' esta povoação, que me dizem ser mais atacada das febres intermittentes, devidas talvez aos muitos vegetaes que com a vasante ficam em putrefacção, e ao cemiterio, que todos os annos é inundado, duas leguas abaixo da freguezia, na margem do norte vem confundir o rio Branco suas aguas com as do Negro, por quatro boccas, formadas tres pela separação de duas ilhas, e a quarta pouco inferior ao rio Uaranacuá, que tambem desagua nesta margem e fronteiro a Carvoeiro.

Poucos sitios se avistam entre estas duas freguezias por serem suas margens mornotas, como são quasi todas d'este rio.

Segue-se a villa de Barcellos assentada na margem do sul 24 leguas acima de Carvoeiro em um lindo lugar, tendo um pequeno igarapé que passa pelo meio da villa, sobre o qual existia uma ponte de madeira, que foi ultimamente mandada demolir pela camara municipal, pois o seu estado era tal que a cada momento ameaçara desabar, por estarem os vigamentos inteiramente podres: além d'este tem outro igarapé de nome Cololipú, que entra pelo lado esquerdo da villa, e é de excellente agua branca.

Pelas ruinas de muitas casas, que ainda avistam-se na villa, conhece-se que ella era muito grande; mas hoje está reduzida a 18 casas, sendo 7 cobertas de telhas e 11 de palha, e uma igreja de Nossa Senhora da Conceição coberta de telha com 112 palmos de comprimento sobre 42 de largo, com 2 sachristias, e tribunas na capella-mór, precisando concertar suas paredes, emboçar, rebocar e caiar.

Os paramentos estão em pessimo estado.

Consta-me que ultimamente foram vendidas duas das 7 casas cobertas de telha, para tirarem as telhas e transportarem para esta capital.

Ha aqui uma escola de ensino primario tendo 16 discipulos incluidos no mappa, porém apenas frequentam 9.

Julgo que os empregados da camara municipal pouco se interessam pelo asseio da villa, porque encontrei o mato junto das casas.

No espaço, que medeia entre Carvoeiro e Barcellos, vêem-se alguns sitios em a margem do sul, bem como nas do rio Cabuí, e riachos Uatanaré, que ficam nesta margem, e nos riachos Uanopexi, Uananibá, Cuarú, Uirauau, Zamuruuaú e Buibui, que ficam na margem opposta.

Depois que chegou á villa o rev.mo frei Salgado, começaram a reformar algumas casas, e os gentios do rio Uaraca vieram logo vê-lo com o seu tuxaua; porém não fallando elles a lingua geral, nem tendo o padre pessoa que os entendesse, limitou-se a agrada-los, e fazer-lhes ver por signaes que era necessario voltarem com seus filhos, para serem baptisados.

Esta influencia dos habitantes d'este districto, e dos gentios, prova o que deixei dito quando tratei de Carvoeiro.

E quem duvidará do quanto concorre a religião para o bem do povo? Sim, quem ha que ignore que a religião preside o nascimento do homem, segue-o em sua educação, guia-o nos negocios mais importantes de sua vida, está presente, quando elle moribundo, o conduz ao tumulo, e que depois a crença dos vivos faz com que elle ainda siga os passos d'aquelle que já não existe!

E' fiado nestes principios, e nas sabias medidas do illustrado governo da provincia, que tanto se interessa pelo bem-estar d'ella, e que portanto não deixará de continuar a sollicitar do ex.mo sr. bispo diocesano, parochos, senão para todas as freguezias, ao menos para algumas d'ellas, de modo que estes possam visitar as que lhe ficam vizinhas; digo que fiado n'isto nutro esperanças de ainda ver as povoações d'este rio tão florescentes, como já foram, e hoje com proporções para ainda mais com a navegação a vapor.

Em distancia de 16 leguas de Barcellos está fundada a freguezia de Moreira na margem do sul em uma barreira alta e pouco consistente, de modo que todos os annos cáe parte d'ella; sendo por isso prudente que as casas se edifiquem a alguma distancia da margem, para que com o correr do anno não venham a demolirem-se como tem acontecido em a cidade de Cametá. Não se póde ir á povoação senão por pessimas escadas encostadas á barreira.

A freguezia compõe-se de 11 casas cobertas de palha, e algumas d'ellas sem paredes lateraes, e de uma igreja dedicada a Nossa Senhora do Carmo coberta de telha com 85 palmos de comprimento, e 38 de largura. Os madeiramentos dos altos estão novos, porém os esteios principaes, e a maior parte dos páos que formam as paredes acham-se inteiramente arruinados, e convém substituir os esteios principaes, para não desabar o edificio.

Os paramentos estão no estado dos das outras freguezias. Não ha aqui nem sequer um pequeno sino para chamar os fieis ao templo.

Desde a villa de Barcellos até a freguezia de que trato, fazem barra pela margem do sul os rios Bururi, e Quirjuni, e os riachos Aratai, e Quimeucuri; e pela do norte o riacho Parataqui e o rio Uaracá. Este rio tem excellentes terras firmes, e abunda em piassava.

Navegando-se mais 17 leguas chega-se á freguezia de Thomar, situada na margem meridional em uma barreira semelhante á de Moreira, porém menos alta; aqui tambem sobe-se por pessimas escadas á povoação, que tem 11 casas cobertas de palha, e uma igreja de Nossa Senhora do Rosario com 112 palmos de comprimento, 36 de largura no corpo da igreja, e 20 na capella-mór, a qual tem o ponto da cumieira muito alto, pelo que correm as telhas, deixando descoberta esta parte do edificio, que está bastante arruinada.

Despeja suas aguas na margem do sul entre a freguezia de que trato, e a immediatamente inferior o rio Uauá, e na do norte os rios Uereré, e Paduari, que é de agua branca, e tem por tributarios os rios Murari e Preto. Os habitantes d'estas duas freguezias tem pela maior parte seus sitios nos rios que ficam entre ellas; e se empregam na extracção de alguma salsaparrilha, piassava e gomma elastica.

A freguezia de Santa Isabel, que consta de 9 casas com cobertura e paredes de palha; e de uma igreja com 81 palmos de comprimento e 48 de largura com paredes de madeira embarreadas, precisando cobrir de novo, emboçar, rebocar, e caiar; está fundada na margem do norte 20 leguas distante de Thomar, em um bonito lugar, tendo o porto orlado de grandes pedras, que servem como de muro. N'este lugar não encontrei pessoa alguma, e informam-me que quasi sempre esta abandonado.

Fazem barra entre Santa Isabel e Thomar na margem do norte, os riachos Cajuary, e Anhori em o canal chamado Uatauai; e o riacho Hyaá; na austral os riachos Chibani, Mabá e Mataquiá; d'estes o primeiro entrando-se por elle, encontra-se um lago, muitos castanheiros, e campinas que vão até a antiga povoação de Lama-longa; e o segundo, é abundante em puxeri.

Antes d'esta freguezia marca o mappa geral da provincia a povoação de Lama-longa que já não existe, e ficava na margem septentrional.

Continuando-se a viagem encontram-se pela margem do norte o rio Mararuá, o riacho Jurudi, e os rios Inabú e Abuará, todos d'agua branca, excepto o ultimo, e pela margem opposta os rios Yurubaxi, Uaijuana, Ueneuexi e Chruará, para então chegar-se á povoação de Santo Antonio de Castanheiro, que dista 12 leguas da de Santa Isabel, e na mesma margem, contendo 11 casas cobertas de palha, estando 4 bem arranjadas com paredes embarreadas, e estão rebocadas, e caiadas, e as outras são como as de Santa Isabel; tem tambem uma igreja com 68 palmos de comprimento e 27 de largura, coberta de palha: suas paredes são de madeira embarreadas, e estão rebocadas, e caiadas; é a igreja a mais bem conservada que até aqui encontrei, pois só lhe faltam as janellas dos lados, e ladrilhar a sua área.

Navegando-se pelo rio Yurubaxi se encontram muitos lagos, pelos quaes este rio se communica com o Japurá, fazendo um pequeno transito por terra.

A povoação de Maçaraby que dista da do Castanheiro 14 leguas, acha-se situada na margem do norte, e apenas tem 6 palhoças de alguns habitantes da antiga povoação do mesmo nome, que ficava

na margem opposta, e que por causa das muitas aggressões dos indios Macús a abandonaram, fundando uns o que hoje existe, e retirando-se outros para as vizinhas.

Aqui encontram-se as primeiras cachoeiras, e uma impetuosa correnteza, o que tambem acontece logo acima de Santa Isabel.

Entre Maçaraby e Santa Isabel fazem barra na margem meridional o rio Mauxi, e na septentrional os riachos Jaburuá e Dibá.

Na margem do norte, distante do Maçaraby 8 leguas, avista-se uma igreja com 47 palmos de comprimento e 19 de largura, coberta de palha, em máu estado, tendo suas paredes unicamente embarreadas; e mais 6 casas, construidas como a igreja: é isto a povoação de S. José.

Neste intervallo existe uma pequena fazenda pertencente a Manóel Jacinto, e é o melhor estabelecimento do rio Negro; e o sitio de Francisco das Chagas, que tem alguma plantação de puxeri, café, e salsaparrilha, larangeiras, etc.

Logo acima de Maçaraby e na mesma margem faz barra o rio Caubury, d'onde extrahem alguma salsaparrilha, e do qual se passa pelo rio Umarinaui, que sahe na sua margem occidental, para o rio Caciquiari que faz barra acima da povoação de S. Carlos em Venezuela.

Do mesmo rio tambem se póde passar, fazendo um pequeno transito por terra, para o rio Demiti que desagua um pouco abaixo de Marabitanas.

Vencidas mais 6 leguas chega-se á povoação de S. Pedro situada na margem meridional e composta de 6 casas cobertas de palha com paredes de madeira embarreadas.

E' preciso estar no porto para saber-se que ahi existem casas, por estar o mato na frente da povoação em tal altura, que as encobre.

N'este intervallo não desagua rio ou riacho algum digno de mencionar-se.

O mappa geral da provincia apresenta em seguida a povoação de S. Bernardo, que acha-se extincta e era fundada na margem do norte 7 leguas acima de S. Pedro, tendo em seu porto a perigosa cachoeira de Camanáos: seria de grande utilidade o reapparecimento d'esta po-

voação por ser d'ella que os viajantes se forneciam de homens para a passagem d'esta e das outras cachoeiras que se seguem; porque d'ahi em diante está o rio cheio de pedras, formando muitas catadupas perigosas e difficeis de vencer, algumas das quaes não é possivel sem grande risco de perder a carga, e muitas vezes a propria embarcação, (o que ja tem acontecido) passarem-se sem primeiro descarrega-las; o que será prudente fazer sempre na que acabo de mencionar, nas de Cujubi e Turmas. E' por entre estas catadupas, que se chega a S. Gabriel, que fica na margem septentrional 12 leguas pouco mais ou menos, distante de S. Pedro, sendo fundada sobre a cachoeira de Crocubi, que abrange toda a largura do rio, e é composta de 21 casas cobertas de palha com paredes de madeira embarreadas, quasi todas pertencentes ás familias dos soldados que fazem a guarnição do forte; e de uma igreja coberta de palha com 140 palmos de comprimento e 35 de largura: a capella-mór é separada do corpo da igreja por grades bem arranjadas, assoalhada e forrada de taboas, e tem um altar muito decente, ornado com castiçaes de madeira torneados, emfim só falta ladrilhar das grades para baixo.

Não posso deixar de mencionar o nome do cidadão a quem se deve em grande parte o asseio d'este templo, que é o ex-commandante Francisco Gonçalves Pinheiro.

Ha aqui uma escola de ensino primario com 27 alumnos; o professor mostra interessar-se pelo adiantamento dos discipulos.

Em o lugar mais alto da freguezia está edificado o forte, que lhe dá o nome, construido de pedra e cal, com canhoneiras para montar 16 canhões, existindo 5 de calibre 6, e 3 de 4 em bom estado, precisando unicamente, para poderem funccionar, serem montadas em reparos a Onófre. Não se poderia escolher melhor posição para se edificar um forte, do que esta, não só porque suas baterias tem acção sobre grande parte do rio, como porque descendo não offerece um só porto de desembarque, sem que as embarcações corrão o risco das cachoeiras, e subindo apenas tem um que é batido completamente por uma bateria de 3 peças.

Entre esta freguezia e a povoação de S. Pedro fazem barra na mar-

gem austral os rios Mariá e Curicuriari, d'este se passa, por um canal chamado Inebú, para o rio Waupís; e na margem do norte os riachos Uacuború, Muruueni, Cacabú e o rio Meuá.

Um pouco acima de S. Gabriel estão outras cachoeiras, chamadas Caldeirões, as quaes tambem são bastante perigosas de se passarem quando o rio está cheio.

Continuando-se a viagem com difficuldade até a barra do rio Waupís por causa das continuadas correntezas, e cachoeiras que até ahi se encontram; chega-se á povoação de Sant'Anna 18 leguas distante de S. Gabriel, situada na margem do norte com uma pequena igreja muito arruinada, e 3 casas cobertas de palha.

O mappa da provincia aponta antes d'esta povoação as de S. Miguel e Santa Barbara que já não existem.

No espaço que separa S. Gabriel de Sant'Anna fazem barra na margem do norte o riacho Hũjá, e na do sul o rio Waupís que, subindo-se por elle, encontram-se em suas margens as aldêas seguintes: de Santo Antonio com 9 casas e uma igreja de S. Francisco das Chagas com 6 casas; da Conceição de Nossa Senhora com 12 casas; de S. Domingos com 5 casas; de Sant'Anna com 12 casas; seguia-se a de S. Paulo que foi queimada ultimamente: de S. Sebastião com 10 casas: de S. João Baptista com 28 casas: do Sagrado Coração com 10 casas: Santa Cruz com 8 casas: Pupunha com 5 casas: Nossa Senhora das Dôres com 4 casas, de S. José com 9 casas: de S. Gregorio com 6 casas, de S. Miguel com 4 casas: e finalmente de S. Fidelis com 20 casas. Poderiam estas povoações estarem mais augmentadas, si o director se interessasse por ellas; pois que é dos tributarios do Negro o rio que conta maior numero de indios.

Para que se possa navegar desde Santa Isabel em embarcações de alto bordo será mister não só destruir as cachoeiras que ficam abaixo de S. Gabriel, como d'ahi para cima, até a distancia de 10 leguas, abrir um canal por entre essa serie de rochas que se prolongam quasi até a barra do rio Waupis, o que seria muito dispendioso; porém não impossivel, visto que no tempo das vasantes do rio estas rochas acham-se pela maior parte a poucos palmos de profundidade; comtudo

quando o rio estiver cheio poderá qualquer embarcação chegar até a antiga povoação de S. Bernardo.

A povoação de S. Filippe fica na margem do sul em distancia de 4 leguas, com 11 casas cobertas de palha, tendo suas paredes rebocadas e caiadas, e uma igreja que está em concerto.

Em distancia de mais de 4 leguas fica a povoação da Guia na mesma margem, e se compõe de 15 casas cobertas de palha com suas paredes rebocadas e caiadas; e de uma igreja que se está edificando com 74 palmos de comprimento e 42 de largura.

Neste intervallo na margem meridional desagua o rio Içana onde se contam as seguintes aldêas: S. Matheus com 6 casas; Nossa Senhora do Carmo com 10 casas e uma igreja em construcção; Nazareth com 13 casas e uma igreja em construcção; Santo Antonio com 13 casas; Sant'Anna com 8 casas; S. Lourenço com 12 casas; S. Pedro com 10 casas; S. João Baptista com 11 casas; S. Bento com 9 casas; S. Roque com 15 casas; e finalmente S. José com 12 casas. Todas estas casas são cobertas de palha com paredes de madeira embarreadas.

A povoação de Sant'Anna é situada na foz do rio Coiary; pois que o Içana divide-se ahi em dous ramos um para o sul, que continúa com o mesmo nome, e outro para o norte que é denominado Coiary.

Os indios dos rios Waupís e Içana são dados ao trabalho, e empregam-se na factura de ralos, balaios, redes de maqueira, farinha, e uma grande parte na extracção da salsaparrilha.

Na foz do rio Ixié está fundada a povoação de S. Marcellino, distante da Guia 16 leguas, e na margem do sul com uma igreja nova de 23 palmos de frente, e 49 de fundo; e 17 casas cobertas de palha rebocadas e caiadas. Tem esta povoação um destacamento militar para privar a entrada de pessoas suspeitas no Yxié, que desde a cachoeira do Comatê offerece caminhos por onde com facilidade se póde passar a diversas povoações de Venezuela. Fazem barra entre a Guia, e S. Marcellino na margem do sul os riachos Mubuaby e Bucury.

Antes de S. Marcellino indica o mappa geral a povoação de S. João Baptista, que já não existe. Vencendo-se mais 9 leguas chega-se á

freguezia de S. José de Marabitanas, que é fundada na margem austral, e composta de uma igreja com 51 palmos de comprimento e 27 de largura, dous edificios pertencentes á nação, um que serve de quartel, e outro de residencia do commandante, cobertos de palha, bem edificados e conservados, e 42 casas tambem cobertas de palha, com suas paredes rebocadas e caiadas.

Do antigo forte que aqui havia só restam os vestigios de dous baluartes, e 6 canhões desmontados.

Todas as povoações do districto de Marabitanas, tem suas casas rebocadas e caiadas com argilla pura, á que si as outras imitassem não apresentariam um triste aspecto, e mesmo é este districto o que apresenta alguma animação, devido aos esforços do 2.° tenente commandante Felisberto Antonio Corrêa de Araujo, que tambem serve de director do rio Içana.

E' minha opinião que se forme em Marabitanas uma colonia militar com as praças que ahi existem, que são muito antigas, e estão sobrecarregadas de familia, mandando-se novos soldados para o quartel do Cucui, pois do contrario esta povoação, que está florescente, ficará reduzida ao estado das outras.

Entre esta povoação e a ultimamente fallada fazem barra na margem do norte o rio Demiti, e os riachos Muabi, e Uibará que fica quasi fronteiro á freguezia; e d'ella até a serra do Cucui, os riachos Emei e Ineni, das vertentes dos quaes se póde passar para o Caciquiari, fazendo um transito por terra trabalhoso e de muitos dias.

Eis o fructo de algumas horas que me restaram do cumprimento de minhas obrigações, e si n'elle não se encontram essas bellas flôres de rhetorica, que sóem *elevar a imaginação* do leitor, e as quaes o árido estudo das mathematicas não me tem deixado cultivar com esmero, encontra-se todavia a narração exacta do que observei ou relataram-me pessoas fidedignas.

Cidade da Barra do Rio Negro, 12 de Fevereiro de 1855.

HILARIO MAXIMIANO ANTUNES GURJÃO,
Major de artilharia.

CÓPIA FIEL

Do titulo de Taques Pompeu, que fez Pedro Taques d'Almeida Paes Leme pelo anno de 1763, e que se acha em poder de João Pereira Ramos d'Azeredo Coutinho.

(Offerecido ao Instituto pelo Sr. Antonio da Costa Pinto.)

Francisco Taques Pompeu, natural do Brabante dos estados de Flandres, da nobilissima familia do seu appellido, passou a Portugal por causa do commercio, e fez assento na villa de Setubal, onde casou com D. Ignez Rodrigues, natural da mesma villa, e foram moradores no casal da freguezia de S. Julião. Assim se vê nos autos de genere da camara patriarchal de Lisboa, processados no anno de 1696 por parte de Pedro Taques d'Almeida, sendo juiz da justificação de genere o Dr. Manoel da Costa d'Oliveira, prior da igreja de S. Christovão, desembargador da relação ecclesiastica, ouvidor da capella real em tempo de D. Luiz de Souza, cardeal e arcebispo de Lisboa, e se passou commissão ao reverendo vigario geral de Setubal, o Dr. Ventura de Frias da Frota, em cujo cumprimento, precedendo informação do parocho, o Dr. João de Brito e Mello, prior da freguezia de S. Julião, se inquiriram as testemunhas seguintes: Domingos Alvares de Paiva, moço da camara de Sua Magestade, o capitão Antonio Borges Ferreira, Francisco da Cruz Vieira, e Antonio Nogueira Homem, que todas depuzeram singularmente sobre a pureza e nobreza de sangue dos Taques Pompeu. D'estes autos se passou instrumento em 30 de Dezembro de 1697 pelo Dr. Manoel da Costa d'Oliveira, sendo escrivão Bento Ferreira Feijó, que se remetteu á camara episcopal do Rio de Janeiro, por onde se tinha expedido a requisitoria para as diligencias de genere a favor de Pedro Taques d'Almeida, natural da villa de S. Paulo. Do matrimonio de Francisco Taques Pompeu e D. Ignez Rodrigues nasceram sómente dous filhos, D. Francisca Taques, e Pedro Taques. D. Francisca

Taques, em vida de seus pais, foi casada em Setubal com Reinold João, fidalgo d'Allemanha, que teve a honra de ser pagem do real estandarte d'el-rei D. Sebastião. Achando-se em Setubal, teve este allemão umas differenças com Fernão Velho, fidalgo da casa real, e temendo-se morte do dito allemão, o mesmo monarcha lhe segurou a vida por decreto: porém Fernão Velho, que era cavalheiro portuguez, preoccupado mais dos estimulos de brio, que attento ao respeito do real decreto, tirou a vida ao fidalgo allemão, fazendo-o expirar com duas balas, que lhe metteu pelo postigo da camara, em que se achava muito descansado, em sua casa. Esta culpa foi commettida publicamente, de dia, em Setubal. Informado Sua Magestade pelos gritos da viuva, D. Francisca Taques (que logo se poz em Lisboa para na piedade do monarcha achar a recta justiça contra o aggressor) o mandou prender; porém refugiou-se o réo no convento das freiras de Jesus da villa de Setubal. Procedeu a justiça com as costumadas providencias, que em taes casos admitte a immunidade, porém sem effeito, porque as religiosas tinham occultado a Fernão Velho (explicamos pelo mesmo termo, que se vê no instrumento d'este facto, processado em Setubal a favor de Pedro Taques antes de vir para o Brazil) no inferno d'atafona; deu-se conta a el-rei, que mandando as ordens com a potestade de principe soberano, não tiveram as freiras outro remedio, que lançar para fóra o delinquente, o qual sendo preso e processado, foi finalmente na praça publica de Lisboa degollado no cadafalso, e depois esquartejado o cadaver. Em cumprimento da sentença lhe foram entulhadas as suas casas de sal em Setubal para memoria do caso. Com esta infelicidade não procreou D. Francisca Taques, como tudo consta do mesmo instrumento.

Pedro Taques, irmão unico de D. Francisca Taques, passou ao Brazil feito secretario d'este estado em companhia de D. Francisco de Souza, 7.° governador geral do mesmo estado em 1591. Depois de residir na cidade da Bahia até 1598, teve D. Francisco de Souza ordem d'el-rei Felippe de Castella para passar a S. Paulo a fazer intublar as novas minas de ouro, que já os Paulistas Affonso Sardinha e Pedro Sardinha, seu filho, haviam descoberto em 1597 na

serra de Jaguaminbaba (hoje se conhece pela nomenclatura de Mantequira), e na de Jaraguá e Vuturana; e com effeito se achou D. Francisco de Souza em S. Paulo em Novembro de 1599, e com elle o secretario Pedro Taques. Em Julho de 1602 se recolheu de S. Paulo D. Francisco para o reino, d'onde voltou em 1609 feito governador e administrador geral das minas de ouro e prata, descobertas e por descobrir das tres capitanias do Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Paulo, as quaes ficaram separadas da jurisdicção do governo geral da Bahia, por provisão do rei Filippe passada em aos 15 de Junho de 1608. E trouxe a mercê de marquez das minas com trinta mil cruzados de juro e herdade, que depois se verificou em seu neto, D. Francisco de Souza, terceiro conde do Prado e primeiro marquez das Minas por carta de 7 de Janeiro de 1670. Trouxe mais D. Francisco de Souza o poder de dar o fôro de fidalgo da casa real, e o dom para as mulheres, a quatro pessoas por alvará passado em Madrid e 2 de Janeiro dè 1608; outro alvará para poder dar o fôro de cavalleiro fidalgo a cem pessoas da mesma data, e outro tambem da mesma data, para conferir dezoito habitos da ordem Xp"o, doze com tença de 20$000 rs. e seis com tença de 50$000 rs. Outro alvará para dar a serventia dos officios vitalicios, os quaes todos se acham registrados na camara de S. Paulo, livro T. 1607 desde folhas 30 até 37. E dos mesmos e da maior parte d'elles faz menção D. Antonio Caetano de Souza, clerigo regular da Divina Providencia no seu livro dos grandes de Portugal, tratando do marquez das Minas.

Em S. Paulo casou Pedro Taques com D. Anna de Proença, natural de S. Paulo, filha de Antonio de Proença, moço da camara do infante D. Luiz. O dito Antonio de Proença occupou os empregos de que fazemos menção em o titulo de Proenças, onde mostramos, que fôra casado na villa de Santos com D. Maria Castanho, cuja qualidade veja-se em dito titulo de Proenças.

Pedro Taques falleceu em S. Paulo com muito avançada idade, tendo occupado todo o tempo no real serviço, porque acabando de ser secretario do estado do Brazil em 1602, em que se recolheu para

o reino D. Francisco de Souza, serviu os cargos honrosos da republica. Voltando D. Francisco de Souza em 1609 com os poderes, de que já fizemos menção, deu a Pedro Taques o officio de juiz de orphãos da villa de S. Paulo vitalicio por provisão datada de 6 de Junho de 1609, que se acha registrada na camara de S. Paulo livro T. registros de 1607 a folhas 22. Este, como fica dito, falleceu em S. Paulo com testamento a 26 de Outubro de 1644, como se vê nos autos de inventario de seus bens no cartorio 1.° do tabellião de notas, masso de inventarios antigos, letra P o de Pedro Taques com testamento. N'elle declarou a sua naturalidade, seus empregos, e os nomes de seus pais, e que fôra casado com Anna de Proença, de cujo matrimonio tivera seis filhos de um e outro sexo, e declarou tambem as pessoas com quem tinha casado suas duas filhas, e de todos iremos fazendo menção, e foram elles:

Pedro Taques	Cap. 1.°
Guilherme Pompeu d'Almeida	Cap. 2.°
Lourenço Castanho Taques	Cap. 3.°
D. Sebastiana Taques	Cap. 4.°
D. Marianna Pompeu	Cap. 5.°
Antonio Pompeu d'Almeida	Cap. 6.°

CAP. 1.°

1 — 1 Pedro Taques estando casado com D. Potencia (irmãa do governador Fernão Dias Paes, que depois foi mulher de Manoel de Carvalho d'Aguiar) teve umas differenças em 1640 com Fernando de Camargo, o primeiro d'este nome na familia de seu appellido, chamado o tigre por alcunha, e desembainhando ambos as espadas e adagas no patio da matriz da villa de S. Paulo, se travou tão rija contenda, que acudindo numeroso concurso a favor de um e outro partido, passou esse desafio a combate vivo. Baralhada a machina d'este tumulto, se offendiam uns aos outros, sem atinarem na tranquillidade, que em taes casos costuma ser todo aquelle empenho dos que se poem na rua a atalhar qualquer pendencia. Esta teve principio na porta do templo, mas levados uns e outros do ardor da

peleja, continuou este estrondo, correndo as ruas até fechar-se este vicioso circulo no mesmo logar, onde tivera origem o primeiro furor da paixão dos dous contendores. Grande foi a providencia occulta de Deos n'este lance, porque sendo muitos os mortos n'aquelle desordenado rompimento, não perigaram os dous principaes combatentes, Pedro Taques, e Fernando de Camargo; serenou esta primeira tempestade, em que se dispararam tambem tiros d'escopetas, que causaram as mortes, que houveram n'este conflicto.

Passado tempo, e já convalescido das feridas os dous contrarios, existia um temor de novo combate, para o qual se convidavam intrepidos os parentes, alliados e amigos de um e outro partido, já neste tempo declarados inimigos sem mais causa para tanto desacerto, que a vingança e o odio e indesculpavel estimulo de uma cega paixão. Em o anno de 1641 estando Pedro Taques em conversação com um amigo, tendo as costas para a porta travessa da matriz de S. Paulo, veio á falsa fé Fernando de Camargo, e correu a adaga pelas costas de Pedro Taques, que logo perdeu a vida ao vigor do golpe. Deixou do seu matrimonio um menino chamado Pedro, que em tenros annos voou para o céo.

CAP. 2.º

1 — 2 Guilherme Pompeu d'Almeida viveu abastado no termo de S. Paulo, sendo um dos primeiros cavalheiros, que na propria patria desfructava o maior respeito; retirou-se, mudando de domicilio, para o termo da villa da Parnahyba. Esta mesma prudente resolução seguiram outros parentes. Foi muito zeloso do bem commum e das utilidades do serviço do monarcha, e tanto, que as magestades el-rei D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II, sendo principe regente, o honraram com cartas firmadas do real punho, não só quando vieram a S. Paulo os administradores das Minas D. Rodrigo Castel Branco, e Jorge Soares de Macedo em 1680, mas quando veiu o governador D. Manoel Lobo em 1677; e é digna de memoria a que recebeu o dito Guilherme Pompeu, datada de 2 de Maio de 1682, recommendando-lho désse ajuda a

favor de F. Pedro de Souza, que vinha examinar a pedra de prata de Byracoyaba, no termo da villa de Sorocaba. Foi Guilherme Pompeu capitão mór da villa da Parnahyba por el-rei D. Pedro, sendo regente. Viveu abundante de cabedaes com grande tratamento e opulencia em sua casa. A cópia de prata, que possuiu excedeu a quarenta arrobas, porque os antigos Paulistas costumavam penetrar os vastissimos sertões do rio Paraguay atravessando suas terras, conquistando barbaros indios, seus habitadores, e chegavam ao Perú e Potosy, e se aproveitavam da riqueza de suas minas de prata, de que ennobreceram suas casas. Com cópia de muitas arrobas, de cuja grandeza ao presente tempo nada existe pela ambição de ministros e governadores, que no decurso de sessenta e nove annos attrahiram a si esta grandeza, porque nenhum se recolheu para o reino, que não levasse boas arrobas. Fundou no termo da villa da Parnahyba, a capella de Nossa Senhora da Conceição, em Vuturuna, e a dotou com liberal mão, constituindo-lhe um copioso patrimonio em dinheiro amoedado, escravos officiaes de varios officios, e todos com rendas para o exercicio de suas occupações. Adornou a capella com retabolo de talho, toda dourada, e lhe deu ornamentos ricos para as festividades, e outros de menos custo para semanarios com castiçaes de prata.

De tudo se lavrou escriptura pelo tabellião da villa da Parnahyba em 13 de Fevereiro de 1687, e que na sua descendencia se conservasse a administração da dita capella, sendo 1.° administrador o reverendo Dr. Guilherme, e por morte d'este Antonio de Godoy Moreira, seu genro, a que succedia a sua descendencia, e instituiu por sua alma duas missas cada mez, pelo patrimonio da dita capella, de que dariam contas os administradores d'ella. Casou Guilherme Pompeu d'Almeida em a matriz de S. Paulo a 20 de Agosto de 1639 com D. Maria de Lima Pedroso, filha de João Pedroso de Moraes e de sua mulher Maria de Lima. Em T. de Moraes cap. 3.° Jaz sepultado na capella mór da matriz da Parnahyba em sepultura, que n'ella tinha, como declarou no seu testamento, com que falleceu. Deixou tres filhos:

2 — 1 Guilherme Pompeu d'Almeida § 1.°
2 — 2 D. Maria de Lima e Moraes § 2.°
2 — 3 D. Anna de Lima e Moraes § 3.°

§ 1.°

Guilherme Pompeu d'Almeida foi o mimo de seus pais, 2 — 1 como unico varão, e com os desejos de o verem bem instruido, o mandaram para a cidade da Bahia aprender a lingua latina no collegio dos jesuitas, onde se consummou excellente grammatico. Foi dotado de grande viveza de engenho e docilidade, sobre que sahiu muito um natural respeito, que soube sempre conciliar dos estranhos, amigos e parentes. Abandonando ficar herdeiro de seu pai do grande cabedal, que intentaram n'este filho perpetuar a sua casa, teve vocação de ser religioso franciscano na provincia da Bahia, onde se achava, o que sendo communicado a seus pais, atalharam com rogativas este religioso intento, e cedeu o filho ás supplicas paternaes, assentando ser presbytero secular. Estudou a philosophia e theologia, da qual teve o grão de doutor por bulla pontificia. Foi tão amante das letras, que da grande profusão do seu liberal animo tinham segura protecção os sujeitos bem instruidos na historia sacra. Teve excellente livraria, que, por sua morte, encheram os seus livros as estantes do collegio de S. Paulo, a quem constituiu herdeiro da maior parte de seus grandes cabedaes. Nasceu elle na villa da Parnahyba, em cuja matriz foi baptisado a 24 de Abril de 1656. Fez assento no sitio de Arassariguama, onde fundou a capella de Nossa Senhora da Conceição, a cujo mysterio teve cordial devoção, toda adornada de excellente talha dourada com muita magnificencia. Celebrava-se annualmente a festa a 8 de Dezembro com um oitavario de festas de missas cantadas, sacramento exposto, e sermão a varios santos de sua especial devoção, e se concluia o oitavario com um anniversario pelas almas do purgatorio com officio de nove lições, missa cantada e sermão para excitar a devoção dos fieis ouvintes. De S. Paulo concorria a maior parte da nobreza com os religiosos da maior autoridade das quatro communidades, companhia de Jesus, Carmo, S. Bento e S. Francisco,

e os clerigos de maior graduação. Era a casa do Dr. Pompeu n'aquelles dias uma populosa villa ou côrte pela assistencia e concurso dos hospedes. Para a grandeza do tratamento da casa d'este heróe Paulista, basta saber-se, que havia paramentos para cem camas, cada uma com cortinado proprio, lençóes finos de bretanha, guarnecidos de rendas e com uma bacia de prata debaixo de cada uma das ditas cem camas, sem pedir-se nada emprestado. Tinha na entrada de sua fazenda, em Arassariguama, um portico, do qual até as casas mediava um plano de 500 passos, todo murado, cujo terreno servia de patio á igreja ou capella da Conceição. N'este portão ficavam todos os criados dos hospedes, que ali se apeavam, largando esporas e outros trastes, com que vinham a cavallo, e tudo ficava entregue a criados escravos, que para este politico ministerio os tinha bem disciplinados. Entrava o hespede, ou só um, ou muitos em numero, e nunca mais nos dias, que se demorava, ainda que fosse de uma semana ou de um mez, não tinha nenhum dos hospedes noticia alguma dos seus escravos, cavallos e trastes. Quando porém qualquer dos hospedes se despedia, ou fosse um ou muitos ao mesmo tempo chegando ao portão, cada um achava seu cavallo com os mesmos arreios, em que tinha vindo montado, as mesmas esporas, e os trastes todos, sem que a multidão de gente produzisse a menor confusão na advertencia d'aquelles criados, que para isto estavam destinados; os cavallos recolhiam ás cavallariças, onde tinham todo o necessario e milho, que é o que se dá diariamente no Brazil aos cavallos, principalmente na capitania de S. Paulo; e tem feito ver a experiencia a utilidade, que recebem d'este alimento, que os faz mais briosos, alentados e capazes de aturar, como aturam, jornadas de duzentas leguas, sem haver um só dia de descanso. Esta advertencia era uma das acções de que os hospedes se aturdiam, por verem que nunca jámais entre multidão de varias pessoas, que diariamente concorriam a visitar e obsequiar dias e dias a Pompeu, experimentassem a menor falta, nem ainda uma só troca de trastes. Foi profusa a mesa de Pompeu, pois que n'ella as iguarias de varias viandas se praticava com tal advertencia, que se depois de acabada ella e passadas algumas horas,

chegassem hospedes, não havia a menor falta para banquetea-los. Por esta razão estava a ucharia sempre prompta. A abundancia de trigo n'esta casa foi tanta, que todos os dias se fazia pão, de sorte que para o seguinte já não servia o que tinha sobrado do antecedente: o vinho era primoroso, e de uma grande vinha, que com acerto se cultivava, e supposto o consumo era sem miseria, sempre o vinho sobrava de anno a anno. Engrossou o seu copioso cabedal com a fertilidade das minas geraes, para as quaes mandando numerosa escravatura debaixo da administração de zelosos feitores recebia todos os annos avultadas remessas de ouro. Soube distribuir este grande cabedal, mandando á côrte de Lisboa reformar a prata, que em muitas arrobas herdou de seus pais, e posta em obra mais polida, teve a copa mais primorosa, que nenhum seu nacional. Distribuia consideravel somma de dinheiro em esmolas e sustentava com liberal grandeza aos seus correspondentes. Na curia romana teve excellente aceitação no honroso obsequio de alguns cardeaes, pelos quaes conseguiu as letras de bispo missionario, que chegaram a tempo que já estava enfermo, do que acabou a vida, servindo-lhe só para o tratamento de Illmo, que na oração funebre, que se recitou no collegio de Jesus de S. Paulo, deu o orador ao cadaver exposto no mausoléo, que com funeral pompa lhe erigio o mesmo collegio, agradecido á beneficencia, com que lhe deixou muita parte dos bens. A escravatura toda e terras de cultura encapellou á sua capella de Nossa Senhora da Conceição de Arassariguama, e deixou ao collegio de S. Paulo para lhe aproveitar seus rendimentos, cumprindo-se annualmente com a festa de Nossa Senhora da Conceição em 8 de Dezembro. Teve o reverendo Dr. Pompeu a gloria de hospedar por muitos mezes a um bispo grego, que dos indios da Hespanha veiu ter a S. Paulo para na frota do Rio de Janeiro se passar a Lisboa. Depois hospedou ao padre Manoel de Sá, patriarcha da Ethiopia, que, vindo da India á Bahia, passou a S. Paulo em 1707, attrahido do nome de Pompeu, a cuja conta correu por noticias, que teve antecedentes da vinda do patriarcha, toda a despeza, logo que da Bahia chegou ao Rio de Janeiro, onde o correspondente o fez tratar com toda devida grandeza, com a

qual embarcou para Santos, donde passou a S. Paulo, já conduzido pelo comboio de cem indios, que todos carregados tinha mandado Pompeu para transitar dous dias de jornada até S. Paulo ao dito patriarcha; tudo foi feito á custa de Pompeu. Este se confundiu de encontrar nos mattos da villa de S. Paulo um varão tão bem instruido, que lhe não fazia falta a criação das côrtes, que Pompeu não tinha conseguido. Emfim, do reverendo Dr. Pompeu toda a noticia será sempre diminuta e duvidosa, expressão, que se fez verdadeira pela ocular experiencia dos que alcançaram tanta magnificencia; só em um legado ao collegio de S. Paulo para moveis de sua igreja, e de cinco altares, de prata quatorze arrobas em castiçaes, uns lisos para os dias semanarios, e outra ordem de lavrados para os dias festivos, e cinco grandes alampadas, todas de prata lavrada além de pratos grandes de dar agua para as mãos com jarras para o mesmo fim. Falleceu na villa da Parnahyba a 7 de Janeiro de 1713, e com marcha de sete leguas foi conduzido o cadaver em um caixão coberto de velludo, que carregaram os seus parentes com acompanhamento de todo o povo d'aquella villa, onde elle tinha sido o verdadeiro pai da pobreza, o amparo dos necessitados, e objecto da maior veneração; por esta comprida estrada vieram tochas accesas acompanhando o cadaver, que veio para o deposito do elevado mausoléo, que já no collegio se tinha formado. Estas exequias se celebraram com pompa funeral pelo agradecimento da grande herança, que recebeu depois da morte do Dr. Pompeu, não contente com a liberal grandeza, com que em vida lhe fizera largos donativos. Não consumirá o tempo o grande nome, que soube conciliar, a docilidade sem alteração, a grandeza de animo sem nota de diminuição, a procedencia, affabilidade, o amor e caridade, que praticou até o fim da vida, o herée dos Paulistas, o famoso, o saudoso e appetecido Guilherme Pompeu d'Almeida, porque a memoria de seu nome durará sempre na noticia, que se transmittirá nos vindouros de uns para outros. Não quiz que a campa do seu sepulchro tivesse mais armas, que o breve epitaphio, que lhe declarasse o nome. Jaz sepultado ao pé do altar de S. Francisco Xavier, que elle fundou, porém os padres do collegio de S.

Paulo lhe mandaram abrir no mesmo marmore, que lhe serve de campa, o seguinte epitaphio:

Hoc jacet in tumulo Guilhermus Presbyter auro et genere et magno nomine Pompeius.

§ 2.°

2 — 2 D. Maria de Lima Moraes casou tres vezes, e de nenhuma teve fructo. A primeira com Antonio Bicudo de Brito, na matriz da Parnahyba a 31 de Janeiro de 1667, capitão da dita villa, filho de João Bicudo de Brito e de D. Anna Ribeiro de Alvarenga; em T.° de Alvarengas, cap. 3.° § 1.° n.° 2 — 1. Falleceu sem geração o dito Antonio Bicudo com testamento a 11 de Janeiro de 1687. Segunda vez casou com o capitão Pedro Dias Paes, filho do governador Fernão Dias Paes e de sua mulher D. Maria Garcia, e falleceu o dito capitão mór Pedro Dias Paes, sem geração em 1700. Casou terceira vez com Thomé Monteiro de Faria, natural da Bahia, familiar do Santo Officio, capitão mór e governador da capitania de S. Vicente e S. Paulo. Falleceu sem geração a dita Maria de Lima em S. Paulo com testamento ao 1.° de Fevereiro de 1711. Cartorio do 2.° tabellião de S. Paulo, nota n.° 16 T.° 1710 até 1713, testamento de D. Maria de Lima.

§ 3.°

D. Anna de Lima, qne no mesmo dia 31 de Janeiro 2 — 3 de 1667, em que se casou sua irmãa D. Maria de Lima, se casou tambem com Antonio de Godoi Moreira, cidadão de S. Paulo, filho de João de Godoi Moreira e de sua mulher D. Eufemia da Costa Motta. Falleceu Antonio de Godoi Moreira com testamento a 15 de Julho de 1721, e já muitos annos antes tinha fallecido sua mulher D. Anna de Lima. Teve de seu matrimonio, como consta do testamento referido, cinco filhos, que são os que abaixo seguem. Antonio de Godoi Moreira soube assignalar-se nas obrigações de seu nobre sangue. Vindo a S. Paulo em 1697 o Ex.mo Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão general da capitania do Rio de Janeiro para

adiantar os novos descobrimentos das minas de ouro descobertas pelos Paulistas Carlos Pedroso da Silveira, e Bartholomeu Bueno de Siqueira pelo anno de 1695, no sertão de Sabarabuçu, que hoje se conhece por Minas Geraes; ordenando-lhe Sua Magestade esta passagem com 600$000 rs. mais em cada um anno por ajuda de custo por carta de 27 de Janeiro de 1697 (secretaria do conselho ultramarino, livro de registros das cartas do Rio de Janeiro T.° 1673, folhas 163) o encarregou o dito Arthur de Sá de varias diligencias do real serviço, e por desempenhar n'ellas as obrigações de honrado e leal vassallo, Antonio de Godoi Moreira mereceu que el-rei D. Pedro II lhe mandasse agradecer por carta de 20 de Outubro de 1698, firmada do seu real punho do theor seguinte: (secr. do cons. ultram. liv. de reg. dos cart. T.° 1673.) Antonio de Godoi Moreira. Eu el-rei vos envio muito saudar. Por haver sido informado pelo governador e capitão general do Rio de Janeiro Arthur de Sá e Menezes do zelo, com que vos houvestes na expedição das ordens, que tocavam ao meu serviço, que o dito governador para esse effeito expediu, e a grande vontade, com que vos achaveis em tudo, que vos recommendou, mostrando n'isto a boa lealdade de honrado vassallo. Me pareceu por esta agradecer-vos, e segurar-vos, que tudo que n'este particular obrastes me fica em lembrança para folgar de vos fazer toda mercê, quando trateis de vossos requerimentos. Escripta em Lisboa aos 20 de Outubro de 1698. Com a rubrica de Sua Magestade.

Teve cinco filhos:

3 — 1 José de Godoi, falleceu solteiro.
3 — 2 D. Escholastica de Godoi.
3 — 3 João de Godoi d'Almeida.
3 — 4 Guilherme de Godoi d'Almeida.
3 — 5 Francisco de Godoi Moreira.

D. Escholastica de Godoi casou duas vezes; a primeira com Bento do Amaral da Silva, a segunda, com José Pinto Coelho de Mesquita; de ambos fazemos distincta e clara menção.

1.° Casamento.

Foi Bento do Amaral da Silva, natural da cidade do Rio de

Janeiro, da nobre familia dos Amaral Gurgel d'aquella capitania, onde a sua distincção e nobreza é assaz conhecida, e continúa a sua descendencia em avultadas casas e senhores de engenhos da dita cidade. Foi Bento do Amaral irmão do Fr. Antonio de Santa Clara, religioso franciscano, que na sua provincia do Rio de Janeiro não esquecêra o seu nome pelos empregos, que occupou no seio da religião, e de Francisco do Amaral Gurgel, que foi capitão mór da capitania de S. Vicente e S. Paulo, em cujo governo succedeu ao capitão mór governador José de Godoi e Moraes, e tendo feito pleito e homenagem da dita capitania nas mãos do governador e capitão general do Rio de Janeiro, tomou posse na camara capital de S. Vicente: irmão tambem de D. Isidora do Amaral, D. Martha do Amaral, D. Maria Josefa do Amaral que todas tres foram freiras professas no convento de Santa Clara de Lisboa: irmão tambem de D. Domingas do Amaral, que casando no Rio de Janeiro foi mãi de Fr. Luiz de Santa Rosa, que occupou o logar de provincial dos franciscanos, em cujo emprego deixou bem estabelecido o seu nome na sua provincia, e foi tambem mãi de D. Antonia Maria do Amaral, mulher do tenente-coronel Salvador Vianna, e de Helena de Jesus, mulher do sargento mór Felippe Soares Lousada, senhor de engenho do Rio de Janeiro; de D. Maria Antonia, mulher do capitão André de Souza, de cujo matrimonio é filho o capitão Felix de Souza Castro, professo na ordem de Christo, e senhor de engenho, onde possuia cento e noventa escravos. Foi Bento do Amaral da Silva filho do coronel José Nunes do Amaral, morador que foi da cidade do Rio de Janeiro; e de sua mulher D. Mecia de Araon Gurgel. Foi dito Bento do Amaral sargento mór no Rio de Janeiro, foi ouvidor e corregedor da capitania de S. Paulo por ausencia do proprietario, o desembargador João Saraiva de Carvalho. Teve grande tratamento, igual ao fundo do seu cabedal. A sua casa foi servida com numerosa escravatura, criados mulatos, todos calçados, bons cavallos de estribaria, ricos jaezes, excellentes moveis de prata e ouro, sendo bastante avultadas as baixellas de prata, cuja copa foi de muitas arrobas. Tinha passado a Minas Geraes no prin-

cipio da grandeza e fertilidade de seu descobrimento, e se recolheu a S. Paulo com grosso cabedal, que soube empregar em fazendas de cultura para o tratamento que teve de pessoa tão distincta. A sua fazenda foi no sitio de Emboocaba, margem entre os rios Tieté e Pinheiros. Todo o grande cabedal d'esta casa veiu a consumir-se com o tempo depois da morte de Bento do Amaral, não só por meio da divisão entre muitos herdeiros, que deixou, mas tambem pelo segundo casamento da viuva, que acertando nas qualidades do nobre sangue do segundo marido, não lhe pôde atalhar os desconcertos do animo, de que faremos menção.

2.° Casamento.

Casou pois segunda vez com José Pinto, de distincta qualidade, como ramo da illustre casa do Bom Jardim, o qual falleceu em S. Paulo em bem contraria fortuna á opulencia, que desfructou emquanto casado, porque faltando-lhe a necessaria economia, consumiu o cabedal. Teve um unico filho que morreu.

Teve D. Escholastica de Godoi de seu primeiro matrimonio com o sargento mór Bento do Amaral da Silva (que falleceu a 21 de Junho de 1719, cart. de orphãos de S. Paulo, masso 2.° de inventarios, letra B) nascidos em S. Paulo 11 filhos:

4 — 1 José do Amaral.
4 — 2 Antonio Nunes do Amaral.
4 — 3 Francisco do Amaral.
4 — 4 Guilherme do Amaral da Silva.
4 — 5 Bento do Amaral Gurgel.
4 — 6 João do Amaral, falleceu solteiro.
4 — 7 Anna Maria do Amaral.
4 — 8 Mecia Gurgel.
4 — 9 Escholastica do Amaral.
4 — 10 Isidora do Amaral.
4 — 11 Ignacia de.

4 — 1 José do Amaral Gurgel, morador na villa de Itú, onde existiu em 1764 e tem servido os honrosos cargos da republica, da

qual, extinguindo-se o caracter de juiz de fóra na pessoa do Dr. Theotonio da Silva Gusmão, foi José do Amaral o primeiro juiz ordinario. Está casado com D. Escholastica de Arruda. Em T.° de Arrudas cap. 1.° § 4.° n.° 2 — 10.

4—2 Antonio Nunes do Amaral falleceu em Jundiahy sem geração.

4 — 3 Francisco do Amaral falleceu solteiro na sua fazenda de Emboacaba.

4 — 4 Guilherme do Amaral da Silva, que existiu em sua fazenda do rio Tieté, sitio de Piracicaba, e foi casado com Escholastica da Silva Maciel, estando viuva do primeiro marido, Alvaro Netto Bicudo. Em T.° de Pachecos Jorges § 1.° n.° 2 — 10.

Bento do Amaral Gurgel, que existiu solteiro em 1764 4 — 5.

João do Amaral, que falleceu solteiro 4 — 6.

D. Anna Maria Gurgel do Amaral, que existiu no estado de viuva de Ignacio Dias da Silva, de quem tratamos n'este T.° cap. 3.° § 1.° n.° 4 — 2 com descendencia 4 — 7.

D. Mecia Gurgel do Amaral, que existiu casada com Manoel Bezerra Cavalcanti, natural da cidade de Olinda, filho de Miguel Bezerra de Vasconcellos e de Brigida de Figueiró, e tem dous filhos 4 — 8.

— José Bezerra do Amaral Gurgel Cavalcanti, natural de S. Paulo 5 — 1.

D. Maria Josefa Bezerra do Amaral, que foi casada com José de Godoi Rodrigues 5 — 2.

D. Escholastica do Amaral, que falleceu nas minas do Maranhão na capitania de Goyaz, para onde tinha passado com seu marido Paulo Carlos de França 4 — 9.

D. Isidora do Amaral, que foi casada com José Gonçalves Ribeiro, irmão de Sebastião do Prado Côrtes, que em 1722, por testemunhas de maior excepção, justificou a sua nobreza no cart. do vig. da vara de S. Paulo, cujo logar occupava o reverendo João de Pontes § 5.° 4 — 10.

D. Ignacia, que falleceu sem geração, tendo sido casada com Aleixo Leme da Silva, que foi mestre de campo dos auxiliares do regimento de 4 — 11.

3 — 3 João de Godoi d'Almeida (§ 3.° n.° 3 — 3) falleceu na Parnahyba a 26 de Julho de 1727. Cart. de orph. da Parnahyba, letra I, n.° 555. Foi casado com Anna da Silva, natural da dita villa, viuva de Francisco Carvalho, capitão de infantaria paga. Em T.° de Godois. Cap. 3.° § 7.° n.° 3 — 3. Teve uma filha unica.

— Rita de Godoi d'Almeida e Silva, que casou em Parnahyba com João de Mattos Raposo, natural da ilha de S. Miguel, protector e administrador da capella da Conceição de Vuturuna, filho de Domingos de Mattos Fernandes e sua mulher Maria Vieira, e teve em Parnahyba 10 filhos:

Anna da Silva.

Maria Paes.

Francisco de Salles, casada com Pedro Frasão de Brito, filho de Guilherme Pompeu de Brito.

Mariana Paes.

Sebastiana Paes.

D. Maria, ainda menor em 1773.

Manoel Raposo.

José da Silva Paes.

Francisco de Godoi.

Eufemia, que falleceu de tenros annos.

3 — 4 Guilherme de Godoi d'Almeida (§ 3.°) que um raio matou no morro de Vuturuna, e acabou solteiro.

3 — 5 Francisco de Godoi Moreira. Foi capitão mór nas Minas Geraes, e foi morgado da casa Branca, e tomou posse da administração dos bens da capella de Nossa Senhora da Conceição de Vuturuna, da qual foi fundador e padroeiro o capitão mór Guilherme Pompeu d'Almeida, em 22 de Novembro de 1727, e lhe passou esta administração por morte de seu irmão João de Godoi d'Almeida. (Cart. da ouv. de S. Paulo, massos dos T.°s do residuo, letra F, Francisco de Godoi.) Recolhido das Minas Geraes fez estabelecimento na villa de Mogi das Cruzes, onde casou com D. Maria Jorge, e teve um filho (na copia não se percebe bem si é um ou quatro por estar mal escripto). Antonio Jorge de Godoi, filho de Francisco de

Godoi Moreira, morador na villa de Jundiahy, onde occupa o posto de sargento mór das ordenanças. a cujo cargo existem as tropas militares, depois da morte do capitão mór Martinho da Silva Prado.

CAP. III.

Lourenço Castanho Taques casou com D. Maria de Lara, 1 — 2 filha de D. Diogo Lara, e de sua mulher D. Magdalena Fernandes de Moraes Feijó (em T.° de Laras § 4.°) na matriz de S. Paulo, a 24 de Novembro de 1631. Este Paulista conservou-se sempre na patria, sem que o infeliz successo de seu irmão Pedro Taques, morto á falsa fé por Fernando de Camargo (cap. 1.°) o obrigasse a seguir a mudança, que fizeram os outros irmãos, porque o seu grande respeito e força d'armas o promptificava para pôr em cerco os inimigos do partido contrario. Teve assento na mesma fazenda da Ribeira de Iporanga, que tinha sido de seu pai Pedro Taques. Não lhe foi adversa a fortuna nos cabedades, com que se fez opulento para conservar respeito e tratamento de pessoa aposentada. Nas occasiões do real serviço sempre deu acreditadas mostras de honrado vassallo com liberal despeza de sua propria fazenda. Assim o praticou, quando Salvador Corrêa de Sá e Benavides passou a S. Paulo feito administrador geral das minas de ouro e prata, no anno de 1659 com o governo das tres capitanias Espirito Santo, Rio de Janeiro e S. Vicente e S. Paulo (camara de S. Paulo n.° 4 T.° 1658 a folhas 62 e 64) por ordem d'el-rei D. João IV, datada em Lisboa a 7 de Junho de 1644 (archv. da cam. de S. Paulo liv. de reg. capa de couro de veado n.° 2 T.° 1642 folhas 50 em diante) e se dilatou pela capitania do Espirito Santo, para onde passou primeiro a tratar do descobrimento das esmeraldas, tendo Lourenço Castanho a incomparavel honra de receber uma carta do monarcha, firmada pelo seu real punho, em que lhe recommendava désse ajuda á favor do administrador e governador Salvador Corrêa de Sá para ter effeito a diligencia, a que era enviado. Assim o fez; e conservando-se em S. Paulo até 1661 o dito governador Salvador Corrêa de Sá dando execução ás diligencias, de que fôra encarregado, obraram os officiaes

da camara do Rio de Janeiro e povo d'aquella cidade em 1660 um attentado contra as pessoas de Thomé Corrêa d'Alvarenga, governador da praça, do sargento mór Martim Corrêa Vasques, do provedor da fazenda real Pedro de Souza Pereira, prendendo a todos em uma fortaleza, e os depuzeram do governo, negando tambem inteira obediencia ao governador geral Salvador Corrêa. Este se achava em S. Paulo, quando chegaram as noticias do insulto, e muito mais quando os mesmos officiaes da camara dirigiram aos da de S. Paulo uma carta, de que abaixo daremos uma fiel copia para instrucção d'este attentado. Logo se dispôz o governador a pôr-se a caminho, e ir para o Rio socegar o tumulto e dar o merecido castigo aos cabeças e autores da sedição; mas reconhecendo-se o grave perigo de vida, a que ia expôr-se, ou ao menos de ficar desautorisado, experimentando a violencia, que costuma produzir o desafogo da paixão, intentou Lourenço Taques com o seu grande respeito, a que se uniram gostosos os Paulistas da primeira nobreza, atalhar este damno, supplicando com instancias de leal vassallo não quizesse pôr em tão evidente risco a sua vida e autoridade. E porque o valor e constancia de Salvador Corrêa não admittiu a pratica por julgar, que não ficava bem, deixando-se persuadir d'estas rogativas, e residir em S. Paulo até a real resolução sobre materia de tanto peso, assentou Lourenço Castanho acompanha-lo com forças de armas até o Rio de Janeiro, mas nem com este auxilio admittiu elle, e com este total desengano fomentou Lourenço Castanho, que a nobreza se ajuntasse em corpo de união com o senado da camara, para por carta da parte de Sua Magestade se lhe ponderar a materia com esperanças de aceitar as ponderações, que se lhe fizessem. Emfim aquelle cavalheiro reconheceu a lealdade dos Paulistas, o seu animo e o interesse, que tinham da quietação publica em serviço do seu monarcha. E como já tinha mandado lançar bando ao som das caixas, no Rio de Janeiro, promettendo perdão em nome de Sua Magestade aos delinquentes, assentou ir para Ilha Grande com o fundamento de ter ali em que occupar-se, e ser aquella villa uma das da capitania de S. Vicente e S. Paulo, e conhecido este intento sempre lhe quizeram atalhar a

resolução para evitar algum novo attentado contra elle. Isto assim ponderado, se tomou em camara um assento, de que abaixo faremos menção São tantos os apertos, ou, para melhor dizer, as tyrannias, com que o máu governo de Salvador Corrêa de Sá e seus parentes tem opprimido toda esta capitania, que não podendo já supera-los (por mais que o intentem), resolveu a nobreza, clero e povo, unanimes e conformes a deitar de si a carga, com que já não podiam, fiados na justificação ante as reaes pessoas de Suas Magestades das causas, que tiveram, e os moveram, e em que se fundaram para depôr ao dito Salvador Corrêa, e a Thomé Corrêa d'Alvarenga do governo em que por sua ausencia o deixou; tirando tambem do seu posto ao sargento mór Martim Corrêa Vasques, e o provedor da fazenda Pedro de Souza Pereira (todos ficam presos na fortaleza d'esta cidade), pois a todos estes senhores reconhecia esta miseravel capitania, com outros parentes seus, por governadores d'ella, tratando só de seus accrescentamentos, e por muitas vias de nossa destruição, de que os moradores d'esta capitania, que a esta vem com as suas drogas, são bastantes testemunhas, pois experimentando o rigor, com que se lhes tomavam, e o máu pagamento que elles sustinham, acudindo-nos como tão bons vizinhos com o ordinario sustento, que aqui necessitamos, devendo ser differentemente correspondidos ao beneficio, que nos fazem, como será d'aqui em diante, sendo Deus servido. Supposto isto, queremos com toda a verdade representar á Sua Magestade, entre outras cousas, o procedimento com que o administrador geral Pedro de Souza Pereira se tem havido n'ellas em razão dos estanques, que ha mandado fazer de aguas ardentes e vinho e outras fazendas para com ellas comprar ouro e mandar a Sua Magestade a titulo, de que é rendimento de quintos, afim de ir sustentando o muito, que tem promettido a Sua Magestade pretender tirar das sobreditas minas. E tambem o que n'essa capitania se tem alcançado sobre o mineiro Jaime Commere, do qual corre por cá fama, que fôra violentamente morto em respeito de haverem mandado a Sua Magestade, em nome do dito mineiro, alguns avisos phantasticos, para se ir continuando com o engano sobredito. Po-

dimos a Vm.ces, nos queiram mandar informação certa de todo sobredito, pois tambem vem Vm.ces a fazer n'isto serviço a Sua Magestade, que tanto deseja saber com certeza o desengano d'estas minas, e de todo o procedimento d'ellas, fazendo tambem (e á nós se lhes parecer) aviso ao dito senhor, enviando-nos as cartas para por nossa via se lhe remetterem. Tambem pedimos, nos queiram mandar informação certa, e, si puder ser, juridica dos preços, por que de vinte annos a esta parte se vende o sal n'essa capitania, e por cuja conta carregado ou já todo ou parte d'elle; n'isto farão Vm.ces um grande serviço a este povo, e a nós mercê, e com ella reconheceremos, para não faltarmos nunca com a mesma correspondencia, que com razão a devemos fazer, visto a chegada vizinhança em que estamos, não faltando a ella uns e outros. Guarde Deus a Vm.ces Rio de Janeiro, em camara, aos 16 de Novembro de 1660. Eu Jorge de Souza, escrivão da camara, a fiz escrever e sobre'screvi.—*Clemente Nogueira.—Fernando Falleyro Homem.—Simão Botelho d'Almeida.—Diogo Lobo Pereira.*

Resposta dos camaristas de S. Paulo.

De 16 de Novembro é a carta, que aqui recebemos de Vm.ces, cujo cuidado presente sentimos grandemente, e muito mais as causas d'elle. Deus, nosso Senhor, que nos maiores trabalhos costuma dar por mais suaves alegres fins, se servirá concedê-los a-sim a Vm.ces, para que lhes possamos dar os parabens, como agora os pezames de seus enfados. A' informação, que Vm.ces nos pedem dos estanques, que o administrador das minas Pedro de Souza Pereira mandou fazer de vinhos e aguas ardentes, não podemos satisfazer; porque n'esta villa nunca os pôz, e si nas outras o fez, é por razão de que ficavam-lhe ellas em via para a jornada das minas. As camaras d'ellas devem informar a Vm.ces n'este caso, que nós ignoramos. Emquanto á morte do mineiro Jaime Commere, supposto que a principio a fama, como em outras cousas, publicou, fôra violentada, todavia em contrario se praticou depois; entre nós serve n'esta camara quem com curiosidade perguntou pelo successo a pessoas, que foram presentes, as quaes lhe

disseram, que fôra a morte casualmente desastrosa, porque indo a mudar com passo mais largo o dito mineiro de uma para outra pedra por haver antes escorregado, e cahido se despenhára na cata ou alta cova, que fazia; tambem podem ter mais plena noticia dos que são vizinhos do lugar, onde succedeu o caso. A'cerca do sal não temos noticia, por cuja conta tem vindo da villa de Santos, e os preços tem sido vários; os moradores de tal villa avisarão a Vm.ces d'esta materia com certeza. Em razão do governador Salvador Corrêa de Sá, experimentamos tanto pelo contrario as mal fundadas queixas d'esse povo, que com todos os d'esta capitania juntos, lhe não devesse parte do muito que a essa estranham a novidade do successo, a que Vm.ces devem acudir com o remedio, para que Sua Magestade fique melhor servido, e nós não faltaremos á obrigação que temos, de seus leaes vassallos. Guarde Deus a Vm.ces S. Paulo em camara, aos 18 de Dezembro de 1660. — *Antonio de Madureira Moraes.* — *Manoel Alves Preto.*—*Antonio Paes Leme.*— *João Vieira da Silva.*

Resposta do general Salvador Corrêa á carta, que lhe escreveu a nobreza de S. Paulo com os prelados o reverendo D. Abbade de S. Bento Fr. Jeronymo do Rosario, o *prior do Carmo*, Fr. Gaspar de S. Innocencio, guardião de S. Francisco, o vigario da igreja Domingos Gomes d'Albernas, o prior do Carmo Fr. André de Santa Maria. Os camaristas Estevão Bayão Parente, Constantino de Lavedra, Francisco Dias Leme, Manoel Cardoso e Paulo Gonçalves; e os da primeira nobreza foram Lourenço Castanho Taques, e seu filho Lourenço Castanho Taques, o capitão mór Antonio Ribeiro de Moraes, D. Francisco Lemos, João de Godoi Moreira, João Ortiz de Camargo, Jeronymo de Camargo, Antonio Pires, D. Simão de Tolêdo Piza, Paulo da Fonseca Bueno, Antonio Lopes de Medeiros, Manoel Dias da Silva, Antonio do Canto de Mesquita, Antonio de Godoi Moreira, Estevão Fernandes Porto, Gabriel Barbosa de Lima, Estevão Gomes Cabral, Gaspar Maciel Aranha, Manoel Alves de Souzs, e outros muitos Paulistas de veneração e respeito, que constam do mesmo accordam á fl. 112 do liv. de reg. n.° 4 T.° 1658 do

arch. da camara de S. Paulo, onde se contam cincoenta e oito pessoas assignadas.

« Conheço o zelo, com que Vm.ces e mais ministros, camara, cidadãos e povo tratam do serviço de Sua Magestade, como tão fieis vassallos; eu lhe representarei em todas as occasiões, que se offerecerem, do augmento d'estas capitanias e moradores d'ellas; e de minha parte fico com o devido agradecimento da mercê, que me fazem em abonar os minhas occasiões que, supposto hão sido com o desejo de acertar, ás vezes não são agradecidas. A Vm.ces lhes é presente o que tenho obrado, e que me não fica que fazer por estar a abandonar o sul, o não é justo, que estando no derradeiro quartel da vida, me fique n'esta villa tratando de conveniencias proprias, quando posso occupar o tempo nas de serviço de Sua Magestade, indo-me chegando á cidade do Rio de Janeiro a dar calor ás obras dos galeões, que ali estão começadas; porque considero que os moradores, á vista do bando, que já mandei lançar, e lhes dava modo de bom governo, acommodando-me ás suas desconfianças, espero, obrem como leaes vassallos, conhecendo que a minha tenção não é mais que conservar a jurisdicção real, que supposto com ajuda de Vm.ces e d'esta capitania, e zelo dos moradores d'ella no real serviço podia eu tratar do castigo, me conformo antes em obrar em materias de povo com toda a prudencia até resolução de Sua Magestade, para com ella obrar o que me mandar: espero que n'essa occasião e em todas as mais, que se offerecerem ao serviço de Sua Magestade, por me fazerem mercê, os ache com a mesma vontade, que em esta occasião experimento. S. Paulo, 2 de Março de 1661.—*Salvador Corrêa de Sá e Benavides.* »

Não se aquietou o ardor do zelo de Lourenço Castanho desejando sempre acreditar-se no real serviço. Por este motivo achando-se com a disciplina militar na guerra contra os barbaros indios, e pratico no conhecimento dos sertões que havia penetrado na conquista de varias nações dos mesmos indios, tendo recebido uma carta do principe regente o infante D. Pedro, datada de 23 de Fevereiro de 1674 sobre o descobrimento de minas de ouro e prata, para cuja diligencia

tinha praticado Fernando Dias Paes com patente de governador da gente de sua leva ou tropa, de que no T.° de Dias Paes fazemos menção, tomou Lourenço Castanho a si pelos seus cabedaes e força de corpo d'armas penetrar o sertão dos barbaros indios Cataguazes, e entrou para esta conquista com patente de governador com jurisdicção e poder correspondente ao caracter de sua patente, largando a serventia do officio de juiz de orphãos, que occupava por procuração de mercê vitalicia, como tinha sido seu pai Pedro Taques. E conseguiu o primeiro conhecimento, que depois veiu a produzir a fertilidade das minas de ouro, chamadas no principio de seu descobrimento — Cataguazes, e depois estendendo-se em muitas leguas de distancia, mas no mesmo sertão, os novos descobrimentos vieram estas minas a ficar conhecidas com a nomenclatura de geraes, em que se conservam.

Lourenço Castanho Taques.
Francisco d'Almeida.
Pedro Taques d'Almeida.
Thomé Lara d'Almeida.
Diogo de Lara Moraes.
Antonio d'Almeida Lara.
José Pompeu d'Almeida.
D. Anna de Proença.
D. Branca d'Almeida.
D. Maria de Lara.

§ 1.°

Lourenço Castanho Taques, que foi chamado o moço por differença de seu pai, do mesmo nome e appellido, igualmente com o ser da natureza lhe herdou os espiritos de ardor e zelo pela utilidade publica da patria e do real serviço; serviu os honrosos cargos da republica de S. Paulo, onde foi juiz ordinario e de orphãos, cujo pesado emprego occupou muitos annos com utilidade dos pupillos, porque aos que eram de inferior condição recolhia, quando desamparados, á sua paternal providencia, mandando-os ensinar a lêr, escrever e officios mecanicos para ficarem com elles estabelecidos.

Foi muito respeitado e estimado geralmente de todos os moradores de S. Paulo, porque o seu grande respeito se adornava das virtudes da beneficencia, docilidade e compaixão; não havia differença, ainda entre os mais poderosos que Castanho não vencesse em harmonia e amizade. A sua casa era de numerosa escravatura, com logar destinado para o trabalho das officinas, em que trabalhavam os mestres, officiaes de varios officios, seus escravos, de que percebia os lucros dos salarios que ganhavam. Além das virtudes moraes praticava aquellas, que adornam a um bom catholico temente a Deos. Na educação dos filhos que foram muitos excedeu muito pelos dictames e maximas catholicas, em que os instruia, não se esquecendo do tratamento de cavalheiros, com que cada filho varão se portava, tendo cavallos de estribaria, distinctos uns dos outros para cada filho, e os criados e escravos mulatos (vulgo pagens no Brazil) que o serviam reconhecendo estes o dominio do senhorio para obediencia a cada um de seus senhores. Quando se achou em S. Paulo Arthur de Sá e Menezes, governador e capitão general do Rio de Janeiro, de quem fizemos menção no cap. 2.° d'este T.°, o hospedou Lourenço Castanho Taques, em cujo animo e zelo achou este general uma efficaz prova de amor, honra e lealdade de bom vassallo; algumas ordens lhe incumbiu, e na execução d'ellas se fez elle merecedor de que Arthur de Sá informasse a Sua Magestade el-rei D. Pedro que por carta de 20 de Outubro de 1698, firmada do seu real pulso, lhe escreveu o seguinte Lourenço Castanho Taques. Eu el-rei vos envio muito saudar. Por ser informado pelo governador e capitão general do Rio de Janeiro Arthur de Sá e Menezes do zelo, com que vos houvestes na expedição das ordens, que tocavam o meu serviço, que o dito governador para este effeito expediu, e a grande vontade, com que vos achaveis em tudo que vos recommendou, mostrando n'isto a boa lealdade de vassallo: me pareceu por esta mandar-vos agradecer e assegurar-vos, que tudo o que n'este particular obrastes me fica em lembrança para folgar de vos fazer toda mercê, quando trateis de vossos requerimentos. Escripta em Lisboa, aos 20 de Outubro de 1698. Com a rubrica de Sua Magestade. » Esta mesma cópia fica

lançada no cap. 2.° § 3.° d'este T.°. quando tratamos de Antonio de Godoi Moreira. O mesmo monarcha escreveu tambem esta mesma carta a outros Paulistas, como veremos, quaes elles foram, quando tratamos de cada um d'elles conforme o T.° a que pertencem, e se acham todas lançadas no reg. da secr. do cons. ultram. liv. das cartas do Rio de Janeiro T.° 1763 d'esde fl. 199, sendo a primeira a que se escreveu a Lourenço Castanho Taques. Depois de ter casado os filhos e todas as filhas, vendo-se já sem as pensões de as manter, como d'antes, quando juntos os conservava debaixo do patrio poder, de tal sorte praticou a virtude da caridade com a pobreza dos fieis, que durando-lhe a vida em avultada idade de annos, admiraram a sua decadencia os mesmos, que reconhecêram-lhe os cabedades. Onde apurou o resto de sua grandeza foi na fundação e construcção do recolhimento de Santa Thereza, que emprehendeu por dictames do Exmo e Rv.^{mo} D. José de Barros de Alarcão, 1.° bispo do Rio de Janeiro, passando de visita a S. Paulo, onde fez assento muitos annos, e travou amizade com Lourenço Castanho, que lhe deveu honrosissimas demonstrações. O destino d'esta obra foi deixar para a posteridade um excellente commodo para as suas netas e mais descendentes, que quizessem abraçar o instituto da matriarcha Santa Theresa, cuja vocação se deu ao recolhimento com a bem nascida esperança de que a real grandeza o passasse a convento professo; e com este bem projectado intento se construiu já a obra com tal formalidade, que não necessitasse de fórma para a apertada clausura. Mancommunou-se elle com seu irmão o capitão mór e alcaide mór Pedro Taques d'Almeida, o qual concorrendo com dinheiros ficaram sobre elles as despezas da erecção e formatura de todo o recolhimento, principiando-se a fundamentar os alicerces para as paredes. Para estas, madeiras e ferragens concorreu só Lourenço Castanho, e muito apenas o sino, que serviu, occupado de duas moradas de casas pertencentes a Manoel Vieira Barros não custou dinheiro, porque este com liberal mão entregou tudo para se fundar o dito recolhimento. Acabou-se este com os dormitorios, igreja e côro, e tudo mais em sua ultima perfeição com muito custo, correndo a direcção do

risco pela idéa do Ex.mo bispo, a quem se deu a gloria de fundador e protector no anno de 1680, em que entraram com solemne festividade de missa cantada, sermão e sacramento exposto para recolhidas do mesmo convento tres filhas de Manoel Vieira Barros, tomando o habito de Santa Theresa. Este recolhimento ainda existe sem profissão solemne (porque mortos os fundadores, faltou o respeito, que lhe solicitasse a graça de passar a convento), conservando-se porém n'elle algumas recolhidas, que para chorar peccados e segurarem a salvação de clausuração, alimentadas do pequeno patrimonio, que tem a casa, supprindo a de seus pais e parentes com muita parte do necessario sustento, para o qual resplandeceu sempre a caridade dos fieis. N'este estado o achou o primeiro bispo de S. Paulo em 7 de Dezembro de 1746, em que fez a sua publica entrada o Ex.mo e Rv.mo D. Bernardo Rodrigues Nogueira, cuja alta esphera, zelo e economia, actividade, rectidão e governo o farão sempre suspirado objecto da saudade, que nos deixou de sua exemplar vida, que acabou no dia 7 de Novembro de 1748 com irreparavel perda do augmento, que se perpetuava nas direcções de seu pastoral governo. Este santo prelado dictou uma instrucção para servir como de regra ás suas amadas ovelhas, esposas de Jesus no recolhimento de Santa Theresa, que ainda hoje se conserva tão inalteravel, como si fôra dada pelo summo pastor. Dando conta o Ex.mo bispo do Rio de Janeiro á camara de S. Paulo para se extinguir o recolhimento, visto não ser professo, e não ter recolhidas em 1718 mandou Sua Magestade, por ordem de 26 de Dezembro do mesmo anno, expedida ao mesmo bispo, fizesse conservar o dito recolhimento de Santa Theresa, de S. Paulo, e por ordem de 3 de Setembro de 1745 tomou Sua Magestade debaixo de sua real protecção o dito recolhimento (secr. ultram. h. 1.° das cartas de S. Paulo). Não passamos a mais por nos termos já afastado muito da genealogia que seguimos. Voltando o discurso a Lourenço Castanho Taques, foi este casado com D. Maria d'Araujo, natural de S. Paulo, que na pia de sua matriz a recebeu Deus a 20 de Agosto de 1645, filho de Luiz Pedroso de Barros, capitão que foi de infantaria paga na restauração de Pernambuco, e de sua mulher D.

Leonor de Siqueira Goes Araujo da cidade da Bahia, irmãa de João de Goes e Araujo, que foi desembargador da relação de sua patria e n'ella juiz do civel pelo anno de 1666 : em T.° de Pedrosos Barros cap. 3.° Falleceu Lourenço Castanho Taques com evidentes signaes de predestinado e geral sentimento de todo um povo, em S. Paulo, sua patria, em Dezembro de 1708. (Cart. 1 ° de notas de S. Paulo, maço de inventarios antigos, letra L. o de Castanho Taques.) E teve de seu matrimonio onze filhos, todos naturaes da mesma cidade, que foram :

Lourenço Castanho Taques.
Maximiano de Góes e Araujo.
Luiz Pedroso de Barros.
José Pompêo Castanho.
D. Leonor de Siqueira.
D. Angela de Siqueira.
D. Maria d'Araujo.
D. Ignacia de Góes.
D. Theresa de Góes.
Antonio Pompeo Taques.
D. Maria de Lara.

Lourenço Castanho Taques, que foi verdadeiro herdeiro das virtudes de seu pai, do mesmo nome, casou com D. Anna d'Arruda, filha de Francisco d'Arruda Sá, da Ribeira Grande da Ilha de S. Miguel, e de sua mulher D. Maria de Quadros. Em T. de Arrudas com sua descendencia.

Maximiano de Góes e Araujo, casou com D. Maria d'Arruda, na villa da Parnahyba, a 13 de Janeiro de 1695, filha de Sebastião d'Arruda Botelho e de sua mulher D. Isabel de Quadros. Em T. de Arrudas cap. 2.° § 9.° com sua descendencia.

Luiz Pedroso de Barros, que falleceu a 30 de Abril de 1731, sargento-mór do regimento dos auxiliares da villa da Parnahyba, teve mercê d'el-rei D. João V. de um habito de Christo com tensa effectiva de 50$ rs. pagos no almoxarifado da fazenda real da praça de Santos, o que se verificou por renuncias em seu sobrinho o mestre de

campo Manuel Dias da Silva, de quem faremos menção n'este cap. 3.° n. 2 e 3 de Pedro Taques d'Almeida. Foi casado com D. Agostinha Rodrigues e sem geração. Em T. de Jorges Velhos.

José Pompeo Castanho, que foi casado com D. Isabel de Sampaio, filha de André de Sampaio e Arruda e de sua mulher D. Anna de Quadros, em T. de Arrudas cap. 3.° § 7, sem geração. Fez assento na villa de Itú e estabelecimento de boas fazendas de cultura, e porque não tiveram filhos, fizeram liberal doação de seus bens (que foi de 6:000$ rs.), ao convento do Carmo da mesma villa, por escriptura nas notas do tabellião da dita villa em 1740, tendo antes d'ella dotado a 3 sobrinhas com 800$ rs. a cada uma, e uma morada de casas.

D. Leonor de Siqueira, que foi casada com Domingos Dias da Silva, natural e cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica e foi juiz ordinario. Foi este paulista intrepido, liberal e muito amante do real serviço, á imitação de seu irmão Alexandre da Silva Correia, que depois de lente da universidade de Coimbra, onde a sua grande litteratura será sempre applaudida pela sua postilla de.... passou para a casa da supplicação, e acabou conselheiro d'Ultramar, em T. de Pires cap. 6.° Casou Domingos Dias da Silva na matriz de S. Paulo, a 12 de Fevereiro de 1684. Estabeleceu a opulenta fazenda chamada a — Juá. — com grandes culturas, e passando ás Minas Geraes, estando n'ellas muito opulento pela abundancia de ouro, que extrahiam seus escravos, chegando a noticia de que a cidade do Rio de Janeiro estava invadida pelo poder do inimigo francez, para soccorrer a esta praça marchou Domingos Dias da Silva, com um tròço de soldados á sua custa, em cujo serviço gastou avultado cabedal; porque tanto na ida, como na residencia e regresso, sustentou sempre com liberalidade a força toda, e então se lhe conferiu a patente de brigadeiro d'aquelle exercito, por Antonio d'Albuquerque Coelho de Carvalho, governador e capitão general do Rio de Janeiro e S. Paulo, e d'este cavalheiro recebeu distinctas estimações, porque como zeloso do real serviço sabia conhecer os cavalheiros de S. Paulo, que n'elle se faziam distinctos. Deixando nas Minas Geraes

a sua numerosa escravatura, entregue á administração de seu filho Manoel Dias da Silva, se recolheu a descansar de tantas fadigas a S. Paulo, sua patria, onde não gozou muitos annos da tranquillidade dos povoados, porque acabou a vida a 22 de Março de 1719 (cart. de orphãos de S. Paulo, masso 1.° letra D. inventario do brigadeiro Domingos Dias da Silva). Teve do seu matrimonio dous filhos, naturaes de S. Paulo

Manoel Dias da Silva.
Ignacio Dias da Silva.

Manoel Dias da Silva, cidadão de S. Paulo, onde serviu os cargos da republica, e de juiz ordinario e de orphãos em 1722, foi mestre de campo dos auxiliares das minas de Cuyabá, por patente do Ex.mo D. Rodrigo Cesar de Menezes. A mercê do habito de Christo, com 50$000 rs., de tença effectiva, feita a seu tio, o sargento-mór Luiz Pedroso de Barros, n'elle se verificou com grandeza, que se nota no padrão da tença, em que Sua Magestade declarou, que os venceria desde o dia em que lhe tinha feito mercê do habito, que antes de pôr ao peito, tinha percebido mais 3$000 rs., de tença. Estando em minas de Goyaz estabelecido e com lavras mineraes, e numerosa escravatura, em 1736 (achou-se n'este tempo a praça da colonia do Sacramento posta em assedio pelas tropas castelhanas, debaixo do commando de D. Miguel de Salcedo, governador da provincia de Buenos-Ayres) se publicou a real ordem, pela qual Sua Magestade El-Rei D. João V. deu a conhecer o muito que seria do seu real agrado, que os seus vassallos Paulistas invadissem as Indias da Hespanha pelas povoações da provincia do Paraguay emcima da serra. Bastou este leve aceno, para que o mestre de campo Manoel Dias da Silva projectasse, que passando com um corpo de armas de soldados escolhidos pela experiencia do valor de sua disciplina a demandar as povoações da Vaccaria, faria um particular serviço ao real agrado, destruindo as ditas povoações, para evitar-se que a força d'esta gente emprehendesse dar subitamente sobre as minas da villa real de Cuyabá, sendo-lhes muito facil a resolução d'esta idéa, por terem abundancia de gado vaccum nas campanhas chamadas — Vaccaria, — todo o sustento para qual-

quer grosso pé de exercito. Como, para Manoel Dias da Silva, pôr em execução este intento, precisava atravessar o vasto sertão, que medeia entre o rio Camapoam da navegação do Cuyabá e Villa Boa de Goyaz (todo habitado de innumeraveis aldêas dos bravos e barbaros indios da nação Cayapó) não foi a sua resolução approvada dos melhores sertanistas, com os quaes conferiu a materia, porque demandava uma força grande para sustentar na marcha os repetidos assaltos d'esta potencia Cayapó, que é formidavel no tal sertão; porém Manoel Dias da Silva, que só media pelo valor proprio o dos estranhos, não desistiu da acção, e reforçando mais o corpo, com que se achava, que não passava então de 1801 armas, (não se percebe bem si é 1801 ou 7801 armas) intrepido se metteu no sertão a rumo de demandar o sitio de Camapoam, atravessando o vasto sertão, que tinha para passar. Consistiu tambem a difficuldade no temor de não acertar com o sitio de Camapoam, por falta de geographia, cuja sciencia totalmente ignorava, bem como todos os antigos paulistas, que, sem outro adjutorio mais, que o rumo do nascente ao poente, e o sol, que lhe serviu de verdadeira agulha, penetravam a maior parte dos incultos sertões da America, conquistando nações barbaras, de cujos indios se serviam como administradores seus pelo beneficio de os terem desentranhado do paganismo para o gremio da igreja. Assim succedeu a Manoel Dias, que com 3 mezes de jornada, chegou a salvamento ao sitio Camapoam tão direito, que foi sahir afastado do..... meio quarto de legua. N'este sitio deu descanso á tropa, que nos 3 mezes se sustentára da providencia da bocca d'arma, e conseguindo o necessario ocio, já bem guarnecidos os seus soldados com todo o necessario, se poz em marcha para as campanhas da Vaccaria, chegou a esta, e correndo-os até grande distancia, estranhou a novidade de faltarem os gados, que n'ellas sempre existiam em numerosa multidão. Avizinhou-se mais á serra, e para logo descobriu a cautela dos castelhanos. Tinham elles retirado aquellas consideraveis manadas de gados e bestas, para os ferteis campos de cima da serra, só para que os moradores das minas do Cuyabá se não viessem a utilisar de tão bellas manadas, quando fossem atacados dos mesmos castelhanos, e nos

achassemos em qualquer aperto de sitio. Decorrendo ou penetrando mais as campanhas para a parte do Paraguay, encontrou com uma franca estrada e abarracamento, em que haveria um mez (até pela figura dos ranchos e cinzas do fogão conheciam os sertanejos, pouco mais ou menos, o tempo, que havia passado depois que n'aquelle sitio estivera alguma tropa) tinham ali estado os castelhanos, e pela configuração do terreno, que occupava o centro do abarracamento, se conheceu que a barraca era de commandante de patente grande, como a de mestre de campo, de quem os castelhanos costumam fiar as suas tropas na provincia do Paraguay, e outras. Pela estacaria, que circulava, e o abarracamento, via-se que o numero dos cavallos, que n'ella se atavam excedia ao numero de 800. Este grande corpo, na retirada, tinha feito abrir a franca estrada, que encontrou Manoel Dias da Silva. Poz este em consulta o movimento que lhe occorreu, e approvando-lhe a temeridade os de sua comitiva, dispoz as escoltas, que fez embarcar em diversos pontos da matta, por onde se seguia aquella estrada, ficando elle com o resto dos soldados em sitio, d'onde avançando de tropel, ficasse completa a victoria, que esperava alcançar pela sua premeditada idéa. Era esta que ganhando distancias certo numero de soldados bem montados e avistando os castelhanos, voltassem costas como fugindo e os trouxessem enganados para perecerem todos nas emboscadas referidas, e ficando nós senhores da cavalhada, pudessemos dar com toda a força das nossas armas a acabar o inimigo. Foi Deus servido que já os castelhanos estivessem acolhidos ás suas povoações, porque do contrario pereceria ou ficaria prisioneira toda a tropa de Manoel Dias da Silva, e quando nada ficaria rôta uma guerra em tempo, que a que na colonia se sustentava por assedio, era com o systema de carta coberta, que é a maxima, que costuma praticar o gabinete de Castella sobre a praça da Colonia por algumas vezes posta já em sitio. No regresso encontrou Manoel Dias da Silva com o effectivo d'aquelle grande corpo, que não contente com a retirada dos gados e cavallos da Vaccaria, deixou um padrão de pedra lavrada em fórma de cruz, posta ao alto a que servia de base outra pedra em figura triangular de 6 palmos de alto, com proporcionada grossura á altura do

padrão: nelle estavam abertas as letras do idioma castelhano, que diziam: —Viva el-rei de Castella, senhor dos dominios d'estas campanhas. Não tinha o mestre de campo instrumento para deitar abaixo aquelle padrão, e por isso mandou cavar a terra em roda, até que faltando-lhe esta, e perdendo a machina o equilibrio, veio abaixo, fazendo-se em 3 pedaços. Conseguido com facilidade este intento, fez elle conduzir aquelles pedaços para diversos sitios, e sepultar cada um d'elles em altas covas dentro da matta. Do madeiro mais grosso e menos corruptivel, mandou lavrar em 4 faces uma cruz, em que lhe gravou as letras em idioma portuguez, que diziam —Viva o muito alto e muito poderôso rei de Portugal, D. João V, senhor dos dominios d'este sertão da Vaccaria.— Recolheu-se o mestre de campo Manoel Dias da Silva pelo mesmo sertão a Cuyabá, onde então era ouvidor d'aquellas minas o Dr. João Gonçalves Pereira, dando conta do successo, se juntaram os officiaes da camara, e os republicanos d'ella, em cuja presença deu conta do que tinha examinado e obrado. Disto formou-se um assento nos livros d'aquelle senado, onde então se discorreu sobre o evidente risco, em que estavam as minas de Cuyabá, de serem invadidas pelos castelhanos, ainda que já este mesmo temor tinha ponderado a Sua Magestade Vasco Fernandes Cesar, vice-rei do estado da Bahia, em carta de 20 de Janeiro de 1721, avisando que os paulistas haviam descuberto minas de ouro no sertão de Cuyabá, o que dava grande ciume aos padres da companhia de Jesus dos dominios da Hespanha (secr. do cons. ultr. no masso das cartas de 1721). Expediram-se as cartas para o general da capitania, o conde de Sarzedas Antonio Luiz de Tavora; e para os camaristas da cidade de S. Paulo; estes recebendo as cartas e estando ausente o general em Goyaz, convocaram os cidadãos em acto de camara, e presidio o ouvidor e corregedor, o Dr. João Rodrigues Campelo, e lidas as cartas dos camaristas de Cuyabá, do ouvidor e mestre de campo, ponderada a materia, e attendidas as razões, que expendeu o capitão Bartholomeu Paes d'Abreu com sua grande intelligencia sobre a materia, concordaram todos, que se devia pôr em execução a abertura de um caminho de terra, pelo qual se pudesse a qualquer tempo soccorrer o

Cuyabá com tropas e gente de cavallos, o que não admittiu a navegação dos lanchões desde a cidade do Paraguay até a barra do rio dos Porrudos, que vai ter ao porto geral de desembarque, e d'elle por terra meia legua até o Cuyabá; que para a factura d'este caminho havia uma franca de 50 titulos, celebrada por Manoel Gonçalves d'Aguiar, Sebastião Fernandes do Rego e Antonio Gonçalves Tigre, cada um por si, e um por todos, a favor de Manoel Godinho, quando no anno de 1722 ajustou a factura d'este caminho com o governador e capitão general Rodrigo Cesar de Menezes, por cuja causa não vinha a gastar a fazenda real um só real pela factura d'este caminho. D'este accordam se lavrou termo em 17 de Agosto de 1737, que se remetteu ao mestre de campo João dos Santos, governador da praça de Santos, e interino da commandancia pela auzencia do governador d'ella, o conde de Sarzedas. Nada teve effeito, porque o prejudicado Manoel Gonçalves d'Aguiar soube atalhar o damno, que lhe ameaçava a bolsa, repartindo liberalmente certos cartuxos de moeda por pessoa, que cala a prudencia o nome, por lhe evitar a vileza da injuria. Deu-se conta a Sua Magestade pelo conselho ultramarino em 1733, e na secretaria d'elle se acham estas representações no masso do dito anno, e tambem na camara de S. Paulo, no livro grande capa de....., que serviu de registo T. de 1726 até 1740 fls. 112 a 120, o que diffusamente trataremos no corpo da Historia de S. Paulo, si Deus quizer dar-nos vida para este trabalho, que intentamos tomar sem forças de talento para sua execução. Sua Magestade mandou ao Sr. João Gonçalves Pereira, ouvidor do Cuyabá, que informasse, tirando um summario de testemunhas sobre a materia da representação, que se tinha feito da acção, que obrára na Vaccaria Manoel Dias da Silva; assim executou aquelle activo mineiro. O certo é que em 1733 mereceu o mestre de campo os votos de alguns conselheiros do conselho ultramarino para governador de Cuyabá, com quatro....., de soldo, e vindo a informar sobre a materia e caminho, que Manoel Dias da Silva se offereceu a el-rei fazer á sua custa para o Cuyabá a Gomes Freire d'Andrade, governador e capitão general do Rio de Janeiro, por ordem, que se lhe expediu pelo mesmo conselho, de 2

de Setembro de 1732, não sabemos por que occulto destino se poz silencio n'ella. Parece que os Paulistas contrahiram um novo peccado original para não serem jámais bem vistos, e ser a fazenda real prejudicada só para que elles não tenham o premio. Nas minas de Cuyabá ficou existindo o mestre de campo Manoel Dias da Silva; n'ellas estava sendo juiz ordinario, quando falleceu o Dr. ouvidor Manoel Antunes Nogueira, cujo lugar substituiu na fórma da ordenação do reino. Das suas grandes providencias, que tomou posse, foi para cuidar da extracção dos diamantes no Rio Paraguay, descubertos pouco tempo antes da morte do antecessor, serão perpetuas testemunhas, que proclamem o seu ardente zelo, as cartas de agradecimento, que lhe escreveu o governador que então tinha em 1752 o governo das capitanias de Cuyabá e Goyaz o Ex.mo Gomes Freire d'Andrade, que acabou digno conde de Bobadella, que se acham registadas nos livros da camara de Cuyabá; succedeu-lhe o Dr. João Antonio Vaz Morilhas, que por se affastar da virtude de limpeza de mãos, como lhe deixava exemplos de distincta honra o seu antecessor, cahiu em desacertos taes, que antes de lhe chegar successor, foi deposto do lugar pela admiravel rectidão do Ex.mo D. Antonio Rollim de Moura, primeiro governador e capitão general d'aquella capitania (que depois foi conde de Azambuja, presidente do conselho da fazenda, e conselheiro do conselho de guerra, em cujos postos falleceu em 1782).

Em 1752 falleceu o mestre de campo Manoel Dias da Silva, distante da villa de Cuyabá dous dias de jornada, para cujo retiro o fez conduzir o estrondo de tantas injustiças, que via praticadas na dita villa em damno de todos. Foi casado na matriz de S. Paulo com sua prima em terceiro gráu de consanguinidade duplicado (em cujo impedimento foram dispensados pelo Ex.mo bispo Fr. D. Antonio de Guadalupe) D. Theresa Paes da Silva, filha do capitão Bartholomeu Paes d'Abreu e de sua mulher D. Leonor de Siqueira Paes, de quem fazemos menção n'este mesmo § 2., n. 2 e 3, e teve d'este matrimonio dous filhos naturaes de S. Paulo.

D. Anna Leonor, falleceu solteira.

Aleixo da Silva Correia, falleceu na flôr dos annos.

Ignacio Dias da Silva, filho do brigadeiro Domingos Dias da Silva, e de D. Leonor de Siqueira, n. 3 e 5 retro, foi de gentil presença, dócil e affavel genio, com cujas virtudes soube merecer geral estimação, não só dos parentes, como tambem dos estranhos. Na arte de andar a cavallo excedeu a todos de seu tempo, e ainda aos do passado, e sabia na ultima perfeição todo o manejo de cavallaria, e foi de tantas forças, que com ellas executava a cavallo algumas acções, em as quaes não achou, quem o competisse; na violencia da carreira se debruçava pelo lado direito ou esquerdo a levantar do chão qualquer cousa, que se lhe destinava em qualquer balisa, e n'isto mesmo era a execução do brinquedo com tanta destreza e airoso garbo, que sempre conseguia os applausos dos circumstantes. Nas grandes e magnificas festas de escaramuças, que se executavam com liberal despeza em applauso de ter cantado missa nova o reverendo Euzebio de Barros Leite, filho da matrona D. Maria Leite de Mesquita, viuva de Pedro Vaz de Barros, um dos cavalheiros mais potentados entre os seus nacionaes paulistas, e de quem fazemos larga menção em T. de Pedrosos Barros § 2.° e no de Mesquitas. Levou Ignacio Dias da Silva em todas as tres tardes sempre os premios de louvor em os muitos e dextros cavalheiros d'aquella funcção, da qual foi elle o primeiro mantenedor e guia nas escaramuças. Sempre gozou Ignacio Dias da Silva das delicias e tranquillidade da patria, sem ver a cara á aspereza dos sertões, porque quando seu pai Domingos Dias da Silva, se ausentou para as Minas Geraes, ficou elle governando a casa em companhia de sua mãi D. Leonor de Siqueira, que na educação dos filhos mereceu os applausos de matrona a mais advertida e ajuizada. Seus pais o casaram com aquella discreta eleição de sua nobreza com D. Anna Maria do Amaral Gurgel, e se receberam na matriz de S. Paulo a 30 de Janeiro de 1719 (ainda viveu ella em 1763) a qual era sua prima em quarto gráu de sanguinidade, em que foram dispensados, filha do sargento-mór Bento do Amaral da Silva, e de D. Escolastica de Godoy. Poucos annos se gozaram, porque na flôr d'elles falleceu Ignacio Dias da Silva com geral sentimento dos que o haviam conhecido, deixando d'este amoroso vinculo tres tenros fi-

lhos, para cuja educação não fez falta a vida do pai, pelos cuidados de D. Maria do Amaral, que regeitou varios casamentos, que se lhe propuzeram, não querendo dar padrasto a seus filhos, que foram

Bento do Amaral da Silva.
Domingos Dias do Amaral da Silva.

Ignacio Dias da Silva casou nos curraes da Bahia e falleceu com geração.

Copiado de um manuscripto, que existe em poder do Sr. Luiz Ignacio Bittancourt, da cidade de S. Paulo, e bisneto do illustre autor Pedro Taques.
Rio de Janeiro, 20 de Junho de 1852.

A. da Costa Pinto Silva.

EPITOME

Da erecção e creação do novo bispado de S. Paulo, rei, que impetrou esta graça, pontifice, que a concedeu, seu primeiro bispo, e conegos, com que se fundou a cathedral.

Descuberta a America Lusitana, passaram a ella alguns missionarios, que instruiram nos dogmas da fé a muitos dos gentios, que a povoavam, e correspondendo sempre o fructo ao incansavel zelo d'aquelles pro-commissarios, e verdadeiros operarios evangelicos, se viram em pouco tempo fundadas não poucas aldêas dos novos convertidos, e estabelecidas muitas colonias de europêos, que se transportaram d'aquella para esta nova região: o que vendo os nossos augustissimos e fidelissimos monarchas, mandaram logo não só quem governasse a uns e outros no temporal, mas tambem quem os regesse no espiritual, pondo para esse fim um prelado na Bahia, a cujo cuidado estavam entregues as almas de todos os catholicos, que habitavam todo este continente: mas crescendo cada vez mais o numero dos que lavando-se na sagrada fonte do baptismo, renunciavam os erros do gentilismo, e abraçavam a verdadeira religião, e concorrendo successivamente os portuguezes, uns que voluntarios deixavam as suas patrias, e vinham estabelecer-se n'estas terras, e outros, que obrigados, vinham cumprir os degredos, para com elles satisfazerem os crimes, que lá commettêram se edificaram tantas povoações, que já se fazia moralmente impossivel aquelle prelado acudir a todos com as providencias necessarias; e como o principal escopo dos nossos fidelissimos monarchas sempre foi attender ao maior bem dos seus vassallos, puzeram outro prelado no Rio de Janeiro, para que fossem menores os incommodos, e mais promptos os remedios das necessidades, que occorressem; e não satisfeita ainda com esta novidade. a piedade d'aquelles regios corações, elevaram esta prelazia a bispado, que em breves annos, com a descuberta de novas minas, se dilatou tanto, que era preciso mais de anno para chegar uma providencia ás ultimas colonias do bispado, e uma supplica ou

queixa aos ouvidos do prelado, sem embargo do que assim se conservou muitos annos.

Reinando porém o muito alto, poderoso e fidelissimo rei o senhor D. João V, e representando-se-lhe a necessidade, que padeciam estes povos, a falta de recurso, e o perigo que corria a sua salvação na falta de prelado, que de mais perto lhes ministrasse o pasto espiritual, recorreu ao oraculo do Vaticano o santissimo P. Benedicto XIV, para que dividisse o dito bispado do Rio, e como a supplica era tão justa como pia, promptamente annuiu S Santidade a ella, e aos 8 dos Idos de Dezembro de 1745 se expediu o motu-proprio da divisão, por virtude do qual se separou d'aquelle bispado territorio, com que se erigiram os dous de S. Paulo e Mariana, cada um com sua só cathedral, composta de quatro dignidades, Arcediago, Arcipreste e Chantre thesoureiro-mór, e dez conegos, dos quaes é um magistral e outro penitenciario, doze capellães, um mestre de ceremonias, quatro meninos do côro, um organista e um porteiro da massa. A primeira dignidade com a congrua de 200$ rs., as mais 160$ rs.; os RR. conegos 120 rs,, os capellães 50$ rs.; o mestre de ceremonias 10$ rs.; os meninos do côro 24$ rs.; o organista 50$ rs., e o porteiro da massa 10$ rs., todos pagos pela real fazenda da villa de Santos.

O numero das dignidades e conegos foi determinado por S. Santidade, e o dos mais ministros ficou á eleição do soberano, como consta do motu-proprio; o qual expedido que foi, cuidou logo Sua Magestade em eleger sugeito capaz de reger este bispado; e sendo todas as acções d'aquelle augustissimo monarcha filhas de sua alta comprehensão, e obradas com tanto acerto, que eram a inveja de todas as corôas da Europa, na eleição do primeiro bispo, que nos deu, ou havemos de dizer que se excedeu a si mesmo, ou que toda a eleição foi de Deos; porque, segundo experimentamos, parece que não podia haver outra mais acertada do que a que fez do Exmo e Rv.^{mo} Sr. D. Bernardo Rodrigues Nogueira. pelas virtudes, em que resplandecia, e pela grande litteratura e mais requisitos, de que se adornava.

Foi este grande e ex.^{mo} prelado natural da ilha de Santa Marinha, situada na Serra da Estrada, bispado de Coimbra, e das principaes

familias d'ella; na mesma aprendeu as letras proprias da primeira idade, e tendo 13 annos o mandaram seus pais para a universidade de Coimbra, onde estudou philosophia, e depois se graduou em canones, em cuja faculdade aproveitou tanto, que mereceu os applausos dos primeiros mestres d'aquella Athenas. Concluidos os estudos, se recolheu á sua patria, e pelo grande nome, que deixou em Coimbra, o fizeram logo arcipreste do arcediago d'ella; porém como esta occupação era limitado emprego para a sua litteratura, passado pouco tempo o convidou o Sr. Geraldo Pereira Coutinho, para lente de prima de canones na dita universidade, para vigario geral e provisor de seu irmão o Sr. D. Frei Manoel Coutinho, bispo do Funchal, e recusando estes lugares primeira e segunda vez, ultimamente teve de ceder aos rogos d'aquelle, a quem devia respeitos de mestre, si já não foi por fazer escrupulo de enterrar os talentos, que Deos lhe deu.

Feita a aceitação, se passou a Lisboa, onde el-rei logo o condecorou com um canonicato da sé do Funchal, para onde embarcou no anno de 1725 a exercer as occupações para que era chamado: o que n'ellas obrou necessitava de mais larga narração, que não é propria d'este lugar, e só basta dizer, que quando entrou n'aquelle bispado, o achou outra Inglaterra nos costumes, muita gente, que, havia quinze e mais annos, se não confessava, os testamentos estavam por cumprir do tempo, em que os Philippes reinaram em Portugal, e a este respeito todos os mais vicios. Entrou a fazer o que devia, e logo o demonio se principiou a dar por achado, levantando tão grandes tempestades, que parece superavam os altos Olympos, de que se compõe aquella ilha; mas nada foi bastante para o sossobrar; porque ainda por aquelle mar tão procelloso de contradicções, navegou sempre senhor de si, e sem jámais desistir da reforma principiada, de sorte que sahindo do dito bispado no anno de 1740, tendo sempre exercido os referidos empregos, e occupado na Sé, primeiro uma cadeira de conego, depois a de mestr'escola, e ultimamente a de arcediago, deixou aquella diocese tão outra, que se desconhecia a si mesma, e tão reformada, que podia servir de exemplo a todos os mais bispados

Chegado que foi á Lisboa, logo no mesmo anno de 1740, passou

a governar o bispado de Lamego na ausencia do Ex.mo bispo d'elle o Sr. D. Frei Manoel Cabrinho: aqui se portou com a prudencia, rectidão e inflexibilidade, que já se lhe tinha admirado nos mais lugares, que servira; porém como em toda a parte ha homens e consequentemente vicios, que castigar, tambem aqui lhe não faltou que tolerar; nem contradicções que soffrer; mas como estes combates para elle já não eram novos, lhe não foi difficultoso triumphar e, triumpharia de outros maiores, si o Ex.mo prelado não pasasse d'esta a melhor vida.

Morto o Ex.mo bispo, e chegando a Lamego a noticia, foi o Rev.mo cabido tão attencioso que não quiz mandar tocar a sé vaga, sem primeiro mandar pedir licença ao Sr. D. Bernardo, e juntamente lhe mandou rogar que quizesse continuar na mesma occupação. Respondeu agradecido a este obsequio, mas não aceitou a offerta, e passados alguns dias se recolheu ao collegio da companhia de N. S. da Lapa, seis leguas distantes de Lamego, onde o foi achar um decreto do soberano, no qual lhe ordenava, que continuasse no governo do bispado: allegando porém ao mesmo senhor as justas razões, que tinha para não fazer, houve por bem allivia-lo.

Com poucos dias de demora no dito collegio, se despediu d'aquella religiosissima communidade, e tomando a benção á rainha dos anjos, que n'aquelle templo se venera com a invocação de N. S. da Lapa, seguiu viagem para a sua patria, para n'ella descansar do trabalho de tantos annos, mas como podia socegar quem não nasceu para si, e parece que só foi creado para beneficio dos mais? Passado pouco tempo, o mandou convidar o serenissimo Sr. D. José, arcebispo de Braga e primaz das Hespanhas para seu vigario geral: muito trabalhou para se escusar, mas ultimamente obedeceu a quem podia mandar.

Partiu para aquella cidade e logo que chegou a ella entrou a exercer o lugar de vigario geral com tanta satisfação de Sua Alteza, que não duvidou o mesmo senhor dizer publicamente que se tivesse na sua relação dois Nogueiras, não queria n'ella mais ninguem. Reformou muitos abusos assim do auditorio, como da mesma relação, e fez

outras mais coisas, que lhe eternisaram o nome n'aquella curia. No lugar de vigario geral o achou a nomeação, que Sua Magestade d'elle fez para primeiro bispo d'esta diocese, e fazendo deixação d'aquelle com grande pezar de Sua Alteza por perder ministro tal, se passou á côrte a beijar a mão d'el-rei, e o mesmo senhor mandou logo buscar as bullas, que se expediram em Roma aos 23 de Dezembro de 1745.

Chegadas as ditas bullas, se celebrou o acto da sagração pelo Ex.mo Sr. cardeal patriarcha, primeiro de Lisboa, no dia 13 de Março de 1746, na santa igreja patriarchal, sendo padrinhos o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. José, arcebispo de Lacedemonia, e o Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Frei João da Cruz, bispo que foi do Rio de Janeiro.

Depois da sagração fez varios requerimentos a Sua Magestade, respectivos ao novo bispado, que vinha crear, e deferindo-se a uns, ficaram outros indecisos, sem embargo do que, por cumprir com a ordem do soberano, se embarcou para esta America a 9 de Maio do dito anno de 1746, e a 12 de Julho aportou ao Rio de Janeiro. Recolheu-se ao collegio da companhia de Jesus, onde se demorou alguns mezes, não por estar ocioso, porque era este um vicio, contra o qual tinha publicado perpetua guerra, mas porque assim o pedia a necessidade.

Na primeira occasião que se offereceu, mandou tomar posse do bispado pelo reverendo Dr. Manoel Joseph Vaz, que então era vigario da vara d'esta cidade, o que se executou a 7 de Agosto do mesmo anno com assistencia do clero, religiões e nobreza: e emquanto isto se obrava em S. Paulo, ia S. Ex.a Rev.ma mandando pastoraes e outras providencias para Santa Catharina, Laguna, Rio Grande, Colonia do Sacramento, e outras freguezias da marinha: ia cuidando na divisão do cartorio, e outras coisas pertencentes ao bispado, as quaes concluidas se embarcou para Santos, onde chegou a 23 de Outubro e se recolheu ao collegio da companhia.

Logo nesta villa entrou a cuidar no cumprimento dos missionarios, e examinar a capacidade e procedimento dos clerigos, e dos que o pretendiam ser; d'ahi mesmo mandou providencias para varias freguezias, e finalmente nomeou e collou alguns dos reverendos capitu-

lares, com que fundou a nova Sé, e os mais n'esta cidade. Na primeira dignidade proveu o reverendo doutor Matheus Lourenço de Carvalho, natural da villa nova da Cerveyra, arcebispado de Braga, o qual tendo estudado na mesma cidade, philosophia e theologia, se passou ao Rio de Janeiro, onde levou por concurso a igreja d'esta cidade, que ao tempo da creação d'este bispado, estava parochiando: a segunda conferiu ao seu vigario geral o reverendo Geraldo José de Abranches, formado na faculdade dos sagrados canones pela universidade de Coimbra, e natural da villa de Avo, bispado de Coimbra: a terceira ao seu promotor o reverendo Manoel de Jesus Pereira, formado na mesma faculdade e pela mesma universidade, natural da villa de Soures bispado de Coimbra: a quarta ao reverendo Tobias Ribeiro de Andrade, tambem formado em canones pela dita universidade, natural da villa de Santos d'este bispado: na cadeira magistral proveu ao reverendo Manoel Villela Bueno, da mesma villa de Santos, e que em outro tempo tinha sido alumno da companhia de Jesus, e n'ella estudou philosophia e theologia: na de penitenciario ao reverendo Lourenço Leite Penteado, mestre em artes, natural d'esta cidade; e nas mais cadeiras o reverendo Gregorio de Souza, d'esta cidade; o reverendo Luiz Teixeira Leitão, natural da Praça de Almeida, bispado de Lamego; o reverendo Thomé Pinto Guedes, mestre em artes d'esta cidade; o reverendo Antonio Nunes de Siqueira, da mesma; o reverendo Jacintho de Albuquerque, natural de Trancoso, bispado de Viseu; o reverendo Antonio Moniz Mariano, mestre em artes, o reverendo Salvador Pires, o reverendo João Gonçalves da Costa, todos d'esta cidade.

Desembaraçado das coisas mais precisas, que se offereceram na dita villa, subiu á Serra para fazer a sua entrada no dia 8 de Dezembro do mesmo anno de 1746. Não me demoro em descrever a grandeza e pompa d'esta funcção, porque facilmente se virá no conhecimento d'ella, commensurando-se pelo objecto, a que dizia relação e reflectindo-se nas circumstancias, que concurriam de primeiro bispo, procurado com tanto desvelo, alcançado depois de vencidas tantas difficuldades, e possuido com universal de todos.

Recolhida a procissão, que deu principio ao plausivel acto da entrada, cantou o reverendo cabido na nova cathedral vesperas solemnes da Immaculada Conceição da Senhora, cuja festa celebrava a igreja n'aquelle dia, as quaes capitulou S. Ex.ª Rev.ᵐᵃ, e concluidas com uma douta e pia pratica, que fez, e com a benção solemne que lançou ao innumeravel povo, que concorreu a este festivo acto, foi o mesmo senhor conduzido ao collegio da companhia, e passados alguns dias se recolheu ao seu palacio.

Logo que se viu n'este, a primeira coisa, em que cuidou, foi fazer os estatutos, porque se devia regular a sua familia; porque como o seu principal fim era desterrar os vicios do novo bispado, que vinha crêar, por sua casa devia principiar a reforma, porque emfim devem ser as dos prelados, seminario de virtudes, e espelho, em que se não descubram manchas, porque n'elle se hão de vêr todos os subditos, para obrarem segundo a imagem, que n'elle se representar. De tal sorte os ordenou que não tinha o seu palacio que invejar aos mais reformados claustros; porque a oração mental era exercicio quotidiano, e de todos os dias eram tambem a ladainha, terço, exame, silencio e missa; disciplina todas as sextas-feiras do anno, e segundas e quartas da quaresma, confessava-se e commungava a familia todos os oito dias, e cada mez os escravos, e finalmente haviam outros mais exercicios, que por abreviar não refiro.

Regulada d'esta sorte sua casa, entrou a cuidar no que dizia respeito ao bispado, olhando para todo elle, parece que com vista mais que de lince, ou com tantos olhos, quantos lá contava o celebrado filho de Aristor; porque emfim nada lhe escapou, senão para remediar tudo e para ter que sentir mais na parte, em que se lhe impossibilitavam as providencias. Mandou pastoraes para todas as freguezias cheias de saudaveis doutrinas; fez estatutos para se governar o côro da cathedral interinamente; deu a todos os parochos a formalidade com que deviam fazer os róes dos confessados; dividiu as freguezias, que todas estavam confusas sem demarcações ou limites certos; mandou tombar todos os bens das igrejas; fez estatutos para o recolhimento de Santa Theresa d'esta cidade, e o restaurou da ultima de-

cadencia, em que se achava; e finalmente fez outras muitas coisas, que não refiro, por ser este lugar curto campo para o theatro d'ellas, e só basta saber, que era tal o seu zelo e tal a sua comprehensão, que a não se antecipar tanto a morte, poderia este bispado dar leis não só aos da America, como a muitos da Europa.

Foi tão amante da pobreza, que tudo o que tinha lhe parecia pouco para despender com ella: fazia muitas esmolas particulares, umas pelo reverendo parocho da Sé, e outras pelo seu secretario, e além do grande numero de pobres, a que todos os dias dava de jantar, se distribuiam pela dispensa cada mez oitenta ordinarias; mas como ainda isso era pouco para o muito que desejava fazer, mandou buscar a Portugal baetas, sarjas e outros generos, que, supposto não teve a satisfação de vêr com elles cuberta a nudez de suas ovelhas, por chegarem depois de morto, não lhe faltou o merecimento de determinar em vida que, logo que chegassem, se distribuissem pelos pobres mais necessitados, o que assim se cumpriu.

Porém não satisfeita sua ardente caridade com o que fica dito, para ter mais que dar, cortou com o que ainda parecia preciso, pois mandou a um criado que fizesse a conta ao gasto, que poderia fazer a liteira, e feita aquella, perguntou si não seria melhor, que o que se havia de dispender com esta, que julgava superfluidade, se distribuisse com os pobres, e respondendo-se-lhe que mais grata seria a Deos esta applicação, mandou logo dispôr das bestas.

Todos os dias se levantava de madrugada, e a primeira coisa, que fazia, era ter uma hora de oração mental, como quem bem sabia que é esta a melhor chave para abrir as portas do céo, e as melhores armas para se defender um christão dos tres inimigos communs, e com o mesmo santo exercicio dava fim ao dia, porque antes de se recolher a dormir, o tornava a repetir.

Foi tão devoto da Senhora, que, sem embargo das muitas occupações, que tinha, nunca se lhe passou dia, em que, entre outros obsequios, que lhe tributava, não lhe rezasse o rosario, e esta mesma devoção desejava radicar no coração dos mais.

Todos os annos se confessava duas vezes geralmente: uma no dia,

em que pelo baptismo entrou na igreja, e outra n'aquelle, em que celebrou a primeira missa, a qual dizia todos os dias, e nunca jámais por esmola, inda quando clerigo; e depois de bispo celebrava quotidianamente pelas suas ovelhas, e si por enfermo a não podia dizer, a fazia celebrar por um dos seus capellães, ao qual dava a esmola de cruzado.

Estes eram os seus cuidados, estes os seus empregos, entre os quaes o accommetteu uma doença, que depois de mostrar n'ella uma larga constancia, e de ensinar a bem morrer, ultimamente a 7 de Novembro de 1748, resignado todo na vontade divina, passou d'esta á eternidade, pela uma hora depois do meio dia, tendo de idade 54 annos, 8 mezes e 4 dias, e de governo d'este bispado um anno, onze mezes e vinte e tres dias. Tres dias esteve insepulto, para se lhe fazerem as honras devidas á sua dignidade, e em todos elles se conservou flexivel; e dando-se á sepultura no terceiro dia na capella-mór do collegio da companhia d'esta cidade, junto aos degráus do presbiterio, ahi se picou e deitou sangue, que muitos aproveitaram em lenços e pannos, e alguns nos pescocinhos, que tiraram; signaes, senão infalliveis, saltem provaveis da gloria, que está gozando, por premio do muito, que, no decurso de tantos annos padecou e obrou por Deos. Assim o crêmos piamente, e tambem que se não esquecerá de rogar ao mesmo senhor pelas suas ovelhas, para que lhe vão fazer companhia lá na Bemaventurança.

Amen.

Copiado de um manuscripto, que existe na secretaria do cabido da sé de S. Paulo.— Por

A. da Costa Pinto Junior.

S. JOÃO DE YPANEMA.

Descripção do morro do mineral de ferro, sua riqueza, methodo usado na antiga fabrica, seus defeitos.

(Offerecido ao Instituto pelo Sr. Antonio da Costa Pinto.)

O morro chamado vulgarmente de ferro, ou de araraçoyava consta de tres cabeços principaes, denominados pelos lavradores morro vermelho, morro de ferro propriamente dito, e morro de araraçoyava, além de outros muitos jugos que fazem tambem parte de toda esta grande montanha; elles são cortados por differentes quebradas e valles, entre os quaes o principal é o chamado—das Furnas, centro de todo o morro; sua direcção é quasi norte-sul, e conta na maior extensão duas leguas pouco mais ou menos. Está distante tres leguas da villa de Sorocaba. O grande valle das Furnas, que dista meia legua das margens do Ypanema, onde a meu ver se devem estabelecer as ferrarias e não no corrego da antiga fabrica, este valle e as encostas do cabeço já mencionado, e dos outros jugos, que para elle olham, abundam de mineral de ferro magnetico. Elle parece pousar sobre bancos de grés de rebolo, e este sobre oschito novacular; já não fallo de outros muitos mineraes, que se acham em diversos pontos d'este monte, por não pertencerem á materia de que trato. Acha-se o dito mineral entre um barro ferruginoso vermelho muito escuro, diz-se minado em pedras soltas e desarranjadas, de differente peso e grandeza, tanto á superficie, como ás vezes mais profundamente; formando porém grandes cintas ou manchas nos corregos e quebradas. Este mineral de ferro magnetico é compacto, muito pesado, de fractura esquilosa, côr grisea de ferro com pouca ou nenhuma acre de ferro de permeio no mais rico; maior quantidade porém da dita acre e menor peso no mais pobre. Sua riqueza é tal que partes iguaes do rico e pobre me deram 60 por cento de producto em ferro coado. Quanto á sua posição tem este mineral mais a seu favor o não necessitar senão de o apanhar á superficie, ou de o cavar em maneira de pedreira, e d'ahi transporta-lo á fabrica, que fica nas fraldas do morro

e meia legua distante, circumstancias estas, de que poucas ou nenhumas minas na Europa, segundo o meu conhecimento, se podem vangloriar. Não obstante a grande riqueza d'esta mina, particulares, que emprehenderam sua extracção, tiraram grandes perdas em vez de avultados lucros, que esperavam, do que resultou o persuadir-se a gente da capitania, que uma empreza d'esta natureza seria sempre damnosa ao estado: é verdade porém que estas asserções nascem muitas vezes de vistas interessadas, do aborrecimento a todas as novidades, dos incommodos, que necessariamente sobrevém aos que possuem terras no dito morro e suas circumvizinhanças, e da incapacidade de conhecer os defeitos do methodo usado na antiga fabrica, que era o seguinte: estraficavam carvão mineral, depois de ustulado e pillado sem ajuntar fundente, entretinham o fogo por dous folles e depois de um dado tempo, achavam o ferro reunido em uma massa, que levavam aos malhos. Os fornos, de que se serviam, tinham cinco palmos de altura. Este methodo, que é dos Lucquezes, só póde-se applicar ás minas ricas e puras, em que o ferro está nada ou quasi nada alterado. Já não fallo da pequena altura dos fornos, porque esta só podia caber na mente de homens ignorantes do officio, e que parece procuravam por gosto sua ruina. Além d'isso, como não sabiam distinguir o mineral rico e puro do pobre e impuro, houve dias de pura perda, por ser impossivel fundir o mineral pobre e mais alterado sem fundente. Do referido é claro, que um similhante estabelecimento, dirigido por homens inhabeis e ignorantes, deveria arruinar os emprehendedores, pois de outro modo seria para admirar, que um mineral tão rico désse perda, sendo que na Europa já faz conta a extracção das minas, que dão 25 por cento apezar de não haver tanta abundancia de lenha, e serem os salarios por mais alto preço.

Mattas, methodo de fazer carvão usado em Sorocaba, seus defeitos, facilidade da conducção.

A maior parte d'este morro, e suas circumvizinhanças é coberta de arvoredos, e seria todo elle uma matta continua a não estar dividido

por cento e sessenta moradores pouco mais ou menos, além de outros muitos, que tambem aqui plantam por favor: todos elles ficam prohibidos de derrubar mattos virgens e capoeiras altas, consentindo-se-lhes tão sómente, que façam plantações em capoeiras baixas até decidir-se, si acaso se deve dar principio a este estabelecimento, porque então hão de por necessidade ser esbulhados da posse d'esses terrenos, visto serem paizes de minas, ou si a equidade de S. A. R. o ordenar, indemnisados com outras sesmarias, verdade é, que distantes d'aqui, por não haver quasi terreno algum realengo nas vizinhanças. Esta prohibição de plantar em mattos virgens etc. estendeu-se a mais de meia legua em roda do morro; conta-se das faldas d'elle por n'ella haver muitos bosques desvairados, como os do Cayeré, Ipanemerim e outros. Posso afiançar a bondade das lenhas para carvão, não só com os ferreiros de Sorocaba, mas tambem com a experiencia propria, pois que d'elle me servi para fundir o mineral de ferro, e si carvão feito de lenhas verdes, e que não chegaram a seu perfeito crescimento, queimado em cavas feitas no chão, sem regras algumas para conhecer o completo estado de carbonisação, é bom, muito melhor será ensinando aos carvoeiros do paiz, o modo de o fazer usado em Suecia, França e Allemanha. Os carvoeiros costumam vender a carga de carvão 80 rs. Quanto ao carreto do carvão feito nas mattas do districto mineiro, é quasi nenhum por estarem ellas muito proximas á fabrica. O carvão porém feito em todo o terreno d'esta villa (porque a meu ver será bom ordenar aos lavradores, não destruam seus bosques, nem vendam as lenhas para fóra, pois d'ellas póde vir a carecer a fabrica) tem caminhos bons e planos por onde possa ser transportado. E como as margens do rio Sorocaba são muito abundantes de arvoredos, o carvão que ahi se fizer, póde ser transportado por elle abaixo, e d'ahi pelo Ypanema acima em canaes, que se deverão mandar fazer, visto as de S. A. R., que se achavam no porto de Araritaguaba, terem sido vendidas por ordem da junta, e muitas, por grandes, não poderem navegar em similhantes rios.

Lugar, em que se devem estabelecer as ferrarias.

Eu disse no § 1.° que as margens do Ypanema deviam ser pre-

feridas ao corrego, em que se acham ainda hoje ruinas da antiga fabrica, e segunda vez repito, que é o melhor local para este estabelecimento; 1.° por ter o Ypanema abundancia de aguas, 2.° por estar nas faldas do morro, e como centro da mina e mattos, 3.° por ser o caminho d'aqui a pedra calcarea melhor, plano e mais breve, o que não succederia a ser no corrego, como fizeram os antigos, o qual, além de não ter aguas em abundancia, fica mais longe, e o caminho é peior. Além d'isso, o lugar escolhido é uma planicie continua com a melhor localidade para quantos edificios se quizerem levantar. Ultimamente a natureza nos está ensinando, que este rio deve com preferencia ser escolhido, porque na distancia de cento e sete braças pouco mais ou menos, contadas rio abaixo até a ponte, por onde passam os moradores do morro, ha um pequeno salto; d'elle nos podemos servir para fazer o assude, que ha de levantar até o barranco ou ribanceira do rio as aguas necessarias ás machinas hydraulicas, que hão de pôr em movimento os folles e malhas: a altura no lugar do salto até o barranco é de dezoito palmos, e d'ali até a ponte, que fazem cento e sete braças, ha quinze palmos de quéda com pouca differença para mais. Póde estabelecer-se a fabrica um pouco abaixo da ponte, por abaixar mais o nivel do terreno; d'este modo, ainda quando as aguas não fossem em muita quantidade, dando maior quéda d'ellas, augmentavamos a velocidade, e por consequencia a quantidade do movimento, que é o producto da massa pela dita velocidade. A largura do rio na ponte é de trinta e nove e meio palmos e a altura d'agua no mesmo lugar para cima de quatro palmos.

Fundente.

Como não é possivel emprehender a fusão das minas de ferro sem fundente, e a pedra calcarea, é o proprio do mineral de ferro magnetico, tive o cuidado de examinar todos os arredores do morro, e só achei no sitio do capitão mór, que fica menos de quatro leguas distante da fabrica, e já ha uma boa picada e plana. A direcção dos bancos é les-nordeste ou sudueste; elles são de pedra calcarea secundaria, densa e grisia de fumo: continuam até as margens do rio

Sorocaba na distancia de um quarto de legua, e tornam a apparecer da outra banda do rio.

Gados.

Os gados tanto vaccum, como cavallar, precisos para a conducção do ferro, carvão, fundente e de outros generos pertencentes á fabrica, além de se poderem ter a bom mercado; porquanto uma junta de bois custa 8$000 rs. e menos, e uma besta 12$800 rs. pouco mais ou menos, creio os ha em algumas das fazendas antigamente dos padres jesuitas (que são Cubatão, Santa Anna, Arassariguama, Pintanguy, Borda do Campo etc.) que fazem poder poupar esta despeza, e para o futuro se póde mandar vir por differentes vezes, quando fôrem precisos pela falta dos primeiros, que já estiverem cansados, havendo o cuidado de augmentar a sua criação. Estes gados do costeio da fabrica tem muito bons pastos, não só na meia legua do morro, que se deve tomar para districto das minas, mas tambem nos grandes valles conteúdos no dito morro.

Trabalhadores de jornaes.

Os homens empregados no serviço d'esta ferraria, podem ser ou escravos de S. A. R., bem que estes tenham diminuido com as muitas vendas, ou indios, que podem tirar-se das aldêas de Embaú, Baruiri, Itapecerica, Pinheiros, Carapecuiba, S. Miguel, Nossa Senhora da Escada etc.: da mistura d'estes com outros trabalhadores nasce o destruir-se o pernicioso uso de os ter em povoações separados, uso só capaz de arraigar o antigo odio; por esta mistura confundem-se suas opiniões com as nossas, tornam-se nossos amigos e irmãos, ou alguem dos habitantes de Sorocaba, visto ser grande a povoação, i, é, de nove mil setecentos e doze, e haver quantidade de homens dados á vadiação e ociosidade; será mesmo proveitoso condemnar no trabalho das minas os homens de grandes crimes e sentenciados pela lei á pena ultima, os quaes morrendo nas cadêas, como é ordinario, tornam-se pesados ao publico, e nullos á sociedade; pelo contrario occupados n'este serviço, são uteis, porque com os seus

trabalhos cooperam para o bem d'ella, tira-se-lhes a faculdade de commetterem novos crimes, e castigam-se os antigos com a pena de um trabalho continuo até o fim da vida; deixam de ser onerosos ao publico, porque tem meios de subsistencia, e a sociedade ganha adquirindo mais estes membros, que para ella estavam perdidos; além d'isso, uma pena d'esta natureza é uma lição continua para os malvados, o que não succede com a pena de morte, que, por ser momentanea, é logo esquecida, e muitas vezes n'esse mesmo instante produz um effeito contrario, que é fazer esquecer o delicto, e enternecer o innocente a favor do culpado; em consequencia julgo acertado, que não só os d'esta capitania, mas tambem os das capitanias vizinhas sejam d'est'arte castigados em premio de seus enormes crimes. Os jornaes em Sorocaba andam por 140 e 160 rs. a secco conforme a qualidade do serviço, e a 100 rs. dando-se-lhes o sustento; devo porém advertir, que estes jornaes hão de necessariamente abaratar todas as vezes que houver serviço continuado.

Fundos para dar principio ao estabelecimento.

Depois de ter feito ver a possibilidade de uma similhante empreza, isto é, bom local, riqueza do mineral, abundancia d'aguas, lenhas, fundente, barateza de gados etc., cumpre fallar nos fundos precisos no começo do estabelecimento.

Apezar de ser a receita da fazenda real muito menor, que a despeza, pois que no anno passado foi de 76:673$482 rs. e a despeza de 104:781$190 rs., comtudo, como temos já o tributo denominado — contribuição litteraria, destinado unicamente para pagamento das despezas, que fizerem as minas no caso de se pôrem em extracção, tributo bastantemente rendoso, pelo qual pagam todos os generos exportados da villa de Santos para fóra da capitania, e para outras partes da mesma, com este fundo, e si fôr preciso, com algum que venha do erario das geraes, porque n'essas a receita excede em muito á despeza, póde dar-se principio a este estabelecimento. Talvez quando a contribuição litteraria não bastasse, parecesse justo, em vez de fazer um emprestimo, impôr um novo tributo; mas o povo d'esta

capitania está já tão onerado, que me não dá lugar a lembrar similhante cousa; e eu não enumero todos os tributos, de que estão gravados os povos, por saber, que V. Ex.ª está a este respeito melhor inteirado do que eu. Alem d'isso, nenhuma capitania principiante (não obstante ser das primeiras povoadas) tributos impostos sobre generos agriculturaes (como aqui se tem feito) só servem de definhar e matar a agricultura nascente. Eu me não lembro de propôr a extracção d'estas e outras minas, que com o tempo se descobrirem, por companhias, nas quaes cada particular entra com uma ou mais acções, e depois de pagas as despezas, o liquido se divide á razão das entradas, por saber, que uma similhante proposição é contraria ás vistas actuaes do governo.

Exportação do ferro.

O ferro fabricado n'esta ferraria póde ser transportado em carros, ou bestas, por uma estrada plana de cinco leguas a Porto Feliz, e d'ahi embarcado para Matto Grosso, Cuyabá etc. Póde tambem vir por terra a S. Paulo (distancia de vinte leguas e meia) da cidade ao Cubatão (nove leguas pouco mais ou menos) e d'ahi embarcado para Santos, d'onde póde ser transportado para as differentes capitanias do Brazil; ou melhor conduzido por terra á aldêa de Baruiri, cuja distancia é de dezoito leguas, e d'ahi embarcado no Rio Tieté, Pinheiros, Rio Grande, Pequeno, no caminho de S. Paulo para Santos, d'onde póde ser carregado em bestas, que se tenham de sobrecellente na fazenda do Cubatão. Quanto á navegação pelo Tieté acima, é impossivel pelo salto de Itú, salto de Pirapóra, caxoeira de Perataraca, e outras, que não relato. Não é menos possivel transporta-lo pelo Rio Sorocaba acima até perto da Cotia, e d'ali a conducção por terra até o Rio dos Pinheiros, como eu tinha projectado, porque os grandes saltos de Uruturanti, Itúparananga, e a caxoeira de Perataraca são obstaculos invenciveis á similhante navegação. A varação das canôas em todas as mencionadas difficuldades, e outras que não apontei, por enfadonha e dispendiosa, não póde fazer conta alguma. Ultimamente, póde o ferro ser conduzido por terra a Itú (distancia de seis pequenas

leguas) por onde passa a grande estrada das tropas e gados de S. Paulo para as geraes, que tem igual necessidade de ferro barato para a extracção de suas lavras mineiras; eu já não fallo do grande consumo, que toda esta capitania ha de dar ao ferro extrahido d'estas minas.

Providencias necessarias ao bom exito d'este estabelecimento.

Em consequencia de todo o referido, se parecer conveniente á S. A. R., que se dê principio a esta fabrica, creio, são de toda a necessidade as providencias seguintes: 1.ª mandar vir com a possivel brevidade d'aquellas partes d'Allemanha, em que se trabalhar em minas da mesma natureza, um habil fundidor, que entenda tambem da construcção dos fornos altos, e um forjador, que seja amestrado na reducção do ferro em aço, os quaes ensinando os do paiz as manipulações da fusão e refino do ferro, formarão para o futuro homens habeis e praticos, capazes de serem empregados em outros similhantes estabelecimentos; 2.ª reclamar as sesmarias ou doações feitas em terras do morro, e de meia legua em roda contada das faldas d'elle, visto ser todo este terreno districto das minas, e mattos, e si parecer conforme com a equidade de S. A. R. indemnisados com outras sesmarias; 3.ª nomear um conservador de mattas, que por via de regra deve ser o mesmo director geral afim de evitar mais despezas; este deve ter a seu cargo o fazer o aproveitamento das ditas mattas por córtes regulares, e a eito, attendendo ao perfeito crescimento das arvores, de feição, que sempre haja uma folha inteira a cortar, que basta ao consumo d'estas ferrarias, e o ensinar devidamente o methodo mais adequado e economico para a factura do carvão; 4.ª acariciar por meio de premios e privilegios razoados, tanto os indios, como homens do paiz, e conceder-lhes, que nos dias de descanso possam plantar n'aquellas partes do districto, que estiverem incultas, e em que não houver mattas, pondo sempre de reserva os campos precisos para pastos dos gados necessarios ao costeio da mesma fabrica; este será o melhor meio de ter um numero certo de mineiros habeis, interessados no bom exito d'esta ferraria, carvoeiros, carreiros e outros

obreiros; 5.° nomear um escrivão de receita e despeza, entrada e sahida e um feitor tambem encarregado da economia das lenhas e carvão, advertindo porém, que não ha precisão de dar estes lugares, senão depois de principiarem a trabalhar estas ferrarias, porque é contra todas as regras da boa economia fazer despezas sem tirar lucros; 6.° si para o futuro erigir a creação de outros similhantes estabelecimentos, nomear um inspector particular, o qual possa servir no tempo da ausencia do director. Todos os officiaes devem estar debaixo da immediata direcção e ordens do director geral, o qual será obrigado a dar as contas ao governador da capitania, a quem tambem recorrerá, quando precisar do seu auxilio para o bem d'este estabelecimento. Com estas e outras providencias, que as luzes de V. Ex.ª podem subministrar, parece-me de toda a necessidade o fazer-se um regimento para a administração assim economica, como policial d'estas ferrarias.

Esta memoria foi copiada de um livro da secretaria do governo da provincia de S. Paulo, que tem no rotulo — Documentos.

S. Paulo, 16 de Junho de 1852.

A. da Costa Pinto Silva.

CÓPIA.

Da parte que deu o capitão de granadeiros Candido Xavier de Almeida e Souza.

SOBRE O DESCOBRIMENTO DO RIO YGUREHY.

(Offerecido ao Instituto pelo Sr. Antonio da Costa Pinto).

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Vendo quanto favorece o céo as acertadissimas disposições de V. Ex.ª, anticipa-se minha fiel escravidão, tanto a dar o mais plausivel parabem de tanta felicidade, como pôr na presença de V. Ex.ª, logo que chegamos a este sitio denominado Curussá, á margem do Tieté, em que encontro possibilidade para ir por meio d'esta aos pés de V. Ex.ª, que voltamos todos com saude, feliz e prosperamente. Está V. Ex.ª na posse do rio Ygurey á margem occidental do Paraná, sete leguas abaixo da parte superior das Sete-quedas, na mesma situação, em que o demonstra a carta de Mr. de Anville. Foi Deos servido levar-me ao dito rio no dia 10 de Julho ás 5 horas da tarde, ao depois de vinte e quatro dias de trabalho por terra, e meio de navegação, da maneira por que vou expôr a V. Ex.ª

Ex.mo Sr., com notavel difficuldade e indizivel trabalho pude conseguir o fructo d'esta diligencia e obedecer ás ordens de V. Ex.ª por entre tantos perigos, pela diminuta força de gente com que entramos para ella; mas esforçando-se a minha obediencia em dar cumprimento ás ordens de V. Ex.ª, chegamos em frente das Sete-quedas no dia 10 de Junho ás 9 horas da manhãa com vinte e nove dias de viagem do porto de Araritaguaba: e na ultima ilha, que ali está, estabelecemos o acantonamento para existencia das canôas, e mantimentos de reserva, e mais petrechos, conforme as ordens de V. Ex.ª No dia 11, logo pela manhãa, sem querer perder um instante de tempo, embarquei com seis soldados em um batelão, e passei á parte oriental a examinar o terrreno até abaixo dos saltos: o meu tenente-coronel,

esforçando-se mais do que o permittem suas idosas enfermidades, embarcou tambem com seis remeiros em outro batelão e seguimos todos. Com grande trabalho principiamos a picar o matto, porque ao depois de passarmos um aprazivel laranjal, entramos em um silvado espesso, e taquaral espinhoso, em que pouco se adiantavam os golpes dos facões: pouco andamos, quando entrando em um arranchamento de indios de quatro ou cinco dias antes, e picadas francas, por ellas nos servimos até abaixo dos saltos, sem mais detrimento de picar matto, a extensão de legua e meia, que tanto tem aquelle transito por tres pontas de serras, que vem abeirar ao rio, e penedos bem agros de transitar. D'ali pude observar prudentemente que era frustrado todo o trabalho por aquella parte para o nosso intento, porque os altos penedos da occidental não permittem averiguar-se de cá o que de lá se occulta: por cima dos da margem oriental, que estão mais proximos ao rio, não se póde dar passo para baixo, e a fazê-lo pelo matto, ficavamos na mesma indecisão do que o rio contém. Ex vi do que dispuz-me logo a passar d'ali para a parte occidental e retiramo-nos para a ilha das Barracas que assim denominámos a do nosso acantonamento. No dia 12, logo que o permittiram as luzes do dia, passei á parte occidental com o mesmo numero de poucos soldados e remeiros, onde tambem quiz ir o dito tenente-coronel. Encontrámos terreno mais plano e melhor matto, deixando as canôas dentro de um pequeno braço do Paraná por detraz de uma pequena ilha; n'este lugar fizemos porto, a que denominamos de S. Francisco, eternisando assim d'esde já o Ill.mo nome de V. Ex.ª Picámos matto aquelle dia todo até um ribeiro corrente, em cuja margem pernoitamos, sem mais abrigo que o das arvores frondosas e sem coberta mais que a do frigido sereno d'aquella noite. No dia 13 ás 10 horas da manhãa sahimos abaixo dos saltos, em distancia de legua e quarto por aquella parte, onde não encontrámos indicio algum, que esperançasse o bom exito de nossa diligencia e com esta desconsolação nos recolhemos ao nosso campo. No dia 14 partiu o dito tenente-coronel em uma canôa a navegar um pantano alagado, que ha por cima do porto de S. Francisco até a barra do Iguatemy, em busca do rio Ygurey, e reco-

heu-se ás 2 horas da tarde sem mais fructo, que o cansado trabalho dos remeiros: a mesma diligencia, repetiu no dia 20, em que chegou á barra do rio Iguatemy. No dia 16. fiz adiantar uma partida para a parte occidental com facões, fouces e machados a proseguir uma picada, por onde podessemos desembaraçadamente transitar; e eu parti no dia 17 com oito soldados e dezoito remeiros das canôas, abrindo um largo caminho estivado com andaimes por cima dos ribeirões e sangas mais profundas, para com mais brevidade varar duas canôas, como fiz, na esperança de achar em poucas leguas navegação no Paraná por baixo das Sete-quédas, e embarcar sem a demora de fazer canôas e ir com mais brevidade dar um inteiro cumprimento ás ordens de V. Ex.ª, e d'esta sorte asseguramos por terra o feliz descobrimento de um caudaloso rio com a configuração seguinte:

Dia 21 de Junho ás 9 horas da manhãa. Desemboca este rio no Paraná entre altissimos paredões de pedras, mais altos para a parte do norte, e para a parte do sul menos elevados; vem as suas aguas em arrebatadissimas cachoeiras; em pouca distancia acima de sua barra faz um salto com a altura de duas braças. Um quarto de legua acima da dita barra faz o primeiro assento, onde desemboca um ribeiro parado, nativo de algumas pequenas lagôas circumvizinhas, que tem á sua margem da parte do norte, por onde fiz todas as averiguações: pouco acima do ribeiro ha quatro ilhas vizinhas entre cachoeiras, umas maiores que outras; até a distancia de meia legua acima da sua barra sóbe a rumo de noroeste, e ahi desemboca um ribeiro pequeno e corrente da parte do norte, com algumas poucas pedras no fundo. Entramos ali em principio de um herval de Congonhas, de que nos provemos para toda a jornada: d'este lugar para cima curvando-se o rio em um quieto assento navegavel e largo, isento de cachoeiras, sóbe a rumo de oeste; nós voltamos do dito herval, receiando encontrar n'elle alguma vizinhança importuna. Tem o dito rio de largura no primeiro assento abaixo da ilhas sessenta e tres palmos e meio, e tem de fundo doze, sendo n'este lugar todo lageado; o paredão de pedras do pontal, da parte do norte da sua barra, tem de largura cento e 1 palmos e duas pollegadas e meia. Aqui tive demora

em fazer uma pinguella de madeira fortissima, sobre doze tesouras, que tantas levou, para passagem dos avisos, que necessitasse fazer, e dos conductores de mantimentos, que me eram precisos conduzir em parcellas, por não ter gente sufficiente para trabalho tão efficaz. No dia 23 ás 11 horas chegou conduzido em uma rêde, por causa de suas molestias, a vêr o dito rio, pela parte, que lhe eu dei de haver descoberto, o sobredito tenente-coronel João Alves Ferreira, e não querendo parar n'aquella parte um só instante, voltou no mesmo dia para o seu acantonamento da ilha das Barraças, onde conservou-se todo o tempo que andei n'esta diligencia.

Passei ao sul do rio da Pinguella, abrindo caminho e varando por elle as duas canôas, que conduzia, e tendo marchado uma legua e quarto chegamos defronte da barra do rio Itatú, que cahe no Parana pela parte oriental, e precipitando-se por cima dos penedos, faz tal estrondo, que se ouve na distancia de duas leguas abaixo. Aqui achei commodidade e porto, pela quebra de um ribeirão, por onde lancei uma canôa no Paraná com cinco remos, para ver praticamente o effeito de suas espantosas fervuras. Teve a dita canôa que submergida entre os redimoinhos, d'onde sahiu salva por mercê de Deos, mostrando-nos a experiencia que para aquella arriscadissima navegação precisavamos de canôa de maior porte. Tiramos aquella para terra, e continuamos a marcha com o mesmo laborioso trabalho. Em distancia de quatro leguas e meia de caminho andado, achei um paú sufficiente, de que fizemos em seis dias uma canôa maior. Em distancia de seis leguas de varação, parecendo-me o rio mais moderado, por uma quebra que achei entre os paredões de sua margem, que d'ali para baixo são mais trataveis e permittem andar por ella, puz n'agua as tres canôas, na conjectura de que não haveria para baixo mais obstaculo que me embaraçasse uma velosissima navegação. No dia 10 de Julho pelo meio dia, despedindo os trabalhadores para a ilha das Barracas a fazerem companhia ao tenente-coronel, que ali se achava residindo, embarquei nos tres batelões com oito soldados e dez remeiros, que unicamente cabiamos, sete saccos de farinha, tres de feijão, dous cunhetes de cartuxos, polvora, chumbo etc. Com

tal contentamento navegamos as furiosas correntes d'aquelle soberbo rio, que julgamos concluir a jornada em quatro ou cinco dias, e que nada nos ficasse occulto, nem por averiguar n'aquelle sertão, quando repentinamente nos vimos submersos todos em uma confusão de redemoinhos e bombas d'agua, d'onde nos tirou a Providencia Divina, ao depois de muitos trabalhos e afflicções, em que julgamos aquella a hora ultima, e ninguem livrar-se para dar noticia do succedido. Antecipando-nos aquelle para isentar-nos de outro perigo maior, em que inevitavelmente pereceriamos todos, quizemos tomar terra, e a não conseguimos senão d'ahi a meia legua abaixo para a parte oriental, d'onde observamos estar já na frente de um grande e afuniniladó tombo d'aguas tão perigoso como intransitavel. Emprehendemos passar para a parte occidental, onde tinhamos o nosso caminho e proseguir por terra como d'antes, de que com muita brevidade nos arrependemos, porque subindo por cordas tiradas de cima dos penedos com as canôas muito para cima, e largando para a outra banda a toda a força de remos, fomos de improviso arrebatados pelas correntes até á frente do precipicio, onde tomamos porto em uma alta e formosa ilha sobre penedos, abastecida de alto e grosso arvoredo, sendo a primeira que encontrei abaixo das Sete-quédas, a que denominamos da Senhora do Pillar, e ali assentamos o nosso campo emquanto observavamos o que tinhamos na vanguarda, e as circumstancias do formoso rio Ygurey, que ali se nos apresentou com a barra defronte d'esta alterosa ilha. Sóde o formoso rio Ygurey a rumo de noroéste, um quarto de legua até o primeiro assento; tem de largura na sua barra cem palmos, pouco acima faz a primeira estrondosa cachoeira, por onde dá vão com muito trabalho com a extensão de um quarto de legua até o dito primeiro assento, em cujo termo dá navegação de canôas carregadas, e tem a largura de cincoenta palmos e dezesete de fundo: acima d'este obscuro e parado assento curva-se para oéste, e n'este rumo sóbe aguas até onde não chegamos a averiguar, correspondendo-lhe pelo occidente o rio Curuy-guassú, que corre para o Paraguay, e faz barra seis ou sete leguas acima de Curugmaty, como aqui affirmam alguns companheiros praticos, que lá foram em outro tempo.

Da referida ilha expedi tres camaradas para o porto de S. Francisco a fazer retroceder os trabalhadores, que chegaram no dia 13 ás nove ou dez horas da manhãa. D'ali observamos as novas difficuldades, em que prosegue o Paraná a precipitar-se por entre serras, que ali chegam ás suas margens, e abrindo-se-lhe tambem o campo occidental, fomos presentidos dos indios Hespanhóes, que imperceptivelmente vieram no dia 14 espreitar o nosso campo, como nos mostraram as suas trilhas e picadas na mesma tarde, em que fomos á terra firme dispôr a continuação do nosso caminho, d'onde nos recolhemos com a certesa de estarem os alojamentos em pouca distancia pelos frequentados caminhos, que cultivam aquelle matto. No dia 16 logo pela manhãa por toda a parte se incendia o campo occidental á beira do rio, e d'ahi a poucos instantes corresponden o campo oriental em mais distancia, pois no dia 13 se havia incendiado e turbado todo o horizonte defronte do nosso acampamento.

Presentida a nossa partida no campo inimigo, a estrada do nosso regresso por aquella parte nos ficou cortada; o rio cada vez mais obstinado em nos denegar a sua navegação, sem o refrigerio de podermos passar á margem oriental sem o evidentissimo risco de arrebatarem-nos as cachoeiras, como já observamos á custa de nossa experiencia, determinei retirar-me á ilha das Barracas, reforçar com a gente mais capaz de mover as armas, que não havia muita, e passar á margem oriental por cima das Sete-quédas, e desde logo picar o matto até onde encontrasse navegação na distancia que fosse, e quando a achasse ou não podesse fazer canôas e embarcar, caminhar por terra até o meu destino, em cumprimento das ordens de V. Ex.ª Com esta resolução cheguei á ilha referida aos 18 do mez, incapacissimos todos pelas continuadas chuvas, de que fomos vexados em toda aquella desabrida jornada. Para logo porém mandou o tenente-coronel João Alves Ferreira desesperadissimamente apromptar canôas e gente para recolher-se, sem admittir razão alguma, deixando-me com os espiritos supitados e atadas as mãos para proseguir na diligencia, pois sendo-lhe precisas trinta pessoas, quando menos para varar canôas, nos dous saltos, inutilmente me ficavam vinte para pe-

retrar um sertão pelo menos de quarenta a cincoenta leguas, povoado de inumeraveis indios, que habitam aquelle continente, quando toda a pequena expedição não era bastante para diligencia tão ardua e tão arriscada. Deixamos d'este modo descobertas d'esta vez, seis leguas e meia da barra do rio Iguatemy ao da Pinguella, e quatro e meia d'este ao rio Ygurey: ao sul d'este andamos duas leguas e meia abaixo pelas margens do Paraná, e chegamos onde fazendo segundo aperto, faz outro tombo d'aguas como nas Sete-quédas, e da mesma sorte encana entre penedos, e assim prosegue quanto d'ali alcança a vista, sem que em distancia de nove leguas e meia, que andamos, seja possivel admittir navegação, como observamos á custa de nossa propria experiencia.

Deliberei-me subir ate o porto de Ararítaguaba, onde chegamos com quarenta e seis dias de navegação e viagem felicissima, sem um só de chuva, e aqui com toda a gente esperarei a mercê das ordens de V. Ex.ª, fazendo n'este comemos uma casa, em que sufficientemente possam com commodidade acautelar-se dos rigores do tempo as sete canôas de nosso transporte.

Sahimos do acantonamento da ilha das Barracas no dia 20 de Julho, e em dezoito dias subimos o Paraná, tomando no dia 7 de Agosto á barra d'este Tieté, em que havemos tido a demora de vinte oito dias.

Em 25 de Agosto nos encontrou o sargento Ignacio Alves de Toledo, por quem eu esperava, conhecendo o seu avultado prestimo, com os mantimentos, com que quiz soccorrer-nos a cuidadosa piedade de V. Ex.ª, a quem repetidas vezes rendemos as devidas graças; os ditos mantimentos vem intactos, porque ainda os trazemos com sobra bastante á excepção de algum toucinho, de que nos servimos, porque do que levamos, corrompeu-se a terça parte por mal curado, e o mesmo aconteceria a este, que ainda ia com menos tempo de beneficio.

Todos os meus companheiros se tem portado n'esta acção com incomparavel zelo, fidelidade, constancia e valor, pelo que se fazem dignos da preciosa attenção de V. Ex.ª; muito principalmente o sargento Miguel Pinto dos Anjos, que desde agora o proponho aos olhos de V. Ex.ª, para sendo servido lembrar-se do seu distincto

merecimento, possam assim animarem-se de novo os que bem se empregam no serviço de Sua Magestade e no devido desempenho das respeitaveis ordens de V. Ex.ª

Meu Sr. Ex.mo, as utilidades do real serviço de Sua Magestade, e as disposições mais do agrado de V. Ex.ª, tanto sabe prezar a minha submissa obediencia, que anteponho á minha commodidade propria, e ainda á minha saude: esta ainda Deos é servido m'a conservar em seu inteiro vigor, estou ainda na mesma acção, a maior parte das canôas promptas, parte da despeza feita, o tempo ainda favoravel, assim sendo do agrado de V. Ex.ª o de seu empenho o penetrar desde agora aquelle sertão, e ver quanto n'elle ha incognito, seja V. Ex.ª servido consignar-se um corpo de tropas mais numeroso e sufficiente, com cujas forças possamos sem palliar demoras, nem escogitar cautelas, costear o rio Paraná até a barra do Iguassú, ver por onde permitte navegação, e por ella passar á parte occidental, onde couber no possivel, de sorte que em breve tempo nada mais fique ali que se possa occultar aos olhos de V. Ex.ª

Nenhum trabalho nem cuidado me ficará na subsistencia de minha familia confiando firmemente, como devo, nas benignas e sinceras expressões de V. Ex.ª, com as quaes se dignou honrar-me, sendo mais proprias da benignidade de V. Ex.ª que do meu merecimento, e n'este reconhecimento, para abrigo meu e de todos os subditos, fui rogando a Deos guarde a illustrissima pessoa de V. Ex.ª muitos annos. Sitio de Curussá aos 2 de Setembro de 1783.—De V. Ex.ª, Ill.mo e Ex.mo Sr., o mais submisso, obrigado subdito e reverente captivo. — *Candido Xavier de Almeida e Souza.*

Esta parte foi dirigida ao capitão general Francisco da Cunha e Menezes, e acha-se na secretaria do governo de S. Paulo, livro dos officios para o ministro — annos 1782 a 1788.

S. Paulo, 1.º de Junho de 1852.

Antonio da Costa Pinto Silva.

DESCOBERTA

DOS

CAMPOS DE GUARAPUAVA.

(Offerecido ao Instituto pelo Sr. Antonio da Costa Pinto Silva.)

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Para dar cumprimento ás ordens de V. Ex. entrei pelo porto do Carrapato a 18 de Novembro e cheguei a estes campos de Guarapuava dia de Santa Barbara, 4 Novembro, pelas 3 horas da tarde, com a gente e trem, que consta do mappa incluso, passando todo o sertão, que é matto grosso de trinta leguas sem cousa de maior cuidado, nem achar novidade memoravel. Houve sempre bom tempo, a maior felicidade, que Deos foi servido dar-nos, pois si estivesse máu tempo, seria impossivel sahir fóra todo o trem, por causa dos cavallos não aturarem o matto, pelo pouco pasto, que n'elles ha, e sempre houve a perda de quinze ou dezeseis cavallos, que ficaram cansados e mortos.

Eu passei algumas noites bem mal acommodado, dormindo no capote, e cêando uma pouca d'agua fria, e outros incommodos por causa de ficar atraz todo o trem; mas agora nada lembra pelo gosto de ver n'estes alegres campos, e ter accrescentado aos dominios de Sua Magestade, no governo de V. Ex.ª, estes grandiosos campos e dilatados sertões, pois os campos que já tenho descoberto passam de quarenta leguas de norte a sul e leste a oeste, pelo que tenho andado mais de vinte com um grande rio, que passa pelo meio e por ter algumas cachoeiras não é navegavel em toda a parte: tem pelos campos muitos ribeiros grandes e outras aguadas, que offerecem alegres e de boa apparencia para criar, pois todos dizem que produzirão muita criação pela bondade dos pastos, que são de muito differente e melhor qualidade que dos campos geraes de Coritiba, e si Deos permittir que se povoem, será um delicioso paiz, pois os ares são muito alegres e as aguas excellentes, a terra mostra dará algíns

fructos do campo sem ser preciso plantar no matto, como fazem por Coritiba e outras partes, e assim podem formar-se muitas fazendas e povos, d'onde resulta para Sua Magestade grandes utilidades, pois tambem ha grandes esperanças de ouro para a parte de oeste, que, si houver tempo, hei de examinar antes de sahir para fóra, si Deos fôr servido.

No mesmo dia que sahi a estes campos deixando a maior parte da gente arranchada no capão de Santa Barbara, sahi com dous capitães de cavallo, José dos Santos Rosa e Francisco Carneiro Lobo a explorar o campo e ver o que n'elle havia; tendo marchado um quarto de legua atiramos um tiro e logo em distancia de tres quartos nos responderam com uma grande fumaça; presumindo ser gentio, achei o tenente-coronel Candido Xavier com vinte e oito camaradas em um forte, que tinha principiado com ranchos feitos e bastante cautela para defesa do gentio: foi inexplicavel o gosto, que todos tivemos por nos encontrarmos tão breve, quando era dos maiores cuidados, que eu tinha em ver gastaria muito tempo em topar esta gente, que tinha entrado pelo porto de Nossa Senhora da Victoria, ou que ainda não teriam sahido ao campo e que isto me demoraria. Tanto que quando o dito tenente me reconheceu, arvorou bandeira, que de uma parte tem Nossa Senhora da Conceição e da outra as reaes armas, e fez todas as mais demonstrações de alegria, que foi possivel, pois havia quinze dias que ali se achava, sem mais provimento que alguma carne secca de porco do matto e anta, com que passavam sem sal: ali me informei do estado d'aquella expedição e achei toda desbaratada, e certamente se não poderia continuar sem uma grande providencia pelo desmaio em que todos estavam, principalmente pelo desacordo do tenente Filippe de Santiago, que achando-se um dia ou dous de viagem d'estes campos, voltou para traz, foi ao porto de Nossa Senhora da Victoria, aonde recebeu cartas minhas, em que lhe dizia partia já para o Carrapato a entrar para estes campos, e esperava encontra-lo até o dia de Nossa Senhora da Conceição, que pretendia se dissesse a primeira missa n'estes campos, o que não foi bastante para deixar de seguir o desaccordo de subir pelo rio do Registo acima até o porto de

Nossa Senhora da Conceição da Cayacanga com o destino de se encontrar comigo pelo Carrapato e entrar juntos para estes sertões, sendo necessario para isso dar uma volta de mais de cento e cincoenta leguas, o que em dous dias conseguia continuando a marcha para elles d'onde se achava, passando de mez que partiu do porto de Nossa Senhora da Victoria com trinta homens em tres canôas até agora não tenho noticia d'elles.

Tambem tinham desertado vinte e quatro homens pouco antes do dito tenente Santiago partir levando as armas e facões, que tinham, de que o mesmo tenente não tinha dado parte, e depois de dar algumas providencias me recolhi pelas 6 horas para o capão de Santa Barbara, onde estava nossa gente, que já de um alto tinha visto a bandeira e torre, que reconheceram com um oculo, e festejaram com muita salva, e tambem lhe tinha mandado dar parte por um cavalleiro para os tirar do cuidado, que lhe podia causar minha demora. Ao outro dia 5 de Dezembro, contados os officiaes e mais gente, que me acompanhavam, marchei para o forte e com o maior alvoroço, nos acommodamos nos ranchos, que estavam feitos, e barraca, que levavamos, e todo o dia se passou em nos arrumarmo-nos. e no 6, sexta feira, pela 1 hora montei a cavallo com dezeseis cavalleiros, fui ver o campo para a parte de oeste, e tendo andado tres leguas não encontrei mais que campo e alguns capões, e tudo quanto podia descobrir, tudo era campos, e porque desejava saber onde ficava o Rio Grande, de que havia noticia, mandei o capitão Francisco Carneiro Lobo e ao tenente Francisco Lopes Cascaes continuassem até encontrar o Rio Grande e descobrir algum alojamento de indios, pois não tinha visto signal d'elles, mais, do que em varios capões, vestigios de roças antigas e me recolhi para a torre, onde cheguei pelas 10 horas da noite, e já todos estavam com cuidados pela minha grande demora. Ao outro dia, sabbado, vespera de Nossa Senhora da Conceição, chegou o capitão Carneiro e os mais, que foram ver o rio e deram noticia de ter chegado a elle, sem encontrar mais signal de gentio, e no mesmo dia se arvorou uma grande cruz no forte por signal da lei de Nosso Senhor Jesus Christo n'estes sertões, e á noite se fizeram grandes

fogos e luminarias: no domingo, dia de Nossa Senhora da Conceição, cantou o reverendo padre frei José missa, e festejou-se a mesma Senhora com o maior culto, que foi possivel, confessando-se muita gente, e quasi no fim da missa succedeu o que consta da relação inclusa: passou-se todo o dia com muito contentamento e varios divertimentos pelo gosto, em que todos estavam.

Na segunda feira sahi com os tres capitães e trinta de cavallo até o rio a ver o porto, onde haviamos de alojar, e dar ordens a fazer canôas para se passar a outra parte; chegamos já quasi noite a um sitio ao pé d'elle, onde nos acommodamos e pela muita chuva, que houve n'essa noite, passamos bem mal, e sem embargo de continuar a chuva, ao outro dia, 10, pelas 8 horas da noite a cavallo, ficando o capitão Lourenço Ribeiro com a sua gente a procurar o melhor porto do rio, e me recolhi ao porto de Nossa Senhora do Carmo, onde estava mais gente a dispôr a marcha, para quinta feira 12, para o rio. Fui para a parte de leste, que é onde sahe o caminho de Nossa Senhora da Victoria, para os campos, ver se achava melhor lugar para dar principio á fortaleza, e por não achar paragem sufficiente, nem me agradar o sitio, onde estava principiado. Na sexta feira com toda agente marchei para o rio, onde cheguei no sabbado, e já ali estava o capitão Lourenço situado em boa paragem, onde o rio dá vão por uma cachoeira estando muito abaixo e sempre com grande difficuldade.

Não posso no mappa, que presentemente offereço a V. Ex.ª d'estes campos, assignalar o lugar da fortaleza, que n'elles pretendo fazer, pois emquanto não alcanço verdadeiro conhecimento d'elles, não disponho o estabelecimento, mas si Deos me ajudar por todo o mez de Janeiro, que entra, me hei de estabelecer n'aquella parte, que achar mais commoda para dar execução ás ordens de V. Ex.ª

Deos guarde a V. Ex.ª muitos annos. Porto do Pinhão no Rio Jordão, 22 de Dezembro de 1771.

Affonso Botelho de Sampaio.

Relação do primeiro encontro que o tenente-coronel Affonso Botelho de Sampaio teve com os indios do sertão do Tybagy nos campos de Guarapuava, Dezembro de 1771.

Estando abarracado nas margens do rio Jordão, que passa quasi pelo meio dos novos campos de Guarapuava correndo d'entre norte e nordeste para o sul, e resolvendo passar a margem occidental para descobrir os campos, que se viam para a mesma parte, o fiz no domingo, 15 de Dezembro, ouvindo missa, que disse o reverendo padre capellão frei José de Santa Theresa de Jesus, acompanhando-me os tres capitães de cavallo da tropa auxiliar de Coritiba, Francisco Carneiro Lobo, Lourenço Ribeiro de Andrade e José dos Santos Rosa, o tenente Domingos Lopes Cascaes, os dous sargentos da praça de Santos, Manoel Gomes Marsagão e José Joaquim Cesar e varias pessoas mais, que por tudo faziam o numero de vinte e seis cavalleiros, sem provimento algum, pois faziam tenção de voltar no mesmo dia, e passando o rio na cachoeira, que faz no mesmo porto, que permittia váo com alguma difficuldade pela corrente, que faz o despenhado das aguas, e muito mais pelos caldeirões e canaes, que tem pelas lages, em que tropeçando os cavallos, fica evidente o perigo, como succedeu n'esta occasião, cahindo os cavallos de quatro camaradas, um se avizinhou á morte por se não poder desembaraçar dos estribos, e sendo levado com o cavallo pelo impulso das aguas a lugar fundo, onde foi visto dar tres voltas o cavallo por cima d'elle e, por milagre de Deos, escapou, e assim mesmo continuou a viagem: d'este perigo me não livrei, pois cahindo o cavallo, me lancei fóra com brevidade da sella, fiquei em no rio, dando-me a agua por baixo dos braços e pelo soccorro, que tive da gente de pé, que me avizinhava para cautelar o perigo, passei o mais arriscado a pé, até ganhar uma lage mais alta, que está quasi no meio do rio, e n'este passo tendo mais de cincoenta braças de largo pouco mais ou menos, grande parte é perigoso, por cujo motivo para o não repetir, retrocedendo á barraca para mudar roupa, fiz no meio do rio, na mesma lage, mandando vir da barraca a roupa, passando a gente de pé, que os cavallos todos corriam o

mesmo risco, e proseguindo passei o rio sem mais novidade. Continuei a viagem ao rumo de oeste com pouca differença, e chegamos a um capão, que serão cinco leguas de distancia ao posto, ao pé do qual se achou uma trilha de gente, e d'ahi a pouco um caminho, que terá um palmo de largo, bem seguido e logo assentei continuar por elle para a parte do sul para encontrar o gentio, de quem indispensavelmente havia de ser, e porque os cães sentiram porcos no tal capão, correram para elle latindo e alguns camaradas juntamente. Entendendo eu ser gentio, bradei parassem para o não maltrarem, porém segurando eram porcos montezes, nos demoramos algum tempo, em que os camaradas, seguindo aos cães pelo matto, mataram quatro, com que ficamos habeis a seguir o caminho, porque para isso só tinhamos algumas perdizes, que eu tinha morto, e assim seguimos o dito caminho até chegar ao corrego do campo do Craveiro. Distante uma legua d'ahi achamos um rancho grande e varios signaes de haverem pousado os indios, haveria oito dias, e por ser já tarde, determinei pousassemos, como fizemos arredado do passo cem braças, para aproveitar um verde bom para os cavallos e termo-los á vista, e porque o tenente Cascaes e tres camaradas se tinham adiantado para explorar, e já era noite, repetiram-se as salvas no pouso para se recolherem a elle, o que fizeram pelas 8 horas da noite, e cêamos muito bem porco do matto assado e perdíz, e dormimos com muito socego estendidos pelo campo com cautela de sentinellas, para não parecer imprudencia. Toda a noite nos cercaram grandissimas trovoadas, que, por milagre de Deos, corriam para differentes partes, e passamos sem incommodo algum. Na segunda feira, logo de manhãa, juntos os cavallos, sem mais demora partimos, porque uma grande trovoada, que ameaçava horrorosa chuva nos não apanhasse a pé, tendo escapado de tantas em toda a noite passada. Proseguimos viagem acompanhados bastantemente d'ella, seguindo o mesmo caminho do gentio, e depois de encontrarmos alguns passos impertinentes para os cavallos, tendo marchado mais de legua, avistamos em um alto um grande rancho do gentio, onde chegando, o achamos deserto de poucos dias; e n'elles foram vistas varias alcofas ou ces-

tinhos, em que o gentio tem guardados os seus pobres trastes, e entre estes foi achado a semi-trunfa composta de pennas não mal tecidos, e uma fita branca, á maneira pe liga, trançada, dous novellos de fio muito bem fiado, panellas, porungos e um grande de metal, caracachas e outras cousas, com que costumam fazer os seus festejos. Nas fontes vizinhas lagos de pinhões e outros viveres, de que se costumam sustentar, e porque se lhes tiraram alguns d'estes trastes para mostrar-lhes, recompensei deixando uma carapuça vermelha, duas facas, missangas, medalhas, anneis, maravalhas, frocos, e outras cousas similhantes, e proseguindo mais a distancia de duzentas braças, estava em um capão, uma roça de perto de alqueire de planta de milho, que já pendoava. Continuando o caminho, por elle achamos varios alojamentos e um bastantemente grande, queimado do fogo do campo: na distancia de tres leguas boas achamos outros tres ranchos grandes, que bem acommodam cento e cincoenta pessoas, e um pequeno, onde por vir o cavallo de um camarada cansado, determinei pousassemos, seria uma até duas horas da tarde; e para melhor cautela mandei ao capitão Francisco Carneiro Lobo junto com o tenente Domingos Lopes Cascaes com mais dous camaradas a explorar o campo. Seguiram o caminho para diante, que parecia mais trilhado, por haver já varios que sahiam do mesmo rancho, e dos camaradas, que ficaram, oito foram para a caça para o matto, e eu com Paulo de Chaves, um sargento e um soldado ás perdizes.

Nos ranchos ficaram o capitão Lourenço Ribeiro e o capitão José dos Santos com os cansados para o que se barreou um dos ranchos, onde foi achado um cirio de milho branco, rôxo e amarello, todo pororuca, que teria um bom alqueire, do qual se remediou a necessidade do cavallo cansado, e a nossa com piruas, que é milho torrado feito em uma panella dos gentios que se acharam duas de que todos comeram e gostaram muito bem, e eu os acompanhei com o mesmo gosto, bebendo emcima uma pouca d'agua, que foi a sobremesa. Fui ás perdizes e matando quatro á vista do rancho, me recolhi, quando já apparecia o capitão Carneiro e os ditos exploradores, dando muita salva e repetindo-as, tivemos bom annuncio, vindo o tenente sem

véstia e sem barreto, e um camarada João Lopes, nú, só com as ceroulas e os mais sem alguns trastes, que levavam, o que nos fez inferir tinham dado tudo ao gentio, pelo alvoroço com que vinham. E logo contaram que tendo marchado pouco mais de uma legua, encontraram um rancho queimado, e logo mais adiante em um lago, irando pinhões um indio com cinco filhos, que por verem-os arrebatadamente fugiram, e elles á rédea solta os alcançaram, fazendo logo ao longe signal de paz, batendo palmas, com o que parou o indio sobresaltado em extremo susto, do que logo tiraram dando o tenente uma carapuça de pirão encarnada, que duvidou o indio pegar n'ella, mas botando-lhe de cima do cavallo, a apanhou antes que chegasse ao chão, ficou alegre, e muito mais, quando o mesmo tenente despiu uma ximarra de baêta côr de rosa, que levava vestida, e pegando n'ella a abraçou muito mais alegre e contente: logo se apeou o mesmo tenente e lh'a vestia, com o que ficou muito mais satisfeito. João Lopes, que tinha dado alcance aos filhos lhe vestiu as suas mombachas, dando a véstia de guingão a um filho, a camisa de bretanha a outro; o capitão Carneiro deu um lenço branco com listas vermelhas a uma filha do mesmo, outro camarada Diogo Bueno deu outro lenço e abraçaram muito aos pequenos, mostrando-lhes muito agrado, de que o pai ficou muito satisfeito, dando abraços a todos, e praticando por acenos, por se não lhes entender a lingua, disseram-lhes onde estavamos arranchados, e prometteram de vir ao outro dia. Por fim deu mais João Lopes ao pai um facão, que mostrando gosto nas mais dadivas, com isto fez extremos de alegria, pondo-se a cortar o capim do campo com elle, o que vendo os nossos foram ao matto buscar um páu, e o cortaram em muitas partes diante d'elle, que mostrou maior contentamento, e despedindo-se por acenos, certificou de vir ao outro dia com mais companheiros. Os nossos camaradas, que indo á caça ao matto, ouvindo as salvas, e entendendo estarmos atacados do gentio acudiram a toda a pressa, e certificados d'aquelle encontro suavisaram a perda da caça em gostos. Passamos a noite com as cautelas necessarias, sendo tão grande a chuva e trovoadas, principalmente depois de rezar, que chovia nos ranchos, como si fosse no campo. Terça

feira, 17, se cuidou em reunir os cavallos, e porque o pasto era massegoso, se espalharam de tal sorte, que até o meio dia, ainda não tinham apparecido todos, pelo que teve o gentio tempo até ás 9 horas de achar-nos no seu arranchamento, vindo primeiro oito guiados pelo que no dia antecedente tinha sido vestido pelos exploradores. Foi João Lopes e o tenente recebê-los um pouco desviado do rancho, abarracando os e fazendo-lhes muitas cortezias, o que os livrou de algum receio, com que vinham, e chegando a nós muito alegres os tratamos com gran le carinho, e si o vê-los mansos causou prazer, compaixão grande foi vê-los nús, sem roupa ou compostura alguma: traziam a modo de camisa sem mangas, e estas mesmas sendo muito curtas arregaçadas de sorte, que se lhes via todo o corpo da cintura para baixo. Dous d'estes traziam um bastão na mão, dos quaes vai amostra; inferimos ser insignias de officiaes entre elles, e os mais com arcos e flechas, de que tambem vão amostras, sendo todos moços, bem feitos e claros, tendo os mais velhos cincoenta annos: os cabellos compridos de um palmo pouco mais ou menos, cortados por diante muito redondo, e dous com corôas bem redondas nos lugares em que as tem os nossos padres: as sobrancelhas em geral raspadas, as barbas a uns mais crescidas, a outros menos, e perguntado-se-lhes por acenos, porque as não traziamos nós, responderam pelos mesmos que por não terem com que: a falla tão barbara, que é inteiramente distincta da geral indiana. Foram logo vestidos, despindo-se os nossos das proprias camisas do corpo. pois o trem todo nos ficou no porto, que diz ter mais de dez leguas: tirei a vestia, que levava vestida, que era côr de canna com botões brancos, ficando com um sobretudo, e a vesti a um que já tinha camisa, que todo si mirou. Puz-lhes ao pescoço algumas medalhas, maravalhas e vidrilhos, que por cautela tinham ido, e os mais camaradas deram a maior parte dos seus trastes, ficando quasi nús, e tambem muitas facas e facões, o que elles mais que tudo estimaram, e um machado, que ia para fazer algum caminho, que fosse necessario, mostrando por acenos o estimarem para tirar mel. E assim como se viram vestidos disseram que iam chamar outros que tinham ficado no caminho, e foram dous a este effeito

correndo, e os mais ficaram tratando-nos com muita familiaridade, como se fossemos muito conhecidos. Pegando em cascas de pinhões, se offereciam a ir busca-los, caso os quizessemos, e dizendo-lhes que sim para os contentar, pegaram em dous jacazes que alli estavam, e travando da mão de um camarada (José Pinto) o levaram até á borda do matto, que distaria do alojamento onde estavamos dous tiros de espingarda, e ahi lhe deram a entender que voltasse para traz, porque era longe onde estavam os pinhões, o que elle fez logo.

Chegaram os dous, que tinham ido a conduzir os mais que atrás tinham ficado, os quaes eram oito, recebemo-los e vestimo-los como aos mais. Entre elles vinha um, que se chamava Pai, e que mostrava mais madureza; todos os mais me tratavam já por Pai: deram mostras de confiança, armando praticas imperceptiveis, com que queriam mostrar o seu agrado por acenos. Lhes pedimos que disparassem as frechas, o que promptamente fizeram, pedindo que disparassemos tambem as nossas armas, a que se lhe fez o gosto; e botando-se-lhe um bocado de coiro ao ar, lhe pedimos que atirassem, o que fizeram; porém foi errado; e mandando-lhe deitar ao ar, lhe atirei com tal felicidade de empregar toda a carga no dito coiro, em que logo pegaram, admirando-se todos de o ver passado de uma para a outra parte. Tiravam-nos as catanas das bainhas, pedindo muito lh'as dessemos, e se lhe deram outras cousas para os divertirem: pediam muito os botões das vestias por serem de casquinha reluzentes, e ao capitão José dos Santos tiraram alguns pela sua mão, cortando-os com um facão sem offenderem o panno, nem a corda do pé do botão. Chegaram os dous que tinham ido ao pinhão, despidos da roupa que lhes tinhamos dado para não sujarem, e trazendo bastantes pinhões o lançaram no meio do terreiro e lhe fizeram fogo em cima, entrando logo a pegar nelles e ensinando como se comião: pôz-se-lhe no terreiro um quarto de porco do matto e lhe dissemos que comessem, o que não aceitaram, convidando-nos muito a que fossemos a seus arranchamentos, e pegando-me na mão para me levar, andei um pouco e lhes disse fossem adiante que eu me punha a cavallo e lá iria ter, o que elles perceberam muito bem, e dei-

xando-nos alguns arcos e frechas se foram embora, mostrando-nos esperavão no seu alojamento: os dous que tinham ido ao pinhão nos disseram que para onde elles foram busca-los estavam cavallos, e mandando lá achámos cinco que nos faltavam e que se andaram a procurar toda a manhãa, o que tudo se percebeu por acenos, e nisto reconhecemos sua lisura. Depois de apparecerem os cavallos, sendo perto de uma hora, montámos. Fiz retroceder um camarada doente e tres que o acompanhassem para o Porto, e marchando com os mais, desejoso de fazer mais experiencia nos animos dos mesmos gentios, e para cumprir a promessa que lhes fiz de lá ir, segui o caminho que havião tomado, encontrando varios lagos de pinhão, providencia de que usão para o annual sustento, e uma rancharia queimada, e tendo caminhado mais de legua e meia, bem molhados da trovoada, se avistou de um alto a sua rancharia, e a poucos passos nos sentiram, sahindo alguns ao terreiro, como inquietos, vimo-los vestir a roupa, que lhes haviamos dado, vestindo um a camisa com o detrás para diante.

Seguindo nós a marcha sem alteração, e chegando já em distancia de cincoenta braças, vieram ao nosso encontro tres Bugres, um com bordão, e outros, como acima se declaram, sem armas, e nos faziam signaes com a mão de que chegassemos, e com vozes imperceptiveis, caminhando accelerados na nossa frente, receiosos dos cavallos, até ás portas do seu alojamento, e porque os cães que nos acompanhavam se embraveceram contra elles, e os nossos tiveram a cautela de promptamente castiga-los, reconheceram o auxilio e se puzeram em socego, conservando-se a maior parte delles armados, e apeados que fomos, nos fizerão com vozes e acenos o abrigo de seus pobres ranchos para que nos livrassemos da chuva que cahia, e para mais os agradar entrei em um rancho quasi de gatinhas pela pequenhez da porta, e logo dous delles comigo, levando-me direito ao fogo que estava no fim do rancho. Assentaram-se logo e me offereceram assento, o que fiz em um pedaço de páo que alli estava, e me offereceram do pinhão que estava ao fogo, e tirando um com a mão, descascaram e comeram, dizendo-me

fizesse o mesmo; outro, pegando em um atanaz de taquara, mostrando-me o uso que devia fazer della para tirar o pinhão do fogo, descasca-lo e comê-lo, m'a offereceu. Aceitei, e, tirando o pinhão, a passei ao tenente Cascaes, que comeu, e outros tambem o fizeram, dizendo que estes eram melhores que os trazidos do capão, com o que ficaram muito satisfeitos.

Sahi para fóra do rancho, estavam todos os camaradas para differentes bandas, mostrando reciprocos signaes de affecto e offertando-lhes algumas pequenas dadivas.

Offereci-lhes viessem ao Porto, onde havia muito que lhes dar, o que prometteram, dando mostras de trazerem suas mulheres e filhos, para que já as haviam mandado vir da aldêa principal, desculpando com isto a cautela que tinham tido pondo-as fóra do alojamento, conservando-se sómente nelle os que podião trazer armas, e bem mostravam o receio que tinham houvesse em nós traição; mas como não viram mostras, nos pediram muito ficassemos lá, pois tinham mandado caçar e melar para o Pai, que assim me tratavam: pegavam nas mãos dos camaradas para que fôssem com elles comer onde estavam as mulheres e os filhos e mostravam muito breve viriam. Faltavam alguns dos que pela manhãa tinham ido ao nosso ponto e outros que lá não tinham ido, e dos trastes que se lhes deu poucos tinham, o que entendemos terem dado ás familias: e vendo-nos com resolução de montar a cavallo, tornaram a rogar que ficassemos, pois havia de chover muito, o que assim foi.

Estando nós montados trouxeram-nos um grande tição de fogo, que levassemos: entendemos ser grande fineza pelo muito que lhes custa tirar, e quando estavamos a partir veio um offerecer um bastão dos referidos, um arco e uma frecha: aceitei e dei um lenço vermelho e as ligas das pernas, que é o que lhe podia alli dar, com o que ficou muito satisfeito.

Todos os Indios offereceram aos camaradas sua frecha, e vendo o gosto com que as aceitavamos, prometteram fazer muitas e trazê-las: pozemo-las diante de nós direitas ao ar com as pennas para cima e marchámos, do que elles fizeram grande galhofa: emfim voltámo

com resolução de virmos ao Porto, e passando pelo pouso, d'onde tinhamos sahido, levantámos uma grande cruz para memoria de que alli tinhamos chegado, e o primeiro lugar onde Deos principiou a abrir as portas de sua divina misericordia a este gentilismo, que nunca presumia acha-lo tão humano e tratavel como experimentei.

O Mesmo Senhor permitta-lhes a luz para acertarem com o caminho da sua divina lei e os traga ao gremio da igreja, e a mim forças para continuar n'esta grande obra.

Ficou-se chamando este pouso o de Santa Cruz, e continuando a viagem debaixo de grandes trovoadas e infinitas chuvas nos veio a anoitecer no meio do campo, e porque os camaradas se pozeram em opiniões sobre o rumo dos campos se foram apartando pelo escuro da noite, de fórma que me achei só com o capitão Lourenço Ribeiro, capitão José dos Santos Rosa e dez camaradas quasi perdidos, sem saber para onde marchariamos. Nos abrigámos a um capãozinho e ahi passámos a noite sobre a terra branda, por molhada da chuva, supprindo a falta da cêa o ensopado da roupa. Cuidou-se muito em fazer uma boa fogueira, procurando-se a lenha molhada com uma luz.

A este tempo ouvimos salvas e conhecemos ser o capitão Carneiro com alguns camaradas; respondemo-lhes, e conhecendo elle estarmos já pousados, o fizeram tambem em um pequeno capão, e os mais camaradas, que se achavam divididos, fizeram o mesmo: e porque pelo direito estariamos distante do Porto até legua e meia, a tropa, que n'elle velava cuidadosa, ouvindo os tiros, nos julgaram em algum perigo; e porque o Jordão não dava váo pelas cheias das trovoadas, cuidaram logo em botar uma canôa que tinham principiado no rio, e passaram para outra banda, fazendo varias diligencias para nos encontrar, dando salvas, até que com a manhãa montámos, e nos fomos juntando de fórma, que ao mesmo tempo chegámos todos ao mesmo Porto, onde com a noticia do passado fomos recebidos com reciprocas salvas, sendo inexplicavel em todos a alegria, vendo quanto Deos favoreceu esta empreza para reducção deste immenso povo pagão.

Neste dia 18 chegámos, como já disse, a este Porto, onde a alegria dos que ficaram de nos ver voltar illesos e a emulação e pezar de nos haver deixado, á vista das noticias do occorrido, deu bastante materia para que, divertidos com as maiores demonstrações de alegria, passassemos estes dias até hoje, domingo, 22 do corrente; na esperança de vermos n'este porto o gentio; o que se deu, apparecendo hoje ás sete horas e meia da manhãa defronte do porto em um alto alguns, e porque logo se percebeu que outros cautelosamente se encobriram por detrás da lomba, ordenei á nossa gente, que curiosamente se alvoraçava a vê-los, se não movessem das barracas e ranchos onde estavam e não pegassem em armas fóra do rancho, para que o nosso socego lhes diminuisse o receio. Passou logo á outra banda em uma canôa a recebê-los o capitão Carneiro, João Lopes, e outros mais: com carinhos, abraços e offertas os resolveram logo a passar o rio, gritando primeiro prendessem os cachorros, advertencia dos mesmos Indios.

Offertando-se a canôa para a passagem, elles por acenos disseram ao capitão Carneiro que passasse elle que estava de botas, que elles irião pela cachoeira, apontando para baixo onde ella existe e dá vão, acompanhando-os um moço, Francisco Martins, o qual posto adiante, ao passar do vão, só o permittiram em quanto baixo, porém chegados que foram ao fundo e mais perigoso, pozeram-no para trás, tomando dous a dianteira a sondar a passagem, e tanto que estiveram deste lado, entraram a procurar por Pai, que assim me tratavam, receiosos de chegar aos mais, até que sahi a recebê-los.

Fizeram-me muita festa e muito alegres chegaram á minha barraca, onde mandei dar dous covados de baêta a cada um, ou á maior parte d'elles, tangas pintadas, facas, contas e outras infinitas cousas que estavam preparadas, e a confusão com que chegavam uns e se retiravam para chegarem outros, não deu lugar a que se pudesse fazer o verdadeiro computo de tudo que levaram. Dos primeiros que chegaram á barraca foi uma moça, que teria 16 annos pouco mais ou menos, bem feita, e se andasse tratada se não conheceria por India. Trazia sua tanga apertada pela cinta, que dava por

cima dos joelhos sem mais compostura alguma: preparou-se com uma tanga de sufuluti e baêta vermelha, ao pescoço varias missangas, pentes na testa, chapéo na cabeça, de que ficou muito alegre, e foi dizer aos seus, tanto que sahio da barraca, que estava muito bonita, o que se lhe percebeu por ser quasi na lingua da terra; todas as suas acções eram obradas com honestidade.

Vieram mais duas mulheres, que passavam de quarenta annos, que foram vestidas da mesma fórma; varios rapazes de oito annos para cima, todos bem feitos, e um que teria dez annos vestio Antonio da Silva Freire, dando-lhe camisa de linho e calção branco, véstia e chapéo, que não parecia Indio creado nestes sertões, mas sim rapaz nascido em uma terra muito civilisada. Veio tambem um Indio pequenino que teria dous annos e meio até tres, o Pai trazia-o ás costas, era bem feito e bonito, e tanto que se vio entre nós chorou com bastante excesso, mas, dando-lhe uma baêta vermelha e varios brincos, logo se accommodou.

Finalmente porque um tomou um machado em um rancho, sahindo com elle a dansar e a fazer extremos de alegria, dando a entender que era para tirar mel, fez com que muitos d'elles, perdido o maior receio, se derramassem pelos ranchos e entre os nossos, confundidos uns com os outros, de fórma que já custava a distinguilos com facilidade: emfim todos os machados que viram, facas e facões, tudo levaram, duas bayonetas, uma catana de Antonio da Silva Freire, sendo excessivo o gosto do que a levou: todos os mais que viram, as pretenderam com grande excesso. Uma faca de matto, que eu tinha á cinta, custou-me infinito defendê-la; um queria que lh'a désse, fazendo já negocio com uma bayoneta, querendo-a metter na bainha da faca, e só o soceguei dando a entender que era para o cacique se cá viesse. Mandou-se pelos pretos tocar trombetas, boazes e caixas, com o que ficaram admirados e alegres.

Roberto André, que excellentemente toca viola, a tocou e dansou, e elles alegres e confusamente o acompanharam, fazendo fortes diligências para levar a viola, bolindo muito nas cordas, mirando-a muito e examinando o que tinha por dentro.

Seriam por todos setenta pouco mais ou menos, foram-se pelas dez horas, deixando muitos arcos e frechas a todos os camaradas, dando a entender que iam buscar as mulheres e vinham, e quasi se lhes percebia que queriam vir comigo. E logo que se preparou o altar para o nosso capellão dizer missa, por ser domingo, a qual ouvimos, dando graças a Deos por tão bons principios para a reducção d'estes pagãos, foram-se passando para a outra banda do rio antes de principia-la; e se foram, deixando-nos cheios de gosto e alegria, pela esperança que temos de recolher para o gremio da igreja este indispensavel rebanho.

E' o que se tem passado nestes campos de Guarapuaba com os Indios de nação Xoelan, segundo algumas palavras que se lhe tem percebido, e para melhor clareza fiz extrahir esta relação no porto do Pinhão no rio Jordão, aos 22 de Dezembro de 1771. — *Affonso Botelho de Sampaio.*

Relação do segundo successo acontecido com os indios no acampamento do rio Jordão, tirado do diario que ao general de S. Paulo escreveu Botelho de Sampaio.

Ill.mo e Ex.mo Sr.—Depois de ter dado parte a V.Ex.a dos campos de Guarapuava em 23 de Dezembro do anno preterito, das circumstanciasmais notaveis do que até ali se tinham passado com o indomito gentio d'este sertão do Tibagy, e do estado em que se achavam as expedições, que se dirigiram a conquista-lo, se me faz preciso participar a V.Ex. o mais que foi occorrendo até o dia 8 de Janeiro d'este presente anno, em que veio este gentio com todo o seu poder, e em fé de paz ao nosso arraial com demonstrações da mais sincera amizade para nos acabarem á traição, o que logo nos deram bastantemente a conhecer, usando de sua ferocidade e modos, que a V. Ex. exporei na seguinte relação.

Depois de ter dado a referida conta, vendo a insufficiencia do lugar, em que se tinha principiado a fortificação antes da minha chegada, immediatamente me dispuz a fazer a eleição e mudança de

outra melhor posição para construir uma fortaleza, que com respeito militar, possa conservar n'estes sertões a obediencia dos barbaros, que n'elles habitam, e defensa do paiz, em que se podem estabelecer opulentissimas povoações com multiplicadas fazendas de campo, a que está convidando o ameno d'estes deliciosos e ferteis campos.

O gentio, que sempre vive em desconfiança, sem embargo de não esperar a affabilidade e agrado, com que o tratamos, tendo-se retirado no dia 22 com promessa de voltarem com suas familias, movidos ou do receio que justamente tem de nós pelas tyranissimas acções, que com elles praticaram os antigos, ha pouco mais de 50 annos, ou da curiosidade de notarem os nossos movimentos, julga-se que deixaram sentinellas, porque indo alguns dos nossos á caça no dia 24 a uns capões, que abeiram os rios perto d'este porto, conforme a recommendação, que levaram, reconheceram haver d'elles trilha fresca, e tendo morto uma oncinha vulgarmente chamada jaguatarica, e pondo-a no barranco do rio, continuaram a caçada, e na volta não achando no lugar em que a tinham deixado, conheceram que o gentio a tinha levado, e chegaram a averiguar a trilha de quatro, o que mais se verificou; porque, andando tres camaradas em uns capões mais altos á caça, vendo um veado no campo, o quizeram negaciar, o que fizeram tambem cinco indios, não podendo nem uns, nem outros mata-lo. Voltando os nossos por não haver algum encontro, que descompuzesse a boa harmonia, que conservavamos, viram fogo em um capão perto, em que suppuzeram os nossos estar maior numero de indios.

No dia 25 se disseram as tres missas do dia de Natal antes de amanhecer dia claro; esperando que viessem os indios n'este dia por estarem perto, nos conservamos mais desembaraçados para recebê-los, mas como não appareceram até o meio dia, se occupou a gente nas diligencias precisas, uns para a caça, e outros para o campo atraz das cavalhadas.

No dia 27 indo outros camaradas tambem á caça para a parte dos capões do Pouso Triste, encontrando uns porcos no campo, ao mata-los, viram que dois bugres de um alto vizinho, curiosamente presen-

ciavam o modo, por que os nossos faziam a caçada, e porque os porcos acuados dos cães se recolheram a um capão vizinho, seguiram-nos a mata-los, e comquanto andassem embebidos no proveitoso deleite da caça, por ouvirem um assobio, e que um bugre muito perto d'elles o tinha dado, se retiraram sem haver mais acção.

No dia 28 apparecêram alguns em um alto fronteiro a este porto na distancia de mais de seiscentas braças, d'onde logo se retiraram, tornando a apparecer ao meio dia, e seriam tres horas quando, chegando mais perto de sorte que se lhes pòde acenar e bradar, mas elles fizeram o mesmo, do que se inferiu não ser mais que curiosidade de exploradores: e porque acenando-se-lhes que chegassem ao porto se retiraram, determinei fossem á outra banda do rio. onde elles estavam João Lopes e Manuel Pinto, e os seguissem em alguma distancia, a vêr si assim chegavam. Procurando-os assim o fizeram, porém os bugres vendo-os mais se ausentavam, por cujo motivo determinaram voltar, o que fizeram, e a poucos passos olhando para elles viram que estavam no alto seis, e que d'estes, quatro vinham direitos aos nossos e dois ficavam immoveis. Percebendo-lhes acenos e vozes voltaram os nossos para elles, e chegando os indios, se abraçaram, dando grandes mostras de conservarem a mesma amizade. Convidados a que vissem ao porto, onde havia muito que se lhes dar, mostraram responder, sendo mal entendidos os seus acenos, que iam buscar suas familias e coisas de comer, e que voltavam para buscar facas e facões, e assim se despediram com muitos carinhos e abraços, tendo um d'elles usado a acção de cortar uns pequenos ramos do campo e estende-los no chão com acenos, que os nossos entendêram para que n'elles pisassem. Será talvez affectuosa fineza entre elles, como entre os Hebreos; e passou-se o resto do dia e anno sem mais novidade que o não virem como esperavamos.

Anno de 1772.— No primeiro dia d'este anno, depois de dizer missa o reverendo capellão, e de me confessar e mais varias pessoas, mandei Paulo de Chaves com 18 camaradas passar o rio além, e procurar o caminho, que no capão dos Porcos tinhamos encontrado e gentio, e seguindo para a parte do Sul para d'elle proseguir para a

do Norte, a ver si havia mais algumas aldêas de gentio, e fazer outras diligencias necessarias. Passou o rio além pelo meio dia, municiado e preparado para poder-se demorar o tempo, que fosse preciso, para dar cumprimento ao que ordenei.

No dia 2 passaram o rio além algumas pessoas para tratar da cavalhada, que por lá andava por ter melhor pasto, e andando na diligencia de procura-la, viram 7 indios em um capão perto: pelo fogo que d'elle sahia conhecendo estarem mais, acenaram-lhes que viessem, mas elles levantaram os arcos e não lhes percebêram os mais acenos, que fizeram. Os mesmos tambem foram vistos d'esta parte do rio.

Não houve mais novidade até o dia 5, em que passei com seis cavalleiros o rio, e segui as suas margens para a parte do Sul a vêr se encontrava paragem sufficiente para dar principio á fortaleza, e tendo andado quasi tres leguas, avistando grandes campos para o Sul, que faltam examinar, segui para a parte do Oeste, e tendo marchado uma boa legua, encontrei o caminho, que os indios tinham feito, quando vieram a este porto a 22 de Dezembro do anno passado, e me recolhi por elle para o porto, encontrando varios passos em ribeiros, que com bastante trabalho passamos. Recolhi-me pelas oito horas da noite, e pouco depois chegou Paulo Chaves como acima se lhe ordenou dando as noticias seguintes:

Que caminhou pelo rio Jordão até as cabeceiras pela parte do Norte, que nascem dos montes; costeando-as ao Sul, encontrou um alojamento deixado poucos dias com algum milho e morangas, e que proseguindo o mesmo rumo para examinar toda aquella costa até o capão dos Porcos, mais adiante encontraram outro alojamento maior, onde um dos ranchos tinha de comprido 25 passos e oito de largo, e ahi acharam alguns trastes do uso gentio, panellas, porungos, carachazes e linho com estriga, do que fazem os seus pannos e mostram que o tiram das ortigas grandes; tres colhos muito bem feitos e limpos, que bem podem levar de 7 alqueires para cima cada um, balaios, e cestos bem tapados e bem feitos rebocados por dentro e por fóra com cêra, que se suppõe ser para trazer agua das fontes, crystaes finos,

que os partem sobre outras pedras para suas navalhas, uma roça de teria de milho plantado meio alqueire, e algum em pendão, e examinaram que o cominho que encontramos no capão dos Porcos é o da serventia d'este alojamento para a aldêa principal, de que já tratamos e reconheceram o rasto dos que vieram a este porto, e que os foram avisar, e por isso suppõe-se que retiraram-se para a aldêa não pelo caminho do capão dos Porcos, mas por direitura do alojamento, onde pousamos aos 16 do mez passado, segundo o grande rastalho que fizeram. Tiraram dois porungos grandes e deixaram uma faca e umas ligas; e d'ahi proseguindo ao mesmo rumo, de um grande alto avistaram toda a campanha, que vai por detraz do Capão dos Porcos até os morretes do matto, que se avizinha á serra Werturuna, que tambem divisaram pelos negros d'ella, cujos cabeços mais assignalados, que viram, são correndo de Norte a Sul..., isto é, olhando para o Poente, que é por onde passa o rio do Registo da Lei. Costearam a procurar o ribeirão do Capão dos Porcos, e acharam ser debom tamanho e agua negra e parada, varios saltos lageados, como os dos mais corregos, que em toda a viagem encontraram, e vertem da costa de Matto-Grosso para os campos, uns para o rio Jordão, e outros para o rio do Capão dos Porcos. Acharam tres pousos do gentio, dois com ranchos e um sem elle, mas grande, que mostrava serde muita gente, e d'ali se recolheram a este porto, tendo marchado n'este circulo boas quarenta leguas. Nas cabeceiras do rio Jordão notaram que para o outro lado haviam verdes novas na campanhas, que para aquelle lado existem correndo de Nordeste e Leste, e porque não divisaram caminho, nem trilha, que passasse para aquelle lado, póde-se presumir que para aquella serra habita outra nação de gentio.

Aos 6 do dito mez partiu o tenente Cascaes com um camarada de cavallo a buscar passo no rio do Pinhão, que d'este lado nasce de lesnordeste, e vai fazer barra no Jordão. Aos 7, já tinham passado o rio, e lançado fogo aos campos do outro lado: indo tambem Paulo Chaves com alguns camaradas examinar o Salto Grande, que faz o Rio Jordão entre o porto do Pinhão, e veio com a noticia de ter visto e ser altissimo e horroroso, por ser entre matto.

Aos 8, logo pela manhãa, me dispuz a ir ver o sitio, onde formava tenção de principiar a fortaleza, e fazendo apromptar cavallos para os que me haviam de acompanhar, ao embarcar para o outro lado, onde já estavam os cavallos, se viu um grande lote de indios em um alto defronte do porto e mais dois lotes em differentes lugares, que cada um d'elles mostrava trazer mais de 150 indios, e porque marchavam apressados e direitos ao porto, julguei virem como tinham promettido. Suspendi logo a viagem, e voltando para o quartel, fiz apromptar as roupas, que se tinham feito para vestir as mulheres, e o mais que a todos se havia de dar, e dei ordem ao sargento Manoel Gomes e ao tenente Candido, tivessem cada um a sua peça de artilharia prompta para dar fogo, e as mais armas e os corpos de guarda com as cautelas necessarias sem dar suspeita aos indios que desconfiavamos d'elles.

Sem embargo de ser o gentio muito maior em numero, muito maior do que costumava vir, não causou horror á nossa tropa, pelas repetidas vezes que os tinhamos visto ali; os caçadores estavam-na caça, os campeadores no campo, e nós que estavamos no alojamento, inexplicavel é o perigo a que nos expuzemos.

Vinham tocando suas gaitas de taquaras. Endireitaram ao porto; ao passar o rio alguns dos nossos indo a recebê-los, com o mesmo carinho e agrado chegaram ao quartel, os primeiros com as costumadas armas. Vinham algumas mulheres, que foram logo vestidas e preparadas com saias, camisas, contas, brincos, missangas, espelhos e muito mais coisas: e os homens com tangas de chita riscada. Tudo quanto appeteciam se lhes dava; com demasiada confiança entravam pelos ranchos, tomavam machados, facas, facões, fouces e até uma baioneta sem esperar que se lhes désse, o que tudo tolerei para os não desagradar. Estava ao lado direito o capitão Lourenço Ribeiro e alguma gente, com prudente cautela cobrindo as armas; o mesmo no quartel da gente da expedição, que estava no lado esquerdo, e no centro o meu quartel, onde se puzeram duas sentinellas a titulo de fazer igual distribuição das alfaias que se lhes dava, e porque já não haviam facas e elles instavam por ellas, percebia-se-lhes grande desconsolação. Trouxeram milho, que offertaram o da mesma fórma

bolos de milho, tão asquerosos, que só o desejo de lhes agradecer tirava o horror de os aceitar, sendo difficultoso achar meios de dilatar o comê-los, tanto instavam que o fizessemos. Fortemente trabalharam com muitos e impertinentes carinhos para conduzir-me ao porto, e me não custou pouco a dispersuadi-los, sem lhes mostrar desagrado. Cuidava-se sobremaneira adquiri-los ao gremio da igreja: o capitão Lourenço Ribeiro e capitão José dos Santos e outros por praticas mal percebidas e acenos procuravam ensinar-lhes o Padre-Nosso, e a nossa lingua.

Estando com esta familiaridade, todo o seu ponto era introduzirem-se nos nossos corpos de guarda, o que não puderam conseguir, e desenganados temeram pôr em execução o pensamento, em que vinham, de nos acabar a todos, e roubarem-nos, de que Deos nos livrou por sua Alta e Divina Providencia, e pela sinceridade e boa intenção, com que procuravamos a reducção d'estes barbaros, que debaixo de tão boa fé, aceitando as dadivas, com que todos iam convidados, traziam tão damnado coração, e para melhor conseguir o seu fim convidavam a todos com impertinentes rogos. Cairam na imprudente resolução de passar o rio com elles, cada um por sua vez, Manoel Pinto, José Pinto, Vicente Domingues, João de Ramos, o soldado Manoel Francisco, Lourenço, camarada do reverendo capellão, e um rapaz do capitão Santos, todos a pé e sem armas, e o capitão Carneiro a cavallo, e de lá persuadidos dos carinhos d'aquelles barbaros, os acompanharam até se encobrirem com a lomba, que fica quasi defronte do nosso abarracamento, meia legua distante. Levando-os com muitos folguedos e brincos até onde estava grande numero de gentio, que tinha ficado escondido, os fizeram perecer com tanta crueldade, que bem mostrava a tyrannia barbara de seus corações.

O capitão Carneiro, que ia a cavallo, tendo-se apeado para beber agua com elles, montando outra vez a cavallo, continuava para onde elles o guiavam, acompanhado sempre de grande numero de gentio. Como porém estava mais alto, pôde vêr a um dos camaradas morto no chão, e conhecendo a traição, dissimulou até que podendo ganhar alguma distancia, deu de esporas ao cavallo, e a toda a carreira pôde

ganhar um passo pela banda de baixo, estando todo o alto coberto de gentio, e correndo venceu escapar com a felicidade de lhe não tocar nem uma das infinitas settas, que lhe atiraram. O que foi providencia do Altissimo, para que escapando nos viesse contar, e conhecessemos a aleivosia e ferocidade de taes inimigos.

Elles, que em distinctos troços tinham occupado toda a campanha, vendo o capitão lhes escapar por uma baixa, procurando o porto das canôas á riba do váo, apparecêram em um alto, d'onde fazendo signaes aos que comnosco estavam, estes subitamente com arrebatada carreira e gritaria fugiram para o porto do váo, e passando se reuniram áquelle corpo, e ainda ao fugir, o fizeram com tal industria, que acenos fingiram ir buscar que comer. Esta acção nos deixou confusos e muito mais vendo a este tempo um cavalleiro, que era o dito capitão, que a redea solta demandava o porto das Canôas, gritando afflicto por ella. Chegado que foi nos contou aquelle aleivoso caso, e nos pôz em grandissimo pezar não só do succedido, como de não sabermos antes que fugissem, porque então seriam bem vingadas as mortes dos nossos camaradas, não tanto pela razão da vingança, como para que o horror do castigo lhes servisse de emenda.

Deos, que reconhecia o meu interior e os dos mais, o gosto e desejo, que tinhamos da reducção d'aquelles barbaros, sería servido livrar-nos por este modo, porque a não ser assim, pereceriamos todos confiados na imaginada simplicidade, que nos mostravam aquellas féras, pois já não procuravamos mais que converte-los; nem haveria prudente cautela, que pudesse livrar-nos de inimigos, que se faziam tão domesticos e familiares, e com tanta maldade, que se observou depois, serem envenenados os bolos que deram, porque um unico cão, que comeu um d'elles, logo morreu.

Logo que o dito capitão me informou do caso, resolvi ir sobre elles com uma patrulha de cavallos, o que me impediram para que se não desanimasse aquelle pequeno corpo, e assim mandei uma esquadra, que marchando com a possivel brevidade no alcance d'elles, não chegaram a ver senão o rasto, que atravessando as restingas, se metteu pelos capões do matto, onde a cavallaria nenhum partido tem e muito

menos os de pé, pois elles, como senhores da casa, sabem das entradas e sahidas. N'estes termos voltaram com os corpos dos camaradas, que foram enterrados com a possivel piedade, e um d'elles semi-vivo, ainda se confessou e durou 24 horas. Vendo as cousas n'este estado e o perigo em que se achava o tenente Cascaes com os poucos camaradas que o acompanhavam, que, pelos fogos que haviam feito, podiam ser facilmente encontrados pelo gentio, e que, ignorando elles o seu máu animo, os haviam de receber com a costumada affabilidade, da qual se aproveitando o gentio, os mataria a todos, como fez aos outros, que estavam separados dos corpos, o mandei chamar logo, e ás dez horas da noite chegou ao abarracamento com a noticia de ter achado o passo no rio Pinhão, o qual quasi iguala na grandeza ao rio Jordão.

N'estes termos vendo o perigo, em que estavamos de perecer á fome, por não haver já mais que um pouco de farinha, que apenas chegaria para tres dias; estarem no resto os bois, os quaes, escapando mesmo do gentio, chegariam para oito ou nove dias, e ainda mais, a pouca caça pelo evidente perigo de perecerem os caçadores nas mãos do gentio. Accrescendo a tudo isto que a gente da expedição era pouca e estava doente e debilitada do trabalho, os cavallos estafados do laborioso caminho e de explorar a campanha, de sorte que postos em rondas, em poucos dias pereceriam, quando o gentio os não acabasse de matar, como já tinham principiado em tres, que nunca mais foram vistos, e um que se achára atravessado de uma frecha.

A necessidade de forças e gente para rebater a furia de tão grande multidão de gentio, que mais cresceria em se juntando os da aldêa, que existe ao Norte; a impossibilidade de podermos ser soccorridos de povoado em pouco tempo; o perigo de nos tomarem os caminhos com ciladas, por uniforme accordo de todos, determinei retirar para salvar as vidas e o trem de S. M., que sem remedio pereceria tudo em poucos dias sem remedios.

A 11 de Janeiro partimos com as cautelas possiveis para evitar os assaltos, que poderiamos ter, principalmente si já nos tivessem tomado a entrada do matto. Deos, que nos livrou de tantos perigos, nos

livrou tambem d'este, dando-nos tão feliz viagem, que bastaria um só dia de chuva para que perdessemos toda a cavalhada, que por fraca, mal póde sahir com alguma parte do trem, fazendo-se marchas muito ordinarias.

O favor de tão repetidos milagres, devemos a Deos, pelas orações com que nos soccorreram os pios e devotos povos de Coritiba, com as continuas novenas e repetidas supplicas, que fizeram a Deos e a sua Mãi Santissima, rogando pelo nosso bom successo, pois os perigos, de que Deos nos livrou, nem ainda os que os viram cabalmente, os conheceram, porque só a reflexão d'elles causa horror aos animos mais constantes.

O que deixo escripto em dezeseis folhas de papel, foi por mim copiado do livro dos officios para o ministerio — 1771 a 1772 — pag. 42 a 59, o qual existe na secretaria do governo da provincia de S. Paulo. — A 28 de Maio de 1852.

A. da Costa Pinto Silva.

CÓPIA

Da carta do commandante da praça de Iguatemy, em que dá parte ao governador e capitão-general D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, do descobrimento que fez dos fundamentos de uma grande povoação, que se suppõe ser as ruinas da antiga cidade de Real.

(Offerecido ao Instituto pelo Sr. Antonio da Costa Pinto Silva.)

Illmo e Exmo Sr.— Este anno passado sahiram d'esta praça alguns pescadores a pescar no Rio Grande, d'onde se recolheram com perto de trezentas arrobas de peixe, entre os quaes foi Salvador Leme, filho de Francisco Leme de Freitas, natural da villa de Araritaguaba, o qual passando pela barra do rio Pequery vio em terra da parte do Sul um limoeiro gallego e algumas laranjas doces, e para colher algumas laranjas e limões, entrou dentro da barra do rio, saltou em terra, e encaminhando-se para as larangeiras, encontrou o vestigio de uma casa de taipa grande, onde se acham algumas d'ellas inteiras, e quebradas, e andando mais para diante, encontrou uma pedra furada, e parte d'ella lavrada, como para mó de moinho, e á pouca distancia vestigios de outras casas, que pareciam ser de paredo de mão. Deu-me parte do que tinha visto, e logo preparei uma canôa, e mandei ao alferes Joaquim Xavier de Moraes Sarmento e ao sargento Fabiano Alves Ferreira, para que navegassem d'esta praça em direitura ao salto de Guayra ou Sete-Quédas, e que observassem o sol, porque desejava saber a altura d'aquelle lugar, e que penetrassem o matto a rumo de nordéste, par vêr se encontravam campo, mas nem uma nem outra cousa teve effeito por impedimento das chuvas; e lhe ordenei mais que não encontrando campo subissem o rio Pequery para vêr se por aquella parte o podiam descobrir; assim o intentáram, porém não o conseguiram tambem pela muita chuva, e depois por falta de mantimento. No logar em que se achou a pedra furada e vestigio da casa, continuaram para diante, e acharam vestigio de uma larga povoação, e me affirmou o sargento Fabiano que elle andára uma rua, que lhe parecêra ter mais de meia legua, e que o arruamento era regular, e a cidade, ou povoação, estava entre o rio Pequery, e outro ribeirão, que lhe passa pela parte do Sul, e que occupa tambem a costa do Rio Grande, e que deixava vêr distinctamente que

fôra cercada pelo lado da campanha, porque ainda os fossos estavam em toda a parte conhecidos, e que fóra d'estes havia um arrabalde grande encostado para a parte do Pequery, que tambem fôra cercada sobre si por ter tambem fosso semelhante ao primeiro. Dizem os velhos d'esta terra que alli fôra a cidade de Guayra, que tomava o nome de um cacique, que vivia n'aquelle logar.

Com a parte que me deu o alferes e o sargento, mandei ao ajudante Manoel José Alberto com vinte soldados para que se arranchasse na barra do Pequery, e ao sargento Fabiano para que subisse novamente o rio Pequery até a cachoeira e d'ahi abrísse picada ao rumo de léste a vêr se descobria campanha.

Andou alguns dias n'esta diligencia, e por causa de enfermidades se recolheu á barra do Pequery, onde delineou uma estacada, em que se está trabalhando, para cobrir aquelle destacamento de alguma invasão de indios, e n'esta diligencia se descobriram mais duas mós de moinhos, cada uma em differente logar da povoação. O mato é tão grande e copioso, que dentro da povoação excede a mato virgem. Tambem me diz o ajudante Manoel José, que se encontrou uma bella fonte de agua, e mostra ser tão boa, que logo que a tropa d'ella bebeu, preservou aos sãos, sarando aos enfermos.

Agora proximamente mandei o sargento Fabiano subir o rio Pequery até a cachoeira, e d'ella, a caminho de lés-nordéste, abrisse picada até encontrar campo, apezar de todo o trabalho, porque sei que se ha de encontrar. Caso se encontre, intento mandar romper d'este campo para o porto de S. Bento: si se conseguir, como desejo, brevemente mandarei amostra dos cavallos de Curubaty, á cidade de S. Paulo.

Denominei esta fundação com a invocação de S. José da Pedra-furada do Pequery. Tenho reparado que me dizem d'esta povoação, primeiramente que é alegre, divertida, amena e deliciosa, isto é, quando voltam, porém quando vão, é sempre com má vontade. Praça do Iguatemy, 23 de Março de 1773.—*João Alves Ferreira.*

Extrahido do livro da secretaria do governo da provincia de S. Paulo—Officios para o Ministerio,— 1772 a 1775, pag. 36 v.

S. Paulo, 28 de Maio de 1852.

Antonio da Costa Pinto Silva.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

3.ª SERIE. — N.º 19. — 3.º TRIMESTRE DE 1855.

MEMORIAS

SOBRE

O DESCUBRIMENTO DO BRASIL

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

POR J. J. MACHADO DE OLIVEIRA

Membro premiado do Instituto historico e geographico brasileiro e socio de varias sociedades litterarias e scientificas do imperio.

Ill.mo Sr.

O prurido que sente o Brazileiro, que tem estudado com alguma meditação as cousas primitivas da sua terra ainda não relatadas, e que, sem intenção de monopolisar comsigo as idéas assim colhidas, procura dar-lhes expansão communicando-as, affectou-me ao saber que o programma — si o descubrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso —, sahíra no sorteamento dos que deviam ser desenvolvidos pelos nossos consocios; e levou-me ao ponto de, n'esse tempo,

ganhar um passo pela banda de baixo, estando todo o alto coberto de gentio, e correndo venceu escapar com a felicidade de lhe não tocar nem uma das infinitas settas, que lhe atiraram. O que foi providencia do Altissimo, para que escapando nos viesse contar, e conhecessemos a aleivosia e ferocidade de taes inimigos.

Elles, que em distinctos troços tinham occupado toda a campanha, vendo o capitão lhes escapar por uma baixa, procurando o porto das canôas á riba do váo, apparecêram em um alto, d'onde fazendo signaes aos que comnosco estavam, estes subitamente com arrebatada carreira e gritaria fugiram para o porto do váo, e passando se reuniram áquelle corpo, e ainda ao fugir, o fizeram com tal industria, que acenos fingiram ir buscar que comer. Esta acção nos deixou confusos e muito mais vendo a este tempo um cavalleiro, que era o dito capitão, que a redea solta demandava o porto das Canôas, gritando afflicto por ella. Chegado que foi nos contou aquelle aleivoso caso, e nos pôz em grandissimo pezar não só do succedido, como de não sabermos antes que fugissem, porque então seriam bem vingadas as mortes dos nossos camaradas, não tanto pela razão da vingança, como para que o horror do castigo lhes servisse de emenda.

Deos, que reconhecia o meu interior e os dos mais, o gosto e desejo, que tinhamos da reducção d'aquelles barbaros, sería servido livrar-nos por este modo, porque a não ser assim, pereceriamos todos confiados na imaginada simplicidade, que nos mostravam aquellas féras, pois já não procuravamos mais que converte-los; nem haveria prudente cautela, que pudesse livrar-nos de inimigos, que se faziam tão domesticos e familiares, e com tanta maldade, que se observou depois, serem envenenados os bolos que deram, porque um unico cão, que comeu um d'elles, logo morreu.

Logo que o dito capitão me informou do caso, resolvi ir sobre elles com uma patrulha de cavallos, o que me impediram para que se não desanimasse aquelle pequeno corpo, e assim mandei uma esquadra, que marchando com a possivel brevidade no alcance d'elles, não chegaram a ver senão o rasto, que atravessando as restingas, se metteu pelos capões do matto, onde a cavallaria nenhum partido tem e muito

menos os de pé, pois elles, como senhores da casa, sabem das entradas e sahidas. N'estes termos voltaram com os corpos dos camaradas, que foram enterrados com a possivel piedade, e um d'elles semi-vivo, ainda se confessou e durou 24 horas. Vendo as cousas n'este estado e o perigo em que se achava o tenente Cascaes com os poucos camaradas que o acompanhavam, que, pelos fogos que haviam feito, podiam ser facilmente encontrados pelo gentio, e que, ignorando elles o seu máu animo, os haviam de receber com a costumada affabilidade, da qual se aproveitando o gentio, os mataria a todos, como fez aos outros, que estavam separados dos corpos, o mandei chamar logo, e ás dez horas da noite chegou ao abarracamento com a noticia de ter achado o passo no rio Pinhão, o qual quasi iguala na grandeza ao rio Jordão.

N'estes termos vendo o perigo, em que estavamos de perecer á fome, por não haver já mais que um pouco de farinha, que apenas chegaria para tres dias; estarem no resto os bois, os quaes, escapando mesmo do gentio, chegariam para oito ou nove dias, e ainda mais, a pouca caça pelo evidente perigo de perecerem os caçadores nas mãos do gentio. Accrescendo a tudo isto que a gente da expedição era pouca e estava doente e debilitada do trabalho, os cavallos estafados do laborioso caminho e de explorar a campanha, de sorte que postos em rondas, em poucos dias pereceriam, quando o gentio os não acabasse de matar, como já tinham principiado em tres, que nunca mais foram vistos, e um que se achára atravessado de uma frecha.

A necessidade de forças e gente para rebater a furia de tão grande multidão de gentio, que mais cresceria em se juntando os da aldêa, que existe ao Norte; a impossibilidade de podermos ser soccorridos de povoado em pouco tempo; o perigo de nos tomarem os caminhos com ciladas, por uniforme accordo de todos, determinei retirar para salvar as vidas e o trem de S. M., que sem remedio pereceria tudo em poucos dias sem remedios.

A 11 de Janeiro partimos com as cautelas possiveis para evitar os assaltos, que poderiamos ter, principalmente si já nos tivessem tomado a entrada do matto. Deos, que nos livrou de tantos perigos, nos

livrou tambem d'este, dando-nos tão feliz viagem, que bastaria um só dia de chuva para que perdessemos toda a cavalhada, que por fraca, mal pôde sahir com alguma parte do trem, fazendo-se marchas muito ordinarias.

O favor de tão repetidos milagres, devemos a Deos, pelas orações com que nos soccorreram os pios e devotos povos de Coritiba, com as continuas novenas e repetidas supplicas, que fizeram a Deos e a sua Mãi Santissima, rogando pelo nosso bom successo, pois os perigos, de que Deos nos livrou, nem ainda os que os viram cabalmente, os conheceram, porque só a reflexão d'elles causa horror aos animos mais constantes.

O que deixo escripto em dezeseis folhas de papel, foi por mim copiado do livro dos officios para o ministerio — 1771 a 1772 — pag. 42 a 59, o qual existe na secretaria do governo da provincia de S. Paulo. — A 28 de Maio de 1852.

A. da Costa Pinto Silva.

CÓPIA

Da carta do commandante da praça de Iguatemy, em que dá parte ao governador e capitão-general D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, do descobrimento que fez dos fundamentos de uma grande povoação, que se suppõe ser as ruinas da antiga cidade de Real.

(Offerecido ao Instituto pelo Sr. Antonio da Costa Pinto Silva.)

Ill.mo e Ex.mo Sr.— Este anno passado sahiram d'esta praça alguns pescadores a pescar no Rio Grande, d'onde se recolheram com perto de trezentas arrobas de peixe, entre os quaes foi Salvador Leme, filho de Francisco Leme de Freitas, natural da villa de Araritaguaba, o qual passando pela barra do rio Pequery vio em terra da parte do Sul um limoeiro gallego e algumas laranjas doces, e para colher algumas laranjas e limões, entrou dentro da barra do rio, saltou em terra, e encaminhando-se para as larangeiras, encontrou o vestigio de uma casa de taipa grande, onde se acham algumas d'ellas inteiras, e quebradas, e andando mais para diante, encontrou uma pedra furada, e parte d'ella lavrada, como para mó de moinho, e á pouca distancia vestigios de outras casas, que pareciam ser de parede de mão. Deu-me parte do que tinha visto, e logo preparei uma canôa, e mandei ao alferes Joaquim Xavier de Moraes Sarmento e ao sargento Fabiano Alves Ferreira, para que navegassem d'esta praça em direitura ao salto de Guayra ou Sete-Quédas, e que observassem o sol, porque desejava saber a altura d'aquelle lugar, e que penetrassem o matto a rumo de nordéste, par vêr se encontravam campo, mas nem uma nem outra cousa teve effeito por impedimento das chuvas; e lhe ordenei mais que não encontrando campo subissem o rio Pequery para vêr se por aquella parte o podiam descobrir; assim o intentáram, porém não o conseguiram tambem pela muita chuva, e depois por falta de mantimento. No logar em que se achou a pedra furada e vestigio da casa, continuaram para diante, e acharam vestigio de uma larga povoação, e me affirmou o sargento Fabiano que elle andára uma rua, que lhe parecêra ter mais de meia legua, e que o arruamento era regular, e a cidade, ou povoação, estava entre o rio Pequery, e outro ribeirão, que lhe passa pela parte do Sul, e qué occupa tambem a costa do Rio Grande, e que deixava vêr distinctamente que

fôra cercada pelo lado da campanha, porque ainda os fossos estavam em toda a parte conhecidos, e que fóra d'estes havia um arrabalde grande encostado para a parte do Pequery, que tambem fôra cercada sobre si por ter tambem fosso semelhante ao primeiro. Dizem os velhos d'esta terra que alli fôra a cidade de Guayra, que tomava o nome de um cacique, que vivia n'aquelle logar.

Com a parte que me deu o alferes e o sargento, mandei ao ajudante Manoel José Alberto com vinte soldados para que se arranchasse na barra do Pequery, e ao sargento Fabiano para que subisse novamente o rio Pequery até a cachoeira e d'ahi abrísse picada ao rumo de léste a vêr se descobria campanha.

Andou alguns dias n'esta diligencia, e por causa de enfermidades se recolheu á barra do Pequery, onde delineou uma estacada, em que se está trabalhando, para cobrir aquelle destacamento de alguma invasão de indios, e n'esta diligencia se descobriram mais duas mós de moinhos, cada uma em differente logar da povoação. O mato é tão grande e copioso, que dentro da povoação excede a mato virgem. Tambem me diz o ajudante Manoel José, que se encontrou uma bella fonte de agua, e mostra ser tão boa, que logo que a tropa d'ella bebeu, preservou aos sãos, sarando aos enfermos.

Agora proximamente mandei o sargento Fabiano subir o rio Pequery até a cachoeira, e d'ella, a caminho de lés-nordéste, abrisse picada até encontrar campo, apezar de todo o trabalho, porque sei que se ha de encontrar. Caso se encontre, intento mandar romper d'este campo para o porto de S. Bento: si se conseguir, como desejo, brevemente mandarei amostra dos cavallos de Curubaty, á cidade de S. Paulo.

Denominei esta fundação com a invocação de S. José da Pedra-furada do Pequery. Tenho reparado que me dizem d'esta povoação, primeiramente que é alegre, divertida, amena e deliciosa, isto é, quando voltam, porém quando vão, é sempre com má vontade. Praça do Iguatemy, 23 de Março de 1773.—*João Alves Ferreira.*

Extrahido do livro da secretaria do governo da provincia de S. Paulo—Officios para o Ministerio,— 1772 a 1775, pag. 36 v.

S. Paulo, 28 de Maio de 1852.

Antonio da Costa Pinto Silva.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

3.ª SERIE. — N.º 19. — 3.º TRIMESTRE DE 1855.

MEMORIAS

SOBRE

O DESCUBRIMENTO DO BRASIL

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

POR J. J. MACHADO DE OLIVEIRA

Membro premiado do Instituto historico e geographico brasileiro e socio de varias sociedades litterarias e scientificas do imperio.

Ill.mo Sr.

O prurido que sente o Brazileiro, que tem estudado com alguma meditação as cousas primitivas da sua terra ainda não relatadas, e que, sem intenção de monopolisar comsigo as idéas assim colhidas, procura dar-lhes expansão communicando-as, affectou-me ao saber que o programma — si o descubrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso —, sahíra no sorteamento dos que deviam ser desenvolvidos pelos nossos consocios; e levou-me ao ponto de, n'esse tempo,

e sem attentar para o meu apoucamento intellectual, lançar no incluso papel as poucas palavras, que ahi vam sob a epigraphe — O Brazil. (Algumas considerações sobre o seu descubrimento.) — Feito esse trabalho, extrahi-lhe um ligeiro esboço, que foi publicado no n.° 3.° dos *Ensaios Litterarios*, jornal academico do Atheneu Paulistano, reservando-me para offerecê-lo em sua integra ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o que agora faço pelo intermedio de V. S.ª

Depois d'isso, li no n.° 6 do tomo XV (tomo 2.° da 3.ª serie), a assaz bem elaborada quanto erudita dissertação do nosso illustrado consocio o Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, sobre esse programma; e bem me pesa que a conclusão que o nosso consocio tirou d'esse portentoso acontecimento, esteja em opposta extremidade á minha, pois que com tão distincto e ameno litterato desejára estar sempre de accordo. Comtudo, permittirá elle que sobre este assumpto não lhe faça preito de minhas convicções, modificando-as pelo theor da sua opinião; porque, si ha erro em mim, outras razões, que não as de meras probabilidades, poderáõ dissipa-lo, sem que de minha parte haja a menor reluctancia.

E como ainda me prevaleça do antigo indulto com que o Instituto se dignou de agraciar-me, desde que honrou-me em me admittir em seu seio, de acolher benignamente meus escriptos, tão pobres de merito como ricos de petulancia, é n'esta confiança que lhe apresento o incluso.

Deus guarde a V. S.ª muitos annos. S. Paulo, 24 de Maio de 1854.

Ill.mo Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, 1.° secretario do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

José Joaquim Machado de Oliveira.

As cruzadas na Palestina, sendo franqueado o caminho da Asia Occidental, offereceram ao mesmo passo favoravel ensejo aos viajantes para explorarem essa região inspiradora de pensamentos biblicos, tão cheia de tradições dos tempos primitivos, primeiro berço da civilisação do homem, ponto luminoso d'onde radiou-se a sciencia, e onde, a titulo de redemir-se o sepulchro d'um Deos de paz e de clemencia, por longo tempo derramou-se copioso sangue humano no meio de horrorosas matanças, e em derredor da cruz hasteada pelo fanatismo cruento, que encarnara-se em Pedro o eremita.

O judeo Benjamim de Tudela teve a iniciativa nessas ousadas excursões; e foi elle o primeiro a perlustrar aquella terra mysteriosa, pullulando de reminiscencias asceticas, e em que a esse tempo ainda se lubrigavam recentes vestigios d'essas atrozes hecatombes humanas: e os enlevos deslisados do seu testemunho decidiram a emprehenderem-se essas explorações longinquas, em que só realçava o empenho de acquisição de riquezas, que tão facil se antolhava, e quando era em maxima intensidade o fanatismo de religião, e o espirito de conquista, estes dous topicos que sobremodo actuaram o globo n'aquella variedade dos tempos.

Ao menos d'esse enfurecido asceticismo, que manchou de sangue as paginas da historia da religião do Cordeiro immaculado, e que ainda faz estorcer de dôr a humanidade; e d'esse espirito cavalleiroso que d'ahi se derivou, começou a abalar-se o fundamento do feudalismo do velho mundo, e provieram conhecimentos de mór preço para as sciencias e para o commercio; levando-se ao Oriente em numerosas cafilas as mercadorias da Europa através de descommuns obstaculos.

Não tanto o incentivo d'essas emprezas, que devassaram á Europa pelo isthmo de Suez as plagas do Caspio, a Tartaria chineza, e uma

parte da India, sinão o de dar pabulo ao alvitro ataviado de feições heroicas em grande voga na meia idade, induziu os Portuguezes a procurarem pelo oceano atlantico a rota do Oriente, auxiliando-os para isso o conhecimento que já tinhão da costa occidental d'Africa; e levando elles ao cabo tão portentoso feito, renome infindo lhes sobejára si o não eclypsasse, fazendo-o decahir do fastigio da gloria a que subíra, esse longo encadeamento de inauditos attentados e cruezas, que assaz o desvirtuaram, abatendo-o da elevação a que se abalançára.

Tão prompto visaram esses audaciosos aventureiros, que da região de que se apoderaram na Asia, arrancando-a á viva força ao dominio originario das castas indianas, das quaes já haviam em somenos computado o poderio, mudariam suas riquezas e opulencia para o paiz seu natalicio, que tão dependente era de levantar-se do abatimento a que o lançára a luta sarracena, de que no correr de muitos annos fôra theatro a peninsula iberica, como puzeram peito a tão afanosa lida, fazendo atroz mão-baixa sobre centenares de povos, que, embora descridos, porque para elles não alumiára mais do que um tenue reflexo da luz do Evangelho, resistiam á dura e estranha oppressão; e em seguida espoliando suas terras, ou tomando-as com violencia para apanagio d'um senhor que nem por imaginação lhe podiam dar vulto.

Após o que, o brado da insurreição e resistencia compacta aos Portuguezes, echoou por fim n'aquellas regiões desoladas, e polluidas por mãos de conquistador; e esse brado atroou toda a India, que fôra por elles subjugada, calou na consciencia de seus habitantes; e sem que os invasores se preoccupassem d'esse acto de desespero de myriádas de homens, que, sacudindo a illusão que até ali os envolvêra, erguidos do terror que os esmagára, e lhes infundíra a arrogante audacia da gente estranha, decidiram-se estes, emfim, a romper peleja vigorosa, e a todo transe por suas crensas religiosas, e em defensa extreme de seu paiz, de seus penates, de suas riquezas. E affrontando os conquistadores a esta desesperada reacção, a esta quasi simultanea leva de broqueis, em breve sentiram-se attenuados

e enfraquecidos de tamanho lidar; e suas phalanges, que, á medida que se faziam menos densas ostentavam maior intensidade de aggressão, de prompto precisaram de reforços, que só do proprio paiz os podiam ter valiosos e de confiança.

Houve-se, pois, de mister mandar para a India reiterados auxilios de guerra, que apenas serviram para que não fosse completo e instantaneo o aniquilamento dos invasores sob a pressão reaccionaria que elles mesmos haviam suggerido d'esses povos por sua conquista, pela depredação de suas riquezas, pelas atrocidades do seu dominio: e rompendo essa gente do entorpecimento a que fôra lançada a impulso do primeiro acommettimento, ergueu-se como um só homem, insurgiu-se em massa, repelliu o que a conquista tinha de mais violento e feroz, e por fim foram os Portuguezes obrigados a recuarem de suas atrozes animosidades, e apenas a se fazerem defesos, e a sustentarem através de muralhas alguns dos pontos do litoral da peninsula indiana, onde puderam deparar com a sua salvaguarda.

No intuito de soccorrer no Oriente aos conquistadores lusitanos, que reclamavam incessantemente auxilios do seu paiz, apresentou-se ahi, no anno de 1500, uma forte armada, que sarpou de Lisboa a 9 de Março d'esse anno, tendo por chefe a Pedr'alves Cabral, de alta prosapia portugueza, e d'um nome prestigioso para as lides do Oriente.

Embaido o rei portuguez pelo pensamento, quiçá cheio de philaucia e de illusão, de manter seu poderio, e perseverar em seu predominio sobre aquellas tão longinquas paragens, para onde, além de se escoarem á porfia os pequenos recursos do paiz, corria com immoderada afouteza e obstinação a flôr de seus vassallos, não podia attentar para o descubrimento da America, descortinada, oito annos havia, ao velho mundo pelo afortunado Colombo; não podia entrever n'elle um acontecimento providencial, que destruindo radicalmente deploraveis prejuizos e preconceitos, deu começo á reacção contra o dominio do erro dogmatisado em crença religiosa; gravitou sobre uma massa de sophismas e argucias, que havia supplantado os

principios da razão e da verdade eterna; e sobretudo deu preponderancia decidida e firme aos destinos para que o homem fôra lançado na terra. Então, só a Asia preoccupava com fascinação em muitos a avidez e a cobiça, em poucos, os prestigios da gloria sustentada pelas armas — os embustes das considerações mundanas, e em raros o sacerdocio da fé. Do novo mundo nada se curava, ou porque fosse tido por illusorio o testemunho de Colombo, as narrações dos seus sequazes, ou porque prevalecessem as idéas superstíciosas que estigmatisavam a esse portentoso facto de irreligião e descrença da lei do Eterno inscripta nas sagradas letras.

A monsão em que velejou para o Oriente a frota de Cabral não era de bom lance para tal navegação. Eram ainda escassos os ventos que a podiam favorecer, dominando no mais do tempo os que augmentavam a pujança das correntes para a costa occidental d'Africa. Ainda reinavam as calmarias na rota que devia ser sulcada pelos navegantes, e o mar que vinha ali batido por fortes vendavaes da costa, pairava em marachões, e remoinhando sobre si abria-se em vastos abysmos ameaçando tragar *ceo e terra:* e Cabral, que nem a ousadia tinha do seu illustre conterraneo, que primeiro se lançára áquelles mares abrindo-os ao mundo, desviou a navegação para o alto mar, dando-lhe largas sangraduras, e engolfando a armada para Oeste, e por mares que lhe eram desconhecidos...., e este demasiado precaver, orçando para uma prudencia meticulosa; este desorientado effugio ao originario proposito só com o fito de evitar perigos, que já anteriormente tinham sido affrontados, e a que a insciencia affigurava de grandes proporções, deu o Brazil á corôa de Portugal, atando-o com vinculos de ferro, sujeitando-o pelo terror e desolação a um dos mais pequenos estados da Europa; envolvendo-o só em suas vicissitudes e decadencia; tendo-o em commum só em seus revezes; subtrahindo-o por mais de tres seculos áquella preeminencia, a que dava-lhe jus sua posição no globo, a perenne sanidade do seu clima, e seus grandes elementos de riqueza e opulencia; postergando-o, emfim, um seculo na carreira da civilisação comparati-

vamente com outras regiões da America, que eram coevas em seu descubrimento, e que couberam em partilha a nações que lhes souberam dar preponderancia e illustração.

Depois de navegar vogando como ao acaso por quarenta e quatro dias, e sempre descahindo desapercebidamente para o occidente, a frota de Cabral sem que de tal curasse deu fé de terra, por lhe surdirem d'oeste, em 22 de Abril, e não sem a menor surpreza dos navegantes, os alcantis dos Aymorés, e após elles a costa que é fronteira a esse grande appendice da cordilheira, que mais se approxima do oceano atlantico meridional, e com este guarda parallelo estendendo-se para os confins austraes. E a terra, no ponto que era estimado por aquelles navegantes, e nas hypotheses da derrota que suppunham vencida, antolhou-se-lhes não outra sinão uma ilha do atlantico grandemente separada do archipelago dos Açores.

E a terra que, surgindo de relance no oceano, abstraira-se a todos os calculos e previsões, sequestrava todas as attenções, e a que se attribuia diversas e absurdas conjecturas, era o Brazil: e essa terra que ao longe desenhava-se no horisonte occidental, e que um dia, depois de rodados tres seculos de escravidão e de ignominia, seria uma portentosa realidade, avultando, e muito, entre as demais que se assentam no hemicyclo austral da America, era o paiz da Vera-Cruz, duramente conquistado ao gentilismo, por aquelles que, arrojando-se cavalheiros á Africa e Asia a quebrar lanças de paladino, correriam de aventura a essa terra a ceifar vidas com o ardimento da cubiça, com as armas do sicario.

Esta maravilhosa eventualidade, e quanto houve n'ella de imprevidencia e não presentimento, denuncia alto, que em Portugal já se achavam obliteradas as prelecções astronomicas, as probabilidades geographicas ensinadas na escola de Sagres, mais famosa para os estranhos do que para si, e d'onde partiram centelhas de mor valor, que foram aceitas, e mais bem aproveitadas por nações mais avançadas em civilisação e intelligencia. A mais do que, as preoccupações do Oriente, e sua inteira sujeição ao dominio lusitano havia como

fascinado aos Portuguezes; e o exclusivismo d'este unico pensamento neutralisava outro qualquer, que aquelles tempos de patranhas aventurosas pudessem suscitar.

O descubrimento do novo mundo por Colombo foi o resultado da prestancia de um genio activo e emprehendedor, illustrado pela sciencia, guiado pela experiencia, e operando sobre um plano executado com não menos esforço do que perseverança, e que fôra antes, por muito tempo e profundamente meditado e submettido ao exame e analyse das illustrações d'aquelle seculo, que não estavão eivadas da falsa crença, que por um mysticismo exagerado se ostentava em contraposição ás leis positivas do globo, e que bastante comprometteu os dogmas da fé. Mas, o do Brazil pelos Portuguezes, devido só ao effeito do puro acaso, denega-se-lhe o merito e a legitimidade que comporta o grandioso feito do impavido genovez.

Por longo tempo alludiu-se a Pedr'alves Cabral a prerogativa de ser o primeiro que pelo Occidente devassou os mares do hemispherio austral, e d'ahi o titulo de primeiro descubridor das terras do Brazil. Por indubitavel que não póde aspirar a taes fóros quem, por mais pretencioso que o figurem na historia, teve n'essa portentosa descuberta um feliz predecessor, e quem, si á face se achou d'essa parte do continente americano, deveu-o absolutamente a essa imprevista occurrencia que fica relatada, a esse inesperado lance da fortuna, que cega atirou-o ao portuguez. E pois que esta gloria é mal cabida ao almirante, que partíra da Lusitania com o exclusivo intuito e só em demanda das regiões do Oriente, reporta-se toda ella a Vicente Janes Pinzon, um dos intrepidos e dedicados companheiros de Colombo, que se associaram a este no esforçado e incommensuravel empenho de abrir-se róta para o levante pelos mares occidentaes.

Tanto que o infatigavel lidador Pinzon, exonerado do serviço do almirante Colombo, assombrado dos admiraveis feitos d'este, e como elle anhelando as mesmas esperanças e glorias, premuniu-se da propria capacidade e dos conhecimentos adquiridos para dirigir nova tentativa sobre a região, de cujo descubrimento fôra elle quinhoeiro,

a ella afoutamente poz peito com o animo da experiencia e puas da ambição: e para a realidade de tamanha empreza, posto sobrassem-lhe intelligencia e perseverança, a prudencia aconselhou-o que a compartisse com alguns dos socios do illustre Colombo, que a este coadjuvaram em seus posteriores descubrimentos.

Preparadas as cousas, e reunido o pessoal, Pinzon fez sarpar do porto de Palos uma frotinha de quatro caravelas no principio de Dezembro de 1499; e depois d'um trajecto de 700 leguas, e de haver cortado o equador em longitude que não pôde determinar, foi a navegação inteiramente desvairada do rumo primordial, por um impetuoso temporal do septentrião, que aturou por muitos dias, arrojando os navegantes a mares desconhecidos, e sob uma constellação ainda não observada.

Sobranceiro e amestrado em taes lances e revezes tão estranha situação não trepidou Pinzon em domina-la; e tirando partido da propria força, que, por dias consecutivos e através de descommuns perigos, o compellíra a vogar ao acaso, mandou á frotinha dar popa ao vento, e dest'arte deixou-a ir para oeste, correndo o parallelo austral de oito gráos; e a esse rumo, depois de haver-se percorrido mais 240 leguas, affrontou-se terra alta, e d'ella deu-se fé em 28 de Janeiro de 1500, oitenta e seis dias antes que Cabral houvesse vista de terra no hemyspherio que, sem que fosse buscado, patenteou-se imprevisto. E a essa terra deu Pinzon o nome de *Santa Maria da Consolação*, conhecida ao depois com o de cabo de *Santo Agostinho*, a ponta de maior projecção do litoral do Brazil no oceano atlantico.

Reincidem os Portuguezes a avocar para da-lo a Cabral o laurel de primeiro descubridor do Brazil, desviando-o assim de Pinzon, que, como fica dito, com antecedencia o avistára e o reconhecêra como continuidade longitudinal, que corria a sul da Terra-firme, observada antes por Colombo em seguida aos seus primeiros descubrimentos; que determinára a posição astronomica do ponto do litoral que havia tocado; e que, emfim, restabelecêra ahi a derrota primitiva, reatando o fio que tomára ao iniciar sua navegação, e

aproveitando-se da reacção da corrente equinocial para a dirigir para o norte. É certo que contra esta especie de plagio tem-se já pronunciado n'esse repto generosos e abalisados escriptores em reivindicação da memoria do illustre hespanhol: mas, o julgamento d'este pleito de vida e morte intellectual, que dura tres seculos, ainda está pendente, ainda a posteridade não lançou n'elle o seu severo e consciencioso *verdict*, talvez por deficiencia de quem com legitima autorisação tome em peito a defensão d'essa causa. E quem quer que saia vencedor n'esta famosa contenda, lhe caberá, eu o juro, a gloria immortal do portentoso feito, que só é commensuravel com o do illustre Colombo — *o descubrimento do Brazil* —, d'esta terra mimosa e querida do céo.

S. Paulo, 7 de Setembro de 1850.

REFLEXÕES

ÁCERCA DA MEMORIA DO ILLUSTRE MEMBRO O SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA SILVA.

POR

A. GONÇALVES DIAS

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, lidas na sessão de 26 de Maio de 1854

NA AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

O descubrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso? — D'este ponto dado para a discussão d'uma das nossas ultimas sessões do anno preterito, já tinha tratado o nosso illustre consocio, o Sr. Norberto, em uma memoria lida n'este Instituto, por elle approvada, impressa em um dos numeros da sua Revista (1), e geralmente applaudida. Credor de elogios pela maneira cheia de erudição e sciencia com que o desenvolveu, o autor da Memoria não se poupou, nem a investigações, nem a estudos para o cabal desempenho da sua tarefa: o seu trabalho foi, e devia ser elogiado. Assim que a escolha d'este ponto, sendo o primeiro apresentado para os debates d'esta illustre corporação, era por um lado a demonstração evidente do interesse de que julgamos credora a primeira e singela pagina da nossa historia, e por outra a manifestação do apreço em que se tem a Memoria do nosso illustre consocio.

Abalancei-me a tomar parte n'esta discussão; mas fallando em sentido contrario á conclusão da Memoria, não lhe neguei, e nem que o quizesse lhe poderia negar o incontestavel merecimento que tem: pelo contrario, apressei-me logo em principio a cumprir com esse dever, não tanto de amizade, como de consciencia; porque era

de mim reclamado pela cordial sympathia que voto ao autor da Memoria; porém mais particularmente por amor da justiça, que aliás, e por differentes vezes lhe tem feito este Instituto, approvando os seus importantes trabalhos com demonstrações de não equivoco apreço.

A razão porém por que fui obrigado a tomar parte n'esta discussão, ainda que o Instituto a saiba, não me julgo dispensado de a consignar novamente aqui. Em um trabalho, de que tambem tive a honra de ser incumbido, e que está bem longe de ser, como o de que se trata, homogeneo, e, segundo a maneira de vêr do seu autor, completo, toquei por incidente n'este facto. Fallei do descubrimento do Brazil, e a este respeito escrevi palavras que passo a transcrever (2).

« Colombo accrescentava um mundo ao mundo conhecido, e « Pedro Alvares affastado da sua derrota e arrastado pelas grandes « torrentes do oceano atlantico, viria aportar ás terras de Santa « Cruz; e com a sua descuberta provar á humanidade, orgulhosa « de suas anteriores conquistas — com esta que não é de todas a « somenos — que o destino, o acaso, a fatalidade valem mais muitas « vezes do que as forças todas da intelligencia combinadas com os « esforços da perseverança e da magnanimidade. »

O autor da Memoria, que foi tambem o relator do parecer apresentado ácerca d'este meu trabalho, notou a minha opinião que ia de encontro á sua, e sem se fazer cargo de a refutar, o que bem poderia suppôr escusado depois da publicação da sua Memoria, não póde e não devia talvez passar em silencio a asserção, ou antes contradicção, que nas minhas palavras se continha. D'esta maneira me achei sustentando uma opinião, que ainda me parece verdadeira, a qual porém é impossivel que não tenha em seu abono senão o assentimento da maior parte; mas nem seguir a opinião do maior numero é ter razão, nem o haver consultado a historia é fiador seguro de termos acertado com a verdade.

Estarei em erro; e d'elle me convenceria o nosso illustre consocio, autor da Memoria, si para isso bastasse a consciencia que tenho, de

quanto estudou elle esta materia, e de quão largamente a meditou antes de pôr a limpo a sua curiosa e erudita dissertação.

Póde-se dissentir do seu parecer, ter uma opinião em contrario firmemente estabelecida; mas concordando em que será bem difficil sustentar a sua these — melhor do que elle o fez, — folgo ao mesmo tempo de confessar que n'essa Memoria se acha expendido, ou pelo menos apontado, tudo quanto de mais importante se póde dizer — pró ou contra esta materia.

Não me parece pois que lhe será desagradavel argumentar eu com as suas proprias palavras, abonando a fidelidade das suas citações com o servir-me d'ellas em me sendo necessarias, e deixando de parte os argumentos de que elle julgou não se dever aproveitar.

Por esta fórma, a falta de logica ficará sendo privativamente minha; e essa falta agora se tornará sem duvida mais saliente, quando em cumprimento do honroso encargo que me foi imposto por este Instituto, tendo de reduzir a escripto as observações ácerca d'este assumpto, com que tive o arrojo de sollicitar a sua attenção, e a mal esperada ventura de a captivar por alguns instantes.

Entro em materia.

Para que o descubrimento do Brazil por Cabral não fosse obra de mero acaso, seria preciso que antes da sua viagem este navegante tivesse ou podesse ter tido conhecimento das terras da America. Certo que ellas haviam sido anteriormente descubertas e visitadas, si podem ser considerados verdadeiros descubrimentos os que se circumscrevem nos limites d'um paiz pouco frequentado por estrangeiros, — e não passam do conhecimento de alguns poucos de sabios ou curiosos; comtudo, nem a noticia de terras da America foi o que induziu a Colombo a procura-las; nem a tal motivo parece que se possa razoavelmente attribuir o descubrimento do Brazil.

Em algumas partes da America Septentrional foram visitadas (3) no anno 986 por Bjarne, filho de Herjulfs; que quatorze annos depois, no ultimo do 10.° seculo da nossa éra, Leif, filho de Erico o ruivo, partindo das extremidades boreaes da Europa, reconheceu alguns lugares d'ella, podendo datar-se d'esta expedição a descuberta

da America; — que estes intrepidos navegantes occupavam o paiz denominado por Leif « do bom vinho » — territorio que comprehendia todo o espaço do litoral entre Boston e New-York: — factos são que parecem ter attingido o gráo da certeza historica, depois das profundas e pacientes investigações da sociedade dos antiquarios do norte de Copenhague; mas que, apezar de tudo, em nada empanam a gloria de Colombo.

É certo que este habil mareante tinha visitado a Islandia em 1477, como elle proprio o confessa na sua obra « das cinco zonas habitaveis da terra » — obra tão rara (4), que me não pejo de declarar que só pelo titulo a conheço; mas esse titulo mesmo involve uma proposição, que ainda no seu tempo tinha alguma coisa de paradoxal. E tanto isto assim é, que o cardeal Pedro d'Ailly, chamado — « a aguia dos doutores de França », e cuja autoridade Colombo muito respeitava — na sua obra « *Imago mundi* », escripta em 1410, qualifica de inhabitavel a região situada ao sul do monte Atlas. Em um mappa-mundi do começo do seculo XV, mappa que pertenceu ao cardeal Borgia, lê-se, segundo diz o visconde de Santarem (5), que a zona torrida era inhabitavel por causa do calor do sol. Em outro, desenhado em 1488 por Bartholomeu Colombo para o rei de Inglaterra Henrique VIII, notam-se os tres seguintes versos:

Pingitur hic etiam nuper sulcata carinis
Hispanis, zona illa, prius incognita genti,
Torrida, quæ tandem nunc est notissima multis.

Voltemos porém ao assumpto de que nos vinhamos occupando. Apezar da viagem de Colombo á Islandia, ha bons fundamentos para duvidar que elle tivesse obtido ali informações ácerca de taes descubrimentos, ou que ao menos concebesse suspeita da existencia d'estas terras. Di-lo Humboldt, que para isso se apoia em razões, que são ou parecem concludentes, além da consideração, que elle tambem apresenta, de que, quando foi da viagem de Colombo a Islandia, havia já dous seculos que se tinha interdicto á Groelandia todo o commercio com estrangeiros.

Colombo visitou a Islandia em Fevereiro de 1477; mas os projectos, de que resultou o descubrimento do novo mundo, já o occupavam nos annos de 1470 e 1473; e esta razão já de per si valiosa, se corrobora com o argumento que se deduz do silencio que sobre a viagem dos Islandezes se guarda no celebre processo sobre a prioridade das descubertas de Colombo, — processo que só se concluiu em 1517.

Nota-se por fim que, si Co'ombo tivesse intenção de descubrir o paiz vizinho ou collocado em face da Islandia, — na sua primeira viagem, elle não teria seguido o rumo de sudoeste largando das Canarias (6).

Que Colombo tenha recebido a relação da viagem, e o roteiro de Affonso ou Alonso Sanches, fosse elle, como diversamente se tem escripto, hespanhol, biscainho ou portuguez, ou se desse o caso em Lisboa, Madeira ou Cabo Verde, — é facto tão pouco verosimil, que tem sido desprezado pelos bons historiadores, e que tambem não será motivo de controversia, visto que o autor da Memoria por sua parte o regeita (7). Oviedo o qualifica de « fabula que tinha voga entre o povo miudo », e o reputa falso na sua *Historia geral e natural dos Indios* (8). Por outro lado bem facil é demonstrar-se a falsidade do que se allega. A viagem de Sanches data de 1484, — isto é —, quatorze annos depois de Colombo ter concebido a possibilidade de navegar para a India por oeste, — dez annos depois de ter encetado a sua correspondencia com Toscanelli — sobre tal projecto.

Outro facto de mais importancia em relação á viagem de Colombo é o que se menciona no processo da propriedade de seus descubrimentos, — o de ter Martim Alonzo Pinzon, um dos seus companheiros de viagem, affirmado que víra em Roma um mappa-mundi, em que o novo continente se achava figurado. D'esta circumstancia, combinada com a de ter Colombo na sua primeira viagem mandado ao mesmo Pinzon uma carta de marear (9), *onde se achavam pintadas certas ilhas*, se tem querido argumentar que não foi tanto ás

cegas, como se pensa, que elle se aventurou no oceano em procura de caminhos e terras desconhecidas.

E' certo que Colombo na sua primeira viagem levou comsigo uma carta de marear, que lhe merecia alguma confiança, carta que, segundo se julga, elle recebêra de Paulo Toscanelli. e mais de meio seculo depois da morte do almirante era ainda possuida por Bartholomeu Las Casas: essa foi a que elle enviou a Martim Alonzo Pinzon a bordo do *Pinta*. Sabe-se, porém, que essa carta, si era a mesma, lhe fôra legada por Toscanelli em 1477 (10); e si nos não esquecemos da circumstancia, já indicada, de que os projectos de uma viagem para oéste occupavam o espirito de Colombo, sete annos antes d'essa época, concluiremos que as allegações de Pinzon carecem da importancia, que á primeira vista estariamos dispostos a attribuir-lhes. Como quer que seja, se Colombo si tivesse guiado unicamente pela carta de Toscanelli (observa Humboldt no logar supracitado), « ter-
« se-ia dirigido mais para o norte, e conservado sob o parallelo de
« Lisboa; emquanto, na esperança de chegar mais cedo a Cypango
« ou ao Japão, elle percorreu metade do seu caminho pela altura da
« ilha de Gomera (uma dos Açôres), e inclinando-se depois para o
« sul, achou-se a 7 de Outubro de 1492 aos 25 1|2 gráos de lati-
« tude. Então, como ainda não tivesse descoberto as costas do Japão,
« que segundo seus calculos, devêra ter achado 216 leguas mariti-
« mas mais chegadas ao Oriente, cedeu, depois de longa reluctancia,
« ás representações de Martim Alonzo Pinzon, e navegou para o
« sud-oéste, mudança de rumo, que o levou alguns dias depois á ilha
« de Guanahani. »

Vê-se, pois, que para a descoberta de Colombo não influiram as viagens dos Scandinavos, nem o roteiro de Affonso Sanches, si em algum tempo existio; servindo a carta de Toscanelli, sómente, para mais o confirmar nas suas idéas.

Deverei ainda observar que n'esta carta *viam-se pintadas certas ilhas*. Comtudo não era isso para admirar; por que antes e depois mesmo da descoberta das Canarias, a existencia de ilhas situadas no

Atlantico era objecto de fabulas e contos, que se casavam algumas vezes com as ficções do paganismo grego e romano. No seculo XIV o celebre Boccacio no seu livro: « *De montibus et diversis nominibus maris.* » Escreveu, a proposito do Oceano Atlantico: « Além « do Oceano Atlantico existem certas ilhas separadas por canaes, e « um pouco affastadas de terra, nas quaes, *segundo se diz*, habitam « as gorgonas: outros affirmam que ellas estão muito pelo mar « dentro. » O *diz-se*, que este autor emprega, tratando das Canarias, revela o imperfeitissimo conhecimento que então se tinha do Atlantico, mesmo na proximidade de suas costas orientaes; e mais Boccacio foi um grande geographo no seu tempo, e tratava especialmente dos *mares* e *montanhas*.

Bakony, geographo arabe, que viveu no seculo XV, dizendo que o poente é terminado pelo occaso, faz menção das famosas seis estatuas de bronze das Canarias, cada uma d'ellas de cem covados de altura, e que serviam como de fanaes para dirigir os navios, e avisa-los de que não havia mais caminho para as partes d'aquem (11). D'estas estatuas escreveu Ibn Said (12) que haviam sido erigidas nas ilhas de *Khalidât* (que são as mesmas Canarias) com a inscripção, similhante ao — *Non plus ultra* — das columnas de Hercules: não se vai além!

O phenomeno da *miragem* servia tambem para alimentar a crença de terras inexploradas que havia no Atlantico. Colombo, no roteiro da sua primeira viagem, falla de umas ilhas, que por effeito d'este phenomeno, appareciam todos os annos a oéste dos Açores, Canarias e Madeira.

Sendo isto assim, não seria para admirar que na carta possuida por Colombo, apparecessem ilhas desconhecidas; mas nenhuma razão ha para crêr que ellas ali fossem postas por Toscanelli, a não ser como dependencias da Asia, parte do mundo que era então bem pouco conhecida, e cujo caminho o florentino pretendia demonstrar. O que eu concluo, tanto do roteiro de Colombo, impresso por Navarreti, como da passagem, que Humboldt cita, do manuscripto de Las Casas (13), é que fôra o proprio Colombo quem havia desenhado

aquellas ilhas. A proposito d'essa carta, lê-se no roteiro de Colombo « d'onde, segun parece, tenia pintadas el almirante ciertas islas por aquela mar (14). » Las Casas tendo dito que essa carta parava em seu poder com outras cousas do almirante, e escripturas do seu proprio punho, accrescenta: « En ella le pintó muchas islas.» A' vista de taes phrases não se póde muito bem suppôr que taes ilhas fizessem originariamente parte do mappa de Toscanelli: pelo contrario, parece ter sido Colombo quem n'elle as desenhára, por ventura como sendo aquelles os pontos que demandava, e esperava encontrar. Si porém foram essas ilhas representadas pelo proprio Toscanelli, se com a expressão de —*Antilia*,— que elle emprega, quiz revelar a existencia de terras desconhecidas, embora não fossem propriamente a America ou as ilhas caraibas; como nenhum fundamento tivesse para o fazer, não poderiamos n'este caso, deixar de classifica-lo no numero dos astronomos e cosmographos, que apresentavam como realidades as producções da sua fantasia, como si a verdade nunca tivesse de apparecer. Tal é o mappa de Frá Mauro de 1460, no qual a Africa termina por uma ilha; e o globo de Martinho Behain ou Bohemio, que data de 1492, em que esta mesma parte do mundo, depois do rio do Infante, lança uma grande lingua de terra para o Oriente.

Mas porque havemos de roubar á humanidade esse glorioso florão da corôa de suas conquistas? A tentativa de Colombo foi aventurosa, atrevida, arrojada; mas o genovez tinha concebido o seu plano, tinha em vista um fim que seguia com afinco e tenacidade. O que elle pretendia era descobrir um caminho para as terras das especiarias, era chegar ao oriente pelo caminho do occidente; e longe de acreditar, com Humboldt, que o fim principal e como que unico da sua empreza era descobrir esse caminho (15), sou levado a crêr que alguns descobrimentos, ainda que não tão importantes como na realidade foram, entravam, como uma probabilidade, nos seus planos (16). É isso o que claramente se deduz logo do capitulo primeiro das condições ajustadas entre elle e os reis catholicos (17). Ninguem o queria acreditar; eram chimeras de Marco Polo, cuja obra elle provavelmente não lêra (18); eram artificios do cavalheiro d'industria, que armava

laços á fortuna. Os Theologos argumentavam que não podia haver nenhum povo ignorado; porque Deos tinha mandado aos seus apostolos que pregassem o evangelho a todas as gentes. Os sabios lançavam-lhe em rosto a sua arrogante presumpção de querer elle só saber mais que todo o mundo (19); e pretendiam que si algum paiz habitavel havia além do oceano occidental, não estaria elle por tantos seculos ignorado dos homens, nem á espera d'elle, que o viesse descobrir. Os astronomos e cosmographos argumentavam de modo similhante, com razões, que não eram profundas; mas pareciam concludentes; porque se baseavam na ignorancia de todos: tal era a conjectura dos que, admittindo a esfericidade do mundo, sustentavam que, passado certo ponto, a volta se tornaria impossivel (20).

Uma viagem de descobrimentos no mar atlantico,—o mar verde, o mar tenebroso, o mar sem fim dos geographos arabes!!... Era d'esse mar, que apoiado nas autoridades de Ibn Said e de Masondi, Edrisi escrevia (21): « Ignora-se o que existe além do mar tenebroso; nada se sabe a seu respeito por causa das difficuldades que oppoem á navegação a espessura das trevas, a altura das vagas, a frequencia das tormentas, a multiplicidade de animaes monstruosos e a violencia dos ventos. Ha comtudo n'este oceano grande numero de ilhas, ou sejam habitadas ou desertas; mas nenhum navegante se tem aventurado a atravessa-lo, nem a cortar o mar alto, limitando-se todos a seguir as costas, sem perder nunca a terra de vista. As vagas d'este mar, da altura de montanhas, bem que se agitem e se comprimam, ficam sempre inteiras e insulcaveis sempre. »

Era esse o mar que Colombo se propunha a navegar! Triumphou por fim, e devia triumphar, porque era homem de altissimo engenho. Em um memorial ou carta (22), que dirigiu ao rei de Hespanha, dizia elle de si: « Desde criança que embarco, e ha quarenta annos, que percorro os mares: examinei-os a todos com cuidado,—pratiquei com grande numero de homens letrados de todas as nações, —ecclesiasticos e seculares, latinos e gregos,—judeus e mouros e de outras muitas seitas; adquiri alguns conhecimentos da navegação, da astronomia e da geometria, e sinto-me capaz de dar relação da

todas as cidades, rios e montanhas, e de as collocar cada uma d'ellas, nos mappas, nos lugares que devem occupar. Tenho além d'isso estudado os livros que tratam da Cosmographia, da Historia e da Philosophia, etc. « A isto se chamou n'aquelle tempo, *ser glorioso em mostrar as suas habilidades;* e todavia, como observa Humboldt (23), os homens que hoje se occupam com os phenomenos do mundo exterior, admiram-se da penetração de Colombo, a quem não escapa, ao passo em que procura gomas e especiarias, o exame da configuração da terra, da phisionomia e fórma dos vegetaes, dos costumes dos animaes, da distribuição do calor, e das variações do magnetismo terrestre. Humboldt admira tambem a nobreza e simplicidade das expressões com que o grande viajante vai descrevendo e como que pintando o novo céo e o novo mundo, que se ia desdobrando a seus olhos, cada vez mais embellezados dos objectos que contemplavam.

Homem distincto (entre os seus contemporaneos), pelo seu atilamento e sciencia; a gloria do Genovez está no seu genio e não na sua felicidade.

Assim que, deixando de parte o seu descobrimento, bastaria para illustra-lo o seu projecto, que daria á execução, si factos occasionaes o não tivessem contrariado, de uma viagem em roda do globo, continuando a sua derrota para oéste, afim de voltar á Hespanha por mar, ou por terra, atravessando Jerusalem. Era isto 4 annos antes do Gama, 27 annos antes de Magalhães; e antes que Balbon descobrisse o pacifico das alturas do Panamá, dez annos antes que o intrepido aventureiro hespanhol entrasse no mar até aos joelhos, com a espada desembainhada, para tomar conta d'elle, em nome da Corôa de Castella, já Colombo tinha advinhado o mar d'oéste, como, antes de as avistar, tinha advinhado as terras da America, e profetisado o seu apparecimento aos seus companheiros timidos e assustados.

Foi-me preciso entrar n'estas considerações por que o autor da Memoria dá começo ao seu trabalho, referindo a recusa que soffreu Colombo do rei de Portugal, a quem pedia auxilio para a execução dos seus planos, recusa que, acha o nosso digno collega, não seria inteiramente destituida de calculo.

Era possivel que o rei de Portugal, antes de descoberta a America, tivesse idéas vagas de algum mundo que podesse estar perdido na vastidão até então inexplorada do oceano; por que nas proximidades dos grandes phenomenos da natureza, sente-se uma como revelação intima, um rumor vago que presagia o acontecimento futuro: taes são os indicios de tempestades nos paizes intertropicaes e os ameaços de erupções vulcanicas. Ha tambem exemplos analogos nos acontecimentos humanos, ou, se os não ha, a nossa credulidade ao menos faz que os tomemos por verdades.

Não quero, pois, negar todo o credito a um facto, que os antigos traduziram em rifão, chamando-a a voz de Deos, porque de ordinario se realisam os seus prognosticos, ou do diabo, porque vem, não se sabe d'onde. O que é certo é que, dada a existencia de um acontecimento de alguma importancia, podemos ter a certeza de que um, e muitos servos de Deos, o revelaram em extasis beatificos, na presença de todo o mundo! Assim é que depois de Colombo apparecêram o roteiro de Affonso Sanches, os mappas de Qrontius e os conhecimentos ante-diluvianos do Brazil.

Si porém tal recusa foi filha de calculo, á vista do resultado que teve, podemos aquilata-lo de bem desgraçado; mas, antes d'isso, vem apelo perguntar — qual o motivo por que o rei de Portugal, recusando a Colombo o fraco auxilio, que este lhe pedia, tentou, sem a sua intervenção, realisar o projectado descobrimento?!

Esta hypothese não é admissivel, quando consideramos que não ha razão alguma para suppôr que Colombo tinha sido mais bem conceituado em Portugal que regeitou os seus serviços, do que na Hespanha, onde, antes que elles fossem aceitos, os homens prudentes e sensatos se riam do forasteiro, quasi mendigo, que promettia aos reis gloriosos de Aragão e Castella montões de ouro, que deslumbrassem a Europa. N'esse tempo D. João II não teria em melhor opinião do que o teve o grande historiador, o Tito Livio Portuguez — João de Barros, annos depois do descobrimento da America, recordando a proposta de Colombo e o modo por que ella fôra encarada pelo rei e cosmographos portuguezes, dil-o em palavras, de que se exclue toda a idéa de calculo, ou influencia de motivos occultos.

Eis o que elle escreveu (24): « El-rei porque via ser este Christovam Colom homem fallador e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais fantastico e de imaginações com a sua ilha Cypango, que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito. Comtudo á força de importunações mandou que estivesse com D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, e com Mestre Rodrigo e Mestre José, a quem elle commettia estas cousas de cosmographia e seus descobrimentos: e todos ouviram por vaidade as palavras de Christovam Colom, por tudo ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cypango de Marco Paulo (24). »

Portanto, na recusa que em Portugal soffreu o grande navegante, não entrou calculo: digamo-lo em desaggravo do principe illustrado, que então regia aquelle paiz: o que houve, foi antes falta de convicção e de fé. Assim, quer me parecer de toda a verosimilhança, para o não pôr inteiramente fóra de duvida, — em attenção ao pouco e duvidoso que se tem escripto ácerca da viagem de um Côrte Real no seculo 15.°, — quer me parecer, digo, que antes da viagem de Cabral ignorava-se a existencia das terras por elle descobertas, ainda mesmo supposto que depois das viagens de Colombo se suspeitasse ou admittisse a possibilidade de novos descobrimentos.

Examinemos os documentos e provas que o nosso illustrado consocio tomou para servirem de base ao seu trabalho.

Deixemos de parte a palavra « Brazil » bem que já existisse muito antes de ser imposta como denominação a esta parte do mundo; pois o illustre autor da Memoria regeitou o argumento que d'ahi se poderia deduzir, querendo que os lugares em tempos remotos conhecidos confusamente por tal nome, si exceptuamos o Brazil propriamente dito, talvez fossem os mesmos que ainda hoje o conservam. Taes são, como a memoria o indica, uma rocha na Irlanda, e um monte junto de Angra na ilha Terceira.

Adoptando plenamente a opinião do illustre membro d'este instituto, seja-me permittido pôr em duvida a sufficiencia dos documentos, em que elle se baseia, para provar que em Portugal se tinha conhecimento das terras que Pedro Alvares descobriu, não por méro acaso, mas *demandando-as* como por proposito deliberado.

É o primeiro d'estes documentos a carta datada de Barcelona de

5 de Setembro de 1493 (25), em que o rei de Hespanha, escrevendo ao seu almirante, lhe recommendava que se afastasse das costas e ilhas de Portugal, pois que os portuguezes pretendiam embaraça-lo na sua viagem. Tratava-se tambem n'essa carta si seria conveniente ampliar-se a bulla de Alexandre VI.

E' certo que os portuguezes se oppuzeram á execução d'esta bulla; mas não se deve attribuir á perspicacia de D. João II ficar o Brazil incluido na sua demarcação. Bullas anteriores davam-lhe o senhorio e conquistas das terras que descobrissem, e ás quaes não tivesse chegado a luz do Evangelho; e como a de Alexandre VI restringia estas concessões amplas, e tão amplas que se poderam considerar illimitadas: por isso se oppuzeram os portuguezes á sua execução. Si assim não fosse, seria difficil explicar-se o motivo por que se recusaram os portuguezes a aceita-la em um tempo em que era tão respeitada a autoridade pontificia (26); nem se poderia conceber como conseguiram o tratado de Tordesillas e a escriptura de Saragossa que estenderam em favor dos portuguezes, as raias do lote que Alexandre VI lhes fizera.

Quanto porém á emenda de tal bulla, devendo-se, segundo as suas prescripções, tirar-se uma linha que cahisse cem leguas a oéste de uma das ilhas dos Açôres ou Cabo Verde, é claro que não era preciso ser emendada para que as terras novamente descobertas se achassem comprehendidas na demarcação da corôa de Hespanha. Do modo por que n'essa carta se exprimia o rei de Hespanha, vê-se que, si os portuguezes tentavam intervir nos descobrimentos occidentaes, fundavam-se em outros pretextos.

Póde-se admittir, e é bem de suppôr, que Colombo depois da sua primeira viagem estivesse convencido que lhe restava muito que ver e navegar antes de chegar ao fim dos seus descobrimentos; e que então fosse cégamente acreditado, porque já não era o aventureiro sem patria, mas o navegante illustre, que cobrira de gloria a terra que havia confiado no seu genio, e aquella a que devia o nascimento. Mas o que os portuguezes queriam era intervir nos descobrimentos de Castella, e embaraçar o progresso maritimo de uma nação rival,

quaesquer que fossem os pretextos que para isso apresentassem. Allegavam pois a existencia de terras proximas ou dependentes d'Africa, em cujos mares já se havia descoberto o rochedo deserto de S. Helena: isto fez impressão no animo do rei de Hespanha, tanto mais que os portuguezes, ao que se suppunha, mandavam surrateiramente caravellas ao descobrimento: era com referencia a estas allegações dos portuguezes — de terras nos mares d'Africa — que o rei tratava da conveniencia de se emendar a bulla. « Sabeis d'isso mais que todos (escrevia elle a Colombo), dizei, pois, si é preciso emendar a bulla. » Tratava-se, pois, de terras que ficassem na distancia de cem leguas, dos Açôres ou Cabo Verde.

Poderá tambem concluir-se que ainda que se dissesse, e geralmente se acreditasse que as novas terras pertenciam á India, o rei de Hespanha admittia a possibilidade de que ellas não fossem senão dependencias d'Africa. Não eram os portuguezes n'aquelle tempo marujos inferiores aos hespanhóes, nem creio que o rei de Hespanha fosse mais illustrado que o de Portugal; comtudo, segundo affirma André de Rezende em um trecho citado pelo illustre autor da Memoria, D. João II sentiu-se das descobertas de Colombo pelas suppôr feitas dentro dos mares e termos de seus senhorios de Guiné (27). Esse ao menos era o pretexto.

Não me cansarei, comtudo, em formar conjecturas ácerca da explicação que deve ter este documento; porque a historia se encarregou de a pôr fóra de duvida.

Eis o facto: Colombo, cujos offerecimentos recusados por Portugal, haviam finalmente sido aceitos por Castella, conseguiu realisar o seu projecto; e descoberta a America, viu-se na sua volta obrigado por circumstancias a entrar no Tejo. Teve isto logar a 6 de Março de 1493. Alvoroçaram-se os portuguezes, e D. João II, desejando ouvir a Colombo, mandou-o chamar, « o que elle fez de boa vontade (escreveu João de Barros) (28), não tanto por aprazer a el-rei, quanto por o magoar com a sua vista. »

Colombo, possuido de enthusiasmo pelas scenas do novo mundo, como no-lo revelam seus escriptos, poderia não ter-se reprimido de

ainda mais engrandecer e exaltar o merito da sua descoberta (29) na pratica que teve com o rei, comprehendendo que d'esta fórma se vingava de sobejo das humilhações por que passara em Portugal, quando lhe offerecia um reino, em cuja existencia ninguem acreditava. Não era preciso para isso, nem parece presumivel, que elle com soltura de palavras, como diz Barros, accusasse e reprehendesse o rei de não ter aceitado a sua offerta. Para accusar e reprehender o rei bastava unicamente a presença de Colombo, ainda que nem uma só palavra pronunciasse (30). E de facto mostrou-se o rei tão pezaroso e sentido que os seus cortezãos se lembraram de aconselhar-lhe o ignominioso expediente de mandar assassinar a Colombo. Era homem assomado, diziam elles: bastava pois mandar-se algum espadachim travar-se de razões com elle, que de certo não recusaria a briga, e d'este módo perderia a Hespanha a sua conquista.

D. João II já tinha sido injusto para com o genovez, e n'essa mesma audiencia parece que a sua magnanimidade havia fraqueado e cedido ao despeito não disfarçado de ver como a Hespanha por um só lance de fortuna se tinha opulentado e obscurecido a sua gloria. O meio repugnou-lhe; e o crime lhe pareceu desnecessario, porque raiou-lhe n'alma não sei que esperança, fortalecida pelos seus desejos, de que as terras de Colombo ficassem nos seus mares de Guiné. Era o rei de uma nação forte, de um povo glorioso, e quiz lançar mão da força, mandando, como escreveu Rezende, preparar uma grande armada contra aquellas partes; mas emquanto estes aprestos se faziam em Portugal, os reis de Hespanha o suspeitaram ou aventaram, e requereram-lhe que sobre-estivesse na sua resolução, até que se mandasse ver a que mares e conquistas cabia o descobrimento de Colombo.

D. João II aceitou a proposta pela convicção em que estava de que as ilhas de Cypango e Antilhas não eram mais que dependencias d'Africa (31). Nomeiam-se embaixadores, entabulam-se negociações; mas no emtanto, como Colombo tivesse de partir novamente, a prudencia aconselhou aos reis catholicos determinarem a Colombo que não aportasse aos dominios portuguezes.

Este escripto, pois, nenhuma relação tem com o Brazil; nenhuma prova offrece, nenhuma indução se póde d'elle tirar de que os portuguezes tivessem noticia ou noções d'esta parte do mundo.

Outro documento é a carta do bacharel, mestre João, datada de 1.° de Maio de 1500, escripta da frota de Pedro Alvares ao rei de Portugal, na occasião do descubrimento do Brazil (32). Que n'essa carta, ou n'esse tempo se tratasse da existencia de ilhas ou terra firme, não seria de admirar por ter-se propagado na Europa logo após as descubertas de Colombo que era continente o que elle achára. Era isso o que devia acontecer, quando o proprio Colombo, assim como Vespucio, acreditavam ter tocado n'Asia, e morreram ambos n'esta supposição. Não seria muito pois, que os portuguezes o suspeitassem tambem. No entanto não creio que sirva essa carta, como quer o nosso digno consocio, para comprovar a asserção dos reis catholicos de que os portuguezes suspeitavam a existencia de muitas ilhas, e ainda de terra firme. O que pretendia o physico e cirurgião da armada de Pedro Alvares era dar uma idéa ao seu rei da terra descoberta por elle e seus companheiros. O menos pois que d'elle se podia exigir era que informasse si Vera Cruz era ilha ou continente; porque essa era a pergunta que a si proprios fariam chegando á vista d'uma terra ignorada. Mas apezar de tudo, como que o mestre João propendia para a opinião de que era ilha a terra de Vera Cruz, e, segundo os signaes que julgava ter percebido dos indigenas, quiz lhe parecer que eram em numero de quatro.

O que é porém mais significativo é que o physico da frota de Pedro Alvares recommenda ao rei que mande ver o mappa-mundi, que possuia Pero Vaz Bisagudo! Que mappa era esse, para o qual se chamava a particular attenção do rei? Teria alguma coisa de notavel ou achar-se-hia n'elle consignada a terra de Cabral, posto que se não certificasse si era ou não habitada? Nada sabemos, e muito pouco se póde conjecturar d'este documento, que poderia ter sido escripto de modo mais intelligivel. Para d'elle se fazer idéa aproveito-me do trecho que cita o nosso consocio a pag. 169 da sua Memoria, ao qual, apezar de ser dos menos ambiguos, dou eu uma interpretação

inteiramente opposta : « porém no mappa (lê-se na Memoria) não se certifica ser esta terra habitada, e não é mappa-mundo antigo. » — Eu leio pelo contrario « não certifica ser esta terra habitada ou não : é mappa-mundi antigo (33). »

Mas por que motivo, ou com que fim, perguntamos, chamaria o physico, mestre João, a attenção do rei para o mappa que possuia Pero Vaz? O illustrado autor da Memoria diz que foi para que o rei visse n'elle a altura da terra novamente descoberta : no entanto não seria isso grande coherencia da parte de quem o escrevia, quando elle proprio accrescenta que, segundo as regras do astrolabio, era manifesto que elles tinham a altura do pólo antartico em 17 gráos ; e era tão firme a sua convicção que elle desafiava os pilotos para verem, quando chegassem ao Cabo da Boa Esperança, quem tinha razão : si os pilotos com as cartas sómente, ou si elle com as cartas e o astrolabio.

O que o mestre João recommendava não era que se verificasse não a altura que elle dava ; mas o sitio da terra, no mappa de Pero Vaz ; nem me quer parecer que n'elle houvesse terras inscriptas : porque dizendo : « não se certifica ser esta terra habitada ou não », — e não sendo de ordinario costume fazerem-se similhantes indicações em taes mappas, eu entendo que elle advertia ao rei que não procurasse aquella terra no que lhe elle indicava.

De tudo isto o que é para concluir-se é que eram n'aquelle tempo rarissimos os mappas-mundi ; e tanto que, tratando d'elles, Antonio Ribeiro dos Santos (34), citado pelo autor da Memoria, aponta apenas dous, — um do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e outro do cartorio de Alcobaça, que veio ás mãos do infante D. Fernando, filho de D. Manoel. Mas que esses mappas fossem singulares pelas demarcações que n'elles vinham do Cabo da Boa Esperança, e da terra do novo mundo, antes dos descubrimentos de Bartolomeu Dias, e de Christovão Colombo, é facto esse de que a real academia me permittirá duvidar, apezar da autoridade de Antonio Ribeiro dos Santos.

Um argumento em favor da opinião que a Memoria sustenta, nos

dá o Sr. Varnhagen, recordando que Gaspar Corte-Real pedíra a doação que lhe fôra concedida a 12 de Maio de 1500, da ilha ou terra firme que encontrasse — isto — dous mezes depois da partida de Cabral, e quando as suas náos se achavam fundeadas em Porto Seguro. A' vista d'isto, e do rumo que tomou Pedro Alvares, diz-nos o Sr. Varnhagen que não nos podemos deixar de persuadir que entrou n'isso o quer que fosse das esperanças, curiosidade, ou vertigem descobridora dos portuguezes d'aquella idade. Alguns autores d'esta nação, apontando o facto, explicam-no de maneira que nenhuma correlação se achará entre uma e outra viagem, si não a da simples coincidencia do tempo. Antonio Galvão, por exemplo, narrando a viagem de Cabral, passa logo em seguida á de Corte-Real, referindo como no mesmo anno de 1500 Gaspar Corte-Real pedíra licença a el-rei D. Manuel para ir descubrir a terra nova: que partíra da Ilha Terceira com dous navios armados á sua custa, e fôra ao clima que está debaixo do norte em cincoenta gráos de altura. « É terra que se agora chama do seu nome », accrescenta Galvão (35).

Ainda que do exposto se deduza que similhante doação nada vem para o caso, sejam-me comtudo permittidas, para melhor o comprovar, algumas outras ponderações.

Si se tratasse n'esta doação de terras a que já Pedro Alvares tivesse sido mandado, não as doava o rei tão de leve, principalmente si havia tentado aquelle descubrimento á custa da sua real fazenda; e si o tivesse feito, não deixaria elle de ter contemplado a Corte-Real, ou seus herdeiros no numero dos donatarios por quem foi depois distribuida a costa do Brazil.

O de que se tratava, segundo o autor já citado, Trigoso no seu « *Ensaio sobre os descubrimentos e commercio dos portuguezes* » — e outros, era das terras que pudessem ser descubertas em uma viagem para a India pelo pólo arctico, viagem que se dizia, sem muito fundamento, ter sido feita por um outro Corte-Real no anno de 1463. Estas terras, comprehendidas entre os cincoenta e sessenta gráos do norte, hoje conhecidas com a denominação de terras *del labrador*, acham-se no mappa que acompanha a obra de

Lafitau « sobre os descubrimentos dos portuguezes » com o nome de « Corte-Real », como diz Galvão, que ficaram sendo chamadas.

O rumo seguido por Cabral prova que elle não pretendia tocar na terra do labrador; e do mesmo facto da doação feita a Corte-Real se conclue que ambos não teriam as mesmas vistas. Uma d'estas duas hypotheses repelle a outra, porque o Corte-Real nada tinha que entender com o Brazil, ou Cabral não vinha descubrir terras para elle. Mas como quer que seja, será sempre curioso argumentar-se d'uma viagem para o sul para outra ao pôlo arctico, embora cahissem ambas no mesmo tempo. Enxergar-se proposito ou o que quer que fosse de intencional da parte de Cabral em descubrir terras em frente de Benguella, porque sabia-se (si isso era sabido) d'outras fronteiras ás ilhas britannicas, era suppô-lo com conhecimentos da extensão da America, que só depois d'elle é que se conseguiu ter. Deixemos porém de parte a doação feita a Corte-Real, que será uma coincidencia curiosa, mas nenhuma relação tem com a questão que nos occupa.

Outra e ultima prova que citaremos, da noticia que os portuguezes, antes de Cabral, poderiam ter tido do Brazil, acha-se na obra de Gayoso « Principios de Lavoura do Maranhão », — na qual se lê que Martinho Behain, sendo já de idade madura quando principiou a capacitar-se da possibilidade da existencia dos antipodas, e d'um continente occidental, passára a Portugal em 1484 (36), e pedira a D. João III alguns meios para entrar em uma grande expedição para o sud-oeste.

A critica e illustração do nosso digno consocio fizeram-no regeitar esta noticia, ou como não provada ou como inverosimil, não attribuindo a Behain mais importancia do que a que elle teve no seu tempo, — isto é — a de ser um grande astronomo, que se tornára recommendavel em Portugal pelos melhoramentos introduzidos no astrolabio (37). De facto a critica a menos reflectida não poderá acreditar no que nos refere Gayoso das descubertas d'este homem. Diz-nos que confiando o monarcha portuguez alguns navios a Behain, este astronomo-navegante descubrira, annos antes de Colombo e de Magalhães, a grande parte da America, conhecida com o nome de Brazil,

— e chegára a estender a sua navegação até ao estreito a que déra o nome «de Magalhães», ou até a terra de algumas povoações de barbaros, a que chamára «Patagões»: Gayoso observa que talvez por este motivo foi Colombo pouco attendido quando veio offerecer a Portugal os seus serviços para o descubrimento do novo mundo.

Constam estas particularidades, segundo o mesmo autor, «de uma memoria sobre o descubrimento da America, dedicada ao Dr. Franklin pela sociedade philosophica de Amsterdam; mas com tão pouca fortuna, que nem a novidade do assumpto, nem o nome da sociedade ou da pessoa a quem fôra offertada, a poderam salvar do esquecimento.

Examinadas, ainda que ligeiramente, estas questões preliminares, resta-nos ainda mostrar como as informações de Toscanelli, que o autor da Memoria qualifica de exactas, e que lhe haviam sido pedidas pela côrte de Lisboa (38), antes da descoberta de Colombo, não podiam ter dado aos portuguezes conhecimento de novas terras, nem servir de guia a Cabral para realisar descubrimento algum.

Aproveito-me da traducção do nosso digno consocio:

«Muito me agrada saber (escrevia Toscanelli a um conego de Lisboa) a familiaridade que tendes com o serenissimo e magnificentissimo rei, e ainda que eu já tenha tratado por outras vezes do brevissimo caminho que ha d'aqui para as Indias, onde nascem as especiarias por via do mar, que tinha por mais custo a que fazeis por Guiné; como porém agora me dizeis que S. A. pretende alguma declaração ou demonstração, para que entenda e veja como se póde tomar esse caminho, o que mais facil seria demonstrar com a esphera na mão, para vêr como está o mundo: todavia para maior clareza mostrarei o referido caminho em uma carta similhante ás de marear; e assim a mando a S. A. feita e traçada por minha propria mão. N'ella vai indicado todo o fim do poente, tomando desde a Irlanda o austro até o fim de Guiné, com todas as ilhas que estam situadas n'esta viagem, a cuja frente está pintado em direitura pelo poente, o principio das Indias com todas as ilhas e lugares por onde podeis andar, e quanto podereis apar-

tar vos do pólo arctico pela linha equinocial, e porquanto espaço; isto é, com quantas leguas podereis chegar a aquelles lugares fertilissimos de especiaria e pedras preciosas (39).

O de que se trata pois não é de descuberta de terras; mas d'um novo caminho para as Indias, para a terra das especiarias, ou como se exprime Humboldt (40), Toscanelli n'esta celebre carta pretendia demonstrar a facilidade com que poderia chegar a India quem partisse da Hespanha. Era falsa a idéa que n'aquelle tempo se tinha da proporção em que a agua e a terra si acham entre si: desconhecia-se o prestimo do mar; nem os philosophos comprehendiam de que proveito era tão grande porção de elemento liquido que occupa uma área de vastidão pasmosa quando comparada a da superficie da terra. Era esta uma das questões que mais preocupavão a Colombo, porque sabe-se que elle nas suas viagens, não se esquecia de trazer entre outras obras do Bispo Pedra d'Ailly, a que tem por titulo « *De quantitate terræ habitabilis.* » Movido pela falsa conjectura que a este respeito formava, Colombo suppunha que a distancia entre a peninsula hiberica e a china era de 120 gráos. Martinho Behain no seu globo, que não sei se ainda existe em Nuremberg, dava para o mesmo espaço pouco mais de 100 gráos. Toscanelli porém sustentava, que similhante intervallo, que é na realidade de mais de 200 gráos, não passava de 52; e porque isso ufanava-se de demonstrar o *brevissimo caminho* que havia para o oriente navegando por oeste. Toscanelli fundava-se na autoridade do propheta Esdras, quando diz que os $\frac{6}{7}$ da terra estavam em secco, occupando apenas a superficie do mar $\frac{1}{7}$ della. A' vista de uma autoridade tirada de tal fonte, seria bem difficil que Toscanelli não achasse credito com preferencia a aquelles, que pudessem dizer então a verdade que é hoje sabida. E' certo que os geographos arabes a tinhão alcançado antes do tempo de Colombo; mas os seus livros erão pouco lidos, e quando o fossem muito, seria n'aquelle tempo enorme impiedade, talvez qualificada de herezia, citar-se um autor pagão e musulmano para combater a asserção de um propheta.

Albufeda, geographo arabe do seculo XIV, escreveo que, segundo

se lê nos livros indios, metade da terra é agua, e outra metade argila, isto é, que metade é continente e metade mar. Já são bem differentes as opiniões dos philosophos indios e a do propheta Esdras. Albufeda porém ainda vai mais adiante, e parece que não era esta opinião peculiarmente sua; mas as dos sabios do seu tempo e nação. « *Segundo os philosophos*, escreveo elle, a porção da terra descoberta constitue pouco mais ou menos o 4.° do globo, estando os outros $\frac{3}{4}$ submergidos pelas aguas. » E' com pouca differença a que hoje se diz, que a superficie da agua está para a da terra na razão (não de 3, como queria Albufeda) mas $2\frac{4}{5}$ para 1.

Assim que as informações de Toscanelli podiam ser exactas, segundo as suas deducções; mas pouca influencia teriam sobre a viagem de Cabral.

E si, como quer parecer ao illustrado autor da memoria, o mappa, que acompanhava essa carta, seria o mesmo que Pero Vaz possuia, confirmará isto o que já disse — que nelle se não fazia, nem se podia fazer menção de novas terras.

Digo que se não poderia fazer tal menção, porque o que sabemos da carta que analysamos é por uma copia d'ella dirigida a Colombo e impressa por Navarrete. E logo na carta que immediatamente se lê na mesma collecção, Toscanelli acoroçoando a Colombo que trate de realisar o seu projecto, diz-lhe, para pôr fóra de duvida, que não tratava de novas terras, mas de um novo caminho para o Oriente: « A viagem que quereis emprehender não é tão difficil « como se pensa.... Ficarieis inteiramente persuadido d'isso si hou- « vesseis communicado, como eu, *muitas pessoas que tem estado* « *n'estes paizes*: estai seguro de que haveis de ver reinos poderosos, « quantidade de cidades povoadas, e ricas provincias que abundam « em toda a sorte de pedrarias. »

Toscanelli portanto adaptava, como Colombo, as suas conjecturas ás idéas vulgarisadas por Marco Paulo.

Todavia o illustrado autor da memoria parece achar outro documento da influencia de Toscanelli nos descobrimentos da America, quando lhe quer attribuir a paternidade de um livro que os reis de

Hespanha haviam feito copiar para Colombo debaixo do maior segredo. Citarei as suas proprias expressões (42).

« Embora Colombo se expressasse em Lisbôa com a maior par-
« cimonia, e ainda depois da sua viagem procurassem os reis
« catholicos todo o segredo no exame de seus papeis, as commu-
« nicações que elle recebera de Toscanelli eram patentes e conhe-
« cidas. Com este correio (escrevia a rainha Isabel) vos envio um
« traslado do livro que cá deixastes, etc. » Da leitura dos preciosos documentos da collecção de Navarrete não é possivel deprehender-se que esse manuscripto deixado por Colombo em mãos dos reis catholicos tenha a minima relação com a carta de Toscanelli, que atraz deixamos extractada. Esse livro, se não foi o roteiro da primeira viagem de Colombo, era trabalho seu e relativo ao descobrimento já realisado da America. Navarrete apresenta outra carta dos reis catholicos, onde a proposito do mesmo livro se lê:
« Alguma cousa temos visto do livro que nos deixastes, e quanto
« mais nisto praticamos e vemos, conhecemos quammanha parte
« foi a vossa nesse negocio, e quanto sabireis d'isso mais do que
« nunca se pensou que nenhum mortal soubesse. »

Tenho até aqui procurado combater a supposição ou proposição de que antes de 1500 houvesse em Portugal dados a respeito do Brazil, que aconselhassem uma empreza de descobertas de novas terras no sentido do rumo que tomou, ou viu-se forçada a tomar a frota de Pedro Alvares; ao que accrescentarei mais uma observação, e é que ainda quando fosse provado e fóra de duvida que se soubesse da existencia de taes terras, não fica igualmente provado que Cabral o suspeitasse, ou que esse podera ter sido um dos fins da sua viagem.

Pelo contrario, tanto creio que a descoberta do Brazil não entrava nos seus planos, como que não será muito possivel descobrir-se n'elle a força de vontade e tenacidade de proposito que é o caracteristico de toda a vida, e da primeira viagem de Colombo.

Os historiadores abundam no sentido da opinião que me propuz a sustentar. O digno autor da Memoria os cita escrupulosa e textual-

mente com uma consciencia, que não é dos menores merecimentos do seu trabalho. Todavia não são esses nomes tão pouco conhecidos que eu me prive de os invocar tambem em meu favor, principalmente quando elles se exprimem de fórma tão cathegorica e terminante, que contrasta com as phrases ambiguas de outros, em que se procura base para a opinião contraria.

Os acontecimentos anteriores á viagem de Cabral podem esclarecer o fim unico que se teve em vista com a expedição da nossa frota.

Eis o que se lê em Mariz (43):

« Remunerados os grandes serviços do fortissimo D. Vasco da Gama e seus companheiros com signaladas mercês...., e informado el-rei D. Manoel bastantemente de quanta importancia era o negocio da nova navegação, e rico commercio da especiaria, e do muito proveito que se poderia seguir si poderosamente se continuasse, mandou o felicissimo rei em o anno centesimo do jubileo de 1500 uma formosa armada de treze náos grandes com todo o necessario assi para o commercio das cousas preciosas do Oriente, como tambem para o remedio das almas dos moradores d'ella.... E por capitão Pedro Alvares Cabral.... O qual, partindo de Lisboa,.... foi tal sua ventura que.... depois de uma espantosa tormenta,.... descobriu a provincia do Brazil. »

A narração de Barros (44) está concebida em termos mais significativos. Refere este autor que com a chegada de Vasco da Gama o povo não se sentia de contentamento, alvoroçado com a vista do cravo, canella, aljofar e pedrarias, e que o rei em tão alto grão se mostrou contente de ver o seu povo inclinado a esta conquista, que se resolveu a mandar outra frota sem demora « *ainda que fosse mais segura a navegação no mez de Março.* Por isso, quando Gaspar de Lemos chegou a Lisboa, teve o rei e todo o reino muito prazer — em primeiro logar —, por saber da boa viagem que a frota levava » — e quanto a terra, escrevia no seu contentamento ao rei de Hespanha — « que era muito conveniente á navegação da India. »

« A qual terra (escreveu o historiador portuguez) estavam os

homens tão crentes em não haver alguma firme occidental a toda a Costa d'Africa, que os mais dos pilotos affirmavam ser alguma grande ilha assi como as Terceiras, e as que se acharam por Christovão Colombo, que eram de Castella, a que os Castelhanos commummente chamavam Antilhas.»

Damião de Goes escreve: «Ahos 22 dias do mez de Abril viram terra do que foram mui alegres, porque polo rumo em que jazia viam não ser nenhuma das que até então eram descobertas (45).»

Jeronymo Osorio diz: «A 24 de Abril descobriram os gageiros terra, de que todos conceberam incrivel contentamento, não havendo nenhum dos nossos que tivesse a menor suspeita, de que lhes demorasse terra habitada de homens por similhantes paragens. *Nada menos mandou Pedro Alvares virar sobre a terra* (46).»

Ha além d'estas uma outra autoridade, que não deverá ser omittida, nem a omitte o autor da Memoria, Caminha, que se lhe antolha estar de alguma fórma no segredo dos designios de Cabral, — Caminha mesmo remata a sua carta com uma phrase, da qual se conclue que de similhantes designios, si acaso existiram, não era elle sabedor. N'essa carta Caminha aconselhando a seu rei, que mande cathequisar os Indios: «Tem bom corpo e bom rosto (diz elle), e Deos, *que aqui nos trouxe*, creio que não foi sem causa.»

Caminha não teria por certo escripto essas palavras; não teria por tal fórma appellado para a religião do rei, argumentando com os designios da Providencia, si a descoberta do Brazil tivesse sido intencional. O rei mesmo, si tal descobrimento houvesse entrado em suas vistas, si nas instrucções que deu a Cabral alguma cousa houvesse que a isso se referisse, ter-lhe-hia podido responder. «Enganais-vos, meu Caminha: não foi Deos que vos levou, fui eu que vos mandei lá.» Mas não foi isto o que pensou o rei de Portugal ao receber a carta de Caminha, a do mestre João e as de outros companheiros de Cabral; pois escrevendo de Santarem aos reis catholicos em 29 de Julho de 1501, e dando-lhes parte da viagem de Cabral, accrescenta mui significativamente: «Parece que Nosso Senhor quiz milagrosamente que se achasse esta

terra ; porque é muito necessaria e conveniente á navegação da India. » Phrases de sentido tão obvio, que Navarrete resumiu n'estas palavras o seu conteúdo : « Carta d'el-rei D. Manoel de Portugal a sus suegros los reys catholicos — dando les cuenta de esta jornada y casual descubrimiento. »

Ora, quando o proprio rei de Portugal reputou cousa de milagre o descobrimento do Brazil, não é muito que o autor da *Historia Philosophica* o attribua ao acaso, e que esta fosse a opinião dos seus coevos e successores. Eu por mim sinto-me tambem inclinado a attribuil-o antes ao *acaso* do que a *milagre :* acho que no acaso, isto é, em todo o facto ou acontecimento de alguma importancia, que se dá contra a nossa previsão ou expectação, intervem a Providencia: intervem por meio de leis que existem, embora as não conheçamos, de phenomenos embora ignorados. O acaso aqui foram as correntes do Atlantico.

Digo pois que Cabral veio ao Brazil por acaso; e que si d'elle teve indicios não foram outros senão os que na proximidade da terra a revelam aos navegantes, como a fumaça indica aos viajantes perdidos a vizinhança de habitações humanas.

Antes porém de entrar n'essa demonstração, seja-me permittido rebater ainda alguns argumentos com que pretende o nosso digno consocio provar como Cabral teve intenção de descobrir o Brazil.

Diz-se : não foi sem designio que Pedro Alvares deu á sua viagem uma direcção inteiramente nova da que levára Vasco da Gama. Observarei que tanto se não póde chamar inteiramente nova a direcção que trouxe Pedro Alvares, que em Jeronymo Osorio se lê vir elle seguindo a mesma esteira do seu antecessor (47), quando lhe sobreveio o máo tempo em Cabo Verde. Mas quando mesmo elle tinha voluntariamente tomado outro rumo, ainda assim, não se poderá concluir d'este facto que houve da sua parte outro designio e proposito que não fosse o de facilitar a sua navegação : por isso escrevem outros que um dos capitulos do regimento que trazia o mandava afastar da Costa d'Africa (48) ; e de facto os mares e ventos reinantes em suas costas, que iam sendo melhor conhecidas,

aconselhavam que se fizesse a viagem, como a fez Pedro Alvares, como se ficou fazendo depois d'elle, e como se continuaria a fazer, ainda que não existisse Brazil.

O digno autor da Memoria, para mostrar os differentes cursos das derrotas de Gama e Pedro Alvares, appella (49) para o mappa que Lafitau collocou na frente da sua obra: estou de accordo com elle na supposição de que o illustre Jesuita, que tantos documentos teve á sua disposição para a feitura da sua «*Historia das conquistas dos Portuguezes no novo mundo*,» não as traçaria segundo as suas inspirações. E é por isso que, á vista d'esse mesmo mappa, espero demonstrar mais para adiante que, segundo é verosimil, Pedro Alvares não teria chegado ao Brazil, a não ser um erro na sua derrota, — erro que lhe sobreviveu, e continuou algum tempo depois d'elle; porque são constantes e permanentes as causas que o produziram.

Mas insistem (50): Vasco da Gama evitou as calmarias da Costa d'Africa, e não se amarou tanto para oéste, nem foi por isso arrebatado pelas correntes. Sem duvida que assim foi; mas, si evitou as calmarias, não evitou as tormentas; nem são aquellas o unico perigo d'uma navegação pela Costa d'Africa (51). Cabral fez-se ao largo, fugindo da Costa d'Africa, para dar resguardo ao cabo e dobra-lo com mais facilidade (52); emquanto Gama affasta-ra-se alguma cousa, mas muito menos do que seria preciso para poder contar com uma viagem segura, e não se amarando tanto não corria o perigo de ser arrastado pelas correntes.

Admittido isto, facil é de ver-se como a este respeito não devia elle achar-se nas mesmas condições em que esteve Pedro Alvares. Porque, de qual corrente se trata? Si é do *Gulf-stream*, essa não podia influir na sua viagem, porque sahindo do Golfo do Mexico sobe até quarenta gráos do norte, desce depois procurando a Africa, e d'ahi rabifurcando-se, corta de novo o equador para perder-se outra vez no mesmo Golfo. Ainda que seja violenta, como só tem dez leguas de largo, e Gama a cortasse recta ou obliquamente, não podiam os seus navios experimentar senão pequeno descahimento,

e isso não o induziria a grande erro. O vento alguma cousa favoravel o punha fóra d'esse perigo em tres ou quatro horas, ou o erro seria emendado pelo segundo ramo da mesma corrente, que mais abaixo encontraria fazendo-se sentir em direcção contraria á primeira.

Si se trata de outras correntes, sabe-se que essas variam perto de terra: nas proximidades das costas todas as aguas puxam para ellas; nem é preciso que seja muito grande a proximidade, porque esse phenomeno, principalmente na Costa d'Africa, experimenta-se muitas leguas pelo mar dentro, e em distancia d'onde talvez se não poderia suspeitar a existencia de terras, si os marcantes não tivessem conhecimento anterior d'ellas.

Não tendo pois carregado tanto para oéste, Gama não pôde experimentar a força da corrente que arrastou a Pedro Alvares. Si ponderarmos agora que um d'estes se entrega á força d'ella, emquanto o outro a cortava rectamente ou com pequena obliquidade, havemos de concluir que o descahimento que se tornaria insignificante para os navios de Gama, era incalculavel para os de Cabral, e mais ainda por se não contar com elle. Por isso não nos consta que Gama errasse na sua derrota, emquanto a de Cabral nos offerece um erro de cem legoas, pelo menos que elle não julgava ter andado. Cem legoas!... Eis a descoberta de Cabral. Quando elle se julgava a 600 e tantas leguas de Cabo Verde (53), e quando, segundo Antonio Galvão, os seus companheiros lhe requeriam que tomasse outro caminho; encontram signaes de terra e logo no dia seguinte descobrem a propria terra (54). Ora, si os companheiros de Cabral soubessem quanto se iam affastando de Cabo Verde, muitos dias antes teriam pedido a mudança de prôa. Cabral mesmo o teria feito, e não encontrando indicios de terra, não teria chegado ao novo mundo.

Desenganemo-nos que não se tratava de Brazil, nem de terras situadas a oéste do antigo continente. Os historiadores portuguezes nos revelam isto de uma maneira que não soffre nem duvida, nem contradicção. O que nos dizem elles? Cabral ia para a India! (55)

Pois então é claro que si Cabral ia para a India não vinha para o Brazil.

Outras considerações se podem fazer que, si não resolvem, dão grande luz á questão que se ventila (56).

Cabral vinha com 13 náos, e nem Hespanha nem Portugal mandaram nunca esse numero de vélas a fazer descobrimentos. Nem um dos descobridores por parte de qualquer das duas corôas, nem mesmo Gonçalo Coelho, Americo Vespucio, Christovão Jaques ou Martim Affonso, em viagens de explorações, em que as perdas são mais frequentes, maiores, e cousa com que mais se deve contar, não trouxe tal numero de navios.

Ainda mais, as anteriores viagens á India tinham sido de explorações; a de Cabral era para um fim commercial. As suas náos conduziam mercadorias (57); e não é em navios carregados de generos de commercio que se projectam descobrimentos.

Essa frota ia apercebida em guerra (58); porque os portuguezes suppunham que iam encontrar os reis do Oriente em armas. Quando pois se arriscassem vidas em numero sobejo, — não se exporiam riquezas a serem escusadamente tragadas pelas ondas, em uma tentativa de descobertas.

Insisto ainda, si nas instrucções de Cabral se tratasse, mesmo de passagem, ou da possibilidade que fosse de descobrimentos, quando estes se realisassem, não creio que elle pudesse hesitar em ser o proprio portador e alviçareiro de uma noticia que em Portugal causou tanta sensação. Mas o que aconteceu? Descoberto o Brazil, e mal averiguado será continente ou ilhas e quantas eram, o que deixava atrás de si, Cabral continúa a sua derrota, dando áquelle incidente da sua viagem a attenção que podia sem transtorno do serviço de que se achava incumbido. O seu fim era um ajuste de commercio com o oriente; fez o ajuste, e voltou; mas antes, não; porque a isso se oppunha o seu regimento e as ordens que tinha: o mais que pôde fazer, foi despedir um navio que levasse a Portugal a noticia da terra nova.

Ainda mais, recebendo a noticia do descobrimento do Brazil, D. Manoel não se alegra senão por saber da boa viagem de suas náos (59), que as mercadorias não tinham soffrido, que se tornava mais facil a navegação. E' muito conveniente e necessaria á navegação da

India, escrevia elle a respeito da terra do Brazil. — Ora si, como se suppõe, elle tinha dados tão positivos da existencia de terras situadas no mar occidente; si as suas vistas tivessem sido de as descobrir e conquistar: essas descobertas teriam valor em si, independente das viagens e commercio do oriente.

Além d'isto, logo depois da viagem de Cabral, faz D. Manoel todos os esforços para que Vespucio, o venha servir; e tomando mais calor no seu empenho depois de ter sido regeitado o seu primeiro convite, mandou um mensageiro ao piloto florentino com recommendação de o trazer por todos os modos (60). Si pôde dispensar antes os seus serviços e só depois é que o não pôde, não revelará isto que antes da viagem de Cabral, o rei de Portugal não antevia a probabilidade do descobrimento n'aquelles mares sulcados pelos marujos da escola hespanhola a um dos queas pretendia attrahir ao seu serviço?

Por fim o que no meu conceito prova mais do que tudo a casualidade do descobrimento do Brazil, é o argumento moral que se deduz de não transluzir dos escriptos de nenhum dos companheiros de Cabral a satisfação intima de haverem conscienciosamente conseguido um resultado, acertando em objecto de tanta ponderação: não reivindicam para si nem para os seus a gloria de tão bello achado; pois que se não enorgulhecem de o haverem feito de consciencia. Cabral e a sua gente alegram-se sem duvida pelo seu descobrimento; porém mais ainda porque essas terras não pertenciam aos dominios de Hespanha visitados por Colombo. E de feito, si foi o acaso o que lhes deu o Brazil, grande felicidade foi que elle devesse legitimamente pertencer-lhes.

A derrota de Cabral não foi devida a proposito; era a consequencia necessaria do melhor conhecimento dos ventos e mares d'Africa, e de melhoramentos nos roteiros introduzidos pela experiencia.

Senão, vejamos.

Todas as circumstancias são contrarias desde o começo até ao fim para os que na Costa d'Africa navegam na proximidade de terra, seguindo a direcção do sul. Ha escólhos, baixos, correntes impetuosas; succedem-se rapida e bruscamente as vicissitudes do bom e do máo tempo,

de fórma que parece não haver meio termo entre as calmarias podres e as tempestades violentas.

Além d'estas, convém attender a outras circumstancias. Em Marrocos, o vento que é regularmemte noroéste impelle o navio para a costa, e o impede de ganhar Cabo Verde.

No golfo de Guiné varia o vento: sopra o sudoéste, que arrasta o navio para terra, — ou então o sul, em sentido inteiramente contrario aos que vão costa a costa, procurando dobrar o Cabo da Boa Esperança, que tambem lhes fica ao sul.

Em Angola varía de novo; o vento oéste, que é o dominante, impelle o navio para uma costa semeada de escolhos.

Temos emfim o Cabo da Boa Esperança, que os portuguezes chamaram das «Tormentas» pelas difficuldades que tinham em dobra-lo.

Estes inconvenientes da navegação da Costa d'Africa foram logo experimentados pelos portuguezes. Vasco da Gama se fez ao mar, fugindo da costa, e conseguiu volta-lo, ainda que com grande trabalho; Cabral julgava ter andado 650 legoas nesse sentido, e em 1503, segundo João de Empoli, Affonso de Albuquerque, chegando a Cabo Verde, consultou os seus pilotos sobre o melhor rumo que deveriam seguir para ganhar o Cabo da Boa Esperança, e resolveram que se engolfassem de 700 a 800 leguas (61); e não parece que fosse a sua intenção chegar ao Brazil. Avistaram-no e te-lo-hiam avistado, ainda que Cabral o não houvesse descoberto. Em 1505 já esse era o costume; porque a pratica assim o tinha estabelecido. Por isso acho profunda a observação de Robertson, e dos que após elle o repetiram, que entrava nas vistas da Providencia a descoberta da America no seculo 16 (62). Não julgo que com isto se pretenda avançar que, si não fosse Colombo, Cabral teria descoberto a America: não, isto no meu entender significa que as especiarias da India, e por amor d'ellas, o Cabo da Boa Esperança, teriam aqui trazido os navegantes da Europa, quando as correntes do Atlantico não tivessem apressado esse resultado.

Do que acabamos de expôr concluimos que é perigosa, senão impossivel, a navegação rente ou pouco affastada da Costa d'Africa,

procurando dobrar o Cabo da Boa Esperança. Vejamos agora como Cabral pôde ser arrastado para o Brazil, sem que elle o soubesse, sem que talvez o suspeitasse.

Quando Colombo penetrou no Atlantico, um dos phenomenos que feriram o espirito d'aquelle homem eminentemente observador, foi a corrente d'este mar. *Las aguas van como los cielos*, disse elle poeticamente — isto é — as aguas marcham como os céos, como as estrellas, como o sol na direcção do nascente para o occaso. Vê-se pois que elle não fallava do *Gulf-stream*, nem é a essa que eu quero attribuir influencia alguma na derrota de Cabral.

Este facto é sabido e provado, e eu o leio no «Roteiro das Antilhas» modernamente publicado (63). Geralmente se observa que as embarcações, que navegam para o occaso no Atlantico ou Pacifico se adiantam não pequeno numero de legoas sobre a estimativa; e esse numero cresce e progride ao passo que se prolonga e dilata a navegação. Da Europa ás Antilhas, hoje, com instrumentos nauticos mais perfeitos do que havia n'aquelle tempo, — com mais perfeito conhecimento d'esses phenomenos — da Europa ás Antilhas (digo) adiantam-se os navios de 4 a 6 gráos; e nas viagens das costas occidentaes da America para as Filippinas, o avanço é de 15 e 20 gráos. Conclue-se d'aqui que ha entre os tropicos uma grande corrente, que os homens da sciencia distinguem com o nome de corrente equinoxial (64), que corre do oriente para o occidente, de 4 legoas por dia, ou talvez de mais; porque quatro legoas é a correcção, que ainda modernamente se aconselha que se faça a estimativa.

Explicando-se estes phenomenos pela regularidade do vento; vem a explicação a converter-se em uma nova causa, que terá influido para a descoberta do Brazil. Observa-se este phenomeno nas costas orientaes da America, e nestas costas o vento reinante é léste ou variações de léste, que ficam n'uma zona comprehendida entre 30 gráos de latitude septentrional e 30 de meridional. Quasi toda a costa d'Africa fica comprehendida nestas latitudes (entre 37 gráos norte e 35 sul); e em toda esta zona reina o vento léste chamado tambem os ventos alizados.

Cabral pois, tendo de dobrar o Cabo da Boa Esperança; e sabendo,

como a experiencia já o havia mostrado, que era difficil e perigosa a viagem navegando proximo de terra, considerou que era de vantagem compensar com a maior velocidade o maior espaço, que teria de percorrer, si se fizesse muito ao mar. Andava mais; mas esse mais andava-o em menos tempo: d'este modo se explica o dizer de Galvão que Cabral se affastava da costa d'Africa — para encurtar o caminho. Assim começou com o bordo na volta do mar, na frase dos navegantes, e antes que tivesse dobrado na volta de terra, do que já se tratava, descobriram signaes d'ella.

Cabral portanto, desde que viu que eram baldadas as suas diligencias para encontrar o navio que se tinha desgarrado da sua conserva, tomou o rumo que conservou durante todo o seguimento da sua viagem: é isso frequente nos que navegam entre Europa e Brazil, e depois não leio em parte alguma que elle tivesse mudado de prôa. Caminha diz: (65) « Seguimos o nosso rumo » — e logo depois accrescenta: — « a 21 de Abril topamos alguns signaes de terra. » Ora, sendo o rumo de sudoéste approximadamente o que vem de Cabo Verde a Porto Seguro, as expressões de Caminha são em todos os sentidos equivalentes ás de João de Empoli, que já citámos, as quaes dizem ... « e indo nós *nesta volta* obra de 28 dias, em uma tarde avistamos a terra. »

O illustre autor da Memoria quiz tambem argumentar com esta frase de Caminha: « Seguimos o nosso rumo » (66). A ella poderia eu oppôr a asserção de Antonio Galvão, de que Cabral « tinha perdido a derrota e vinha fóra d'ella, quando descobriu o Brazil; » e as palavras de Maffeo: « In telluris conspectu *ventis feruntur*. » No emtanto não o farei; porque Caminha tem razão no que diz. A derrota de Cabral era para a India; o seu rumo devêra ser aquelle, ainda que não existisse Brazil. O dizer de Jeronymo Ozorio — que Cabral pozera a prôa no occidente, carece de exactidão; porque essa prôa o traria de Cabo Verde ás Antillias, e não a mais de 30 gráos affastados d'ellas para o sul.

Resta-me agora demonstrar como Cabral veio ao Brazil arrastado pelas correntes sem o saber. Em calmaria poderia elle ter visto

a corrente equatorial, e calcular approximadamente a sua força; mas foi felicidade sua ter elle constantemente vento favoravel até chegar ao Brazil: o mesmo vento que lhe foi contrario quando dobrou na volta d'Africa. N'estas circumstancias, e julgando da marcha do navio pelo vento, não via, nem podia calcular com a força da corrente que o ia arrastando no mesmo sentido, a ponto de não saberem a que distancia se achavam de Cabo Verde; e de haver duvida acerca da altura que tinham. Este por ventura será o verdadeiro sentido das expressões de Antonio Galvão, quando diz que Cabral tinha perdido o rumo! E note que Antonio Galvão, tratando especialmente dos descobrimentos dos Portuguezes, é n'este caso mais digno de credito do que os historiadores como Goes e Ozorio, que, tratando por incidente d'este ponto, não se cançam em meditar a força das expressões de que se servem.

Comtudo não é absoluta a preferencia que dou a Galvão; porque, no meu conceito, a primeira relação da viagem de Cabral; a mais exacta; — a que combina, explica e resume as divergencias que se notam nos historiadores é a de Gandavo. Em favor de ter sido como copiado por Barros, tal é a conformidade entre ambos, seja-me permittido reproduzil-o n'esta parte (67).

« Reinando aquelle mui catholico e serenissimo principe el-rei D. Manoel, fez-se uma frota pera a India, de que ia por capitão-mór Pedro Alvares Cabral, que foi a segunda navegação que fizeram os Portuguezes pera aquellas partes do Oriente. A qual partiu da cidade de Lisboa a 9 de Março no anno de 1500. E sendo já entre as ilhas de Cabo Verde (as quaes iam demandar pera fazer ahi aguada), deu-lhes um temporal, que foi causa de as não poderem tomar, e de se apartarem alguns navios da companhia. E depois de haver bonança, junta outra vez a frota empegaram-se ao mar, assi por fugirem das calmarias de Guiné, que lhes podiam estorvar sua viagem, como *por lhes ficar largo poderem dobrar o Cabo da Boa Esperança.* E avendo já um mez que iam *n'aquella volta, navegando com vento prospero* foram dar na costa d'esta provincia, ao longo da qual cortaram todo aquelle

dia, parecendo a todos que *era alguma grande ilha* que ali estava, *sem haver piloto, nem outra pessoa alguma que tivesse noticia d'ella, nem que presumisse que podia estar terra firme pera aquella parte occidental.* E no logar que lhes pareceu d'ella mais accommodado, surgiram aquella tarde.... Estando assi surtos n'esta parte que digo, saltou aquella noite com elles tanto tempo, que lhes foi forçado levarem as ancoras, e com aquelle vento que lhes era largo por aquelle rumo, foram correndo a costa até chegarem a um porto de limpo e bom surgidouro, onde entraram: ao qual pozeram então este nome, que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita, e os assegurar do perigo da tempestade que levavam.»

Deixando porém de parte o primitivo historiador do Brazil, entro na demonstração que me propuz fazer.

No dia 22 de Março estava Cabral em Cabo Verde, a 21 de Abril topou signaes de terra, que avistou logo no dia seguinte. Os pilotos diziam que estavam a 660 ou 670 legoas de Cabo Verde.

Impressiona-me o dizer de Caminha, quando, tratando da distancia a que se suppunham de Cabo Verde, não a indica simplesmente, como fazem os viajantes quando confiam nos pilotos, com os quaes navegam. Pelo contrario, Caminha, como que procura resalvar-se com o seu parenthesis « segundo os pilotos diziam. »

Logo, ou elle duvidava do que os pilotos diziam, ou os pilotos discordavam entre si.

Barros referiu-se á terra do Brazil e a Cabral n'estas palavras: « A qual, *segundo* a estimação dos pilotos, lhe pareceu que podia distar para aloeste da Costa de Guiné 450 legoas, — e em altura do polo antartico da parte do sul 10 gráos (68).»

Julgar-se-ha pois que a conclusão que acima tiramos não carece de solidos fundamentos, principalmente si attendermos a que o methodo de navegação d'aquella época era imperfeitissimo, bem que á primeira vista nos possa parecer o contrario. Os Romanos tinham descoberto o meio de viajar, sabendo as horas que na viagem gastavam, e o espaço que percorriam. Segundo todas as probabilidades

era esta invenção um objecto de luxo, que usavam trazer dentro das liteiras, e tambem applicavam aos navios para conhecer a sua marcha; mas ignora-se si foi geral esse uso na navegação.

No tempo de Cabral não havia isso. A barquinha, que é um meio bem imperfeito de se conhecer no mar a distancia percorrida, não era usada então. Humboldt, depois de profundas pesquisas, achou, segundo os dados da historia, que ella fôra usada primeiramente por Magalhães, — um quarto de seculo depois de Cabral. Julgava-se a olho, que era como se fazia o calculo por estimativa: via-se a carreira do navio, e dizia-se: « anda tantas milhas »: era essa a pratica e a theoria, — a rotina e a sciencia; pois que nas obras de pilotagem d'aquelle tempo, — no « Roteiro de Cespedes » por exemplo, que data de 1500, acham-se estabelecidas as regras de como podem e devem os pilotos julgar a olho da carreira do navio.

Ora, que o navegante portuguez não sabia a quantas andava, servirá de irrefragavel testemunho a carta do physico e cirurgião que o acompanhava, — pessoa que, segundo de sua carta se collige, tinha orgulho de ser entendido na materia. Eram dous os meios pelos quaes se reconhecia a situação d'um navio no mar alto: os calculos do astrolabio, e as conjecturas feitas sobre a marcha do navio em determinado sentido. Para o astrolabio tinham elles a invenção de Behain, invenção que era ainda de fresca data; e para o avanço do navio, — umas taboas da India, mais modernas ainda que o astrolabio. Um e outro d'estes processos que mutuamente se auxiliariam, longe de serem uteis aos pilotos de Cabral, eram motivo de divergencias entre elles, ou porque fossem realmente imperfeitos, ou por não saberem bem usar d'elles.

O mestre João, por exemplo, desculpa-se com o rei, dizendo que era o seu navio muito pequeno, e vinha além d'isso muito carregado; que elle proprio soffria algum incommodo, e depois accrescenta, como attribuindo em parte o facto a estas causas — « que no mar se não poderia observar a altura de qualquer estrella; porque, por pouco que o navio jogasse, errava-se de 4 a 5 gráos; e que assim esse trabalho só se podia fazer em terra. » Em terra

mesmo, feitas as suas observações, achou-se elle em Porto Seguro aos 17 gráos sul; os pilotos porém a 10: e todos (Pedro Escobar, entre elles) discordavam em 150 legoas, uns para mais e outros para menos; differiam pois os extremos em 300 legoas.

Permitta-se-me uma consideração antes de passar adiante. A distancia para oeste de Porto Seguro ao ponto correspondente na Costa d'Africa é de mais de 40 gráos: no emtanto Barros, em um trecho que deixei citado, diz que, segundo os pilotos de Cabral, a costa de Guiné distava 450 legoas para oeste da terra por elles descoberta. Este espaço accrescentado com as 300 legoas dos extremos de que fallava o mestre João, dá 750 legoas, que é approximadamente o termo medio do numero de legoas precisas para encher 40 gráos (de 18 ou 20 cada gráo). O erro pois de Cabral estaria em mais de 300 legoas no sentido de oeste.

Volto ao assumpto de que me vinha occupando — do processo da navegação no tempo de Cabral.

Si, como levo dito, o astrolabio, mesmo em terra, e fazendo-se as observações com toda a commodidade e descanso, não era instrumento que servisse para resolver todas as duvidas, — as taboas da India eram mais imperfeitas ainda, e mais sujeitas a erro. Por isso o physico escrevia que o rei se riria d'ellas com mais razão ou vontade, si soubesse como todos desconcertavam com ellas; e mais, era isso em mares conhecidos como de Lisboa ás Canarias, e das Canarias a Cabo Verde! Nem por ellas julgavam do espaço percorrido; mas pelo contrario marcavam n'ellas a *quantidade de caminho*, que lhes parecia ter feito.

Falhando os calculos dos pilotos de Lisboa até Cabo Verde, não se póde razoavelmente admittir que elles tenham d'ahi por diante navegado accordes e conscienciosamente, quando haviam causas que desculpavam, assim como occasionavam o erro. Por isso poz Caminha aquella resalva « segundo os pilotos diziam; » por isso Galvão assevera que elles tinham perdido a derrota, o que é bem presumivel.

Vimos já como Cabral topou a 21 de Abril signaes de terra, que

avistou no dia 22. Quer-me parecer que o numero de legoas, que elles suppunham ter andado desde Cabo Verde foi determinado em terra, como foi em terra que tratou de averiguar a que altura se achavam; mas deixo de parte esta circumstancia.

Do dia 21 a 22 não podiam navegar com muita afoiteza por estarem com signaes de terra, e precisarem de ir a todos os momentos lançando a sonda, sendo até de suppôr, e eu o creio, que amainassem de noite. De Cabo Verde a Porto Seguro a distancia em linha recta é de cerca de 40 gráos ou de 800 legoas de 20 ao gráo. Depois de descoberto o Brazil, Affonso de Albuquerque, como já dissemos, determinou engolfar-se de 750 a 800 legoas na volta do mar. Cabral portanto teve um engano de obra de 150 legoas no rumo de Sud-oeste. Não seriam estas as 150 legoas de que falla o physico-mór, por cujo motivo discordava da opinião de Pedro Escobar?

Cento e cincoenta legoas n'aquella direcção, corresponde a 80 ou 100 legoas mais para o occaso, do que elle se julgava achar; e estas 100 ou 80 legoas equivalem a 4 ou 5 gráos de differença para oéste ou de 15' a 20' no chronometro com que qualquer marinheiro de hoje se não equivocaria facilmente. Mas não seriam estes quatro ou cinco gráos que errava o mestre João quando com o astrolabio tomava a altura das estrellas, as quaes por esta causa lhe pareciam não poderem ser observadas do mar?

Examinemos o mappa de Lafitau.

Si este escriptor, como presume o autor da Memoria, e eu estou disposto a crêr, não delineou o mappa, que se vê na frente da sua obra « dos descobrimentos dos Portuguezes, » segundo as suas inspirações; si pelo contrario foi traçado á vista de documentos valiosos, — d'esse mesmo mappa tiro eu a mais eloquente de todas as provas em como Cabral errou na sua derrota, sendo esse erro a causa do seu descobrimento.

N'este mappa está Porto Seguro entre 15 e 16 gráos do sul, e não aos 17, como queria mestre João, e como se acha no Atlas de Vaugondy. É pequena a differença; mas outras ha mais im-

portantes, e que um simples lançar d'olhos revela: é a proximidade em que se acham as ilhas de Cabo Verde e a America Meridional, erro que se reproduz em João de Barros, que dá 450 legoas para a distancia entre a terra descoberta por Cabral e a costa de Guiné. Em Lafitau a distancia para oéste entre S. Nicoláo em Cabo Verde e Porto Seguro é de 13 gráos contados no equador; no mappa mundi construido sobre a projecção de Mercator, assim como no de Vaugondy, essa mesma distancia é de 17 gráos. Esta differença de 4 gráos não é ainda a mesma que o physico mestre João designava como erro nas observações do Astrolabio?

Por fim — vemos no mappa mundi de Bruet que a distancia em linha recta, entre Porto Seguro e a ilha de S. Nicoláo é de 45 gráos; emquanto no de Lafitau a distancia é de 37 gráos da ilha de S. Nicoláo, e 35 da de S. Thiago.

Como aconteceu porém que Pedro Alvares errasse tão crassamente? Já dissemos que então se julgava a olho do caminho que se andava no mar. O erro não seria consideravel em mares conhecidos, porque os que têm navegado sabem que os homens praticos do mar raras vezes se enganam, olhando para a carreira do navio. Por via de regra, a barquinha os não desmente; mas a barquinha é um instrumento imperfeitissimo, que facilmente induz a erro, quando ha correntes em sentido contrario ou favoravel ao vento, porque fica sempre áquem ou vai além da verdade. Por outro lado a vista equivoca-se tambem com as correntes, porque as mesmas causas que actuam sobre a barquinha, falseando os seus resultados, obram de igual modo sobre a vista.

Cabral pois, que trouxe vento fresco até ao Brazil, e julgando a olho das sangraduras do caminho, devia equivocar-se, principalmente no Atlantico, porque mesmo com o uso da barquinha e com instrumentos mais simplices e perfeitos, os roteiros modernos aconselham que, navegando-se n'elle para oéste, se accrescente a estimativa quatro legoas por dia (69). Note-se mais que esta quantidade longe de ser constante se augmenta com as distancias percorridas. Mas supponhamos que não ha augmento progressivo, e que basta

accrescentar-se quatro legoas diarias á estimativa. — Cabral sahiu de Cabo Verde a 22 de Março, — viu signaes de terra a 21 de Abril, — o espaço é de 30 dias; — o accrescimo que se teria a fazer seria portanto de 120 legoas pelo menos. Os seus pilotos julgavam ter andado 660 ou 670 legoas, com mais esta 120, que elles não contavam, teriam 780 a 790 legoas de Cabo Verde á Porto Segero. Estariam assim alguma cousa proximos da verdade, si não tivessem igualmente errado na determinação da longitude: a 450 legoas da costa de Guiné!

Creio pois que Cabral não teria chegado ao Brazil si soubesse quanto consideravelmente ia descahindo para éste. Os seus pilotos que lhe requereram a mudança de prôa, tel-o-iam feito antes, e nenhuma razão ha para que Cabral não accedesse ás suas instancias, não havendo ainda encontrado signaes de terra, — signaes que por certo não toparia a não se ter engolfado tanto, e tão proximo do Brazil, que um dia depois o avistaram. Estes signaes foram sargasso e algumas aves (70).

Tenho até aqui procurado sustentar a minha opinião; mas quanto á Memoria em si, devo observar mais esta vez, e para concluir, que ácerca d'esta materia nenhuma autoridade portugueza se póde invocar, que não esteja n'ella fielmente reproduzida ou citada. O autor não as occulta, não disfarça os seus argumentos; apresenta-os, e combate-os de frente. Com séria meditação, com aturado estudo, aproveitando-se habilmente de todas as circumstancias, de todas as phrases, e até de todas as expressões que faziam ao seu proposito; combinando engenhosamente os historiadores, e disfarçando completamente, á força de talento, a fraqueza, que tal me parece, da sua causa, conseguiu fazer um trabalho erudito, agradavel e facil; — e, direi mais, si não pôz inteiramente fóra de duvida, ao menos quanto a mim, a opinião que merecendo-lhe tantos esforços, é mais uma prova do seu bello engenho; — é talvez pela regra sabida — de que nem sempre a verdade está nas condições da verosimilhança.

Sala das sessões do Instituto Historico, 12 de Maio de 1854.

A. Gonçalves Dias.

NOTAS.

(1) Revista Trimensal. Tom. XV, n.° 6.°

(2) Brazil e Oceania. P. 1.ª cap. 13.

(3) Rafn. *Antiquitates Americanæ*. 1845. Revista do Instituto T. 2, pag. 208, e seg. Humboldt. *Cosmos*. Bruxelles 1852. T. 2, cap. 6.°

(4) Humboldt (Examen critique de l'histoire de la Géographie du Nouveau Continent. Paris. 1836. T. 1, p. 80) diz-nos que é a D. Fernando Colombo a quem devemos um extracto d'esta obra do Almirante; e reproduz as seguintes expressões de Barcia. Hist. primit. Tom. 1, pag. 4, 6. « Memoria ó anotacion que hizó el almirante, mostrando ser habitabiles todas las cinco zonas con la experiencia de la navegacion. »

(5) Recherches sur la priorité de la decouverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique etc., par V. de Santarem. Introduc. pag. XCVIII. *Pars terræ, torridæ zonæ submissa, inhabitabilis nimio calore solis.*

(6) Humboldt. *Cosmos*. edic. cit. Tom. 2, cap. 6.

(7) Revista Trimensal. Tom. XV, n.° 6, pag. 149.

(8) Edição da Real Academia de Historia de Madrid de 1852. Tom. 1.° pag. 13. (Liv. 2.° cap. 2.°)

(9) Navarrete. Coleccion de los viages y descubrimientos. Madrid. 1825. Tom. 1, pag. 13. Eis por inteiro o periodo do roteiro de Colombo que neste autor se lê sobre esta carta. « Iba hablando el almirante con Martin Alonzo Pinzon, capitan de la otra carabela « Pinta » sobre una carta que le habia enviado tres dias hacia a la carabela, donde segun parece tenia pintadas el almirante ciertas islas por aquella mar. »

(10) Humboldt. *Cosmos*. Edic. cit. T. 2, pag. 219.

(11) V. de Santarem. *Ob. cit*. pag. 91.

(12) Idem. Introduc. pag. XLI (41).

(13) Este manuscripto de Las Casas intitula-se: *Hisotria General de las Indias*. Humboldt cita as palavras de uma copia possuida por Ternaux-Compans.

(14) Navarrete. Ob. e lug. citado.

(15) Ainda que Humboldt na sua « Historia da Geographia » diga que Colombo, assim como Toscanelli, admittiam a probabilidade, muito

incerta, de novos descobrimentos (Ob. cit. T. 1. pag. 21 e 24) todavia no seu *Cosmos* falla de um *fim unico* que tivera Colombo na sua empreza; parecendo nesta sua obra ter modificado ou corrigido a asserção da anterior.

(16) The Works of William Robertson. London 1840. *The History of America.* Book II — : *Columbus* after resolving long and seriously every circumstance suggested by his superior knowledge in the theory as well as practice of navigation;— after comparing attentively the observations of modern pilots with the hints and conjectures of ancient authors, he at last concluded, that by saling directly towards the west, across the atlantic ocean, new countries, which probably formed a part of the great continent of India, must infallibly be discovered.

(17) O que diz Humboldt (na Hist. da Geogr.) de que para Colombo o descobrimento de novas terras não era senão um fim muito secundario da sua empreza, não se combina muito bem com o facto de ter sido essa a primeira condição ajustada, como se lê na « Histoire général de l'Amérique par le R. P.e Tournon, Paris 1768. T. 1, pag. 8.

(18) Cosmos (ed. cit. pag. 213). Humboldt o conjectura, por ter sido a obra de Marco Polo impressa primeiramente em 1477, na traducção allemãa, lingua que nem Colombo, nem Toscanelli sabiam.

(19) P.e Tournon. Ob. e lug. citado.

(20) Others concluded, that either he would find the ocean to be of infinite extent, according to the opinion of some ancient philosophers; or if he should persist in steering towards the west beyond a certain point that the convex figure of the globe would prevent his return... etc. Robertson. Ob. cit. pag. 748.
Vid. *lugar citado* que outras opiniões se manifestaram contra os projectos de Colombo.

(21) Edrisi, Traduc. de Jaubert. Tom. 2, p. 2, citado pelo V. de Santarem, e Humboldt na Hist. da Geog. Tom. 1, pag. 51. Masondi (traduc. ingleza) de Sprenger Tom. 1, p. 282, diz do Atlantico, « the sea has no limits neither in its depth nor extent... this is the sea of darkness, also called the green sea. »

(22) Extracto o P.e Tournon. Ob. cit. T. 1, pag. 4; mas vem por extenso este trecho, digno de lêr-se, em Humboldt « Hist. de la G., T. 1, pag. 80, *nota* 2.a »

(23) *Cosmos cit.*

(24) Barros. Decadas da Asia. Lisboa 1628. L. 3.o, cap. 11. fl. 56, v.

(25) *Revista Trimensal.* Tom. 15, pag. 141. Navarrete Coleccion de los viages y descubrimientos. Madrid 1825. Tom. 2.o

(26) Hakluyt cita o caso notavel de haver um rei de Inglaterra prohibido o armamento que projectavam alguns subditos seus para a Costa

d'Africa, por lhe representarem embaixadores portuguezes que aquellas eram terras de Portugal por concessões pontificias. O autor cita a chronica de Rezende; mas o facto assume certo caracter de authenticidade, sendo reproduzido por um autor inglez, que lhe não faz objecção alguma, nem mesmo escrevendo que o *rei de Inglaterra se dera por muito satisfeito com a embaixada; e mandára pôr bando para que se não fizesse o armamento.* Hakluyt Tom. 2, pag. 457.

(27) Chronica dos valerosos e insignes feitos d'el-rei D. João II. Cap. 165. Ruy de Pina diz tambem na sua « Chronica d'El-Rei D. João II » (cap. 66) : « E sendo El-Rei logo d'isso avisado (da chegada de Colombo) ho mandou ir ante si, e mostrou por isso receber nojo e sentimento assi por crer que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e termos de seu senhorio de Guinée, em que se offerecia defensão... etc. » *Ineditos da Historia portugueza. T. 2, pag.* 178.

(28) L. 3, cap. 11, pag. 56, da edic. cit.

(29) Ruy de Pina. Ob. e lug. cit. « o dito almirante que..., no recontamento de suas cousas, excedia sempre os termos da verdade, fez esta cousa em ouro, prata e riquezas muito maior do que era. »

(30) O Marquez de Alegrete refere nestes termos a entrevista de Colombo com o rei de Portugal : — prolixa narratione facta, inventarum regionum divitias adeo profuse extulit, ut acceptam à Joanne repulsam haud obscure ipsi exprobare videretur. Qua de causa, et quod Joannes sibi persuaserat Columbus lusitanæ navigationis jura violasse, torvo supercilio auditum, ingrata responsione dimisit. « De rebus gestis Joanni II. Auctore Emmanuele Tellesio Sylvio. Marchione Alegretensi. Ôlisip. 1689, pag. 363. » Munoz na sua *Historia del Nuevo Mundo*, dizendo que o rei mandára chamar a Colombo de Valparaiso, accrescenta : «—Fui recebido con singular ostentacion y onor, y mandado cubrir y sentar en la real prezencia : habló desembarazadamente de los sucesos del viage, pintando las escelentes calidades de los paizes descubiertos, con los colores proprios de su imaginacion viva y acalorada. Los cortezanos calificaron el despejo por soltura, descomedimiento y altenaria, y las grandezas referidas, por exageraciones faltas de verdad, despuestas de proposito a fin de reprender y contristar al monarca, que tanto bien perdia por no haber aceptado la impreza, ni dado credito a su autor. » Edic. de Madrid de 1793, pag. 147.

(31) Quod quidem Joannes non recusavit, sibi persuadens Ferdinandi causam omnino jure destitutam esse. Marquez do Alegrete. Ob. citada pag. 367.

(32) Revista Trimensal. Tom. 5, pag. 342.

(33) Rev. Trim. T. 5, pag. 342 (1.ª serie.)

(34) Memoria do Sr. Norberto. Nota 225.

(35) Tratado dos descobrimentos antigos e modernos... composto pelo famoso Antonio Galvão. Lisboa 1731, pag. 36.

(36) Lê-se na obra citada, 1584; mas é erro de impressão.

(37) Munoz dá nestes termos o resultado das conferencias de Behain com dous dos mais habeis cosmographos de Portugal » Despues de muchas investigaciones y conferencias se inventó la aplicacion del astrolabio a la pratica de la navigacion, para observar a bordo la altura meridiana del sol sobre el horisonte. *Historia del Nuevo Mundo*, de D. Juan Baut. Munoz, Madrid, 1793, pag. 37.

(38) Lê-se esta carta em outra escripta pelo mesmo Toscanelli a Colombo a 25 de Junho de 1474, e impressa na « Coll. de los viag. y descubr. » de Navarrete. T. 2, pag. 3.

(39) Revista Trimensal. Tom. 5, pag. 158.

(40) Cosmos. T. 2, cap. 6.°

(41) V. de Santarem. Ob. cit. pag. 72. prol., cita a traducção franceza de Reinaud.

(42) Pag. 157.

(43) Dialogos de varia historia. Coimbra, 1594, pag. 186.

(44) Dec. 1.ª L. 5.°, cap. 85.

(45) Chronica do felicissimo rei D. Manoel. Part. 1.ª, cap. 55, fol. 51.

(46) Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel: traducção de Francisco Manoel. Lisboa, 1804. Tom. 1. pag. 143.

(47) Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel. Ob. cit., T. 1, pag. 143. « Mas Pedro Alvares Cabral, que ia em derrota da India, seguindo a mesma esteira do Gama, veio á ilha de S. Iago, d'onde querendo passar avante tal tormenta se levantou etc. »

(48) « Partio Pedro Alvares... com regimento que se afastasse da Costa d'Africa pera encurtar a via. » *Tratado dos descobrimentos etc.* de Galvão pag. 35.

(49) *Memoria*, pag. 169.

(50) Memoria, pag. 142.

(51) Exalta-se muito a coragem de Gama pelas difficuldades com que teve de lutar na sua viagem. « Correram para o sul, porfiados a montar o Cabo da Boa Esperança, porfia em que realçou muito o esforço do capitão Vasco da Gama; porque eram cruelissimos os mares, frigidissimos e contrarios os ventos, as brumas e os temporaes continuos, sendo sempre naquellas partes em tempos certos muito horriveis e muito para temer. » Osorio. Trad. cit. pag. 69.

(52) Ainda que os autores por via de regra só tratem das calmarias da Costa d'Africa, comtudo accrescentam alguns d'elles a razão por que Pedro Alvares se deveria fazer ao mar.

Ad vitandam Gineæ malatiam, et superandum bonæ fidei promontorium, longiore ambitu capto etc. Maffei. Ob. cit. L. 2.° pag. 31.
« ... Por fugir da terra de Guiné, onde as calmarias lhe podiam impedir seu caminho; empegou-se muito no mar por lhe ficar seguro poder dobrar o cabo da Boa Esperança. » Barros. Decada 1.ª L. 5, c. 85.

(53) Direi mais abaixo o motivo por que desconfio que a estimação de Caminha da distancia em que se achavam de Cabo Verde me parece não ter sido feita a bordo.

(54) Galvão diz que tendo-se topado signaes de terra, foi Cabral em busca d'ella tantos dias, que os seus lhe requereram que deixasse aquella porfia. A narração de Caminha me parece mais digna de credito. Os signaes só foram encontrados um dia antes que elles tivessem vista da terra.

(55) Os historiadores são unanimes; mas para não accumular citações só dous apontaremos. « Fez-se uma frota para a India, de que ia por capitão mór Pedro Alvares Cabral. » Gandava. Cap. 1. p. 6.°

(56) A maior parte das considerações que passo a fazer se acham consignadas no seguinte trecho de Maffeo. *Hist. Indic.* Florença 1588. L. 2.° pag. 30. Et quoniam Gammæ comitumque fama celebritasque et multiplex indicarum opum relatum in Lusitaniam specimen, omnium animos in rerum ingentium spem et ejusdem itineris cupiditatem erexerat; nequacquam ultrà exploratoriis navigiis, verum justis jam classibus ea maria sibi sulcanda constituit. Navibus tredecim, quæ alvei magnitudine et hominum frequentia et onerum existimatione, haud exiguas lusitani regni opes et copias indicarent... etc. »

(57) Maff. Ob. e log. cit. *Dialogos* de Mariz cit. « ... uma formosa armada de treze náos grandes, com todo o necessario assim para o commercio das cousas preciosas do oriente, como tambem para o remedio das almas dos moradores d'elle. »

(58) Maffei. Ob. e lug. cit. « ... poder de náos e de gente » *Barros Dec.* 1, *L.* 5, « compunha-se de treze náos, levava soldados 1,500, la artilhada e guerreira em summo gráo com as muitas peças e munições. *Osorio* cit.

(59) Pedralvares *vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer,* d'ali expediu um navio, capitão Gaspar de Lemos, com novas para el-rei D. Manoel do que tinha descoberto: o qual navio com sua chegada deu muito prazer a el-rei e a todo o reino, assi por saber da *boa viagem que a frota levava,* como pela terra que descobrira. « *Barros Dec.* 1, *L.* 5, *cap.* 88. »

(60) Cartas de Vespucio. « Noticias para a Hist. e Geogr. etc. T. 2, pag. 141. »

(61) « Partimos de Lisboa no dia 6 de Abril de 1503, na armada do capitão mór Affonso de Albuquerque... principiamos a navegar di-

reitos a Cabo Verde, do qual quando houvemos vista, tomou o capitão conselho com os seus pilotos sobre o melhor rumo que se devia seguir para ser melhor a navegação até ganhar o cabo da Boa Esperança; porque o caminho que de ordinario se fazia era ao longo da costa de Guiné da Ethiopia, em a qual ha muitas correntes, cachopos e baixos, e fica além d'isso sotoposta a equinoxial, acalmando por esta causa muitas vezes o vento: para fugirmos pois d'ella deliberamos engolfar-nos de 750 à 800 leguàs; e navegando nesta volta obra de 28 dias, em uma tarde avistamos a terra. » Viagem as Indias Orientaes por João de Empoli. Noticias para a Hist. e Geogr., etc. T. 2, pag. 219.

(62) Robertson, *History of America.*

(63) *Derrotero de las islas Antillas.* Madrid 1849.

(64) .... Fleuve équatorial qui va de l'Est à l'Ouest et se brise contre la côte opposée. Humboldt. Cosmos. T. 2, cap. 6, p. 239, ed. cit.

(65) Noticias para a Hist. e Geogr. das Nac. Ultr. Tr. 4, pag. 179.

(66) Memoria pag. 165.

(67) Historia da provincia Santa Cruz por Pero Magalhães de Gandavo. C. 1, p. 6.

(68) Não creio que Barros tenha confundido com Guiné as costas de Marrocos e da Senegambia. Ainda assim, tomados dous pontos salientes na Costa d'Africa e Brazil, o cabo da Boa Esperança á Olinda, a distancia é de 27.° e 4' ou de 541 leguas e 1 milha.

Guiné propriamente dito começa do cabo das Palmas para o sul; e a distancia de 10 gráos sul no Brazil ao ponto correspondente n'Africa (que parece ser como Barros calcula) é de 45 gráos pouco mais ou menos.

(69) Derroters de las Islas Antillas. 1849.

(70) Carta de Caminha « signaes de terra... os quaes eram muita quantidade de hervas compridas a que os mareantes chamam bothelho, e assim outras a que tambem chamam rabo d'asno... a 4.ª feira seguinte pela manhãa topamos aves, e n'este dia a hora da vespera houvemos vista de terra. » Noticias para a Hist. e Geogr. etc. T. 4, pag. 179.

REFUTAÇÃO ÁS REFLEXÕES

DO DIGNO MEMBRO O SR. DR. A. GONÇALVES DIAS

POR J. NORBERTO DE SOUZA SILVA

Socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Lida nas sessões de 15 de Setembro, 13 de Outubro, 24 de Novembro e 7 de Dezembro de 1854

NA AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

> Outras considerações se podem fazer que, se não resolvem, dão grande luz á questão que se ventila.
>
> *(Das Reflexões do Sr. Antonio Gonçalves Dias.)*

Na elaboração de uma memoria sobre o descobrimento da parte da America que habitamos, em desenvolvimento do programma: « Si o descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral fôra devido a um mero accaso ou si teve elle alguns indicios para isso, tive como que de derrocar um monumento, cujas pedras accumuladas pelo decurso de trezentos annos me serviram para elevar a verdade em novo padrão. Um incidente, porêm, pôz-me frente a frente de um poderoso campeão, o sr. Antonio Gonçalves Dias, a quem o brilhante talento, o consummado saber, e o aturado estudo tornaram facil demolil-o por sua vez e collocal-o no seu antigo estado.

Si o auctor das *Reflexões* se limitasse tão sómente a isso, facil me fôra tambem a resposta; eu veria ler de novo a memoria que aqui apresentei nos ultimos dias do anno de 1850 sob o novo titulo de refutação ás suas reflexões; o auctor, porêm, procurou encarar a imprevidencia do descobrimento do Brazil devida as correntes do Atlantico que arrastaram as náus de Pedro Alvares Cabral ás nossas plagas. Graças á verdade, que deve lançar perennemente a sua luz resplandecente sobre a historia, já não foi esta

imprevidencia devida ás tempestades que sacudindo o Oceano impelliram a famosa esquadra sobre as costas do Brazil, como repetiram alguns historiadores menos conscienciosos, e como á face do paiz o proclamára o illustrado conego Januario da Cunha Barbosa, tão entendido nas cousas da patria e que tanto a mal levára ao abbade Barbosa Machado o deixar sem reparo a asserção do nosso Ravasco Vieira, quando affirmára que o Brazil fôra descoberto em 3 de Maio de 1500. Assim pois vanglorio-me de que a este Instituto não fosse de todo em todo perdido o tempo que lhe roubei com o captar a sua attenção para um ponto menos averiguado da nossa historia.

Agradeço ao illustre cavalheiro os elogios que tão immerecidamente me tece, mais derivados da sua bondade, como que para mitigar a destruição de minhas razões, do que ao merito de um dos mais obscuros de seus consocios, e ainda mais o ter annuido a pôr por escripto o que aqui se passou em palestra, cujas glorias só pertencem a quem o céo proveu do dom da palavra.

Aos sabios deixaria de boa vontade o decidir entre a discordancia de nossas opiniões, si as suas proprias palavras quando disse: « Outras considerações se podem fazer que se não resolvem, dão grande luz á questão que se ventila, » não me tirassem de meu proposito, e não me animassem á pesquiza de novos documentos, a novo estudo e mais reflectidas meditações.

Para mais methodicamente refutar as reflexões do meu illustre adversario, dividirei o seu trabalho nos seguintes pontos em que se pretende demonstrar:

1.° Que para a descoberta de Colombo não influiram as viagens dos Scandinavos, nem o roteiro de Affonso Sanches, si existiu, servindo apenas a carta de Toscanelli para o confirmar nas suas idéas.

2.° Que são insufficientes os documentos em que me baseei, que em Portugal se tinha conhecimento das terras que Pedro Alvares Cabral descobriu, não por mero accaso, mas demandando-as por proposito deliberado.

3.° Que a descoberta do Brazil não entrou nos planos de Cabral, e que os historiadores abundam n'este sentido, e que se exprimem

de fórma tão cathegorica e terminante, que contrastam com as frazes ambiguas de outros em que se procura base para opinião contraria.

4.° Que o descobrimento foi devido ás correntes do Atlantico, e a um erro na derrota que sobreveio e continuou depois pela constantancia e permanencia das causas que o produziram.

Entrarei pois no desenvolvimento da minha refutação.

§ 1.°

Que para a descoberta de Colombo não influiram as viagens dos Scandinavos, nem o roteiro de Affonso Sanches, si existiu, servindo apenas a carta de Toscanelli para o confirmar nas suas idéas.

O auctor das *Reflexões* querendo provar que para o descobrimento de Colombo não influiram as viagens dos Scandinavos, remonta-se a essa epocha longinqua, passa em revista as expedições de Bjarne, filho de Herjulfs, e de Leif, filho de Erico, durante os ultimos quatorze annos do seculo 10.°, e conclue que não sendo a noticia da existencia das terras da America o que induziu Colombo a procural-a, noticia que circumscrevendo-se nos limites de um paiz pouco frequentado por estrangeiros, e não passando do conhecimento de alguns poucos de sabios ou curiosos, muito menos poderia influir no descobrimento de Cabral, que para não ser devido a um mero accaso, fôra preciso que antes da sua viagem podesse ter conhecimento das terras americanas.

Dando toda a importancia que merecem as eruditas investigações dos sabios antiquarios de Copenhagen, notei na minha *Memoria* que era hoje facil suppôr, depois da certeza das expedições dos Scandinavos á America Septentrional, que Colombo colhesse alguns indicios sobre um novo continente situado a Oeste; porém que semelhante supposição não se baseava nem na direcção de Sudoeste que déra á sua viagem, partindo das Canarias, nem nas palavras

d'aquelle que se propunha a « buscar el levante por el poniente, passar ádonde nacen las especiarias, navegando al occidente, » e que morrêra na convicção, como Americo Vespucci de ter tocado as costas da Asia, esse continente do grande imperio Khatai ou do imperio Mogol da China Septentrional, sem comprehender a immensidade do seu descobrimento, e portanto a gloria immortal que d'ahi lhe provinha e sem ligar o seu nome a esse continente que a sua intrepidez punha em contacto com a cobiça e crimes da velha Europa, e tanto mais que a Islandia, que Colombo visitára, estava privada de toda a communicação com a Groenlandia, havia já dous seculos.

Não se infira porém que esse silencio sobre as expedições Scandinavas se tornasse tão absoluto que a tradição se perdesse de todo, quando apenas os factos começam de surgir da escura noite em que tem estado sepultados; quando novos documentos trazidos ao nosso conhecimento derramam a sua luz sobre uma epocha que parecia condemnada e para todo sempre ao olvido, e podem de um momento para outro patentear toda a verdade da historia, e nos mostrar a mão que guiou o illustre Genovez na sua atrevida empreza. Já não estamos n'esses tempos em que a imaginação apressava os descobrimentos, como si o dia devesse anticipar-se á aurora; é necessario cavar no abysmo do passado os documentos que ainda jazem nas trevas para nos darem a luz, que nos deve guiar na solução d'esses problemas, e dos quaes alguns que tem chegado ao nosso conhecimento nos dão tão seductoras esperanças de podermos ainda coordenar a historia da America anti-colombiana. Humboldt, que tão profundamente ha estudado a historia da geographia do nosso continente, lutando com as numerosas contradicções, reconheceu que na historia da geographia era prudente, como em outras muitas cousas, não se pretender explicar tudo (1). E tanto mais, como nota o illustre sabio, que tem havido descobertas geographicas como muitas nas sciencias physicas, em que as tentativas coroadas por successos, porém isolados por muito tempo, tem ficado desapercebidos ou condemnados ao esquecimento (2).

Quanto á relação da viagem e roteiro do piloto de Huelva, é o proprio auctor das reflexões quem diz que não será motivo de controversia, visto seguirmos ambos a opinião de Oviedo, que os reputára como uma fabula.

Combinando n'estes dous pontos da primeira parte de suas reflexões, não deixarei de fazer algumas observações ácerca da carta de Toscanelli e suas ilhas.

A carta do illustre florentino serviu sómente, segundo o nosso consocio, para mais confirmar o intrepido Colombo nas suas ideias; este *sómente* modifica a grande gloria do illustrado Toscanelli, a quem deveu Colombo o descobrimento da America, e para com o qual, segundo nota o auctor do *Exame critico sobre a historia da geographia do novo Continente* tão ingrata se mostrou á posteridade que quasi o esqueceu (3). « Foi elle, diz o illustre filho de Colombo, foi elle a causa mais poderosa do ânimo com que o almirante se lançou na immensidade de um mar desconhecido » (4). Sabemos, pelos esforços e pesquizas do incansável Navarrette, que foi em Portugal, em 1474, tres annos antes de receber a carta de Toscanelli, que elle concebeu a primeira ideia de sua empreza (5); mas tambem é incontestavel que Toscanelli não se limitou tão sómente a essa carta. Esse astronomo, cuja avançada idade não obstou a que se distinguisse pelos seus estudos sobre os astronomos de seu tempo, não só se deu as correcções das taboas solares e lunares por observações gnomonicas e do astrolabio, como de tudo quanto podia facilitar o emprego dos methodos da astronomia nautica, por longo tempo discutidos, mas raramente empregados até então. Do interior de seu gabinete levou o astronomo florentino as suas vistas perspicazes sobre a comparação da geographia antiga com o resultado dos descobrimentos modernos, e sobre a utilidade pratica que o commercio europeu devia tirar d'este genero de trabalhos abrindo um caminho directo ao paiz das especiarias com a navegação pelo Oeste, o que tambem adquiriu com a pratica que tivera com grande numero de pessoas que tinham estado n'esse paiz de tão cubiçadas producções.

Dirigindo-se a Colombo, exprimia-se assim o velho astronomo: « Vejo que tendes o nobre desejo de passar ao paiz em que nascem as especiarias, e, em resposta á vossa carta, vos envio cópia da que dirigi ha alguns dias a um amigo ao serviço do serenissimo rei de Portugal, antes das guerras de Castella, em resposta de outra que me escreveu de ordem de S. Alteza sobre o mesmo objecto (6). » Póde-se crer, diz Humboldt, á vista d'esta phrase incidente « ha alguns dias » que Colombo consultou a Toscanelli no principio do anno de 1474, porquanto a carta do conego de Lisboa é datada de 25 de Junho d'esse anno (7). »

E' sabido como e por que motivo abriu Christovão Colombo a sua correspondencia com Toscanelli. O intrepido descobridor da America havia chegado a Lisboa em 1470; e d'ahi a annos veio a saber que o rei Dom Affonso V havia pedido a Toscanelli por intermedio do conego Fernão Martins uma informação detalhada ácerca do caminho da India pelos mares de Oeste. « Esta nova, (reflecte o illustre Humboldt) devia inquietar o homem ardente que nutria o mesmo projecto (8). » E Lourenço Grinaldi se encarregou das cartas de Colombo para Toscanelli, de cujas luzes pensou o illustre genovez (e não se enganou) que se devia aproveitar (9).

Ora, Toscanelli tinha 77 annos quando fallou ao conego Martins de seus projectos. E' pois provavel, accrescenta Humboldt (10), que a persuasão d'esse « brevissimo caminho » atravez do Oceano atlantico datasse de ha muito tempo em seu espirito. « Ainda que por muitas vezes tenho tratado do brevissimo caminho, diz Paulo Toscanelli, que ha d'aqui para as Indias, onde nascem as especiarias, por via do mar, que tenho por mais curto do que o que fazeis por Guiné, como, porém, agora me dizeis que S. Alteza pretende alguma declaração ou demonstração, para que entenda e veja como se póde tomar esse caminho, o que mais facil seria demonstrar com a esphera na mão, para ver como está o mundo, todavia, para maior clareza, mostrarei o referido caminho em uma carta similhante ás de marear, e assim a mando á Sua Alteza feita e traçada

por minha propria mão; n'ella vai indicado todo o fim do Poente, tomando desde a Islandia o austro até o fim de Guiné, com todas as ilhas que estão situadas n'esta viagem, a cuja frente está pintado, em direitura pelo poente, o principio das Indias com todas as ilhas e lugares por onde podeis andar, e quando vos podereis apartar do polo artico pela linha equinocial, e por quanto espaço; isto é, com quantas leguas podereis chegar áquelles lugares fertilissimos de especiarias e de pedras preciosas (11). » Estas palavras (diz Humboldt) provam sufficientemente que muito antes de 1474 tinha Toscanelli aconselhado ao governo portuguez a rota que Colombo seguiu, e que accidentalmente deu lugar ao descobrimento de um grande continente (12). E' provavel que essa mesma idéa se tivesse apresentado ao mesmo tempo a muitos homens instruidos e ardentemente occupados em estender a esphera dos conhecimentos. (13)

Si o alvo da empreza tinha por fim achar um caminho mais curto para a India, o fim secundario era o descobrimento de algumas ilhas; não quer porém o auctor das *Reflexões* que as ilhas que apparecem na carta maritima fossem postas por Toscanelli, mas sim por Colombo, segundo conclue, tanto do roteiro de Colombo, impresso por Navarrete, como da passagem que Humboldt cita do manuscripto de Las Casas, quando Toscanelli é tam explicito a esse respeito, pois diz « que se encontrará sobre a róta as ilhas que estão n'esta viagem, por exemplo, a Antilha, com as ilhas proximas á India continental; por exemplo, Cypango, com as ilhas com que traficam os negociantes de differentes nações (14). »

Era opinião do proprio Toscanelli que essas ilhas podiam servir para alguma detenção ou arribada forçada por ventos contrarios ou qualquer outro incidente, que obrigasse a procurar um asylo (15). »

Pondo em execução como habil, intrepido e instruido marinheiro que era, o que até então não passára de uma esteril especulação de gabinete (16), deveu Colombo a Toscanelli o que Vasco da Gama deve a Covilhan, que augmentou-lhe a sua confiança, sobresahindo, como nota Humboldt, á vista da possibilidade do exito, provada

por argumentos irrecusaveis, o hardimento da execução de seus projectos (17) ».

Foi a carta maritima, dirigida ao conego de Lisboa, que serviu de guia a Colombo na sua primeira viagem. Assim o pensa o erudito traductor de Munhoz (18), e Bartholomeu de las Casas a prezava por isso como um monumento historico (19). « Sob esta circumstancia, reflexiona Humboldt, merece muito mais interesse do que aquelle que até aqui tem merecido; Toscanelli communicando a Colombo uma cópia de sua carta ao conego Fernão Martins diz claramente: « Envio outra carta de marear semelhante á que enviei ao conego » (20).

Na sua primeira viagem se dirigiu Colombo por uma carta maritima que tinha a bordo; navegou com a segurança de um homem que sabia que devia achar o que buscava (21).

« Assim, diz elle no seu roteiro de 3 de outubro de 1492, que não queria governar barlaventeando e perder o tempo apezar de tam frequentes indicios de algumas ilhas n'aquellas paragens, pois era seu fim passar ás Indias e si se detivesse não era isso razão » (22). Em 6 de outubro pretendeu Martim Alonso Pinzon que seria vantajoso mudar de rumo e aproar ao sud-oeste; foi o almirante de contraria opinião e julgou que Martim Alonso se exprimia assim por causa da ilha de Cypango; e objectou que a lhes faltar essa ilha não se poderia tão cedo tomar terra, e que era melhor ir de seguida á terra firme e na volta tocar nas ilhas » (23). Mais tarde a belleza de um grupo de parceis verdejantes, no Velho Canal, perto do porto del Principe, apresentou-se á sua ardente phantasia como parte d'essas innumeraveis ilhas, que se notam, dizia elle (24), em os mappas-mundos, a extremidade do Levante! O conhecimento da existencia de muitas ilhas não nasceu da fabula imaginada pelos poetas.

Orna a verdade, mas não mente a musa,

Disse o lyrico portuguez (25) que como Pindaro engrandeceu as acções heroicas de seus illustres compatriotas, e sabe-o muito bem o erudito autor das *Reflexões*.

No atlas de cartas *Catalanes* da bibliotheca de Parys, que data de 1374, vem uma legenda relativa ao mar da India que indica a existencia de 7548 ilhas, ricas em pedras finas e metaes preciosos.

No mappa-mundi de Martin Behaim, terminado em 1492, traz depois do 45° norte aos 40° sul uma cadêa de ilhas opposta a extremidade da Asia. E' nesse mappa que se acha uma citação de Marco Polo (26) e de 12700 ilhas com montanhas de ouro, de perolas, e de doze especies de especiarias. Humboldt nota que a citação de Marco Polo não é exacta, que o viajante veneziano falla de 12700 ilhas (27) alludindo ás Maldivas (28). Behaim transportou esse grupo para o nordeste, o que influiu sobre a opinião dos navegantes no fim do 15.° seculo (29).

Era Colombo de opinião que essas ilhas se estendiam prolongando-se para o sul, e que ahi se encontravam grandissimas riquezas, e pedras preciosas e especiarias. Assim ajuntava que as ilhas do canal Viejo pertenciam ás innumeraveis ilhas que os mappa-mundi collocam *en fin del oriente*, e que elle considerava ricas em especiarias e predras preciosos, e cria que se augmentavam em numero para o sul (30).

A Asia era então geographicamente conhecida na sua parte oriental e maritima pelas narrações de Marco Polo, Balducci, Pelogetti e Nicolau de Conti; figuravam-se innumeras ilhas ricas em especiarias, e em ouro, no mar de Ciu ou do Japão, da China e do Grande Archipelago das Indias.

Nasceu d'ahi sem duvida a idéa de serem tomados por ilhas os diversos pontos do continente americano a proporção que se iam descobrindo; ao passo que algumas ilhas pela sua immensa extensão foram tidas pelo continente da Asia; é que cada descobridor adaptava ás suas idéas os seus descobrimentos. Os Portuguezes suppunham a existencia de muitas ilhas, que encadeadas ás que descobrira Colombo se augmentavam a proporção que esse immenso archipelago se estendia para o sul, e ainda na existencia de uma terra firme, no emtanto Colombo que sonhava com as riquezas do Oriente,

pensava ter tocado nas costas da Asia abordando o littoral da ilha de Cuba.

Assim cincoenta annos depois de seu descobrimento por Pedro Alvares Cabral, pensava-se que o Brazil era uma ilha, pois que Barros, que escreveu antes de 1551, o teve por uma d'essas ilhas descobertas por Colombo, e que, dizia elle, chamavam vulgarmente os castelhanos *Antilhas* (31). Assim tambem Colombo fazia jurar em 12 de julho de 1494 a mais de oitenta pessoas das tripolações das tres caravellas Niña, San Juan e Cardera, que a ilha de Cuba era terra firme. (32)

Ora suppunha Colombo ter tocado as costas da Asia e se lhe afigurava ver na vasta extensão de uma ilha o continente tão ambicionado, e buscado de tão longe, atravéz de tantas difficuldades a par e passo de tantos perigos e tantos damnos, que o melhor mal, na phrase poetica de Camões posta na boca negra do genio das tormentas, seria a morte, ora sonhando com essas ilhas tão numerosas como as estrellas da Via-lactea, as encontrava por toda a parte: tanto póde a imaginação prevenida! Assim na sua primeira viagem pensou elle que as hervas marinhas do mar verde ou de Sargaço, que encontrou vindo de Hespanha, perto dos Açores, era o indicio de uma cadêa de ilhas, que se estendia a leste das Antilhas até quatrocentas leguas de distancia das Canarias, que o mar de Sargaço, pertencia aos baixos visinhos d'essa cadêa, e que as correntes de leste a oeste levavam esses corpos fluctuantes ao littoral do Haity (33). Ainda na altura de 28° de latitute e 9° ao occidente do meridiano da ilha do Corvo, em 19 de septembro de 1492, acreditou achar-se na visinhança de *muitas terras*, porêm a sua vontade era, segundo as suas proprias expressões, continuar a sua viagem para as Indias, porque com descanso poderia em sua volta examinar tudo o mais (34).

Aos Portuguezes, no entanto, não era de toda em toda desconhecida a idéa da existencia de uma terra firme austral. « E' assaz notavel, diz Humboldt, que essa idéa se apresentasse ao rei dom João II, morto tres annos antes da 3.ª expedição de Colombo. Her-

rera assevera, são ainda expressões do profundo sabio allemão, que Colombo navegou para o sul (em 1498) desde as ilhas de cabo Verde, porque queria verificar si o rei dom João tinha-se enganado quando affirmava *que ao sul havia terra firme* (35). Era, continúa o erudito Humboldt, predizer o continente antes das verdadeiras descobertas da terra firme de Caboto e de Colombo. Não acho nem em Barros, nem nas *Chronicas* de Garcia de Rezende e de Manuel de Faria e Souza cousa que explique a asserção de Herrera. Sabemos que o rei dom João II de Portugal, por occasião da entrada de Colombo a barra do Tejo, em março de 1493, se admirára de ver que não eram negros os indigenas das novas terras (36). O aspecto d'esses indios fez talvez nascer no espirito de um monarcha tam occupado em descobertas geographicas e tão feliz nas que os Portuguezes tentavam no hemispherio austral, uma hypothese, que Francisco de Almeida filho do conde de Abrantes, devia verificar. »

Era bastante esta coincidencia de idéas para me convencer que Cabral afastando-se das costas de Africa, empegando-se tanto, com direcção ao sul, teve em vistas verificar ainda que de passagem a existencia d'essas ilhas tão falladas então, e tanto que descobrindo o continente americano e pisando em terras do Brazil, pensa ter tocado n'uma d'essas ilhas que os Hespanhoes vulgarmente chamavam Antilhas, como refere João de Barros, e toma posse plantando a cruz hasteada sobre o escudo das armas portuguezas em uma pequena ilha, em vez de fazel-o sobre o continente, pois era tudo o mesmo a quem tudo quanto via tinha por ilhas, si bem que era fama corrente em Madrid que os Portuguezes accreditavam na possibilidade da existencia não só de muitas ilhas como ainda de uma terra firme. E' pelo menos o que se deprehende da carta que ao seu almirante escreviam os reis catholicos em 5 de septembro de 1493, quando lhe diziam: « E porque depois da vinda dos Portuguezes a pratica que com elles encetamos alguns querem dizer que o que está em meio desde o cabo que os portuguezes chamam da Boa Esperança, que está na derrota que levam agora pela Mina de Ouro e Guiné, abaixo, até a raia que dissestes que devia vir na bulla do

papa, pensam que poderá haver ilhas e ainda terra firme, que segundo a parte do sol que estão, se creem que serão mui proveitosas e mais ricas que todas as outras; e porque sabemos que d'isso sabeis melhor que ninguem, vos rogamos que nos envieis já o vosso parecer sobre esse objecto, porque a convir e a ser assim, como aqui pensam que será, se emendará a bulla. (38) »

Si a tão eloquente trecho juntarmos o mappa-mundi de que falla o mestre João, physico do rei dom Manoel, em sua carta, datada de Vera Cruz a 1 de maio de 1500, noticiando-lhe a nova do descobrimento do Brazil, e pelo qual dizia elle que poderia o feliz monarcha ver o sitio da terra descoberta, e ainda os dous antigos mappas geographicos, um que pertenceu ao infante dom Pedro, irmão do illustrado geographo o infante dom Henrique, e outro que foi do cartorio real do mosteiro de Alcobaça, com as suas singulares demarcações do cabo da Boa Esperança e da terra do novo mundo antes dos descobrimentos de Bartholomeu Dias e de Colombo, não poderemos deixar de acreditar que alguma cousa houve de mais que influiu no descobrimento d'esta terra abençoada, além das correntes que insensivelmente vieram trazendo as naus do grande Pedro Alvares Cabral, como pretende o illustre autor das *Reflexões*.

Não concluirei esta primeira parte da minha *Refutação* sem fazer reparo n'uma passagem do auctor das *Reflexões*. Diz elle « que si a recusa do rei dom João II foi filha de cálculo, á vista do resultado que teve, isto é, o descobrimento do Brazil, podemos aquilata-lo de bem desgraçado; mas antes d'isso vem a pello perguntar, qual o motivo por que o rei de Portugal, recusando a Colombo o fraco auxilio, que este lhe pedia, tentou, sem a sua intervenção, realisar o projectado descobrimento? Esta hypothese, continúa o auctor das *Reflexões*, não é admissivel, quando consideramos que não ha razão alguma para suppôr que Colombo tinha sido mais bem conceituado em Portugal, que regeitou os seus serviços, do que na Hespanha, onde, antes que elles fossem acceitos, os homens prudentes e sensatos se riam do forasteiro, quasi mendigo, que pro-

mettia aos reis gloriosos de Aragão e Castella montões de ouro que deslumbrassem a Europa. » E para mais corroborar as suas asserções cita o auctor os trechos, eivados de odio e de insultos, de João de Barros, como si a Hespanha, que logrou dos descobrimentos do grande genovez, não tivesse tambem na pessoa do historiador Francisco de Gomara outro João de Barros para insultar o protonauta do mar tenebroso. O odio que se resente nas palavras do historiador portuguez tem a mesma origem que o que resalta das phrases do historiador hespanhol. Humboldt diz que o odio de Gomara contra Colombo não era pessoal, mas o effeito d'esse patriotismo exagerado e pouco philosophico, do que a historia das descobertas e invenções dos mais modernos tempos offerece tantos exemplos (39), e que o grande historiador portuguez, deixando um livre curso ao odio nacional e ao pezar de ver passar tantos thesouros ás mãos dos hespanhóes, o pinta como um homem fallador e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais phantastico e de imaginação com sua ilha Cipango (40). »

« Portanto, continúa o nosso illustrado consocio, na recusa que em Portugal soffreu o grande navegante não entrou cálculo; digamo-lo em desaggravo do principe illustrado, que então regia aquelle paiz, o que houve foi antes falta de fé e de convicção. » Ninguem ignora que Colombo deixou mysteriosamente Lisboa, e o quanto dom João II se resentiu de sua partida. O que porém mais admira é o silencio em que o auctor das *Reflexões* passa a carta que o rei escreveu de Aviz a 20 de março de 1488 ao grande navegador dando-lhe o significante titulo de especial amigo, e instando para que tornasse a seu reino, carta que figura nas paginas da memoria refutada, e que por certo não era escripta por quem tinha falta de fé e de convicção nos projectos de Colombo, que eram patentes ao rei, tanto pelas suas proprias communicações como pelas informações de Toscanelli.

E a não serem os amores e os quatro mezes de gravidez da celebre dona Beatriz Enriquez, mãi de dom Fernando Colombo, filho natural do almirante, nascido aos 15 de agosto de 1488, mais do que

a persuasão e a boa amizade do bispo de Palencia, dom Diego de Deza, que o impediram de voltar a Lisboa e de aceitar os offerecimentos do magnanimo dom João II, quem sabe si ainda assim teria Colombo realisado os seus planos em gloria e proveito da patria dos Bartholomeus Dias, dos Gamas e dos Cabraes? (41)

« Na verdade, ajunta o erudito Antonio Ribeiro dos Santos, aquelle principe estava desejoso de proseguir a carreira que o infante tinha começado pela costa de Africa; e estava cheio da leitura das *Viagens* de Marco Polo, de Nicolau Conti e de outros viajantes da Asia, que muito lhe atiçaram os desejos de abrir por mar caminho novo para a India Oriental; fazer voltar o commercio d'ella para Portugal e estancar o monopolio das especiarias que fazião os Arabes e Turcos e os Venezianos por Alexandria, principal recurso de seu poder e riqueza. Esta era só a empreza que elle considerava digna de seu animo real e capaz de lhe trazer em direitura os thesouros do Oriente e fazer revolução no curso do continente e no estado politico de toda a Europa, em muito proveito d'estes reinos. E tão acceso andava neste descobrimento da India, que sem embargo de ter já reconhecido até além do cabo da Boa Esperança por mar, o quiz tambem fazer por terra em 1486, enviando viajantes encarregados d'isso; e em verdade tantos desejos tinha de a descobrir, que havia concertado e prestes uma armada para este fim, com os regimentos feitos e escolhido já para capitão-mór d'ella o mesmo Vasco da Gama. (43) »

Colombo tinha o seu plano e o rei dom João II possuia os seus, parecendo-lhe mais facil dobrar o cabo das Tormentas que já o era da Boa Esperança, do que atirar com as suas naus ás vagas de um mar conhecido pelo nome de Oceano tenebroso, tanto mais que tão mal se havia dado com os ensaios que projectára. Depois dos descobrimentos de Vasco da Gama e de Christovam Colombo dissiparam-se os receios, e os perigos começaram a ser compensados com esse grito que alegra as tripolações e passageiros; até ordenou-se em regimento que a segunda esquadra se afastasse das costas afri-

canas, e talvez tambem se ordenasse verbalmente para onde se devião aproar as naus n'esses desvios.

A côrte que regeitára os serviços de Colombo como uma burla, segundo a sua propria expressão (44), havia de emprehender, sem cohonestar apparentemente, uma empreza semelhante á sua? A gloria nacional aconselhava, abrasava, inspirava, levava todos os animos para essas atrevidas emprezas; mas o povo que, além de concorrer com pesados tributos, via perecer tantos dos seus n'essas viagens de descobrimentos, aos quaes o papa Martinho V concedeu larga indulgencia plenaria (45), o povo murmurava e amargamente (46). Camões, tão grande poeta como historiador, personificou os seus murmurios n'esse velho de venerando aspecto, cheio de um saber adquerido á força de experiencias, que fica á margem do Tejo quando Gama se empega nos mares que o conduzem ao esplendido Oriente (47).

---

§ 2.°

Que são insufficientes os documentos em que me baseei, que em Portugal se tinha conhecimento das terras que Pedro Alvares Cabral descobriu, não por mero acaso, mas demandando-as por proposito deliberado.

O nosso illustrado consocio, procura provar nesta segunda parte de sua obra que são insufficientes os documentos em que me baseei. Estes documentos são:

1.° A carta datada de Barcelona a 5 de septembro de 1491 pelo rei de Hespanha ao seu almirante, em que se trata da bulla do papa Alexandre VI.

2.° A carta do bacharel mestre João, datado do 1.° de maio de 1500, escripta da frota de Pedro Alvares ao rei de Portugal, na occasião do descobrimento do Brazil.

3.° Os mappa-mundi do infante dom Pedro, duque de Coimbra, e do cartorio de Alcobaça, que pertenceram ao infante dom Fernando, filho de dom Manuel, singulares pelas demarcações que continham do cabo da Boa Esperança e do novo mundo antes do descobrimento de Bartholomeu Dias e de Christovam Colombo.

4.° A viagem de Corte-Real e os descobrimentos de Behaim.

5.° A carta que Toscanelli dirigiu ao conego da Sé de Lisboa Fernão Martins.

6.° O livro, que o auctor suppõe ser o roteiro da primeira viagem de Colombo.

Começa o illustre consocio por querer mostrar a pouca importancia que merecem os documentos que apresentei em abono de minha opinião, e são elles a bulla da demarcação da linha de 4 de maio de 1493 e a carta datada de Barcelona a 5 de septembro do mesmo anno em que o rei de Hespanha consultava a Colombo si seria conveniente emendar-se essa bulla, por isso que, com a pratica que tivera com alguns Portuguezes viera no conhecimento de que elles criam na existencia de algumas ilhas e ainda de uma terra firme.

Quanto ao nosso amavel consocio pouco ou nada lucrou a Hespanha com a emenda da bulla, por isso que segundo as suas prescripções lhe pertenciam as terras novamente descobertas. Eu vejo pelo contrario que o desejo que havia da parte da côrte de Hespanha era excluir os portuguezes do direito dos descobrimentos nos mares de oeste, ainda mesmo n'esses mares que lhes dava a bulla tomada a linha a cem leguas ao oeste dos Açores ou cabo Verde, como pouco mais ou menos indicára Colombo a seus reaes protectores.

« A recepção solemne que os soberanos lhe fizeram, diz Humboldt, teve logar no mez de abril e já em 4 de maio do mesmo anno, essa famosa bulla que fixou a linha de demarcação a cem leguas de distancia das ilhas dos Açores e do cabo Verde tinha sido assignada pelo papa Alexandre VI. Jamais negociação com a côrte de Roma terminou com tanta rapidez. Penso que o motivo por que a linha não foi tirada pela mais occidental das ilhas dos Açores (Flores

e Corvo) mais cem leguas a oeste, deve ser buscada nas idéas de geographia do proprio Colombo. » (48)

A opposição que da parte dos Portuguezes encontrou a bulla que fixava a linha de demarcação, foi devida, segundo o nosso consocio, não á perspicacia do rei dom João II, para incluir na sua demarcação o Brazil, mas para que dando-lhes as bullas anteriores o senhorio e conquista das terras que descobrissem e ás quaes não tivesse chegado a luz do Evangelho, vinha a nova bulla a restringir-lhe tão amplas concessões. « Si assim não fosse, diz o nosso consocio, seria difficil explicar-se o motivo por que se recusaram os portuguezes a acceital-a em um tempo em que era tão respeitada a autoridade pontificia, nem se poderia conceber como conseguiram o tratado de Tordesilla e a escriptura de Saragoça, que estenderam em favor dos Portuguezes as raias do lote que Alexandre VI lhes fizera. » Ha considerações de muito peso para oppôr ás reflexões do nosso consocio. A primeira, é que os portuguezes se não curvavam tão facilmente á tiara; e a segunda, é que a origem hespanhola de Alexandre VI poderia-lhes trazer, como lhes trouxe, uma tal ou qual desconfiança a respeito da imparcialidade de seu juizo. Acatava-se a auctoridade pontificia mas não se seguia á risca as suas injustas deliberações, nem eram tão cegos os seus contemporaneos que não testemunhassem a sagrada cadeira de São Pedro salpicada de horriveis nodoas.

Era o fim de ambas as nações possuirem as terras das especiarias. Uma caminhava pelo oriente, outra pelo occidente, e entretanto Portugal se oppunha a que a linha fosse tirada a cem leguas a oeste dos Açores e cabo Verde, só porque se cria lesado nas amplas concessões das bullas anteriores e em Tordesilhas sacrificava as amplas concessões ás 370 leguas para o occidente das ilhas de cabo Verde, e essa carta e essa bulla são documentos de nem um valor para a opinião contraria? Era apenas o rochedo deserto de Santa Helena, que fazia impressão no animo do rei de Hespanha, « e ajunta o nosso consocio, tanto mais que os Portuguezes mandavam sorrateiramente caravellas ao descobrimento. » O descobrimento de umas

ilhas nos mares africanos impressionára o rei da Hespanha e entretanto debaixo d'essas impressões cedia a Portugal na demarcação dos mares de oeste. Os Portuguezes respeitaram a auctoridade pontificia e obtiveram o tratado de Tordesilhas que alterou a bulla de Alexandre VI, que elles recusavam aceitar.

As amplas concessões obtidas por anteriores bullas da parte dos Portuguezes e tão amplas, que segundo o nosso consocio pareciam illimitadas, parece-me que não tinham essa amplidão que se quer dar. Martinho V tinha concedido á corôa portugueza o descobrimento e a conquista de todas as terras, mares e ilhas adjacentes para o Oriente e para o meio dia; conquista que os papas Calisto III e Sixto IV confirmaram por novas bullas, exceptuando, este as ilhas Canarias em favor dos reis catholicos e aquelle concedendo ao infante dom Henrique, como gram-mestre da ordem de Christo, o provimento de todos os beneficios ecclesiasticos nas terras descobertas. (49) Essas amplas concessões pois limitavam-se ao Oriente e ao meio dia; a opposição que a bulla de Alexandre VI encontrou nos Portuguezes teve outra origem e talvez que a historia um dia nos revele com toda a sua luz; pelo menos Muñoz descobriu nos archivos de Simancas uma nova bulla da concessão das Indias datada de 3 de maio de 1493 e inteiramente semelhante á de 4 de maio conservada nos archivos de Sevilha, com a differença, porém, de que na de 3 de maio, não se trata d'essa linha de demarcação designada na bulla do dia seguinte, faz-se apenas concessão aos reis catholicos das ilhas e terras firmes recentemente descobertas por Christovam Colombo, e que as possuiriam com os mesmos privilegios e direitos que os papas tem concedido aos reis de Portugal. Si dom João II se oppoz á execução da bulla por que tolhia as amplas concessões que tinha para novos descobrimentos, então elle projectava alguma expedição aos mares de oeste, e não tinha tão pouca fé como pretende o nosso consocio, nos planos de Colombo; si a sua influencia não conseguiu na Santa Sé que essas amplas concessões lhe fossem coarctadas de um dia para outro, claro está, que a origem hespanhola do papa influiu de algum modo na repar-

tição do mundo entre as duas corôas, mas tão importante questão, como nota Humboldt, só poderá ser elucidada nos archivos romanos. (50)

Nem a carta dos reis catholicos de 5 de septembro de 1493, nem a bulla de Alexandre VI de 4 de maio d'esse anno foram apresentadas como documentos por onde se podesse provar até a evidencia o conhecimento da existencia d'este ponto do mundo pelos Portuguezes, como quer o nosso illustrado consocio. Cria-se na possibilidade de sua existencia e as provas d'essa crença ahi estão na carta dos rei catholicos, na impugnação da bulla de Alexandre VI, e na concessão mais ampla que a corôa portugueza obteve nos mares de oeste para os seus descobrimentos, quando mais que nunca estava empenhada na navegação do Oriente.

A' leitura da carta do bacharel mestre João, parece mais do que todos os outros documentos ter por alguns momentos abalado as convicções do nosso illustre consocio. Já o auctor das *Reflexões* se não admira que n'essa carta ou n'esse tempo se tratasse da existencia de ilhas ou terra firme, por se ter propalado na Europa, logo após as descobertas de Colombo que era continente o que elle achara. « Não seria muito pois, diz o auctor, que os Portuguezes a suspeitassem tambem » e logo ajunta, como que arrependido do bom caminho que ia levando : « No emtanto não creio, que sirva essa carta, como quer o nosso consocio, para comprovar a asserção dos reis catholicos de que os Portuguezes suspeitavam a existencia de muitos ilhas e ainda de terra firme; o que pretendia o physico e cirurgião da armada de Pedro Alvares era dar uma idéa ao seu rei da terra descoberta por elle e seus companheiros. » Esta phrase « dar uma idéa ao seu rei da terra descoberta » diz o digno auctor que reduz-se a informar si Vera Cruz era ilha ou continente. O bacharel mestre João foi muito além dos desejos do nosso illustre consocio, porquanto propendendo erradamente, segundo a interpretação que deu aos signaes dos indios para a opinião de que era ilha, e em numero de quatro, além de outra, vinham indios contrarios a pelejar com os indios que hospedavam tão pacificamente os Portuguezes, apellou ainda para o testemunho de um mappa-mundi, o

que por certo ja não é contentar-se com dar uma simples idéa da terra descoberta. Á vista d'este documento, exclama o auctor das *Reflexões:* « O que é porêm mais significativo é que o physico da frota de Pedro Alvares recommenda ao rei que mande ver o mappa-mundi que possuia Pedro Vaz Bisagudo! »

Ainda uma segunda vez a carta d'esse bacharel, astronomo e medico como Toscanelli, abalou as suas convicções, e fez elle a si mesmo esta interrogação, que prova que começou a acreditar na possibilidade do que quer que fosse de intencional em semelhante descobrimento. « Que mappa era esse, pergunta o illustrado auctor, para o qual se chamava a particular attenção do rei? Teria alguma cousa de notavel ou achar-se-hia n'elle consignado a terra de Cabral, posto que se não certificasse si era ou não habitada? » A dúvida volta, e o auctor chama-se a ignorancia, e deplorando que a carta não fosse escripta de modo mais intelligivel, abraça de novo a sua velha opinião; eis as suas palavras: « Nada sabemos e muito pouco se póde conjecturar d'este documento, que poderia ter sido escripto do modo mais intelligivel. » Até aqui resplandece a consciencia candida do nosso consocio; mas d'aqui por diante é necessario torcer o sentido das palavras e dar nova interpretação á carta do physico do rei dom Manuel. Mestre João escreveu d'esta maneira: « Aquel mappa-mundi non certyfica esta terra ser habytada o no es mappa-mundi antiguo. » Eu li: porêm no mappa não se certifica ser esta terra habitada e não é mappa-mundi antigo. » O auctor das *Reflexões* leu pelo contrario: « Não certifica ser esta terra habitada ou não: é mappa-mundi antigo. » E' uma questão de interpretação da melhor collocação de uma e outra virgula, ao que annúo de boa vontade, adoptando a lição do nosso illustre consocio.

« Mas por que motivo, pergunta o auctor, ou com que fim, chamaria o physico mestre João a attenção do rei para o mappa que possuia Pero Vaz? » O illustrado consocio para refutar a minha resposta põe a sua pergunta dando-lhe uma interpretação que não tive em vista. Eu disse que tinha sido para que o rei visse nelle

a altura da terra novamente descoberta, e a palavra altura serviu para torcer o sentido da phrase exposta assim isoladamente; si me é dado explicar o sentido das minhas expressões, eu quiz dizer, para verificar n'elle a altura da terra descoberta, para ver si estava situada aos 17.° do polo antartico, si coincidia a sua posição natural com a sua collocação sobre o mappa. Temeroso de demorar-se em reflexionar sobre tão importante documento o auctor abandona a questão, dizendo que entende que o physico mestre João advertia ao rei que não procurasse aquella terra no mappa que elle indicara. Assim, cabe aqui a interrogação do illustrado consocio. « Mas por que motivo ou com que fim chamaria o physico mestre João a attenção do rei para o mappa que possuia Pero Vaz? » Si era para que o rei não procurasse n'elle o sitio da terra descoberta, escusado, bem escusado era fallar n'um mappa que possuia esse Pero Vaz Bisagudo, nome que apenas apparece na carta do bacharel mestre João, pois não é crivel que o poderoso monarcha dom Manuel não possuisse um mappa-mundi, apezar do auctor das *Reflexões* querer fazer ver quão raros eram então semelhantes instrumentos geographicos, e se contentasse com saber que Pero Vaz possuia um, mas que não procurasse lá a situação da terra por ser cousa escusada. E' uma interpretação tão forçada que admira tenha por auctor o nosso consocio, até aqui logico nas suas illações, e tão profundo meditador sobre as cousas da nossa patria, qualidades que não pouco realce e lustre dão aos escriptos devidos a sua penna, e que por certo a não querer acreditar que n'um mappa-mundi de que era possuidor em Lisboa esse Pero Vaz se fizesse menção da terra que elles descobriram, habitada ou não, o que é questão secundaria, melhor fôra conservar-se n'aquella apparente ignorancia, quando disse, depois de interrogar-se sobre a sua importancia tão saliente que se chamava a attenção do rei sobre elle: « Nada sabemos e muito pouco se póde conjecturar d'esse documento, que poderia ter sido escripto de modo mais intelligivel. » (51)

A Memoria do erudito academico Antonio Ribeiro dos Sanctos acerca dos mappa-mundi do infante dom Pedro, duque de Coimbra

e do cartorio do mosteiro de Alcobaça, que pertenceram ao infante dom Fernando, filho do rei dom Manuel, apenas confirma na opinião do nosso consocio a raridade dos mappa-mundi n'aquelle tempo, porquanto o condigno auctor das *Reflexões* pede permissão á academia real de historia portugueza para duvidar das demarcações que continham do cabo da Boa Esperança e da terra do novo mundo com a indicação do estreito de Magalhães antes dos descobrimentos de Bartholomeu Dias, de Christovam Colombo e de Fernando de Magalhães, não obstante a auctoridade de Antonio Ribeiro dos Sanctos. D'esta maneira desembaraçou-se o nosso consocio das grandes difficuldades que se antepunham ao livre curso de sua opinião. Tambem Voltaire disse, que não fallaria desse cidadão de Nuremberg que, segundo o que se conta fabulosamente, fôra em 1460 ao estreito de Magalhães. Mas, Humboldt juntou á asserção do auctor do *Essai sur les mœurs* estas sabias reflexões: « Uma pretenção tão absurda e entretanto muitas vezes repetida, mereceria pouca attenção si não houvesse na vida de Magalhães, como na relação da expedição d'este navegante por Antonio Pigafetta, alguma cousa tão extraordinaria, que parece do dever do historiador submetter um tal problema a uma discussão profunda » (52). Assim pois o Instituto ha de permittir que eu pelo contrario me demore na apreciação de tão celebres documentos, porque si não obtiver completa victoria mostrarei todavia que me assiste alguma razão e que n'elles ha pelo menos alguma cousa de veridico quanto a estas demarcações, mórmente á do cabo da Boa Esperança.

O eximio poeta traductor de Horacio, o erudito academico Antonio Ribeiro dos Sanctos occupou-se tanto com a tradição d'esses mappas que não só escreveu a *Memoria*, que vem nas obras da Academia portugueza, e da qual dei conta no meu trabalho (53), como que voltou ainda a seu assumpto com novas reflexões, depois de mais acurado estudo, com a sua memoria que está na *Historia e memorias da Academia real das sciencias de Lisboa*, e que á primeira vista me pareceu uma reproducção d'aquella.

Sebastião Francisco de Mendo Trigoso a quem coube as honras

de fallar em nome da Academia real na sua sessão magna de 24 de junho de 1817 assim se exprime a respeito dos trabalhos de seu incansavel collega, que tão interessado se mostrou em inteirar-se na historia do descobrimento da America: « Fazem parte do meio volume da collecção academica que este anno se publica, tres memorias que o sr. Antonio Ribeiro dos Sanctos, tinha entregado ha muito tempo, mas que de novo retocou e augmentou; tendentes todas a provar que algumas partes da America eram conhecidas anteriormente ao descobrimento de Collon, e que este celebre navegador com razão foi de tempos a tempos perturbado por alguns escriptores na posse, em que geralmente se suppunha estar, de tão assignalada primazia. Já a Academia de Copenhague, desejando pôr fim a esta controversia sobre uma das epochas mais notaveis da Historia moderna, tinha proposto um programma em que convidava os sabios a ajuntarem todos os indicios, em que se funda a opinião da anterioridade d'aquelle descobrimento; e isto foi o mesmo que fez o sr. Antonio Ribeiro, antes de ter apparecido aquelle projecto na capital da Dinamarca.

« O modo por que elle encara esta questão, faz-lhe involver nella outros factos, que servem a elucidal-a; assim a primeira memoria é destinada a provar que o uso da bussola data do seculo anterior ao de Flavio Gioja, que nasceu em Amalfi pelos annos de 1300: e que tambem são de muito maior antiguidade do que commumente se crê muitos dos outros instrumentos maritimos e a applicação do conhecimento dos astros de que se serviram os Phenicios, os Gregos, os Indios, e os mesmos Arabes. Estes meios e sciencia nautica fazem já desvanecer muito do maravilhoso que se póde achar nas viagens pelo mar largo, anteriores ás nossas e ás de Collon; e por isso essa Memoria serve como de proemio á segunda, em que se recapitulam os testemunhos contra a prioridade attribuida ao mesmo genovez.

« Não pára porêm aqui o sr. Antonio Ribeiro, e depois de ter mostrado que já eram conhecidas algumas paragens da America septentrional, pretende provar em uma terceira memoria que tambem

o eram outras da meridional e entre ellas o celebre estreito de Magalhães, com o que ficaria vindicada a authenticidade dos decantados mappas do infante dom Pedro, duque de Coimbra, e do cartorio de Alcobaça, onde é fama que de tempos mui remotos se achava aquella demarcação. É no auctor que se deve ver as razões em que elle funda esta opinião, que n'um simples extracto perderiam muito da sua força. » (54)

Ou o nosso erudito consocio não admitte o testemunho da historia, ou então não prestou toda a attenção ás palavras do abalisado academico portuguez. Duas foram as memorias que Antonio Ribeiro dos Sanctos apresentou á academia real das sciencias de Lisboa e que figuram nas suas publicações. Na primeira tratou o auctor da *possibilidade e verosimilhança da demarcação do cabo da Boa Esperança e da terra do novo mundo nos dous mappas do cartorio de Alcobaça e do infante dom Pedro, duque de Coimbra, antes dos descobrimentos de Bertholomeu Dias e de Christovão Colombo.* Eis as suas palavras ácerca de sua existencia: « Os estudos da geographia e da nautica tendo começado de reviver no seculo XV em muitas partes da Europa, não deixaram tambem de excitar em Portugal a curiosidade de algum dos nossos para se darem ao conhecimento d'estas sciencias ou procurarem havê-las dos estranhos: d'esta nossa applicação scientifica n'aquelles tempos, bons testemunhos foram os dous mappas de que se falla em nossa historia, um do infante dom Pedro, duque de Coimbra e regedor do reino na menoridade do sr. dom Affonso V, e de que dizem se servira seu irmão o infante dom Henrique para seus gloriosos descobrimentos maritimos, e outro que fôra do precioso cartorio de Alcobaça, que veio ás mãos do infante dom Fernando, filho do sr. rei dom Manoel: e porque elles eram notaveis pelas augustas mãos em que estiveram e pelas singulares demarcações que n'elles vinham do cabo da Boa Esperança e da terra do novo mundo, antes dos descobrimentos de Bartholomeu Dias e de Colombo, entendemos ser materia curiosa e interessante para d'ella se fallar em beneficio da nossa historia, dizendo alguma cousa da sua existencia e demarcação; e removendo,

quanto em nós está, alguma duvida que póde haver n'esta materia. (55) »

Na segunda memoria que tem por titulo *Da possibilidade e verosimilhança da demarcação do estreito de Magalhães no mappa do infante dom Pedro*, procurou o auctor aprofundar os seus estudos ácerca de um facto de tanta transcendencia, e não admira que o nosso consocio duvide das demarcações contidas n'estes mappas, quando o proprio Antonio Ribeiro dos Sanctos é o primeiro a confessar que grande motivo é para duvidar da existencia e authenticidade do que principalmente contém a demarcação do estreito de Magalhães, o que póde admirar a uns e fazer vacillar a outros; eis as suas expressões: « Havendo tratado em uma memoria particular da possibilidade e verosimilhança da demarcação do cabo da Boa Esperança, nos dous mappas do cartorio de Alcobaça e do infante dom Pedro, duque de Coimbra, passamos agora a fallar da possibilidade e verosimilhança da outra demarcação do estreito de Magalhães, que só se acha no do infante dom Pedro, ainda mais notavel que a primeira. Principiamos confessando que grande motivo é, para duvidar da existencia ou authenticidade d'este mappa, achar-se n'elle demarcado aquelle Estreito, o que póde admirar a uns e fazer vacillar a outros.

Como admittir ou suppor facto de longa navegação para a America meridional, como era natural que houvesse antes do descobrimento de Fernando de Magalhães, para d'elle resultar a singular demarcação d'aquelle estreito, para assim se signalar no mappa do nosso infante?

Seja-nos dada a liberdade de discursar um pouco sobre este assumpto e de resolver, si nos fôr possivel, as difficuldades. Não pretendemos defraudar com isto a gloria de Magalhães, que será sempre grande e magestosa aos olhos do universo, de qualquer modo que se considere a sua navegação; mas não o offendemos, si em materia (si tem sido e ainda é hoje controvertida de alguns sabios) da originalidade d'este descobrimento tomamos por outro caminho mui diverso do que até aqui se tem seguido (56). »

Eu já disse que a existencia de semelhantes documentos não deixa de ser muito importante para que passe desapercebida, e que o descuido, porém, com que os nossos antepassados escreveram das cousas mais notaveis da nossa historia, invertendo muitas vezes a veracidade dos factos, foi causa a que por muito tempo se olhasse com pouca importancia para ella e se recebesse o que estava escripto, sem mais criterio, sem que se notasse nas encontradas asserções com que se contradiziam a cada passo, tal qual succede com o descobrimento do Brazil, que cada um attribue ás causas que mais acertadas lhe pareceram a poder produzir tão extraordinario acontecimento nos annaes portuguezes, e fez que esses documentos cahissem em esquecimento.

D'estes dous mappas é o mais celebre o que pertenceu ao infante dom Pedro, não só por ser o primeiro mappa ou carta geographica de que faz menção a historia portugueza, como por conter a indicação do estreito de Magalhães, quando o que foi do cartorio de Alcobaça só menciona o cabo da Boa Esperança e da terra da America.

O principe dom Pedro o levou a Portugal de volta de suas peregrinações e viagens e d'elle assaz se aproveitou o infante dom Henrique. Suppõe-se que o houve dos Venezianos, de quem recebeu o livro das Viagens de Marco Polo, que mereceu ser vertido em portuguez por Valentim Fernandes, e se publicou em Lisboa em 1502. Tanto o traductor portuguez no prefacio da sua traducção, como João Baptista Ramusio no seu *discurso* sobre a primeira e segunda carta de André Corsali, dizem ter pertencido á casa do thesouro de Veneza. É provavel que o infante não obtivesse senão uma cópia, ignora-se porém aonde, quando e por quem foi elle delineado, mas ha dados para se crer que não é o mappa do infante cópia do do cartorio de Alcobaça, como pretende o padre Cordeiro na sua *Historia insulana*, pois nota Antonio Ribeiro dos Santos que não combinam entre si as demarcações; e ainda mais, que feita a conta, o de Alcobaça já existia em 1408, sendo portanto anterior ao do infante dom Pedro, que só poderia tê-lo levado para Portugal em 1438, quando voltou áquelle reino.

Porque, porêm, duvida o nosso consocio das demarcações contidas n'esses mappas apezar da auctoridade de Antonio Ribeiro dos Santos? O academico portuguez baseou-se nos historiadores das cousas de sua patria, e nos apresenta os testemunhos de Antonio de Galvão, que examinou muitos documentos e adquiriu grande somma de conhecimentos para a confecção de seu *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos*, e nelle refere que o infante dom Henrique se aproveitára de tão importante padrão, o Dr. Gaspar Fructuoso na sua obra *Saudades da terra*, quando trata do descobrimento das ilhas, Manuel de Faria e Souza na sua *Europa portugueza* e o padre Cordeiro na sua *Historia insulana*. Quanto não ganhariamos nós si o nosso consocio com os conhecimentos que tem da historia da geographia do nosso continente não se contentasse em guardar as suas razões e no-las communicasse com aquella elucidação que costuma a emanar de seus raciocinios? Como, porêm, não o fez permittir-me-ha que persistindo nas minhas opiniões, as reforce com as leituras que procurei obter a respeito.

Antonio Ribeiro dos Sanctos foi o primeiro a não aceitar sem exame a existencia de taes demarcações, e mórmente da do estreito de Magalhães, que, como já disse, só se achava no mappa que pertenceu ao infante dom Pedro, para isso, interroga-se a si proprio, perguntando: « Sendo o estreito denominado de Magalhães tão remoto do nosso continente e d'elle separado por tão longas marés, é claro que a sua demarcação no mappa do infante dom Pedro, que veio a Portugal em 1438 não podia deixar de ser resultado do facto de alguma viagem, que lhe tivesse precedido para aquellas partes do novo mundo. Era esta navegação possivel naquelles tempos? Houve algum facto de descobrimento de terras da America, que faça verosimil aquella descoberta antes de Colon e Magalhães (57)? »

Para resolver estas questões o illustre academico lança mão dos mesmos raciocinios que lançaria o nosso consocio quanto a poder ser casual citando o proprio exemplo do descobrimento do Brazil, que elle o tem por isso.

Quanto a poder ser feito por proposito deliberado o auctor apre-

senta algumas hypotheses, que todavia não as reproduzirei aqui. Depois de varias reflexões sobre o descobrimento anti-colombiano da America tanto septentrional como meridional em que o auctor esposa as opiniões dos auctores systematicos, soccorre-se a Martim Beahim, « pois, diz elle, nas suas cartas maritimas já estavam demarcadas as terras visinhas á Ponta Austral d'aquelle continente ou ao estreito, que depois se chamou de Magalhães. Isto escreve d'elle positivamente Pigafeta, auctor Coevo e fidedigno que foi seu companheiro de viagem, dizendo que o mesmo Magalhães vira na Thesouraria de El-Rei de Portugal uma carta feita por aquelle excellentissimo Martim de Bohemia, em que aquellas terras vinham delineadas » (58).

Para corroborar esta opinião firma-se o auctor em Herrera, historiador hespanhol, em Wangensel que compoz o *Panegyrico de Behaim*, em o auctor do *Diccionario universal hollandez*, em Dopelmayer, que escreveu a *Relação historica dos artistas de Nuremberg*, no barão de Bielfeld, que imprimiu a obra intitulada *Progresso dos Allemães*, em Freher no seu *Theatro*, citando sobre todos Gomara, de quem traslada o seguinte trecho: « Fernando Magalhães e Ruy Falero vieram de Portugal a Castella a tratar com o Conselho das Indias, que descobririam si bom partido lhes fizessem, as Molucas, que produzem as especiarias, por novo caminho e mais breve que não o dos Portuguezes a Calicut, Malaca e China. O cardeal fr. Francisco Ximenez de Cisneros, governador de Castella, e os do Conselho de Indias lhes deram muitas graças pela noticia e vontade e grande esperança que chegado que fosse el-rei don Carlos de Flandres seriam mui bem acolhidos e despachados. Esperaram com esta resposta a vinda do novo rei, e entretanto informarem ao bispo dom Juan Rodriguez da Fonseca, presidente das Indias e aos ouvidores de todo o negocio e viagem. Era Ruy Falero bom cosmographo e humanista, e Magalhães grande marinheiro. O qual affirmava que pela costa do Brazil e Rio da Prata havia passagem para as ilhas de especiaria muito mais *cerca* que pelo cabo da Boa Esperança; a menos antes de 70°, segundo a carta de marear que possuia o rei de Portugal, feita por

Martim de Bohemia, si bem que a carta não punha estreito algum, ao que ouvi dizer, senão o *assiento* das Molucas. Si já não pôz por estreito o Rio da Prata, ou algum outro grande rio d'aquella costa. Mostrava uma carta de Francisco Serrano Portuguez, amigo e parente seu, escripta nas Malucas, em o qual lhe rogava que fosse para lá, si queria ficar rico depressa » (59).

O erudito academico suspeitára por muito tempo que o mappamundi de Alcobaça seria o que havia feito o famoso cosmographo fr. Mauro, monge camaldulense do mosteiro de S. Miguel de Murano, junto a Veneza. Sabe-se que este mappa foi ter a Portugal em 1459, como consta dos assentos d'aquelle mosteiro, e que fôra alcançado pela côrte portugueza por intermedio de Estevam Tervigiani, mas o mappa de Alcobaça foi visto em 1528, e dizia-se ter sido feito cento e vinte annos antes. Assim quando mesmo o nosso consocio queira duvidar da representação do Cabo da Boa Esperança no mappa do cartorio de Alcobaça, apezar da auctoridade de Antonio Ribeiro dos Santos, não poderá quanto a igual denominação que apparece no mappa de fr. Mauro dezesete a vinte sete annos antes que o descobrisse aquelle de quem as suas tormentas se vingaram, e o circumdasse Vasco da Gama.

« Muito tempo antes, diz Alexandre de Humboldt, de Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, vemos a extremidade triangular da Africa representada no planispherio de Sanuto de 1306 annexo ao *Secreta fidelium Crucis* e publicado por Bongars (60); no *Portulam della Mediceo Laurencianna*, de 1351, obra genoveza, que o conde Baldelli tornou conhecida (61); no *Planispherio de la Palatina* de Florença, de 1417 elucidado *(discuté)* pelo cardial Zurlà (62), e sobretudo (note-se bem) em o famoso mappamundi de fr. Mauro, traçado (63) em os annos 1458 e 1459. E esta ultima carta sobretudo quarenta annos anterior á circumnavegação de Vasco da Gama, que offerece, com a maior clareza, o promontorio de Africa austral sob o nome de *Capo di diab*. A configuração d'esta extremidade do continente merece uma attenção particular. Apresenta o aspecto de uma ilha triangular, na qual, ao nordeste do Capo di Diab (nosso cabo da Boa Esperança) se acham

inscriptos os nomes de Soffala e de Xengibar, e que é separada expressões estas do auctor do mappa-mundo) de l'Abassia (Abyssinia) « por um canal contornado de altas montanhas e de florestas espessas. » Este canal dirigido do N. N. E a S. S. O. é tão estreito, que reina nelle perpetua obscuridade, tornando-se perigoso ás embarcações pelos remoinhos que faz a agua. » Estas indicações e o aspecto da carta provam que a extremidade do continente é figurada como separada da grande massa mais boreal, por um estreito que involuntariamente traz á lembrança o estreito de Magalhães. Uma inscripção collocada ao lado do Cabo *Diab* indica que em 1420 um navio indiano zoncho da India (Giunco, jonque) procedente de leste, dobrou o cabo para buscar as ilhas dos homens e das mulheres (habitadas separadamente por umas e pôr outros) que estão além; que 40 dias depois, tendo percorrido mais de 2,000 milhas e não tendo visto mais do que céo e agua, tornára o navio indiano, com setenta dias de navegação, ao cabo Diab, onde os marinheiros acharam, sobre a praia, um ovo grande como um tonnel, e reconheceram ser o ovo de um Crocho. » (64)

Depois de algumas observações continua o sabio allemão: « A terra que o zoncho da India buscava além do cabo austral de Africa, e não seria sinão no caso que se acreditasse em um vasto alargamento a leste do promontorio de Ouac-Ouac, e tendo-se o conhecimento da esphericidade da terra, geralmente admittida pelos geographos arabes, que se poderia encontrar percorrendo a aoeste, o mar tenebroso (o Atlantico) a que contêm as *isole verde*, das quaes não se tinha mais do que uma noção mui vaga. Porêm o que mais importa do que a posição de uma d'essas ilhas fabulosas dos arabes, que os navegantes christãos povoaram de bispos e de monges, é o traço do cabo da Boa Esperança em um mappa-mundi de 1459. Aquelles mesmos que suppõem algumas addições posteriores não as estendem além do anno de 1470: de sorte que as expedições de Dias e de Gama são indubitavelmente pelo menos de dezasete a vinte sete annos posteriores á redacção da carta que nos offerece o *Capo de Diab.* » (66).

A' vista da existencia d'esses mappas-mundi, do qual o primeiro

data de 1306, figurando a extremidade triangular da Africa, já vê o nosso illustre consocio que não é para se desprezar assim tão de leve a demarcação da terra do novo mundo, e ainda do estreito de Magalhães nas cartas que pertenceram ao duque de Coimbra e ao mosteiro de Alcobaça, quando era fama entre os castelhanos que os portuguezes desconfiavam da existencia de muitas ilhas que se prolongavam se augmentando em numero para o sul, e ainda de uma terra firme, e quando os portuguezes suppunham que o Brazil era uma d'essas ilhas que, diz João de Barros, os hespanhóes chamam Antilhas.

O sr. Alexandre de Humboldt, que tão profundo exame fez sobre a historia da geographia do nosso continente, e cuja autoridade tanto se apraz em citar a cada trecho d'esta refutação, não julgou dever desprezar uma questão tão importante, como a demarcação do estreito de Magalhães n'essa carta portugueza, e fez sobre ella as mais brilhantes investigações. « Demonstremos, diz elle, mais anteriormente, como o cabo austral de Africa veio a poder figurar sobre a carta de Fra Mauro trinta annos antes que Dias o dobrasse; mas como explicar a indicação de um estreito americano sobre uma carta portugueza antes da viagem de Magalhães? (67) » O Sr. barão de Humboldt lembrando que algumas circumstancias poderiam ter feito conjecturar a existencia de uma passagem, e que na idade média as conjecturas eram religiosamente inscriptas nas cartas, como a prova o Antilia, S. Brandon ou Borondon, a Mão de Satan, a ilha Verde, a ilha Maida e a configuração de vastas terras austraes, diz que « a par das expedições autorisadas pelo governo hespanhol, e cuja lista completa já déra, apparecem viagens clandestinas emprehendidas por outras nações ou por subditos hespanhóes que pretenderam illudir o fisco (68). E' tão judiciosa esta reflexão do sabio allemão que em setembro de 1501 achou-se o governo hespanhol na indispensavel obrigação de publicar uma ordenança particular em Sevilha, na ilha de Grãa Canaria e a Hayty (la Española) condemnando nas mais graves penas aos que, sem permissão particular, ensaiassem descobertas no mar-oceano e terra firme das Indias (69).

« Existia, ajunta o sabio Humboldt, tanto em Sevilha como em Lisboa, noções derramadas por viajantes clandestinos; e os autores de cartas que se compunham então, com um ardor extremo, em todas as cidades maritimas, aproveitavam de taes noções verdadeiras ou falsas em as desturalisando depois de combinações conjecturaes. Nos primeiros tempos da conquista da America tinha-se por costume considerar cada parte novamente descoberta como uma ilha mais ou menos grande. Pouco e pouco se foi reconhecendo a continguidade d'essas partes, e logo que faltavam as observações, imaginava-se sobre as cartas a maneira de reunir e de prolongar as costas, segundo vagas indicações (70). »

Si era o caminho pelo oeste que Colombo procurava para passar as Indias, é claro que a idéa de um estreito não podia deixar de apresentar-se á Hespanha para o complemento de seus projectos, quando o continente da America se prolongava como uma barreira ante as suas náus. A idéa da existencia ou da possibilidade da existencia de um estreito começou a occupar a attenção dos homens dados com ardor aos descobrimentos, desde os primeiros tempos do descobrimento da America.

A chegada dos Portuguezes á India, dous mezes antes que Colombo descobrisse as terras americanas, não amorteceu nos Hespanhóes o zelo com que buscavam um caminho através das costas orientaes da America, cuja continuidade era ainda duvidosa (71). O proprio descobrimento do Brazil levou a côrte portugueza a dirigir suas vistas sobre uma passagem para oeste (72). O Sr. barão de Humboldt tem por muito provavel que esta serie de expedições que tiveram logar pelos annos que decorrem de 1505 a 1508 ao sul de Porto Seguro (73) tinham por fim descobri-la, e que as vagas noções provenientes d'ellas serviram de base a uma multidão de cartas maritimas que se fabricavam nos portos mais frequentados (74).

As viagens de Vespucci parece que não tiveram outro fim, que al se não póde deprehender de suas palavras quando diz que tal empreza deveria illustrar o seu nome e perpetuar sua memoria. « Em 1501, escreve Gomara, entrou elle por ordem do rei dom Manoel

sobre as costas do sul na intenção de procurar um estreito pelo qual se pudesse buscar caminho para as Molucas e especiarias.» (75)

Não se havia ainda descoberto o oceano Pacifico, mas sabendo Colombo por communicação com os indigenas da existencia de outra costa (76), annunciava ao partir para a sua quarta viagem, em 11 de maio de 1502, que acharia um estreito sobre a costa de Veragua (77). Entre os annos de 1505 a 1507 redobraram-se os esforços por parte da côrte de Hespanha, que lançou as suas vistas sobre as costas do Brazil e essa pleiade de atrevidos navegadores, Vespucci e Vicente Yanez Pinson e Juan de la Cosa e Solis foram consultados ácerca d'aquella famosa expedição que devia partir em Fevereiro de 1507, mas que a influencia da diplomacia portugueza obstára (78). O que, porém, não se fez em grande escala teve logar pelos annos seguintes em pequenas expedições sem apparato; assim Vicente Yanez Pinson e Juan de la Cosa e Dias e Solis partiram de San Lucas em 29 de Julho de 1508 para iguaes tentativas (79); e Vasco Nunes de Balboa procurava em 25 de Setembro de 1513 do alto da serra de Quarequa (80) o mar, de que depois veio a tomar posse, entrando por elle com agua até os joelhos, e de espada na mão.

Em 8 de Outubro de 1815 partia Solis do porto de Lepe para jámais voltar á Europa; enviado, como diz Herrera (81), para o sul, pois que, segundo as opiniões dos geographos, podia achar passagem para chegar ás ilhas das especiarias, si antes não foi, como pretende e com mais acêrto, o Sr. A. de Humboldt, encarregado de contornar a extremidade austral para penetrar no mar descoberto por Balboa (82). Em 1517, quinze annos depois d'essas tentativas, foi que surgiu Magalhães, que, segundo a frase de Camões, mostrou-se mais portuguez no feito, que não na lealdade, noticiando ter visto consignado n'uma carta de Martim de Bohemia o estreito a que elle deu o nome de patagonico, que depois se intitulou de La Victoria, que outros denominaram de —Todos los Santos — que outros ainda chamaram de — la Madre de Dios — e que Philippe II achou que devia ter o nome do proprio Magalhães.

Concebe-se que Colombo imaginasse um caminho pelo oeste para

o paiz das especiarias, dada a esphericidade do globo; mas que Magalhães, por meras conjecturas, como tão profundamente procurou demonstrar o auctor do *Exame critico da geographia do novo continente*, desconfiasse da existencia do estreito e procurasse auctorisar as suas conjecturas com o nome de um consummado cosmographo, que então gozava de grande celebridade, é o que não é facil de attender-se. (83)

Com que razões apoiou elle a sua asserção? Seria bastante dizê-lo para convencer, depois de tantos ensaios infructiferos? Elle, como Colombo, navegou seguro de que devia encontrar o que buscava. Passava além da foz do Prata, e já a tripolação se lastimava de não ter encontrado n'essa longa viagem cousa que se assimilhasse a um estreito, e Magalhães lhes respondia, segundo a concisão de Herrera: « Que no puede faltar » e ajunctava, segundo Pigafetta, que iria, si necessario fosse, até aos 75° de latitude, onde, durante o hinverno, quasi que não havia dia (84). A singeleza d'esta ultima expressão, conservada no jornal de Pigafetta, prova, diz o Sr. Humboldt (85), que Magalhães estava persuadido da existencia de uma passagem além do Rio da Prata, mas que a carta dos archivos, attribuida a Behaim, não indicava ao certo a posição d'esse estreito.

Depois d'estas indagações, como que se voltam os olhos outra vez para Martim de Bohemia, esse nobre Portuguez, natural de la isla de Fayal, como tão erradamente o chamou Herrera (86), cidadão de Nuremberg segundo outros, que passou por ter descoberto o archipelago dos Açores, e que Wangenseil deu como o descobridor do novo mundo, enthusiasmando o genio de Leibnitz, pelo que chegou-se a propôr que se chamasse Behaimia ou Bohemia occidental o paiz a que Hylacômylus deu o nome de Americo Vespucci, deixando o de Colombo no mais injusto esquecimento.

E' certo que Martim de Bohemia achou-se ao serviço de Portugal e que com Diogo Cão fez parte da expedição ás costas de Africa, por cujos serviços parece ter sido feito em 1485 cavalleiro da ordem de Christo, conjunctamente com os dous medicos do rei dom João II, mestre Rodrigo e Joseph Indio, e que fôra nomeado membro da

juncta de mathematicos, encarregada de indicar o meio de navegar pela altura do sol. Sabe-se tambem, pelo conhecimento synchronico dos factos, que Colombo e Martim de Bohemia se encontraram em Lisboa pelos mesmos annos e ambos occupados em projectos nauticos; mas como deduzir d'essa viagem ás costas de Africa e d'essas communicações com os homens occupados nos descobrimentos de novas terras, os dados que teve para figurar n'uma carta o estreito meridional da America?

Nada ha pois que se possa affirmar; mas tambem como negar o conhecimento da existencia d'esse estreito, quando o proprio Magalhães confessava possui-lo por tê-lo visto n'uma carta dos archivos do rei de Portugal, e quando essa declaração coincide com a existencia da carta do infante dom Pedro? Os documentos que devem lançar alguma luz sobre este ponto da historia da geographia dormem talvez esquecidos em algum archivo. « Para chamar a attenção d'aquelles a quem interessa a historia da geographia maritima, diz Humboldt, quando tantos opusculos do começo do 16.° seculo conservados em grandes bibliothecas merecem ser arrancados ao olvido, darei o extracto de uma relação de viagem ao estreito de Magalhães, sem data e sem indicação do logar de impressão. » (87)

A relação d'essa viagem é posterior á de Magalhães, como apenas se deprehende da menção dos unicos nomes proprios que n'ella se encontrão de Nuno e Christovão de Haro, mas este exemplo prova, como nota o Sr. A. de Humboldt, que, sem contar as expedições clandestinas, emprehendidas em detrimento do fisco, tiveram logar outras muitas que não são mencionadas, nem nas grandes collecções de viagens, nem em outras muitas obras de raro merecimento.

Quanto ás viagens de Corte-Real e de Martim de Bohemia, direi apenas ao distincto auctor das *Reflexões*, que estamos concordes, porquanto as viagens de Corte-Real nenhuma ligação tem com o descobrimento do Brazil, e não foram trazidas sinão para mostrar a ambição, o desejo da nação em intervir em todos os descobrimentos, como si o reino lusitano não coubesse em si mesmo; e deixarei de juncta outras ponderações por não serem proprias d'este logar. E

quanto ás viagens de Martim de Bohemia, ellas se limitaram, ao que se sabe, ao que se tem averiguado até agora pelo conhecimento synchronico dos factos, á sua expedição as costas da Africa em companhia de Diogo Cão. Ha porém uma passagem na vida de Martim de Bohemia de que já fiz menção e a que liga toda a importancia o sr. Alexandre de Humboldt, a quem se devem as mais arduas pesquizas acerca de noticias biographicas d'essa personagem por tanto tempo mysteriosa. O illustre cosmographo achou-se em Lisboa pelos mesmos annos que Colombo, occupados ambos com seus projectos nauticos e fez parte d'essa juncta de mathematicos a quem coube o exame dos planos de navegação de Colombo, e sobre os quaes obtivera a côrte portugueza informações tão positivas de Paulo Toscanelli por intermedio do conego Fernão Martins. E, quanto a Herrera (89), e Cordeiro (90) e Ribeiro dos Sanctos (91), foi o illustre cosmographo de Nuremberg quem influiu no animo do rei dom João II para a expedição que se mandou aos mares de oeste, e que devia o não ser tão mal succedida pela pouca coragem d'aquelle que a dirigiu, deixar sepultada em perpetuo olvido toda a gloria do illustre Genovez, privando-o de um descobrimento tão transcendente por todos os lados que se procure encara-lo.

O auctor das *Reflexões* tratando do livro que elle suppõe, e muito bem, ser o roteiro da primeira viagem de Colombo, mostra não ter comprehendido as minhas expressões. Diz o nosso consocio que parece que achei outro documento da influencia de Toscanelli nos descobrimentos da America quando lhe attribuo a paternidade d'esse livro. Não o citei como tal, nem o podia fazer. Quiz tão sómente provar, como provei, para mostrar os zelos de Castella a que ponto se elevavam quando em Portugal não se ignorava o fito das viagens de Colombo. Permitta-me o Instituto que cite as minhas proprias palavras:

« Antes porém, dizia eu, que o tratado de Tordesilha viesse equilibrar a harmonia entre os dous povos, a Hespanha sempre receiosa do augmento do reino visinho, mal podia tranquillisar-se; não se armavam expedições em Portugal que não tivessem por des-

tino os mares de oeste, e as suspeitas de que pretendia intervir em seus descobrimentos, pozerem-na na mais severa vigilancia; e pois os Portuguezes eram no reino iberio interrogados sobre as intenções de sua patria, sendo em Lisboa o espirito de espionagem activamente mantido pelo governo hespanhol. »

Depois de outras considerações, que se podem ler na Memoria, ajunctei:

« As suspeitas de Castella não eram pois sem fundamento; embora Colombo se expressasse em Lisboa com a maior parcimonia, e ainda depois da sua viagem procurassem os reis catholicos todo o segredo no exame de seus papeis; as communicações que elle recebêra de Toscanelli eram patentes e conhecidas. » — « Com este correio, « escrevia a rainha Isabel a seu almirante no mar oceano em 5 de « Septembro de 1493 vos envio um traslado do livro que cá deixaste, « cuja demora provêm, (note-se bem) de se ter escripto secretamente « para que não fosse sabido d'esses que aqui estão de Portugal ou « de outro algum. »

Si destas palavras se deduz que attribuo a paternidade d'esse livro a Toscanelli confesso ingenuamente que não soube o que escrevia, e si o trouxe de involta com a carta de Toscanelli foi apenas por um incidente, querendo demonstrar que esse segredo era inutil, porque pela carta de Toscanelli estava mais que informado o governo portuguez dos planos da viagem de Colombo, que para melhor assegurar-se em seus designios bebêra os mesmissimas informações na mesma fonte, tal é pelo menos o que se deve inferir das minhas palavras: « Entretanto que Paulo Toscanelli, celebre florentino, medico e astronomo, ao mesmo tempo, havia dado a esse respeito as mais exactas informações que lhe tinham sido pedidas pela côrte de Lisbôa, em 1474 » (92). Essas intrigas continuaram ainda por muitos annos depois do descobrimento do Brazil, como consta do testemunho da historia (93). Não eram sómente a Hespanha e Portugal que se vigiavam mutuamente: os estados commerciantes da Italia, tinham pelas suas relações com o Egypto e a Persia, os olhos fitos sobre o perigo que lhes resultaria do commercio dos Portu-

guezes com as costas da Africa, e tanto assim que Lorenzo Cretico, Piero Pasqualigo, Vicenti Quirini, Angelo Trivigiano, e Girolamo Priuli foram encarregados de secretas missões, que procuraram desempenhar mais ou menos satisfactoriamente (94). A par e passo que a Hespanha velava no segredo dos roteiros de Colombo, Portugal prohibia, sob pena de morte, a sahida de cartas maritimas, que indicassem a rota para a India. (95)

Passando a tratar da carta de Toscanelli pretende o auctor demonstrar que as suas informações não podiam ter dado aos Portuguezes o conhecimento de novas terras, nem servir de guia a Cabral para realisar descobrimento algum, e de passagem nota que eu qualificasse de exactas as suas informações. Ainda d'esta vez o digno consocio, apezar de seu brilhante talento, deu erradas interpretações á minha memoria neste ponto da historia.

Como poderia eu qualificar de exactas as informações transmittidas por Toscanelli, quando quem seguisse o « brevissimo caminho » indicado por elle, achar-se-hia sobre a costa da America em vez de tocar as costas da Asia? Fôra preciso que não se conhecesse o typo imaginario da geographia arabe e italiana do XV seculo.

Eu disse que embora Colombo quizesse occultar os seus projectos, e ainda depois de sua viagem procurassem os reis catholicos todo o segredo no exame de seus papeis, sabidas eram as communicações que elle recebêra de Toscanelli, e que este celebre astronomo florentino já havia dado a esse respeito as mais exactas informações, isto é, exactas por coincidirem com as que poderia fornecer sobre o mesmo assumpto o descobridor da America, sempre relativa e nunca absolutamente fallando.

A carta de Toscanelli não figura na memoria do descobrimento do Brazil como um monumento que servisse de ponto de partida para tal descoberta; o trecho que apresentei serve apenas para indicar que os projectos de Colombo não eram tão mysteriosos, como se pensa geralmente, para o governo portuguez, apezar da sua parcimonia em explicar-se acerca de suas palavras. Onde concebeu Colombo a idéa da sua atrevida navegação senão em Lisboa á vista das

tentativas dos Portuguezes para acharem um novo caminho para a India? Onde estudou elle com ardor sinão n'esse Tejo que se ensoberbecia com as novas de novos descobrimentos? Porque abriu elle communicações scientificas com Toscanelli por intermedio de seu compatriota Lourenço Giraldo sinão para inteirar-se das informações obtidas pelo governo portuguez por meio do conego da Sé de Lisboa Fernão Martins? O seculo em que vivia Colombo era chamado por excellencia o seculo do renascimento, do heroismo e erudição e que evocava as tradições dos seculos passados (96): não era tão cheio de trevas como se diz vagamente, porque essas pesavam sobre as massas (97), e nos conventos e seminarios primavam as tradições da antiguidade, e um ardor de estudo, que, segundo Bacon, contrastava com a ignorancia geral dos povos (98). A Atlantida de Platão, os Outros mundos de S. Clemente Alexandrino, A Insula permagna de Didozo Siculo, O grande continente de Theopompo, de Plutarcho e Amminiano Marcellino, os Novos orbis além de Thule de Seneca, o Ophir dos Rabinos tão celebrado na Biblia, O continente, além dos mares oppostos á Africa, da parte do Poente de Porphyrio e Proclo, Arnobio e Tertuliano, A ilha Secca firme ou continente *(Gezira Kheschk)*, As maravilhas da natureza *(Algiaib al Mokhlonkat)* e a Jeni Dumia ou novo mundo além da Ethiopia ou Africa nos fins do oceano Tenebroso ou occidental dos antigos Arabes, não eram desconhecidos aos estudiosos., e os descobrimentos de Porto Sancto e dos Açores pelos Portuguezes, attrahindo as attenções para o Oeste, chegaram a fazer ver nessas nuvens perpendiculares ao horisonte em sua maior dimensão a confirmação d'essas terras trans-oceanicas, que os tempos e as navegações acabaram por provar não ser engenhosas ficções e puros mythos, sinão quanto a proximidade que se lhes assignava.

Eram os livros raros nesse tempo; mas é preciso não esquecer que Colombo tinha por contemporaneos a sabios e celebres astronomos, que assaz se compraziam em communicar as suas luzes aos navegadores e geographos de seu tempo. (99)

---

§ 3.º

Que a descoberta do Brazil não entrou nos planos de Cabral e que os historiadores abundam n'este sentido e que se exprimem de fórma tão cathegorica e terminante que contrastam com as frases ambiguas de outros em que se procura base para opinião contraria.

Para provar que a descoberta do Brazil não entrou nos planos de Cabral, e que os historiadores abundam n'este sentido e que se exprimem de fórma tão cathegorica e terminante, que contrastam com as frases ambiguas de outros em que procurei base para a minha opinião, o auctor das Reflexões passa a demonstrar o fim unico que se teve em vista com a expedição da nova frota, apoiado nos seus historiadores,—Mariz, que teve a habilidade de improvisar uma espantosa tormenta para occasionar o descobrimento do Brazil; —Caminha, de quem apenas cita o final da carta;—Barros, Damião de Góes, Jeronymo Osorio, a carta do rei dom Manoel, datada de 29 de Julho de 1501 ao rei de Hespanha, dando conta do descobrimento e Raynal.

Vejamos si os historiadores, que cita o illustre auctor das reflexões são por ventura de mais peso e consideração do que esses que testemunharam o acontecimento, e que escreveram com a lhaneza dos primeiros chronistas, fontes primitivas que, como nota o sr. Ferdinand Denis, narram sem exageração o proprio facto, antes que seja envolvido em circumstancias estranhas ao principal acontecimento, e que permittem ao leitor tornar-se por momento historiador. (100)

Pero de Mariz, o auctor do *Dialogo de varia historia* é o primeiro de quem o nosso esclarecido consocio transcreve um trecho que termina por estas palavras: « O qual (Pedro Alvares)... par-

tindo de Lisboa.... foi tal a sua ventura que.... depois de uma espantosa tormenta.... descobriu a provincia do Brazil. » Nem na carta de Caminha, nem na narração de um dos pilotos da famosa frota, nem na participação do rei dom Manoel, nem nas obras de Barros, de Damião de Góes, de Jeronymo Ozorio, de Lafitau, de Antonio de San Roman, de La Clède, de Gandavo, de Bento Teixeira, de Balthazar Telles, de Simão de Vasconcellos, de Ayres do Cazal e de W. Irwing se menciona tempestade alguma, cuja furia impellisse as náus de P. A. Cabral sobre as costas brazilicas. Mariz, que escreveu sem se dar ao trabalho de averiguar a sua verdadeira causa, sem ao menos se informar dos numerosos documentos existentes em seu tempo e dos quaes apenas escassas reliquias nos chegaram, não merece o conceito que o auctor das reflexões lhe deu, para ser trazido a elucidar a questão que se discute, e nem sei que tal trecho o elucide. Deixemo-lo repousando ao lado de Laet, de Faria, de Lafuente, de Santa Theresa, de Solorzano, de dom Antonio Caetano de Souza, de Rocha Pitta, de Vieira Ravasco, de Barbosa Machado, de Brito Freire, de Jaboatão, de Balthasar da Silva Lisboa, de Madre de Deus, de Pedro Taques, de Pizarro, de Milliet de Saint Adolphe e Caetano Lopes de Moura, e tantos outros illustres historiadores que não trataram da materia senão de passagem, deixando de estudarem-na nos documentos respectivos, ou porque ignoravam da sua existencia, ou porque não pensavam que com isso prestavam um serviço á historia do nosso paiz, e repetindo com Raynal que o descobrimento fôra obra do acaso, inventaram ou reproduziram um dos outros essas espantosas tormentas que fizeram a Cabral perder os rumos da navegação (101), e que lhe pôz a mão na vida (102), invertendo a ordem dos factos, pois a tormentas apenas precederam ou seguiram-se ao feliz descobrimento.

Após Pero de Mariz vem João de Barros, como si a sua reputação de grande historiador o livrasse de pagar o tributo da humana intelligencia, que teve o erro por partilha geral; assim ella não os isempta da pecha de menos exacto no relatar o descobrimento de Pedro Alvares Cabral, pois basta uma simples vista de olhos pelas

brilhantes paginas de suas *Decadas da Asia* para se conhecer que nem um conhecimento teve da carta de Caminha, e de outros documentos tão valiosos d'esse tempo, o que por certo é para se admirar, pois patentes deviam ser ao famoso historiador todos os papeis que se guardavam nos archivos reaes, si é que a politica de então não aconselhava a sua reserva vedando absolutamente o seu exame. Si Barros foi tão bem informado, si teve todos os documentos á sua disposição até para a factura de uma obra peculiar ao nosso continente, como não escreveu as suas *Decadas* á vista d'essas authenticidades? Porque ignorava elle todos os pormenores da viagem e do descobrimento de Cabral, a ponto de achar-se em manifesta contradicção com as testemunhas oculares? Veria elle os manuscriptos de Caminha, do piloto que escreveu a narração que Ramusio trasladou para a lingua de Tasso, e que a academia real das sciencias de Lisboa restituiu á lingua de Camões, a carta do physico mestre João e ainda outras que se escreveram, datadas de Vera Cruz, e que talvez repousam sob a poeira dos archivos de Portugal e de Hespanha?

Descoberto o Brazil, dizem as testemunhas oculares que Cabral correu para o norte; João de Barros, porém, sem que nos diga em que documentos se baseára, affirma que foi para o sul. Notavel contradicção! « Pedro Alvares, escreve elle, tendo determinado (ao outro dia) de mandar lançar mais bateis e gente fóra, saltou aquella noite tanto tempo com elles, que lhe conveio levar as ancoras a correr contra o sul, sempre ao longo da costa, por lhes ser per aquelle rumo o vento largo té que chegaram a um porto de mui bom surgidouro, ao qual por esta razão pôz o nome, que ora tem, que é porto Seguro. » (103)

As testemunhas oculares relatam differentemente, concordando entre si, o que é mui significativo para realçar o erro do auctor das *Decadas da Asia*.

« Si levo la detta armatta (diz o piloto de Cabral, segundo a traducção de Ramusio, unica que tenho ante os olhos n'este momento) con un gran temporal, scorrendo la costa per la tramontana; il vento era de siroco. » (104)

« A noite seguinte (diz Caminha) ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez casar as naus... Por conselho dos pilotos mandou o capitão levantar ancoras e fomos do largo da costa contra o norte. » (105)

Segunda contradicção. — Conforme Caminha, que historia a viagem chronologicamente, narrando dia por dia ainda os menos notaveis acontecimentos, a terra foi vista em 22 de abril de 1500; Barros data esse dia de 24 do mesmo mez, e tem a seu favor a relação da viagem de um dos pilotos da armada. Mas é para notar-se que a carta de Caminha foi redigida quatorze mezes antes da relação da viagem, em que a memoria não podia ser tão facilmente illudida, como depois de mais de anno.

Terceira contradicção. — Entre Barros e o physico da frota mestre João, existe ainda uma differença de 7° de latitude.

Barros escreve nas suas *Decadas:* « Pedro Alvares foi dar em outra costa, a qual, segundo a estimação dos pilotos, lhes pareceu que podia distar para aloeste da costa de Guiné 450 leguas e em altura do polo antartico, da parte do sul, 10 gráos. » (106)

O physico mestre João escreve differentemente na sua carta dirigida ao seu afortunado soberano: « Segunda feira, que foram 27 de abril, descemos em terra eu e o piloto do capitão-mór e o piloto de Santo de Tovar e tomamos a altura do sol ao meio dia e achamos 56 gráos, e a sombra era septentrional, pela qual, segundo as regras do astrolabio julgamos estar afastados do equinocial por 17 gráos, e por conseguinte ter a altura do polo antartico em 17 gráos, segundo o que é manifesto (107). A seguir-se a altura dada por J. de Barros a primeira terra do Brazil pisada pelo grande Cabral teria sido na provincia de Pernambuco, dez leguas ao norte do rio de S. Francisco, juncto á embocadura do rio Jiquiá, como nota o illustre sr. Alexandre de Humboldt: « D'esse ponto ás costas que tocaram Pinzon e Lepe, dous a trez mezes antes, diz elle, não ha mais do que trinta a quarenta leguas, pois o cabo de S. Agostinho é pelos 8.° 21' de latitude e Diogo de Lepe tinha costeado o Brazil além do parallelo em que a costa se dirige de N. E. ao S. O.

Como Barros raramente indica latitudes, e o piloto de Cabral.... se occupa tanto menos como Pero Vaz de Caminha, cujos manuscriptos poderia ter visto o historiador, póde-se ficar surpreso com esta designação de 10°. Deprehende-se claramente da asserção das duas testemunhas oculares que durante a tempestade a expedição de Cabral se dirigiu para o norte, e que, por consequencia, o lugar em que primeiro se tomou conhecimento da terra foi ao sul da actual cidade de porto Seguro, cuja latitude é de 16° e 27' sul. Segundo a carta de Caminha, viu-se primeiramente uma montanha de cume arredondado a que se deu o nome de monte Pascoal. E' um dos cabeças da serra dos Aymorés, que, sob a denominação de Itaráca ou Goytaracas começa na provincia da Bahia e se prolonga até a provincia de Porto Seguro (108). A 23 Cabral se dirigiu para a embocadura de um rio (segundo o padre Cazal, o rio do Frade) (109), que fez sondar pelo capitão Nicoláu Coelho, o companheiro de Gama, na sua grande expedição. Durante a noite de 23 para 24 de Abril ventou com força do sud-oeste; levaram as ancoras e fizeram-se de vela para o norte em busca de um abrigo, que acharam a dez leguas de distancia do rio do Frade, em uma bahia (110) que poderia conter mais de duzentos navios. Foi a esta bahia, que Cabral, como provam a assignatura e a data da carta de Caminha, chamou porto Seguro; e depois tomou o nome de bahia Cabralia. Eu tenho-a situado aos 16° e 16' de latitude. » (111)

Sem o testemunho da carta do physico mestre João, da qual o auctor do *Exame critico da historia da geographia do novo continente* não teve conhecimento ao tempo em que escreveu a sua tão importante obra, restabeleceu pelas asserções das testemunhas oculares a veracidade de um facto, que as palavras do grande historiador puzeram em duvida, como si fôra de pouca importancia a questão de saber-se qual fôra a parte do Brazil que vira primeiramente a expedição portugueza, e qual a distancia d'esse ponto da primeira ancoração (atterage) ao porto visitado anteriormente por Pinzon e Diego de Lepe. (112)

Seguem-se a Barros, Damião de Goes e Jeronymo Osorio, que

não escreveram senão de passagem sobre as cousas da nossa America, e os trechos que cita o auctor das *Reflexões*, extrahidos d'esses venerandos historiadores ou chronistas, apenas servem para confirmar a opinião seguida de que a terra que descobriram os Portuguezes não era pelo rumo em que jazia nem uma das que até então eram descobertas (113) ou pelo menos não tinham nem um delles suspeita de que lhe demorasse terra habitada de homens por similhantes paragens. Na minha memoria fiz ver que si concordavam entre si os dous historiadores do reinado de dom Manuel, Barros e Damião de Goes, sobre os quaes parece ter-se baseado Jeronymo Osorio, estavam todavia em manifesta contradicção com as palavras de Caminha e do piloto auctor da narração da viagem; o esclarecido auctor das *Reflexões* achou, porém, que devia dar preferencia a esses historiadores sobre as testemunhas oculares que escreveram largamente do assumpto, principal objecto de seus escriptos, afim de poder comprovar que a descoberta do Brazil não entrou nos planos de Cabral, e que os historiadores que abundam n'esse sentido se exprimem tão cathegorica e terminante que contrastam com as frases ambiguas de outros em que se procura base para opinião contraria. Não aceitando a confrontação que fiz d'onde resalta evidentemente a contradicção em que cahiram, seja-me permittido antepôr a sua auctoridade uma de não menor peso na materia, e será ella o mestre da geographia brazileira. Recorro ao juizo de Ayres do Casal acerca do merito dos historiadores que abundam no sentido da opinião do auctor das reflexões relativamente á narração do descobrimento do nosso paiz, e que pela sua propria confissão contrastam com as asserções d'esses que presenciaram o facto e que a historia chamou testemunhas occulares, porque o illustre auctor da *Corographia brasilica*, tendo antes se apoiado na opinião dos tres historiadores de que justamente nos occupamos e sobre o mesmo assumpto de nossos trabalhos, viu-se depois obrigado a abandona-los e confessar a contrariedade em que cahiam á vista das importantes e minuciosas communicações de Pero Vaz de Caminha. « Havendo relatado, diz elle, o descobrimento

do Brazil com Barros, Goes e Osorio á vista, communicando-se-me depois no archivo da real marinha do Rio de Janeiro a copia de uma carta escripta de porto Seguro, pelo mencionado Pero Vaz de Caminha, companheiro de Pedro Alvares Cabral, que refere o caso em contrario d'aquelles outros, não só com mindeza mas até com veracidade palpavel, me vi obrigado a dar-lhe preferencia. » Já vê o illustre auctor das *Reflexões* que a veracidade e não as phrases ambiguas me decidiram a aceitar antes, com Ayres do Casal, Humboldt, Ferdinand Denis e outros, as simples narrações dos companheiros de Cabral ás brilhantes e eloquentes paginas das *Decadas da Asia* de J. de Barros, da *Chronica do rei dom Manuel* de Damião de Goes e da sua *Vida e feitos* pelo bispo J. Osorio, que teve as honras de ser traduzido por Francisco Manuel, o restaurador da pureza da nossa lingua.

Para comprovar que no proprio Caminha havia materia a mostrar que o descobrimento fôra devido a um mero acaso, o auctor das *Reflexões* apenas encontrou uma frase, que interpreta a seu bom grado, sem as honras da invenção, porque essa compete por certo a Navarrete, como demonstrei na *Memoria* e que o nosso illustre consocio reproduziu ainda contra a minha opinião. O auctor das *Reflexões* nota que Caminha aconselhando a seu rei que mandasse cathechisar os indios, ajunctava: que Deus que aqui os trouxera não fôra sem causa. « Caminha, diz o illustrado consocio, não teria por certo escripto estas palavras, não teria por tal fórma appellado para a religião do rei, argumentando com os designios da prudencia si a descoberta do Brazil tivesse sido intencional. O rei mesmo, si tal descobrimento houvesse entrado em suas vistas, si nas instrucções que deu a Cabral alguma cousa houvesse que a isso se referisse, ter-lhe-hia podido responder: Enganai-vos, meu Caminha, não foi Deus quem nos levou, fui eu quem vos mandei lá. » Para corroborar a sua opinião cita o auctor o trecho da carta do rei dom Manoel aos reis catholicos dando-lhes parte da viagem de Cabral em que esse monarcha diz: « Parece que nosso senhor quiz que milagrosamente se achasse esta terra, porque é muito ne-

cessaria e conveniente á navegação da India. », Eu disse em uma das muitas notas de minha *Memoria* que a essa frase: — « La cual pareco que nuestro Señor milagrosamente quizo que se hallasse — » dera sem duvida o illustre Navarrete a interpretação de ser o descobrimento do Brazil casual quando escrevia: — « Tenemos a la vista una carta del rei don Manuel de Portogal a sus suegros los reis catholicos, fecha em Sanctarem, a 29 de Julio de 1501, dando-lhes cuenta de esta jornada e casual descobrimento » — (114). Assim é fóra de duvida para o auctor que reputando o proprio rei o descobrimento do Brazil cousa de milagre não era muito que Raynal o attribuisse ao acaso e que essa fosse a opinião de seus successores, e seja a sua, e conclue mesmo, que foi mais obra do acaso do que milagre. Acha o auctor que no acaso ou em todo o facto e acontecimento de alguma importancia que se dá contra a nossa previsão ou expectação, intervêm a Providencia, e Caminha não teria appellado para a religião do rei argumentando com o designio da Providencia, si a descoberta do Brazil fosse intencional; — de maneira, que quando o homem marcha ao acaso, é guiado pela providencia, e quando intencionalmente, esta longe de apoiar os seus esforços, o abandona! ...

N'esse seculo, tão transcendente pelos seus descobrimentos geographicos, a religião como que imprimia o seu caracter em todos acontecimentos extraordinarios, e de mais para o christão nada se faz sem o auxilio de Deus, e assim antes que as náus levassem ferro e deixassem as aguas auriferas do seu aprasivel Tejo, viu Lisboa em peso esses todos venerandos maritimos, esses todos intrepidos guerreiros que iam dictar a lei ao potente Samorim, curvados sob as abobadas do templo de Rastello, no começado mosteiro de Belem, implorando o auxilio do céo para a navegação que iam emprehender, e que, a terem por destino o Oriente, pouco tinham de ver de novo nas sangraduras impressas pelas náus de Vasco da Gama. Camões que cantou a gloria do protonauta do Oriente, já hesitava entre as inspirações do velho polytheismo dos gregos, e as crenças de mua religião, que a poesia dos modernos tempos ainda respeitava,

não tendo os labios purificados de Isaias para adornal-os de seus cantos; a lyra de Caldas, a harpa de S. Carlos, com a sua musa coroada de estrellas, deviam vibrar os seus sons harmoniosos e melancolicos, não nas ruinas da nova Babilonia, mas nas solidões da terra da Sancta Cruz.

A esquadra que o Tejo vira partir das suas aguas, para o descobrimento d'esses rios que um dia rivalisariam com elle em riqueza e gloria, não sahira de um porto pequeno e quasi desconhecido, entregue ao genio involto n'uma capa de mendigo, que de cidade em cidade mendigava um batel para ensaio de sua atrevida navegação, sem o arruido, mais do que o choro das mães e esposas que cuidavam apertar pela ultima vez em seus braços os seus caros filhos e maridos. Ufana de sua missão, tremulava na popa de uma de suas naus o real estandarte da ordem de Christo, e o seu capitão tinha por capacete o chapéo bento que o rei recebêra do papa e com as suas proprias mãos, lhe pozera na cabeça, sob as abobadas do mosteiro de Belem. A serra dos Aymorés se ergue com o seu cume além do gremio do trovão para receber esse nome de *Monte Pascoal* que em respeito ao oitavario lhe pôz o capitão-mór da famosa esquadra, e para toda essa terra, que tão bella e magestosa surgia como por encanto do sepulchro do sol, — não houve outro nome sinão o de *Vera Cruz*. Colombo ao descobrir a primeira ilha, lembrou-se de seus perigos e chamou-a de S. Salvador; Cabral só se lembrou da segurança do porto que lhe deu abrigo depois de ter dado ao payz o nome da terra da cruz.

A Hespanha menos tolerante que Portugal quanto a religião, não se mostrava tão religiosa nas suas emprezas. Balbôa conquistára o oceano Pacifico, que elle antes descobríra do cimo das montanhas, entrando com agua até os joelhos e de espada na mão. Colombo tomára posse da terra que vinha buscando de tão longe, com o apparato de um auto real. Cabral contentou-se com hastear uma cruz, apoiada no escudo das quinas, symbolisando nos seus braços abertos a conquista pacifica da terra que descobríra. O incruento sacrificio da missa sanctificou as praias manchadas com o sangue da

antropophagia, como outr'ora o sacrificio do homem Deus remíra a terra do velho mundo do peccado da desobediencia do primeiro ente, e a voz do Evangelho troou das praias de porto Seguro ás extremidades de um imperio que repousava nas entranhas fecundas de tres seculos. Respeitando a liberdade dos indios, não foi o illustre capitão quem permutou o captiveiro pela hospitalidade, foi Gaspar de Lemos, mas em contravenção ás suas terminantes ordens. Colombo mal tinha chegado á ilha de S. Salvador, e mal havia observado os costumes dos indios que promettia aos reis catholicos que — « placiendo a nuestre Señor levaré d'aqui al tiempo de mi partida seis a V. A. para que deprendan hablar. — » Ao menos a rainha portugueza não teve de implorar, como Izabel de Aragão a Juanoto Berardi, estabelecido em Sevilha, que os indios que Colombo enviava para aprender o castelhano não fossem vendidos como escravos (115).

Si como diz Robertson estava reservado no destino do genero humano que o novo continente seria descoberto no fim do XV seculo; si a empreza de Colombo não tivesse sido coroada de tão magnificos resultados; si quando elle, como nota Navarrette, em 19 a 22 de setembro encontrava os mais evidentes signaes de terra se approximasse das *Rompientes*, que os navegadores hespanhoes asseguram ter descoberto sobre o grande banco de *fucus* em 1802, e que como observa Humboldt poderia ter retardado o descobrimento do novo mundo até 22 de abril de 1500, dia em que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil, o que não seria então o illustre successor de Vasco da Gama (116)? Perderam-no, não a navegação atrevida do illustre genovez, — porque tambem o descobrimento do Brazil não podia caber sinão a quem ousado sulcasse o oceano em tão remotas paragens, mas o infortunio do grande homem! Faltaram a Cabral, além do esquecimento da patria, os ferros da ingratidão com que os reis catholicos premiaram os feitos do descobridor da America. Mas si Pedro Alvares Cabral comettesse um só dos erros de Colombo; si esse homem que sellou com os trofeos do Calvario a fundação de um novo imperio, e — que

como diz Barros, era apontado pelas qualidades de sua pessoa (117), que como nota Mariz era homem fidalgo e de muito esforço e mui experimentado em guerras maritimas (118), que como quer Rocha Pitta mereceu os cognomes de illustre e famoso capitão (119), e que como pinta S. Thereza, era dotado de vivissimo espirito e igual valor (120), si esse homem adestrasse os cães aos combates contra os indigenas acharia ainda na grande intelligencia de um Alexandre de Humboldt a desculpa que achou Christovão Colombo para si n'estas sublimes palavras em que a verdade brilha a par do sentimento em que prorompe o coração: « Não é desgraçadamente mais do que certo que foi Christovão Colombo quem introduziu o abominavel costume de fazer combater os cães contra os indigenas.» (121) A injustiça dos homens domina a propria historia; os odios nacionaes não desapparecem no crisol da critica: —nem se despedaçam na lage do sepulchro; — a fama,—a heroicidade,—a gloria,—tambem dependem da felicidade dos individuos como recompensa ou não de seus feitos, moeda arbitraria entregue ás oscillações do cambio dos tempos, dos payzes, dos povos e dos reis. O infortunio tambem é um prestigio; sem elle os louros do poeta (122) se teriam murchado deixando desconhecida para o mundo a belleza da immortal Mineira, pois o fumo da candêa da masmorra não teria-lhe ministrado tinta para novos cantos; nem o exilio de Napoleão apagaria a lembrança de suas tyrannias, realçando os raios de sua gloria. A historia ainda não pagou a Cabral a homenagem que lhe é devida, e nós a patria e a lingua, e a religião que nos coube por herança. Em paga chamam-no o heróe do acaso, como si aquelle que descobriu a America e que morrêra na convicção de ter tocado as costas da Asia não podesse pela mesma razão merecer o cognome de heroe do equivoco.

E esses homens que imprimiam o caracter da religião em todos os seus actos poderiam não ver no bom exito de uma tentativa um milagre de Deus? O proprio Colombo que ufano surcava um oceano desconhecido, o oceano Tenebroso dos geographos arabes, e que com a sua tenacidade superou tantos e tão grandes perigos, o proprio Colombo tambem attribue a sua chegada ás suppostas costas da Asia a

uma vontade divina e a certas miraculosas inspirações (123). A carta do rei dom Manuel dando conta do achamento da terra de Sancta Cruz, como então se dizia, prova o contentamento que elle teve por ver coroadas as tentativas que fazia por obter um porto intermediario para a sua navegação da India; e essa frase «—parece que nosso senhor milagrosamente quiz que se achasse essa terra—» seria quando muito para acobertar essas tendencias desmarcadas da nação portugueza nos descobrimentos maritimos, essa ambição insaciavel de possuir em todos os mares uma ilha em que hasteassem o pendão glorioso das quinas, como si o reino portuguez fosse pequeno para sua população, mas nunca para dizer que o descobrimento fôra devido a um mero acaso.

---

§ 4.°

Que o descobrimento do Brazil foi devido ás correntes do Atlantico e a um erro na derrota que sobreveio e continuou depois d'elle pela constancia e permanencia da causa que o produziram.

Antes de entrar na elucidação d'este ponto, o auctor pede permissão para demorar-se em desfazer alguns de meus argumentos, e força é segui-lo passo a passo na sua argumentação.

Tem o auctor para si que não foi inteiramente nova a direcção que trouxe Pedro Alvares Cabral da que levára Vasco da Gama, porquanto Jeronymo Ozorio diz que seguíra a mesma esteira de seu antecessor, quando lhe sobreveio o máu tempo em cabo Verde (124), mas, ajuncta o nosso illustrado consocio, quando mesmo tivesse tomado outro rumo, ainda assim não se poderia concluir d'este facto que houvesse da sua parte outro designio e proposito que não fosse o de facilitar a sua navegação. «Por isso escrevem outros (accrescenta o nosso consocio) que um dos capitulos do regimento que trazia o mandava afastar da costa d'Africa, e de facto os mares

e ventos reinantes em suas costas, que iam sendo melhor conhecidas, aconselhavam que se fizesse a viagem, como a fez Pedro Alvares, como se ficou fazendo depois d'elle, e como se continuaria a fazer ainda que não existisse Brazil. »

Sinto que o auctor cáia em tão manifesta contradicção. Deprehende de Jeronymo Ozorio que Pedro Alvares Cabral seguiu o esteiro das naus de seu antecessor, e crê, pelo artigo do regimento, que elle teve de afastar-se da costa de Africa por se acharem a esse tempo mais conhecidas, e aconselharem os mares e ventos reinantes que se fizesse a viagem como a fez Pedro Alvares, como se ficou fazendo depois d'elle, e não como a traçára Vasco da Gama.

Cumpre restabelecer a verdade dos factos; Cabral tinha que fazer aguada em cabo Verde (125), e é por isso que Jeronymo Ozorio diz que seguia o esteiro de seu antecessor quando lhe sobreveio esse máu tempo, de que não fallam nem Caminha, nem o piloto que escreveu a *Narração da viagem;* ao deixar, porém, as ilhas da costa africana começou a sua navegação empegando-se no oceano, ou como o auctor havia de ler no proprio Ozorio: « pôz a prôa no Occidente. » (126)

O auctor que concorda que o jesuita Lafitau, tendo tantos documentos á sua disposição para a feitura de sua *Historia das conquistas dos Portuguezes* no novo mundo não traçou as derrotas de Vasco da Gama e de Pedro Alvares Cabral, segundo as suas inspirações, encontrará no planisferio, collocado em frente de sua obra, o esteiro das náus do protonauta do Oriente, confundido com o esteiro das náus do descobridor da terra de Sancta Cruz, desde a foz do Tejo até as ilhas de cabo Verde e distinctamente se afastando um do outro até que na altura do equador o Gama corta a linha aos 351° e Cabral aos 346°, ficando de permeio 11°, e ao dobrar do cabo da Boa Esperança confundem-se de novo os esteiros das náus dos dous atrevidos navegadores. Vê-se pois que o traço das viagens marcadas no mappa que illustra a obra do sabio jesuita não está em contradicção com os historiadores.

Eu disse que era evidente, á vista de documentos irrecusaveis, coetanos e incontestaveis que os portuguezes suspeitassem da existencia das terras que Pedro Alvares Cabral descobriu demandando-as, quando deu á sua navegação essa direcção inteiramente nova, e não para fugir as calmarias da costa de Africa, porquanto esse fito tivera Vasco da Gama sem comtudo amarar-se tanto para oeste, nem ser arrebatado das correntes. O auctor para destruir essas razões pondera que Cabral fez-se ao largo alongando-se da costa de Africa para dar resguardo ao cabo e dobra-lo com mais facilidade, emquanto que Gama afastára-se alguma cousa, mas muito menos do que seria preciso para poder contar com uma viagem segura, e não se amarando tanto não corria o perigo de ser arrebatado pelas correntes. Aqui entra o illustre auctor na questão que o descobrimento foi devido ás correntes do Atlantico e a um erro na derrota que sobreveio e continuou depois pela constancia e permanencia da causa que o produziram.

A critica, com o seu minucioso exame, fez conhecer que não fôra Cabral impellido por essa horrorosa e longa tempestade que arrebata as suas náus ás ilhas de cabo Verde e vem de tão longe arremessa-las ás costas brazilicas, como improvisaram os historiadores que se não deram á confrontação dos documentos, que as pesquizas feitas em nossos dias patentearam á luz publica; d'ahi nasceu no espirito dos homens imminentemente pensadores do nosso seculo a idéa de que uma causa desconhecida aos proprios auctores do descobrimento tinha concorrido para elle, pois que para elles a suspeita da possibilidade da existencia do Brazil não podia entrar no calculo da intelligencia humana, embora o descobrimento das Antilhas, fizesse presumir aos Portuguezes a existencia de muitas ilhas que se augmentaram em numero á proporção que se prolongavam para o sul, e vissem mesmo no Brazil, a que deram o nome de — ilha de Vera Cruz, uma das que descobríra Colombo, como refere João de Barros, e como ficou demonstrado na primeira parte d'esta refutação, e pois essa causa desconhecida não podia ser outra cousa sinão as correntes, que sob varias denominações algum tanto

vagas correm entre as aguas tranquillas do mar e sem traslação propria, apenas obedecem á impulsão local dos ventos. Assim o sr. Alexandre de Humboldt dizia em Paris, em 1836, quando dava á luz a sua importantissima obra *Exame critico da historia da geographia do novo continente:* « O conhecimento intimo que temos hoje da multiplicidade d'essas correntes ou rios pelagicos, de differentes temperaturas, que atravessam o grande valle longitudinal do Atlantico, offerece uma explicação facil do descahimento extraordinario, para oeste, que experimentou a pequena esquadra de Cabral. Tiveram a imprudencia de cortar o equador em uma longitude assaz occidental e pelo effeito da corrente equinocial media (sirvo-me da nomenclatura do major Rennel) entrou-se na corrente do Brazil, que não é senão uma continuação da corrente equinocial, modificada pela configuração do continente americano. » (127)

Guiado pelo genio do sabio allemão, o auctor das reflexões, aproveitando-se tambem das correntes para entregar ao acaso o descobrimento de Pedro Alvares Cabral, procura provar, segundo suas supposições, como poderam influir na viagem de Cabral ao ponto que nenhuma influencia exerceram na de Vasco da Gama, que tambem afastára-se da costa africana evitando as suas calmarias. Assim Gama, no parecer do auctor das *Reflexões*, não póde experimentar a força da corrente que arrastou a Pedro Alvares por não ter carregado tanto para oeste.

« Si ponderarmos agora, accrescenta elle, que um d'estes se entrega á força d'ella emquanto o outro a cortava rectamente ou com pequena obliquidade, havemos de concluir que o descobrimento, que se tornaria insignificante para os navios de Gama, era incalculavel para os de Cabral, e mais ainda por se não contar com elle. »

Tudo isto porém não passa de uma supposição, que apenas entra na esphera das possibilidades, mas não na veracidade do facto que se deu, pois só quando com os roteiros na mão seguirmos os esteiros de Vasco da Gama e de Pedro Alvares Cabral sobre a carta geral que o major Rennel collocou á frente de sua obra (128), e a par

de recentes observações de novos hydrographos, poderemos averiguar o que suppozera o sr. A. de Humboldt, e presumo o nosso estudioso consocio; então veremos si com effeito entrou em calculo devassar os mares, onde dom João II cria poder existir muitas ilhas e ainda uma terra firme ou si as correntes trouxeram insensivelmente os Portuguezes ás praias dos hospitaleiros Tupininkins. Sinto que o planisferio collocado em frente da obra do incansavel jesuita seja de tão acanhadas dimensões, e até ás vezes imperfeita, que se não preste para mais aprofundada confrontação. Dado o caso porém de que com effeito Cabral fosse favorecido pelas correntes equatorial e da costa do Brazil, ainda assim se não poderá dar o facto por averiguado sem outros documentos que o comprovem, á vista d'aquelles que fazem suspeitar que houve o quer que fosse de ambição ou de gloria em partilhar dos descobrimentos que então se faziam nos mares de oeste em tão remotas paragens, porquanto Pedro Alvares Cabral tinha por fim principal da sua navegação o Oriente, e largando de porto Seguro foi ainda levado pela *southern connecting current*, que se dirige de E. S. E. ao banco Lagullas, quando proejava sobre o cabo da Boa Esperança, e nem por isso se diz que essa navegação fosse devida ao acaso.

Para mais se confirmar na sua opinião o auctor argumenta com o numero das naus de Pedro Alvares Cabral, e assombra-se que tão grande esquadra tivesse por fim uma viagem de explorações por jámais haverem a Hespanha e Portugal mandado esse numero de velas a fazer descobrimentos, e conclue que a esquadra tinha um fim todo commercial e que ia aporcebida em guerra, porque os Portuguezes suppunham que iam encontrar os reis do Oriente em armas e que arriscando-se vidas em numero sobejo não se exporiam riquezas a serem escusadamente tragadas pelas ondas em uma tentativa de descobertas; como si expondo tantas riquezas ás eventualidades da guerra não pudessem arrisca-las tambem nas tentativas das descobertas dando-se á esquadra uma dupla missão! Admira-se com o numero das náus pouco mais do duplo das que compozeram outras esquadras de meras explorações, quando o sr. Alexandre de

Humboldt, pelo contrario, a considera pequena pelos poucos navios que a formavam, mencionando-a por estas palavras: *la petite escadre de Cabral* (129), pois que n'esse tempo a marinha portugueza primava tanto pelo grande numero de seus vasos que só nos dezoito primeiros annos que se seguiram á circumnavegação do cabo da Boa Esperança calcula-se em 294 os navios enviados pelo rei dom Manoel á India e ao Brazil. Gama sahíra do Tejo com quatro navios, e esse pequeno numero de vasos e o não ter surcado como Cabral o oceano em tão longinquas paragens fez dizer a Americo Vespucci que a uma tal viagem não podia dar o nome de viagem de descobrimentos, pois era prolongar-se com as costas, que estavam já descobertas. « Estes navegadores, accrescenta elle, não perderam de vista a terra e fizeram a volta de Africa pelo sul, como todos os cosmographos o haviam indicado. » (130) Que muito pois que confiassem a Cabral doze, treze ou quatorze navios, que até n'isso divergem os historiadores, para sulcar o oceano em remotas paragens, dando á sua navegação mais amplas proporções, perdidos os receios dos mares tenebrosos, cujas barreiras de bronze, segundo a frase poetica de Colombo, haviam sido quebradas e para sempre pela quilha de seus bateis?

Crê o nosso consocio que a ter entrado nas instrucções de Cabral, ainda mesmo de passagem, a possibilidade do descobrimento, deveria o capitão-mór da esquadra, descoberto o Brazil, ser o portador e alviçareiro de uma noticia que em Portugal causou tanta admiração. Deixarei ao proprio auctor das *Reflexões* o responder á sua objecção, trasladando as suas palavras quando disse que Cabral continuára a sua derrota dando ao descobrimento a attenção que podia sem transtôrno do serviço.

Admittida a hypothese de ter entrado nas instrucções, como diz o auctor das *Reflexões*, a possibilidade do descobrimento, não podia o nosso consecio tirar outra conclusão, e nem Cabral deveria voltar á Europa só para communicar o achamento da terra, quando um de seus escrivães se encarregára de todas as noticias ainda as mais minuciosas relativas ao descobrimento, e Gaspar de

Lemos o fez tambem com uma náu como Cabral o faria com todos os seus navios, que na opinião do auctor eram em grande numero pára uma viagem de descobertas, e não o seria no entanto para uma viagem, tendo por fim uma mera noticia!

E' certo, como nota Brito Freire, que alguns companheiros insistiram com Cabral sobre a conveniencia de arribar ao reino (131) e que a sua recusa foi reputada pelo historiador fr. Gio Gioseppe de Sancta Theresa como uma acção generosa, por ter tido em maior conta o serviço que o premio, e assim proseguiu em sua viagem. (132)

Insiste ainda o auctor que o rei se não alegrára ao receber a nova do descobrimento do Brazil senão por saber da boa viagem das suas náus, que as mercadorias não tinham soffrido e que se tornava mais facil a navegação; eu, pelo contrario, disse que o descobrimento não so causára geral satisfação em todo o reino, dando logar ás mais extravagantes combinações astrologicas, como que enthusiasmára o rei; « assim, diz João de Barros, por saber da boa viagem que a frota levava, como pela terra que descobríra » (133); e o Sr. Alexandre de Humboldt nota, citando as palavras com que dom Manoel deu conta aos reis catholicos d'este acontecimento, que fosse notavel o ter-se para logo previsto a importancia que deveria merecer uma terra situada, por assim dizer, sobre a rota do cabo da Boa Esperança, e da navegação da India. (134)

Chega a vez do auctor appellar para o papel que representou nas armadas que vieram a explorações, reconhecimentos e conquista do Brazil, o rival da gloria de Colombo, a quem Hylacomylus eternisou dando o seu nome á immensa extensão do novo mundo patenteado aos olhos da Europa pelo intrepido genovez. O seu emprego n'estas explorações confirma, quanto ao auctor das *Reflexões*, a opinião de que não se podia antever a possibilidade de descobrimento nos mares sulcados pelos marujos da escola hespanhola, porquanto so depois do descobrimento de Cabral é que dom Manoel lembrou-se em attrahir Americo Vespucci a seu serviço mandando um mensa-

geiro, depois de regeitado o seu primeiro convite, com a recommendação de trazê-lo por todos os modos. Hoje é liquido que Americo Vespucci apenas tomou parte nas expedições portuguezas como cosmographo ou astronomo, e que o seu chamado a Portugal foi devido á recommendação que Caminha fez ao rei de que proseguisse no descobrimento mandando novos navios; e ainda mais, a alegria com que o rei recebeu a nova da descoberta, que por certo, a não lhe dar importancia alguma, como pareceu ao nosso consocio, não se apressaria tanto em expedir novas armadas para o seu reconhecimento nem em procurar homens abalisados em conhecimentos nauticos que viessem levantar a configuração de suas costas, tentar novos descobrimentos e procurar uma passagem pelo Oeste ás ilhas Molucas, como se deprehende das palavras de Gomara (135). Não me alongarei n'este ponto, de que tratarei quando pudér com mais alguma extensão na *Historia do descobrimento, exploração e conquista do Brazil*, que tenho entre mãos.

Não sei que argumento moral se possa deduzir a favor da opinião do auctor do facto de não transluzir dos escriptos de nem um dos companheiros de Cabral a satisfação intima de haverem conscienciosamente conseguido um resultado.

Diz o auctor das *Reflexões* que Cabral e sua gente alegram-se sem duvida pelo seu descobrimento, porém mais ainda porque essas terras não pertenciam aos dominios de Hespanha visitadas por Colombo. Não era por ventura isso mesmo o que se devia dar? Os intrepidos maritimos, abandonando o esteiro das náus de Vasco da Gama, se entregaram na vastidão do Atlantico á Providencia que os guiasse ás suspeitosas ilhas dos mares de oeste que, se prolongando para o sul, avultavam em numero, e ainda a terra firme, cuja existencia entrára nos calculos de dom João II, o que bem se deprehende da direcção de sudoeste que deram á sua navegação quando sahiram de cabo Verde: e pois não viram em seu encontro mais do que um favor de Deus. « E elle, dizia Caminha, dirigindo-se ao rei, a quem tanto a fortuna favorecêra, e elle que nos per aquy trouxe, creo que nom foy sem caussa, e per tanto

Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar na Santa Fé Catholica, deve entender em sua salvação, e prazerá a Deus que com pouco trabalho será assy. » Si os Portuguezes se alegraram com o encontro da terra, porque não redobrariam de alegria sabendo que a achavam para a corôa portugueza, e vendo estenderem-se os dominios da patria ás terras do novo mundo, comprehendidas na demarcação da bulla de Alexandre VI? Grande pezar seria si a tivessem descoberto para o dominio da Hespanha, e tal foi pelo menos o que aconteceu a Yanez Pinson e a Diego de Lepe, do que sem duvida se originou a pouca importancia que lhe deram, pois que, recolhidos á Europa, se limitaram a dizer que em toda a costa ao sul da linha, desde o cabo de Sancta Maria até o de Sancto Agostinho somente se encontrava muito brazil e nenhuma outra cousa que de proveito fosse. (136)

Combatidos todos esses argumentos resta mostrar que o auctor não é mais feliz quando trata do erro na derrota que sobreveio e continuou depois d'elle pela constancia e permanencia da causa que o produziram.

Diz o auctor que Cabral tendo de dobrar o cabo da Boa Esperança considerou que evitando as costas de Africa compensava a grande volta com o evitar as suas calmarias, e que d'este modo fica explicado o dizer de Galvão de que Cabral se afastava da costa de Africa para encurtar o caminho; o desditoso Galvão tornou-se tão resumido em seu *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos*, que, não obstante ser de todos os escriptores o que mais se approxima de Caminha, foi comtudo o que menos claro deixou a causa que deu lugar ao descobrimento do Brasil. A seguirmos as suas palavras com a mesma fé com que o auctor das *Reflexões* as acata, para fundamentar a sua idéa de que houve erro na derrota, e que continuou depois d'elle; o descobrimento do Brazil foi devido meramente á perda que experimentou Pedro Alvares Cabral em uma de suas náus, « o qual, diz elle no seu citado *Tratado dos descobrimentos*, tendo uma náu perdida, em sua busca perdeu a derrota, e indo fóra d'ella toparam signaes de terra por onde o capitão-mór foi em sua busca tantos dias que os da armada lhe requereram

deixasse aquella porfia; mas ao outro dia viram a costa do Brazil » (137). A' primeira vista parece que tudo é exacto n'essa tão concisa narração, porém da sua concisão nasceu a falta de algumas particularidades que modificam o facto como se pretende reproduzir. No dia 22 de março avistou a esquadra de Cabral as ilhas de cabo Verde passando pela ilha de S. Nicoláu, segundo assevera o piloto Pero Escobar, ou segundo Damião de Góes e outros auctores a ilha de San'Thiago, e no dia seguinte ao amanhecer deram por falta da náu, que, segundo Caminha, era a de Vasco de Atayde. Quanto a Barros, a Damião de Góes e a Ozorio, a causa d'essa perda foi uma tormenta, quando o piloto em sua narração nem uma menção faz de tempestade, e o proprio Caminha diz que não houve tempo forte nem contrario para poder ser. Segundo Osorio, esperou Cabral dous dias pela sua náu; segundo Caminha, fez elle suas diligencias para acha-la a umas e outras partes e não appareceu mais: « e assi, diz elle, seguimos nosso caminho per esse mar de longo. » Estou bem convencido que Cabral não andou buscando pelo oceano a náu que se lhe desgarrára; havia necessariamente busca-la nas ilhas, onde era crivel que se tivesse abrigado, que nem outra cousa se deprehende da frase de Caminha « a umas e outras partes » e desferindo as suas velas das ilhas de cabo Verde não era tão crivel trazer a derrota perdida.

Perdida a derrota, eis Cabral entregue ás correntes, sem o saber, com vento favoravel que o traz ao Brazil, e que o impede de conhecer a marcha de seus navios sem poder dizer a que distancia se achava de cabo Verde e em duvida sobre a altura que tinha.

Era n'esse tempo imperfeitissimo o methodo da navegação, em relação aos conhecimentos de hoje, como tão cheio de erudição demonstrou o auctor, mas apezar d'isso escaparia á penetração de abalisados maritimos, como Pedro Alvares Cabral, Bartholomeu Dias, e tantos outros que iam na frota, a força das correntes, não podendo conhecê-las pela marcha de seu navio, por isso que o vento era favoravel? Poder-se-ha affirmar que não sabiam a distancia em que se achavam de cabo Verde so porque Caminha

escrevia ao seu rei que estavam a 660 ou 670 legoas, e accrescentava em parenthesis que assim os pilotos diziam, para concluir-se que ou elle duvidava do que os pilotos diziam, ou os pilotos discordavam entre si? Não é o proprio Caminha quem diz ao rei que não daria conta da marinhagem e sangraduras do caminho porque o não saberia fazer, e os pilotos teriam esse cuidado? Duvidavam da altura que tinham, porque o mestre João, que ia na frota mais como physico do que como astronomo discordava em seus calculos dos calculos dos pilotos, quando em terra é o mesmo que nos diz que aos 27 de abril ao tomarem a altura do sol a sombra era septentrional?

Mas insiste-se que Cabral e os pilotos enganaram-se na sua navegação, e se suppunham mais proximos da costa africana do que por certo não estavam; e esse engano de longitude orçava em umas trezentas legoas no sentido de oeste, e no entanto os pilotos exigiam a mudança da prôa, e tê-lo-hiam feito antes, e nem uma razão havia para que Cabral não accedesse ás suas instancias por não haver encontrado ainda signaes de terra.

Que certeza haveria n'isso? E como se explica essa exigencia dos pilotos á vista dos signaes de terra?

E para lastimar que tantas e tão disformes contrariedades conspurquem a primeira pagina da historia da patria! Si o illustrado auctor das *Reflexões*, com aquelle zelo que todos nós lhe reconhecemos, procurasse antes cavar no abysmo do passado esses documentos, cuja falta lamentamos, e com os recursos do talento que o céu lhe deu em tão elevado gráu e superioridade de seus conhecimentos tivesse escripto nova memoria, teria a historia lucrado, deixaria para todo o sempre esquecido o meu trabalho, e não ficaria o descobrimento do Brazil entregue ás supposições de ter sido ou não devido a um mero acaso. Assim, o sr. Bivar pensa que Cabral não se entregou aos mares como fatalista; mas que traçou a sua derrota para a India por um trilho novo, e si n'esse trilho avistou e descobriu a terra de Santa Cruz, póde-se dizer que o fim foi casual, mas não os meios (138)! Assim, o distincto e benevolo sr. Machado de Oliveira não póde modificar as suas convicções ao theor

da minha opinião, porque, a haver erro da sua parte, somente outras razões que não as de meras probabilidades poderáõ dissipa-lo; e assim o illustrado sr. Gonçalves Dias acha que a verdade não está nas condições da verosimilhança que resalta no meu trabalho.

Refutando as *Reflexões* do erudito consocio, tão digno por tantos titulos da nossa estima e admiração, força foi cingir-me aos meus apontamentos, esgotada a fonte onde achei os documentos que revolvi na confecção da memoria feita em desenvolvimento do programma que Sua Magestade Imperial se dignou de dar-me, quando pela primeira vez presidiu as nossas sessões; agora que o sr. dr. Gonçalves Dias viaja pela Europa, tão dignamente commissionado pelo governo, poderá melhor do que eu colher documentos que lhe lucrem novos louros e que elucidem para todo o sempre a primeira pagina da historia da nossa patria.

Sala das sessões do Instituto historico e geographico brazileiro, 7 de Setembro de 1854.

J. Norberto de S. S.

NOTAS.

(1) *Examen critique de l'histoire de la géographie du nouveau continent et des progrès de l'astronomie nautique aux* 15.me *et* 16.me *siècles*. Paris, 5 vols., Tom. V, pag. 23, not.

(2) It. Tome I, pag. 285.

(3) Para Herrera e outros historiadores não existiu Toscanelli! V. A. DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tom. I, pag. 255.

(4) V. A. DE HUMBOLDT na obra, tomo e pagina citados na nota anterior.

(5) *Coleccion de los viages y descubrimientos qui hicieron por mar los españoles*, etc. Tomo I, pag. LXXIX.

(6) *Carta de Pablo Toscanelli*. V. NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descubrimientos*, Tomo I, pag. 1.

(7) *Examen critique*, tomo II, pag. 224.

(8) Idem.

(9) Idem.

(10) Idem, tomo II, pag. 226.

(11) V. a *Carta* citada na nota 6.

(12) *Examen critique*, tomo II, pag. 227.

(13) Idem.

(14) *Cartas* já citadas de TOSCANELLI e o *Examen critique* de A. DE HUMBOLDT, tomo 11, pag. 228.

(15) Cartas citadas. «Tambien le pintaba en dicha carta muchos lugares en las partes de las Indias donde se podrá ir, succediendo algun caso fortuito, como vientos contrarios ú otro qualquiero que no se esperasse.» V. NAVARRETE, *Col. de los viages y descubrimientos*, tomo 2, pag. 2.

(16) A. DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo IV, pag. 16.

(17) Idem, tomo I, pag. 231.

(18) SPRENGEL.

(19) BARTHOLOMEU DE LAS CASAS deixou entre os seus manuscriptos esse monumento a que elle chamava «la carta de marear que Toscanelli envió a Colom.» V. A. DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo I, pag. 248.

(20) A. DE HUMBOLDT, na obra citada, tomo I, pag. 233.

(21) A. DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo I, pag. 139.

(22) V. NAVARRETE, *Col. de los viages y discubrimientos*. Tomo I, *Relaciones, cartas e otros documentos concernentes a los cuatro viages que hizo el almirante don Christobal Colon para el descubrimiento de las Indias occidentales*. Pag. 16, *Miercoles*, 3 *de Octubre*.

(23) Idem. *Sabado*, 6 *de octubre*, pag. 17.

(24) « Maravillóse en gran manera ver tantas islas y tan altas, y certifica á los Reyes que las montañas que desde antier ha visto por estas costas y las islas, que le parece que no las hay mas altas en el mundo, ni tan hermosas y claras sin niebla, ni nieve, y al pie dellas grandissimo fondo; y dice que cree que estas islas son aquellas innumerables que en los mapamundos en fin de Oriente se ponen. » *Relaciones, cartas*, etc. V. NAVARRETE. *Col. de los Viages*, tomo I, pag. 57, *Miercoles*, 14 *de noveimbre*. A respeito d'esses mappa-mundi nota o illuste Navarrete que « Vea-se el mapamundi de Martin Behen construido em 1492 y publicado por Mur y por Cladera, e se advirtira la multitud de ischas que se colocaba al extremo oriental de la India. »

(25) DINIZ, na sua *Ode pindarica a dom Vasco da Gama*.

(26) Livro III, cap. 42.

(27) Livro III, cap. 38.

(28) Edição de Marsden, pag. 712.

(29) A. DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo I, pag. 26, not. 1.

(30) V. a nota 24.

(31) *Decadas da Asia*, tomo I, dec. V, cap. II, pag. 389.

(32) V. *Informacion y testimonio de como el almirante fue a reconocer la isla de Cuba quedando persuadido de que era tierra firme. Doc. num. LXXVI da Coleccion de los viages y descubrimientos* publicada por NAVARRETE, tomo II, pag. 143. V. tambem A. DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo III, pag. 9 e 10, not. I e pag. 246.

(33) V. *Relaciones, cartas y otros documentos, da Coleccion de los, viages y descubrimientos de* NAVARRETE, tomo I, Martes 15 de Enero, pag. 139. « Dice que halló mucha Yerba en aquella bahia de la que hallaban en el golfo cuando venia al descubrimiento, por lo qual creia que habia islas al Leste hasta en derecho de donde las comenzo á halar, porque tiene por cierto que aquella yerba nasce en poco fondo junto á tierra, y dice que si asi es, muy cerca estaban estas Indias de las Islas de Canaria, y por esta razon creía que distaban menos de cuatrocientas leguas. »

(34) « No quiso detener-se barloventeando el almirante para averiguar si habia tierra mas de que tuvo por cierto que a la banda del Norte e del Sur habia algunas islas, como en el verdad lo estaban y el ila por medio dellas; porque su volontad era de seguir adelante hasta las Indias, y el

tiempo es bueno, porque placiendo á Dios à la volta se veria todo.» V. *Relaciones, cartas y otros documentos na coleccion de los viages y descubrimientos de* NAVARRETE, tomo I, pag. 11; *Miercoles 19 de setiembre.*

(35) *Decada I*, lib. III, cap. 9.

(36) MUÑOZ, tomo VI, pag. 13.

(37) J. DE BARROS, *Decada I*, lib. III, cap. 11, pag. 252. V. A. DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo IV, pag. 259, nota.

(38) V. NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descubrimientos*, tomo II, num. LXXI, pag. 109.

(39) *Examen critique*, tomo IV, pag. 134.

(40) Idem, tomo IV, pag. 26 e 27.

(41) NAVARRETE, *Colleccion de los viages y descubrimientos*, tomo I, pag. CXXXXIII; tom. pag. 598; HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo I, pag. 104, nota.

(42) V. *Investigador portuguez em Inglaterra*, volume VIII, num. 30, pag. 199 a 212.

(43) *Da possibilidade e verosimilhança da demarcação do estreito de Magalhães no mappa do infante D. Pedro*, cap. IV. V. *Historia e memorias da Academia real das sciencias de Lisboa*, tomo V, parte I, pag. 134.

(44) « A quanto se fablo de mi empresa todos a una dijeron que era burla. »

(45) V. *nota* 141 *a pag.* 187 *da Memoria sobre o descobrimento do Brasil*, no tomo XV, num. 6, desta *Revista*.

(46) « Com effeito, as grandes despezas que era necessario fazer nas expedições maritimas e as declamações dos que muito reprovavam as suas tentativas como dispendiosas, inuteis e até fataes, tudo concorria para que elle se limitasse unicamente ao decobrimento das costas d'Africa, que eram mais proximas e conhecidas, e se não repartisse e dividisse para novos descobrimentos de outros rumos diversos e de terras não sabidas. » ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS, *Da possibilidade e verosimilhança da demarcação do estreito de Magalhães no mappa do infante D. Pedro*, cap. IV, pag. 133 do tomo V, parte I, *da Historia e memorias da Academia real das sciencias de Lisboa.*

(47) *Os Lusiadas*, canto IV, da est. XCIV a est. CIV.

(48) *Examen critique*, tomo III, pag. 52.

(49) V. a *Memoria* refutada, *Revista trimensal do Instituto historico*, tomo XV, pag. 187, nota 141.

(50) « Il est bien remarquable que les archives de Simancas renferment une *bulle de concession des Indes*, du 3 mai 1493 (*quinto nonas Maias*), trouvée par mon illustre ami Muñoz, et entièrement semblabe à celle du 4 mai (*quarto Nonas Maias*), conservée dans les archives de Séville. (Muñoz, *Hist. del Nuevo Mundo*, lib. IV, § 29; Nav. *Docum. diplom.*, t. II, pag. 23—35), aux différences près que je vais consigner ici. Dans la concession du 3 mai, il n'est aucunement question d'une *ligne de démarcation* désignée dans la bulle du jour suivant; il est simplement dit « qu'il est fait à perpétuité don des îles et terres fermes récemment découvertes *per dilectum filium Christophorum Colon* aux rois de Castille et de Léon, et que ces rois posséderont ces terres avec les mêmes privilèges et droits que les papes ont accordés (en 1438 et 1459, du cap Bojador jusqu'aux Indes orientales, d'après Barros, Dec. I, lib. I, cap. 8—15) au rois de Portugal. » Les deux bulles de 3 et 4 mai sont littéralement les mêmes dans la première moitié jusqu'aux mots « ac de Apostolicæ Potestatis plenitudine omnes et singulas terras et insulas prædictas et per Nuntios vestros repertas per mare ubi hactenus navigatum non fuerat, per partes occidentales, ut dicitur, *versus Indiam...* » Après ce passage, on a inséré dans la bulle du 4 mai la clause que l'Espagne possédera « omnes insulas et terras firmas inventas et inveniendas, detectas et detegendas versus occidentem *et meridiem*, fabricando et constituendo unam lineam a polo arctico ad polum antarcticum quæ linea distet *a qualibet* insularum quæ vulgariter nuncupantur de los Azores et cabo Verde centum leucis versus occidentem et meridiem. » Il faut convenir que cette détermination *a qualibet insularum* est bien vague lorsqu'il s'agit de deux groupes d'îles qui occupent une grande étendue en longitude. (*Rel. hist.*, t. III, pag. 183—186.) L'expression bizarre et plusieurs fois répétée; *versus occidentem et meridiem*, s'explique par la *Capitulacion de la particion del Mar Oceano* conclue, sous l'influence du Saint-Siège, le 7 juin 1494, pendant le cours du second voyage de Colomb, et qui fixe la ligne de démarcation « por terminos de vientos y grados de Norte y Sur. » Dans un autre endroit de ce document il est dit « que le roi de Portugal doit posséder tout ce qui est *à l'est, ou au nord, ou au sud* de la bande (*raya*). » C'est une circonlocution à laquelle il aurait fallu substituer la phrase « à l'est du méridien, sur un parallèle quelconque. » La *capitulacion*, aussi mal rédigée que la bulle, est restée pendant trois siècles une cause d'interminables hostilités entre le Portugal et l'Espagne. La bulle fixe de plus l'époque de la légitime possession des terres pour l'ouest des Açores, à Noël 1493, « comme l'époque à laquelle les découvertes furent faites par les capitaines castillans; » mais ce jour de Noël est celui du naufrage de Colomb sur les côtes d'Haïti, près de la baie d'Acul, appelée alors *Mar de Santo Thomas* (*Vida*, c. 32) et depuis deux mois et demi Colomb avait été dans cette île, à Cuba et à Guanabani. Ces inexactitudes sont moins frappantes que les changemens que la bulle du 3 mai a subis dans l'intervalle de vingt-quatre heures. (Herrera, Dec. I, lib. II, cap. 4.) C'est dans les archives romaines que la cause de ce changement pourrait être éclaircie. Aussi, dans la bulle du 25 septembre 1493, appelée *Bula de extension y donacion apostolica de las Indias* (Nav., t. II, p. 464), il n'est pas plus question d'une ligne de démarcation que dans la bulle du 3 mai. » A. de Humboldt, *Examen critique*, tomo III, pag. 52, nota.

(51) O Sr. F. A. de Varnhagen transcreven de novo em uma das notas da sua recente historia do Brasil a carta do mestre João, sem comtudo ligar grande importancia ás palavras do astronomo e medico da frota de Pedro Alvares Cabral; a transcripção da carta tem unicamente por fim provar que mestre João não se devia fiar no acceno dos selvagens sobre o numero de ilhas de que suppunha compôr-se a terra de Santa Cruz; a questão é importante!... Será bom que sempre aqui declare, não sem admiração, que o Sr. F. A. de Varnhagen, modificando as suas idéas, tem o descobrimento do Brazil por casual, sem que comtudo ousasse de tocar n'essa questão, que tão debatida ha sido, e na qual elle tomou previamente parte.

(52) *Examen critique*, tomo I, pag. 297.

(53) *Memorias de litteratura portugueza*, tomo VIII, pag. 275 a pag. 304. V. *a Memoria sobre o descobrimento do Brazil, Rivista trimensal do Instituto historico e geographico do Brazil*, tomo XV, num. 6, pag. 202, nota 225.

(54) *Discurso recitado na sessão publica de 24 de Junho de 1817*. V. *Historia e memorias da Academia real das sciencias de Lisboa*, tomo V, parte II, pag. XXIV.

(55) V. *Memorias de litteratura portugueza*, tomo VIII, pag. 275.

(56) *Historia e memorias da Academia real das sciencias de Lisboa*, tomo V, parte I, pag. 115.

(57) *Da possibilidade e verosimilhança da demarcação do Estreito de Magalhães*, Cap. I. V. *Historia e memorias da Academia real de sciencias de Lisboa*, tomo V, parte I, pag. 116.

(58) Idem, cap. III, pag. 128 da parte I do tomo V da citada *Historia e memorias da Academia real das sciencias de Lisboa*.

(59) Idem.

(60) « *Gesta Dei per Francos*, éd. 1611, t. II, p. 281, 296; Marino Sanuto, qu'il ne faut pas confondre avec Livio Sanuto, géographe du 16.me siècle et qui s'apelle lui meme, dans un manuscripte de la Bibliothèque Laurentinienne de 1321, « Marinus Sanuto dictus Torxellus de Veneciis », precha adroitement une croisade dans l'intérêt du commerce, voulant détruire la prospérité de l'Egypte et diriger toutes les marchandises de l'Inde par Bagdad, Bassora et Tauris (Tebriz), à Kaffa, Tana (Azow) et aux côtes aziatiques de la Méditerranée. Né en 1260, compatriote et contemporain de Marco-Polo, le voyageur de l'Orient, Sanuto, n'a pas connu le *Milione* mais probablement la *Géographie* d'Abu Richan (Albiruni) dans laquelle Abulfeda a puisé. Ardent de caractère, il s'élève à de grandes vues de politique commerciale (ANT. DE CAPMANY, *Mem. historicas sobre la marina de Barcel.* 1779, t. I, p. 40) C'est le Raynal du moyen-âge, moins l'incredulité d'un abbé philosophe du 18.me siècle.»

(61) « *Il Milione*, 1827, t. I, pag. CLV. »

(62) « *Dissert.*, tomo II, pag. 397. »

(63) « *Il Mappamondo di Fra Mauro Camaldolese*, descritto de Iacido Zurla, 1806, § 54. »

(64) « ZURLA, § 38, 39, 116—118. » V. *Examen critique*, tomo I, pag. 333.

(65) « BALDELLI, *Milione*, t. I, p. XXXIII. Le soupçon des additions se fonde sur des notions qui paraissent dues aux courses d'un moine, Talian, qui avait parcouru l'Ethiopie. La conjectura de Ramusio et de tant de géographes modernes, que fra Mauro aurait copié une carte rapportée par Marco-Paulo du Catay, me paraît avoir été victorieusement réfutée par le cardinal Zurla (§ 136—143). L'orientation de la mappemonde de Mauro, dans laquelle le midi, comme dans le planisphère de Veletri (du 15e siècle), publié par le neveu du cardinal Borgia, est placé dans le haut de la carte (l'orient étant par conséquent à gauche), frappe sans doute lorsqu'on se rappelle qu'en Chine, où d'après de nouvelles et ingénieuses recherches de M. Klaproth, les marins se dirigeaient par la boussole dès le troisième siècle de notre ère, l'aiguille éimantée porte le nom d'*aiguille qui montre le sud*, Tchinantchin. La direction du commerce du nord au sud et au sud-ouest donnait une importance particulière à la région méridionale, mais les orientations des cartes paraissent avoir été long-temps assez arbitraires. Dans la mappemonde circulaire d'Andrea Bianco, beaucoup plus ancienne que son Portulan de 1436, et peut-être même copiée d'une carte du 13e siècle, le sud est à droite, ainsi que dans la mappemonde de la bibliothèque de Turin, annexée à un commentaire de l'Apocalipse composé en 787 et transcrit au 12e siècle (*Cod. manuscripti. Bibl. Taurin.* 1749, t. II, p. 29, Cod. XCIII). La carte fragmentaire du moine Cosmas Indicopleustes, de même que la carte générale d'Edrisi, de la bibliothèque Bodleyenne, que j'ai souvent citée, est orientée comme nous avons coutume d'orienter nos cartes, l'orient à droite. L'antiquité a généralement suivi l'exemple d'Homère (Il. XII, 239; STRAB. lib. I, p. 34, Cas.), qui fait voler l'aigle à droite, vers l'aurore; à gauche, vers le séjour de la nuit (le coucher). Il n'y a qu'Empedocle qui renversait, pour ainsi dire, les points cardinaux dans un sens diamétralement opposé à la méthode de Bianco, en nommant « la droite du monde le nord, et la gauche le sud (PLUT *Plac. phil. II*, 10; STOB. *Ecl. phys.* XVI, p. 358). C'est, comme M. Lommatzsch l'observe, un reflet de la doctrine égyptienne (PLUT. *de Isid.* c. 32), qui regardait l'orient « comme la face du monde, » ce qui, non pour celui qui regarde l'orient, mais pour une face tournée vers l'occident, place (comme dit Empedocle) le tropique de l'hiver, ou le sud, à gauche (LOMM. *Weish. des Emp.* 1830, p. 200). » A DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo I, pag. 340 a 342, nota.

(66) *Examen critique*, tomo I, pag. 340.

(67) *Examen critique*, tomo I, pag. 354.

(68) Idem, pag. 355.

(69) NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descubrimientos*, tomo II, pag. 257.

(70) *Examen critique*, tomo I, pag. 359.

(71) Idem, tomo V, pag. 48.

(72) Idem, tomo II. pag. 8.

(73) « Le moine célestin de Bénévent, sans nommer Vespucci, semble attribuer la découverte de l'Amérique méridionale plus encore aux portugais qu'aux Espagnols. Il inscrit le chapitre 4 que j'ai cité plus haut: « De tellure quam tum Lusitani, tum Columbus observare, et Mundum appellant Novum vel terram Sanctæ Crucis. »

(74) *Examen critique*, tomo II, pag. 8.

(75) Fol. XLIX a.

(76) NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descubrimientos*, tomo I, pag. 299. A. DE HUMBOLDT, *Examen critique*, tomo V, pag. 153.

(77) NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descubrimientos*, tomo I, pag. 285.

(78) HERRERA, *Decada I*, lib. VI, cap. 16, lib. VII, cap. I, tomo I, pag. 142 e 143. NAVARRETE, *Col. de los viag. y desc.*, tomo III, pag. 47, 294, 302 e 321, A. DE HUMBOLDT, *Ex. crit.*, tomo I, pag. 318.

(79) A. DE HUMBOLDT, *Ex. crit.*, tomo I, pag. 318.

(80) PET. MART, *Ep.* 540, pag. 293.

(81) *Decada II*, lib. I, cap. 7.

(82) *Ex crit.*, tomo I, pag. 353.

(83) Idem, tomo I, pag. 354.

(84) PIGAFELTA, *Primo Viaggio*, pag. 46.

(85) *Exam. crit.*, tomo II, pag. 22.

(86) « Martin de Bohemia, portuguès natural de la ysla de Fayal, gran cosmografo. » HER., *Decada I*, lib. I, cap. 2.

(87) *Ex. crit.*, tomo V, pag. 239.

(88) Idem, pag. 245.

(89) *Decada I*, cap. VII.

(90) *Historia Insular*, Liv. IX, cap. 9, § 41.

(91) *Da possibilidade e verosimilhança da demarcação do estreito de Magalhães*, V. *Historia e mem. da Acad. real de sciencias de Lisboa*, tomo V, pag. 122.

(92) *Memoria sobre o descobrimento do Brazil. Revista trim. do Inst. hist.*, tomo XV, n.° 6, pag. 158.

(93) V. A. DE HUMBOLDT, *Exam. crit.*, tomo V, pag. 159.

(94) Idem, tomo IV, pag. 68.

(95) V. as *cartas de Angelo Trivigiano de* 1503, RAMUSIO, tomo I, pag. 287 b, etc.

(96) A. DE HUMBOLDT, *Exam. crit.*, tomo I, pag. 30.

(97) Idem, pag. 59.

(98) Idem.

(99) Idem, tomo I, pag. 7.

(100) *Le Brésil*, pag. 2, col. I.

(101) ROCHAPITTA, *Hist. da Am. port.*, liv. I, pag. 6, § 5.

(102) PERO DE MARIZ, *Dialogo de varia historia*, dial. IV, cap. VIII, fol. 186 v.

(103) *Decada I*, lib. 5, cap. 2.

(104) *Relação do Piloto de Cabral*, traduc. de Ramusio.

(105) *Carta*. V. AYRES DO CASAL, *Corographia brasilica*, tomo I, pag. 15.

(106) *Decada I*, liv. 5, cap. 2.

(107) *Revista trimensal do Inst. hist.*, tomo V, pag. 342.

(108) «*Corog. brasil.*, tomo II, pag. 74 e 98.»

(109) « Les temoins oculaires ne laissent aucun doute sur la direction du vent. ».

(110) « Les traductions conservées dans le pays et les sinuorités, etc.»

(111) *Ex. crit.*, tomo V, pag. 56 e seguintes.

(112) Tomo V, pag. 54.

(113) DAMIÃO DE GOES, *Chronica do felicissimo rei D. Manoel*, Part. I, cap. LV, fol. 51.

(114) Nota 218 pag. 202 do n.° 6 do tomo XV da *Revista trimensal do Inst. hist.*

(115) *Cartas de 2 de Junho de 1495.* V. NAVARRETE, *Col. de los viag. y desc.*, tomo II, pag. 177 e 178.

(116) A. DE HUMBOLDT, *Exam. crit.*, tomo I, pag. 241, nota.

(117) *Decada I*, liv. 5, cap. I, fol. 86.

(118) *Dialogo IV*, cap. VIII, fol. 186 v.

(119) Liv. I, § 5, pag. 5.

(120) Part. I, lib. I, pag. 5.

(121) *Exam. crit.*, tomo III, pag. 374.

(122) GONZAGA, o autor da *Marilia de Dirceu.*

(123) *Carta del Almirante Colon á Su Santidad.* V. NAVARRETE, *Col. de documentos diplomaticos.* Num. CXLV, tomo II, pag. 280.

(124) Tomo I, pag. 143.

(125) JOÃO DE BARROS, *Asia*, *Decada I*, liv. V, cap. II, fol. 87 v.

(126) *Da vida e feitos d'el-Rei D. Manoel*, tomo I, liv. II, pag. 143.

(127) Tomo I, pag. 317.

(128) *Investigation of the currents of the Atlantic. Ocean.*

(129) *Exam. crit.*, tomo I, pag. 317.

(130) *Carta a Medicis de 18 de Julho de 1500.*

(131) *Nov. Lusit.*, liv. I, num. 24, pag. 15.

(132) *Hist. del guer. del reg. del Brasile*, tomo I, part. I, Lib. I, pag. 6.

(133) *Decada* já citada.

(134) *Examen critique*, *tom I*, *pag.* 316.

(135) *Historia de las Indias*, *fol. XLIX.*

(136) *Mem. sobre o desc. do Braz. Revist. trim. do Inst. hist.* tomo XV, n, 6, pag. 138, e nota 63, pag. 179.

(137) Pag. 35.

(138) *Revist. trim. do Inst. hist, brasil*, tomo XV, pag. 78.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

3.ª SERIE. — N.º 20. — 4.º TRIMESTRE DE 1855.

OFFICIO

DO

GOVERNADOR DE CABO FRIO

CONSTANTINO DE MENELAU

DATADO DO RIO DE JANEIRO A 1 DE OUTUBRO DE 1625.

(Offerecido ao Instituto Historico por S. M. I.)

Tenho avisado a Vossa Magestade do sucesso, que com as naaos olandezas tive, e assy em como os que ficarão vivos emviey ao governador gueral com os autos de preguntas que aqui lhe fiz, de que ya tive aviso avião cheguado a salvamento: as ditas naos não forão vistas mais nesta costa e devião seguir a viagem, que confessarão hião fazer se o guasalhado que lhe fiz o comsentio, e mal de loanda de que vinhão iscados = ha hum mez que apparagem de cabo frio vierão sinco naos de Umgleses, a gente das quoais desembarcarão em terra, e fizerão huã fortaleza de faguina, e plantarão nela artilharia e comessarão a fazer e carreguar paao com grande goarda e viguia, de que vindo-me aviso, com a brevidade que o ccaso requeria, fui por terra a dita paragem na quoal me ouvera de suceder hum bem asombrado caso, se os Umglezes não tiverão aviso de minha hida por espias, que não foi possivel desmentir, e assy se embarcarão com bem depresa, E lhe não fiz mór damno, que queimar lhe o forte e alguãs casas de madeira que ya tinhão feito, e dous homens canarios (por nação) aqui moradores, que com elles

estavão premdi, e lhe fiz preguntas da gente e cantidade que hera, e autos que com elles emviey ao governador gueral, avisando-o do que no caso fiz, na ditta viagem guastei mais de vinte dias com asaz trabalho por fazer o caminho tão appresado como comvinha. Corri as matas do paao brasil e achey muitto derrubado que não puderão levar, e sinal de terem embarcado cantidade da cargua de hum navio, e foi bom sucesso estrovar-lhe a cargua dos outros, em vindo da ditta viagem achey n'esta sidade carta do governador geral, e nela imserta o aviso de Vossa Magestade, per que me manda va ao ditto cabo frio fazer duas fortalezas, e huã povoação para estrovo destes imiguos carreguarem alí, e supposto que a fazenda de Vossa Magestade está oje impossibilitada para se fazerem guastos, pois aynda não está acabado de paguar despezas do tempo de dom francisco de sousa, e novamente creserem outras, assy com a vimda de Salvador Correa de Saa, como com yornada do maranhão para omde se embarcão farinhas da fazenda de Vossa Magestade que emvia pedir o governador gueral, me porey em caminho dentro de quinze dias, com officiais para fazer as fortalezas, e povoação, na melhor trasa e ordem que me pareser comvem a defemção do imiguo, e estrovo de carreguar paao, tomando-lhe a paragem de que elles se queirão valer, e com a brevidade que me emcomenda o governador gueral, aynda que por ser cheguado o tempo das aguoas fiqua o negocio (para mim) trabalhoso, e tenho ja avisado ao cappitão da cappitania do espirito Santo, me mande imdios (que la ha bastantes) para por no ditto cabo frio, e do que fizer e me suceder avisarey a Vossa Magestade, e para se comseguir milhor este effeito deve Vossa Magestade mandar a salvador correa abrevie a averiguoação das minas (que esta facil saber-se a verdade) o que será menos guasto da fazenda de Vossa Magestade, e ficará a gente desoccupada para poder acudir ao cabo frio, homde tenho por asertado fazer-se imstancia, ou que o ditto Salvador correa suspemda os guastos das minas, por que paguamdo se lhe seis centos mil reis de ordenado (fora outros gastos) fiquo eu desemparado de Remedio. Sem embarguo do que seguirey o

intento que diguo, lhe acabar de guastar o que possuo, pezarozo de não ser muyto, para no cabo frio deixar ffeito huã grande povoação, para o que será de grande effeito dar a guerra ao gentio aitacas por não vir a ffavoreser ao imigo. Vossa Magestade mande com brevidade me venhão as caravelas de munisões porque com ysso ficarey animado a fazer huã grande preza, porque sem falta pretemdem carreguar ali todos os anos paao, por ser bom e aver cantidade, e do que suceder hirey sempre avisando A Vossa magestade cuya Catholica pessoa nosso senhor guarde como pode. — Rio de yaneiro primeiro de Outubro mil seis centos vinte cinco annos. = *Constantino de meneldo.*

APONTAMENTOS

SOBRE

A VIDA DO INDIO GUIDO POKRANE

E SOBRE

O FRANCEZ GUIDO MARLIÈRE.

(Offerecido pelo socio o Ex.mo Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.)

E' sabido que com o progresso da população d'esta provincia e da do Espirito Santo, os indigenas d'este lado do Brazil refluiram para as margens superiores do rio Doce e outros seus affluentes, para o S. Matheus, Mucury e Gequitinhonha ao norte e a oéste d'esta provincia. E' natural que os primeiros colonos que se estabeleceram n'esta parte do Brazil encontrassem resistencia da parte d'aquelles que se achavam de posse do territorio: as aggressões do lado dos indios é natural que fossem consideradas pelos mesmos como justas represalias exercidas contra os invasores das terras que os alimentavam. As tribus indianas que se acham estabelecidas em um valle, por exemplo, repellem a todo transe as outras que ahi penetram em procura de fructos naturaes, de caça e peixe. Entretanto, aquelles que se consideravam simples mantenedores de seus direitos, foram julgados os aggressores dos colonos, e como taes tratados com inconcebivel barbaridade. A caça de indios era equiparada á das féras. Pela sua parte os indios punham em pratica tudo quanto de mais horroroso possa ser suggerido pela colera estimulada d'um selvagem e de um bruto, que se julga privado de seus unicos recursos contra a fome e a morte; elles matavam familias inteiras, os respectivos gados e escravos, e a todos os edificios e paióes de milho e outros

mantimentos lançavam fogo devastador. Havia n'estas horriveis matanças um luxo de barbaridade: as crianças eram arrancadas dos peitos maternos para serem abertas pelas pernas!!! Durante o systema da guerra offensiva os indigenas não se submettiam senão ao temor, e só pareciam domesticados emquanto durava sobre elles a pressão d'aquelle sentimento, que só póde fazer escravos, nunca fará cidadãos, ou homens civilisados. Eis que porém em 1824, é feito director geral dos indios d'esta provincia o tenente-coronel de linha Guido Thomaz Marlière, francez naturalisado, já conhecido por seus serviços prestados á cathechese dos indios, e idéas a similhante respeito expressadas em officios dirigidos ao governo, na qualidade de major encarregado da inspecção das diversas divisões militares; eis que esta nomeação teve lugar, diziamos, e a cathechese e civilisação dos indigenas apresenta uma phase assaz distincta das anteriores, uma época bem marcada nos seus annaes. Tendo entrado havia pouco no exercicio de suas funcções, Guido declara ao governo que elle tem emprehendido domar os indios preferindo para este fim balas de milho ás de chumbo até então empregadas. Até então era indomavel o odio que dividia os indios do norte e do sul d'esta provincia: a continua guerra que se faziam inquietava os colonos, quando contra estes não eram dirigidos os seus ataques. A navegação do rio Doce era então e sempre perigosa em consequencia das hostilidades dos botocudos antropophagos, e tal era o horror que incutiam por toda a parte que as sesmarias concedidas aos colonos não eram demarcadas pelos respectivos juizes, que não se animavam a penetrar em mattas em que, não sem razão, julgavam terem de encontrar morte certa e horrorosa. N'estas circumstancias Guido dá começo a seu novo systema de cathechese; faz construir uma canôa, enche-a de viveres e ferramentas de toda a especie, dá-lhe uma pequena guarnição de soldados divisionarios, commandados por um sargento de nome Antonio Pereira do Nascimento (por alcunha Virassaia), e pôz á disposição d'este um interprete. Parte a expedição do quartel geral das divisões, e tendo já navegado uma parte do rio Doce, avista á margem esquerda do mesmo rio grande numero de botocudos armados de suas terriveis

flechas. Batem-se palmas da parte da expedição, e pelo respectivo interprete se diz aos indios que se vem a elles com intenções amigaveis, e para os prover do sustento que lhes é necessario.

Os indios exigem que se deponham as armas, em que os expedicionarios seguravam para que elles possam deixar suas flechas: a exigencia é satisfeita, e cumprida a promessa dos indigenas. Entretanto sendo assaz conhecida a indole traiçoeira dos botocudos, por um momento pareceu haver da parte da expedição receio de fazer approximar a canôa da margem que os indios occupam: mas o intrepido sargento para ali faz resolutamente embicar a canôa. O resultado d'esta tentativa foi o mais satisfactorio possivel: os indios entram na canôa, recebem mantimentos e ferramentas, e voltam a suas mattas, pelo que diziam, convencidos de que não se lhes queria mal fazer, ou que os *carantonhas*, como chamavam aos colonos, já se achavam mansos. D'estes indios ficaram alguns na canôa a convite do sargento, para serem apresentados ao director geral dos indios; entre estes o indio Pokrane, então na idade de 24 ou 25 annos, e seu pai que capitaneava a sobredita partida de indigenas. Depois de terem estado alguns dias no quartel geral, onde foram recebidos por Guido com muitas demonstrações de amizade e benevolencia, voltaram ás mattas, ficando porém o joven Pokrane, que desde logo foi tomado debaixo de especial protecção do mesmo director. Guido fê-lo baptisar, e pôz-lhe o seu nome em signal da sympathia que concebêra pelo indio que lhe parecia leal e intelligente. E não se enganou n'este juizo, porquanto, como depois se exprimia o mesmo Guido, foi Pokrane o seu braço direito na gerencia de tudo quanto respeitava á alliciação dos indigenas. Pokrane comprehendeu logo as vantagens da civilisação, e tanto pareceu bem firmada esta sua convicção que elle deixou o botoque, ou a insignia de sua antiga barbaria. — *Botocudos* vem de botoque ou bodoque, termo portuguez; e allusivo a uma taboa que estes indios adaptam ás orelhas e ao beiço inferior, e que lhes serve de ornato, e (a do beiço) para ahi picarem miudamente a carne quando a estão comendo. Estes pretendidos ornatos ou bisarros utensis os tornam hediondos. O joven Pokrane, logo que os

depôz, persuadia aos seus que deixassem um costume tão feio (assim se exprimia), e quando isto tinha conseguido, vinha dizê-lo mui alegremente a Guido. Para logo foi Pokrane o interprete fiel e predilecto de Guido, que o despachava continuadamente para as mattas afim de persuadir a diversas tribus ou aos de sua nação, a que deixando a vida errante e miseravel, viessem compartir os gozos da civilisação. Tão perfeitamente comprehendeu elle estas verdades, ou tão persuasivas eram as suas allocuções aos demais indigenas, que estes affluiam a convite seu para o quartel geral da directoria, de continuo e em grande numero. Com este poderoso auxilio pôde Guido conseguir o arrefecimento das odiosidades que até então existiam entre os indios do norte e do sul d'esta provincia. A conciliação dos coroados e Puris, e a dos Naknenuks, e Krakmuns (*) foram os fundamentos principaes de uma petição, em que se diz que Guido requerêra um titulo de nobresa. Ao contrario dos outros Pokrane não commettia actos de deslealdade e traição, nem se dava á embriaguez. Elle era todo devotado á pessoa de seu padrinho de baptismo, o tenente-coronel Guido, a cujas ordens estava sempre prompto a obedecer, e das quaes era intelligente executor: era tão amigo de seu bemfeitor, que, ainda ao contrario dos seus, mostrou sentir profundamente a retirada de Guido em 1830 da directoria geral dos indios, facto este que declarava ser a causa de não ter elle de ser mais feliz. Este excellente cathechista declarava que se occupava com a cathechese de indios havia 13 annos, e em seus officios sempre reconheceu dever em grande parte a Pokrane o feliz successo de suas emprezas. O respeitavel Guido Pokrane, eis como o tratava muitas vezes. Pokrane, como todos os de sua nação, foi sempre polygamo: amava suas mulheres e filhos, a quem alimentava, vestia e alojava a nosso modo, e quanto lh'o permittiam sua condição e escassos recursos.

Era soldado da 2.ª companhia de montanhas do rio Doce: pouco

(*) Pejaurum ou Krakmuns são os botocudos que habitam a margem meridional do rio Doce. Os da septentrional chamam-se Naknenuks.

antes de morrer, o que teve lugar em 1843 na idade provavel de 44 annos em consequencia de um pleuriz, como dizem uns, ou de envenenamento como pretendem outros, no arraial de Antonio Dias abaixo, veio a esta cidade queixar-se ao tenente general Andréa de que não recebia seus soldos havia mais de 3 annos. Então declarou elle ter vindo da côrte do Rio, onde se tinha apresentado a S. M. o Imperador, parecendo a alguem, com quem a tal respeito conversára, ter elle accrescentado que tomára a S. M. por padrinho de um seu filho, e que por elle fôra brindado com uma boa espingarda fulminante.

Pokrane fazia baptisar seus filhos, e ouvia missa com attenção propria de quem mais ou menos comprehendia a significação das ceremonias que presenciava. Fazia-se entender bem na lingua portugueza, mas não consta que tivesse recebido a instrucção primaria. Seu trato era agradavel, bem que algum tanto grave: desdenhava a intimidade com pessoas da classe infima, procurando com marcada preferencia o trato das pessoas gradas de qualquer parte em que se achasse. Era fiel á sua palavra e leal em seus contractos. Seu andar era rapido e animado, o que condizia com sua conhecida intrepidez. Pokrane era alto, peitos largos, bem configurado; cabello negro, corrido e luzidio; corado e menos trigueiro do que os botocudos da margem meridional do rio Doce, era visto calçado muitas vezes, o que igualmente se observava em alguma de suas mulheres. Pokrane dirigia uma aldêa de indios, a do Manhu-assú no Cuiethé; ahi tinha elle casa, criava porcos e gallinhas, e plantava milho, mandioca e outros artigos alimenticios. Pretende-se que além d'uma engenhoca de ralar mandioca, tratava de estabelecer, ou já tinha estabelecido uma outra para moagem da canna e fabrico de rapaduras. O que é mais, e o que mostra ter este indio nascido para mandar e dirigir, é que elle exercia toda a influencia possivel sobre os indios de sua aldêa; compellia-os com castigos efficazes e opportunos a darem-se ao trabalho, e era obedecido: quando assim procedia dizia aos Brazileiros que os indios são mui preguiçosos. Não obstante alguns habitos religiosos contrahidos por Pokrane, a incoherencia que por

este lado se observava em sua conductamostrava que não fôra a religião o primeiro sentimento n'elle inoculado, pelo menos de preferencia a qualquer outro. Nenhuma de suas mulheres elle tinha recebido á face da igreja, e no tempo de Guido elle dirigia uma expedição contra os Puris, na supposição de que *estes feiticeiros*, como eram considerados pelos botocudos, tinham-lhe occasionado a morte de parentes seus. É isto tanto mais provavel quanto é certo que o cathechista de que temos fallado tão vantajosamente reprovava nos jesuitas o começarem a cathechese pelo periodo religioso (aliás agora preferido por muitos ao civil). Quem quizesse escrever a biographia do indio Pokrane deveria talvez ter não só toda a correspondencia da directoria geral dos indios no tempo do tenente coronel Guido, como os seus apontamentos ou diario sobre a cathechese que consta ter elle deixado, e acharem-se na fazenda de Guido Wal do termo do Presidio em poder da sua viuva. De todos os indigenas domesticados n'esta provincia, é certamente Pokrane o que mais perseverante mostrou-se nos habitos do homem civilisado. Falla-se de um indio de nome Paulo Carahyba, que, depois de ter recebido a instrucção primaria, vivido não pouco tempo em companhia de um vigario seu bemfeitor, em lugares civilisados, e até feito com solemnidade uma allocução de cathechista aos seus, consta que fôra director de partidas de indios com o fim de matar e roubar. Até ha quem affirme ter existido um outro que despio as vestes sacerdotaes e tendo cingido o seu cocar, empunhado seu arco, e flechas, se retrahira ás suas florestas nataes. Bem perto d'esta cidade, em casa de Mr. A. Buselin, existe um exemplo vivo da inconstancia de que acabamos de fallar. E' um indio que não mostra hoje a delicada educação que lhe foi dada. Além de ter recebido a instrucção primaria, foi instruido na lingua franceza, que fallava soffrivelmente. Esteve em Paris, e pelo que n'elle se observava, parecia ter-se firmado no gosto pela vida civilisada: nada o fazia suspeito de saudades da vida selvagem, quando porém menos se esperava, o indio adoece de nostalgia, e declara terminantemente que queria voltar ao Brazil. Fez-se-lhe a vontade, desde porém que chegou á casa, outro homem n'elle appareceu: rehouve quasi todos

os habitos de selvagem. Não se deve passar em silencio o indio Orotiman, de quem dizia o tenente coronel Guido, que pelas maneiras mostrava ser principe ou cacique entre os seus. Parece ter-se facilmente domesticado. Avulta porém sobre todos, não só pela facilidade com que o domesticou o sobredito Guido, como pelos esforços que fez para o alliciamento dos seus e chamamento á vida civilisada o agreste indio Guido Pokrano que se tivesse tido mais accurada educação, talvez tivesse ido muito mais longe do que foi.

Ouro Preto, em 13 de Setembro de 1855.—Conforme, *José Feliciano França.*

ADDITAMENTO

AOS APONTAMENTOS PARA A BIOGRAPHIA DO INDIO GUIDO POKRANE.

O coronel Thomaz Guido Marlière, como commandante geral das divisões, mandou uma canôa a Linhares. Commandava a canôa o cabo Luciano Vieira, que encontrou no porto de Souza ao Indigena Pokrane e a sua tribu. Os soldados da provincia do Espirito Santo, que ahi se achavam, não tiveram animo de lhe fallar; porém o cabo Luciano e seu irmão Francisco Vieira animaram-se e foram ao seu encontro; e offerecendo-lhe facas e milho, que colheram de uma roça, Pokrane acceitou, e, chegando á falla, conversaram amigavelmente, e com elle contratou o cabo Vieira de se encontrarem no dia seguinte, e de o levar com a sua tribu para o quartel. Pokrane cumprio a sua promessa, Vieira o encontrou com a sua tribu na roça, e o levou para o quartel, e ahi lhe deu o que podia, e lhe pediu que o esperasse, até que elle voltasse de Linhares. Mas, apenas se retirou Vieira com os seus soldados, os Capixavas, não só não quizeram receber a Pokrane e a sua tribu, como até, por amedrontados, lhes fizeram fogo no dia seguinte, pelo que offendidos os Indios mataram os tres que lhes fizeram fogo; e dando-se com isto por vingados, esperaram pelos Vieiras. Quando estes chegaram, entenderam-se com Pokrane, e o accommodaram e a sua tribu. Os Vieiras deram parte de tudo ao capitão Lizardo José da Fonseca, e este mandou em prompto duas canôas com mantimentos, e em seu re-

gresso trouxeram a Pokrane e a todos da sua tribu para o quartel geral, que era então em Santa Anna do Alfié. Pokrane era corpulento, tinha bôa physionomia, era agradavel no seu trato, docil, generoso, valente nas suas armas, e entre os seus bastante intelligente, e por todos os Indigenas era respeitado. Quando esteve no quartel da 4.ª divisão no Sacramento Grande observou attentamente como se tratava da cultura, e quando voltou fez a sua aldêa nas margens do Rio do Manhuassú, fez grandes plantações de milho, feijão, arroz, canas, etc., fez uma engenhoca, criava porcos e gallinhas, vivia na abundancia, e tinha mais de trezentos homens debaixo do seu commando. Amava a honra das familias, aborrecia os criminosos, e os castigava exemplarmente. Ia com os seus soldados ás aldêas vizinhas e ahi castigava os criminosos e turbulentos, e era sempre obedecido. Gostava de viajar, instruir-se e relacionar-se com o governo. Foi á côrte e apresentou-se ao governo imperial, e por elle foi bem acolhido. Pokrane era generoso, amava muito aos seus, repartia com elles tudo quanto adquirira, e não deixava de punir aquèlles que os offendiam. Guerreou com os Purís e Indios do norte, e depois que firmou a paz com elles, tomou-os debaixo de sua protecção, e os soccorria em suas precisões. Quando em Cuiethé houve falta de viveres, elle foi com a sua gente carregado de arroz pilado e repartiu pelas casas, conforme o numero das pessoas que as habitavam, e levou para sua aldêa aquelles que quizeram acompanha-lo, e os tratou como podia. Em principios de 1843 Pokrane de volta de Ouro Preto, onde tinha ido entender-se com o governo ácerca do soldo que se lhe devia, falleceu em a freguezia de Antonio Dias ábaixo, e ahi foi sepultado. Pokrane deixou dous filhos, Guido Pokrane e Miguel Ribas Pokrane. Mavan Pantinan, irmão de Pokrane, lhe succedeu no commando. Jucanac, sobrinho de Pokrane succedeu a Mavan Pantinan. Antonio que é o actual commandante foi que succedeu a Jucanac. O primeiro aldeamento foi estabelecido no Bananal Grande, Cuiethé ácima. O actual aldeamento tem sua séde no Ribeirão do Queiroga Montiná.

Conforme.—*José Feliciano França.*

Instituto Historico e Geographico do Brazil.

ACTAS DAS SESSÕES DE 1855. (*)

1.ª SESSÃO EM 4 DE MAIO DE 1855.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's horas do costume, presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Ferreira Lagos, conego Pinheiro, Dr. Emilio Maia, Porto Alegre, Dr. Souza Fontes, Capanema, Rio, J. Norberto, Perdigão Malheiros e Paula Menezes, abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta da anterior, o Sr. 1.º secretario dá conta do seguinte:

EXPEDIENTE.

Avisos do Sr. ministro do Imperio, remettendo as copias de duas memorias feitas pelo brigadeiro José Joaquim Machado d'Oliveira; uma sobre os limites da provincia de Santa Catharina e a do Paraná, e outra sobre a emigração dos indios Cayaas.—A' commissão da redacção da Revista.

Outro, do mesmo ministro, enviando treze exemplares dos relatorios de differentes presidentes de provincias.

Outro, mandando que o Instituto remetta até o dia 1.º de Fevereiro do presente anno uma exposição dos seus trabalhos no decurso do anno findo, etc.

Outro, communicando ter recebido a relação dos membros que compoem a mesa administrativa e commissões do Instituto.

(*) As ultimas actas das sessões ordinarias de 7 e 22 de Dezembro de 1854, que não poderam ser publicadas no N.º 16 do tomo 17.º desta *Revista*, vão em seguida ás deste anno.

Outro, enviando as copias do roteiro da viagem do rio Brilhante da provincia de Matto Grosso ao porto de Tibagy, por Antonio Monteiro de Mendonça. — A' commissão da redacção da Revista.

Outro, transmittindo o relatorio do presidente da provincia do Paraná, acompanhado dos competentes documentos, apresentado á assembléa provincial.

Do Sr. ministro da guerra, participando ficar expedida, ao archivo militar, a necessaria ordem para tirar a copia da carta geographica do engenheiro Antonio Peres da Silva Pontes, para ser remettida ao Instituto logo que esteja prompta: ficou-se inteirado.

Outro, do mesmo senhor, communicando haver expedido as ordens necessarias ácerca dos despojos que em differentes épocas foram tomados aos inimigos, e bem como sobre as bandeiras que serviram na guerra da Independencia. — Inteirado.

Foram recebidos os seguintes officios:

Dos Srs. Zacarias de Góes e Vasconcellos, presidente da provincia do Paraná, e Herculano Ferreira Penna da do Alto Amazonas, enviando um exemplar de seus relatorios apresentados á assembléa provincial.

Outro, do Sr. Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, offerecendo o mappa demonstrativo do movimento da população da provincia de Minas, desde 1837 a 1847, organisado pelo cidadão Luiz Maria da Silva Pinto. — Recebido com agrado.

Do Sr. brigadeiro Moraes Ancora, director do archivo militar, enviando um exemplar da — Pauta hydographica da bahia do Rio de Janeiro. — Recebido tambem com agrado.

Do socio correspondente Ladisláu dos Santos Titara, offerendo um exemplar da sua obra — Memorias do grande exercito alliado libertador do sul d'America. — Recebido igualmente com agrado.

Da presidencia das Alagôas, pondo em duvida as informações a respeito de terremotos ahi havidos, e remettendo uma pedra das que o povo ahi tem como cahidas do céo por occasião de trovoadas.

Do Sr. Emiliano Faustino Lins, relator da commissão de fundos, enviando o parecer da mesma ácerca das contas do Sr. thesoureiro,

relativas ao anno de 1854, bem como o orçamento para o corrente exercicio. — Fica sobre a mesa.

Do socio o Sr. Perdigão Malheiros, communicando aceitar o encargo de membro da commissão de revisão de manuscriptos.

Outro, do Sr. Franco de Paulicéa, offerecendo a sua producção poetica — Saudação ao Instituto Historico. — Recebida com agrado.

Do Sr. Henrique Marques d'Oliveira Lisboa, declarando deixar de ser socio correspondente. — Fica-se inteirado.

Uma carta do Sr. conselheiro Luiz Antonio Barbosa, presidente da provincia de Rio de Janeiro, offerecendo um exemplar da planta da cidade de Nictheroy, cuidadosamente levantada no anno em que SS. MM. visitaram a mesma cidade. — Recebido com agrado.

Foram igualmente recebidas com agrado as seguintes offertas do Sr. José Ribeiro da Silva: — Viagem em Portugal nos annos de 1789 a 1790, traduzida do inglez, 3 vol. Viagem á parte oriental da Terra Firme, 3 vol. Periodico Aurora fluminense, 10 volumes. Echo da camara dos deputados de 1832, 1 volume.

ORDEM DO DIA.

O Sr. J. Norberto manda á mesa as tres seguintes propostas, das quaes as duas primeiras são discutidas e approvadas, e a 3.ª remettida á commissão de estatutos.

1.ª Proponho que a mesa do Instituto fique autorisada para mandar vir de Montevidéo a obra ali publicada em 1847, pelo Sr. J. Mármol sob o titulo de « Examen critico de la juventude progressista del Rio de Janeiro » a qual não se encontra n'esta côrte.

2.ª Proponho que se obtenha do governo de S. M. I., por intermedio do Exm.º Sr. ministro do imperio, a cópia existente na bibliotheca publica d'esta côrte das cartas jesuiticas sobre o Brazil, que possue a mesma bibliotheca, conferindo-se essa copia com aquella de que foi trasladada antes de ser remettida para aqui. Outrosim, no caso de se obter a dita copia, que seja ella remettida a illustre commissão de revisão de manuscriptos para examina-la, confronta-la com as

cartas já publicadas em nossa Revista, nos Annaes fluminenses de Balthazar da Silva Lisboa, e juntar-lhe as que faltarem, como as de Fernam Cardim, recentemente dadas á luz em Lisboa, traduzindo as que andam em italiano, latim, etc., afim de tornar a collecção a mais completa possivel e poder ser publicada em um só volume.

3.ª Proponho que além das dez commissões, de que trata o artigo 11 dos nossos estatutos, sejam creadas mais duas de litteratura brazileira.

As commissões de litteratura brazileira serão eleitas na fórma e pelo mesmo tempo que se elegerem as já creadas:

A 1.ª procurará reunir todos os promenores e subsidios necessarios para a historia litteraria do Brazil, e emittirá o seu parecer ácerca das obras a respeito que vierem ao Instituto.

A 2.ª, subsidiaria da primeira, irá colligindo methodicamente as obras ineditas ou já impressas de cada um dos autores brazileiros já fallecidos, para serem reimpressas em collecção, quando convier e puder ser, e buscará archivar as obras dos autores existentes, emittindo tambem o seu juizo sobre ellas todas as vezes que o Instituto determinar.

Estas commissões, bem como as existentes, darão conta de seus trabalhos por intermedio de seus relatorios, ao 1.º secretario do Instituto, quinze dias antes da sessão magna.

2.ª SESSÃO EM 18 DE MAIO DE 1855.

Honrada com a Augusta presença de S. M. I.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's cinco horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Drs. Capanema, Lagos, Carlos Honorio de Figueiredo, J. Norberto e conego Pinheiro, abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta d'antecedente o Sr. 2.º secretario no impedimento do 1.º dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Officios:

1.° Do Sr. Eloy Pessoa, enviando um exemplar do jornal o *Brazil Maritimo*, e pedindo uma collecção das Revistas do Instituto, para a bibliotheca de marinha. — Ordena-se que se satisfaça o pedido agradecendo-se a offerta.

2.° Do Sr. Dr. Joaquim Caetano da Silva, mandando alguns esclarecimentos sobre a naturalidade do padre Antonio Vieira. — Manda-se archivar.

3.° Do Sr. Moraes Ancora remettendo um exemplar da carta da provincia do Rio de Janeiro, em 1840: a planta da direcção do canal de Campos a Macahé: e a planta da entrada da bahia, sondada em 1854, por Mr. Garnier: todas lithographadas no archivo militar d'esta côrte. — Recebidas com agrado.

4.° Do Sr. Antonio Maria dos Santos Brilhante, enviando seis exemplares dos retratos dos dous collaboradores do jornal lisbonense o *Esculapio*.

5.° Do Sr. Franco de Paulicéa, queixando-se de não ter sido ainda accusada a recepção d'offertas suas, principalmente a d'uma ode que ultimamente enderessára ao Instituto. — Resolveu-se que se lhe responderia opportunamente.

S. M. o Imperador dignou-se d'offerecer os seguintes manuscriptos para serem copiados.

1.° Foral da capitania da Bahia, e cidade de S. Salvador. Evora, 26 de Agosto de 1534.

2.° Regimento dado a Antonio Cardoso de Barros, cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei, como procurador-mór da fazenda, que primeiro foi ao Brazil. Almeirim, 17 de Dezembro de 1548.

Acompanha aos ditos manuscriptos uma carta do Sr. Dr. Caetano Lopes de Moura, que os remettêra de Paris, e que ficou sobre a mesa afim de ser tomada na devida consideração depois de copiada.

Foram estes donativos recebidos com muito especial agrado.

O Sr. Lagos apresenta um exemplar da memoria do abbade Bargés,

intitulada « Les Samaritains de Naplouse » remettida pelo Sr. Ferdinand Denis.—Manda-se agradecer.

ORDEM DO DIA.

O Sr. Lagos fez a leitura d'uma parte da sua analyse á viagem do conde de Castelnau pelo interior do Brazil.

Levanta-se a sessão ás 7 horas, sendo marcado para ordem do dia seguinte: pareceres adiados: a continuação da leitura interrompida pela hora.

3.ª SESSÃO EM 1.º DE JUNHO DE 1855.

Honrada com a Augusta presença de S. M. I.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SEPETIBA.

A's cinco horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sepetiba, conselheiro Baptista d'Oliveira, Drs. Capanema, Emilio Maia, Honorio de Figueiredo, Paula Menezes, Porto-Alegre, Sebastião Soares, Gomes dos Santes, Padua Fleury, Pereira Coruja, Dr. Lagos e conego Pinheiro, abre-se a sessão.

Lida a acta da antecedente é approvada.

O Sr. 2.º secretario, n'ausencia do 1.º, dá conta do

EXPEDIENTE.

Officios:

1.º Do Sr. visconde de Sapucahy, participando que por incommodado não póde comparecer á presente sessão. — Fica o Instituto inteirado.

2.º Do Sr. Dr. Eduardo Ferreira França, remettendo um exemplar da sua obra « Investigações Psycologicas. »

3.º Do Sr. Pedro de Angelis, offerecendo um exemplar da sua memoria ultimamente publicada sobre a navegação do Amazonas.

4.º Do Ex.mo Sr. ministro do imperio enviando um exemplar do

relatorio com que o presidente de S. Paulo abriu a sessão d'este anno da respectiva assembléa provincial

Todas estas offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA.

O Sr. Dr. Lagos continua a leitura da sua analyse á viagem do conde de Castelnau pelo interior do Brazil interrompida pela hora, na sessão anterior, a qual fica ainda adiada.

Levanta-se a sessão ás 6 horas e meia, marcando-se para a ordem do dia da seguinte: 1.° Pareceres, propostas adiadas e continuação da leitura do trabalho do Sr. Dr. Lagos.

4.ª SESSÃO EM 15 DE JUNHO DE 1855.

Honrada com a Augusta Presença de Sua Magestade Imperial.

PRESIDIDA PELO EX.^{mo} SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Ás horas do costume, presentes os Srs. conselheiro Candido Baptista, Dr. Joaquim Manoel de Macedo, conego Pinheiro, J. Norberto, Rio, Luiz Antonio de Castro, H. de Figueiredo, Porto Alegre, F. J. Borges, Ferreira Lagos, Drs. Lapa, Capanema e Paula Menezes, abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta da anterior, o Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Officios:—1.° do ex.^{mo} sr. ministro do imperio, communicando ter expedido as necessarias ordens á Bibliotheca publica para serem remettidas ao Instituto as copias das cartas dos Jesuitas sollicitadas pelo mesmo Instituto.— Fica-se inteirado.

2.° Do vice-presidente da provincia do Amazonas, remettendo os n.ºs 114 e 115 do periodico a *Estrella do Amazonas*.— Recebido com agrado.

3.° Do official-maior da secretaria d'estado dos negocios estran-

geiros, enviando dous exemplares do folheto — A Descripção da costa do Brazil, de Pitimbú a S. Bento, etc., — pelo Sr. Manoel Antonio Vital d'Oliveira.

4.° Do Sr. conselheiro José Ildefonso de Souza Ramos, enviando o seu parecer sobre o manuscripto, que lhe fôra commettido, intitulado: — Considerações sobre o estado de Portugal e do Brazil desde a sahida d'El-Rei, de Lisboa em 1807. — O parecer fica sobre a meza na fórma do estylo.

Findo o expediente, são lidas as seguintes propostas, dos Srs. J. Norberto e conego Pinheiro:

« 1.ª Propomos: — 1.° Que sob o titulo de Bibliotheca historica brazileira, publicações do Instituto historico geographico e ethnographico do Brazil, auxiliadas pelo poder Legislativo e altamente protegidas por S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro 2.°, sem numeração de volumes, mas com a designação das obras, sejam publicadas as que o Instituto tem que dar á luz ou reimprimir avulsamente, começando pela Chronica de Jaboatão, ficando a Revista trimensal, que será sempre de 50 folhas ou 400 paginas de impressão, para os trabalhos officiaes do Intituto e obras menos extensas de seus socios.

2.° Que a Bibliotheca americana, tão benignamente doada por S. M. Imperial, seja conservada na sala que o augusto protector do Instituto se dignou de mandar preparar para esse fim, com o mesmo titulo de Bibliotheca Americana, ficando a Bibliotheca brazileira na sala das sessões do Instituto.

« 3.° Que se organise, afim de ser impresso quanto antes, os catalogos das duas bibliothecas do Instituto. » — Entrando em discussão, são approvadas a 2.ª e 3.ª parte, ficando adiada a primeira.

« 2.ª Propomos: — 1.° Que sejam creados, para melhor andamento de nossos trabalhos, os cargos de bibliothecario e de redactor que até aqui existiam annexos ao do 1.° secretario e á commissão d'Estatutos.

« 2.° Que se preencham as vagas de socios effectivos e se fixe o numero dos socios correspondentes nas provincias, creando-se directorias nas capitaes das mesmas para execução das ordens e melhor

direcção da correspondencia do Instituto; remessa, distribuição e venda de sua Revista trimensal e mais publicações, e cobrança das mensalidades vencidas. »

Submettida á discussão, vence-se, que seja remettida á commissão de Estatutos para interpor o seu parecer.

O Sr. Lagos continúa a leitura do seu trabalho sobre a viagem do conde de Castelnau, começada nas sessões anteriores.

Dada a hora, levanta-se a sessão, marcando-se para ordem do dia da seguinte:

1.° Propostas e pareceres de commissões.

2.° Continuação da leitura do Sr. Ferreira Lagos.

5.ª SESSÃO EM 6 DE JULHO DE 1855.

Honrada com a Augusta Presença de Sua Magestade Imperial.

PRESIDIDA PELO EX.mo SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's horas do costume, presentes os Srs. conselheiro Candido Baptista d'Oliveira, Dr. Macedo, J. Norberto, F. J. Borges, conselheiro Mariz Sarmento, barão d'Antonina, Padua Fleury, Figueiredo, Ferreira Soares, J. F. Lisboa, Pereira Coruja, Dr. Souza Fontes, Dr. Ferreira Lapa, conego Pinheiro, Lagos, Pereira Pinto, e Paula Menezes, abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do Sr. Henrique de Beaurepaire, offerecendo um exemplar do relatorio de sua viagem ao Campo de Palmas; um extracto de sua viagem a S. Paulo, contendo uma noticia do Campo do Ypiranga; e um manuscripto em letra estranha que fôra achado em um club de negros minas na capital do Rio Grande do Sul.

Uma carta do Sr. Angelis, enviando um trabalho seu ácerca da questão do Amazonas.

Outra do Sr. James Fletcher, offerecendo varias obras americanas.

Todas estas offertas são recebidas com agrado.

Terminado o expediente, entra em discussão, e é approvado o seguinte parecer do Sr. conselheiro Souza Ramos:

« O Manuscripto intitulado — Considerações sobre o estado de Portugal e do Brazil desde a sahida de El-Rei de Lisboa em 1807, até Julho de 1822 — nenhuma importancia offerece, não contém factos novos que mereçam consignar-se na nossa historia, nem doutrina que se deva aproveitar ou sériamente refutar, como se verá das breves reflexões que passo a expôr.

« Assignala a Memoria como causa da revolução do Porto em 24 de Agosto de 1820, o despeito dos Portuguezes vendo o reino de Portugal rebaixado a colonia do Brazil pela carta régia de 16 de Dezembro de 1815, que elevou este Estado á cathegoria de Reino; as continuas sangrias feitas no Erario de Lisboa para satisfazer as delapidações do governo do Rio de Janeiro; a corrupção e inepcia dos ministros, e finalmente a intempestiva retirada do marechal Beresford, circumstancias de que se aproveitaram alguns demagogos para, seduzindo a tropa, impôr ao Reino um governo faccioso, esforçando-se na propagação do contagio revolucionario ao Brazil. Dada esta crise, entende o autor da Memoria que, sendo sobremodo prejudicial e ruinosa a desmembração do Reino-Unido de Portugal, Brazil e Algarves, se podia evitar o mal, dissolvidas as côrtes facciosas de Lisboa, e vigorada a lei fundamental da monarchia (os estatutos das côrtes de Lamego) com emendas convenientes para dar-se ao Regente do Reino, em que não estivesse presente El-Rei, a força e necessaria autoridade, e igualar em condição os estados componentes do Reino-Unido. Em substancia este é o proposito do manuscripto.

« O unico facto historico novo que offerece o Manuscripto é a origem dada á Carta Régia de 16 de Dezembro de 1815, isto é, que fôra inspirada pelos Ministros da Legação Portugueza no Congresso

de Vienna; e me parece sem fundamento, porque nada tinham que ver as potencias estrangeiras em um acto puramente honorifico, que não affectava as relações internacionaes, nem alterava a politica da Monarchia. Seja, porém, como fôr, nenhum interesse póde ter uma contestação sobre este objecto: os effeitos da Carta Régia, de que se trata, são os mesmos, ou fosse a idéa d'ella suggerida no Congresso de Vienna, como diz o autor da Memoria, ou nascesse de inspiração espontanea do senhor D. João 6.º, como creio. Cabe aqui observar que este facto, que tanto irritou o orgulho dos Portuguezes, como confessa o autor da Memoria, passou quasi desapercebido entre os Brazileiros; pelo menos em nada melhorou para elles a marcha da administração.

« O commercio de Portugal havia diminuido consideravelmente, desde que os portos do Brazil foram abertos a todas as nações em 1808, e o ciume dos Portuguezes exasperou-se, vendo a sua colonia elevada a uma cathegoria igual á da Metropole. Accresce que elles já se impacientavam das — formulas absolutas, — despidas do esplendor da realeza, ao mesmo tempo que a Hespanha e a Italia tentavam organisar-se *constitucionalmente*: e esta é no conceito de pessoas competentes, a rezão capital da revolução de 24 de Agosto de 1820 no Porto, seguida em Lisboa a 15 de Setembro. Além d'isso, existia outra causa, talvez mais ponderosa, pois offendia o brio nacional, qual o dominio despotico do marechal Beresford, cuja retirada de Lisboa chama o autor da Memoria — intempestiva, — por se dar muito cedo (!!)

« Uma revolução, sómente em Portugal, não satisfaria ás vistas dos revolucionarios, que pretendiam collocar El-Rei na necessidade de regressar a Portugal, e se empenharam em communicar ao Brazil a revolução; mas, ou porque tivesse já conseguido seu principal fim, ou dominados do ciume contra os Brazileiros, e espantados de sua propria obra, quizeram recuar: então medidas foram adoptadas para conservar o Brazil jungido como colonia ao carro de Portugal.

« É innegavel que o Brazil não estava preparado para uma separação absoluta de Portugal: Ainda na proclamação de 15 de Junho

de 1822 fallava o Magnanimo Principe o Senhor D. Pedro 1.° em — Independencia moderada pela União Nacional: — pensamento reproduzido na representação dos procuradores geraes, dirigida ao mesmo Augusto Senhor, no dia 3 do mesmo mez, e no manifesto de 6 de Agosto, apezar de tantas, e tão clamorosas injustiças praticadas contra o Brazil pelo Congresso de Lisboa. Só depois de fechados todos os meios de conciliação, como se expressa a proclamação de 21 de Outubro, é que o Brazil usou do seu direito incontestavel, acclamando o Senhor D. Pedro 1.° seu Imperador Constitucional, e proclamando sua independencia.

« Tambem é innegavel, que o Brazil, mais populoso e mais rico do que Portugal, d'elle separado pela natureza por immensos mares, não poderia por muito tempo ficar-lhe unido, e muito menos sujeito ao systema colonial, quando todo o continente americano aspirava com energica actividade ás — instituições liberaes. A Columbia e Buenos-Ayres já eram Estados independentes; o Brazil não podia continuar a ser uma dependencia do velho Portugal, embora podesse este dispôr de muitos meios de compressão. A independencia podia ser retardada, a pertinacia dos Portuguezes podia dar lugar a uma luta sanguinolenta, mas o resultado em todo o caso seria o reconhecimento da Independencia do Brazil, principalmente tendo á sua frente, identificado nos seus interesses, em sua sagrada causa, o Principe Magnanimo e Generoso, que fundou as Instituições á sombra das quaes elle tanto se tem avantajado em prosperidade e engrandecimento.

« É pois manifesto a todas as luzes que a lembrança contida no Manuscripto, e que fórma o seu principal objecto, de querer conservar Portugal e o Brazil unidos e debaixo do regimen dos Estatutos das côrtes de Lamego, ainda reformados, não tem merecimento algum.

O Manuscripto si não tem por fim principal interessar o Brazil na causa de Portugal, e fazê-lo servir ás idéas de seu autor contra a revolução, que ali não encontrava a resistencia que elle desejava, então é apenas um documento de que — mal avisados andavam sobre

as cousas do Brazil, não comprehendiam sua situação, desconheciam completamente seus recursos e seu destino os homens politicos de Portugal, ainda mesmo os que se intromettiam a beneficia-lo.

« Rio de Janeiro, 12 de Junho de 1855.— *José Ildefonso de Souza Ramos.* »

PROPOSTAS.

O Sr. conselheiro Baptista d'Oliveira propõe para socio correspondente o Sr. Dr. Eduardo Ferreira França, lente da faculdade de medicina da Bahia, — é a proposta remettida á commissão de admissão de socios, na fórma dos Estatutos.

O Sr. Lagos continuou a leitura de sua analyse da viagem do conde de Castelnau pelo interior do Brazil.

Dada a hora levanta-se a sessão, marcando-se para ordem do dia : 1.° Propostas e pareceres adiados; 2.° Continuação da leitura da analyse do Sr. Lagos.

6.ª SESSÃO EM 20 DE JULHO DE 1855.

Honrada com a Augusta presença de S. M. I.

PRESIDIDA PELO EXM.° SR. VISCONDE DE SEPETIBA.

A's horas do estylo achando-se presentes os Srs. visconde de Sepetiba, conselheiros Baptista d'Oliveira e Mariz Sarmento, Drs. Maia, Lapa e Paula Menezes, Pereira Pinto, Lagos, Porto-Alegre, J. Norberto, Padua Fleury e conego Pinheiro, abre-se a sessão.

Lida a acta da antecedente é approvada.

O Sr. 2.° secretario, no impedimento do 1.°, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE :

Um officio do Sr. Francisco José Borges, remettendo um exemplar da obra de Mr. d'Orbigny intitulada « Voyage pittoresque dans les deux Amériques. — Recebida com agrado.

Idem do Sr. Franc de Paulicéa Marques de Carvalho pedindo para a bibliotheca da provincia de Santa Catharina, de que é chefe, todas as publicações do Instituto.

Idem, do Sr. Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja, pedindo dispensa do trabalho de que foi incumbido ácerca das diversas attribuições dos capitães-móres do Brazil desde a sua origem até a sua extincção. — Dispensado.

Idem, do Sr. Dr. Adolpho Manoel Victorio da Costa, remettendo um exemplar da obra de seu pai relativa á cholera morbus. — Recebida com agrado.

Idem, do Sr. presidente da provincia do Rio Grande do Norte participando que ficam dadas as providencias para serem remettidas a este Instituto as amostras dos meteoros, que tem havido na mesma provincia. — Inteirado.

Idem, do Sr. Dr. Praxedes, remettendo um exemplar da sua obra — o Util Cultivador — para servir de prova á sua admissão ao Instituto.—A' commissão d'admissão de socios.

Idem, do Sr. ministro da guerra remettendo copias das informações recebidas das provincias da Bahia e Pará sobre os objectos das propostas do Instituto relativas ás bandeiras, que serviram na guerra da independencia e ás peças tomadas em Cayena.—Inteirado.

Idem, do Sr. Pimenta Bueno offerecendo dous dos seus discursos pronunciados na presente sessão do senado. —Recebidos com agrado.

Idem, do Sr. Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja remettendo: 1.°, um exemplar do relatorio da repartição dos negocios estrangeiros; 2.°, a obra denominada— Viagem ao Brazil por Burmeister; 3.°, a mensagem que o poder executivo de Buenos-Ayres dirigiu á sala dos representantes censurando o general em chefe do exercito argentino, por não ter colhido resultado algum satisfactorio d'aquella campanha. 4.° A exposição, que em sua defesa fez aquelle general. —Recebidos com agrado todos estes donativos.

Idem, do Sr. conego Pinto de Campos, remettendo os seguintes manuscriptos: um officio de Francisco Xavier de Mendonça Furtado dirigido ao conde da Cunha relativamente aos jesuitas: uma expo-

sição do occorrido na colonia do Sacramento occupada pelos Portuguezes desde o tratado provisional de 1681 até 1737, e pedindo que sirvam estas offertas de titulo para a sua recepção na classe de socio correspondente, e compromettendo-se a escrever uma memoria ácerca de certos acontecimentos, que em épocas não mui remotas tiveram lugar na provincia de Pernambuco.—A' commissão d'admissão de socios.

Idem, do Sr. visconde de Sapucahy, dizendo que não póde comparecer á sessão d'hoje por incommodo de pessoa de sua familia.—Inteirado.

PROPOSTAS.

Lê-se uma proposta assignada pelos Srs. Pereira Pinto e Dr. Lapa propondo para socio do Instituto ao Sr. conego Pinto de Campos.—A' commissão d'admissão de socios.

ORDEM DO DIA.

O Sr. Lagos continúa a leitura da sua analyse á viagem do conde de Castelnau pelo interior do Brazil na parte relativa á provincia de Goyaz.

A's 7 horas levanta-se a sessão, marcando-se para a ordem do dia seguinte a mesma que fôra designada para a d'hoje.

7.ª SESSÃO EM 17 DE AGOSTO DE 1855.

Honrada com a Augusta presença de S. M. I.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's cinco horas da tarde achando-se presentes os Srs. visconde de Sepetiba, conselheiro Candido Baptista, Drs. Carvalho e Silva, conego Fernandes Pinheiro, Porto-Alegre, Lagos, J. Norberto, e Pereira Pinto, o Sr. presidente abre a sessão, servindo de 1.º secre-

tario o Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, e de 2.° o Dr. Pereira Pinto.

Lida e approvada a acta d'antecedente o Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro offerecendo ao Instituto um exemplar da traducção do livro de Job, feita pelo fallecido José Eloy Ottoni.

Outro do Sr. Firmino Herculano de Moraes Ancora, remettendo um exemplar do mappa corographico da villa de S. Gabriel, seus arredores, e fortificações, e um dito do lugar das Caldas ao sul do rio Cubatão na provincia de Santa Catharina.

Outro, do Exmo Sr. ministro do imperio transmittindo para uso do Instituto a descripção da viagem feita no anno de 1854, desde a cidade da Barra do Rio Negro pelo rio do mesmo nome até a serra do Cucui por Hilario Maximiano Antunes Gurjão.

Outro, do mesmo senhor enviando os relatorios com que os Drs. Cansansão do Sinimbú, e Manoel Gomes Corrêa de Miranda, o primeiro, entregou ao seu substituto a presidencia do Rio Grande do Sul, e o segundo abriu a assembléa provincial da provincia do Amazonas.

Outro do mesmo senhor accusando a recepção dos manuscriptos relativos á conquista de Cayena.

Outro do Sr. James Fletcher pedindo ao Instituto, que estabeleça correspondencia e troca de publicações com a associação historica de New-York.

Outro do Sr. A. D. de Pascoal Adadus Calpe, enviando ao Instituto um trabalho a que deu o nome de — Breves reflexões historicas.

Outro do Sr. José Martins Pereira de Alencastro, remettendo as suas — Memorias historicas da provincia do Piauhy — para servirem de titulo á sua admissão como socio correspondente do Instituto.

Outro do Exmo Sr. arcebispo da Bahia transmittindo a memoria

sobre o programma, que lhe foi dado por S. Magestade relativo á naturalidade do padre Antonio Vieira.

OFFERTAS.

O Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva offerece os documentos officiaes da provincia do Rio de Janeiro, apresentados no corrente anno á assembléa legislativa provincial.

O Sr. conselheiro Candido Baptista offerece ao Instituto por parte do Sr. Miguel Maria Lisboa um manuscripto sobre a republica de Venezuela.

PROPOSTAS.

Os Srs. Norberto de Souza, e Pereira Pinto apresentam a seguinte proposta:

Propomos que o Instituto solicite ao governo a entrega de um fragmento dos despojos mortaes do missionario Anchieta, que se conserva em uma caixa com lavor de prata ou no thesouro publico nacional, ou na thesouraria da provincia do Espirito Santo.

Depois de pequena discussão em que tomaram parte os Srs. visconde de Sepetiba, Porto-Alegre, e os autores da proposta foi ella approvada, reservando-se para época posterior á entrega d'esse objecto, a decisão do lugar em que elle deve ser definitivamente collocado.

LEITURAS.

O Sr. Dr. Lagos continua a leitura de sua analyse á viagem do conde de Castelnau pelo interior do Brazil.

O Sr. Dr. Carvalho e Silva encetа a leitura da memoria da sua viagem desde a foz do rio S. Francisco até a Cachoeira de Paulo Affonso.

Acham-se sobre a mesa numerosos objectos de historia natural apresentados pelo mesmo Sr. Dr. Carvalho e Silva.

O Sr. Dr. Paula Menezes communica que por incommodado não póde comparecer á sessão.

A's sete horas levantou-se a sessão. A ordem do dia é a mesma.

8.ª SESSÃO EM 31 DE AGOSTO DE 1855.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SEPETIBA.

A's horas do costume, presentes os Srs. conselheiros Candido Baptista d'Oliveira, visconde de Sepetiba, Porto-Alegre, Dr. Lapa, Lagos, conego Fernandes Pinheiro, Mariz Sarmento, Pereira Coruja, Honorio de Figueiredo, Pereira Pinto, Carvalho e Silva, J. Norberto, Macedo e Paula Menezes, abre-se a sessão, presidida pelo Sr. 1.º vice-presidente visconde de Sepetiba, tendo communicado o Sr. presidente não poder comparecer por impossibilidade.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.º secretario lê o seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do Sr. ministro do imperio communicando ter expedido ordem á casa de correcção para pôr á disposição do Instituto dous Africanos livres para seu serviço, conforme lhe fôra solicitado: ficou-se inteirado.

Outro do Sr. ministro de estrangeiros, offerecendo ao Instituto a obra intitulada—Expedição exploradora dos Estados-Unidos, durante os annos de 1838 a 1842, sob o commando de Carlos Wilkes; por julga-la de utilidade ao mesmo Instituto: recebida com agrado.

Outro do Sr. vice-presidente da provincia do Paraná enviando dous exemplares da collecção das leis promulgadas pela assembléa provincial no corrente anno.

Outro do Sr. J. Norberto, pedindo permissão para ir lendo os capitulos dos dous primeiros livros que se achar promptos, de sua historia da litteratura brazileira.

ORDEM DO DIA.

Lê-se o seguinte parecer da commissão de admissão de socios:

«A commissão de admissão de socios, tomando na devida consi-

deração a proposta dos Srs. Drs. Antonio Pereira Pinto e Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, afim de que o Sr. conego Joaquim Pinto de Campos, deputado á assembléa geral legislativa, seja inscripto entre os membros correspondentes do Instituto Historico e Geographico do Brazil; e attendendo a que o candidato, além da sua reconhecida capacidade litteraria, cumpriu o disposto no artigo 6.° da nossa lei organica offerecendo a esta associação tres authographos preciosos, e se compromette de mais a apresentar brevemente uma memoria da sua penna a respeito de certos acontecimentos que em épocas não mui remotas, tiveram lugar na provincia de Pernambuco, é de parecer:

« Que o Sr. conego Joaquim Pinto de Campos seja admittido na qualidade de membro correspondente d'este Instituto, na fórma determinada pelo artigo 7.° dos estatutos ora vigentes.—Sala das sessões do Instituto, em 31 de Agosto de 1855.—*Manoel Ferreira Lagos.*—Dr. *Candido de Azeredo Coutinho.* »

Tendo sido pedida a urgencia, e sendo approvada; é o parecer adoptado, corre o escrutinio e sahe o Sr. conego J. Pinto de Campos eleito socio correspondente.

O Sr. Ferreira Lagos propõe que tendo sido offerecido pelo Sr. conselheiro Candido Baptista um trabalho do Sr. Lisboa, sobre a republica de Venezuela, seja enviado a uma commissão para interpôr o seu parecer. Approvada a proposta, resolve o Instituto que seja remettido ás duas primeiras commissões de historia e geographia.

Tendo-se retirado para a Europa um dos membros da commissão de admissão de socios, o Sr. Dr. Capanema, é nomeado o Sr. Manoel d'Araujo Porto-Alegre para o substituir.

O Sr. Dr. Rodrigues de Carvalho e Silva, lê alguns capitulos da sua viagem pelo rio de S. Francisco, e o Sr. Dr. Lagos continuando a leitura de sua analyse á viagem do conde Castelnau occupou o resto da sessão; a qual terminou ás 7 horas da noite, marcando-se para ordem do dia da seguinte: 1.° Propostas e pareceres de commissões. 2.° Leitura da memoria do Sr. Souza Fontes, e continuação da leitura dos trabalhos do Sr. Rodrigues de Carvalho e Ferreira Lagos.

9.ª SESSÃO EM 14 DE SETEMBRO DE 1855.

Honrada com a Augusta Presença de Sua Magestade.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Ás horas do costume achando-se presentes os srs. visconde de Sapucahy, conselheiros Souza Franco, Candido Baptista e Antonio Manoel de Mello, conego Fernandes Pinheiro, dr. Souza Fontes, J. Norberto, Miguel Maria Lisboa, drs. Azeredo Coitinho, Carvalho e Silva, Honorio de Figueiredo e Pereira Pinto, abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o sr. 1.º secretario supplente dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do sr. João Francisco Lisboa offerecendo os ns. 6 a 10 do jornal do *Timon*.

Um dito do exm. sr. ministro do imperio remettendo a exposição impressa apresentada pelo conselheiro Rego Barros ao vice-presidente do Pará, no acto de passar-lhe o governo da provincia.

Um dito do sr. dr. Francisco Nunes de Souza enviando a sua geographia historica, physica e politica do Brazil para concorrer ao premio — á melhor geographia d'este Imperio.

Outro do sr. Raposo de Almeida offerecendo uma collecção de diplomas do sr. conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva.

Outro do sr. conselheiro Euzebio de Queiroz pedindo informações sobre um compendio da Historia do Brazil, que consta ter escripto o visconde de S. Leopoldo.

Todos estes officios tem o conveniente destino, agradecendo-se as offertas.

PARECERES DE COMMISSÃO.

O sr. Lagos procede á leitura do seguinte parecer:

« A commissão de admissão de socios, tomando na devida consideração as propostas inclusas para que sejam inscriptos na lista dos

membros correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o exm. sr. conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz, ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, e o sr. João Francisco Lisboa, autor do interessante jornal publicado no Maranhão com o titulo de *Timon;* e attendendo a que os candidatos, além das suas incontestaveis habilitações litterarias, cumpriram o disposto pelo art. 6.° dos estatutos d'esta sociedade, é de parecer:

« Que os srs. conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz e João Francisco Lisboa sejam approvados na categoria de membros correspondentes d'este Instituto, na fórma determinada pelos sobreditos estatutos.

« Sala das sessões do Instituto, em 14 de Setembro de 1855.— *Manoel Ferreira Lagos.* — *Manoel de Araujo Porto-Alegre.* »

Vencida a urgencia requerida pelo sr. conego Pinheiro para que seja o parecer discutido, corre o escrutinio secreto, e sahem eleitos socios correspondentes os srs. conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz e João Francisco Lisboa.

ORDEM DO DIA.

O sr. dr. Souza Fontes lê a sua memoria em desenvolvimento do programma que lhe foi dado de — extremar quaes os animaes que pelos conquistadores foram introduzidos na America.

O sr. dr. Lagos prosegue na leitura de sua analyse á viagem do conde de Castelnau, na parte relativa á provincia de Goyaz.

O sr. dr. Carvalho e Silva preenche o resto da sessão com a leitura de sua viagem á cachoeira de Paulo Affonso.

Os sr. drs. Macedo e Paula Menezes participam que por incommodados não podem comparecer á sessão.

O sr. Angelo Thomaz do Amaral communica que seus incommodos, e trabalhos officiaes tem-lhe impedido de concluir a sua memoria em desenvolvimento do programma que lhe foi designado.

Ás sete horas e meia da noite levanta-se a sessão, dando o sr. presidente para ordem do dia seguinte a continuação das leituras adiadas.

10.ª SESSÃO EM 28 DE SETEMBRO DE 1855.

Honrada com a Augusta Presença de Sua Magestade.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Achando-se presentes ás horas do costume os srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, drs. Souza Fontes, Carvalho e Silva, Honorio de Figueiredo, Thomaz Gomes, Lagos, conego Pinheiro, Porto-Alegre, J. Norberto, Pereira Coruja e Pereira Pinto, o sr. presidente abre a sessão, e approvada a acta da antecedente, o sr. 1.º secretario supplente lê o seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do sr. dr. Burlamaque, director do musêo nacional, pedindo uma collecção da Revista do Instituto para o uso d'aquelle estabelecimento.

Outro do sr. Joaquim Antonio Fernandes Pinheiro remettendo por parte do sr. João Diogo Sturz o exemplar de um tratado de geographia de Achilles Mecisas, e Aug. Michelot, e outro do jornal da sociedade geologica allemã.

Um officio do sr. Honorato da Silveira ácerca da existencia do Ititiaia, em Ayuruoca, na provincia de Minas Geraes.

Outro do sr. Antonio Bernardo de Barros, presidente da provincia do Rio Grande do Norte, enviando varias amostras de aerolites.

Outro do sr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda, vice-presidente da provincia do Amazonas, transmittindo dous numeros da *Estrella do Amazonas*.

Agradecem-se as offertas, e manda-se satisfazer os pedidos.

S. M. o Imperador se digna communicar que para a outra sessão trará uma interessante e curiosissima obra que se intitula: Livro que dá razão das cousas do Brazil.—Recebida com muito especial agrado esta communicação.

Em seguida prosegue o sr. dr. Lagos na leitura de uma analyse á viagem do conde de Castelnau pelo Brazil, tratando da provincia de Goyaz.

O sr. Carvalho e Silva continúa igualmente a leitura de sua memoria sobre a sua viagem á cachoeira de Paulo Affonso.

O sr. dr. Paula Menezes participa que não comparece por incommodado.

Levanta-se a sessão ás sete horas e meia, dando-se para ordem do dia seguinte as leituras adiadas.

11.ª SESSÃO EM 13 DE OUTUBRO DE 1855.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Achando-se presentes á hora do costume os Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, Drs. Lagos, Figueiredo, Souza Fontes, Carvalho e Silva, conego Pinheiro, Lisboa, Porto-Alegre, J. Norberto, conselheiro Paranhos, e Pereira Pinto, o Sr. presidente abre a sessão, e lida a acta da antecedente, o Sr. 1.º secretario supplente dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Um officio do Sr. ministro do imperio, transmittindo o relatorio apresentado ao vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro, Dr. José Ricardo de Sá Rego pelo presidente o conselheiro Luiz Antonio Barbosa ao passar-lhe a administração.

Outro do Sr. Franc de Paulicéa Marques de Carvalho offerecendo os primeiros numeros do periodico intitulado — *Mensageiro*, publicado na capital da provincia de Santa Catharina.

Outro do Sr. Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras enviando as suas — Reflexões sobre as primeiras épocas da historia do Brazil em

geral, e sobre a instituição das capitanias em particular, para servir de titulo de sua admissão a socio do Instituto.

Um officio do Sr. J. E. H. da Silveira, referindo-se ainda á existencia do Ititiaia em Minas Geraes.

Outro do Sr. Porto-Alegre remettendo o malhete que serviu na demarcação da base da estatua equestre do fundador do imperio para ser guardada entre identicos objectos pertencentes ao Instituto.

Um officio do Sr. Pereira Coruja, pedindo para substituir o seu programma — Quaes foram os primeiros Americanos que intentaram a independencia de seu paiz? por um indice chronologico da provincia do Rio Grande do Sul.

S. M. o Imperador dignou-se expender algumas observações sobre a obra denominada — Livro que dá razão das cousas do Brazil, observações suggeridas pelo exame a que está procedendo da referida obra.

S. Magestade foi ouvido pelos membros do Instituto com profunda attenção, e suas informações recebidas com todo o agrado.

O Sr. Dr. Lagos prosegue na leitura de sua analyse sobre a viagem do conde de Castelnau pelo Brazil, tratando da provincia de Matto Grosso.

O Sr. Norberto dá começo á leitura de sua historia da litteratura brazileira.

O Sr. Dr. Paula Menezes communica, que não póde comparecer á sessão em razão de multiplicados afazeres clinicos, que lhe sobrevieram.

Levanta-se a sessão ás 7 horas e meia, dando o Sr. presidente para ordem do dia seguinte as leituras addiadas.

12.ª SESSÃO EM 26 DE OUTUBRO DE 1855.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's cinco e meia horas achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Dr. Macedo, Porto-Alegre, J. F. Lisboa, J. Norberto, e

Drs. Lapa, Honorio de Figueiredo, Carvalho, e conego Dr. Pinheiro, abre-se a sessão, e lida a acta d'antecedente é approvada.

O Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Officios:

1.° Do Sr. J. D. Sturz, consul do Brazil em Dresde, remettendo por intermedio da bibliotheca Fluminense, um atlas geographico.

2.° Do Sr. Norberto offerecendo um exemplar da limitadissima edição em avulso da sua memoria historica e documentada das aldêas d'indios da provincia do Rio de Janeiro.

3.° Do Sr. Pereira Pinto remettendo uma carta do chefe da thesouraria da provincia do Espirito Santo ácerca dos despojos mortaes do padre Anchieta.

4.° Do Sr. vice-presidente da provincia das Alagôas enviando os actos officiaes da mesma provincia.

5.° Do Sr. vice-presidente da provincia do Amazonas remettendo quatro numeros do jornal *Estrella do Amazonas*.

6.° Do Sr. ministro do imperio transmittindo o exemplar existente na bibliotheca publica das *cartas jesuiticas sobre o Brazil*.

7.° Do mesmo senhor enviando um exemplar impresso do relatorio dirigido á assembléa provincial do Amazonas pelo respectivo vice-presidente.

8.° Do mesmo senhor offerecendo tres exemplares dos relatorios dos presidentes do Ceará, Parahyba e Pará.

9.° Do Sr. presidente do Rio Grande do Norte remettendo um saquinho de pedras meteoricas.

10.° Do Sr. vice-presidente da provincia das Alagôas enviando um exemplar da falla com que abriu a respectiva assembléa provincial.

11.° Do Sr. Munnick secretario da sociedade das artes e sciencias de Batavia offerecendo alguns volumes das publicações d'aquella sabia associação e pedindo em troca as publicações do Instituto.

12.° Do Sr. conego Pinto de Campos offerecendo um exemplar do

seu sermão pregado em Nictheroy no dia 7 de Setembro do corrente anno.

13.° Do Sr. Vieira de Carvalho offerecendo um exemplar do seu drama em tres actos *As tres épocas d'uma presidencia.*

14.° Do mesmo senhor offerecendo duas estampas representando a cachoeira de Paulo Affonso pelo engenheiro o Sr. Fernando Halfeld.

Todas estas offertas são recebidas com especial agrado.

15.° Do Sr. ministro do imperio communicando que foram dadas as convenientes ordens para que sejam entregues ao thesoureiro do Instituto os dous contos de réis votados no orçamento vigente para auxiliar as publicações do mesmo Instituto.

16.° Do Sr. Cruz Lima pedindo uma solução ácerca da sua biographia do Sr. bispo d'Anemuria. Fica o Instituto inteirado d'ambos os officios, respondendo-se opportunamente.

S. Magestade dignou-se de mandar guardar no archivo do Instituto o precioso manuscripto, que offerecera n'outra sessão, acompanhado d'estampas e atlas coloridos; bem como uma copia do mesmo sem estampas.

O Sr. 1.° secretario participa que os Srs. Lagos e Dr. Paula Menezes não podem comparecer por doentes.

Lê-se o seguinte parecer:

« A commissão de admissão de socios tomando na devida consideração a proposta para que seja admittido na qualidade de membro correspondente do Instituto e Geographico Brazileiro, o Sr. Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras; e reconhecendo que o candidato, além das suas habilitações litterarias, cumpriu o disposto na lei organica d'esta sociedade offerecendo um trabalho proprio com o titulo de — Reflexões sobre as primeiras épocas da historia do Brazil em geral, e sobre a instituição das capitanias em particular, é de parecer:

« Que o Sr. Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras seja considerado na classe dos membros correspondentes d'este Instituto, procedendo-se a seu respeito segundo determinam os estatutos.—Sala das sessões do Instituto, em 26 de Outubro de 1855.—*Manoel Ferreira Lagos.—Manoel d'Araujo Porto-Alegre.*

Sendo requerida a urgencia pelo Sr. Porto-Alegre é approvado o parecer e eleito socio correspondente por unanimidade de votos o referido Sr. Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras.

ORDEM DO DIA.

O Sr. Norberto faz a leitura de um dos capitulos da sua *Historia da Litteratura Brazileira.*

O Sr. Carvalho e Silva prosegue na da sua *Viagem ás cachoeiras de Paulo Affonso.*

A's 7 1/2 horas levanta-se a sessão dando-se para ordem do dia seguinte as materias adiadas.

13.ª SESSÃO EM 9 DE NOVEMBRO DE 1855.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's horas do costume achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, J. Norberto, Sebastião Soares, Almeida Raposo, e Drs. Ferreira Lapa, Carvalho e Silva, Honorio de Figueiredo, e conego Fernandes Pinheiro, abre-se a sessão, e lida a acta d'antecedente é approvada.

O Sr. 1.º secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Officios:

1.º Do Sr. ministro do imperio remettendo copia d'um officio do delegado da repartição especial das terras publicas da provincia do Amazonas, contendo esclarecimentos sobre as missões da referida provincia.

2.º Do Sr. A. A. Pereira Coruja, remettendo um exemplar das suas lições d'historia do Brazil, pedindo que seja a dita obra enviada a uma das commissões d'historia: assim se decide.

3.º Do Sr. ministro dos negocios estrangeiros offerecendo uma copia das instrucções que em 23 d'Outubro de 1797, foram dada

por D. Rodrigo de Souza Coutinho a Fernando Delgado Freire de Castilho, que acabava de ser nomeado para o governo da Parahyba.

4.° Do Sr. conselheiro Pedreira offerecendo um curioso manuscripto sobre a conversão á fé catholica do marechal Böhn occorrida n'esta capital no dia 18 de Agosto de 1782.

Todas estas offertas são recebidas com especial agrado.

5.° Do Sr. Pereira Pinto, presidente nomeado para a provincia do Sergipe, participando que parte para ali, onde espera as determinações do Instituto.

6.° Do Sr. visconde de Maranguape enviando o parecer das commissões de geographia e historia sobre a viagem do Sr. Miguel Maria Lisboa.

7.° Do Sr. Adadus Calpe remettendo o seu opusculo intitulado — La Novella actual, consideraciones sobre la litteratura contemporanea.

Vai a uma commissão especial, composta dos Srs. conselheiro Candido Baptista, J. Norberto e conego Fernandes Pinheiro um trabalho geographico politico e estatistico do Sr. F. Nunes de Souza.

Approva-se o seguinte parecer:

« Foi presente ás commissões de historia e geographia do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o manuscripto apresentado ao mesmo Instituto com o titulo: — Relação de uma viagem pelas republicas de Venezuela, Nova Granada e Equador, nos annos de 1852 e 1853, por Miguel Maria Lisboa, A M. »

« As commissões reunidas, tendo attentamente examinado o dito manuscripto, consideram-no muito interessante.

1.° Porque está escripto em um estylo claro, deleitante e sem a descripções poeticas, e reflexões sarcasticas com que muitos viajantes desfiguram ou exageram o que ha de real nas creações da natureza ou da arte, e nas relações da vida social e domestica por elles observadas, como se temessem desagradar ao leitor não lhes fornecendo em uma obra de instrucção, quadros mais ou menos extensos, mais ou menos brilhantes, de pura imaginação, e não poucas vezes copiados

dos que abundam em semelhantes escriptos; viajantes de quem se póde dizer com Beaumarchais «qui dit auteur, dit oseur.»

2.° Porque a obra d'este distincto Brazileiro trata de paizes que, ainda que vizinhos e limitrophes do imperio, são pouco conhecidos tanto entre nós como na Europa; dá uma circumstanciada noção da topographia, costumes, commercio, agricultura e população de cada um d'elles, e contém importantes extractos da sua historia, que o autor promette tratar, no seguimento da sua obra, com mais particularidade.

3.° Porque uma obra, escripta em sentido benevolo para com os habitantes d'aquelles paizes, contribuirá para desvanecer antigas antipathias, que ainda possam existir entre elles e este imperio.

« Pensam, porém, as commissões que não poderá ter lugar a impressão da obra na Revista, não só porque é muito extensa e exige a lithographia ou gravura de mappas e estampas, como porque não tem senão uma relação indirecta com a historia e a geographia do Brazil.

Rio de Janeiro 16 de Outubro de 1855.—*Visconde de Maranguape.—Bernardo de Souza Franco.—Joaquim Norberto de Souza e Silva.—Marquez d'Abrantes.—José Antonio Pimenta Bueno.*

ORDEM DO DIA.

O Sr. J. Norberto procede á leitura de um dos capitulos da sua historia da litteratura brazileira.

O Sr. Carvalho e Silva termina a sua memoria sobre a sua viagem ás cachoeiras de Paulo Affonso.

A's 7 e meia horas levanta-se a sessão marcando-se para a ordem do dia seguinte as materias adiadas.

14.ª SESSÃO EM 23 DE NOVEMBRO DE 1855.

Honrada com a Augusta Presença de S. M. o Imperador.

PRESIDIDA PELO EXM.º SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Ás horas do costume achando-se presentes os srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, drs. Macedo e Ferreira Lapa, J. Norberto, Porto-Alegre, J. F. Lisboa, Lagos, Honorio de Figueiredo, Pereira Coruja, Raposo d'Almeida e conego Fernandes Pinheiro, abre-se a sessão e lida a acta da anterior é approvada.

O sr. 1.º secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Officios:

1.º Do sr. ministro do imperio remettendo um exemplar impresso do relatorio apresentado á assembléa provincial do Rio Grande do Norte pelo seu respectivo presidente.

2.º Do mesmo senhor remettendo o relatorio com que o presidente do Rio Grande do Sul abriu a sessão ordinaria da respectiva assembléa.

3.º Idem enviando o relatorio com que o vice-presidente da provincia do Rio Grande do Sul entregou o governo da mesma ao seu presidente o sr. barão de Muritiba.

4.º Idem transmittindo o relatorio apresentado á assembléa provincial de Minas Geraes pelo seu presidente.

5.º Do sr. conselheiro José Paulo de Figueiroa Nabuco de Araujo offerecendo o 7.º volume da sua collecção chronologica systematica da legislação do Brazil, assim como varias obras de legislação e alguns manuscriptos a ella relativos.

6.º Do sr. Ignacio Manoel Alvares d'Azevedo offerecendo um exemplar das obras de seu fallecido filho.

7.º Do sr. dr. Filgueiras offerecendo um exemplar do cathecismo

Brazilico da Doutrina Christãa com o Ritual dos Sacramentos e mais actos parochiaes pelos PP. da Companhia de Jesus.

8.° Do Sr. Carlos Augusto de Sá offerecendo um manuscripto do poema — Villa Rica — por Claudio Manoel da Costa.

9.° Do sr. Eloy Pessoa, bibliothecario da marinha offertando uma collecção da — Revista Maritima. —

10.° Do sr. Manoel Antonio Vital de Oliveira offerecendo um folheto com o titulo—Descripção da Costa do Brazil de Pitimbú a S. Bento, e de todas as barras, portos, rios do litoral da provincia de Pernambuco.

Todas estas offertas são recebidas com o costumado agrado.

Lê-se e fica sobre a mesa o parecer da commissão especial sobre o trabalho geographico, politico e estatistico do sr. Francisco Nunes de Souza.

ORDEM DO DIA.

O sr. Lagos prosegue na leitura da sua analyse a viagem do conde de Castelnau, e o sr. Norberto na de um dos capitulos da sua Historia da Litteratura Brazileira.

A's 7 horas levanta-se a sessão, marcando-se para a ordem do dia seguinte as materias adiadas.

15.ª SESSÃO EM 7 DE DEZEMBRO DE 1855.

Honrada com a Augusta Presença de Sua Magestade Imperial.

PRESIDIDA PELO EX.^{mo} SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's horas do costume, presentes os Srs. visconde de Sapucahy, conselheiro Candido Baptista, Macedo, Norberto de Souza, Porto-Alegre, Figueiredo, Raposo d'Almeida, Miguel Maria Lisboa, Ferreira Lapa, conego Pinheiro, Lagos, e Paula Menezes, abre-se a sessão.

Lida e approvada a acta da antecedente, o Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Officio do Ex.mo Sr. ministro do imperio: 1.º pedindo uma exposição dos trabalhos do Instituto no decurso do corrente anno; 2.º transmittindo um exemplar impresso do relatorio apresentado pelo presidente de Sergipe, Dr. Ignacio Joaquim Barbosa, á assembléa provincial da mesma provincia.

Outro do Sr. Morelli Landolf, remettendo por parte do Sr. Giuseppe Fiorella, professor de archeologia e numismatica de Napoles, a sua publicação em dous volumes — *Analyse* numismatica e narração de varios monumentos gregos e romanos.

Outro do Sr. J. P. Figueirôa Nabuco d'Araujo, enviando novos volumes sobre a legislação do paiz.

Do Sr. André Lamas offerecendo varias obras impressas nas republicas Hispano-Americanas.

Outros do mesmo senhor, offerecendo-se, visto restar-lhe tempo agora, para encarregar-se de qualquer commissão de que o quizesse incumbir o Instituto; e enviando um opusculo seu sobre os negocios da Republica do Uruguay e a generosa intervenção que exerceu o governo do Brazil.

Ainda dous officios mais do Sr. ministro do imperio: um enviando o relatorio do presidente das Alagoas, o Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque, apresentado á assembléa provincial; e outro remettendo apontamentos contendo uma noticia sobre Guido Pokrane, e sobre o francez Guido Thomaz Marlière.

Uma carta do Sr. F. A. de Varnhagen remettendo o 1.º vol. da sua *Historia do Brazil:* enviada á 1.ª commissão de historia para interpôr o seu parecer.

Um officio do Sr. Miguel Maria Lisboa, offerecendo dous exemplares de uma estampa representando a batalha dos Santos-Lugares.

Outra do Sr. Diogo Sturz, remettendo varios impressos e lithographias.

Outro da Imperial Academia de Sciencias de S. Petersburgo, classe physico-mathematicas, remettendo o seu bolletim.

Todas estas offertas foram recebidas com agrado e mandadas archivar.

ORDEM DO DIA.

O Sr. Lagos continúa a leitura de sua analyse á viagem do conde Castelnau pelo Brazil, e terminada a parte que pertencia a Matto-Grosso, é convidado o Sr. J. Norberto a proseguir na leitura da sua historia da litteratura brazileira, começada nas sessões anteriores; finda a leitura do 2.° capitulo do livro 2.°

Levanta-se a sessão, dando-se para ordem do dia da seguinte os mesmos assumptos, de que se havia o Instituto occupado n'esta.

ASSEMBLÉA GERAL DOS SOCIOS EM 24 DE DEZEMBRO DE 1855.

PRESIDENCIA DO EX.^{mo} SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Ás cinco horas da tarde achando-se presente numero legal o Sr. presidente abriu a sessão declarando que ia proceder-se ás eleições na conformidade dos estatutos.

Aberto o escrutinio sahem eleitos:

Presidente: o Sr. visconde de Sapucahy.

1.° *vice-presidente:* o Sr. cons.° Candido Baptista d'Oliveira.

2.° *vice-presidente:* o Sr. Manuel Ferreira Lagos.

3.° *vice-presidente:* o Sr. Manuel d'Araujo Porto-Alegre.

2.° *secretario:* o Sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva.

1.° *supplente:* o Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

2.° *supplente:* o Sr. Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras.

Orador: o Sr. Manuel d'Araujo Porto-Alegre.

Thesoureiro: o Sr. João José de Souza Silva Rio.

Commissão de fundos e de orçamento.

Os Srs.: Conselheiro Emiliano Faustino Lins.

Conselheiro Alexandre Maria de Mariz Sarmento.
Sebastião Ferreira Soares.

Commissão d'estatutos e de redacção.

Os Srs.: Dr. Thomaz Gomes dos Santos.
Dr. José Ribeiro de Souza Fontes.
Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia.

Commissão de revisão de manuscriptos.

Os Srs.: Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.
Dr. Ludgero da Rocha Ferreira Lapa.
Dr. Francisco de Paula Menezes.

1.ª *Commissão de historia.*

Os Srs.: Marquez d'Abrantes.
João Francisco Lisboa.
Visconde de Maranguape.

2.ª *Commissão de historia.*

Os Srs.: Conselheiro Bernardo de Souza Franco.
Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Coronel Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

1.ª *Commissão de geographia.*

Os Srs.: Conselheiro Jeronymo Francisco Coelho.
Conselheiro Antonio Manuel de Mello.
Dr. Ricardo Gomes Jardim.

2.ª *Commissão de geographia.*

Os Srs.: Dr. Guilherme Schüch de Capanema.
Antonio Alvares Pereira Coruja.
Conselheiro Pedro d'Alcantara Bellegarde.

Commissão d'archeologia e ethnographia.

Os Srs.: Conselheiro Antonio Manuel de Mello.

Dr. José Ribeiro de Souza Fontes.
Dr. Francisco Freire Allemão.

Commissão de admissão de socios.

Os Srs.: Manuel Ferreira Lagos.
Dr. Guilherme Schüch de Capanema.
Dr. Candido d'Azeredo Coitinho.

Commissão de pesquiza de manuscriptos e documentos.

Os Srs.: Dr. Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja.
Luiz Antonio de Castro.
Dr. Antonio Ferreira Pinto.

Terminada a eleição o Sr. Ferreira Lagos, pedindo a palavra, fez a leitura do prospecto d'uma nova publicação, que vai encetar, com o titulo de *Bibliotheca Brazileira* ou *collecção d'obras e documentos relativos á historia e a geographia do Brazil*, dedicada, com permissão, a S. M. I. o Sr. D. Pedro II, protector do Instituto. Communica tambem que está tratando da organisação, que já está muito adiantada, d'uma *Bibliographia Brazileira*, ou catalogo de todas as obras sobre o Brazil, impressas desde o seu descubrimento até hoje, tanto na lingua nacional, como nas estrangeiras, trabalho que terá por complemento uma relação dos mappas geographicos existentes ácerca do paiz, e que em tempo opportuno o apresentará ao Instituto.

Não havendo mais nada a tratar o Sr. presidente levantou a sessão.

Assembléa geral dos socios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

SESSÃO ELEITORAL EM 22 DE DEZEMBRO DE 1854.

PRESIDENCIA DO EXM.° SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

A's 5 horas da tarde, presentes os srs. visconde de Sapucahy, Porto-Alegre, Lagos, conego Fernandes Pinheiro, Campos Mello, Rio, J. Norberto, Honorio do Figueiredo, Capanema, Sebastião Ferreira e Paula Menezes, abre-se a sessão. O sr. presidente declara o objecto da reunião da assembléa geral e dá começo aos trabalhos eleitoraes, nomeando para escrutadores aos srs. conego Fernandes Pinheiro e Norberto.

Procede-se á eleição do presidente e colhendo o escrutinio um numero de cedulas igual ao dos socios presentes fica eleito o sr. visconde de Sapucahy com 10 votos, tendo o sr. conselheiro Aureliano 1.

Seguiu-se a eleição dos tres vice-presidentes. Para o 1.° sahiu eleito o sr. conselheiro Aureliano com 10 votos, obtendo o sr. conselheiro Souza Franco 1. Comparecendo o sr. Luiz Antonio de Castro e Ferreira Lapa, e votando-se para 2.° vice-presidente, recolheu o escrutinio 13 cedulas, sendo eleito o sr. Candido Baptista de Oliveira com unanimidade. Para 3.° vice-presidente foi eleito o sr. Ferreira Lagos com 9 votos, obtendo o sr. Souza Franco 3 e o sr. Porto-Alegre 1.

Passando-se a eleger o 1.° secretario obteve o sr. dr. Manoel Joaquim de Macedo a unanimidade de votos, e para 2.° tiveram os srs. Norberto 6, dr. Paula Menezes 6 e o sr. conego Fernandes Pinheiro 1. Dando-se empate entre aquelles dous primeiros, correu segunda vez o escrutinio e foi eleito o dr. Paula Menezes por 6 votos tendo obtido o sr. J. Norberto 5.

Foram votados para 1.° e 2.° secretarios supplentes os srs. dr. Pereira Pinto e conego Fernandes Pinheiro, cada um com 9 votos, alcançando tambem o sr. J. Norberto 3, o sr. Porto-Alegre 1, La-

gos 1, Luiz Antonio de Castro 2, Sebastião 1. Como se desse desigualdade de votos entre os srs. Pereira Pinto e Fernandes Pinheiro, recorreu-se á sorte para escolha do 1.° supplente, e foi por ella designado o sr. conego Fernandes Pinheiro.

Procedendo-se depois á eleição do orador foi o sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre eleito com 12 votos, obtendo o dr. Paula Menezes 1.

Para thesoureiro alcançaram votos os srs. dr. Claudio Luiz da Costa 1, Capanema, Soares 2 e foi eleito o sr. Souza Rio com 9 votos.

Terminada a eleição da mesa administrativa, passou-se á nomeação das commissões permanentes.

Commissão de fundos.—São eleitos os srs. conselheiros Emiliano Faustino Lins com 13 votos, Lisboa Serra 10, Mariz Sarmento 9. Tendo o sr. Campos Mello 3 votos, Soares 2, Capanema 1, Porto-Alegre 1.

Commissão de estatutos e redacção da Revista. — Comparece o sr. conselheiro Mariz; recolhe o escrutinio 14 cedulas, e sahiram eleitos os srs. dr. Thomaz Gomes dos Santos com 14 votos, o sr. Coruja 14 e dr. Souza Fontes 13. O sr. dr. Capanema teve 1 voto.

Commissão de revisão de manuscriptos.—São eleitos os srs. conego Pinheiro com 13 votos, dr. Ferreira Lapa com 13, dr. Perdigão Malheiros 12, obtendo ainda os srs. J. Norberto, Capanema, drs. Honorio de Figueiredo e Lagos 1 voto cada um.

Para a 1.ª commissão de Historia. — Foram eleitos os srs. conselheiros Souza Franco com 13 votos, marquez de Abrantes com 12, J. Norberto com 12, obtendo tambem os srs. Ferreira Soares 2 votos, Carlos Honorio 1 e Castro 1.

Para a 2.ª de Historia.—O sr. dr. Emilio Maia com 14 votos, Peréira da Silva 13, Ferreira Soares 13; tendo tido os srs. Carlos Honorio 1 e Castro 1.

Para a 1.ª commissão de Geographia.—Foram nomeados os srs. conselheiro Pimenta Bueno com 14 votos, visconde de Maranguape 11, Pontes Ribeiro 11; tendo tambem os srs. Galdino Jus-

tiniano da Silva Pimentel 2 votos, Souza Franco 1, e J. Norberto 1.

Para a 2.ª de Geographia. — Os srs. Jeronymo Francisco Coelho com 13 votos, Jardim 9, conselheiro Antonio Manoel de Mello 9, e foram tambem votados os srs. Campos Mello com 3 votos. Honorio de Figueiredo 2, Capanema 2, Soares 1, Porto-Alegre 1 e Norberto 1.

Para a de Ethnographia.—Os srs. Claudio Luiz da Costa 14, dr. Freire 13, Porto-Alegre 13 e os srs. J. Norberto 1 e Capanema 1.

Retira-se o sr. Castro, e seguindo-se a eleição da

Commissão de admissão de socios, foram escolhidos os drs. Capanema com 12 votos, Ferreira Lagos com 10, Azeredo Coutinho 10, tendo o sr. Carlos Honorio 4 votos, Lapa 1, Castro e Paula Menezes 1.

Comparece o sr. Lisboa Serra, e procedendo-se á eleição da

Commissão de pesquizas de manuscriptos; foram eleitos os srs. Nascentes de Azambuja 12, Angelo Thomaz 14, Campos Mello 12. Sendo tambem votados os srs. Serra com 3 votos, Luiz Antonio de Castro 1.

Feita a apuração, e lida a acta da sessão afim de verificar-se sua exactidão, levanta-se a sessão.

Sala das sessões, em 22 de Dezembro de 1854.

DISCURSO

Proferido em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro pelo sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, em consequencia de ter-se retirado por incommodado o seu autor o sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre, ao dar-se á sepultura o cadaver do socio honorario o sr. Manoel Alves Branco, visconde de Caravellas.

O Brazileiro que professa a religião da moral e do patriotismo não póde ver este funeral sem derramar uma lagrima de amor, saudade, respeito e admiração.

Vão desapparecer os restos mortaes de Manoel Alves Branco, visconde de Caravellas, conselheiro de estado, senador do imperio e uma das intelligencias mais probas e mais illustradas da nossa epocha.

Cheio do respeito de seus contemporaneos desce á sepultura o cidadão completo, o conselheiro leal, o magistrado recto, o estadista e o litterato, o amigo da mocidade, o pai estremoso, o marido exemplar, e o amigo constante e desvelado. O seu nome foi, como o nome de Martim Francisco, de Paula Souza e de outros varios memoraveis, honra e gloria da nossa idade, que deixaram um nome puro, uma vida exemplar, e, como terrivel testemunho de tantas virtudes, essa pobreza admiravel que os edifica e os recommenda á posteridade.

O cidadão que agora deploramos foi uma poderosa dualidade favorecida com as harmonias do engenho e com a sciencia da administração; a força occulta e mysteriosa que se manifestára com tanto brilho e superioridade no poeta foi sempre a mesma que rutilou na tribuna, no gabinete e na pratica; o poeta e o estadista se norteavam pela estrella do amor da patria. Sectario dos grandes principios constitucionaes d'essa tolerancia de opiniões consentanea com a ordem publica e com a paz interna, inimigo das perseguições systematicas e do exclusivismo, em toda a sua carreira publica no ministerio e no parlamento só conheceu a probidade e o talento, a

fraternidade nos Brazileiros, a moderação na pratica, o perdão para os arrependidos, e a amnistia para os dissidentes. Alma generosa, nunca perseguiu o vencido nem conculcou o moribundo : o anno de 1842 pertence á historia.

Nas epochas que atravessou, nas opiniões que combateu, nos actos que annulou, foi sempre o mesmo homem, a mesma grande individualidade. Apostolo do progresso e da economia, viveu e falleceu circumdado dessa atmosphera sagrada que protege o homem justo, e o torna sempre venerado de todas as parcialidades politicas que os tempos vão formando, agrupando, confundindo, annullando e revivendo.

Não deixa á sua numerosa familia palacios, nem dominios, nem ouro que se multiplica, mas deixa-lhe o honroso direito de poder pedir aos poderes do estado um pão para alimentar-se, uma diminuta parcella d'aquellas riquezas nacionaes para as quaes elle tanto concorreu como estadista e financeiro que era, como Brazileiro que foi.

Tal foi o homem que o Brazil perdeu, que a sociedade chora, e que o Instituto Historico nos manda acompanhar ao seu ultimo jazigo.

Que a terra lhe seja leve e a patria agradecida.

DISCURSO

Escripto e proferido em nome do Instituto Historico e Geographico Brasileiro pelo sr. Joaquim Norberto de Souza Silva por occasião de dar-se á sepultura o cadaver do vice-presidente o sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, visconde de Sepetiba.

A trombeta do anjo da morte repercute nos valles e nas montanhas da terra da Cruz.

Ao hymno da independencia, que ainda ha pouco acordava o brado victorioso do Ypiranga, succedeu o canto das preces; trajam luto as paredes dos templos que se cobriam das galas nacionaes, e a tristeza assoma nas faces em que se divisava o riso! Por toda a parte o pranto! Por toda a parte a dôr!

D'entre as lagrimas e soluços; do meio das vozes que murmuram labios dilacerados pela saudade, não escutais um nome que se leva acima de todos esses nomes que baixam hoje ao nada do sepulchro?

Ah! já não existe o illustre Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, o distincto visconde de Sepetiba!

Sua alma já penetrou os umbraes da eternidade, e o seu nome desde este momento solemne pertence ás paginas da historia. E como radiante, puro e sublime não surge agora para posteridade que começa! Em vão a imprensa desregrada, esquecida de sua missão bella, sublime e grandiosa, como o proprio pensamento de Guttenberg; em vão a celeuma dos partidos contrarios, accesos de paixões mesquinhas e tão pequenas se debatendo no seio da grandeza da patria, pretendêram manchar uma reputação que todos os dias se sublimava, que todos os dias avultava com o engrandecimento da patria que elle promovia.

Ministro da justiça em tempos de provações, quando o carro da revolução não havia ainda parado sobre o seu plano inclinado; ministro dos negocios estrangeiros, quando o horizonte da

patria se ampliava aos primeiros raios da aurora da maioridade, elle mostrou-se acima de si mesmo, e prestou serviços que longo fôra enumerar. O odio dos partidos negava-lhe então essa capacidade que para os publicos negocios lhe imprimira a natureza em seu genio, mas a fama de seus serviços e talentos passando o Atlantico o mostravam no velho mundo tal qual elle renasce neste momento para a posteridade, e as honras concedidas pelos monarchas estrangeiros vinham adoçar a aridez de sua estrada escabrosa, como flôres semeadas sobre os espinhos espargidos por mãos inimigas.

Deputado, e depois escolhido da lista triplice da eleição da provincia das Alagôas para representa-la no senado, o estadista distincto sempre se houve circumspecto, não tendo outro norte mais do que o bem do paiz que o viu nascer, mais do que o engrandecimento e a prosperidade da patria, que não é um mytho vão na crença brazileira.

Gigante do porvir, no meio das lutas dos partidos, elle antecipou os melhoramentos materiaes do nosso paiz e fundou bellas e uteis instituições. Os orphãos da nação, esses filhos e viuvas dos servidores do Estado, lhe devem o pão quotidiano e o amparo, nesse monte-pio, que como um anjo de piedade abre suas azas douradas para proteger a infancia e a viuvez desvalida.

Presidente d'esta provincia, proseguiu na série de melhoramentos que haviam emprehendido seus antecessores, e bem depressa o homem creador e incansavel tornou-se notavel pelo seus passos agigantados tirando-se da senda batida. A nova estrada da serra da Estrella como uma serpente sinuosa elevou-se soberbamente desde a raiz até o pincaro da altiva cordilheira, que submissa dobrou o seu collo. Então uma cidade pittoresca surgiu como por encanto do meio das florestas, com seus canaes bordando largas e magnificas ruas, e realisando o sonho da poesia!

A emigração européa mereceu-lhe os maiores cuidados muito antes que o trafico africano fosse detido pelo pavilhão auri-verde em sua iniqua propaganda, que tinha por fim converter a nossa terra em uma nova Africa, e o colono de Westphalia, da Rhena-

nia, da Simeria, de Baden encontrou em Petropolis o que nunca sonhára possuir em seu ninho paterno, e estranhando pela belleza e explendor da natureza esses quarteirões que possuem as denominações de seus condados de além-mar, abençoava no meio das préces de sua familia, sob o tecto da cabana hospitaleira, o nome de Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.

A morte o colheu n'esta capital, que elle escolhêra para sua residencia, quando redobrava de ardor pelos seus estudos particulares e favoritos, e fruia esse gozo ineffavel que só se encontra no seio de uma familia nobre, honesta, cuja virtude está acima de todo o elogio.

No impedimento do orador do Instituto Historico Brazileiro, cuja voz eloquente sinto não ouvir repercutir sob estas abobadas tecendo-lhe o merecido encomio, venho eu, o mais desconhecido dos seus socios, ao lado de meus amigos e collegas, que me deixaram tão triste dever, espargir-lhe estas flôres e dizer-lhe o adeos eterno.

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL.

3.ª SERIE. — SUPPLEMENTO AO TOMO XVIII. — 1855.

SESSÃO PUBLICA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico do Brazil

No dia 15 de Dezembro de 1855.

DISCURSO

DO PRESIDENTE O EX.mo SR. VISCONDE DE SAPUCAHY.

Annunciando-vos a solemne commemoração do dia em que foi regenerado o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tenho, srs., completa satisfação em patentear, inda uma vez, perante auditorio tão conspicuo e benevolo, que a S. M. o Imperador, seu immediato protector, deve elle tudo quanto é — a vida e o progresso.

Mais um anno de existencia conta o nosso Instituto. Mais um anno de esforços no desempenho dos arduos deveres da associação vai ajuntar-se aos já engolphados no abysmo do passado.

E esse anno de existencia, esse anno de esforços não foi esteril, não será esquecido.

O relatorio do digno e illustrado 1.º Secretario fará conhecer circumstanciadamente o estado da sociedade, o fructo da applicação dos talentos de nossos consocios. Vereis que, longe de retrogradarmos, avançamos com prudente passo na vereda dos melhoramentos.

Escriptos franqueados ao publico na Revista Trimensal, escriptos que aguardam a vez de verem a luz, escriptos de longo e im-

probo trabalho, cuja leitura não foi ainda terminada em nossas sessões ordinarias, exhibem prova incontestavel da capacidade e estudo de seus distinctos e diligentes autores.

Em breve, srs., a Revista offerecerá á vossa estudiosa curiosidade erudita e engenhosa analyse da viagem do conde de Castelnau, d'essa viagem inçada de inexactidões, crespa de erros e frequentemente adversaria da verdade nas cousas da nossa terra. Em breve lereis em florido e castigado estylo a variada historia da poesia, quiçá da litteratura nacional. Os illustres socios que de taes tarefas se oneraram são de vós conhecidos vantajosamente por importantes lucubrações que os tem constituido benemeritos do Instituto e das letras brazileiras.

Comquanto os poderes do estado continuem a auxiliar-nos patrioticamente, o subsidio votado no orçamento do imperio fica ainda áquem do que havemos mister para bem attingir-se o nosso fim social. Não estamos habilitados com as sommas precisas para dar ao prélo alguns dos bons manuscriptos que enriquecem nosso archivo, nem para reimprimir obras de merecimento, já raras, concernentes a nossa historia e geographia.

Não desmaiemos porém, dignos consocios, ahi está a mão poderosa e munificente que nos elevou á eminencia que occupamos: ella não cansa de dispensar beneficios. Esforcemo-nos por merecê-los, que nada faltará ao credito do Instituto, e contribuiremos efficazmente para a gloria da patria.

Resta, srs., manifestar ao nosso protector magnanimo o profundo reconhecimento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro pela mercê, que ora lhe outorga, de assistir com S. M. a Imperatriz a esta solemnidade. Cumpro gostoso esse dever sagrado, rendendo, Sr., a V. M. I. innumeras graças em nome do Instituto.

E a vós, Sra., que poderei eu dignamente dizer? Na presença augusta e sempre desejada de V. M. I. sentem os Brazileiros dilatarem-se-lhes os corações de ineffavel jubilo. E que muito, Sra.? si elles tem ante os olhos sua mãi bemfazeja e adorada!

RELATORIO

DO PRIMEIRO SECRETARIO O DR. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO.

Voltar os olhos para a estrada decorrida, renovar o passado com o poder resuscitador, que tem a alma na faculdade que lembra, é um tormento profundo do coração que attribula o peregrino da vida humana, quando elle, tendo-se perdido nos desvios dos erros, ou cahido no abysmo do crime, trouxe da trabalhosa viagem um amargo arrependimento, e experimenta o primeiro castigo de Deos na voz terrivel do remorso, que incessante lhe brada na consciencia. É tambem um sacrificio que pesa e mortifica as associações litterarias, que, enervadas pela inercia, adormecidas pela indifferença, desconceituadas por sua esterilidade, recuam tremulas e vergonhosas ante o juizo dos contemporaneos, que as observam, e têem medo de confessar que estragaram o thesouro do tempo, e que do seu seio infecundo como a indolencia, gelado como o egoismo, arido como a descrença, não sahiu um só fructo, que as fizesse merecer os applausos e as bençãos da patria; vestaes que deixaram extinguir-se o fogo sagrado, quando sôa a hora em que devem apresentar-se a seus juizes, fogem, e procuram esconder-se nos recantos escuros do tempo, e preferem as trevas á luz.

É então que para o peregrino que transviou-se, esquecendo o caminho da virtude, que, para as associações que nada produziram em proveito da humanidade, transforma-se a memoria em um algoz, que tortura, forjando, com as recordações que suscita, uma corôa de espinhos.

Mas quando lembranças de nobres ou gloriosos feitos vem suavemente deslisando-se pela alma, como as aguas limpidas de um ribeiro formoso, que corre por entre duas margens alcatifadas de flôres, quando as ideias do passado chegam doces e enlevadoras, como as deleitosas harmonias de um canto, que ao longe se entôa, e fazem sorrir o homem justo, que levanta sem terror os olhos para

Deos, e póde entrever o céo, porque não lhe tolhe a vista a nuvem negra e densa dos remorsos, que paira entre os crimes da terra e os gozos puros da eternidade; quando uma associação litteraria, arfando de fadiga, toca o marco de suas lidas annuaes, e sabe que na exhibição de seus trabalhos dará evidentes e irrecusaveis testemunhos do desvelo com que procurou desempenhar a tarefa, que sobre seus hombros tomára, então as lembranças do passado não são mais atribulações que atormentam, nem um peso que anóia; a memoria deixa de ser algoz, e transforma-se em uma fada encantadora, e em vez de forjar uma corôa de espinhos, offerece uma corôa de gloria.

Ainda um novo e feliz exemplo vem hoje pôr em relevo a verdade d'essa tão simples observação: recebido com honras preclaras nas salas imperiaes, o Instituto Historico e Geographico do Brazil saúda com ardente effusão de jubilo o dia de seu anniversario, e, celebrando uma festa de lettras, apresenta em publica e sincera exposição o quadro de seus trabalhos no anno de 1855, e na doce recordação dos serviços que prestou á historia patria encontra o justo premio de suas fadigas.

Mas antes mesmo de provar com a riqueza da messe o zelo dos cultivadores, o Instituto Historico e Geographico do Brazil póde estentar previamente, na importancia elevada de que goza, e no vivo interesse que inspira, a demonstração irrefragavel do esmero nunca desmentido, com que tem-se empenhado por cumprir a difficil e espinhosa missão de que se encarregou.

Com effeito, tanto no seio da patria, como no resto do mundo de Colombo, e como ainda nas mais civilisadas nações, que demoram além do atlantico, o nosso Instituto se honra de ter merecido e de continuar a merecer solemnes distincções, que se não barateam jámais, e que antes com empenho se apuram para realçar as grandes e sabias academias do mundo litterario.

No gremio patrio o Instituto Historico e Geographico do Brazil se desvanece e gloria de ter por primeiro socio o primeiro cidadão do Brazil: é um nobre apostolado que conta por mestre o imperador: não desceria a magestade do alto de seu throno para chegar até elle,

para recebê-lo como hospede querido debaixo dos regios tectos, para adopta-lo como filho, cujos passos vigia, cuja vida anima e sustenta, cujo futuro prepara e engrandece, si por ventura a nossa associação não se mostrasse de alguma sorte digna de sua generosa e magnanima protecção.

E ainda mais, dignando-se de tomar parte em nossos arduos trabalhos, fazendo de seu palacio o templo augusto, em que se solemnisa a nossa festa anniversaria, o imperador faz reflectir os raios luminosos de sua corôa sobre esta instituição litteraria, que tomando a peito colligir, methodisar e publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e á geographia do imperio, e á archeologia, ethnographia e linguas de seus indigenas, estabelece esse laço de unidade e de continuidade entre o nosso ser de hontem e o nosso ser de hoje, segundo a phrase do sr. Lamartine, prepara o elo magico que deve unir a actualidade á posteridade, e concorre com os futuros historiadores, para quem enthesoura os mais preciosos elementos, no exercicio d'essa alta magistratura politica, que, na opinião de Courcelle Senevil, assumem aquelles que escrevem a historia de uma nação.

E para que finalmente tudo concorresse a accender o enthusiasmo em nossos corações, ao lado de nosso augusto protector vemos sempre a nossa magnanima imperatriz, que, desvelada tambem pelo Instituto Historico e Geographico do Brazil, não deixa uma só vez de vir tornar mais bella e graciosa a solemnidade de seu anniversario.

Os grandes poderes do estado vão de anno em anno tornando mais salientes e ostensivas as provas do elevado apreço que fazem do Instituto, e as mais bem fundadas esperanças, que depositam em suas investigações e nos seus estudos, esperanças que não podem ser senão o resultado dos fructos que o paiz já tem colhido das nossas porfiadas lucubrações.

Os ex.mos ministros de S. Magestade, bem como todos os presidentes das provincias do imperio têem incessante e notavelmente obsequiado o instituto não só com a mais prompta satisfação de todos os seus pedidos, mas ainda com a remessa de obras, manuscriptos e

documentos todos mais ou menos interessantes á historia patria, e que vão enriquecendo e dobrando de valor o nosso archivo e a nossa bibliotheca.

Especialmente o ex.mo sr. ministro e secretario de estado dos negocios do imperio, como aquelle a cuja repartição se acha ligado o Instituto, continuou este anno a assignalar-se para comnosco com uma solicitude esmerada, que desafia toda a gratidão da nossa parte: em suas relações com sua excellencia a nossa associação encontrou-o sempre activo e obsequioso, dando todas as providencias, tomando todas as medidas propostas e requeridas com um esmero e uma diligencia, que não podiam dispensar um agradecimento.

O corpo legislativo, comprehendendo em sua sabedoria a missão importante de que nos achamos incumbidos, e querendo habilitar-nos com todos os meios para mais facil e cabalmente desempenha-la, elevou o subsidio com que nos auxiliam os cofres do estado, quebrando assim com possante mão essa barreira material, que obstava um mais rapido desenvolvimento e progresso da nossa associação, sopeando-lhe ás vezes a marcha.

As sympathias e a razão esclarecida do povo respondem como um echo á protecção com que S. Magestade nos exalta e ás demonstrações de interesse, com que nos acoroçoam os poderes do estado; e podemos dizer que é chegada a época em que o Instituto é abençoado por todos os brazileiros, que n'elle honram o sacrario veneravel, onde se recolhem os feitos do passado, e onde se guarda religiosamente o livro d'ouro, em que se registram os grandes acontecimentos da nossa idade, para ser deixado como um precioso legado ás gerações futuras.

Emquanto dentro do imperio uma graça imperial nos alenta, como o sol que desenvolve e robustece a arvore, que apenas desata seus primeiros ramos e o governo do estado, e todos os cidadãos nos encorajam e applaudem, de todo o mundo civilisado tem partido saudações, que, primeiro apanhando ainda no berço o nosso Instituto, cahiram sobre elle como flôres ou hymnos genethliacos, e depois, sempre continuando até hoje, são como laços de pura fra-

ternidade que ligam estreitamente a nossa associação com as mais sabias e famosas academias do mundo.

O nome do Instituto sôa com louvor e honra no novo e no velho mundo, e das margens do Potomak como das praias do atlantico em New-York, e das margens do Manzanares e do Tejo, do Sena e do Tamisa, do Iser e do Danubio, do Sprée e do Neva, e das praias do Mediterraneo e do Baltico, de Washington e de New-York, de Napoles, de Marselha e de Paris, de Lisboa, de Madrid, de Londres, de Copenhague, de Berlim, de Baviera, de Vienna d'Austria, de S. Petersburgo e de Christiania, as mais celebres e illustres sociedades nos estendem as mãos e saudam com espansão e confiança o seu irmão do imperio diamantino.

O nosso Instituto cultivando sollicito relações, que a sciencia santifica, e cujos laços são cada vez mais apertados pela identidade ou similitude dos fins a que se consagram todas as sociedades litterarias e scientificas, cumpre um dever por certo bem agradavel.

Até aqui signaes manifestos e honrosos de uma estimação sempre crescente e elevada abonam de antemão o Instituto Historico e Geographico do Brazil: bosquejando agora a historia da sua vida no anno social de 1855, veremos como ella vem felizmente sanccionar aquelle previo e favoravel juizo.

O Instituto Historico e Geographico do Brazil, no correr do anno que vai acabar, desveiou-se, como nos precedentes, no fiel e exacto cumprimento dos preceitos dos seus estatutos, e o fez com tanto maior cuidado, quanto reconhece que essas regras a que se cingiu são pharóes accesos pelos conselhos da experiencia que o devem mais segura e facilmente dirigir pela estrada do progresso.

Mas ha preceitos, que se podem chamar inapreciaveis gozos: ha votos, que a natureza e um affecto ardente fazem partir espontaneamente do coração, e que a religião e a moral ainda assim recommendam como deveres: a natureza impelle um filho a amar seus pais, esse amor é uma flôr do coração e uma delicia da alma, e entretanto a religião e a moral estabelecem o dever do amor filial: com o Instituto succede que a sua lei lhe recommenda que uma commissão

do seu seio faça ouvir a voz do reconhecimento e da fidelidade perante o throno augusto de S. M. Imperial nos dias faustosos da patria; sobresahe pois o esmero e a ufania com que o Instituto desempenha esta sagrada e ao mesmo tempo inapreciavel disposição da sua lei.

Nossas sessões ordinarias foram celebradas com a mais exemplar regularidade durante o curso de todo anno social, e constantemente se fizeram recommendaveis pela apresentação e leitura de trabalhos de um merito incontestavel. Cumpre não olvidar que esta pontualidade nem uma só vez interrompida torna-se tanto mais digna de attenção, quanto é de todos sabido que tivemos de atravessar tres longos mezes de afflictiva provação, e de ir por diante com a nossa tarefa, entregando-nos a afadigosos estudos no meio dos gemidos da população, e em uma época tormentosa, em que o dia de amanhãa era mais que nunca duvidoso e problematico.

O tremendo flagello da Asia, que ainda não ha muito um poeta, personificando-o em uma personagem biblica, pintou-o estendendo debalde os braços para a America, pois que não podia vencer de um salto o estreito de Bhering, arrojou-se atravez do atlantico, que elle perlustrou, como havia perlustrado o mar das Indias e o mediterraneo, e chegou finalmente até nós: a capital do imperio foi invadida pelo fatal inimigo, e nós tivemos de encarar face a face essa horrorosa peste.

Em taes circumstancias não nos foi inspirada a firmeza por aquelle fatalismo musulmano, que fazia com que os vizires ottomanos esperassem impavidos e immoveis, e offerecessem o pescoço ao cordão da morte imposta pela vontade despotica do sultão: a fé em Deus nos accendeu a coragem, a razão nos deu a placidez do espirito, e a mais sublime lição nos veiu engrandecer na violencia da adversidade.

A capital do imperio testemunhou um facto, que ha de ser consignado na historia.

S. M. o Imperador não quiz abandonar a sua capital no momento supremo. Elle, o homem necessario, aquelle que tinha o direito de recuar ante o aspecto sinistro da morte; porque com elle se acha identificado o futuro brilhante do paiz, e é d'elle principalmente

que depende a grandeza, a prosperidade, o progresso do Brazil; e porque é elle a nossa mais segura garantia de estabilidade, de ordem e de liberdade; S. Magestade, em vez de retirar-se, para não se expôr ao impeto da epidemia, lembrou-se que a porta por onde sahisse da misera cidade poderia ficar aberta e dar ingresso ao terror; e então, para que seus subditos vissem partir do apogeo da esphera social o exemplo da resignação e da coragem, permaneceu no centro de sua capital, no meio da peste, que ceifava centenares de vidas, conservou-se no seu palacio, situado em um dos bairros mais dizimados pela epidemia, partilhando igualmente com o seu povo os serios perigos da situação.

O flagello não escolhia as victimas que devia derribar; e o anjo da morte não via nas portas das casas dos escolhidos de Deos, a quem cumpria poupar, o signal de sangue do cordeiro, que no Egypto salvou os filhos de Israel.

Entretanto o Imperador levou adiante a sua immensa dedicação: desceu do throno e entrou nesses piedosos asylos, onde se adivinhava a dôr e o soffrimento na horrivel decomposição dos traços physionomicos e nos pungentes gemidos arrancados do coração de miseros doentes; visitou os hospitaes, e pôz-se em contacto com os cholericos, renovando o feito do grande homem do seculo, que em Jaffa tocára com suas mãos os corpos infectos dos empestados para extinguir assim o terror, que abatia um exercito victorioso, e ensinar-lhe a triumphar tambem da peste pelo facto de arrosta-la e não temê-la.

E depois de tão bellos feitos, placido e sereno, o Imperador vinha entregar-se aos estudos da historia e da geographia patria, calmo e tranquillo, como o sabio mathematico de Syracusa, que resolvia problemas ao ruido sinistro das batalhas e ao fragor do assalto impetuoso de uma cidade.

Com as lições de tal mestre era impossivel que arrefecesse o ardor dos membros do Instituto: elles pois souberam proseguir em seus trabalhos, e a despeito das dolorosas e excepcionaes circunstancias

em que se viu a capital do imperio, o Instituto (como ficou dito) nem uma só vez deixou de celebrar suas sessões ordinarias.

A nossa — Revista Trimensal — continúa a ser publicada com regularidade e a recommendar-se sempre pela excellencia dos valiosos manuscriptos e documentos, que arranca do olvido e põe acima do poder destruidor do tempo, que aliás por certo devorára muitas e bem importantes memorias de alguns curiosos dos tres primeiros seculos que succederam á descoberta de Cabral, e que, a não se haverem extraviado ou consumido, esclareceriam talvez hoje alguns dos pontos obscuros da nossa historia. O Instituto se ufana além d'isto de vêr enriquecendo tambem o seu periodico os fructos preciosos das vigilias de muitos de seus membros. A imprensa, eternisando e vulgarisando essas obras e (servindo-nos aqui do pensamento de um dos mais brilhantes e eloquentes escriptores da França) a palavra escripta, tornando-se eterna e universal pela sua perpetuidade e transmissibilidade, podendo-se conservar sempre e ouvir por toda a parte, cria na nossa Revista um thesouro de preço inestimavel, que será proveitosamente explorado pelos Tacitos e Xenophontes da posteridade.

O estado financeiro do Instituto se apresenta sob um aspecto lisonjeiro e animador: por um lado, devemos ao patriotismo do corpo legislativo e ao concurso manifesto do governo imperial o augmento de mais um terço no subsidio que nos presta o estado; e por outro, á actividade do nosso digno thesoureiro, na collecta da nossa receita, proveniente dos joias e mensalidades dos socios, nos tem habilitado para acudir sem vexame a todas as nossas despezas, que aliás uma economia desvelada, mas de nenhum modo acanhadora e inconsequente, sabe conservar d'entro dos mais justos limites. Esta prosperidade financial nos vai abrir espaço para corresponder-mos a tanta solicitude com a publicação e propagação de escriptos importantes relativos á historia patria e independentes da nossa Revista.

O quadro dos nossos socios correspondentes foi no anno de 1855 realçado com quatro nomes respeitaveis e prestigiosos, que nelle

se vieram inscrever. Cumpre lembra-los apenas, porque a estreiteza de um resumido relatorio não comporta uma apreciação sufficiente dos serviços que prestaram ao Instituto alguns dos notaveis varões, que foram recebidos no seu gremio, ao mesmo tempo que em lugar competente proporcionar-se-ha o ensejo de assignalar o merecimento da Memoria com que um d'elles soube apadrinhar a sua candidatura.

Esses nossos novos collegas são os senhores conego Joaquim Pinto de Campos, deputado pela provincia de Pernambuco na actual legislatura, e orador sagrado de reputação não contestada: conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, cuja illustração é por todos reconhecida, e que se ha tornado dignamente recommendavel ao Instituto pela dedicação de que lhe tem dado sobejas provas durante todo o exercicio do cargo de ministro do imperio: doutor João Francisco Lisboa, o autor do — Jornal do Timon — escriptor eloquente e correcto, de estylo apurado e attico, de observação fina e profunda e grande conhecedor da historia patria, e especialmente na parte relativa á provincia do Maranhão, seu berço natal; e o Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras emfim, joven de talento brilhante e rico de esperanças de futuro.

Tão notaveis e preciosas acquisições são promissoras de ricas offrendas de intelligencia, que hão de por certo ser trazidas ao altar da sciencia.

Bem como por um céu bonançoso e risonho passa ás vezes uma nuvem negra, que rouba por momentos á terra o brilhantismo dos raios do astro do dia, vem agora uma triste lembrança toldar o prazer, com que contemplavamos a prosperidade e o progressivo desenvolvimento do Instituto.

Soffremos este anno perdas lastimosas e grandes. A morte riscou da lista dos membros do Instituto nomes de homens prestimosos e eminentes, cuja recordação será sempre cara ao mundo que elles illustraram e ao paiz, de que foram tão benemeritos filhos: entre elles avulta na Europa o nome de João Baptista de Almeida Garrett, o primeiro poeta portuguez do nosso seculo, e no Brazil o do vis-

conde de Caravellas e o de Sepetiba, que era o nosso primeiro vice-presidente: nobres caracteres politicos, anciões venerandos, encanecidos no serviço da patria.

Em bem da memoria gloriosa de tão preclaros varões, não é á voz debil e ao espirito fraco e desalentado do actual secretario do Instituto que está confiado o elogio imparcial e justo dos nossos irmãos de lettras, que passaram á eternidade: d'aqui a pouco elle se fará ouvir partindo da bocca do nosso distincto orador, e d'esse elogio se poderá dizer sem duvida que é *o mais esplendido sepulcro*, como disseram os ottomanos da ode funebre de Abdoul-Baki feita ao sultão Solimão.

Entrando agora na resenha das obras, manuscriptos, mappas e documentos, que vieram, como pingues tributos, engrossar o archivo e a bibliotheca do Instituto, bem como dos trabalhos que este anno foram devidos ás lucubrações dos nossos socios, pouparemos a paciencia do illustrado auditorio, enumerando apenas os mais notaveis e salientes; reservando a sua enumeração exácta e completa para os quadros que annexos acompanham este relatorio.

A materia é arida e fatigante; dura, porém, aspera e monotona é tambem a lida continuada e longa do lavrador, que abre as entranhas da terra, que a fecunda com o trabalho, que semêa e espera um anno pela desejada e duvidosa messe; mas depois a planta desabrocha, o arbustinho cresce, as flôres corôão numerosos ramos, e os fructos pendem das hastes graciosas.

Entre os mappas que nos foram benignamente offerecidas cumpre mencionar: 1.°, uma planta hydrographica da bahia do Rio de Janeiro levantada em 1810 por uma commissão de officiaes da armada, e novamente correcta e augmentada pelo Dr. Joaquim Raymundo de Lamare, capitão-tenente da armada imperial, em 1847: 2.°, uma carta corographica da provincia de Santa Catharina, contendo as divisões territoriaes e judiciaes, as distancias das cabeças dos municipios á capital da provincia, a superficie quadrada de cada um dos municipios e uma estatistica da população; pelo 1.° tenente de engenheiros o Sr. João de Souza Mello e Alvim: 3.°,

uma carta da provincia do Espirito Sancto, organisada segundo os trabalhos de Freycinet, Spix e Martius e Silva Pontes; pelo capitão de engenheiros o Sr. Torquato Xavier de Brito, 1844: 4.°, uma carta da provincia do Rio de Janeiro; 1850: 5.°, uma planta corographica do lugar das Caldas do Sul do rio Cubatão e seus arredores, levantada em 1841, e desenhada pelo major do imperial corpo de engenheiros o Sr. Miguel de Frias e Vasconcellos: 6.°, um mappa topographico da villa de S. Gabriel com seus arredores e fortificações, traçado, levantado e desenhado pelo major do imperial corpo de engenheiros o Sr. Miguel de Frias e Vasconcellos, sendo a fortificação pelo mesmo projectada e começada em 1843. Ao obsequioso cuidado do ministerio da guerra devemos estes mappas, cartas e plantas, que sobremaneira interessam ao Instituto, pois que dizem respeito ás aguas e ao solo, e a uma importante villa do imperio.

Pelo Ex.mo presidente da provincia do Rio de Janeiro nos foi tambem offertada a planta da imperial cidade de Nictheroy, cuidadosamente levantada no anno de 1854, em que SS. Magestades Imperiaes se dignaram visitar a mesma cidade.

O nosso distincto consocio o Sr. Miguel Maria Lisboa fez presente ao Instituto de um curioso desenho, representando a batalha dos Santos Lugares: a recordação de uma batalha, em que tão galhardamente se assignalaram os nossos bravos, ha de ser sempre deleitosa e grata a todos os corações brazileiros. Nos campos de Moron os guerreiros do imperio conquistaram virentes louros antes e depois da victoria; porque no fervor da luta nossas legiões illustraram-se pelo seu valor, e logo após o triumpho distinguiram-se por sentimentos de humanidade dignos do valente exercito de uma nação civilisada.

Uma escolhida collecção de apreciaveis manuscriptos e documentos importantes veio no anno de 1855 archivar-se no Instituto e proporcionar succulenta nutrição á nossa Revista Trimensal.

Sua Magestade o Imperador, em cuja benignidade e alta protecção, encontramos sempre uma fonte inexgotavel e cada vez mais

opulenta, honrou o Instituto Historico e Geographico do Brazil com tres manuscriptos interessantissimos e de extremado valor: são os dous primeiros as copias do foral da capitania da Bahia e cidade de S. Salvador—Evora—26 de Agosto de 1534; e do regimento dado a Antonio Cardoso de Barros, cavalleiro-fidalgo da casa real de El-Rei, como procurador-mór da fazenda, que primeiro foi do Brazil: Almeirim, 17 de Outubro de 1548: sobrariam as datas e os titulos d'estes dous tão antigos, como importantes documentos para excitar a mais amortecida curiosidade, e a sua leitura vem ainda dobrar-lhes a estimação, pois que de prompto se reconhece que derramam ambos grande copia de luz sobre o regimen administrativo do Brazil colonial, não podendo portanto deixar de ser consultados por todos aquelles que se occupam da historia. Não é menos insigne e precioso o terceiro manuscripto, que devemos a mão tão graciosa: intitula se elle — Livro que dá a razão do estado do Brazil — enriquecido de numerosos mappas coloridos: parece um trabalho executado na primeira ametade do seculo decimo setimo, e contém curiosas noções geographicas e estudos topographicos e administrativos sobre as diversas capitanias estabelecidas no Brazil, sendo illustrada a descripção de cada uma d'essas capitanias com mappas coloridos, que são de um soccorro estimavel para a completa apreciação do texto. O livro que dá a razão do estado do Brazil é um verdadeiro thesouro do passado.

S. Ex.ª o Sr. ministro do imperio mimoseou-nos com uma copia da Descripção da Viagem feita desde o Rio Negro pelo rio do mesmo nome até a serra do Cocui, por Hilario Maximiano Antunes Gorjão, major de artilheria e bacharel em mathematicas, 1855: é um trabalho que se recommenda muito pela clareza da exposição e pelos curiosos detalhes que encerra sobre localidades, ainda mal exploradas e não bastantemente conhecidas. A viagem, pesquizas e investigações dos nossos admiraveis rios, e dos desertos e do interior de alguma de nossas provincias são as chaves magicas, que nos devem abrir a porta de um futuro magestoso, ou a luz que nos guiará pelo caminho de uma immensa prosperidade.

Ainda pelo mesmo Ex.mo ministro do imperio foram trazidas por copia ao seio do Instituto os seguintes aproveitaveis trabalhos: 1.º, o roteiro da Viagem do Brilhante na provincia de Matto Grosso ao porto do Tibagy na do Paraná, por Antonio Monteiro de Mendonça: 2.º, Informação do alferes Manoel Theotonio Ribeiro, encarregado das obras do Varadouro, entre o rio Brilhante e o Anhac, na qual se ratifica o roteiro precedentemente nomeado: 3.º, A immigração dos Cayuás: narração coordenada sobre apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliot, por José Joaquim Machado d'Oliveira: 4.º, Razão em que se fundou o presidente da provincia de S. Paulo para denegar-se á reclamação que em 1844 lhe fizera o presidente da provincia de Santa Catharina sobre o inculcado direito que tem esta ao Campo de Palmas na comarca de Coritiba, hoje provincia do Paraná, por José Joaquim Machado d'Oliveira.

Todas estas memorias contém noções e esclarecimentos de incontestavel utilidade, e poderão opportunamente servir para aclarar pontos duvidosos ou facilitar novas e mais completas investigações, mostrando a vereda já trilhada.

O sermão de acção de graças prégado na igreja de Nossa Senhora da Conceição do Hospicio em 18 de Agosto de 1782 pela conversão que fez para a fé catholica o marechal Henrique Bohm, e que nos foi offerecido tambem pelo mesmo Ex.mo ministro do imperio, é uma luminosa explicação de um periodo doloroso, mas de feliz resultado da vida d'esse homem, e será lido com manifesto proveito, por quem tomar o empenho de escrever a biographia do distincto general que no fim do seculo passado expelliu os hespanhóes do nosso territorio, illustrando com brilhante victoria os campos do Rio Grande do Sul.

Da parte do Ex.mo Sr. conselheiro José Maria da Silva Paranhos recebeu o Instituto uma copia das Instrucções que em 29 de Outubro de 1797 foram dadas por D. Rodrigo de Souza Coutinho a Fernando Delgado Freire de Castilho, que acabava de ser nomeado para o governo da Parahyba: documentos d'este genero regorgitam sempre de importancia, porque d'elles transpira o pensamento im-

timo do governo da época, e não poucas vezes resumem em breves paginas a historia de acontecimentos occorridos em uma parte do imperio, em um periodo determinado.

Ao favor do nosso consocio o Sr. Miguel Maria Lisboa foi devedor o Instituto de uma obra de sua composição, ainda não dada á luz da imprensa, e que se intitula: « Relação de uma viagem a Venezuela, Nova Granada e Equador, nos annos de 1852 e 1853, seguida de um bosquejo historico d'essas tres Republicas. » As commissões de historia e geographia, que tiveram de examinar este interessante manuscripto, exhibiram sobre elle um parecer, que fez justiça ao merito da obra e ao seu illustrado autor.

Na viagem a Venezuela, Nova Granada e Equador, do Sr. Miguel Maria Lisboa, deleita-se o espirito com o estylo claro e fluente, e a razão se applaude por não encontrar ahi descripções romanescas e fabulosas, nem tão pouco observações sarcasticas e ferinas, com que tantos viajantes, confundindo a historia com a poesia, e a vivacidade com a maledicencia, desfiguram mil vezes a propria verdade, exagerando o que ha de real nas creações da natureza ou da arte, e nas relações da vida social e domestica.

Tratando de paizes, que bem que sejão limitrophes do imperio são ainda n'elle, como tambem na Europa, muito pouco conhecidos, o Sr. Miguel Maria Lisboa apresenta na sua obra uma circumstanciada noção da topographia, costumes, commercio, agricultura e população de cada um d'elles, e offerece aproveitaveis extractos da sua historia, compromettendo-se a entrar em maior desenvolvimento sobre ella.

Não é possivel finalmente esquecer que á benevolencia e á suave rectidão com que o distincto autor, compatriota nosso, falla dos habitantes d'aquellas republicas, contribuirá de algum modo para desvanecer antigas e infundadas antipathias, que por ventura ainda possam subsistir entre ellas e o imperio do Brazil.

O Ex.mo Sr. Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, como presidente da provincia de Minas Geraes, remetteu ao Instituto um mappa do movimento da população d'aquella provincia, execu-

tado á face dos arrolamentos de 1821, 1834 e 1838, e dos mappas parochiaes de nascimentos, casamentos e obitos desde o anno de 1836 até 1847, reorganisado e offerecido á presidencia de Minas Geraes pelo cidadão Luiz Maria da Silva Pinto. A palpitante necessidade de uma boa estatistica do Imperio, a attenção de todos os homens esclarecidos convergindo para essa verdadeira e urgente reclamação do Estado, afiançam o cordial agradecimento, com que o Instituto recebe todos os estudos sobre esta materia.

Os srs. Adadus Calpe, e José Martins Ferreira de Alencastro ambicionando inscrever-se no quadro dos nossos socios, offereceram-nos, como premissas de suas lucubrações, o primeiro um manuscripto, a que deu o titulo de — Breves reflexões historicas, e o segundo as suas — Memorias Historicas da provincia do Piauhy : — confiados ao exame da commissão de admissão de socios esses trabalhos não foram ainda definitivamente julgados pelo Instituto.

O nosso novo consocio o sr. conego Joaquim Pinto de Campos marcou a sua entrada no gremio do Instituto, offertando-lhe préviamente tres manuscriptos de consideravel valor, o primeiro se nomeia — Extracto de todas as occurrencias ácerca da praça da Colonia do Sacramento occupada pelos Portuguezes sobre o Rio da Prata desde o tratado provisional celebrado no anno de 1681 até o de 1737, como das noticias de outros territorios de S. M., que se tem occupado e fortificado: é o segundo um officio de D. Francisco de Souza Coutinho a Luiz Pinto de Souza em 21 de Junho de 1795 dando conta das providencias, que empregára para obstar a evasão dos escravos do Pará para Cayenna: e o terceiro em fim é o officio de Francisco Xavier de Mendonça Furtado dirigido ao conde da Cunha ácerca dos jesuitas. Qualquer destes manuscriptos e especialmente o primeiro e o ultimo se occupa de materia de grande estimação para a historia, pois que concernem a questões de subida transcendencia, e algumas discutidas com a logica das batalhas nos seculos passados.

O nosso consocio o sr. Francisco Manoel Raposo de Almeida penhorou o Instituto presenteando-o com uma collecção de diplomas,

que pertenceram ao sabio e patriota José Bonifacio de Andrada e Silva. Famoso na sciencia, notavel na poesia, heroe nas lutas gloriosas da regeneração da patria, esse homem que lembrar a Washington no governo, Camillo no exilio, Cincinnato no retiro, assume proporções gigantescas no Pantheon dos nossos benemeritos: tudo pois que o recorda nos é grato.

O sr. Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras, almejando fazer parte da nossa associação, procurou satisfazer as condições impostas pelos nossos estatutos, escrevendo e offerecendo ao Instituto uma memoria, que denominou — Reflexões sobre as primeiras épocas da Historia do Brazil em geral, e sobre a instituição das capitanias em particular. — O Instituto foi prompto em abrir suas portas ao novo adepto, que tão bizarramente se recommendára.

O trabalho do nosso consocio faz-se recommendavel não só pela elegancia do estylo, como pelo rigor e precisão do raciocinio. Depois de algumas ligeiras mas bem deduzidas considerações sobre a civilisação dos antigos e suas tendencias, elle chega por uma transição feliz diante do monte Paschal no momento mesmo em que o almirante portuguez absorto deixa ouvir o brado — terra! — sempre consolador para o marinheiro: acompanha depois o reinado do rei venturoso em suas relações com o Brazil, e lamentando o abandono, em que se esquece d'esta bella porção da America, estuda as causas d'esse olvido, e vai encontra-las na ambição das conquistas das terras da Asia, e nas especulações mercantis coroadas de fabulosos lucros na India: chega finalmente a época de D. João III a quem elle considera como verdadeiro cultor e povoador do Brazil, e passando em revista o systema de colonisação empregado por esse monarcha na doação das capitanias hereditarias, sustenta-o, justifica-o, não disfarça os abusos commettidos pelos capitães-móres, mas reflecte sobre a nova instituição, e sem lhe esconder os graves inconvenientes, acceita-o, absolve-a de seus senões e desvantagens, mostrando que ella nasceu directamente da suprema razão de todas as cousas humanas — a necessidade: — a reforma d'este systema em 1549, e estabelecimento do governo geral do Brazil com a chegada

de Thomé de Souza, e as considerações, que lhe suggere uma providencia de tanto alcance, e de tão evidente proveito para a rica e esperançosa colonia portugueza da America, vem rematar o bem elaborado trabalho do nosso consocio o sr. Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras.

Não importa uma adopção inteira de todos os principios lançados em sua dissertação pelo nosso distincto consocio o reconhecimento da verdade nas consequencias que deduzio. Com effeito o sr. Filgueiras investigou o passado com olhar certeiro de um philosopho recto e imparcial. Os Portuguezes, que ao impulso do genio do infante D. Henrique, essa pedra angular do monumento do poder lusitano, se tinham lançado para os mares, e logo depois para o continente africano, e que concentravam todas as suas vistas nessa parte do velho mundo, estremeceram, como a um choque electrico, ao primeiro passo dado para o oceano indico, com a descoberta de Bartholomeo Dias, e logo após os triumphos do grande Vasco da Gama, volteram os calculos de sua ambição, e os sonhos de sua gloria para a região prodigiosa, que fôra o berço do genero humano, e do verdadeiro Deos, o theatro dos sublimes mysterios, e que era sempre a terra dos grandes rios, e das altas montanhas, dos perfumes embriagadores, das joias preciosas, dos custosos estofos, em uma palavra da riqueza inexgotavel: foi então que a Providencia Divina fez surgir o Brazil aos olhos de Cabral; mas o Brazil era um paiz inculto, e nunca explorado; e a Asia mostrava os seus thesouros nos seus basares; mas no Brazil a morte era um sacrificio ignorado, perdido nas praias, onde as ondas arrojavam o cadaver do naufrago, ou esquecido na immensa solidão das florestas, onde a flexa do tamoyo derribava o guerreiro da Europa, ou em fim consummado no meio de uma taba, que não tinha passado, porque não conservava tradições, e que não podia ter futuro, porque não sabia escrever a historia, e onde uma horda de selvagens devorava o infeliz prisioneiro; e na Asia as heroicas acções dos bravos eram cantadas nos hymnos enthusiasticos dos poetas, o echo dos golpes da espada terrivel de Albuquerque resoava em todas as nações da Eu-

ropa, ninguem morria para a posteridade, porque a fama immortalisava com o renome, e por tanto a ambição como a gloria levava as quinas portuguezas aos mares da India, beijando as vezes apenas de passagem as praias occidentaes do atlantico. D. Manuel seguiu a corrente da sua epocha.

D. João III tomando diverso caminho quasi que plantou o feudalismo na terra da Santa Cruz para conseguir arranca-la do olvido, a que estava condemnada pela indifferença, e vinte annos depois, Penelope politica, desfaz a obra perigosa, que ideára para attrahir colonos a suas novas possessões, e em Thomé de Souza manda o laço providencial que destruindo talvez o germen de muitos reinos futuros, reune em um só corpo os elementos que deviam formar no fim de tres seculos um imperio vasto, rico de grandiosos recursos, robustecido pela identidade da religião, e pela homogeneidade de costumes, de leis, e de indole de todos os seus habitantes.

E' força respeitar as proporções limitadas de um relatorio, e não levar adiante considerações, que em maior desenvolvimento nos lançariam muito além do nosso dever, pondo em doloroso tributo as attenções, que já fatigo.

Si lucrosa e pingue foi para nós a colheita de manuscriptos no anno que se approxima de seu termo, ver-se-ha que não menos fecunda se mostrou a de obras e documentos impressos, que o favor e a generosidade de muitos consocios nossos, e de não poucos homens dedicados, trouxeram ao Instituto Historico e Geographico do Brazil.

A lacuna aliás bem lamentavel que a falta de remessa dos relatorios dos presidentes de algumas das provincias do imperio deixava em nossas collecções, desappareceu emfim, graças aos cuidados do Ex.mo Sr. ministro do imperio, que, pela Secretaria a seu cargo, nos facilita todas essas peças officiaes tão indispensaveis a uma associação, que se occupa exclusivamente da historia e da geographia patria. Conseguimos archivar este anno os relatorios de 1854 de todos os presidentes das provincias.

O Ex.mo Sr. José da Silva Ribeiro brindou o Instituto com os

tres volumes da — Viagem á parte Oriental da Terra Firme na America Meridional — feita durante os annos de 1801 até 1804, ornada com uma carta geographica e com os planos da cidade capital e dos portos principaes, por Depoui, e ainda com a — Viagem a Portugal — por Jacques Murphy, traduzida do inglez e enriquecida de estampas, em dous volumes; ambas as obras em francez: e emfim com dous apreciaveis in-folio, contendo o primeiro a collecção do — Echo da Camara dos Deputados do Brazil, 1832 — e o segundo a da — Aurora Fluminense — desde 1827 até 1834.

Ás collecções d'estes periodicos vieram juntar-se os seis primeiros numeros do — Industrial Paulistano — jornal da sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da provincia de São Paulo, remettidas pela mesma sociedade; a — Estrella do Amazonas — regularmente mandada pelo governo d'aquella provincia; e — jornal de Timon — do 6.° ao 10.° numero, offerecidos pelo seu redactor o nosso consocio o Sr. João Francisco Lisboa; o — Mensageiro — jornal industrial, noticioso e litterario, publicado na cidade do Desterro, e enviado pelo Sr. Franc de Paulicéa Marques de Carvalho; emfim, a collecção da — Revista Maritima de 1851 a 1855 — devida ao favor do Sr. José Eloy Pessoa.

O Sr. Ladisláu dos Santos Titara prendou o Instituto com um volume das suas — Memorias do grande exercito alliado libertador do sul da America — impresso no Rio Grande do Sul em 1852: é um livro que perpetúa a fama do valor dos nossos bravos, e que deve ser caro á patria, porque n'elle se reflecte a gloria d'ella.

Ao nosso consocio o Sr. Angelis tivemos de agradecer um notavel trabalho de sua penna, que tem por titulo — Da Navegação do Amazonas — resposta a uma memoria de Mr. Maury, official da marinha dos Estados-Unidos, impresso em Montevidéo em 1854. E' um eloquente e victorioso desaggravo do direito das nações tirado contra as extravagantes pretenções e exagerados sonhos de uma ambição em delirio.

O Sr. Dr. Eduardo Ferreira França offertou ao Instituto as suas — Investigações de Psychologia: um volume impresso na

Bahia em 1854: bem que estranho aos estudos, de que se occupa a nossa associação, foi este livro por ella recebido com o bem justificado interesse, que sempre lhe inspiram as obras litterarias ou scientificas, com que se illustram aquelles de nossos compatriotas, que tem, como o Sr. Dr. Ferreira França, talento superior e intelligencia tão esclarecida e vasta.

O nosso prestante consocio o Sr. Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja offereceu ao Instituto, entre outras obras e documentos: 1.°, a descripção da costa do Brazil da Ponta de S. Bento a Pitimbú, por Manoel Antonio Vital de Oliveira, trabalho de evidente valor: 2.°, a mensagem que em 1827 apresentou o poder executivo de Buenos-Ayres á sala dos Representantes, censurando não ter havido resultado algum satisfactorio para a republica, da campanha aberta contra o Brazil: 3.°, exposição que faz o general Alvear para contestar a mensagem do governo, de 14 de setembro de 1827: Buenos Ayres, 1827. A confrontação d'estas duas peças officiaes dos nossos inimigos então com as Memorias do distincto escriptor Titara, e com os diversos trabalhos que sobre aquella campanha tem o Instituto recebido de alguns generaes brazileiros demonstra acima de todas as duvidas, que nos campos de Ituzaingo houve para nós no dia 20 de Fevereiro sim uma batalha de exito incerto; mas de nenhum modo uma derrota: nossas bandeiras não soffreram uma affronta no Passo do Rosario, e os soldados do exercito imperial provaram mesmo n'essa peleja mal dirigida, que eram ainda os bravos da independencia, e dignos de ter por filhos e por herdeiros de gloria os guerreiros de Moron.

Do Sr. James Fletcher teve o Instituto em graciosa offerta dezesete volumes de diversas obras nitidamente impressos.

O nosso digno consocio o Sr. Henrique de Beaurepaire Rohan enviou-nos dous curiosos opusculos: o primeiro, contendo a descripção de uma viagem ao campo de Palmas; e o segundo, que, nomeando-se simplesmente o campo do Ypiranga, recorda o mais brilhante e glorioso feito da nossa historia, e repete como um

echo enthusiastico o grito heroico da liberdade, a primeira palavra da regeneração politica de um nobre povo.

O sr. Dr. José Praxedes Pereira Pacheco offereceu-nos um exemplar da sua obra recentemente impressa e intitulada o — Util Cultivador instruido em todo o manejo rural e accommodado a qualquer clima, desejando que ella fosse recebida como recommendação de sua candidatura a membro do Instituto: a nossa commissão de admissão de socios se fará ouvir em breve sobre o louvavel intento do sr. Dr. Praxedes.

O nosso prestimoso consocio o sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro fez presente ao Instituto do Livro de Job traduzido em verso por José Eloy Ottoni, e precedido 1.°: de um discurso sobre a poesia em geral e em particular no Brazil pelo mesmo sr. conego Dr. Pinheiro: 2.°, de uma noticia sobre a vida e poesias do traductor pelo sr. Theophilo Benedicto Ottoni: 3.°, de um prefacio extrahido da versão da Biblia por De Genoude. E' um pequeno volume, que encerra immensa riqueza: o discurso sobre a poesia, que dá começo á obra é a chave de oiro, que abre a porta de um monumento: o patriotismo que anima o eloquente escriptor suspende-lhe o vôo, em que rapidamente considerára os poetas sagrados do velho mundo, e fazendo-o contemplar os vultos magestosos de Caldas, S. Carlos, e de outros inspirados da terra de Sancta Cruz, que formam a pleiada brilhante, de que faz parte José Eloy Ottoni, arranca-lhe da modesta penna paginas elegantes, que formaram um bello capitulo da historia da nossa litteratura.

O merito subido do poeta brazileiro José Eloy Ottoni já era reconhecido antes da sua morte: o livro de Job por elle traduzido em verso é um novo florão que vem prender-se á corôa, que elle conquistára com a traducção dos Proverbios de Salomão. As nações exaltam-se, e fulguram com o esplendor do genio de seus filhos, e sempre que honram a memoria de seus grandes poetas nobilitam-se e engrandecem aos olhos da humanidade. José Eloy Ottoni é um d'esses homens, que tem o poder de illustrar seu berço e de realçar a patria.

Além d'estas de muitas outras importantes obras, que obsequiosamente foram offerecidas ao Instituto, tres ainda ha, que não podem deixar de ser mencionadas, pois que as devemos a recentes lucubrações de compatriotas nossos, occupando-se as duas primeiras exclusivamente da historia e da corographia patria, e sendo a ultima, como uma flôr que desabrochou sobre uma sepultura. São ellas o Ensaio Corographico do Imperio do Brazil offerecido e consagrado a S. M. o Imperador o sr. D. Pedro II pelos srs. Alexandre José de Mello Moraes e Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva: — Lições da Historia do Brazil adaptadas á leitura das escolas pelo sr. Antonio Alves Pereira Coruja — emfim as obras de Manoel Antonio Alvares de Azevedo offertadas ao Instituto pelo nosso consocio o sr. Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo.

O Ensaio corographico do Brazil pelos srs. Mello Moraes e o nosso distincto consocio o sr. Accioli é um estudado resumo de algumas obras do mesmo genero e de longo folego; e seus dignos autores incumbiram-lhe sem duvida a missão de espalhar as primeiras e mais indispensaveis noções da nossa historia e corographia pela nossa massa da população menos instruida: compenetraram-se, como disse ultimamente Lamartine, da necessidade de ensinar ao povo, escrevendo o livro do povo, o livro de modico preço e de pequeno formato, de estylo simples, e de materia facil: escreveram pois o seu ensaio corographico mais pelo amor de seus concidadãos, do que pela gloria propria, ou antes converteram a gloria propria naquelle amor, conformando-se ainda com o pensamento do illustre poeta francez, que faz dizer a uma personagem, mimosa e suave criação de sua musa, que « a gloria que se não converte em amizade é semente que não germina, e flamma que não aquece. »

Debaixo d'este ponto de vista é innegavel o serviço prestado á patria pelos dous habeis escriptores: mas um assumpto de tão vastas proporções apertado em tão mesquinhos limites devia ressentir-se de lacunas, e ommissões aliás inevitaveis: ninguem compendia que não sacrifique idéas.

Entretanto o Brazil tem direito de esperar ainda muito mais da

illustração d'esses seus dous illustrados filhos. Si Ayres Cazal não deve jámais ser esquecido, cumpre que aproveitando-se o que ha de bom na sua obra, corrija-se-lhe os erros, que lhe escaparam, e accrescentando-se o que lhe falta, desse-lhe toda a amplitude, que os conhecimentos até hoje adquiridos facilitam. Mais um esforço dos nossos illustres corographos, e dever-lhes-hemos uma excellente corographia da nossa patria.

Proprias para serem lidas e apreciadas pela infancia, escreveu o nosso consocio o sr. Antonio Alvares Pereira Coruja as suas—Lições da Historia do Brazil: — o methodo que seguio é simples: os diversos reinados da monarchia portugueza e do novo imperio americano marcam as secções, em que se divide o seu livro, e em cada uma d'ellas aponta os feitos mais notaveis da epocha, que abrangem: a critica severa louvando o acerto com que o autor procurou nos nossos melhores historiographos, e na Revista do Instituto, compulsada com proveito, os elementos da sua obra, limitar-se-hia talvez a preferir ao estylo, que foi empregado a amenidade de Campe.

O sr. Dr. Magalhães em um de seus bellos cantos chama a mocidade gigante do porvir: a phrase cabe igualmente á infancia: mas a este novo Hercules não se robustece nem se esforça preparando-o para as lutas e os trabalhos do futuro, alimentando-o, como ao Paris da fabula, com a medula dos tigres e dos leões: é só a instrucção, que o vigóra e fortalece: é só no fogo da sciencia e no suor do trabalho que se tempera a lamina d'este guerreiro dos tempos que hão de vir, e entre as flammas que cumpre atear em sua intelligencia, depois d'aquella que acende o amor de Deos, deve logo seguir-se a outra, que acende o amor da patria.

No berço ainda, e no regaço materno adormeça o menino ao som das balladas, ou ouvindo as lendas, e os contos forjados com as tradições do payz, e desde que possa soletrar um nome, soletre-o no livro da historia da terra em que nasceu.

Bem haja pois o nosso consocio, que consagrou á infancia as suas lucubrações, e que lhe offertou um livro, que ella deve estu-

dar e amar, porque lhe falla da patria, que é o céo do coração dos bons, como o céo é a patria da alma dos justos.

As obras de Manoel Antonio Alvares de Azevedo constam de dous volumes, contendo o primeiro seus cantos poeticos, e o segundo discursos, artigos, e diversas composições em prosa.

Dez annos mais moço que André Chenier, da mesma idade que Lovalle, dous annos apenas mais velho que Chalterton, esse joven inspirado nos foi arrebatado pela morte.

Como a aura sahida do seio dos jardins, que intorna ondas de perfumes por onde passa, em sua curta peregrinação pela terra, elle deixou seus vestigios cobertos de flôres.

Essas flôres eram hymnos: apanhou-as uma a uma aquella dôr, que só acaba com a vida: fez d'ellas uma consolação e uma corôa: a consolação foi a gloria posthuma de um filho; a corôa foi um livro, que honra a terra do berço do poeta, e que lhe perpetúa o nome.

Alvares de Azevedo tinha na alma o sagrado fogo do enthusiasmo: em suas obras que são os primeiros raios de um sol que surge do oriente, admira-se uma imaginação brilhante, a originalidade, que é privilegio do genio, a graça que é sempre um encanto, a inspiração, que é um sopro divino, a sensibilidade, que falla aos corações; a phrase correcta que é o fructo do estudo. Sua lyra tinha uma corda vibrante e pungente para o sarcasmo; tinha sons arrebatadores para os cantos heroicos; e suaves e melancolicas harmonias para exprimir o amor, e adivinhar a morte.

Até onde iria esse mancebo não é dado a alguem determinar: não se póde medir o genio, nem marcar-lhe um limite ao vôo de suas azas de fogo.

Morreu deixando-nos um livro, que é de sobra para o renome de um joven de vinte annos, e que é tambem ao mesmo tempo o tumulo de uma ingente esperança perdida.

Tocamos finalmente a ultima parte d'este relatorio reservada para o registo dos trabalhos dos membros e das commissões do Instituto. E aqui é opportuno e necessario observar, que si o numero das

memorias lidas este anno é inferior ao das que foram mencionadas em 1854, nem por isso se deverá concluir, que menos fecundo se mostrou ultimamente o Instituto: nossas sessões nunca deixaram de ser preenchidas com interessantes e longas leituras: sobrou-nos a seára, e só nos faltou o tempo para aproveita-la logo toda: e o anno de 1856 receberá do que vai acabar em vantajoso legado dous curiosos escriptos a respeito da campanha do Sul e da batalha de Itusaingo em 1827, e a preciosa memoria ácerca da naturalidade do padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus, pelo nosso sabio e venerando consocio o exm. sr. Arcebispo da Bahia. Leituras começadas, algumas das quaes nem mesmo ainda se acham concluidas, não permittirão ao Instituto o esgotar todo o seu thesouro de 1855.

O nosso digno consocio o sr. Dr. José Ribeiro de Souza Fontes em desempenho do programma, que S. M. Imperial se dignára de confiar ao seu estudo, apresentou e leu a sua Memoria discorrendo nella sobre quaes foram os animaes importados da Europa no continente americano.

O trabalho do nosso consocio se acha dividido em duas partes: na primeira trata elle de demonstrar que os animaes importados na America foram os domesticos: e na ultima se occupa de cada um d'elles em particular. A materia é tão intrincada como arida. Herrera, Torrente, Pedro Simão, Buffon, Simão de Vasconcellos, Caniu, Prichard, Asara, e outros diversos escriptores familiares ao sr. Dr. Souza Fontes consultados, e confrontados com paciencia e apurado exame por elle, prestaram-lhe o fio de Aríadna, que lhe serviu para se não perder em um inextrincavel labyrintho. Muitos pontos da questão ficaram esclarecidos, e si o problema não chegou á sua completa resolução, pelo menos ficou aberto largo caminho para se chegar á verdade; e tambem o nosso consocio promette-nos mais extensa obra, da qual considera modestamente a sua memoria, como o luminoso prologo.

O sr. Dr. José Vieira Rodrigues de Carvalho da Silva, membro correspondente da nossa associação, procedeu á leitura da sua viagem desde a fox do Rio de S. Francisco até a cachoeira de Paulo

Affonso, occupando com ella a attenção do Instituto durante algumas sessões.

O nosso distincto consocio o sr. Manoel Ferreira Lagos trouxe á consideracão do Instituto a sua—Analyse á viagem de Castelnau pelo interior do Brazil; trabalho, de que se achava encarregado e ao qual deu um desenvolvimento, que faz honra ao seu talento e illustração.

O sr. Lagos não se contentou com um simples e breve juizo, que poderia ser laudativo ou contrario ao merito da obra sujeita á sua fina e profunda critica: não: acompanha passo a passo o viajante francez atravez das nossas provincias por elle visitadas: dá-lhe a mão sempre que o vê tropeçar, é isso acontece muitas vezes: aponta um a um os erros numerosos que commette, marca-lhe os factos que inventa; prova-lhe o conhecimento antigo, que nós temos de algumas das suas pretendidas descobertas; vinga-nos da maledicencia, e com um sopro vigoroso de potente logica desfaz as creações imaginarias, que o conde de Castelneau quer fazer correr mundo com fóros de realidades. Faz mais ainda: logo que depára com uma falsa apreciação do carecter, da indole dos Brazileiros, fere-o com um epigramma penetrante e adequado; e appellando para os viajantes e historiadores estrangeiros que tem escripto ácerca do Brazil, compára a observação maligna com o juizo imparcial e generoso de grandes homens, como o respeitavel Humboldt, Saint-Hilaire, Ferdinand Denis e alguns outros, que nos fazem justiça, e em fim com indisivel graça chamando tambem a contas a cohorte dos improvisadores de viagens, e dos Chavagnes de todos os tempos, mostra desfilando em extravagante revista a multidão de absurdos, de incongruencias e contradicções, e não poucas vezes de immerecidas injurias, com que desfiguram e calumniam o Brazil homens, que escondem o que veem, que improvisam o que não existe, e que para escrever invocam a musa da mentira.

Trabalhos como o do sr. Manoel Ferreira Lagos são nobres desforras de uma nação repetidamente offendida em escriptos, que não merecem fé, e que são desprezados entre nós, mas que nos afeiam no estrangeiro. O conde de Castelnau não escreve como Chavagne,

mas está longe de o fazer como Saint-Hilaire, e já é quasi um dever do Instituto Historico e Geographico da Brazil castigar todas essas relações infieis, e inconvenientes, que deformam o nosso paiz, com analyses lucidas, vastas e espirituosas, como esta do nosso consocio.

As sessões de 1855 não foram sufficientes para que nellas se ultimasse a leitura de uma obra tão extensa e consideravel; no anno proximo futuro o sr. Manoel Ferreira Lagos continuará a prender nossas attenções e a justificar a merecida reputação litteraria de que goza.

O nosso prestante e incansavel consocio o sr. Joaquim Norberto de Souza e Silva leu-nos os seis capitulos dos dous primeiros livros da sua — Historia da Litteratura Brazileira, producto esmerado de uma constante e prolongada meditação.

Começa o autor por mostrar-nos em uma elegante introducção a marcha, que se propõe a seguir: e estrea o seu trabalho manifestando a feliz tendencia dos Brazileiros para o cultivo das lettras; tendencia que ainda mais evidencia, mostrando, como a despeito das difficuldades calculadas ou não, que obstavam á instrucção do nosso povo no tempo colonial, tinhamos já antes da independencia historiadores, que memorassem a gloria da patria, poetas que celebrassem os feitos dos seus heróes e oradores, que do alto da tribuna sagrada dissessem a palavra á Deos com a eloquencia dos inspirados: passa depois o autor a lançar uma vista d'olhos sobre esses povos intrepidos que habitavam o sertão e as costas do Brazil, e que succumbiram aos golpes das espadas de Mem de Sá, e de Salema, e demora-se então alguns momentos recordando a imaginação ardente e a facilidade do improviso, que distinguiam os tamoyos, verdadeiros bardos das florestas.

Estudando a litteratura portugueza na hora do seu apogêo, quando se personificava em Camões a grande epopéa, em Ferreira a tragedia e a comedia, em Gil Vicente o auto, e em João de Barros a historia, demonstra que a sua influencia deslumbrante tirou a originalidade aos nossos escriptores, desafiando a imitação que abate ou apaga o genio. Sustenta e prova depois a existencia real

ou possivel da litteratura brazileira, isto é a sua nacionalidade, com a inspiração da natureza virgem, magestosa e sublime do novo mundo, com a originalidade, que transuda das obras dos escrriptores na côr local do paiz, nos quadros dos costumes de seus habitantes, nos sentimentos, que tem a sua fonte na religião, e na sua historia, que é o reflexo da gloria da nação.

Partindo do XVI seculo, que é o nosso primeiro seculo, o nosso consocio occupa-se largamente dos selvagens, e do seu pendor para a poesia, diz quaes as tribus que mais se avantajaram nella, descreve seus usos e costumes, seus jogos e dansas dramaticas, suas crenças e mythos, e depois finalmente contempla as figuras venerandas dos Jesuitas, que trabalhando na catechese d'essas tribus errantes, aproveitam-se de seu talento poetico, de sua lingua harmoniosa e flexivel, fazem versos pagãos com pensamentos christãos, e introduzem o theatro nas cidades que surgem no meio dos desertos, fazendo representar as comedias de Anchieta nos adros das igrejas, e sombra das florestas.

Parou ahi a leitura do nosso illustrado consocio pela mesma razão porque fôra interrompida a do sr. Lagos, mas o que ouvimos foi já de sobra para avaliar a vastidão do plano, e a felicidade da execução d'este insigne trabalho.

O poeta quiz escrever a historia da poesia de sua formosa patria, e no desempenho de tão honroso intento triumpha dos mais graves obstaculos, esclarece as mais duvidosas questões, e sahe da laboriosa lide, cansado, como o athleta, que acabou da luta; mas resplendendo com o proprio enthusiasmo, que fulge nos seus escriptos, e coberto d'essas mesmas flôres, que a mãos cheias derramou nas paginas do seu livro.

Não foram só estes os trabalhos, que occuparam o Instituto durante o anno social, de que damos conta. Algumas de nossas commissões, e entre ellas notavelmente a de admissão de socios, e as de Historia e Geographia deram provas de uma actividade e diligencia, que muito util nos foi.

Ao nosso consocio o exm. sr. conselheiro José Ildefonso de Souza

Ramos devemos um lucido parecer ácerca do manuscripto que se intitula — Consideração sobre o estado de Portugal e do Brazil desde a sahida d'El-Rei em Lisboa em 1807 até 1822; e de commissões especiaes nomeadas na conformidade dos estatutos tivemos juizos e conselhos, a que o Instituto deu muito subido apreço, e que lhe foram de aproveitado soccorro.

Finalmente entre diversas propostas, algumas das quaes foram adoptadas pelo Instituto, e outras remettidas a commissões, que meditam ainda a respeito de sua materia, uma houve tão cheia de religiosa sensibilidade e de gratidão patriotica, que não podemos deixar de lembra-la, rematando com ella este já tão enfadonho relatorio.

Os nossos dignos consocios Dr. Antonio Pereira Pinto e Joaquim Norberto de Souza e Silva propuzeram, que o Instituto solicitasse do governo imperial a entrega de um fragmento dos despojos mortaes do missionario Anchieta que se conserva em uma caixa com lavor de prata na thesouraria da provincia do Espirito Santo, ou no Thesouro Nacional. Não é preciso dizer, que uma tal idéa teve prompta e unanime approvação.

O padre Anchieta, o santo irmão de Nobrega, o apostolo do novo mundo, aquelle que se occupava só da conquista das almas, quando quasi todos se occupavam da acquisição das riquezas, que abria as portas do céo ao pobre selvagem, quando tantos lhe roubavam a terra, aquelle que preparava para o indio a bemaventurança na eternidade, quando os outros lhe impunham o captiveiro no mundo, aquelle que defendia a vida do tamoyo para torna-lo digno de Deos, quando muitos lhe davam a morte sem cuidar de salva-lo do inferno, Anchieta, o orvalho celeste, que apagava o incendio ateado pelas espadas de fogo dos conquistadores, esse pio e virtuoso missionario, de quem se podia dizer, repetindo o pensamento de La Mennais, que uma cruz, semelhante a um raio do céo, lhe apparecia ao longe, para guiar-lhe os passos, Anchieta, que na historia do nosso primeiro seculo representa a caridade do apostolo de Christo contrastando a tyrannia iniqua dos exterminadores

de uma raça, Anchieta merece bem que honremos esse ultimo fragmento de seus despojos mortaes, como uma piedosa e sancta reliquia.

Aqui devemos parar: foi mesquinho, rude e obscuro o quadro que em nossa tão conhecida insufficiencia podemos apenas esboçar; mas a despeito de suas sombras e imperfeições, a importancia, a utilidade e o desenvolvimento do Instituto Historico e Geographico do Brazil se patenteam e brilham, como os raios do dia, que rompendo as densas nevoas da manhã de inverno derramam a luz no seio da terra.

Muitos são os serviços, e arduas as conquista que tem já prestado e conseguido o Instituto; mas a sua missão é ainda mais extensa e ardua. Si o brilhantismo do futuro, scintillando da aureola gloriosa que corôa a fronte do magestoso imperio diamantino, nos inflamma e arrebata; preoccupa-nos, e quasi que nos exhaure as forças o cuidado de esmerilhar o passado o mais sabio tatêa nas trevas que envolvem a historia das raças indigenas, e luta quasi sempre debalde com esse mysterio, que paira sobre o berço dos povos, semelhante á nuvem que occulta a nascente dos rios, que se precipitam dos cumes gelados das montanhas para inundar os continentes, como diz um grande poeta e historiador.

Mas não desanimamos! havemos de legar ás novas gerações os elementos da historia de uma grande e predestinada nação: havemos de ajuntar, carregando sobre nossos hombros, as pedras, que devem servir de alicerces do mais soberbo monumento, a historia, que confere aos heróes essa immortalidade, que é na terra uma sombra da eternidade no céo.

Proseguiremos na empreza, sim, proseguiremos: para inspirarnos a animação e coragem, temos o amor da patria, e para guiarnos pelo caminho da honra, da dedicação e da gloria temos o Imperador, que marcha intrepido á nossa frente, que nos commanda, e nos enthusiasma, que comnosco e sempre diante de nós se atira no meio da luta, que nos leva a combate, e nos outorga a victoria; fazendo sempre soar a nossos ouvidos, e retinir em nossos

corações um grito, que atêa n'alma um fogo divino, o brado heroico, o brado do genio, o brado de Goethe — avante! avante!

DISCURSO DO ORADOR

O SR. MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE.

Senhores. — Aquelle dia feliz em que o silencio do vosso orador será a mais bella pagina do programma d'estas reuniões ainda não chegou. O anjo da morte baixou ao seio do Instituto, pôz sua mão gelada no coração ardente de alguns socios benemeritos: mudos e frios cahiram para nunca mais se levantarem; mas de todo não morreram, porque só morre quem se não identifica com a patria, ou não combate na phalange dos idealistas.

Vós que haveis percorrido, á semelhança de Pausanias, por essas regiões animadas de tão bellas reminiscencias, por esse passado que vos acaba de exornar o nosso Primeiro Secretario; vós que haveis contemplado os dias de uma existencia magnificada pela constante presença do grande Americano em vossos trabalhos, e pelos triumphos do espirito civilisador, vinde comigo agora, não ás portas da cidade de Socrates e Phidias, mas sim ao berço de Caldas e de José Mauricio, onde achareis, em vez de cenotaphios, cypos, columnas e mausoleos, a gleba humilde e enflorescida, e a lapida singela, protegida pela cruz, ou por um nome que recorda uma virtude, no qual repousa o amor sagrado da familia, a saudade do amigo, e a gratidão nacional.

Não vamos de Eleusis para Athenas com o preceptor de Paulo Emilio e Scipião, porque não vemos a cimeira do elmo da famosa Pallas, senhoreando o Sumnio e o Pyréo, nem o fastigio d'essa maravilha da arte que recorda Pericles; não penetramos por essa via triumphal da morte, guardada por vultos iconicos, por sentinellas de marmore, por homens cujo nome encheram o passado nas lides da perfectibilidade.

A arte que se alimenta das virtudes consummadas ainda não avi-

ventou a morte pelo poderio do engenho, nem collocou em frente do futuro como atalaias vigilantes o transumpto dos grandes homens, a imagem do general, e a do escravo generoso que confundio seu sangue com o do heróe no campo da batalha; ella ainda não fez dos gemidos da gratidão publica uma harmonia do culto da patria, nem converteu as sepulturas n'um pantheão da gloria, n'um livro de fastos nacionaes, n'esse thesouro de recordações e de nobres incentivos para a mocidade; sim, para a mocidade, porque ella é aquelle magico espelho da esperança, onde se reflecte anticipadamente a aurora de todas as grandezas ou de todas as humilhações de um povo!

Por piedade, meus senhores, não sejais para comigo como Agammenon para Calchas: o sinistro augure não está aqui para predizer só males. Lá chegaremos um dia, e esse dia não está longe.

O nosso passado, esse Adamastor quêdo e petrificado junto á doosa da indifferença, começa a decompôr-se pelo choque das idéas grandiosas, e regenerar-se pela mecanica applicada ao tempo e ao espaço; em breve nos acharemos tão longe d'elle que apenas restará a imagem tradicional do seu longo imperio para escarneo de si mesmo, vergonha de seus apologistas, e lição para os vindouros. A ingratidão publica é um dos vehiculos da barbaria.

Mas emquanto a fé, o amor sublime, se não materialisam condignamente aos olhos do mundo, vamos proseguindo nossa modesta tarefa, vamos commemorando as virtudes e os serviços de nossos finados companheiros, depositando a oblata singela de nossa gratidão sobre essas sepulturas que reclamam um testemunho duradouro.

O Instituto não amortalha seus membros em uma folha de jornal, não os envolve na poeira transitoria das correrias de um mundo mercenario, não; presta-lhes o culto da mais profunda veneração com o testemunho publico de sua saudade e reconhecimento.

Mas que vejo, senhores, que brilhante apparição é esta que offusca meus olhos como a luz meteorica no seio da escuridão?! Além do Oceano, junto ao cabo de Sagres, d'onde partiram os conquistadores de mares nunca d'antes navegados, vejo um povo que canta har-

moniosamente n'aquella lingua que com pouca corrupção crê-se que é a latina, e este povo olhando para um homem!

Prometheo de nova especie, anima a propria estatua com a flamma que lhe infundîra o anjo da poesia, para atravessar as eras e sublimar as gerações futuras. Junto á imagem radiante d'esse varão proeminente está a do Homero lusitano protegendo-a com o lume de sua gloria e immortalidade! Que entidades são essas que lhe adornam o pedestal, e que por si só attrahem a admiração de dous povos? Guerreiros, fadas, cavalleiros, Mouros, navegantes, monges e amores engrinaldados de todas as flôres da Iberia, de todos os perfumos do Oriente! Uns tangem harpas e ataúdes, e outros se adornam do manto de Euripides e Shakespeare! Aqui e ali, resumbrando perfumes variados, estão livros, estão esses prismas da mente que reflectem todas as côres de uma alma divinisada pelo engenho. Quem sesá?....

E' um cenotaphio consagrado á gloria, é um triumpho do homem sobre o silencio da sepultura; é longo e variado o seu epitaphio, tratemos de resumi-lo.

João Baptista Leitão de Almeida Garret nasceu na cidade do Porto no dia 4 de Fevereiro de 1802. Foram seus pais Antonio Bernardo da Silva Garret, fidalgo da casa real, e D. Maria Augusta de Almeida Leitão, filha do Brazileiro José Bento Leitão.

Educado por seu tio o bispo D. Frei Alexandre da Sagrada Familia, completou as suas humanidades aos 13 annos; e na de 15 matriculou-se na Universidade de Coimbra. Ahi revelou-se o poeta.

Em 1818 escreveu a tragedia *Xerxes*; em 1819, *Lucrecia* e *Merope*; e em 24 de Agosto de 1820 cantou a liberdade. Em 1821 publicou o *Retrato de Venus*; em 1822 formou-se em leis e foi nomeado official da secretaria do reino, e chefe da secção de instrucção publica. Compôz o seu *Catão*, e fez o elogio do patriarcha da liberdade portugueza Manoel Fernandes Thomaz.

Em 1823, emigrou para a Inglaterra, onde escreveu o seu *Tratado de Educação*, e o poema heroi-comico *Magriço*, que perdeu-se em um naufragio.

Em 1824 passou á França, entrou de caixeiro na casa de Laffitte,

e foi no Hâvre de Graça, no meio dos seus deveres, que compôz *Camões* e *D. Branca*. A tragedia o *Infante Santo*, que ahi igualmente compôz, teve a mesma sorte do *Magriço*.

Em 1826 escreveu um longo artigo intitulado *A Europa e a America*, o qual em 1830 foi ampliado e estampado com o titulo de *Portugal na balança da verdade*.

Em Paris concebeu a idéa do *Parnaso Lusitano*, e escreveu a introducção que se acha no 1.° volume.

Jurada a Carta Constitucional em Portugal foi o principal redactor de dous jornaes: o *Portuguez*, dado á acção politica; e o *Chronista*, ao movimento litterario.

No primeiro combate eleitoral publicou a *Guia dos eleitores*; as intrigas de partido o encarceraram por tres mezes.

Em 1828 tornou a expatriar-se. Trabalhou no gabinete do duque de Palmella. N'este novo exilio publicou *Adozinda* e a *Lyrica* de João Minimo, e cantou a batalha da villa da Praia em uma canção que denominou: *A Lealdade em triumpho*.

Foi soldado no exercito libertador, e logo que se dissolveu o seu batalhão passou para o academico.

No gabinete de Mousinho redigio o decreto de 15 de Maio, e saltou de arma e muchila na praia do Mindelo com o principe que abdicou duas corôas.

No cerco do Porto organisou e dirigio a nova secretaria do reino, e recebeu os maiores elogios do principe libertador pela reorganisação que fez da ordem da Torre e Espada.

Na qualidade de secretario acompanhou a Londres Palmella e Mousinho, e esteve algum tempo em Paris em 1833, onde procurou refazer o seu *Magriço*, e escreveu umas cartas á semelhança das de Demoustier.

Voltou á patria em 1834, foi nomeado vogal e secretario da commissão reformadora dos estudos, e deu um plano de reforma geral.

N'esse mesmo anno foi nomeado encarregado de negocios em Bruxellas; passou a ministro residente na Dinamarca.

Em ambas as missões foi condecorado.

Voltou á vida privada, e redigiu em 1836 o *Portuguez Constitucional*, que terminou com a revolução de Setembro.

Recusou n'essa epocha varios empregos e o ministerio, porém aceitou o de juiz do tribunal do commercio.

Foi deputado pelo Minho e pelos Açores no congresso constituinte, onde foi tido por um orador eloquente e sem rival.

Emprehendeu a reforma do theatro nacional e compôz o *Auto de Gil Vicente*. Nomeado inspector dos theatros, creou o Conservatorio Dramatico e essa familia de memographos que fizeram uma nova epocha litteraria.

Em 1838, sendo deputado pelos Açores, pronunciou aquelle famoso discurso que a nação intitulou Porto Pyreo, e escreveu a *Viagem á minha terra*.

Nomeado chronista-mór do reino, abriu um curso de historia portugueza, que muito edificou a mocidade.

Novamente eleito deputado teve de optar entre circulos de Lisboa, Açores e Vianna.

Compôz para os alumnos do Conservatorio o drama *D. Philippa de Vilhena* em quanto negociava com os Estados-Unidos. Seguio-se o *Alfageme*, o *Elogio historico de Vieira de Castro*, *Frei Luiz de Souza*, e a *Historia das revoluções de Portugal desde* 1820.

A rainha o nomeou visconde do seu proprio nome, e o encarregou da pasta do ministerio dos negocios estrangeiros. Acabou o seu romance historico do *Arco de Santa Anna*, e morreu como um verdadeiro christão. Poeta, soldado e estadista, é mais um exemplo assignalado contra a fé da mediocridade que nega o dualismo, porque almeja a especialidade.

Foi Garret o primeiro poeta portuguez que me fez amar a poesia, porque me mostrou a natureza pela face mysteriosa do coração em todas as suas phases, em todas as suas sonoras modificações: lord Byron foi o ostensor que o collocou n'esta bella senda.

A maioria dos poetas portuguezes anteriores, mormente o que fechou o seculo passado e abrio o presente, era monotona, insensivel ao aspecto da natureza physica, porque estava toda na repi-

nada Grecia: os seus novos cantos eram échos da antiguidade. Arrastado por elles á claridade do Olympo, ou á escuridão do Barathro, via sempre as mesmas imagens, ouvia sempre as mesmas harmonias: se tremia conculcado pelo peso de massas titanicas, ou pelos arrojos da exageração, descansava n'um terreno artificial, sem perfumes, sem crenças, sem memoria e sem esperança, como as divindades antigas que o povoavam e protegiam. A arte que tinha os polos nas mãos de Jupiter e de Plutão era, a meus olhos, um craneo de marfim, um artefacto que não recorda o homem alma, mas o homem dextra.

O poeta quando evoca o passado com a musa da esperança, sólta uma lição proficua, porque o passado redivivo se estampa no horizonte do futuro como uma fórma significativa e proporcional. Na conversão das dôres e melodias, e dos prazeres em harmonias, está o espelho da sapiencia, estão todos os segredos do engenho: todas as irradiações do pensamento, todo esse moto concentrico ou excentrico, quer do universo para o coração, ou d'este para a immensidade, nos conduzem a alguma verdade soberana. Cuvier dizia ao sr. Lamartine que o emblema de Tasso, do mel sobre a beira do vaso que contém o licor amargo, que dá vida, está todo na poesia:

Cosi all'egro fanciul porgiamo aspersi
Di soave licor gli orli del vaso:
Succhi amari ingannato intanto ei beve,
E dall' inganno suo vita riceve.

A mocidade attrahida pela belleza das idéas e do rhythmo, pelo brilho e movimento das imagens; presa a essa cadêa magica de sensações, attenta a essa lingua sobrehumana, recebe um curso de profunda moral e philosophia: A epopéa, a tragedia e os poemas didacticos assim o provam.

O poeta educa e fortalece o homem quando o ensina a vêr o bello e o prepara para o futuro; o grande preceptor se sobreleva praticando com as ruinas; pesando as cinzas dos grandes homens, sentado sobre os seus tumulos; exornando a patria com os dictames da

razão; fazendo concutir nas almas os sons da sua, ou pintando a desgraça como um abutre preando o universo, e a gloria nacional como a luz da rodempção, Job, Salomão e David serão sempre os legisladores do futuro, os guias, conselheiros e consoladores de todos os corações sensiveis; porque ensinar a soffrer é amestrar para a victoria.

No Camões do nosso finado consocio está a musa da esperança; o proscripto abre a scena pela saudade da patria antes que o seu heróe respire o ar que extingue a nostalgia que o consome,

Com dôr que os seios d'alma dilacera.

O desterrado que agonisa entrevê nos enlevos da esperança as delicias do que volta; o poeta falla pelo poeta, e nos mostra nas fatalidades do engenho e como a Providencia converte os espinhos da vida em uma corôa de flôres immortaes depois da sepultura; com elle vemos o Homero Lusitano pisar as praias do Téjo, receber os affagos de um rei que sonhava com a gloria, cahir na indigencia, ter por inimigos os inimigos da sua patria; com elle vamos á sepultura de Catharina, e ao hospital.... ao hospital, senhores, em cuja porta as nações ingratas deveriam escrever: AUX GRANDS HOMMES LA PATRIE RECONNAISSANTE (*).

Amor da patria, veneração á virtude, verdades uteis, é uma lagrima para a desgraça, é o que se colhe na leitura d'esta obra amavel e innovadora que prorompeu a luz para mostrar a Portugal que a poesia é uma arte, uma força e um progresso, e não um esterzido plastico das fórmas rebatidas da antiguidade, do seu sensualismo, da sua descrença, e d'esse materialismo que enthronisou o suicidio como uma virtude salvadora.

O christianismo pouco apparece na arte portugueza antes da reforma exemplificada pelo nosso consocio. Os proprios padres, como Philinto Elysio e outros se mostram idolatras como Anacreonte e Horacio, incredulos como Seneca e outros, que não viam nada além da morte. Trasfoleando os contornos da musa grega, a repro-

(*) E' a inscripção do Panthéon Francez!

duziam decadente como as pinturas dos vasos etruscos, onde a mão insciente do operario denuncia uma belleza mutilada.

Antes de haver emigrado já tinha produzido o *Retrato de Venus* e *Catão*. Os primeiros lampos do genio foram atacados violentamente pelos criticos, pelos inimigos da arte, e pela hypocrisia disfarçada em moralista. Ganhou ambos os processos: provou em publico que o seu poema não era mais que uma oblação á pintura, e uma maneira de grupar todos os pintores para, no retratar a deosa, distingui-los pelo seu merito especial. O abbade Corrêa da Serra o abraçou, e lhe disse estas palavras: « O vosso poema é a aurora de outros mais bellos; porque a litteratura é como as aguas de Versalhes, que quando correm pela primeira vez no anno sahem sempre turvas, mas ao depois se tornam limpidas e corôadas de mil arcos-iris; e o arco-ris, moço, é o symbolo da paz. »

Provou, cotejando os textos, que não havia traduzido o *Catão* de Addisson, e os seus inimigos se calaram.

A inveja, meus senhores, é o missionario da decadencia humana, o Protêo que toma todas as fórmas para embaraçar o que é bello e creador; nos seus olhos estão os raios que só ferem as cousas grandes; quando louva os estranhos é porque odeia os nacionaes, e quando adora os antigos é porque aborrece os modernos; para ella não ha progresso, porque ella é essencialmente estacionaria: vampiro de natureza hybrida, toma a abalada do condor para ferir as summidades, e os meneios da serpente para destruir todos os germens fecundadores. Este monstro só se alimenta no coração da mediocridade ambiciosa.

Os homens que querem na poesia uma arte como Platão estabeleceu, acclamam *Camões* como obra prima de Garret, porém os poetas consideram *D. Branca* em primeiro lugar: tanto uma como outra tem seu merito especial.

Na primeira resumbra o patriotismo, a missão do poeta elevado e generoso para com a sua nação; a livre mas sensata inspiração guiando a socidade, e com ella a religião severa, santa e desinteressada.

Em *D. Branca* a arte apparece debaixo de uma fórma mais ampla, mais variada e graciosa; o poeta deleitou-se em animar, em colorir antigas lendas e tradições, e ao mesmo tempo em infundir pelos exemplos e virtudes de outras eras aquellas idéas que regeneram um povo. Estes dous poemas, filho da escola byronniana, abateram a poesia idolatra, a musa plastica e anachronica do paganismo, e abriram á juventude portugueza essa nova epocha litteraria que tanta honra lhe faz.

E' lisongeiro para o nosso Instituto contar em seu seio os grandes prophetas da arte, os reformadores da litteratura em França, em Portugal, e tambem aquelle que fez o mesmo no seu Brazil.

Depois da reforma do theatro brazileiro, pelo sr. Dr. Magalhães, em 1837, appareceu a do theatro portuguez pelo nosso finado collega. As suas obras dramaticas anteriores ao *Alfageme* e *Frei Luiz de Souza* pertenciam á escola classica de Racine e seus contemporaneos Shakespeare, Calderon, Schiller, e o mesmo Byron ainda não tinham sido escutados e admirados por elle. E n'essa epocha ser-lhe-ia permittido dar largas á inspiração, e passar do circulo do vassallo para o do cidadão em uma cidade que víra consumir na fogueira o Molière fluminense e preparava a mesma festa de sangue ao Paulista que realisou os sonhos da antiguidade, e foi o primeiro mortal que rompeu as leis da attracção e subiu aos ares em uma machina que inventára! O predominio e os habitos da servidão só se destróe como Moysés, só se aniquila com novas idéas, e uma nova geração: o idealista é o Argos, e o tempo e a morte os Briareos.

Apezar dos tempos, de tanto engenho e precocidade, e de tantos e tão innumeros escriptos, o nosso consocio soffreu grandes e inqualificaveis injustiças; tinha o estigma de poeta, que por muito tempo nullificou o homem, e o prescreveu da communhão dos seres priviligiados que elevam á virtude os seus talentos negativos, e se absolvem mutuamente da ruina do estado e da moral publica, porque tem o dom celeste de não versificarem.... E no entanto, senhores, o poeta é quem eternisa a nacionalidade e a gloria do seu paiz;

porque um dia virá em que Portugal será Camões, e vivirá gloriosamente da sua individualidade.

Os homens de natureza refractaria ao vulgarismo sensual, os caracteres que militam contra o despotismo das maiorias, não se contaminam facilmente, porque não podem lisongear, porque são laboratorios do pensamento, e instrumentos providenciaes para as grandes revoluções. Estes homens formam uma tribu de pugilistas, que abalroam e combatem a cada hora da vida essas phalanges de madraços pretenciosos, que se fardam com o uniforme do passado, e proclamam-se conservadoras zelosas, como se a humanidade fosse estacionaria, e não houvesse no espirito humano os fecundos elementos do infinito, do finito e das relações!

A rotina, a febre soporifera da decadencia, a moda, a voluvel soberana dos espiritos futeis se adunem sempre para pelejar de industria contra o homem que se colloca em primeira plana pelos fructos do engenho, ou o que lhes apresenta uma verdade salvadora, uma nova vida. Os doutos pela imitação, pelo plagio, pela paraphrase, pela rapsodia do passado se apresentam; proclamam victoria, tripudiam de alegria..... e no entanto uma força como aquella que impelle o Judeo Errante a caminhar lhes grita.... Marcha, e elles caminham, cantando a mais triste das palinodias...

Fechemos essas pobres considerações com umas palavras escriptas na frente do *Arco de Santa Anna*, pelo nosso finado collega, porque ellas retraçam sua missão e suas consequencias durante o trabalho: « Os grandes poetas edificam o futuro quando reagem com o passado em mão. »

Todos sabemos que este romance é a personificação da realeza justiçando em toda a sua plenitude: D. Pedro, o cru, aquelle principe que collocou o diadema dos reis sobre a fronte da morte, e acclamou rainha o cadaver de D. Ignez, vai á cidade do Porto, depõe o bispo, e o castiga com suas proprias mãos. Este drama com paginas de fogo, e escripto por um idealista, teve uma significação particular ao sahir á luz. Havia pouco que outro D. Pedro dissolvêra os conventos, e abatêra a oligarchia monacal transviada de

sua sagrada missão. Os poetas, os medianeiros entre as lutas do espirito e da materia, sahiram a campo para suspenderem a torrente e salvar a igreja ameaçada: foi prompto o armisticio, e gloriosa a victoria, mas os homens que atiçaram as fogueiras do Rocio de Lisboa e benzeram os baraços da forca do Porto e de todo o reino não se contiveram; não quizeram esperar pelo tempo, por essa mesma autoridade que os havia enthronisado e proscripto, e que só os poderia rehabilitar uma outra vez, mas debaixo d'aquella lei que diz: « O passado nunca se renova com as mesmas circumtancias. »

São palavras de Garret, senhores, escutemos o homem: « Walter Scott resuscitou a poesia dos tempos feudaes, e nos enthusiasmou por ella: Lamartine fez-nos chorar sobre a ruina dos mosteiros; Victor Hugo fez-nos carpir a soledade das nossas quasi abandonadas cathedraes. As artes do desenho acudiram ao reclamo da poesia e lhe prestaram todos os seus prestigios. Fez-se uma grande revolução, nos sentidos primeiro, depois nos sentimentos, depois nas opiniões. O feudalismo, que não inspirava senão horror ao homem, do seculo desanove, começou a excitar-lhe a admiração; o monachismo, que era aborrecido e desprezado, obteve dó e compaixão. E até aqui a revolução era salutar: ganhava a tolerancia, ganhava a moral, ganhava a religião com ella; porque em verdade o philosophismo do seculo passado tinha derrancado tudo á força de corrigir e aperfeiçoar.

« A reacção, como ella se fez naturalmente, nos corações e nos animos, como a inspiraram os grandes poetas, grandes prophetas e grandes missionarios do seculo, era salutar e benefica. Mas os myopes e pygmeos da oligarchia, exagerando o elasterio verdadeiro, quizeram levá-la onde não póde ir, torcer-lhe a direcção e grangea-la em sordido proveito de seus interesses.

« Eis aqui como os Jesuitas queriam obscurantisar a França á sombra de Chateaubriand, o immortal defensor da liberdade da imprensa; eis aqui como ali vinha a lei dos morgados, como ali veio a lei dos sacrilegios e como ainda hoje, de novo, as pretenções clericaes, por lá e por cá, por toda a parte vão levantando

uma cabeça que ninguem diria senão que esta gente vem dos antipodas, ou que são os sete dormentes da Grecia, que acordaram agora e não sabem o que por cá foi, neste ultimo seculo sobretudo.

« Ora, a reacção politica e religiosa é uma só, e a mesma, é outra e mui differente do que elles querem ou suppoem, os taes senhores: hão de se ir desenganando. Mas emquanto se não desenganam, molestam e fatigam os povos com suas tentativas, desmoralisam a sociedade, atrasam a civilisação, compromettem a causa da religião e a da humanidade.

« E tudo isto, a maior parte d'isto pelo menos, fizemo-lo nós, sem querer, com a paixão do gothico.

« A obra do espirito que se não confunda com a corrupção da materia!

« Do meio d'este lodo de utilitarios e agiotas em que patinha e chafurda o corpo da sociedade, o pensamento d'ella tende a elevar-se a Deos, ao ideal da verdade e da formosura eterna, ao sublime do christianismo. E' um facto; um facto incontestavel. O altar está mais seguro do que nunca esteve! mas os seus ministros esperam em vão tornar a devorar a grossura da terra, muito mais ainda tornar a dominar a terra.

« E os que mais trabalhavam na reacção religiosa e poetica, mais obrigação tem agora de lh'o dizer, e de fazer sentir aos povos esta verdade. Poupar-se muita fadiga inutil, muita desgraça, quem sabe se muito sangue tambem?

« Quando ao cabo destas grandes considerações eu concluir que por isso vou publicar um romance, uma novella, que dirão os leves de cabeça mais leves de lingua? *Paturient montes*. Pois dizem uma sandice, uma necedade em portuguez mais vulgar, mas não menos classico, uma tolice.

« Com romances e com versos fez Chateaubriand, Walter Scott, fez Lamartine, fez Schiller, e fizeram os nossos tambem, esse movimento reaccionario que hoje querem sophismar e grangear para si os prosistas e calculistas da oligarchia.

« Com romances e com versos lhe havemos de desfazer pois o vilão artificio. »

O visconde do Almeida Garret o que mais ambicionou em sua vida foi o lugar de representante de Portugal no imperio do Brazil, e tal era a vontade que tinha de vêr esta bella natureza, e de abraçar os seus mais intimos amigos do tempo da Universidade, que me mostrou o começo de um romance brazileiro, no qual descrevia muitas das nossas plantas pelo que havia observado na Madeira á luz do sol, e em outros lugares, nas estufas dos jardins botanicos.

Era um homem de estatura mediana, de apparencia grave e sympathica, e de uma physionomia expressiva. A parte superior da sua cabeça era sublime, mas a inferior humanamente sensual, mórmente a bocca; Plutão e Anacreonte se poderiam encontrar nos seus traços physionomicos. Tinha a voz sonora, forte e flexivel em todas as modulações; a sua conversação era um teclado extensissimo que percorria desde as abstracções philosophicas até o brilho do lyrismo, assim como passava d'este aos motejos graciosos, áquelles epigrammas que sabe manejar todo o homem altamente educado.

A sua palavra era animada por um nobre gesto, e seu trato o do homem social; lhano e simples com os amigos, cortez e aulico com os grandes, reservado e artificioso com os desconhecidos, e jovial e engraçado quando abria o coração. Nos seus variadissimos escriptos se lê a flexibilidade de sua alma, mórmente no que elle intitulou *Viagem á minha terra.*

Debaixo da pressão de uma atmosphera carregada de prevenções, subiu ao ministerio. Poeta para os homens do positivo concreto, homem das damas nos salões para os hypocritas, artista nas academias e theatros para os monges politicos, alma de joven para os velhos artificiaes, amigo da mocidade para os egoistas, parecia, apezar de seus talentos oratorios nas côrtes, um ente negativo para tão alto magisterio, para a gravidade composta da maioria dos homens que aspiram o mando, e que muitas vezes o conquistam por certas e determinadas exterioridades.

Subio mal agourado, mas sahio chorado de todos os seus subal-

ternos, e o que é mais ainda, de todo o corpo diplomatico, que teve n'aquelle ensejo mais de uma vez de apreciar sua actividade, cortezia, firmeza e argucia nos negocios publicos.

Choram por elle as letras e as boas artes, e os homens que comprehenderam e avaliaram sua missão na reforma litteraria e scenica. Obreiro do Senhor, ente predestinado, mortal ungido pelo anjo das harmonias, ergueu-se no meio do borborinho de um seculo revolucionario, entre o tripudio e as correrias de uma éra agonisante para preencher seu mandato, e desceu á terra envolto n'essa aureola immortal que a inveja não póde obscurecer, porque o tumulo é impenetravel como a escuridão que o rodeia.

Tive a fortuna de o conhecer e de o admirar pessoalmente, mas nunca sonhei que lhe coubesse a desgraça de me ter por seu biographo; suppra a amizade e o respeito a intelligencia que me falleca. Foi victima das suas convicções e por ellas soffreu e

Je crois à des temoins qui se font égorger (1).

Como todos os grandes poetas, teve a sua aurora de esperanças, os seus dias de batalha, uma vida de agonias e algumas horas de triumpho.

Onorate l'astissimo poeta (2).

Deixemos o outro lado do Oceano. As epochas tenebrosas dos Barberini crepusculam no passado diante dos delegados do Messias: Guttemberg e Fulton estão completando a obra do Evangelho.

No cemiterio de S. Francisco de Paula está sepultado José Lino de Moura, natural do Sabará e nascido em 1775. Seu pai, o Dr. José Caetano Rolim de Moura, o mandou educar conforme os meios dos tempos coloniaes, e taes foram os seus progressos que em 1788 foi empregado na casa dos contos. Em 1808, á chegada da familia real, foi nomeado contador dos armazens da fazenda real; e

(1) Racine fils.
(2) Dante.

na creação do arsenal de marinha foi incumbido da organisação da contadoria geral; assim como na creação do arsenal de guerra, onde deu provas de sua pericia, methodo e zelo no trabalho, pelo que foi agraciado em 1810 com a ordem de Christo, e com a circumstancia singular de ser condecorado perante todos os empregados, por assim o haver ordenado o principe regente.

D'aquella epocha só consta-me dous casos d'esta especie de galardoar o merito: o do nosso finado consocio e o padre José Mauricio, a quem o senhor dos dous mundos condecorou com a sua augusta mão em plena côrte.

Na creação da caixa da amortização foi ainda empregado como contador, e nesse emprego se aposentou com honra e com louvor.

Na construcção do futuro ha homens que apparecem como mestres, e outros como operarios; a grande pericia em uma especialidade quando é acompanhada das virtudes da modestia e da probidade, serve de embaraço ao empregado, porque o egoismo dos superiores o condemna á perpetua escuridão. Todo o empregado habil e modesto é mais um sentido e um membro de seus chefes.

Ah! quantos nomes passam obscuramente na historia da administração, que deveriam andar em plena luz, e serem eternisados na praça publica por padrões especiaes! O empregado zeloso e intelligente é a arteria vital do ministerio; elle corrige e harmonisa os grandes planos com a medida da experiencia, com a pratica dos negocios; suspende calamidades publicas por meio de razoaveis demonstrações; esmerilha o passado, e em cada dia recolhe uma somma que no fim de annos representa um capital enorme; estabelece a ordem; dá credito ao governo; torna a administração amada pela justiça, presteza e urbanidade nos despachos; identifica-se com o serviço publico, o geme em todas as suas perturbações; e á sombra da sua probidade, da sua constancia, repousa o Estado e a moral publica.

Não baratêa a sua vida á frente de um exercito, não é excitado pelo amor da gloria, pelas acclamações da fama; mas deixa a esposa e os filhos no leito da morte pelo trabalho; e elle mesmo ar-

dendo em febre, mal podendo soster-se, arrasta-se até o tellonio da repartição, caminha porque a honra o chama, porque o dever o impelle, porque o seu superior e o seu inferior descansam nelle, e assim devora uma existencia cara no silencio e na meia luz.

A esta nobre familia de semi-proscriptos pertenceu o nosso finado collega, de quem os fundadores d'esta associação ainda conservam a mais grata memoria.

Obreiro incansavel, desinteressado, trabalhou largos annos para a prosperidade da Sociedade Auxiliadora, e para a creação do Instituto Historico, de quem foi o seu primeiro thesoureiro, e abonador nas mais criticas circumstancias. O instituto vivia então sómente de seus mesquinhos recursos; ainda não tinha a immediata protecção imperial, nem a dos outros poderes do Estado; ainda não sonhava esta éra de um esplendor augusto, que o torna á face do mundo intelligente a mais nobre de todas as associações litterarias.

Quando em 1838 fundamos o Instituto, faziamos nossas sessões em uma sala baixa, escura e sem forro, despida de moveis e de todo o necessario; mas no meio d'esta pobreza tinhamos o coração ardente dos fundadores: as nossas sessões eram numerosas, e os nossos trabalhos o que mostra a *Revista*. José Lino de Moura ali se via a animar os operarios do novo edificio e a estudar e promover os recursos materiaes para o progresso do Instituto; a sua bolsa estava sempre aberta, e nunca nos fez esperar por uma impressão qualquer.

Tenho saudades, meus nobres collegas, d'aquelles varões respeitaveis, d'aquelles velhos que, por amor da patria, se privavam do descanso e de seus conchegos nas horas do repouso. Como eram alegres e bondadosas aquellas faces venerandas do visconde de S. Leopoldo, do conego Januario, de Rodrigo Pontes, de Aureliano, e como ellas se harmonisavam com a gravidade melancolica das dos nossos benemeritos finados José Silvestre Rebello, Thomé Maria da Fonseca, José Lino de Moura e o conselheiro José Antonio Lisboa!

Recordemos de vez em quando estes nomes sagrados para o Instituto, afim de que os modernos e os estranhos os respeitem como nós, e assim venerem os primeiros lidadores que combatteram os madraços,

os apostolos do regresso, os defensores da inercia, capeada pela duvida, com este exemplo luminoso e triumphante!

A maior parte dos thesouros accumulados nos 17 volumes da nossa *Revista* seria perdida, si o espirito de adiamento tivesse prevalecido no animo dos fundadores do Instituto. Os homens que esperam pelo tempo esperam pela morte.

Para nós todos o trabalho não é pena, nem uma alavanca mercenaria; porque o consideramos como um dever sagrado, como um tributo exigido pela patria, e como um meio honroso de bem merecer do Imperador e dos Brazileiros.

Os individuos que se encarregam por delegação de um poder, ou espontaneamente de organisar qualquer cousa, são os que mais abençoam os homens da tempera e qualidades do nosso finado consocio: constantes e prestativos, laboriosos e modestos, só desejam as cousas sem se importarem com vaidosas exterioridades, proseguem alegremente, e saboream os fructos de sua cooperação. Sejam elles sempre bemditos, para castigo dos que professam a religião da inercia, e se abraçam com essa força poderosa, que desloca todo o poderio, e toda a fé dos corações generosos.

Na idade das illusões, tendo em perspectiva uma carreira brilhante; moço, cheio de viço e esperança, havendo percorrido já os mais altos gráos na jerarchia social, falleceu inesperadamente o nosso amavel consocio João Duarte Lisboa Serra, doutor em mathematicas pela Universidade de Coimbra, deputado pelo Maranhão á assembléa geral legislativa, ex-thesoureiro geral do thesouro nacional, presidente do Banco do Brazil, e do conselho de Sua Magestade.

Homem generoso, nunca apertou os cordões da bolsa ao necessitado: soccorreu os seus patricios na terra estranha, amparou-os na patria, promoveu industrias, ajudou o trabalho, e ameigou a intelligencia. Poeta sentencioso, empregou a sua musa em assumptos dignos, o moralisou com ella.

Si me abstenho de continuar a fallar-vos d'esse nosso constante companheiro, é porque em breve tereis sobre elle trabalho mais completo: a amizade, a gratidão e o dever preencherão mais digna-

mente o seu elogio, do que o vosso orador, mórmente quando a luz do engenho e de uma curada cultura adornam o espirito do seu futuro biographo.

Dizia-me o immortal Garret que o Brazil, ao passo que ganhára em politica com a independencia, perdêra em litteratura, porque a independencia arrancára do gabinete de estudo muitos dos seus companheiros de Coimbra, que elle considerava como talentos de primeira plana, e homens capazes de crear uma epocha notavel no reinado do espirito. Affirmava com um sincero enthusiasmo que estes homens eram da boa tempera dos creadores, e que alguns subiam ás alturas do engenho. Entre elles distinguia tres grandes latinistas, capazes de discorrer em qualquer academia famosa sobre a lingua de Cicero e de Virgilio: um d'estes latinistas esta aqui sentado na cadeira presidencial d'este Instituto; outro está em Paris, e é o interprete de Virgilio; o terceiro está na terra da verdade, e se chama entre os humanos Manoel Alves Branco.

A um moço talentoso, escriptor publico, fez graça o nosso benemerito consocio com um apontamento biographico sobre a sua vida politica, e é d'esse autographo que eu passarei a dar-vos, em primeiro lugar, um traslado fiel, reservando sómente dous pontos que a conveniencia social me obriga a passar por alto: as grandes verdades quando não edificam devem ser clausuradas até que a posteridade as exponha a uma luz fructificadora, porque a verdade póde ser offensiva e até destruidora si é lançada extemporanea e deslocadamente. O morto é quem falla, escutemo-lo com respeito e acatamento:

« Manoel Alves Branco, filho do negociante da Bahia João Alves Branco, e D. Anna Joaquina de S. Silvestre, nasceu em 7 de Junho de 1797; e depois de preparado nas escolas da Bahia de primeiras letras, latim, francez, logica e rhetorica, partiu para a Universidade de Coimbra no anno de 1815.

« Em Coimbra frequentou o curso completo de sciencias naturaes; por tres annos o curso accessorio de sciencias mathematicas, de que apenas deixou de estudar as materias de 4.° anno, que se

limitavam á astronomia; matriculou-se em direito, do que completou o curso em 1823.

« Retirou-se para Lisboa, e d'ahi para sua patria em 1824, onde chegou pouco depois da retirada das tropas do general Madeira.

« Veiu ao Rio de Janeiro nesse mesmo anno, e foi despachado juiz do crime da cidade da Bahia, onde serviu pouco mais de tres annos, e foi despachado juiz de fóra da villa de Santo Amaro, d'onde depois de servir pouco mais de um anno veiu para a côrte por ter sido despachado juiz de fóra d'ella, e por ter sido deputado á legislatura que principiou em 1830, na qual foi reputado membro do partido liberal, ainda que de opinião independente.

« Nesse anno foi encarregado pela camara de redigir o primeiro codigo do processo por jurados que teve o imperio; e que passou em 1831, e ainda rege com as modificações da lei de 3 de Dezembro de 1841, que alterou profundamente, ou antes aniquilou aquelle systema de julgar, e foi a causa da revolta de Minas e S. Paulo, por. . . . . .

. . . . . .

« No anno de 1831 apresentou diversos projectos sobre o poder judiciario, e um sobre o systema eleitoral, foi o primeiro que se lembrou das incompatibilidades dos juizes e outros empregados para o exercicio do poder legislativo em harmonia com os preceitos da constituição, que veda a confusão dos poderes, e estabelece como base essencial do systema constitucional sua divisão e independencia. . . assignou n'essa epocha, com o deputado philosophe da sua provincia, a proposta da liberdade completa de consciencia e federação monarchica, que não passou por parecer muito liberal, mas que teve o mesmo destino que a outra, pois foi envolvida no acto addicional de 1833, que estabeleceu administrações em assembléas provinciaes, debaixo da tutella da assembléa geral, e dos presidentes de provincia de exclusiva e arbitraria nomeação da côrte, as quaes ainda hoje continuam a existir nominalmente, pois que todo o poder lhes foi tirado pelo acto annullatorio, a que se chamou interpre-

tativo da camara da assembléa geral . . . . . .

. . . . . .

« Em 1832 foi Alves Branco chamado ao thesouro, dando-se-lhe o logar de contador geral membro do tribunal, e aceitou porque tendo estudos mathematicos e de direito, entendeu que devia dar-se ao importante ramo de administração que nos Estados livres mais occupam a attenção, e é de maior influencia para o bem da sociedade e sua grandeza; fazendo logo nesse mesmo anno diversos regulamentos de contabilidade, e as primeiras instrucções para a escripturação por partidas dobradas, que teve o imperio, onde só no thesouro e na Bahia se applicava esse systema com muitas imperfeições e irregularidades.

« Foi d'esse logar chamado para o ministerio da justiça e dos estrangeiros, em os quaes propoz diversos melhoramentos, e assignou com Mr. Fox a convenção para reforçar os meios de reprimir o trafico que a assembléa.... não approvou, dando logar aos insultos que ultimamente soffremos, e talvez ainda sofframos; e quando sahiu d'esse ministerio, por pequenas desintelligencias com o regente Feijó, e molestia, foi á sua provincia, d'onde veio eleito senador, e foi nomeado pelo mesmo regente em Julho de 1837, estando no ministerio da fazenda e do imperio por nomeação do mesmo regente, de que se retirou pela retirada do mesmo regente. . . . . recusando absolutamente ficar com a regencia do imperio, como ministro do imperio que era, não obstante as instancias do mesmo sr. Feijó, por lhe parecer indigno de um homem de bem servir com os inimigos fidagaes de um homem de quem era amigo.

« Voltou ao ministerio da fazenda por nomeação do regente Araujo Lima, hoje visconde de Olinda, e nesse ministerio fez o decreto de 20 de Fevereiro de 1840, que introduziu a contabilidade franceza no thesouro, creando o systema de contas por exercicio unico, pelo qual se póde bem realisar a responsabilidade da administração no systema representativo, o qual quando ainda que mal executado pela ignorancia dos agentes e empregados da administração ainda hoje existe, porque nenhum ministerio ainda duvidou

da sua utilidade, já muito demonstrada pela ordem e clareza que vai estabelecendo no thesouro e thesourarias, onde antigamente os balanços não diziam, e eram a confusão e o cháos.

« Sahiu d'esse ministerio em Maio de 1840 por desintelligencia com membros influentes da maioria, mas voltou ao ministerio da fazenda em 2 de Fevereiro de 1844, por nomeação de S. M. o Imperador, em o qual lutou com a grande e difficil epocha, melhorando muitos regulamentos de arrecadação de rendas, diminuindo os direitos, e melhorando o systema de cobrança de ancoragem, e fazendo a tarifa de 1844, que ainda hoje existe, e que é o manancial indisputavel da renda que actualmente apresenta o imperio, embora sahisse, e na sua volta cahisse momentaneamente em consequencia do grande cataclysmo revolucionario da França e da Europa em 1848, pois immediatamente levantou-se, e marcha triumphante, ao que não assistiu por sahir outra vez do ministerio para curar-se de uma molestia que ainda hoje lhe dura, e que na epocha inteiramente o impossibilitava de servir.

« Nos diversos ministerios que servio fez propostas de bancos, de um tribunal de contas, de reformas de thesouro, que não pôde levar ávante; e como deputado e senador tem sido sempre empregrdo nas commissões mais importantes, á excepção dos tres annos anteriores por graça dos seus inimigos, que não podem deixar de ser inimigos do bem do imperio. »

Si exceptuarmos as ultimas palavras d'esta fé de officio, lavrada pelo proprio punho de tão alto funccionario, veremos no seu todo resumbrar aquella recusa, aquelle laconismo do homem probo, que atira á luz os factos da sua vida publica, sem temor, e de uma maneira victoriosa.

O magistrado, o legislador, o economista e o ministro não eram mais que a parte ostensiva e laboriosa d'este grande Brazileiro; homem encyclopedico, estudante incansavel, alma harmoniosa, que possuia o estro e a arithmetica, e o dom de contemplar e ler os mysterios da creação; artista e geometra, poeta e estadista,

theologo e naturalista, cabeça pensante, dualidade poderosa, elle abraçava qualquer grupo da natureza com a mesma força e serenidade como examinava as tabellas pautadas que comprovam o motivo do fluxo e refluxo das rendas nacionaes.

O centro de toda a orbita da sua vida publica foi a probidade: immutavel e forte como ella, exonerado dos dons da sapiencia, conservou-se nessa atmosphera sagrada e incorruptivel em que morreu; como o nobre Martim Francisco, o dynamico social da independencia.

Quando o desgraçado Lirio, do fundo da sua prisão, impetrava á piedade dos juizes, desculpando seus erros pela obediencia que tivera em emprestar os dinheiros publicos a alguns de seus superiores, Alves Branco foi o primeiro que protestou em publico contra semelhante suggestão, pulverisou-a, começando por si a rehabilitação de seus nobres collegas, porque a sua honra era o seu maior cabedal, o seu escudo, e a base de todos os seus triumphos e conquistas. Por ella e por sua intelligencia se havia tornado um homem necessario na administração publica, e um cidadão respeitado de todas as jerarchias sociaes.

Ministro da fazenda e do imperio na regencia de Feijó, renuncia como este o mais alto lugar a que póde attingir o cidadão!

Na regencia que succedeu, passada a natural temporada das represalias, é de novo chamado á administração das finanças; prorompe a maioridade, e o soberano o chama para completar a obra da reforma administrativa das nossas finanças. A sua constante apparição no poder em epochas tão diversas e de sentimentos e interesses tão oppostos, prova que elle não era um d'esses Memnons politicos a quem a camaradagem ou o favor popular erguem temporariamente para perecerem no primeiro recontro. Combateu com os Ulysses e não foi vencido; justou com toda a sorte de Protéos e sahiu triumphante; a probidade é uma eterna espada de Brenno em todas as lutas de interesses pessoaes.

Eu o vi rasgar um decreto porque se lhe provára sua injustiça; eu o vi consternadissimo por não poder reparar a demissão do bene-

merito José Joaquim da Rocha; a nossa diplomacia tinha então uma especie de Saul, vertiginoso, um rei occulto, para quem os psalmos da verdade e as harmonias da luz eram o principio de sua irritabilidade e inconsciencia. Esta especie de vampiros fataes a todos os governos, vive enconchada a queixar-se quotidianamente; mas sua alma cruza os mares nos paquetes, vôa com a malaposta, e, sem ser vista de ninguem, fere como o raio nos dias da primavera, nas horas da esperança.

Foi nobre a sua existencia, foi admiravelmente exemplar, porque venceu as lutas da pobreza em alta posição, e satisfez dignamente as suas necessidades; foi nobre porque os exemplos da corrupção triumphante nunca o abalaram do pedestal em que se firmára. Os dardos de seus inimigos o não feriram, resvalavam como a setta de junco n'um broquel de aço polido.

Os homens da sua tempera são como os que na antiguidade fabulosa penetravam a caverna de Protêo, para arrancar do advinho dormente os segredos do futuro. Era precisa a luta, era preciso acorda-lo por meio de torturas, era preciso esgana-lo fortemente: duas pelejas se travavam, uma temporal, e a outra permanente. O adivinho, estorcendo-se de mil modos, tomando aspectos diversos, lutava até voltar á fórma humana, á verdade do que era, para então despertar, predizer o futuro, e confessar a verdade.

E quem é esse Protêo, srs., que luta com o homem abalisado, e toma a fórma da serpente, da aguia, da prostituta, e da onça traiçoeira? Não será o homem invejoso ou ambicioso na successão dos tempos e dos acontecimentos? Não sera elle tambem esse demonio popular, o demo de Parrhasio, o conjuncto de todas as paixões terrenas contra o homem de bem, contra o talento, contra essas forças que o abatem, e essas verdades que o forçam a proclamar suas virtudes, a transmitti-las á posteridade, ao animado imperio do futuro?

Certamente que sim; os resultados publicos de seus trabalhos, dos seus planos e do seu patriotismo o levaram de juiz a deputado, a senador, a ministro, a conselheiro de estado, e ao titulo de visconde de Caravellas.

Eu vos disse, srs., que o companheiro de Garret era da familia dos poetas; dos poetas, sim, e não dos versificadores intrusos, que o povo ou a myopia confunde para aniquilar os filhos do céo. Coroarei o visconde de Caravellas com as flôres da primavera que elle cantou, e indemnisarei o vosso tempo perdido em me ouvir com as harmonias brilhantes da sua ode á liberdade, no mesmo anno e lugar em que a cantára Garret, e onde elle conjunctamente colheu as palmas immortaes dos triumphos de sua musa grandiloca e sonora.

O poeta está defronte do penedo da Saudade, em Coimbra; o céo está puro e perfumado, e os rouxinoes gorgeiam melodias.

« Primavera gentil, ethereo mimo,
« Do seio dessa nuvem resplendente
« Ao lado da harmonia baixa á terra.
« Mal que apontaste, abotoaram flôres
« Mil variadas em matiz, em cheiro.
« Com teu almo calor affervorada
« Resurge do lethargo a natureza,
« E vem beber nas virações a vida.
« Amor as brancas azas desferindo,
« D'ouro franjadas incansavel vôa
« Pelo manso, azulado firmamento;
« No templo omnipotente do universo
« Innocentes mysterios solemnisa.

E neste cantar, dando *pasto ao coração e á mente*, desprende sua alma, vôa pelo Mondego, atravessa os valles, colhe as flôres dos vergéis e as boninas dos campos, deslisa pelas messes que ondeiam como o Oceano; vôa mais longe, passa á Grecia, pousa no tumulo de Heitor, evoca as cinzas, e chora o seu desterro voluntario, e diz:

« Aqui tudo me traça os patrios campos!

A sua lyra se afina agora pelos sons de Pindaro. Para cantar a liberdade procura a solidão; vai sentar-se nos desertos onde o Arabe errante, a despeito de Antonino e de Trajano, conservou a liberdade:

« Penhor do santo dogma da igualdade.

A liberdade doura às trevas do ermo, traz os emblemas de Astréa; a seu seio desce do céo uma cadêa, cujo primeiro fuzil é Zeno, e após elle Licurgo, Catão, Seneca, Trazéas e Peto. Admira a singeleza do seu templo, não vê em seus átrios respirar a molleza effeminada do Oriente. Contempla as phalanges de leões do Caucaso descendo sobre a Grecia, vê Dario, vê Milciades em Marathona. Passa para Roma, contempla o terreno dos semi-deoses e dos monstros; vê a natureza extremar-se em Bruto, abater-se em Nero, e remontar em Aurelio. Evoca a cidade dos Cesares, interroga-a, e diz:

« Oh! Roma! alta princeza das cidades,
« Dormitas? Onde os teus antigos brios?
« Eia, acorda! eia, arranca denodada
« A mascara fagueira dessas hydras
« Que famulentas em teu sangue illustre
« Anhelam saciar perfidas garras!
« Não tens a liberdade em teu amparo?
« Ah! que á cobiça franqueaste o peito.

« Contemplai povos livres no cadaver
« Da soberana de um milhão de imperios....
« Chorai sobre estas ruinas magestosas!
« Aqui foi Roma, oh povos!
« A mudez dos sepulchros,
« Onde o *veto* troou tremendo impera,
« Será que mais horror a terra opprime?
« Que lugubre alarido
« Nos antarcticos gelos longe echôa?
« O ar se entenebrece; arqueja a terra;
« Ensanguentam-se os astros;
« Redobrados trovões stallam teterrimos!
« Travam combate horrisono com as penhas
« Enfurecidos mares; ronca rouco
« Da tempestade o genio pavoroso.

« Por amplo hiato
« Feias harpias
« O inferno aborta
« Entre ondas de espessimos vapores.
« Tantos grãos não revolve
« No seu bojo o Oceano!!
« Co'as estridentes, rebatidas azas,
« Vem sulcando cahoticos negrumes!

« Tu as sentiste, Europa;
« Tu gemeste nas trevas enredada.
« A santa liberdade espavorida
« Desampara teu gremio;
« Arvora o ferreo sceptro a tyrannia!...
« Ai de ti miseranda! quantos seculos
« Pendem de horrores! Ai que a tocha eterna
« Da razão tenta embalde allumiar-te,
« Por aqui, por ali crepusculavam
« De espaço a espaço dias milagrosos
« Abafados em sangue, mal nacidos!...
« Já quasi fenecia o santo lume
« Eis que avulta em vigor, e aclara os orbes,
« E' fama, que de lobrega espelunca
« Troou pesada voz: — Somos vencidos;
« Fugi oh filhos; o homem conheceu-se. »

Basta por agora.

O visconde de Caravellas tinha na fronte e no olhar o lume da intelligencia; a voz sonora e grave, e a conversação admiravel. Morreu pensando no imperador e no Brazil. Homem progressivo, augmentou sempre de dia em dia a sua maneira de ser pelo estudo, e marcou a extensão da sua personalidade no paiz com os signaes de sua intelligencia e probidade.

No dia 13 de Julho descansou aquella poderosa realidade, aquelle homem que soube dar lustre á pobreza, e elevação á modestia.

« Nasci pobre, dizia elle, e pobre morrerei; mas nasci na mediania social, e fui elevado ao fastigio das posições pela magnanimidade de um principe que não pergunta pelos avós dos servidores do Estado. »

Todos nós, meus srs., costumamos erguer no coração um monumento áquelles que veneramos pelo amor, pela amizade e pela razão. No monumento que lhe ergueu a minha gratidão está gravada esta inscripção:

O anjo das virtudes civicas
Corôe a memoria perduravel
Do cidadão
Manoel Alves Branco.

A pureza de sua alma,
A pratica de sua vida publica,
Os dons celestes da intelligencia
Deram nelle um lustre eviterno
Ao suggesto da justiça,
Ao voto do conselheiro,
Aos actos do ministro,
E ao throno do legislador.
Homem incorruptivel:
Não fortificou o rico contra o pobre,
Não tolerou a prevaricação,
Nem cedeu a justiça
Ao ouro e ao egoismo.
Não gangrenou por interesse ou ambição
O futuro da patria;
Pobre, modesto e parco,
Foi grande e venerado
Pelos dotes do entendimento,
Pela nobreza do coração,
Os máos o detestavam.

A patria do visconde de Cayrú, além da perda de seu filho benemerito, o visconde de Caravellas, lamenta ainda duas grandes perdas: a do visconde da Pedra Branca e da do conselheiro Rodrigo Pontes.

O visconde da Pedra Branca, o amavel poeta das sras. Brazileiras, depois de haver completado as suas humanidades na Bahia, foi para Portugal, onde tomou na Universidade de Coimbra o gráo de doutor em direito, e fez alguns estudos na faculdade de philosophia para os applicar á agricultura. Herdeiro de uma grande fortuna, que soube conservar, viveu em Lisboa por algum tempo cultivando as musas, e em companhia d'aquella pleiada de poetas que contava em seu numero Bocage, Nicoláo Tolentino e José Agostinho de Macedo.

Amigo de Hippolyto, do redactor do *Correio Braziliense*, e do laborioso Filinto Elysio, e comparticipante das idéas francezas, soffreu pela liberdade da sua patria, e até foi encarcerado.

Deputado ás côrtes portuguezas, erotico por natureza, e amigo de uma lisongeira nomeada, advogou a liberdade politica das mulheres, mas os seus amaveis esforços naufragaram como as tenta-

tivas dos discipulos de S. Simão, e as das reuniões promovidas pela duqueza de Abrantes posteriormente: o seculo não quiz abdicar uma parte da sua masculinidade, e as amazonas parlamentares voltaram ás almofadas e bastidores.

Nomeado representante do Brazil em França, teve de lutar para o seu reconhecimento, que implicitamente envolvia o do novo imperio. Foi em Paris e durante a sua missão que deu á luz dous tomos de *Poesias offerecidas ás senhoras brazileiras por um Bahiano.*

Eleito senador do imperio, na fundação do respeitavel areopago brazileiro, poucas vezes veio ao senado; os seus habitos europeos, e o amor que tinha ás viagens o demoraram por longos annos fóra da patria.

A velhice e as enfermidades o fizeram regressar: o calor intertropical é conservador para os velhos valetudinarios. Falleceu este anno coberto da estima geral, porque o seu humor alegre e picante nunca feneceu.

Como poeta pertencia á escola classica, mas o seu genero favorito, o da sua natureza erotica, o impedia de elevar-se aos arrojos varonis das musas inflammadas; purista e suave metrificador gozará por muito tempo de boa nomeada. Peza-me o não ter lido até hoje a sua ultima obra — *Os tumulos.*

Alguns escriptos deveria ter deixado, porque fôra laborioso, porém é tal ainda o estado de nossas cousas a respeito d'esta materia, que de nada sabemos pelo momento. A imprensa diaria ainda não preenche a sua boa missão civilisadora: quando a mão da amizade, ou do parente não traça o passado de um morto illustre, o jornalismo não o estampa, porque a imprensa ainda não está na sua plana utilitaria, ainda se não libertou do fardo material que a limita a trabalhar para viver independente. Estão longe ainda os seus dias soberanos, os seus dias edificantes, porque a orbita da nossa esphera social está ainda limitada, e muito limitada.

Entre as nossas calamidades domesticas, devemos lamentar a perda do muito erudito e prestante socio, o conselheiro Rodrigo de Souza

da Silva Pontes, desembargador da relação do Maranhão, e ministro plenipotenciario junto ao governo da Confederação Argentina.

As paginas da nossa *Revista Trimensal* fallam mais alto do que a minha fraca voz sobre a capacidade e zelo d'este Brazileiro tão notavel pela sua illustração, caracter e probidade.

O seu elogio vos será lido em outra occasião pelo nosso vice-presidente o Sr. Dr. Manoel Ferreira Lagos, e espero que o Instituto lucrará n'esta substituição, assim como a memoria d'aquelle preclaro Brazileiro bem digna de semelhante encomiasta.

No dia em que desceu á terra o corpo que encerrou a intelligencia e a probidade do visconde de Caravellas, viu-se em pé, junto á sepultura do nobre cidadão e no meio da multidão consternada, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, dominando as turbas pela magestade da sua presença, pelo seu aspecto robusto, calmo e prognosticador de uma longa vida. No dia 25 de Outubro já não existia! Já não vivia aquelle homem que durante 23 annos, quer no poder, ou fóra d'elle, occupou a attenção publica por seus actos e sua moderação.

O irmão de Saturnino de Souza e Oliveira nasceu a 21 de Julho de 1800, e foi baptisado na freguezia de Itaipú. Seu pai, o coronel de engenheiros Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, com o exemplo das muitas obras publicas que construiu, plantou no coração do filho o gosto de edificar, e é esse espirito creador que tão notavel tornou o nosso benemerito consocio nas épocas mais criticas da nossa vida social.

Criado no seio de uma natureza virgem, quando seu pai construia a estrada velha da Serra da Estrella, dado ao livre exercicio do corpo e velado pela intelligencia e amor de seus pais, adquirio aquella constituição physica cujas proporções o tornavam saliente e admirado.

Na idade dos estudos maiores entrou para o seminario de S. José, que era então o collegio mais regular e mais apto ao desenvolvimento das boas intelligencias. Ahi passou por um estudante de primeira plana e por um joven modelo, taes eram os dons do seu espirito, as graças exteriores, e a amenidade do seu caracter. Matriculou-se na

academia militar, onde foi sempre premiado; porém a sua vocação não era aquella.

El-rei D. João VI querendo mais positivamente premiar os serviços de seu pai, e o bello exemplo de sua probidade nos trabalhos colossaes de que o encarregára, perfilhou Aureliano, como o havia feito a muitos outros Brazileiros, e o mandou para Coimbra em 21 de Julho de 1820, com a condição expressa de estudar as sciencias naturaes.

Um raio do lume da Divina Providencia allumiou Aureliano na universidade. Deixou o imperio de Linneo e de Buffon pelo de Montesquieu e Beccaria. Estudou as sciencias juridicas e sociaes. Homem nascido para o mundo para n'elle dignamente apparecer, presentiu que a philosophia o condemnaria a esse ostracismo singular a que foram antes e depois d'elle condemnadas tão altas e tão bellas intelligencias. As nações que medem o futuro a vara e covado repellem os naturalistas; os modestos contempladores das obras da natureza não engrandecem as doutrinas do fanqueirismo nem respeitam seu alcorão.

O tempo comprovou a exacção das vistas do nosso consocio e muito mais o resultado de tão alta protecção. Os executores das ordens de el-rei resumirão a sua graça em uma mezada de 10$000, a qual foi tacitamente desprezada pelo coronel Aureliano. Os trabalhos que dirigira com tanto acerto e probidade na fortaleza de Santa Cruz, na Serra da Estrella e no encanamento da Carioca, deviam-lhe conquistar bem altos inimigos em uma época de orgulho e de indigencia.

Formado em direito, voltou o nosso consocio em 1825, e logo foi despachado juiz de fóra e ouvidor para S. João d'El-Rei. Em Minas acabou a sua magistratura como a havia começado. Ao despedir-se de todos, refere o seu piedoso biographo (*), seiscentos cidadãos dos mais conspicuos lhe entregaram por escripto um testemunho de sua gratidão e saudade no qual se liam estas palavras memoraveis:

(*) No *Jornal do Commercio.*

« Ide coberto de bençãos, homem probo e leal; a pureza de vossa consciencia grangeou-vos um titulo glorioso; bem sabeis que vos chamais aqui o juiz recto. »

Homem de natureza activa, progressista, porém fóra da grande alçada administrativa, não podia actuar directamente um desenvolvimento nas cousas da provincia; mas fazia-o pesando a sua influencia popular e official na balança de todos os melhoramentos. A instrucção era animada no acolhimento benigno que fazia a todos os professores e moços talentosos, e o progresso material nas conversas que fazia com o governador. Tentou a creação de uma bibliotheca; procurou melhorar as vias de communicação; arrecadou sommas enormes que se julgavam perdidas; porém aquella época era ainda impropicia para o cultivo dos dons da paz. A politica individual revolvia e agitava todos os animos cubiçosos.

Nomeado presidente de S. Paulo em 1830, nada pôde fazer do que intentára. A sedição que occasionou a abdicação do fundador do Imperio tinha lá grandes raizes; e a sua presidencia não foi mais do que um acto provisorio, e uma luta entre o dever e as circumstancias.

Chegado ao Rio de Janeiro, occupou logo o lugar de juiz de orphãos, e pouco depois o de intendente geral da policia e o de desembargador da relação da côrte.

Chamado pela regencia, em 1832, ao ministerio da justiça, tornou-se um homem necessario ao governo, porque naquella época, durante quatro annos, occupou successivamente differentes pastas.

Todas as lutas erguidas entre o dever ostensivo e a moral de sua posição, entre um programma politico, firmado pelas circumstancias e a logica, a razão fria, elle soffreu. Trabalhando de industria no meio de tantos desencontros, de tantos arrojos, quantos eram os interesses movediços, teve a gloria de vencer. A causa principal de todos os agitadores era puramente material; a energia prevaleceu á argucia; o 14 de Julho e o 7 de Outubro não tinham significação profunda; eram desregramentos de uma anarchia parcial; era a li-

berdade com o barrete dos galés, eram os preludios de uma tyrannia sonhada por alguns sophistas que só viam ordem no seu commando e predominio.

O Brazil n'aquella decada, apezar de haver firmado sua independencia, e de haver entrado em todas as innovações do systema constitucional, não estava preparado para o exercicio das virtudes civicas que são a alma dos governos livres. No seu passado se havia habituado a ver as honras e as dignidades, os postos e a influencia virem do principe; a ver no rei a lei viva, no fidalgo o cidadão, e no vassallo o escravo possuidor de outros escravos.

A regencia destituida d'este prestigio, d'esta magestade consagrada pelos tempos, era um exemplo que favorecia toda sorte de ambições, mórmente n'um paiz onde o homem se acostuma desde a infancia a ser obedecido pelo escravo, e ao poder irresponsavel do governo domestico.

Foi nesta perigosa situação, e ainda assim feliz por lhe haver preparado o terreno o energico Diogo Antonio Feijó, que Aureliano subiu ao poder. Homem de outra natureza, aniquillou esse polvo revolucionario que estendia os seus braços do Norte ao Sul, e sorvia pelas extremidades o sangue brazileiro.

Poderoso dom dos céos, que começava pelos attributos physicos para as massas, pelos moraes para os sensatos, e acabava pelos energicos para com os perturbadores da ordem; a sua presença, quando benefica, desarmava; quando severa aterrava; e logo que se revestia d'aquella dignidade com que se animava nas horas do perigo, todos lhe obedeciam; a sua mão nunca tremeu para castigar, nem contrahiu-se para premiar.

Que época de angustias, de inconsequencias e de desordem; que quadra medonha e perigosa; as provincias nadavam em sangue, e a decomposição social, por meio das paixões ferozes, parecia tocar ao apogeu.

Os amigos da realeza desmentiam sua fé com o sonho e os actos de uma restauração, repellida energicamente pelo principe que chamavam.

Os demagogos, inquietos nos delirios de suas ambições, oscillavam em grupos tumultuosos de um para outro lado.

O partido conservador da constituição e do seu futuro, tambem, era abalado por mesquinhas personalidades, via a todas as horas clarearem as suas fileiras e grupos de transfugas, segundo o prognostico das probabilidades, passarem e voltarem com o mesmo furor.

Os monarchistas pessoaes conspiravam contra o legitimo monarcha o sagrado pupillo da nação, porque não viam n'elle o immediato manancial das graças e favores, nem junto do throno o primeiro degráo de suas sonhadas grandezas.

A imprensa se havia convertido em um rodomoinho de injurias e sevicias, na expressão de paixões ignobeis: todos escreviam, cada patrulha tinha o seu orgão politico.

As sociedades secretas, com seus telegraphos immersos, tudo solapavam.

A força armada, em parte desmoralisada pelos pasquins impressos, não merecia a confiança da regencia.

Nesta conjunctura, porém, no meio d'este grande conflicto, tres entidades seguravam o imperio, e mantinham a ordem suprema personificada na regencia: Evaristo Ferreira da Veiga, a guarda nacional e o senado, senhores, pela sua firmeza, pela sua illustração e pela sua nobre coragem.

Para a plena conquista da ordem geral, era necessario um golpe n'este nó gordio, e um punho certeiro e varonil que o desfechasse. Havia no meio d'estes grupos variados uma fonte veneranda, na qual repousava um passado glorioso; mas essa fonte corôada pela aureola sublime da independencia e pela corôa do martyrio, havia caducado aos assaltos de perigosas enfermidades. Não era mais a fronte do homem do Ypiranga, do sabio acclamado pelas nações, era um membro inerte em cujos sentidos a paralysia tinha obliterado a razão, e obscurecido aquelles dons sublimes que o magnificaram em outras éras.

O perigo era imminente, a crise se apressava; era preciso um

outro guarda junto ao filho da nação, trahido no seu proprio palacio..... Fez-se a mudança. Um novo tutor foi velar ás portas da régia, e um novo mordomo zelar a ordem domestica e reorganisar o serviço imperial.

Restabelecida a ordem, entrou Aureliano no desenvolvimento de uma época organica, da qual ainda sabereamos os fructos vivificadores.

Uma cousa notavel e bem caracteristica da época da minoridade, máximamente d'aquella em que estamos, foi a atidez do espirito, a summa esteriliidade do pensamento. O que estava em andamento parou, e nada se produziu. As obras que estampam em si proprias o cunho vital e progressivo de uma nacionalidade, a expressão da mente contemporanea, os seus vôos para o futuro, eu as que seguem as peripecias da historia, deixaram de existir. E porque, meus senhores? Porque aquella época nada significava: era uma republica monarchica, ou uma monarchia republicana.

Aureliano, depois de consolidar o elemento politico, passou a torna-lo permanente pelos recursos da sociabilidade, pelo contacto dos homens em horas e occasiões impropriaes de discutirem interesses ou recriminações individuaes. Para obstar taes ensejos, começou a fazer reuniões periodicas em sua casa, onde a presença do bello sexo desarmava os pugilatos politicos, onde a dança e a harmonia consorciavam almas que se haviam amado e desquitado por opiniões politicas. Foi a'um d'estes saráos que pela primeira vez appareceram os sorvetes, e estes sorvetes, srs., e o magnifico exemplo de sua urbanidade e gentileza, diluiram muitos odios, aplacaram muitas rivas e accalmaram muitos resentimentos; porque até ali as familias se pareciam com tribus rivaes, ou encerradas no circulo traçado pelas suas opiniões e interesses.

Ha homens que attrahem as intelligencias sinceras pelo magnetismo da cordialidade, pelo brilho do seu espirito, e por essa atmosphera conciliadora que os circumda, e diffunde um continuo bem-estar no circulo de seus socios e amigos. Estes homens, quando empregam os seus dias e serões em festas á intelligencia, em culto á

patria, e em obras meritorias, se convertem em centros de uma pleiada bemfazeja, que longe dos velabros e do borborinho mundano, derrama a sua luz sobre a terra em que se acham. A erudição, o thesouro immovel do homem bibulo, do homem esponja, quando não é applicada de nada serve; porque nem sempre são creadores aquelles varões que passam a folear os mortos em monologos silenciosos, e com os olhos fitos no passado, sem volvê-los para o futuro da patria. Os homens que excedem estes estereis pensadores, são os que se identificam com o solo e seu futuro, porque plantam em favor dos outros.

Nas reuniões que outr'ora se fizeram na casa do nosso consocio, o actual mordomo da casa imperial, d'esse homem que ha visto o mundo por todas as suas faces, planejaram-se a creação de muitos estabelecimentos que fazem hoje a felicidade social, o commodo das familias, e o lustre d'esta capital. Aureliano era d'este numero, e um dos socios mais constantes e mais ardentes.

A Providencia tinha-lhe dado a feliz qualidade que deve ter todo o homem de Estado: aceitava de coração qualquer verdade pratica; qualquer principio util, sem lhe importar com a sua origem pessoal; porque não tinha essa vaidade infantil e presumpçosa, tão funesta aos que querem a priorídade em tudo.

Não; a idéa era por elle meditada e discutida no gabinete, e logo que se convencia de sua utilidade, executava-a. Titão impassivel, caminhava com passo regular ao seu fim, derrocando friamente todos os embaraços até conseguir o escopo desejado. Assim se fizeram e planejaram os fundamentos da Casa de Correcção, a instituição do Monte de Soccorro, o Monte-Pio dos Servidores do Estado, a Companhia dos Omnibus, e o primeiro regulamento para as legações do imperio e secretaria dos negocios estrangeiros.

Em vesperas de retirar-se do ministerio, o desembargador Ramiro, deputado independente e illustrado, disse em plena camara o seguinte: « O sr. Aureliano dentro e fóra da camara é o melhor cidadão! São muitos e de immensa importancia os seus serviços; estão ahi bem patentes; e praza a Deos que não nos esqueçamos nunca.

nós todos Brazileiros, de apreciar e respeitar tão benemerito cidadão. » A camara o não desmentiu; os apoiados foram quasi unanimes.

Mas si é grande este testemunho publico de uma assembléa, não é de menor valor a confissão do seu maior adversario, Bernardo Pereira de Vasconcellos, a qual findava proclamando, que « *o nome do sr. Aureliano estava gravado na base da nossa monarchia.* »

A confissão d'este inimigo equivale a um aresto da posteridade. A sua acção não se limitou á politica e aos bens materiaes, a moral publica tambem lucrou. Os moedeiros falsos, as casas de jogos illicitos e os lupanares desappareceram diante do seu braço. Todos os vicios se julgavam acima da lei, e invocavam a liberdade.

A anarchia não é mais que o medonho symptoma da corrupção social; quando a espada da justiça se embota de um gume, e que a deusa tira a venda, a patria se transfigura no homem e o homem n'uma machina infernal que nada poupa. Deos é representado pelo ouro, a religião pelo egoismo, e a philosophia pelo trafico.

O regente Feijó, depois da formal renuncia do visconde de Caravellas, em não o substituir na regencia, mandou chamar Aureliano para tomar conta de tão grande encargo, e o nosso consocio se demittiu pretextanto incommodos de saude.

A morte do fundador do imperio, abatendo as esperanças de uns, e reforçando a d'aquelles que até li eram soldados nas fileiras de um partido, desfez o exercito *restaurador* e dispersou o *moderado*. Desapparecido o grande ponto do antagonismo d'estas duas allianças, era necessaria uma recomposição politica: as tregoas inopinados são fataes, porque os pressurosos partidarios, os actores energumenos, os homens sem convicções, mudam de traje, e passam como Fiesco para o partido de Doria no remate da catastrophe. O sol do poder, que alimentava a esperança das fracções turbulentas de ambos os lados, renasce com nova luz; todos a elle marchavam, e as paixões contrariadas achavam um lenitivo no seu mutuo desejar. Do exercito dissolvido novos chefes se le-

vantaram, e com elles um futuro difficil de descriminar-se ao primeiro intuito.

Aureliano sabia que o novo regente devia sentar-se ao pó do throno com um plano consciencioso, e esse plano era difficil traçar-se em um terreno movediço que impedia a sua justa triangulação. Os successos posteriores comprovaram sua evidencia.

Todo o movimento politico é a resultante de um protesto contra a acção do poder que altera as leis do equilibrio social, restaura o passado, ou promove innovações. A maioridade fez-se, e para realisar o programma da nova epocha foi chamado Aureliano, e occupou a pasta dos negocios exteriores.

Reformou a secretaria a seu cargo, estabeleceu differentes secções para o trabalho e ordem nas relações exteriores, intentou a creação de um sub-secretario de estado, para melhor regularidade e presteza no serviço, e manteve em plenissima paz todas as nossas relações exteriores.

A' sua presença no ministerio deveu a provincia de S. Pedro a presidencia de seu irmão Saturnino, e os resultados de sua politica durante a sedição.

Tratou e conseguiu a mão de uma princeza filha de S. Luiz, para fazer as delicias do throno brazileiro, e uniu a casa imperial do Brazil com os thronos das Duas Sicilias e da França.

Nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro, encargo mais administrativo do que politico, fez obras consideraveis, que por longo tempo conservarão seu nome. Partidario do trabalho livre, para dar maior andamento á nova estrada da Serra da Estrella, mandou vir 500 trabalhadores da Allemanha. O correspondente, em vez de lhe mandar homens solteiros, enviou-lhes 500 familias. Ora, os commodos e providencias dadas para receber aquelles hospedes não eram os mesmos para acolher tantos casaes, porque a tarimba do homem solteiro afasta de razão o homem casado.

Nestes grandes apuros, e como medida salvadora, concebeu o mordomo da casa imperial, o nosso consocio sr. Paulo Barbosa, a idéa de realisar uma colonia no alto da serra da Estrella, nas terras

[illegible] Corrego-Secco; idéa que havia indicado [illegible] engenheiro Frederico Koeler em um opusculo im[illegible] a fim de crear uma companhia para este fim: mas [illegible] mordomo dependia da approvação do augusto pro[illegible].

Sua Magestade foi além dos desejos do seu mordomo, e abriu os [illegible] inesgotaveis de sua particular generosidade e sua soberania, e [illegible] colonia denominou-se Petropolis.

[illegible] a magestatica influencia e acção de um principe tão progressista, com os seus cofres abertos, com a actividade e zelo do seu mordomo, com os recursos da presidencia do Rio de Janeiro, e com a direcção pratica do nosso consocio o fallecido Koeler, a colonia devia prosperar e crescer contra todos os embaraços naturaes, e os que suggeria a ignorancia, a inercia, e a má fé d'aquelles homens politicos e mercenarios, que não consentem que seus adversarios lhes puriliquem a agua que estão bebendo. A este grupo insensato se veio reunir o grupo criminoso dos traficantes de carne humana, que viam n'essa creação famosa, neste exemplo do trabalho do homem livre, um embaraço á sua avidez, e talvez a agonia de sua execranda profissão. O nome de Corrego-Secco os autorisava a negar agua aos colonos; e o aspecto escalvado dos picos da serra dos Orgãos a propalarem que aquellas regiões eram um deserto: nunca a nescia maldade desenvolveu maiores recursos e actividade como os que mostrou para aniquilar Petropolis.

Porém ao signal do Imperador, as montanhas se achataram, os valles se complanaram, as florestas se abateram, as estradas se nivellaram, as casas se levantaram, os vergeis floreceram, as seáras e as flôres tapeçaram as encostas, as feras fugiram, e aquellas devesas solitarias, onde sómente de vez em quando se ouvia o sincerro, o trotar dos lotes, ou o galope do expresso, repercutiram os hymnos da famosa Germania, o triumpho do trabalho do homem livre, e se converteram n'um recreio imperial, n'um manancial de delicias, n'um salutar asylo dos Fluminenses, e n'uma cidade canalisada, fresca, tranquilla, que faz o prazer dos nacionaes e estrangeiros.

E porque, meus srs., se consummou em tão breve espaço uma obra que tem uma estrada igual em solidez, audacia e perfeição, as melhores que atravessam os Alpes e Pyreneos? Porque sobre a concurrencia de tantas intelligencias e vontades havia uma intelligencia e uma vontade mais forte e permanente: — a do Imperador! A vontade do soberano é como a força constante de uma lei da natureza, que actua sem cessar atravez dos tempos, das estações, das tempestades, e das proprias revoluções do globo: arteria vital que bate no centro da intelligencia e communica a vida regular e progressiva a todo o corpo social.

E qual será o futuro de Petropolis? Immenso: exemplificou os melhoramentos do trabalho livre; deu a fórma colonial e productiva ao proprietario de terras incultas; introduziu a industria e a lavoura reaccionaria, e provou que todo o terreno é fecundo quando a cultura lhe é apropriada.

Aquelle que encara o nosso horizonte sensivel, circulado de montanhas de granito; o que vê o augmento progressivo do gráo médio do calor, a inversão das estações, á proporção que nos multiplicamos; e o que já não vê uma parte d'esses montes coberta de frondentes florestas e palmares, treme pelo futuro. Cada dia que avançamos mais se descarna o gigante, cantado por Januario, e a sua ossada de pedra prorompe á luz do sol: as aguas do céo o descarnam de dia em dia, e arrastam para os valles o crystal que o encobria envolto em terra vegetal; o sol de Aquario e de Piscis cresta o lichen rasteiro e transitorio, e as rajadas o sepultam diluido nas profundidades: é o começo de um novo ermo, é o alicerce d'esse forno de reverbero que virá um dia calcinar as planices, seccar as fontes, incendiar as casas, e a plantar o deserto naquelle Elyseo onde por tantos seculos floresceu a risonha Guanabara, e se dilatou o edenico Nitherohy, em cujas aguas ancoravam todas as frotas do universo!

Atalhemos que ainda é tempo. Naturalistas, imploramos o soccorro da nossa sabedoria.

Enxada do agricultor cava n'estes restos de crosta que ainda envolve a montanha, e garfa os germens de novas florestas, de novas

fontes e de uma nova vida. Não durma o legislador, não se demore o edil, que o tempo corre, e ainda nos póde salvar. Gloria a quem começar tão bella empreza, gloria ao que salvar a rainha septentrional.

O Brazileiro já não vive debaixo d'essa pressão atmospherica que o entorpecia; e não appellemos para o clima, porque a latitude de Roma ainda é a mesma, o solo o mesmissimo, mas o homem não. O mandrião romano que se embuça no *fravaiolo* á luz meridional, quando sopra a canicula ou o intenso sirouco, quando canta o rouxinol e a terra é toda flôres, certamente não é aquelle mesmo Romano, aquelle soldado que dormia sobre as arêas da Lybia o mesmo somno que nas margens do Danubio, ou nas serras da Caledonia: o homem é uma alavanca movida por uma idéa, que o faz suspender a torrente ou sepultar-se nella.

Petropolis é um triumpho assignalado sobre o pessimismo dos apostolos da rotina e da inercia.

Acabada a presidencia de Aureliano, retirou-se para a base da serra da Estrella, junto do lugar denominado Fragoso, e ahi, sozinho, longe de sua numerosa familia, começou a edificação de um retiro, a que elle dava o nome de seu leito de pedra e cal.

Operario incansavel, trabalhou com as virtudes da prudencia por entre os maiores tropeços, e teve muitos annos de aparar os golpes arremeçados pelo mais formidavel e arguto adversario. O latego de Juvenal nunca o ferio, porque o seu maior inimigo tinha indignação á moral; porém aquella musa que habita as sentinas nas horas de um torpe delirio intentou macula-lo, mas Aureliano era como o crystal da Bohemia, que se não póde embaciar. O seu coração desconheceu os odios d'aquelles Tantalos politicos, cuja sanha se move do alto do poder á ignobil conspiração; porque sabia repousar dignamente quando se retirava do poder. Houveram n'elle algumas paginas da antiguidade nobre: a agricultura e a philosophia preenchiam as suas férias politicas.

O Instituto Historico elegeu-o sempre seu vice-presidente, e

a sua assiduidade ás nossas sessões era a maior prova do seu reconhecimento.

Escreveu muito, porém quasi tudo para o expediente diario, para esse subterraneo que esconde o tempo e a illustração de tantos engenhos abalisados.

Magistrado, deputado, senador, presidente, ministro de estado, pouco tempo lhe restava para derramar sobre o papel os vôos do seu espirito philosophico.

Nas suas ultimas vacancias escreveu um tratado de geographia para seus filhos; alguns artigos em favor da colonisação; e, sobre todos, um no qual perfilhou as idéas astronomicas de um autor que ainda não foi aceito pela maioria dos sabios.

Fóra do poder, ninguem o viu conspirar contra a ordem publica, nem embaraçar a marcha da administração, porque não queria autorisar com o seu exemplo aquillo que sempre condemnára. A imprensa deve servir de podôa e nunca de machado!

Era um homem de alta estatura, bem proporcionado, de forte compleição, traços regulares, e de uma physionomia agradavel. A elle tambem cabia o espirituoso dito de Isabel Catholica, que appliquei a seu irmão Saturnino: « A natureza e a educação formam os gentishomens; o nascimento e a posição os contrafazem. » O seu aspecto exterior infundia respeito, e o seu trato um sentimento de amizade. Os incautos se illudiam, porque sob apparencias tão calmas e amaveis cuidavam encontrar uma alma timorata; pelo contrario, todo elle era a energia reflectida, a tenacidade tranquilla. A sua mão nunca tremeu para dar um golpe, como elle mesmo dizia, porque antes de o despedir havia-o meditado e calculado.

Prompto na expedição dos negocios, não participava da lentidão espartana, nem da morosidade iberica: a elle se não poderia applicar o proverbio inglez no tempo de Isabel: *Venga la muerte de España.* Conscio do seu proprio valor, nunca invejou o merito alheio; a sua alma se nutria dos seus bens, e nunca dos males alheios.

N'esse quarto de seculo que percorreu como homem publico ficou sempre victorioso, porque os seus inimigos, que eram audazes na

aggressão, eram tambem nescios nos meios, fracos na razão, illogicos no proceder, e contradictorios em toda a sua marcha.

Morreu Anselliano de Souza e Oliveira Coutinho nos ultimos gráos da escala social; desembargador da relação da côrte, do conselho de Sua Magestade, senador do imperio, gentilhomem da imperial camara, visconde de Sepetiba, grande do imperio e ex-ministro de estado, cavalleiro das ordens de Christo e da Rosa, e dignitario da do Cruzeiro, grão-cruz das ordens do Leão Belga, de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, de S. Fernando de Napoles, de Carlos III da Hespanha, dos quatro imperadores da Russia, e da ordem de S. João de Jerusalem.

Era presidente dos cavalleiros do Ypiranga, e membro de muitas sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras. O seu retrato foi collocado em vida, no anno de 1839, na sala das sessões do Monte Pio dos Servidores do Estado, como um tributo de reconhecimento ao seu fundador.

A cidade do Rio de Janeiro, a de Nictheroy e Petropolis lhe devem serviços reaes; tres corôas torneadas adornam o pedestal de sua grata memoria.

Falleceu em dias luctuosos, na força da epidemia, e no emtanto de toda parte concorreram numerosos amigos ao seu funeral. O seu nome já pertence á historia.

Se por um lado vemos baixar á sepultura homens tão caros á moral publica, pelo outro recebemos o mais bello lenitivo a tanta dôr. A nossa época apresenta um espectaculo digno de contemplação do futuro; a acção moral civilisadora prorompe e se manifesta; a caridade multiplicou-se debaixo da fórma de todas as virtudes sociaes, e os melhoramentos materiaes proseguiram diariamente através da peste; os ricos abriram os seus cofres, os pobres dividiram os seus bens, o seu pão e o seu trabalho; e o futuro no meio d'estes sublimes exemplos colherá mais esta pagina digna dos annaes da maior nação do mundo.

O imperador n'um dia visitava todos os desgraçados acommettidos da peste, no outro vinha sentar-se nos bancos do Instituto e nivellar-

se com o cidadão; em outros inspeccionava as escolas, as fabricas, as casernas, e os trabalhos dos filhos das musas.

No paço imperial se renova a escola palatina; o principe estuda e abre conferencias; discute o passado e prepara o futuro; compra livros aos sabios da Germania, e engrandece a nossa bibliotheca americana. Estes factos não caminham isoladamente com as obras aconselhadas e intermittentes; vai ás aulas primarias, inspecciona a educação da familia que o ha de circular na madureza da vida, e occupa-se do seu futuro; penetra a cella do franciscano, onde jaz o monge cego e quebrantado; honra a imagem fugitiva do grande orador sagrado, e dá-lhe como em signal de sua estima e veneração aquella cadeira antiga, onde o apostolo brazileiro, o venerável Anchieta, estudou a pratica de suas memoraveis conquistas, e d'ella subio tranquillo á presença do Senhor Deos!

APPENDICE AO RELATORIO DO SECRETARIO.

OFFERTAS FEITAS NO ANNO DE 1855.

Manuscriptos.

Sua Magestade o Imperador.

Foral da capitania da Bahia e cidade de S. Salvador. Evora, 26 de Agosto de 1534.— (Cópia) — Em 18 de Maio de 1855.

Regimento dado a Antonio Cardoso de Barros, cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei, como procurador-mór da fazenda que primeiro foi ao Brazil. Almeirim, 17 de Dezembro de 1548.— (Cópia).—Em 18 de Maio de 1855.

Livro que dá razão do Estado do Brazil, enriquecido de mappas coloridos e desenhos. 1 vol. folio grande oblongo. — Em 26 de Outubro de 1855.

Cópia do dito. 1 vol. folio pequeno.— Dito.

Ministro do Imperio, Conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.

Roteiro da viagem do Brilhante na provincia de Matto Grosso ao porto do Tibagy na do Paraná por Antonio Monteiro de Mendonça.— (Cópia).—Em 4 de Maio de 1855.

Informação do alferes Manoel Theotonio Ribeiro, encarregado das obras do Varadouro entre o dito rio Brilhante e o Anhac, na qual se retifica aquelle roteiro.— (Cópia).— Dito.

A emigração dos Cayuás, narração coordenada, sobre apontamentos dados pelo Sr. João Henrique Elliot, por José Joaquim Machado d'Oliveira.— (Cópia).— Dito.

Razão em que se fundou o presidente da provincia de S. Paulo para denegar-se á reclamação que em 1844 lhe fizera o presidente da provincia de Santa Catharina sobre o inculcado direito que esta provincia tem ao campo de Palmas da comarca de Corityba, hoje provincia do Paraná, por José Joaquim Machado de Oliveira.— (Cópia). — Dito.

Descripção da viagem feita desde a cidade da Barra do Rio Negro pelo rio do mesmo nome, até a serra do Cocui, por Hilario Maximiano Antunes Gorjão, major de artilheria e bacharel em mathematicas.— 1855. (Cópia).— Em 17 de Agosto de 1855.

Officio do delegado da repartição especial das terras publicas da pro-

vincia do Amazonas, João Wilkens de Mattos, contendo esclarecimentos sobre as missões da mesma provincia. 1855.— (Cópia). — Em 9 de Novembro de 1855.

Sermão de Acção de Graças, pregado na igreja de N. S. da Conceição do Hospicio, em 18 de Agosto de 1782, pela conversão que fez para a Fé catholica o marechal Bôhm.— Dito.

Apontamentos contendo uma noticia sobre Guido Pochrane, e sobre o francez Guido Thomaz Marlière. — Em 7 de Dezembro de 1855.

Ministro dos Negocios Estrangeiros, Conselheiro José Maria da Silva Paranhos.

Cópia das instrucções que em 23 de Outubro de 1797 foram dadas por D. Rodrigo de Souza Coutinho a Fernando Delgado Freire de Castilho que acabava de ser nomeado para o governo da Parahyba. — Em 9 de Novembro de 1855.

Conselheiro José Paulo de Figueirôa Nabuco d'Araujo.

Memorias do bispado do Rio de Janeiro que serviram de base para a composição das Memorias Historicas do Rio de Janeiro por monsenhor Pizarro.— 4 vols. folio.— Em 9 de Novembro de 1855.

Repertorio ou Index Alphabetico remissivo de todas as leis, decretos, Alvarás, cartas régias, regimentos, etc., que se tem publicado desde o anno 1603 até o fim de 1806. Feito e offerecido a S. A. R. o principe regente N. S. por Diogo Vieira de Tovar e Albuquerque. 1808. —1 vol. folio grande.— Em 23 de Novembro de 1855.

Chronologia do pessoal, que nos diversos tempos compoz o tribunal do conselho da fazenda.— Em 7 de Dezembro de 1855.

Historia da leitura dos bachareis formados, feita perante o extincto Desembargo do Paço.— Dito.

Collecção de leis de 1799 a 1803.— Dito.

Conego Joaquim Pinto de Campos.

Extracto de todo lo ocurrido sobre la plaza de la colonia del Sacramento ocupada por los Portuguezes sobre el Rio de la Plata, desde el tratado provisional celebrado en el ano de 1681 hasta el de 1737, como de las noticias de otros territorios de S. M. que han ocupado y fortificado.—Em 20 de Julho de 1855.

Officio de D. Francisco de Souza Coutinho a Luiz Pinto de Souza, em 21 de Junho de 1795, dando conta das providencias que em-

pregára para evitar a evasão dos escravos do Pará para Cayenna.— Dito.

Officio de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, dirigido ao Conde da Cunha, ácerca dos jesuitas.

Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, Presidente da Provincia de Minas Geraes.

Mappa do movimento da população da provincia de Minas Geraes, á face dos arrolamentos de 1821, 1834, e 1838; e dos mappas parochiaes de nascimentos, casamentos e obitos desde o anno de 1836 até 1847, reorganisado e offerecido á presidencia da provincia de Minas pelo cidadão Luiz Maria da Silva Pinto.— Em 4 de Maio de 1855.

Saudação ao illustrado Instituto Historico e Geographico Brazileiro— Ode— que em testemunho de profundo respeito e alta consideração a esta sábia academia, O. D. C. Franc. de Paulicea Marques de Carvalho.— Dito.

Henrique de Beaurepaire Rohan.

Um manuscripto em letra estranha, achado em um club de negros minas na capital do Rio Grande do Sul.—Em 6 de Julho de 1855.

Miguel Maria Lisboa.

Relação d'uma viagem a Venezuela, Nova Granada e Equador, nos annos de 1852 e 1853, seguida de um bosquejo historico das tres Republicas, por Miguel Maria Lisboa. — Em 17 de Agosto de 1855.

Adadus Calpe.

Breves reflexões historicas por Adadus Calpe.— Em 17 de Agosto de 1855.

José Martins Ferreira de Alencastre.

Memorias historicas da provincia do Piauhy por José Martins Ferreira de Alencastre.— Em 17 de Agosto de 1855.

Francisco Manoel Raposo d'Almeida.

Collecção de diplomas do illustre José Bonifacio de Andrade e Silva. —Em 14 de Setembro de 1855.

Carlos Augusto de Sá.

Villa Rica, poema de Claudio Manoel da Costa, com uma introducção historica. — Em 9 de Novembro de 1855.

Obras e impressos.

O Ex.mo Sr. Ministro do Imperio.

Relatorio do presidente da provincia do Paraná, o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na abertura da assembléa legislativa provincial em 15 de Julho de 1854. Corytiba, 1854, 1 vol. in-folio. — Em 4 de Maio de 1855.

Relatorio que á assembléa legislativa provincial de Pernambuco apresentou na abertura da sessão ordinaria de 1854, o Ex.mo Sr. conselheiro Dr. José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da mesma provincia. Pernambuco, 1854, 1 vol. em 4.° — Dito.

Relatorio que á assembléa legislativa provincial de Pernambuco apresentou no dia da abertura da sua sessão extraordinaria em 11 de Setembro de 1854, o Ex.mo conselheiro Dr. José Bento da Cunha e Figueiredo, presidente da mesma provincia. Recife, 1854. 1 vol. 8.° — Dito.

Falla que o Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Antonio Bernardo de Passos, presidente da provincia do Rio Grande do Norte, dirigiu á assembléa legislativa provincial, no acto da abertura da sua sessão ordinaria em 4 de Julho de 1854. Pernambuco, 1 vol. folio, 1854. — Dito.

Falla que o Ex.mo Sr. Dr. João José Coutinho, presidente da provincia de Santa Catharina, dirigiu á assembléa legislativa provincial no acto de abertura de sua sessão ordinaria em 9 de Abril de 1854. Desterro, 1 folheto, 1854. — Dito.

Relatorio com que o Ex.mo Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes, presidente da provincia do Espirito Santo, abriu a sessão ordinaria da respectiva assembléa legislativa, no dia 25 de Maio do corrente anno. Victoria, 1854, 1 vol. — Dito.

Falla recitada na abertura da assembléa legislativa da Bahia, pelo presidente da provincia o Dr. João Mauricio Wanderley no dia 1.° de Março de 1855. Bahia, 1855, 1 vol. 4.° — Dito.

Relatorio do presidente da provincia do Maranhão o Dr. Eduardo Olympio Machado, na abertura da assembléa legislativa provincial no dia 3 de Maio de 1854, acompanhado do orçamento da receita e despeza para o anno de 1855. Maranhão, 1855, 1 vol. folio. — Dito.

Relatorio apresentado ao Ex.mo vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro o Sr. senador barão do Rio Bonito, pelo presidente o

conselheiro Luiz Antonio Barboza, por occasião de passar-lhe a administração da mesma provincia em 2 de Maio de 1854. Nictheroy, 1854, 1 vol. folio.— Dito.

Relatorio do vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro, o Ex.mo barão do Rio Bonito na abertura da 1.ª sessão da 10.ª legislatura da assembléa legislativa provincial no dia 1.º de Agosto de 1854, acompanhado do orçamento da receita e despeza para o anno de 1855. Rio de Janeiro, 1854, 1 vol. folio.— Dito.

Relatorio que ao Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos, muito digno presidente desta provincia, apresentou ao passar-lhe a administração o 1.º vice-presidente Dr. José Lopes da Silva Vianna. Ouro Preto, 1853, 1 vol. folio.— Dito.

Relatorio que á assembléa legislativa provincial de Minas Geraes apresentou na sessão ordinaria de 1854, o presidente da provincia Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos. Ouro Preto, 1854, 2 vols. folio.— Dito.

Relatorio do presidente da provincia do Piauhy ao passar a administração da mesma provincia ao Ex.mo Sr. Dr. Luiz Carlos de Paiva Teixeira, 1.º vice-presidente, em 2 de Abril de 1853, 1 vol. 8.º — Dito.

Discurso com que o Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. José Antonio Saraiva, presidente da provincia de S. Paulo, abriu a assembléa legislativa provincial, no dia 15 de Fevereiro de 1855. S. Paulo, 1855, 1 vol. 8.º Documentos, 1 dito.— Em o 1.º de Junho de 1855.

Relatorio com que o Dr. João Lins Vieira Cansansão de Sinimbú entregou a presidencia da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul ao vice-presidente Dr. Luiz Alves Leite de Oliveira Bello, no dia 30 de Junho de 1855. Porto Alegre, 1855, 1 vol. 4.º—Em 17 de Agosto de 1855.

Falla dirigida á assembléa legislativa provincial do Amazonas no dia 3 de Maio de 1855 em quo se abriu a sua 4.ª sessão ordinaria, pelo vice-presidente da provincia o Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda. Cidade da Barra, 1855, 1 vol. 8.º— Dito.

Exposição apresentada pelo Ex.mo Sr. conselheiro Sebastião do Rego Barros, presidente da provincia do Gran Pará, por occasião de passar a administração da mesma provincia ao 1.º vice-presidente o Ex.mo Sr. Dr. Angelo Custodio Corrêa. Pará 1855, 1 vol. 4.º— Em 14 de Setembro de 1855.

Relatorio com que o Ex.mo Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes, presidente da provincia do Espirito Santo, abriu a sessão ordinaria da respectiva assembléa legislativa no dia 25 de Maio do corrente anno. Victoria, 1855, 1 vol. 8.º— Em 28 de Setembro de 1855.

Relatorio apresentado ao Ex.mo vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Dr. José Ricardo de Sá Rego, pelo presidente o

conselheiro Luiz Antonio Barbosa, por occasião de passar-lhe a administração da mesma provincia. Nictheroy, 1855, 1 vol. folio.— Em 12 de Outubro de 1855.

Exposição apresentada pelo Ex.mo Sr. Dr. João Maria de Moraes, 4.° vice-presidente da provincia do Grão Pará, por occasião de passar a administração da mesma provincia ao 3.° vice-presidente o Ex.mo Sr. coronel Miguel Antonio Pinto Guimarães. 1855, 1 vol. 8.°— Em 26 de Outubro de 1855.

Relatorio do presidente o Ex.mo Sr. conselheiro Dr. Vicente Pires da Motta, na abertura da 2.ª sessão da 10.ª legislatura da assembléa legislativa provincial no dia 1.° de Julho de 1855. Ceará, 1855, 1 vol. 8.°— Dito.

Exposição feita pelo Dr. Francisco Xavier Paes Barreto, na qualidade de presidente da provincia da Parahyba do Norte, no acto de passar a administração da provincia ao Ex.mo vice-presidente o Dr. Flavio Clemente da Silva Freire, em 16 de Abril de 1855. Parahyba, 1855, 1 vol. 8.°— Dito.

Falla dirigida á assembléa legislativa provincial do Amazonas no dia 3 de Maio de 1855, em que se abriu a sua 4.ª sessão ordinaria, pelo vice-presidente da provincia o Dr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda. Cidade da Barra, 1855, 1 vol. 8.° — Dito.

Relatorio que á assembléa legislativa provincial de Minas Geraes apresentou na 2.ª sessão ordinaria da 10.ª legislatura de 1855, o presidente da provincia Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos. Ouro Preto, 1855, 1 vol. folio.— Em 23 de Novembro de 1855.

Relatorio com que o vice-presidente Luiz Alves Leite de Oliveira Bello entregou a presidencia da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul ao Ex.mo Sr. barão de Muritiba. Porto Alegre, 1855, 1 vol. folio.— Dito.

Relatorio do presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, barão de Muritiba, na abertura da assembléa legislativa provincial em o 1.° de Outubro de 1855. Porto Alegre, 1855, 1 vol. folio. — Dito.

Falla que o Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Antonio Bernardo de Passos, presidente da provincia do Rio Grande do Norte, dirigiu á assembléa legislativa provincial, no acto da abertura de sua sessão ordinaria em o 1.° de Julho de 1855. Pernambuco, 1855, 1 vol. 8.°—Dito.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial de Sergipe, na abertura de sua sessão ordinaria no dia 1.° de Março de 1855, pelo Ex.mo presidente da provincia Dr. Ignacio Joaquim Barboza. Sergipe, 1855, 1 vol. 8.°— Em 7 de Dezembro de 1855.

Falla dirigida á assembléa legislativa da provincia das Alagôas em 1855, pelo Ex.mo presidente da mesma provincia, o Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque. Recife, 1855, 1 vol. folio pequeno.

O Ex.mo Sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros.

Narrative of the United States exploring expedition, during the years 1838, 1839, 1840, 1841, 1842, under the command of Charles Wilkes. Philadelphia, 1844 a 1854, 15 vols. em folio.—Em 17 de Agosto de 1855.

Sociedade das Sciencias e Artes de Batavia.

Verhandelingen van het Bataviaasch Genootschap van Kunsten en Wetenschappen. Batavia, 1853, 1 vol. 4.°
Tijdschrift voor Indische Taal, Land en Volkenkunde, etc. Batavia, 1852 a 1854, 8 vols. 8.°— Em 25 de Outubro de 1855.

Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo.

Bulletin de la Classe Historico—Philologique de l'Académie Imperiale des Sciences de Saint Petersbourg, 3 vols. 4.°— Em 7 de Dezembro de 1855.

Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da Provincia de S. Paulo.

O Industrial Paulistano, jornal da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Commercio e Artes da provincia de S. Paulo. S. Paulo, 1854, 2 exemplares, 1 vol. (n.os 1 a 6). — Em 4 de Maio de 1855.

O Sr. James C. Fletcher.

History, condition and prospects of the Indian Tribes of the United States. Illustrated by H. R. Schvoleraft. Philadelphia, 1851, 4 vols. folio.— Em 6 de Julho de 1855.
Types of mankind, by Nottan Gliddon, 1 vol.— Dito.
Report of the superintendant of the United States coast survey 1851, 1852, 1853. Washington, 1853 a 1854, 3 vols. 4.°— Dito.
Pictorial, history of the wears of the United States by John Lewis Thomson. Philadelphia, 1854, 1 vol. 8.° grande.— Dito.
Stambury's expedition to the great salt Lake. Philadelphia, 1852, 3 vols. 8.°— Dito.
Statistical view of the United States. Washington, 1854, 1 vol. 8.° — Dito.
The Mississipi and Ohio rivers containing plans for the protection of the Delta from inundation, etc.; by Charles Ellet. Philadelphia, 1853.— Dito.

Catalogue of Books belonging to the Loganian Library, Mercantile Library catalogue in New-York. New-York, 1850, 2 vols. 8.°— Dito.

Report on the Geology of the Lake superior Land district, by J. W. Foster and J. D. Whitney. Washington, 1851, 1 vol. 8.°—Dito.

Report of the commissioner of Patents, 1850 a 1853, 6 vols. 8.°— Dito.

Collections of the New-York historical society. second series. New-York, 1841, 1 vol. 8.°— Dito.

O Sr. Andres Lamas.

Compilacion de documientos relativos a sucessos del Rio de la Plata desde 1806. Montevidéo, 1851, 1 vol. 8.° grande. — Em 7 de Dezembro de 1855.

Protocolo de conferencia tenida entre los Ex.mos gobernadores de Buenos-Ayres, Entre-Rios y Corrientes y el plenipotenciario de la provincia de Santa Fé en Palermo de S. Benito, para el nombramiento de un encargado de la direccion de las relaciones exteriores de la confederacion. Buenos-Ayres, 1852, 1 vol. 8.°— Dito.

Metodo de lectura gradual por Domingo F. Sarmiento. Santiago, 1850, 1 vol. em 12.— Dito.

Estudios historicos, politicos y sociales sobre el Rio do la Plata, por D. Alejandro Magarinos Cervantes. Paris, 1854, 1 vol. 8.° pequeno.—Dito.

Comentarios de la constitucion de la confederacion Arjentina, con numerosos documentos illustrativos del texto por D. F. Sarmiento. Santiago de Chile, 1853, 1 vol. 8.°— Dito.

Observaciones con motivo de los articulos suscritos por J. B. A. en el Mercurio de Valparaizo con el titulo de cuestions Americanas, y que son un examen de la constitucion del Estados de Buenos Ayres, por Mariano E. de Sarratea. Santiago de Chile, 1854, 1 vol. 8.°— Dito.

Biografia del brigadier argentino D. Miguel Estanislao Soler, escrita por el teniente-coronel Pedro Lacasa. Buenos-Ayres, 1854, 1 vol. 8.°— Dito.

Bases y puntos de partida para la organisacion politica de la Republica Argentina, derivados de la ley que preside al desarrollo de la civilisacion en la America del Sud, y del tratado litoral de 4 de Enero de 1831 por Juan Bautista Alberdi, 2.° edicion correjida y aumentada. Valparaizo, 1852, 1 vol. 8.°— Dito.

Instruccion para los maestros de escuela, para ensenar a leer por el metodo gradual de lectura, por Domingo F. Sarmiento. Santiago, 1849, 1 vol. 12.— Dito.

Andres Lamas a sus compatriotas. Rio de Janeiro, 1855, 2 exemplares, 1 vol. 8.°— Dito.

D. F. Sarmiento, deputado al congresso nacional por la provincia de San Juan, al jeneral D. Justo José de Urquiza, vencedor en Caseros. Santiago de Chile, 1852, 1 vol. 4.°— Dito.

San Juan, sus hombres y sus actos en la rejeneracion argentina. Santiago de Chile, 1852, 1 vol. 4.°— Dito.

Convencion de San Nicolas de los Arroyos, por F. Sarmiento. Santiago de Chile, 1852, 1 vol. 4.°— Dito.

Cartas sobre la prensa y la politica militante en la Republica Argentina, por Juan B. Alberdi. Valparaizo, 1853, 1 vol. 12.— Dito.

El Tratado de Paz entre el director provisorio de la confederacion Argentina y el gobierno de Buenos-Ayres, en 9 de Marzo de 1853. Buenos-Ayres, 1853, 1 vol. 8.°— Dito.

Documentos oficiales relativos a la celebracion del tratado de paz de 9 de Marzo de 1853 entre el gobierno de la provincia de Buenos-Ayres y el director provisorio de las trece provincias reunidas en congreso en Santa Fé. Buenos Ayres, 1853, 1 vol. 4.°— Dito.

Discussion de los titulos del gobierno de Chile, a las tierras del estrecho de Magallanes por el Doctor D. Dalmacio Velez Sarsfied. Buenos-Ayres, 1853, 1 vol. 4.°— Dito.

Viajes en Europa, Africa y America por Domingo F. Sarmiento. Santiago de Chile, 1840, 2 vols.—Dito.

O Sr. Conselheiro José Paulo de Figueiróa Nabuco d'Araujo.

Regimento das mercês e decretos relativos. Rio de Janeiro, 1826, 1 vol. 4.°— Em 23 de Novembro de 1855.

Collecção chronologica, systematica de legislação de fazenda no Imperio Braziliense, por José Paulo de Figueirôa Nabuco d'Araujo. Rio de Janeiro, 1830, 1832, 2 vols. 8.°— Dito.

Legislação Braziliense ou collecção chronologica das leis, decretos, resoluções de consultas, etc., do Imperio do Brazil, desde o anno de 1808 até 1831 inclusive, colligidas pelo conselheiro José Paulo de Figueirôa Nabuco d'Araujo. Rio de Janeiro, 1844, 1 vol 8.° (o 7.°) — Dito.

Appendix á collecção chronologico—systematica da legislação de fazenda do Imperio Brazileiro, 2 vols. 8.°— Em 7 de Dezembro de 1855.

Discurso com que o Illmo e Exmo Sr. Dr. José Thomaz Nabuco de Araujo, presidente da provincia de S. Paulo, abriu a assembléa legislativa provincial no dia 1.° de Maio de 1852. S. Paulo, 1852, 1 vol. 8.°; Documentos, 1 vol. 8.°— Dito.

O Ex.mo Sr. José da Silva Ribeiro.

Voyage à la partie orientale de la terre ferme, dans l'Amérique Meridionale, fait pendant les années 1801, 1802, 1803 et 1804, avec une carte géographique, et les plans de la ville capitale et des ports principaux, par F. Depons. Paris, 1806, 3 vols. 8.°— Em 4 de Maio de 1855.

Voyage en Portugal atravers les provinces d'Entre-Douro et Minho, de Beira, d'Estremadure et d'Alenteju, dans les années 1789 et 1790, traduit de l'Anglais de Jacques Murphy. Ornée de planches. Paris. 1797, 2 vols. 8.°— Dito.

Echo da camara dos deputados. Rio de Janeiro, 1832, 1 vol. folio. — Dito.

Aurora Fluminense, jornal politico e litterario. Rio de Janeiro, 1827 a 1834, 10 vols. folio.— Dito.

O Sr. João Diogo Sturz.

Nouvelle geographie Méthodique par MM. Achille Meissas et Aug. Michelot, suivie d'un petit traité sur la construction des cartes par M. Charle. Ouvrage autorisé par l'université, Trentième édition. Paris, 1850, 1 vol. 8.°— Em 28 de Setembro de 1855.

Zeitschrift der Deutschen geologischen Gesellschaft. Berlin, 1854. (Agosto, Setembro e Outubro de 1854), 1 vol. 8.°— Dito.

Fabula Geographica Europae ad statum quo sub finem anni 400 post Christ: nat. fuit. in usum juventutis erudiendae descripta a C. Kruse. 1 vol. folio oblongo.— Em 26 de Outubro de 1855.

Nosologia Historica ex monumentis Medii ævi lecta animadversionibus historicis ac medicis illustrata. Edidit D. Christian Gothfr. Gruner. Jenae, 1795, 1 vol. 8.°— Em 7 de Dezembro de 1855.

O Sr. Conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja.

Descripção da costa do Brazil, da Ponta de S. Bento a Pitimbú, apresentada por Manoel Antonio Vital de Oliveira. Pernambuco, 1855, 2 exemplares, 1 vol. 8.°— Em 15 de Junho de 1855.

Esposicion que hace el general Alvear, para contestar al mensage del gobierno de 14 de Setiembre de 1827. Buenos-Ayres, 1827, 1 vol. 8.° — Em 20 de Julho de 1855.

Mensagem que em 1827 apresentou o poder executivo de Buenos-Ayres á sala dos representantes, censurando não ter havido resultado algum satisfatorio para a republica da campanha, etc., avulso.

Reise nach Brasilien, von Dr. Hermann Burmeister. Berlin, 1853, 1 vol. 8.°— Em 20 de Julho de 1855.

O Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva.

Relatorio apresentado ao Ex.mo vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Dr José Ricardo de Sá Rego pelo presidente o conselheiro Luiz Antonio Barbosa, por occasião de passar-lhe a administração da mesma provincia. Nictheroy, 1855, 1 vol. folio. — Em 17 de Agosto de 1855.

Relatorio do vice-presidente da provincia do Rio de Janeiro o Dr. José Ricardo de Sá Rego na abertura da 2.ª sessão da 10.ª legislatura da assembléa legislativa provincial, acompanhado do orçamento da receita e despeza para o anno de 1856. Nictheroy, 1855, 1 vol. 4.º— Dito.

Balanço da receita e despeza da provincia do Rio de Janeiro no exercicio de 1854. Rio de Janeiro, 1855, 1 vol. 4.º— Dito.

Memoria historica e documentada das aldêas de indios da provincia do Rio de Janeiro, composta por Joaquim Norberto de Souza Silva. Rio de Janeiro, 1855, 1 vol. 8.º— Em 26 de Outubro de 1855.

O Sr. Augusto Leverger, presidente da provincia de Matto Grosso.

Relatorio do presidente da provincia de Matto Grosso. Augusto Leverger. Cuyabá, 1850 a 1854, 5 vol. 8.º — Em 4 de maio de 1855.

Collecção das leis provinciaes de Matto Grosso, sanccionadas e promulgadas nos annos de 1850 a 1854. Cuyabá, 1850 a 1854, 5 vol. 8.º—Dito.

O Sr. Roberto Calheiros de Mello, vice-presidente da provincia das Alagôas.

Collecção das leis da provincia das Alagôas, promulgadas no anno de 1855. Maceyó 1855, 2 exemplares, 1 vol. 8.º — Em 26 de Outubro de 1855.

Falla dirigida á assembléa legislativa da provincia das Alagôas, em 1855, pelo Ex.mo presidente da mesma provincia, o Dr. Antonio Coelho de Sá e Albuquerque. Recife, 1855, 2 exemplares.—Dito.

O Sr. Giuseppe Fiorelli.

Annali di Numismatica publicate da Giuseppe Fiorelli. Napoli, 1851 a 1853, 2 vols. em 4.º. — Em 7 de outubro de 1855.

Monumenti Cumani, 1 vol. idem.—Dito.

O Sr. André Curcino Benjamim.

Relatorio da thesouraria provincial da Bahia, apresentado em 1855. Bahia, 1855, 1 vol. folio peq. — Em 4 de Maio de 1855.

Indice ou repertorio geral das leis da assembléa legislativa provincial do Grão Pará, (1838 a 1853,) por André Curcino Benjamim. Pará, 1854, 1 vol. — Dito.

O Sr. Henrique de Beaurepaire Rohan.

O campo do Ypiranga, por Henrique de Beaurepaire Rohan. Corityba, 1855, 1 vol.

Viagem ao campo de Palma, Henrique de Beaurepaire Rohan. 1 vol.

O Sr. Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva.

Ensaio corographico do imperio do Brazil offerecido e consagrado a S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, por Alexandre José de Mello Moraes e Ignacio Accioli de Cerqueira e Silva. Rio de Janeiro, 1854, 1 vol. 12.°, 8 exemplares —Em 4 de Maio de 1855.

O Sr. conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, presidente da provincia do Paraná.

Relatorio do presidente da provincia do Paraná o conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, na abertura da assembléa legislativa provincial, em 15 de Julho de 1854 Corityba, 1854, 2 vols. folio, 2 exemplares.—Dito.

O Sr. Conselheiro Herculano Ferreira Penna, presidente da provincia do Amazonas.

Falla dirigida á assembléa legislativa provincial do Amazonas, no dia 1.° de Agosto de 1854, em que se abriu a sua 3.ª sessão ordinaria, pelo presidente da provincia o conselheiro Herculano Ferreira Penna. Barra do Rio Negro, 1854, 1 vol. 8.—Dito.

O Sr. Presidente da provincia das Alagôas.

Collecção de leis da provincia das Alagôas promulgadas no anno de 1854. Maceyó, 1854, 1 vol. 8.°—Dito.

O Sr. Ladislau dos Santos Titara.

Memorias do grande exercito alliado libertador do Sul d'America, por Ladislau dos Santos Titara. Rio Grande do Sul, 1852, 1 vol. 8.°—Dito.

O Sr. Ferdinand Denis.

Les Samaritains de Naplouse. Episode d'un pelerinage dans les lieux saints, par M. l'Abbé J. J. L. Bargés. Paris, 1855, 1 vol. 8.°—Em 18 de Maio de 1855.

O Sr. D. Pedro de Angelis.

De la navigation de l'Amazone. Reponse à la memoire de M. Maury, officier de la marine des Etats Unis, par M. de Angelis. Montevidéo, 1854, 1 vol. 8.°—Em 1 de Junho de 1855.

O Sr. Dr. Eduardo Ferreira França.

Investigações de Psychologia, pelo Dr. Eduardo Ferreira França. Bahia, 1854, 2 vol. 8.°—Dito.

O Sr. Dr. Adolpho Manoel Victorio da Costa.

Apontamentos sobre a cholera morbus epidemica na sua invasão em Portugal, pelo fallecido Dr. Emidio Manoel Victorio da Costa. Coordenados por seu filho o Dr. Adolpho Manoel Victorio da Costa, com um proemio em que se trata amplamente o genero d'esta palavra. Rio de Janeiro, 1 vol. 8.°—Em 20 de Julho de 1855.

O Sr. conselheiro Antonio Pimenta Bueno.

Discurso do Sr. Pimenta Bueno na sessão do senado de 26 de Junho de 1855, relativamente aos limites com o Paraguay, discutindo-se a fixação das forças de mar. Rio de Janeiro, 1855, 2 exemplares, 1 folheto em 12.—Dito.

O Sr. Francisco José Borges.

Voyage pittoresque dans les deux Amériques, par Alcide d'Orbigny. Paris. 1841, 1 vol. 4.°—Dito.

O Sr. Dr. José Praxedes Pereira Pacheco.

O util cultivador instruido em todo o manejo rural e accommodado a qualquer clima. Rio de Janeiro, 1855, 1 vol. 8.°—Dito.

O Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.

Job, traduzido em verso, por José Eloy Ottoni, precedido 1.° de um discurso sobre a poesia em geral e em particular no Brazil pelo

conego Joaquim C. Fernandes Pinheiro: 2.° de uma noticia sobre a vida e poesias do traductor pelo Sr. Theophilo Benedicto Ottoni: 3.° d'um prefacio extrahido da versão da Biblia, por De Genoude. Rio de Janeiro, 1852, 1 vol. 8.°—Em 17 de Agosto de 1855.

O Sr. Theophilo Ribeiro de Rezende.

Leis, decretos e regulamentos da provincia do Paraná, 1855. Corityba, 1855, 2 exemplares, 1 vol. 4.°—Dito.

O Sr. Dr. João Francisco Lisboa.

Jornal de Timon. Maranhão, 1853, n.os 6 a 10.—Em 14 de Setembro de 1855.

O Sr. Manoel Gomes Corrêa de Miranda.

A Estrella do Amazonas, n.os 100 a 113, 118 e 120 a 125 do anno de 1855.—Em 26 de Outubro de 1855.

O Sr. Franc de Paulicea Marques de Carvalho.

O Mensageiro, jornal industrial, noticioso e litterario (impresso na cidade do Desterro) 1855, os n.os 1 a 3.—Em 12 de Outubro de 1855.

O Sr. conego Joaquim Pinto de Campos.

Sermão recitado na matriz de Nictheroy no dia 7 de Setembro proximo findo, pelo conego Joaquim Pinto de Campos, 1855.—Em 26 de Outubro de 1855.

O Sr. Dr. José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva.

As tres épocas de uma presidencia, drama em tres actos, pelo Dr. José Vieira Rodrigues de Carvalho e Silva. Sergipe, 1855, 1 vol. em 8.°—Dito.

O Sr. Antonio Alvares Pereira Coruja.

Lições da historia do Brazil adaptadas á leitura das escolas, por Antonio Alvares Pereira Coruja. Rio de Janeiro 1855, 1 vol. em 12. —Em 9 de Novembro de 1855.

O Sr. Adadus Calpe.

La novella actual breves consideraciones sobre la litteratura contemporanea, por Adadus Calpe, 1 vol.—Dito.

O Sr. Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras.

Cathecismo brasilico da doutrina christãa com o ceremonial dos sacramentos e mais actos parochiaes, composto por padres doutos da companhia de Jesus, etc. Emendado n'esta 2.ª impressão pelo padre Bertholomeu de Leam da mesma companhia. Lisboa, 1686, 1 vol. em 12.—Dito.

O Sr. Manoel Antonio Vital d'Oliveira.

Descripção da costa do Brazil de Pitimbu a S. Bento, e de todas as barras, portos e rios do litoral da provincia de Pernambuco, seguida de um roteiro para se demandarem as mesmas barras acompanhando a planta geral da costa, pelo 1.º tenente d'armada Manoel Antonio Vital d'Oliveira. Recife, 1855, 1 vol. 8.º—Em 23 de Novembro de 1855.

O Sr. Ignacio Manoel Alvares d'Azevedo.

Poesias de Manoel Antonio Alvares de Azevedo. Rio de Janeiro, 1853, 1 vol. 8.º—Dito.

O Sr. José Eloy Pessoa.

Revista Maritima Brasileira. (Collecção) 1851 a 1855.—Dito.

O Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen.

Historia geral do Brazil, por Francisco Adolpho de Varnhagen. Madrid 1854, 1.º vol. 8.º grande—Dito.

Obra que concorreu aos premios propostos por S. M. Imperial e pelo Instituto Historico.

Geographia historica physica e politica do Brazil, por Francisco Nunes de Souza.—Em 14 de Setembro de 1855.

Trabalho offerecido para servir de titulo de admissão de socio na fórma do artigo 6.º dos estatutos.

Reflexões sobre as primeiras épocas da historia do Brazil em geral e sobre a instituição das capitanias em particular pelo Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras —Em 12 de Outubro de 1855.

Socios admittidos no anno de 1855.

Correspondentes.

Os Srs. — Conego Joaquim Pinto de Campos.—Em 31 de Agosto.
» Conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz.—Em 14 de Setembro.
» João Francisco Lisboa.—Dito.
» Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras.—Em 26 de Outubro.

INDICE

DOS ARTIGOS CONTIDOS NO TOMO XVIII.

N.° 17.

AMAZONAS. — Memoria escripta em desenvolvimento do programma dado por S. M. I. ao socio effectivo o Sr. Dr. A. Gonçalves Dias . . . . . Pag. 5

ENSAIO sobre os Jesuitas. — Memoria escripta pelo Sr. Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. 67

N.° 18.

FORAL da Capitania da Bahia e cidade de S. Salvador. (Ms. offerecido ao Instituto por S. M. o Imperador). 159

REGIMENTO dado a Antonio Cardoso de Barros, cavalleiro fidalgo da casa d'Elrei, como provedor-mór da fazenda que primeiro foi ao Brazil. (Ms. offerecido por S. M. o Imperador). 166

DESCRIPÇÃO da viagem feita desde a cidade da Barra do Rio Negro pelo rio do mesmo nome, por Hilario Maximiano Antunes Gurjão. (Ms. offerecido pelo Ex.mo Sr. ministro do imperio, Luiz Pedreira do Coutto Ferraz). 177

CÓPIA fiel do titulo de Taques Pompeu, que fez Pedro Taques de Almeida Paes Leme pelo anno de 1763, e que se acha em poder de João Pereira Ramos d'Azeredo Coutinho. (Ms. offerecido pelo Sr. Antonio da Costa Pinto Silva). 190

EPITOME da erecção e creação do novo bispado de S. Paulo, rei que impetrou esta graça, pontifice que a concedeu, seu primeiro bispo e conegos com que se fundou a cathedral. (Ms. offerecido pelo mesmo senhor). 226

S. João de Ypanema. Descripção do morro do mineral de ferro, sua riqueza, methodo usado na antiga fabrica, seus defeitos. (Ms. offerecido pelo mesmo senhor). 235

CÓPIA da parte que deu o capitão de granadeiros Candido Xavier de Almeida e Souza, sobre o descobrimento do rio Ugurehy. (Ms. offerecido pelo mesmo senhor). 244

DESCOBERTA dos campos de Guarapuava por Antonio Botelho de Sampaio. (Ms. offerecido pelo mesmo senhor) 252

CÓPIA da carta do commandante da praça de Iguatemy, em que dá parte ao governador e capitão-general D. Luiz Antonio de Souza Botelho e Mourão, do descobrimento que fez dos fundamentos de uma grande povoação, que se suppõe ser as ruinas da antiga cidade de Real. 277

N.° 19.

MEMORIAS sobre o descobrimento do Brazil. — Algumas considerações, por J. J. Machado de Oliveira, membro premiado do Instituto Historico e Geographico. 279
REFLEXÕES ácerca da Memoria do illustre membro o Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, por A. Gonçalves Dias, socio effectivo do Instituto, lidas na sessão de 29 de Maio de 1854. 289
— Notas 329
REFUTAÇÃO ás Reflexões do digno membro o Sr. A. Gonçalves Dias, por J. Norberto de Souza Silva, socio effectivo do Instituto, lida nas sessões de 15 de Setembro, 13 de Outubro, 24 de Novembro e 7 de Dezembro de 1854, na augusta presença de S. M. I. 335
— Notas 397

N.° 20.

OFFICIO do governador de Cabo Frio, Constantino de Menelau, datado do Rio de Janeiro a 1 de Outubro de 1625 (offerecido ao Instituto por S. M. I.) 407
APONTAMENTOS sobre a vida do Indio Guido Pokrane, e sobre o Francez Guido Marlière (offerecido pelo socio o Ex.mo Sr. Conselheiro Luiz Pedreira do Coutto Ferraz). 410
ADDITAMENTO aos Apontamentos para a biographia do Indio Guido Pokrane. 416
ACTAS das sessões de 1855. 418
DISCURSO proferido em nome do Instituto Historico e Geographico pelo Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva, ao dar-se á sepultura o cadaver do socio honorario o Sr. Manoel Alves Branco, Visconde de Caravellas. 456
DISCURSO proferido em nome do Instituto, pelo mesmo senhor, por occasião de dar-se á sepultura o cadaver do Vice-Presidente o Sr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, Visconde de Sepetiba. 458

SUPPLEMENTO.

Sessão publica anniversaria do Instituto Historico no dia 15 de Dezembro de 1855.

DISCURSO do Presidente o Ex.mo Sr. Visconde de Sapucahy. . . . 1
RELATORIO do 1.° Secretario o Dr. Joaquim Manoel de Macedo. . 3
DISCURSO do Orador o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre. . . . 33

Appendice ao relatorio do Secretario.

OFFERTAS feitas no anno de 1855 76
OBRA que concorreu aos premios propostos por S. M. I. e pelo Instituto Historico. 90
TRABALHO offerecido para servir de titulos de admissão de socio, na fórma do art. 6.° dos Estatutos. 90
SOCIOS admittidos no anno de 1855. 91

Rio de Janeiro, 1855. Typ. Universal de LAEMMERT, r. dos Invalidos, 61 B.